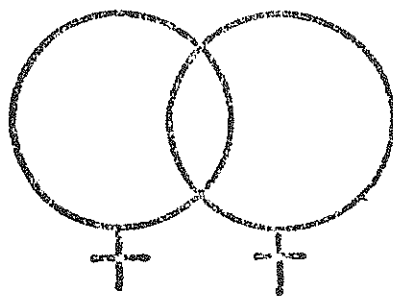
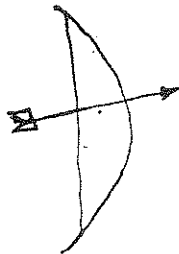


Mimica

IAMURICUMÁ

(AMAZONIA)



Mimica: lembam-se da Marisa, uma mulher que viveu na França e esteve no LF contando coisas maravilhosas? Pois bem, ela retornou e contou-nos que formaram um grupo no Rio de 15 lésbicas, que tem o nome acima e que adotaram essa forma de trabalho p/ divulgação e discussão de nossas questões específicas. Espero que goste e se puder enviar algum comentário seria muito bom para mais essas MULHERES MARAVILHOSAS, que sempre me fazem acreditar que NÃO SOMOS LOUCAS, ou pelo menos as ÚNICAS.

te. beijo Marisa

Somos muitas: Somos poucas? Pensamos todas da mesma maneira? O que querem dizer as idéias feministas, tem elas alguma coisa a ver especificamente com as homossexuais? O que temos nós a ver com os homossexuais/homens? São mesmo perguntando uma às outras poderemos nos conhecer melhor. Daí partiu essa idéia de reunir artigos e para começo de conversa distribuí-los do oiapoque ao chui. Escolhemos a traduzirmos este texto porque foi escrito por um grupo radical de feministas francesas. Isto não quer dizer que estejamos de acordo com tudo o que afirmam, mas pensamos que vai provocar reflexões de debates mais profundos do que um artigo cauteloso e conformista.

A idéia dum jornal, duma revista, existe também para mais tarde. Essa forma de "corrente" nos parece mais barata e permite o anonimato a quem dizer, e criaremos uma Rede Nacional.

Basta você assumir o compromisso de fazer 5 (cinco) cópias deste exemplar, seja com xerox? com carbono ou memo à mão. Cinco não é muito !! E será fácil encontrar outras 5 mulheres para passa-las' adiante. Se elas aceitarem por sua vez o compromisso cada mês você fará o mesmo, entregando-lhe um novo exemplar. Não entregue a quem não quiser se comprometer a copiá-lo, pois isso romperia a corrente.

Envie seus comentários, críticas e colaborações para:
Caixa postal 65022 - Rio de Janeiro - RJ.
C.E.P. - 20.041

2

1
"O lesbianismos é uma perversão, uma anomalia. Uma recusa a castração é o que nos dizem no pior dos casos. Depois de termos nos sentido muito inquietas culpadas, acabamos rindo."

Na melhor das hipóteses, nos falam do lesbianismo como de uma sexualidade diferente. Deveríamos exigir então que seja reconhecida como tal: "respeitem nossa diferença e parem de reprimí-la." Essa posição conciliatória foi a que assumimos, nos colocando sob o grande chapéu assegurador da "homossexualidade": o amor da Mesma.

Seria realmente uma outra sexualidade? Um outro desejo? Mas como qualificar esse "outro"? De onde teria surgido? Da história pessoal? De um acidente histórico? De gens HOMO? De um apêgo irresistível à mãe? De uma identificação conflituosa com o pai? De uma vagina dentada? De qualquer modo, todas essas explicações só podem vir de uma sociedade que é fácil classificar: patriarcal e heterossexual.

Nesta sociedade onde os antagonismos entre a classe das mulheres e a classe dos homens são tão violentos, tão opressivos que só podemos falar de guerra: nesta sociedade na qual, para obrigar as mulheres a pactuarem com o agressor, o patriarcado inventou a grande "Lógica Heterossexual": os homens e as mulheres seriam complementares em virtude da diferença sexual. Assim, as mulheres devem amar os homens e encará-los não como eles são, inimigos, mas como seres humanos. No entanto os homens podem, com toda a impunidade, violar as mulheres: a isto se chama relação sexual. Podem se apropriar da mulher, encerrá-la numa casa (lar), exigir dela trabalhos domésticos: a isto se chama casamento. Podem matá-la: a isto se chama crime passionai. Em suma, podem fazer tudo o que desejarem e a isso se chamará amor, desejo ou sexualidade. Chamar-se-á sobretudo Natureza. O heterossexualismo é uma estratégia do patriarcado. Heterossexualismo, aliás, é uma palavra ambígua: designa uma forma de sexualidade, mas o poder da Diferença não termina aí.

Implica num hetero-poder, numa hetero-socialização, numa hetero-estratégia e numa hetero-pressão.

Nisso tudo as mulheres têm direito apenas a uma pseudo-identidade. Seus vestidos exibem as pernas, pernas que sobem nos saltos-agulhas, os charmes, a dependência, a fragilidade, o medo, a sedução, o olhar inquieto e de ódio lançado às rivais: a isto se chama feminilidade. Uma identidade composta de destruição, pontilhada de insegurança, Corpos abertos na frente do olhar

ávido dos médicos patriarcas: mãos que trocam fraldas, que seguram, olhos que tomam conta, palavras ditas em nome do pai: a isto se chama maternidade. Pseudo-identidade, pseudo-benefício. Nisso tudo as mulheres nada mais são que objetos de troca. Elas aprendem a desconfiar das outras mulheres, aprendem a trair a sua classe em benefício do "Outro" masculino. É uma distorção cultural que se perde com dificuldade, a distorção de "amar" o opressor e de separar-se na Mesma, de traí-la. Uma vivência profundamente política. Uma colaboração, um absurdo sem nome.

O lesbianismo é a resistência à hetero-opressão. É antes de tudo uma prática de solidariedade fundamental entre as mulheres. Toda a nossa afetividade se volta em direção às mulheres, para as mulheres, com as mulheres: nenhum benefício para o opressor. É a recusa da "feminilidade". Daí nos chamarem de "mulher-macho", de "sapatão". Elas não gostam dos homens, dizem das lésbicas, como se estas se privassem de uma sobremesa deliciosa.

É verdade, nós não gostamos dos homens: nós nos recusamos a humanizar o opressor, a lhe dar uma parcela de nossa confiança, de nossa sensibilidade. Não queremos pactuar nem colaborar com eles, pois conhecemos muito bem o preço disso: a perda de nossa potencialidade de vida e a traição de nossa própria classe.

Nós todas, em algum momento, já colaboramos com o opressor. Algumas de nós quase deixaram a pele nesse pacto. Não queremos falar em nome de uma moral abstrata, mas porque medimos os estragos e o preço a pagar para estar de acordo com a norma patriarcal, para estar de acordo com aquilo que eles decidiram classificar como "mulher".

Opressão, resistência, determinismo, luta enquanto possibilidade de não mais viver como "oprimida". Espaços políticos a partir dos quais se possa resistir, criar alternativas de vida, destruir o sistema patriarcal.

Palavras, questões, dúvidas, possibilidades de escolha. A recusa total de aceitar a opressão como natural: a não-resistência como natural, a colaboração como natural. Não cremos nos "amanhãs que cantam" e sim em: como conseguimos resistir, como criaremos possibilidades de vida numa sociedade que nos asfixia, numa sociedade onde a palavra vida não significa nada.

Todas as mulheres devem se tornar solidárias, resistentes, não colaboradoras. Enquanto olharmos para o lesbianismo como uma forma de sexualidade diferente, enquanto imaginarmos que o desejo vem de não sei qual pulsão, nos insurgiremos contra a idéia do lesbianismo como escolha política.

Somos inadaptadas sociais. Não interiorizamos os valores do opressor. Desmontando e queremos continuar desmontando os mecanismos e a ideologia do poder hetero-patriarcal que nos oprime. Nós o fazemos coletivamente, e continuaremos a fazê-lo e somente assim poderemos dar um sentido à palavra vida.

CHANA COM CHANA



**ENTREVISTA
EXCLUSIVA**

**ANGELA RO RO:
“NÃO ME ENVOLVAM
EU ME ENVOLVO”**



Silvana

O homossexualismo ainda é um assunto obscuro, digo maldito, para a maioria das pessoas. Ele encontra-se situado no cruzamento do pecado com o preconceito.

Talvez por isto, poucos artistas se predisponham a falar sobre suas preferências sexuais. Equivaleria a colocarem-se sob o julgo inflacionário da opinião pública. Este parêntese é um desabafo pela nossa sociedade que possui uma absurda e arraigada tradição moralista, que propicia um "centro apoio" às ações brutais e arbitrárias da polícia, vide operações do "super-Ricchetti" em São Paulo.

Mas, Angela Maria, Diniz Gonsalves, vulgo Angela Ro Ro, é exceção. No bate-papo informal que constituiu esta entrevista, Angela fala com espontaneidade. Afinal, ninguém estava na confortável posição de crítico. De um lado Angela, de branco (era sexta-feira), decote e sorriso; e de outro Marisa, Maria Serrath, Silvana, Miriam, Cris e Conceição — 6 lésbicas então atuantes no GALF (Grupo de Ação Lésbica-Feminista) para as íntimas L.F.

Para esta cantora-compositora-pianista e sexo e uma crisa naturalíssima. Qualquer um. O praticado entre duas Mulheres. Entre uma mulher e um homem. Um homem com outro homem, e todas as possíveis variações.

Esta postura de Angela RoRo, nada discriminatória, e defendida de uma cidadela, construída ao longo de 30 anos. Tendo por base uma família classe média-alta, muita portabilidade cultivada nos bares no baixo Leblon e um plano sempre aberto às últimas inconseqüências da música e da vida.

GRUPO — Angela, nos seus shows observamos uma alternativa na relação artista-público. Há toda uma praxis contra a repressão. Todos se manifestam, existe um espaço aberto. Há inclusive muitas colocações suas literalmente lésbicas...

ANGELA — Eu, honestamente, não falo àquelas loucuras no show intencionalmente (rindo) sai por que sai. Quando em maio de 79, frente a 350 pessoas, a maioria amigos, eu subi ao palco do Teatro Ipanema para dar início a um trabalho, meus pés, minhas mãos, meu corpo todo tremia. Eu estava tomada de emoção, muito como vida. O coração aqui (na boca). Não dava mais. Ai eu gritei — **SOCORRO!**... e descobri que conversar ajudava a desconstruir. Quando dei por mim estava no meio de uma história — da minha. Uma certa hora, eu ia usar o termo "a pessoa que eu amo", mas lembrei que era um termo tão entendido, tão gay. Curti com a brincadeira dizendo no lugar "a mulher que eu amo". No mais sou uma pessoa

com tendências mais homossexuais que heterossexuais.

GRUPO — Este fato não é uma ameaça constante a sua carreira?

ANGELA — Estipulei desde o início do meu trabalho, que se havia alguém abrindo concessão, seria eu por estar trabalhando. A música é minha coisa mais sagrada, deixaria de ser se eu tivesse que me violar. Se alguém não quer, não gosta, fim. Não compre o disco e não vá ao show.

GRUPO — O primeiro disco saiu cheirando a amor — muito romântico, e o segundo?

ANGELA — Ih... o segundo disco cheira tanta coisa (risos). Neste disco gravei coisas dos outros, e minhas. Sabe, há um ano que não componho. Isto não me apavora, mas me preocupa (risos). Eu sento no piano e não sai nada. Acho normal. Não posso ficar me forçando. Quando estou com vontade de tocar, lá pelas 4 da manhã, nunca acho um piano. Se acho, vou dar uma canja, não vou dormir num bar, né?

GRUPO — Como você situa Angela RoRo dentro do panorama da MPB? Ocupando uma ampla escala que vai de Dolores Duran à Rita Lee?

ANGELA — Eu sou aquela que vai do Bao B — do bolero ao blue. Eu dos 8 aos 15 anos estudei piano erudito, até no jeito que eu toco rock o erudito está lá, é só pro-

curar. Arpejinhos, estacatos, coisinhas ridiculias que só poderiam vir de uma formação erudita. Agora... eu faço de tudo, de tudo que posso (risos).

GRUPO — *Angela, você vive brindando seu público com tiradas tais como: "As pessoas vivem dizendo que eu era tão espantosa, que resolvi ganhar dinheiro com a minha espontaneidade". A profissionalização DEMARCA O FIM DA CANJEIRA E O INICIO DA PLATONISA: O humor e a agressão resultaram na fórmula certa do sucesso?*

ANGELA — Não me considero agressiva. O que eu faço é reclamar o tempo todo. Tô reivindicando o tempo todo. O negócio é a gente dizer eu "quero" e "tenho", mesmo não tendo. Expondo a verdade com coragem acaba-se tendo. Eu sou uma pessoa com uma faceta de humor predominante, sempre tive tendência a palhaçada. Como artista aproveito este dom. Não sigo esta fórmula só porque dá certo. E também porque está pintando, entende? Você não pode dar um soco na cara das pessoas. Você dá o soco, mas primeiro faz o cara rir, se distrair. Quando eu dou uma rasteira nas pessoas, cuido para que eles cheguem do teto ao chão rindo.

GRUPO — *Angela, define seu público. E a minoria? E a maioria?*

ANGELA — (Rindo) — Primeiro pensou-se que eu seria cantora de uma elite. Mas 1 980 transformou tudo, de repente meu público era a massa (ri em tom "Ho") — gravíssimo). Há predominância de jovens, numa faixa etária que vai dos 17 aos 30 anos. Gente ótima, da primeira e da segunda... moçidade!

ESSA TAL CRIAÇÃO

GRUPO — *O Telmo Martinho, crítico de arte e costumes aqui de São Paulo, elegeu você a "inventora do sapateado". Você coloca-se como lesbica publicamente?*

ANGELA — Acho o título engraçado, osa-pateado.

teado é um dos números mais fortes da minha arte cênica (risos). Agora... eu não me disse lesbica, hora nenhuma. Não me envolvi, eu me envolvo. Não é preconceito, sabe, com esta palavra. Eu acho que vocês têm uma motivação para estarem usando este termo. Mas acho esta motivação fraca porque é vulnerável. No momento pode funcionar, e espero que funcione, mas realmente eu usaria outros — mulher, pessoa, ser humano.

GRUPO — *Mas como pessoa não somos discriminadas.*

ANGELA — Mas ser lesbica, ou ser bicha, ou ser negro, ou ser judeu é detalhe da pessoa humana, você recebe um carinho e aceita isto e dar continuidade a discriminação.

GRUPO — *O uso continuado deste termo pejorativo visa ao seu esvaziamento.*

ANGELA — Mas perpetua-se uma rixa, um sectarismo. Os heteros, os homos entendem? Por que isto não existe, todos são dúbios, todos são anfíbios. Se eles não sacam isto o problema é deles. O negócio é a pessoa em si, a não ser que você esteja de acordo com uma idéia que eu tinha na adolescência, e de qual tive de abdicar, porque era inviável na prática — exterminar as pessoas que eu não gostava (risos). Sinceramente, não sei porque se situar, e as outras pessoas, como lesbicas. A ilha de Lesbos não está tão frequentada assim. Digamos que elas são paulistas, mineiras, cariocas, OK?

GRUPO — *A palavra choca?*

ANGELA — Não, a palavra não choca, acho até muito bonita, e a filha mais rainha da. Creio que vocês estão usando um rótulo que lhes foi dado.

GRUPO — *Como você vê o Movimento Lesbico?*

ANGELA — Eu nem sabia que existia um movimento lesbico. De-sejo bo-a sor-

te. É estranho, mas é válido. Estranho porque o que eu faço na cama, o que eu goso todo ter como prazer sexual, por tanto íntimo (eu jamais me dedicaria ao sexo grupal por que perdoe a intimidade) não dá para ser usado a título de movimento.

O que eu faço na cama é o que eu gosto. Se eu vou para a cama com rapazes, com moças, com gatos ou cachorros, cabe apenas a mim e a pessoa que me acompanha nesta jornada de delícias. Mas, se existe um foco de opressão e existe uma organização que pode ir lá e tentar acabar com ele, eu acho fantástico. E um meio de lutar contra as coisas. No entanto, mais importante que lutar contra as coisas ruins, é lutar pelas boas. Cada um deve fazer sua revolução íntima. Sei que realmente há discriminação. Não só a mulher homossexual é discriminada, a mulher de uma forma geral é discriminada a tanto tempo, de tantas formas...

GRUPO — *Nós mulheres homossexuais somos duplamente discriminadas, enquanto mulher e enquanto lesbica.*

ANGELA — Um movimento, qualquer que seja, de evolução, de escitamento tem que partir do indivíduo, mas você pode abrançar a coletividade. É o que eu faço no show, cultuco aqui, cultuco lá. Eu subo num palco não é de galata, não é só pra ganhar dinheiro e cantar como louca. Cultuco com o inevitável, que não tem classe social que separe, que não tem faixa etária que discrimine, cultuco com a emoção, todos têm emoção — o homo, o hetero, o bi, o tri, o quadri, o pobre, o rico. O problema é que o mundo está todo cagado.

REVOLUÇÃO INDIVIDUAL

GRUPO — *O feminismo procura dar ao mundo uma face mais feminina, propondo a quebra de qualquer relação do poder - opressor/opressor. Como você vê a luta feminista?*

ANGELA — Tudo é uma questão de união. O ser humano está na pior. O homem não está bem não, ele não está muito melhor que a mulher.?

GRUPO — *Ele também é explorado?*

ANGELA — Pois é, o homem está cada vez mais perdido, por que ele sacou a responsabilidade dele ser o que



Fanny

ele nunca quis ser, mas é. A culpa é do machismo exacerbado, do facismo, do porco chauvinismo, mas também é da mãe do porco. A mulher incorre no erro da formação dos filhos. O mundo está uma merda. No caso do homem e da mulher, dos heterossexuais, que dizem, mas ninguém prova que são maioria — família, né? Os dois deviam se unir mais, do que só no momento da procriação. Não sou contra o homem, nem exageradamente a favor da mulher. Não sou contra nem a favor... o mal todo está na adoração do falo, que é a pior besteira. O dedo podia ser adorado, o nariz... como não dá pra cortar todos os falos existentes (ceifar o mal culturalmente) fico aqui acrescentando na redescoberta da dignidade, da revolução individual. Não adianta pegar um bando de gente e doutrinar.

GRUPO — *Como o assunto para nós é relevante, vamos voltar a "vacar fria". Você declarou ao "Jornal de Ipanema" que perdeu a virgindade através do Espírito Santo auxiliado pelos dedos de uma amiga íntima. Conta esta história em detalhes para enriquecer nosso proselitismo sexual.*

ANGELA — O "Jornal de Ipanema" foi um equívoco. Não tive nem saúde para anarquizar com ele. Foi uma das poucas vezes em que fui anarquizada. O dono do "Jornal", que comandava a entrevista, entre uma birita e outra, me cantou muito. Eu não fui grosseira, até brinquei com ele. Mas o cara sacou que eu não ia dar pra ele, e resolveu me achincalhar naquele jornal. Ele devia ter algum trauma com alguma mulher que pisou forte na vida dele. O cara me perguntou umas 8 vezes como eu perdi a virgindade. Quando "torrou" eu disse que foi obra do Espírito Santo. Foi uma das raras experiências jornalísticas ingratas. Fiquei aborrecida porque 65% da bosta daquela entrevistista eu não falei.

GRUPO — *angela, e daqui pra frente?*

ANGELA — Continuar (risos). Angela Roro despede-se com seu brilho, com seu beijo. Depois de dez anos de não-carreira, Angela Roro acontece. Com humor, com sabor, com o amor de quem se perdeu e se encontrou.



ENTREVISTA EXCLUSIVA

'QUEM TEM MÊDO DE VIRGÍNIA WOOLF?'

Democracia é uma palavra muito fácil de ser dita, mas uma coisa bem difícil de ser vivida, porque, antes de mais nada, ela tem que existir dentro de nós. Acho que a primeira coisa que faz com que ela possa ocorrer dentro, é a aceitação do que é diferente, que é a base de toda verdadeira tolerância. Porque todas as discriminações começam a partir de diferenças, porque também da boca pra fora, admitimos que todos são iguais, mas na prática, parece que consideramos que uns são mais iguais que outros.

Eu partiria do pressuposto contrário, ou seja, o de que ninguém é igual: todos são diferentes em alguns pontos ou em outros, quando não em todos. Isto posto, o que é que me dá o direito de dizer que esta diferença ou aquela é que é a mais correta? Quem é que decreta esses parâmetros? O ideólogo, o psicólogo, o político, logo, o sexólogo, o besteirológico? Para mim, estes e outros diálogos nada mais são do que representantes do sistema, munidos de esquadras e compassos para tres ou de novas ora, quando não da Lei de Segurança Nacional.

Sobre o feminismo já ouvi as coisas mais ridículas e mais absurdas, e a própria palavra já se transformou em tabu. Mas por mais imbecil que essas coisas sejam, colam que é uma beleza e são adotadas segamente pelos que nos vêem como uma ameaça ao seu sossego de delatados eternamente em falso berço esplêndido. Em geral, se detesta quem contesta e daí a nos transformar em bode expiatório de mil males deste mundo, do qual não podemos ser culpadas, pois existem há milênios, é um passo muito pequeno. O processo é muito conhecido e só faz se transformar ou mudar de alvo.

As feministas já foram chamadas de histéricas, mal-amadas, devisionistas, desvacionistas, burguesas, pequeno-burguesas alienadas (epiteto curiosamente lançado por outros burgueses e pequeno-burgueses que agem como se fossem os cães de guarda de um proletariado ao qual não pertencem). Mas uma das contusões mais comuns é chamar as feministas genericamente de lésbicas, de anti-homem.

Obviamente, isso envolve uma grande má-fé, porque quem conhece a realidade, sabe muito bem que há de tudo: casadas, com filhos, sem filhos, solteiras, separadas, divorciadas, felizes, infelizes, mal e bem amadas, etc.

Mas o que há ainda por trás dessa generalização é um preconceito ainda muito mais terrível contra as lésbicas, uma espécie

Maria Carneiro da Cunha é jornalista, advogada, feminista e heterossexual. Esta matéria nasceu de uma carta-resposta enviada por Maria a uma amiga escandalizada com um grupo que muheres intitulado Lésbico-Feminista. Maria explica os caminhos e descami-

Maria Carneiro da Cunha

de anátema, utilizado por tabela para desacreditar o feminismo. Ora, também há uma má-fé, pois se sabe que o primeiro fato também existe há milênios (São viveu no século VI a.C.), reprimido ou não. E muitas lésbicas se quer são feministas ou não se assumem como tal. Está cheio de muheres com mentalidade machista e não são especificamente as lésbicas, mas as mais puras representantes do modelo patriarcal e tradicional de mulher.

As lésbicas são perseguidas porque se negam a encarnar os papéis que lhes destinam e os subvertem. Ouvindo algumas delas, pude constatar que muitas assumem essa condição dentro de uma perspectiva que se caracteriza como uma recusa. Eu discordo dessa postura, porque acho que as pessoas não se devem definir sempre em termos de contra, mas também em termos de pró, pois não poderia compreender uma escolha que não implicasse também em prazer e gratificação.

Também conversando com elas, pude perceber que as barras que elas enfrentam e pesadíssima, especialmente se declararem abertamente sua escolha. O sistema só lhes impõe uma alternativa: a de se sentirem culpadas. Mais ou menos como nos processos contra as feticheiras, onde a partir da acusação (que poderia ser até fortuita e não fundamentada), a condenação já se antepõe ao julgamento, que não passa de mera formalidade burocrática).

Hoje, sob os nossos olhos como placentes, prende-se gente pelo simples fato de ser homossexual, como ocorreu recentemente no centro da cidade, quando bastava um PM achar que algum cara desmunhecava, para levá-lo sumariamente em cana. Se isso não é uma flagrante violação dos direitos humanos, não sei o que é. (A menos que se considere assim, as penas quando são os nossos direitos que são violados e não os dos outros, mas podemos ser os próximos, sob outros pretextos).

Eles também sofrem uma série de outras discriminações no trabalho, na família (a família patriarcal funciona como um microcosmo de transmissão de ideologia conservadora, que é transmitida pela educação como a principal criação transmite os genes), que fazem como que a vida deles não seja propriamente um mar de rosas, quer se assumam quer não se assumam.

Espantame o fato das pessoas reconhecerem o direito dos negros se organizarem e não das lésbicas o fazerem e extensivamente, os homossexuais em geral. Será que o motivo está no fato dos primeiros não terem es-

nhos da discriminação. Usa até de um didatismo sem ser em nada chata. A quem possa interessar esclarece que nem toda lésbica é feminista, nem toda feminista é lésbica, e que nem uma das duas denominações merecem os estigmas que carregam

Maria Carneiro da Cunha

colhidos ser negros e os segundos de certa forma optarem por ser o que são? Quer dizer que não se tem o direito de escolher? Negar o direito de escolha no campo erótico é muito perigoso, pois o mesmo princípio pode ser (e é) aplicado ao campo político. Este é um dos motivos pelos quais a questão das minorias sexuais e outras é também política, porque tudo está interligado.

Há quem conteste o direito dos homossexuais se reunirem em grupos de pressão, reivindicação e luta, sem argumento essencialmente político, já que se invoca uma certa "luta maior" (uma expressão bem abstrata), que invalidaria todas as outras, consideradas menores, descartadas, mal colocadas ou estereis.

Mas quem é que decreta o que é maior e o que é menor, o que deve ou não deve ser prioritário, senão os poderes e aparelhos políticos imperantes? Isto é uma atitude eminentemente antidemocrática, especialmente porque, como tantas outras, vem de cima para baixo. Quando se decreta arbitrariamente que só determinados comportamentos são verdadeiramente políticos (corretamente políticos) e todos os outros são alienados e devem ser patrulhados, já se está adotando uma postura antidemocrática, que, por sua intolerância, leva nada mais, nada menos que à patrulhagem universal (mas que não é tão universal assim, pois alguns grupos se arrogam esse direito).

Há um puritanismo mal disfarçado, segundo o qual, alguns se arrogam o direito de patrulhar o prazer dos outros. Ora, se nesse campo da sexualidade, eu li recentemente uma frase muito inteligente que diz: na verdade, não existem sexos (nem dois, nem três, nem quatro) e sim sexualidades, e existem tantas sexualidades quanto existem pessoas, isto é, cada pessoa tem uma sexualidade diferente composta dos mais diversos elementos de sua vivência própria.

Dentro de um contexto amplo, geral e irrestrito, as distinções entre homo e hetero são completamente irrelevantes. Pelo menos para mim não é a preferência permanente ou meomentânea por isso ou aquilo, que fez com que uma pessoa se torne mais ou menos respeitável, mas a sua própria colocação geral como ser humano.

Para mim, fica claro que esses grupos só se formam, porque existe discriminação e repressão. No dia em que não mais existirem (e luta-se para isso), tais grupos também perderão a razão de ser e desaparecerão. O feminismo também deixará de existir quando a mulher conquistar o espaço que merece como ser humano integral e não apenas como apêndice, complemento ou satélite.

Uma outra ideia equivocada nessa história de "luta maior" é o fato de se colocar a política numa estera à parte e privilegiada, totalmente calcada em princípios teóricos abstratos altamente manipuláveis em termos de uma ortodoxia e desvinculada da prática do cotidiano.

Querer reduzir tudo à luta de classes é não querer enxergar a realidade, numa simplificação que faria Marx corar de vergonha, se visse hoje. É negar que o sexo e a raça são elementos tão ou mais importantes para definir o lugar das pessoas dentro da sociedade. Basta fazer o seguinte teste: quando uma pessoa entra numa sala, a primeira coisa que se observa é se é homem ou mulher, a segunda se é preto ou branco (ou qualquer outra raça identificável) e a terceira é a forma como as vestes e outras características que nos informam sobre sua classe. Não é à toa que basta ser preto para já ser classificado automaticamente na classe econômica inferior. É um dado da realidade que justifica todas as lutas desse grupo, assim como a condição de mulher considerada como mero objeto (entre outras coisas) justifica a nossa. Tudo está profundamente interligado e não dá para separar o comportamento público do privado, sem cair em plena esquizofrenia.

Tendo os manifestos mais recentes dos grupos homossexuais organizados (incluindo as lésbicas) apoiado as feministas, como também os movimentos negros e as reivindicações de cunho social que se inserem na clássica luta de classes. Por que discriminá-los então? Eles também participam da "luta maior". Se eles continuam discriminados é porque a própria imposição da "luta maior" da forma como é feita, já é uma discriminação.

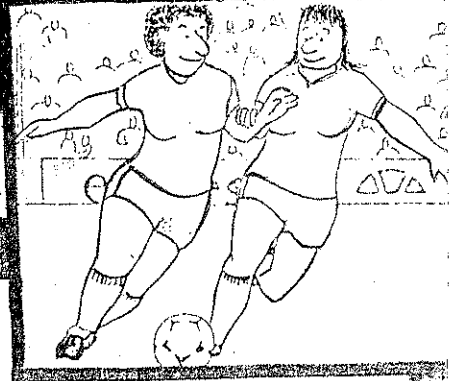


Nair Benedito

♀ CHANACOMCHANA

GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA 1

MULHER de chuteira



FESTIVAL

tem

Mulher

NO PALCÓ

A
QUESTÃO

HOMOSSEXUAL

dez 1982

BOLETIM Chanacomchana

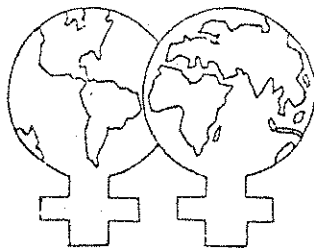
O BOLETIM CHANACOMCHANA é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que queiram debater, conversar e se divertir conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizerem e para quem for lê-lo também. Ele é um dos frutos dos 3 anos e meio de atividades do GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) e representa a continuação do jornal de mesmo nome que lançamos o ano passado. Ele é produto de nosso trabalho que, embora, às vezes, difícil e árduo, tem sempre muito amor e paixão, a mesma paixão que esperamos ver transbordar de todos os nossos textos.

NESTE NÚMERO

- pág 1: ILIS
pág 2: O Lesbianismo é um barato
pág 3: Mulher de chuteira
pág 5: Carta por Sandra Mara
pág 6: Iº FESTIVAL NACIONAL DE MULHERES NAS ARTES
pág 10: INFORMES

..COLABORADORAS DESTE Nº:
Míriam, Rosely, Célia, Zaza, Helena e Maria Serrath
..colaboração especial :
Alfredo e João Bâptista Breda..

-ESTE BOLETIM TAMBÉM É
SEU:Envie-nos suas idéias, sugestões, notícias, poesias, etc... -
GALF, Cx Postal 62.618, CEP 01000, São Paulo, SP



ILIS

INTERNATIONAL LESBIAN
INFORMATION SERVICE -
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO
LÉSBICA INTERNACIONAL

O ILIS surgiu a partir de um encontro da IGA (INTERNATIONAL GAY ASSOCIATION) na Espanha, Barcelona, em 1980, quando as 45 mulheres lá presentes resolveram estabelecer o secretariado da organização em Amsterdam (Holanda) com o propósito de contatar grupos lésbicos em todo mundo e organizar a primeira conferência internacional de mulheres homossexuais.

Nesta primeira conferência realizada em Amsterdam (dezembro/80), foi discutida a estrutura do ILIS e sua possível autonomia da IGA. Na conferência seguinte em Torino, na Itália (1981) decidiu-se que o ILIS seria uma organização lésbica independente cujo secretariado permaneceria em Amsterdam até que outro grupo, em outro país, pudesse assumi-lo. No momento, o ILIS está na Finlândia.

O Serviço de Informação Lésbica Internacional é um corpo de coordenação lésbico-feminista composto de mulheres que escolheram trabalhar com grupos exclusivamente lésbicos ou com grupos de mulheres e homens homossexuais. Todos os grupos têm

igual "status" dentro de organização e mesmo as mulheres não-pertencentes a qualquer entidade podem tornar-se membros do ILIS.

O ILIS trabalha pela libertação das lésbicas de sua opressão política, legal, social, cultural e econômica através de uma perspectiva anti-racista, anti-classista e anti-sexista.

O ILIS trabalha através de meios como a troca de informações e a coordenação de ações a nível internacional.

O ILIS procura apoiar e cooperar com outros movimentos de libertação, considerando, particularmente, os movimentos feminista e homossexual como possíveis aliados.

O ILIS realiza conferências regularmente em diversos países da Europa e mantém um boletim bimensal com informes enviados por suas correspondentes de todas as partes do mundo.

A última conferência do ILIS teve lugar na Inglaterra Central, Sheffield, em agosto deste ano. Na pauta do encontro havia temas como "lésbicas e trabalho, lésbicas e sexualidade, estrutura do ILIS, lesbianismo e feminismo, lésbicas e maternidade, ações lésbicas, onde as lésbicas se encontram" e muita festa.

Para se tornar integrante do ILIS e/ou receber seu boletim bimensal, você deve escrever para "ILIS, PL 45, 00291, Helsinki 25, Finland.

O LESBIANISMO É UM barato

O Lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente pega pra curtiresse barato. Toda mulher lésbica que já se viu forçada a sentir vergonha por amar outra mulher sabe bem disso. A sociedade falocrata não nos perdoa e vive nos empurrando para os guetos da vida. Os guetos da vida são os lugares que o mundo instalou dentro e fora de nós onde se reproduzem todos os opressores estereótipos de masculini-

dade e feminilidade. Nesses lugares não há espaço para repensar as relações entre as pessoas, experimentar coisas novas e amar.

Mas o lesbianismo é um barato e é um barato exatamente quando foge dos guetos e se pronuncia contra os mecanismos dos guetos dentro e fora de nós. O lesbianismo é um barato quando propõe o equilíbrio de poder nas relações pessoais, única forma de romper com o modelo masculino do amor romântico que tem nos deixado a todos, homens e mulheres, homossexuais e

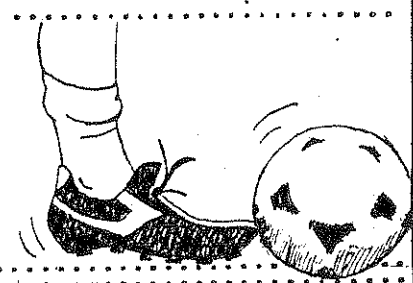
heterossexuais, na mais dolorosa indignância efetiva.

O lesbianismo é um barato porque propõe o amor pelas mulheres bem no meio das estruturas ultramisóginas do sistema patriarcal. É um barato porque demonstra que não estamos tão ilhadas em nossas diferenças de classe, raça ou sexualidades, e ponto de não podermos trabalhar juntas. As mulheres lésbicas são negras, brancas, mães, operárias, prostitutas, donas de casa, mas, várias vezes, já



nos encontramos no mesmo lugar.

O lesbianismo é um barato porque propõe o amor entre as mulheres de qualquer maneira, seja através do amor físico, da ternura e do respeito pela individualidade da companheira, seja através da solidariedade e da luta organizada contra a opressão que sofrem todas as mulheres.



Mulher de chuteira

Esta entrevista foi realizada na boate Moustache com duas integrantes do Café Futebol Clube (time da boate) que fizeram parte da Seleção Paulista. Esta Seleção participou do I Festival das Mulheres nas Artes disputando a final com a seleção carioca no Morumbi. Foi a primeira vez na história do Brasil que as mulheres entraram no Morumbi para jogar futebol. Olho no lance:

GALF. Quando vocês começaram e organizaram o Café Futebol Clube?

Há um ano e três meses atrás. Café (uma das sócias da boate Moustache) foi a pioneira na organização do futebol feminino já tendo formado de 3 a 4 times. Café lançou a ideia. Começamos a nos reunir a partir de uma dominieira aqui no Moustache. O nosso primeiro treino foi numa quadra do Brooklyn, num clima de muita descontração, tudo se em muito compromisso. O que queríamos era perceber a habilidade de cada uma no trato com a bola.

GALF. Quais as dificuldades que vocês encontram para organizar o time?

Falta união dentro do campo. Não há padrão de jogo definido, há muito erro de passe, perda de gols fáceis e isto vai irritando. Agora conseguimos um técnico, antes era tudo na base de palpites. A maior parte deste um ano e três meses nós passamos sem técnico. Nós temos o gosto pelo futebol, mas falta técnica e tática. O homem conhece mais futebol que a mulher, e ele pratica mais, nasce com a bola no pé, já o futebol feminino sempre funcionou muito amadoristicamente. Café sempre nos orientou, mas nós só jogamos no dia do jogo, quase não fazemos treinos. Não dá tempo, todas as nossas jogadoras ou trabalham ou estudam.

Antes do Osmar, nos técnico atual, já passaram outros três pelo time. O primeiro saiu porque era

despreparado, os outros dois eram bons preparados físicos, mas aconteceu o seguinte: fizemos um treino excelente com eles mas quando acabamos pintou uma briga entre algumas de nós, eles se apavoraram com aquilo, acharam um horror. Eles admitiam que a mulher pudesse jogar bola, mas não podia brigar, sair no braço. Sentimos em perdê-los, eramos pessoas especiais, podia ter dado fruto. O técnico atual aceita toda a situação que acontece entre nós, brigas por exemplo. Ele assistiu ao nosso jogo no Morumbi, viu nossos defeitos e se ofereceu para ser nosso técnico. Penso que daqui dez anos teremos técnicas de futebol. Outra dificuldade é a falta de patrocínio, pois se houvesse patrocínio, talvez pudéssemos nos dedicar exclusivamente ao futebol. Atualmente cada atleta contribui com R\$500,00 por mês para lavagem de roupa, o aluguel do campo da Vigor (R\$1.500,00 por mês) e outras coisas necessárias para a manutenção de um time de futebol.

GALF. Qual a idade média de vocês? Qual o critério para seleção das jogadoras? Onde vocês treinam?

Temos vinte atletas a idade média é de 20 a 30 anos. Bom, critérios: gostar de futebol, comparecer aos treinos, ter disciplina nos horários. Hoje depois de um ano e três meses de existência do Café Futebol Clube, é necessário, para entrar

no time, que já se saiba jogar futebol. Mas nossa equipe está sempre aberta a participação de novas integrantes.

Nós treinamos no campo da Vigor e também na quadra da Polícia Militar.

GALF. O time de vocês (Café Futebol Clube) foi a base da seleção paulista ?

Sim, com exceção de 5 jogadoras, as outras que fizeram parte da seleção paulista eram do Café Futebol Clube.

GALF. Como se deu a participação de vocês no Festival das Mulheres nas Artes que a Ruth Escobar promoveu? Foi com a ajuda dela que vocês entraram no Morumbi?

A Ruth Escobar teve a idéia de colocar o futebol no I Festival das Mulheres nas Artes. Fomos convidadas pelo pessoal da Ruth e a partir daí, com a ajuda e promoção dela, nós entramos no Morumbi.

GALF. Como vocês se sentiram jogando no Morumbi? E os 4 a 0 ?

Jogar no Morumbi foi emocionante! O fato em si, não o jogo que não rendeu o que poderia ter rendido por causa do evento.

Quanto ao jogo mesmo, a seleção do Rio de Janeiro era superior a nossa, o resultado foi justo, mas acho que daria para termos formado um time melhor, que ganhasse. A liga de futebol feminino, não oficializada pela Federação, não nos cedeu as melhores jogadoras paulistas porque estava ocorrendo, na época, um cam-

peonato de futebol de campo e todas estavam disputando os jogos.

Quando eu me lembro... Morumbi lotado, foi no dia 12 de setembro, às 15 horas, antes de uma partida entre São Paulo e Corinthians. A recepção do público foi calorosa, bandeiras se agitando, etc. Os jogadores do Corinthians e do São Paulo nos prestigiaram, o jogo foi transmitido pela televisão: Globo Esportacular, Fantástico. O Brasil inteiro ficou sabendo que entramos em campo. O futebol feminino que estava centrado no eixo Rio-São Paulo tende a se ampliar. Recebemos um convite para jogar em Curitiba, por exemplo.

GALF. Existe preconceito em relação ao futebol feminino?

Sim, há pressões. Depois do jogo, na segunda-feira, no trabalho, um colega com ar de surpresa me disse: "Vi você no Morumbi domingo." Havia um certo tom pejorativo na maneira como ele falou. O preconceito existe por causa das cabeças atrasadas que não acompanham os tempos. Uma parte deste preconceito é porque se associa as jogadoras de futebol a o homossexualismo. A outra parte deste preconceito é porque as mulheres poderiam competir com os homens no futebol, o qual é considerado a única modalidade esportiva que o homem brasileiro domina. Veja: o prefeito de São Paulo, o Marim, é o dono da Federação, lá eles "podam" as mulheres. Nunca foi feita uma reunião entre as pessoas que praticam futebol feminino e os dirigentes. Acho que é inevitá-

vel que o médio prazo e mulher vá conquistar seu espaço também dentro do campo. Nossa contribuição é a de não desistir, mesmo com todas as proibições.

GALF. O futebol feminino foi legalizado? Como vocês veem as perspectivas de profissionalização?

Os homens, dirigentes de futebol, têm receio que a mulher vá competir com eles, já que o campo é a galeria onde se mostra habilidade masculina. No Brasil, futebol é coisa de homem. A mulher joga futebol mais na periferia. O vôlei, o basquete, e natação foram legalizados e profissionalizados, mas o futebol não. Em alguns países desenvolvidos, como a Alemanha, o futebol feminino já está legalizado e profissionalizado.

Acho que as mulheres lotariam mais os estádios porque a mulher é mais bonita, os homens se atraem mais para ver mulheres e futebol feminino seria coisa nova. Tudo isso poderia fazer cair a renda do futebol masculino. Apesar da não legalização e profissionalização, o melhor time de São Paulo é o da Polícia Militar. Elas têm técnico, campo e acho que até são pagas. Se o futebol feminino for regulamentado, acho que teria que sofrer algumas modificações quanto ao tempo do jogo, a dimensão do campo e a circunferência da bola. A mulher não deveria praticar o futebol como o homem, e não ser que se dedicasse só a

esta prática, como os homens fazem, tendo assistência física e psicológica como eles.

Com a nossa entrada em campo, não há como esconder que a mulher pode e sabe jogar futebol.

GALF. Algumas pessoas dizem que o futebol é um esporte muito violento para mulheres. Como vocês vêem essa opinião?

Não concordamos. Achamos que o basquete, já legalizado e profissionalizado, e o handbol são esportes mais violentos que o futebol.

GALF. O que vocês acham de serem chamadas de sapatão durante as partidas?

Sapatão é o nome do momento... nós nunca brigamos por causa disso. Isso não é o mais importante, não ofende ninguém. Este preconceito nunca influenciou para nós. Nosso "lance" é jogar bola. Não ligamos pra isso. Quando os homens vêm uma mulher jogando bola, eles têm, inicialmente, uma reação agressiva porque pensam que é "sapatão", mas quando assistem uma boa jogada, eles aplaudem de qualquer jeito. O homem brasileiro que "adora mulher", adora a bola e o futebol feminino.

E, além disso, ao mesmo tempo que tem um homem que me chama de "sapatão", tem uma mulher que me chama de meu amor, daí eu não ligo pra o que dizem!

..As entrevistadas pediram para que seus nomes não fossem citados..



CARTA POR Sandra Mara

Sandra Mara Herzer, 20 anos, paranaense de Rolândia, passou boa parte de sua vida na FEBEM (unidade da Vila Maria, SP) onde conheceu todos os castigos e arbitrariedades reservados aos menores que lá são recolhidos. "Homossexual assumida, conhecida pelo apelido de Bigode, tornou-se uma lenda entre as companheiras por sua coragem de afrontar as injustiças cometidas pelos inspetores e o diretor da unidade, sem se curvar às punições mais humilhantes. Com a ajuda do deputado Eduardo Suplicy, conseguiu sair da FEBEM e foi trabalhar na Assembléia Legislativa onde sua aparência masculinizada lo

go começou a trazer-lhe problemas. Foi reprovada no concurso para efetivação de seu cargo público por is ficara nervosa com o tumulto e a perplexidade que sua presença provocara entre os fiscais do exame. A perda do emprego, o preconceito e o conjunto de circunstâncias infelizes que experimentou em vida, levaram-na ao suicídio atirando-se de um viaduto sobre a avenida 23 de maio, no dia 9 de agosto de 1982. A editora Vozes lançou, no final de outubro, o livro "A queda para o alto", misto de poesias e relatos de Sandra sob o pseudônimo de Anderson Herzer. A seguir a nossa carta por Sandra Mara que distribuimos no lançamento de seu li-

vro, na Assembléia Legislativa de São Paulo:
CARTA POR SANDRA MARÁ

Esta carta é dirigida a todos que repudiam a violência, desde a violência acintosa das ruas e da repressão policial ou a do estupro e espancamento de mulheres àquela mais insidiosa do preconceito que interiorizamos e que também mata. O preconceito que também mata as oposições indesejadas, a criação, a liberdade, a possível felicidade, o ser humano. O preconceito que empurra pessoas de cima das pontes como derrubou a jovem mulher Sandra Mara Herzer de um viaduto para a avenida 23 de Maio, no dia 9 de agosto deste ano. Sandra Mara amava as mulheres numa sociedade ultra-misógina onde apenas o masculino é positivo e tudo é feito para satisfazer as necessidades e anseios dos homens. Talvez por isso, supondo ser incompatível a força e o feminino, o valor e o feminino, tenha se transformado em "Bigode". Mas não cabe a nós criticá-la, pois Sandra Mara, o "Bigode", tinha sua essência no feminino, não o feminino dos estereótipos, mas aquele que transcende e não se conforma, preferindo até mesmo o suicídio.

Esta carta é dirigida a todos que repudiam a violência do preconceito. Queremos, através dela, dizer a todas as Sandras Maras que o mundo mulher é lindo e que continuaremos aqui lutando pelo direito de retirar nossas máscaras e amar a quem quisermos e como qui-

sermos. Continuaremos aqui lutando pelo direito a felicidade, como companheiras solidárias que somos e devemos ser, contra todo tipo de preconceito, porque o preconceito também mata.



FESTIVAL DE MULHERES
nas artes

Em setembro deste ano, o acontecimento mais importante da cidade de São Paulo, foi, sem dúvida alguma, a realização do I Festival Nacional das Mulheres nas Artes. Fato inédito na história do Brasil, pela primeira vez, durante uma semana, do dia 3 ao dia 12 de setembro, foi realizado um festival onde: as várias formas de expressão da capacidade artística da mulher, há muito silenciadas pela sociedade falocrática, tiveram a oportunidade de serem mostradas ao público. Foi bonito poder

ver tantas mulheres juntas, reunidas, apresentando seus trabalhos, trocando idéias, afetividades, cumplicidades. Este primeiro Festival Nacional das Mulheres nas Artes foi patrocinado pela revista Nova e teve como principal organizadora a (entre outras coisas) atriz Ruth Escobar junto a Maria Quertim Moraes, Solange Padilha, Célia Macedo, Nirce Levin e outras que ajudaram a concretizar a idéia de reunir diversos trabalhos de mulheres ligados a várias áreas da arte: música, teatro, literatura, dança, Artes Plásticas, oficinas de trabalho

isto sem contar o futebol e os debates, seminários, encontros e palestras referentes as formas de criação acima citadas. Falando em futebol, foi a primeira vez que as mulheres jogaram no Morumbi. O jogo foi entre as equipes de São Paulo e do Rio com vitória das cariocas por 4 a 0. Neste boletim transcrevemos a entrevista efetuada com duas das integrantes da seleção paulista (pág).

A nota triste do festival foi a proibição da música "Franchitude de Franca" de autoria de Gisela Fink e Miriam Martinho Rodrigues. Esta música, classificada na terceira eliminatória do Festival Feminino da Canção, não pode concorrer devido a proibição da Censura Federal. Nós, do lésbico-feminista, redigimos uma nota de protesto lida por Ruth Escobar no último dia do Festival, ocorrendo, após a leitura da nota, a apresentação da música "hors concours". Segundo Miriam, uma das autoras, a "Franchitude" é uma gozação aos estereótipos sexuais. A seguir nossa nota de protesto contra a proibição da música:

"Liberdade, abra as asas sobre nós"

O Iº FESTIVAL NACIONAL DAS MULHERES NAS ARTES representou uma oportunidade para que nós, mulheres, pudéssemos mostrar nossos trabalhos há tanto tempo silenciados pela cultura masculina.

E é esta mesma cultura, da qual tantas vezes somos cúmplices, que como não po-

deria deixar de ser, manifestou-se concretamente durante este Festival. A música "Franchitude de Franca", classificada na terceira eliminatória, foi proibida pela censura federal. Acreditamos que toda e qualquer censura é uma violência a um direito intrínseco de todo ser humano: o direito a expressão de seu pensamento.

A liberdade é como uma máquina nova, enquanto não se tiver contato com ela, não será possível aprender a manejá-la.

Proibir a música "Franchitude de Franca" é manter idéias pré-concebidas que destroem a criação, a consciência, a crítica positiva, a liberdade, o bom humor, o ser humano, um povo. Liberdade, abra as asas sobre nós!

O Iº FESTIVAL DAS MULHERES NAS ARTES também foi um importante espaço de debates sobre Feminismo Nacional e Internacional. Além dos grupos feministas de todo o Brasil, marcaram presença feministas do exterior como Kate Millet (EUA), Dacia Maraini (Itália), Antoinette Fouque (França), Natália Correa e Isabel Barreno (Portugal), entre outras.

Como as atividades eram muitas e ocorriam simultaneamente, nós, do LF, optamos por participar mais dos debates, procurando apreender o máximo possível, no pequeno tempo de que dispúnhamos, do que diziam aquelas mulheres incríveis.

Falou-se muito de homossexualidade feminina como, aqui, no Brasil, ainda não se

ousa falar, pelo menos não tão abertamente. Um pouco da visão de duas feministas internacionais, Dacia Maraini e Antoinette Fouque, sobre a questão da homossexualidade e suas implicações políticas assim como da situação das mulheres de uma maneira geral, é o que procuraremos resumir aqui.

Antoinette Fouque e o Movimento de Liberação das Mulheres (França)

.. Este artigo sobre as idéias de Antoinette, uma das fundadoras do MLF (Movimento de Liberação das Mulheres) tem como base o debate por ela realizado durante o Iº Festival Nacional das Mulheres nas Artes e uma entrevista também por ela concedida a revista francesa "Nouvel Observateur" e reproduzida no nº 83 da publicação "Des Femmes" (As Mulheres) de março de 1982.

Antoinette Fouque: - O MLF marca pelo seu nascimento desde outubro de 68, determinado por lutas múltiplas e confluentes no movimento de maio do mesmo ano, uma integração e uma superação do feminismo tradicional.

O MLF é uma ruptura com o ISMO

- Além da reivindicação de igualdade social e cívica, até hoje não conseguida (e não será para amanhã), o MLF impôs, desde o início, a diferença real dos sexos, a existência das mulheres; não o que a língua faz de modo indireto: um gênero (o feminino), nem tão pouco o que faz repressivamente: uma ideolo-

gia(a feminista). A lín-
gua transforma a diferença
real homem-mulher em dife-
rença por gênero(Feminino e
Masculino). Assim desvia -
se a diferença real por se-
xo em ideologia masculina
ou feminina. O ISMO é um
acréscimo a este desvio por
gênero.

Um homem pode ser "fe-
minista" até ao extremo do
travesti e do transexual ,
mas não é por isso que tor-
nar-se-á mulher(diferença
real por sexo). Desde que
a palavra Socialismo foi u-
tilizada por Hitler e por
Stálin, como ainda se pode
dizer "eu sou socialista"?
Desde que a função fetichis-
ta, totalitária, seguidora
do ISMO está em toda parte,
como se pode dizer " eu sou
... Ista"(feminista, por
exemplo) ?

E que sob pretexto de igua-
litarismo, a diferença ten-
do sido considerada como
discriminação, não se passe
da opressão das mulheres à
supressão das mulheres.

- Em 13 anos, o MLF
é o único movimento de maio
na França, que não preci-
sou extinguir-se para esca-
par ao terrorismo e que con-
tinuou sua ofensiva contra
a repressão do "giscardis-
mo". Para a maioria das mu-
lheres, não só da nossa ge-
ração, mas também para nos-
sas filhas, as mudanças são
muito grandes, os resulta-
dos incalculáveis. As trans-
formações das quais o MLF
foi sempre o motor, insti-
gador, direto ou indireto,
são visíveis para todos em
seus efeitos públicos, so-
ciais e legais. A "condi-
ção feminina" ainda não mu-
dou suficientemente; a igual



Antoinette Fouque

dade civil, a autonomia eco-
nômica, política, simbólica,
está longe de ser adquirida
definitivamente em todo lu-
gar, mas, ao menos, todo mun-
do fala dela. No entanto, cui-
dado para que, sob pretexto
de igualitarismo, como prece-
niza um feminismo de esquer-
da, a diferença tendo sido
considerada como discrimina-
ção, não se passe da opres-
são das mulheres à supressão
das mulheres.

"E repito que o inimigo não
são os homens, mas a misogi-
nia, a falocracia".

- Há outros resultados
do MLF, não públicos, mas in-
timos, fundamentais, simbóli-
cos, talvez frágeis, mas pro-
fundos, vitais e com frequên-
cia suficiente para continuar
a germinar. Daqui para fren-
te, cada mulher porta a revo-
lução MLF, mutante, inconsci-
entemente até, como chamada,
como potência do Outro. E re-
pito que o inimigo não são os
homens, mas a misoginia(fun-
dadora de todos os racismos,
de todas as explorações e di-
visões) e a falocracia. As mu-
lheres também são misóginas ,
as mulheres também têm medo
das mulheres. É lógico que o
inimigo, a misoginia, o medo
milenar do "Outro", queira sem-
pre retomar o seu lugar. O MLF
é uma terra liberada onde a se-
paração está abolida, onde o

medo das mulheres se vence,
onde nos opomos a proibição
do amor entre mulheres. É
um golpe mortal na misogi-
nia que, como reação, eles
desencadeiam.

"Afirmar a diferença é cor-
rer o risco de passar d a
Opressão à Repressão,mas..".

- Desempenhando um pa-
pel de analista do incons-
ciente da história, por sua
presença, por sua existên-
cia, o MLF faz com que, de
latente, a misoginia se tor-
ne manifesta. É muito selu-
tar; embora, ao afirmarmos
deliberadamente a diferen-
ça, a existência do outro
com sua irreduzível identi-
dade, possamos cair no ris-
co de passar da Opressão à
Repressão. No entanto, es-
te é o sentido da luta tan-
to aqui como em El Salva-
dor.

"Só eles existem no mun-
do, um só sexo, uma só li-
bido, a libido fálica."

- A homossexualidade
masculina não somente é ad-
mitida, como reina socia-
lizada, culturalizada, po-
litizada, simbolizada, ago-
ra mais do que nunca, tel-
vez por termos dito e re-
petido que, em todos os lu-
gares, os homens, sós, pos-
suem o mundo, que eles se
apropriam da história, mu-
dam-na para o proveito de
eles, desempenham todos os
papéis, ocupam todos os lu-
gares, na tribuna do Poder.
É uma história, uma cultu-
ra exclusivamente masculi-
e perfeitamente homosse-
xual, falocrática. Hoje ,
essa homossexualidade dos
homens defende seu terri-
tório sem mulheres; as m u-
lheres estão por baixo, no
escuro, soterradas e cala-

das, fazendo filhos para eles, já que sozinhos eles não podem ter filhos. Essa homossexualidade masculina se mostra, se exhibe, perversa, regressiva, assassina, totalitária. Só existem eles no mundo, um só sexo, uma só libido, uma libido fálica.

"A homossexualidade das mulheres é nativa, primária, elementar."

A homossexualidade das mulheres é de outra natureza, não perversa. Ela é nativa, "a native girl", primária, elementar. A mulher é homossexual por nascimento, já que o nosso primeiro amor é por uma mulher. Retornar a este primeiro amor de forma simbólica, imaginária e política é a condição para nos tornarmos sujeitos da própria história. Sem esta volta, os primeiros traços do nosso corpo e das nossas emoções permanecerão hieróglifos indecifráveis, apagados e proibidos. O MLF não é um espaço homossexual de reivindicações lésbicas, é um movimento homossexuado, onde as mulheres procuram realizar o amor entre si, seja de forma sensual ou não.

.. O artigo acima transcrito não traduz necessariamente a opinião deste boletim.



Dacia Maraini

Dacia Maraini no Iº Festival Nacional das Mulheres nas Artes

"Questionar a considerada sexualidade normal nos interessa discutir aqui tanto quanto a homossexualidade contida em todos."

"Quando eu dei uma entrevista, em Roma, a respeito da homossexualidade contida em todos, foi um verdadeiro escândalo. Isto porque não se suporta que se diga que somos todos homossexuais."

"A sociedade, como ela se apresenta hoje, é profundamente homossexual, mas não sabe, ou melhor, não encara este fato."

"Nos colégios, nos esportes, nos organismos militares, cria-se a homossexualidade masculina, negada depois, veementemente negada."

"Durante o Mundial (Olimpíadas), existiram cenas quase brutais de virilidade, cenas

estas que nada mais ^{são} que uma homossexualidade disfarçada."

"A repressão da mulher ocorre no Eros, pois nele há algo de revolta. Sabemos que a liberação do Eros determina a capacidade de se organizar".

"Como olhar o mundo sob um prisma feminino é um trabalho que deve ser feito de maneira coletiva. A introdução de novos símbolos elaborados através de uma visão feminina, resultará numa linguagem feminina."

"Não acho que o orgasmo seja o fim da sexualidade. Criou-se um mito consumista ao seu redor. Creio que a luta feminina não é para atingir o orgasmo, mas sim pela liberação do corpo."

"A heterossexualidade rejeita toda sexualidade ao orgasmo."

"O orgasmo masculino sendo necessário à reprodução é divinizado."

"Acho que Freud dizia que a homossexualidade é uma forma de narcisismo, de regressão, porque a sexualidade deveria passar do clitoris para a vagina (passagem para a fase adulta). Depois de Freud, descobriu-se que todo o sistema de prazer feminino parte do clitoris."

"Vamos analisar a heterossexualidade. Com a dita liberação heterossexual a prostituição é aumentada. A maioria dos homens faz amor contra a mulher e não com a mulher."

"Criou-se o mito de que a mulher não pode provar o prazer enquanto o homem não a brutaliza."

"Visitando um manicômio,

na Itália, encontrei uma mulher de 50 anos e lhe perguntei porque estava lá. Ela respondeu-me que não gostava de cuidar da casa e nem dos filhos, que gostava de dar longas caminhadas. A família, então, a considerou "doida" e a internou. Esses são alguns dos resultados da heterossexualidade."

"...sempre se divide, em todo o mundo, a mulher entre "ou ela é honesta ou é puta".

"Nossa sociedade, embora homossexual masculina, o que se esconde na exaltação da virilidade(ex: no esporte), não se aceita como tal."

"O estupro, na Itália, que antes era de um homem contra uma mulher, agora é de vários homens contra uma mulher. A mulher é simplesmente o veículo através do qual passa o prazer dos homens que não conseguem exprimir claramente sua homossexualidade."

INFORMES

- O GALF, no encontro das entidades civis de São Paulo com o governador Franco Montoro, reivindicou, entre outras coisas:

a) a extinção do parágrafo 302.0 do Código de Saúde do INAMPS que rotula o homossexualismo como desvio e transtorno sexual.

b) o direito ao convívio e a custódia dos filhos bem como adoção independente da orientação sexual do interessado.

c) que a Secretaria Estadual da Educação interfira

ra junto às comissões responsáveis pela seleção dos livros didáticos que veiculem idéias preconceituosas contra a mulher. Que haja uma profunda análise dos papéis sexuais na educação infantil.

d) que haja um combate a toda e qualquer violência sobre a mulher: estupro, violência conjugal, discriminação racial e contra a opção sexual.

- Antonio Crisóstomo, ex-redator do jornal Lampião, jornal produzido no Brasil para debater a questão homossexual, está preso desde o dia 4 de julho de 1981 sob acusações imprecisas de violências contra sua filha adotiva, a menor C., de 4 anos. No decorrer do processo ficou provado, através do laudo médico, não ter havido nenhuma espécie de violência física contra a menina.

Crisóstomo foi preso principalmente por ser homossexual e o que lhe aconteceu pode ocorrer com qualquer pessoa que fuja das regras autoritárias da normalidade.

Em São Paulo e no Rio, estão se formando comitês de apoio a Crisóstomo. Estes comitês, com a solidariedade dos grupos GALF, Outra Coisa Somos, Rede Alternativa à Psiquiatria, "moléculas malucas", comitê de Catherine Koltai(PT), Comitê de Ruth Escobar(PMDB) e amigos, organizaram a apresentação da peça "Olho no Olho" de Crisóstomo no teatro Ruth Escobar, para o dia 14 de dezembro, às 21 horas, aqui em São Paulo.

Após a apresentação da peça, haverá um debate sobre o tema "O Direito à Diferença" a respeito do caso de Crisós-

tomo e outros.

- O grupo SOS MULHER de SP entidade feminista que combate a violência contra a mulher, reivindicou junto ao diretor do Degran, Rubens Liberatori, um tratamento mais justo, nas delegacias, para as mulheres que apresentam queixas de agressão, por parte dos maridos, o uso de violência sexual.

Segundo o SOS, o atendimento, nos distritos policiais, para mulheres espancadas ou violentadas, acaba se tornando mais uma outra violência, principalmente nos casos de estupro quando de vítima, a mulher passa a ré. Liberatori prometeu reunir todos os delegados titulares de distritos da Capital e municípios da Grande SP, para solicitar-lhes melhor atenção aos casos de violência contra a mulher, ao mesmo tempo que também pediu às representantes do SOS para informá-lo sobre casos concretos de discriminação ou mau atendimento.

GALF

GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO - FEMINISTA

Reflexão e atuação sobre feminismo e lesbianismo.

Sede: Rua Aurora, 736, apto 10, 1º andar, SP

Reuniões aos sábados a partir das 18:00



SÃO PAULO, dezembro/82

...novos corpos e novos corpos sempre velem ao sabor de nossos desejos como se cada
...nada a dizer a voca naquela tarde de abril a não ser que este amor cada vez mais se tornou
...a verdade não importa pra mim que foi difícil enfrentar a furia dos fascistas porque pra mim o

♀ CHANACOMCHANA

GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA

da mesa de jantar como se fizesse
tua companheira mesmo que os mares se separem amada para enfrentar a minha como dizem imoralidade os
palhas ainda seremos duas mulheres a viver a vida de prazer enquanto as areias em
seus corpos querida adere a nossos corpos de loba enquanto nossos corpos
rolam

Associação

você em minha vida foi assim
pra que diz

das

de ser a cor
co amada minha sexual
solitária

donas-

que enc

e mais que isso certamente
r que perco

meu corpo
não há cent

mes igualmente o lobulo
s e nos la

como pita

um forte c

delineado abraço encadeado
amante

icor o

e o esp

elabica diante do abismo que
mana das livras relações queri

discute

lesbiano

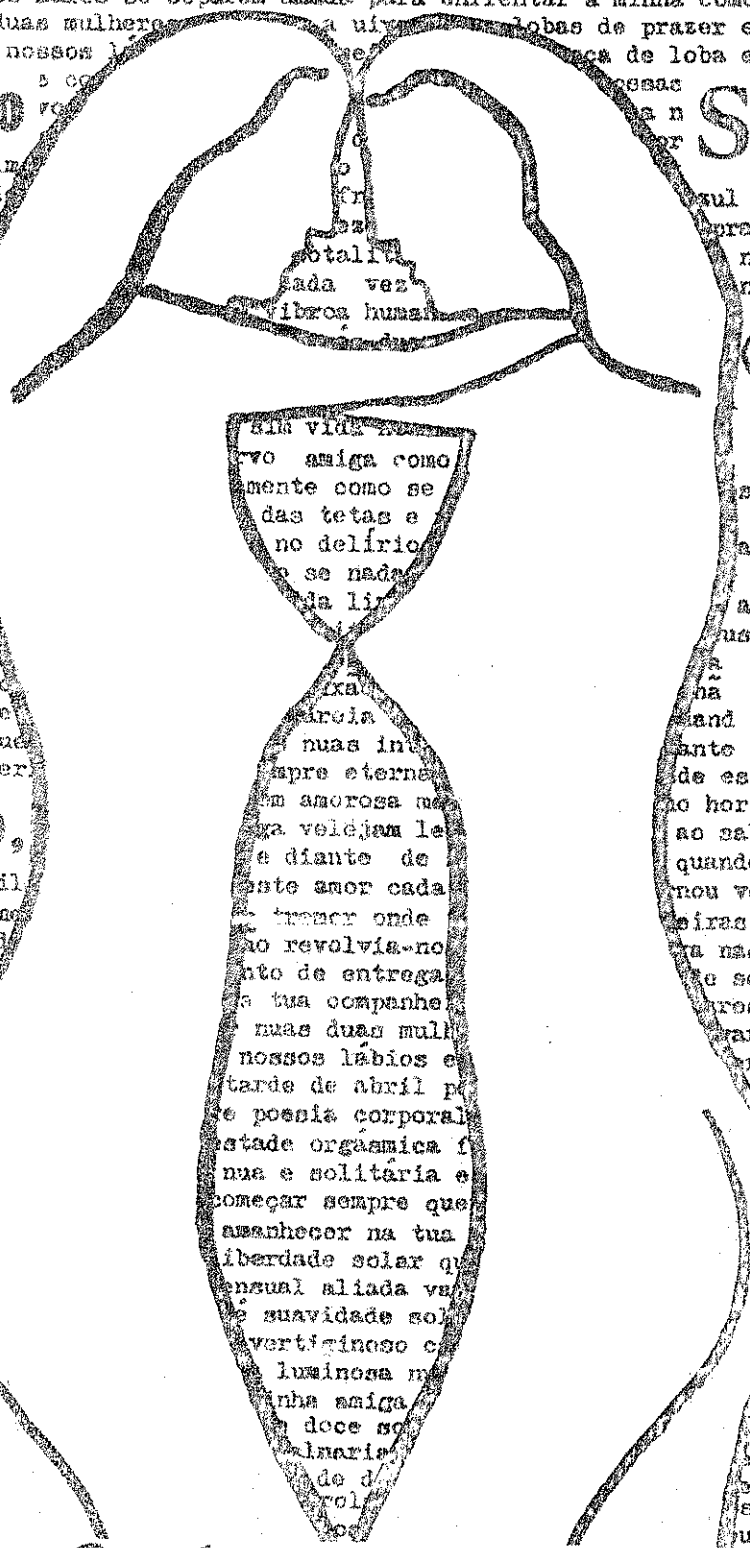
a voce naquela tarde de abril
como estrelas no cio eternam
alegri

de nos

daas m

a minha como dizem imoral
enquanto as areias em no
sto seus dedos passeiam
e merdas sexuais nas
algo como a criação de
meo ato sexual polit
ntes e entre nos du
ssia doce antes e d
ptas que como estre
nhaia o vco minha a
ao apaga e desejo que
nala tarde de abril
nista algo assim embol
egião dos sonhos menin
lice hoje como enquant
ais uma vez sempre com
pas antes que no escuro
ivar como lobas de praz
de nossos corpos cansa
tência de um universo a
o contorno das tetas e
oceta boca amorosa em
fflet dar

ato onde
lon como
sse das
l lapio c
de novos



em os ventos cada vez 2 per a
as mulheres lésbicas era
nos
as mã
este
amora
us feminino imaginario

Sandra

Mara

se viver fôsse amar y

«Bigode»

A

Queda

de este gosto aberto na ma
no hori
ao sabi
quando
trou ve:

Para

deiras caricias perto da in
ta naquel
te ser l
res se
var oc

Alto

enquanto amar fo
na nadrag: la as
no um corvo no ar
que é um fogo qu
a dizer a voce n
oda a verdade caso
ades o entret-la n
e da vida dádiva mi
você assim nar amor
siros momentos de gra
e suas duas na penia
s como musica que exa
u orgasmo revela a ex
so a qualquer tempo de
as labios os pequenos
nha amada mulher cred

8 de março:

Dia Internacional da Mulher

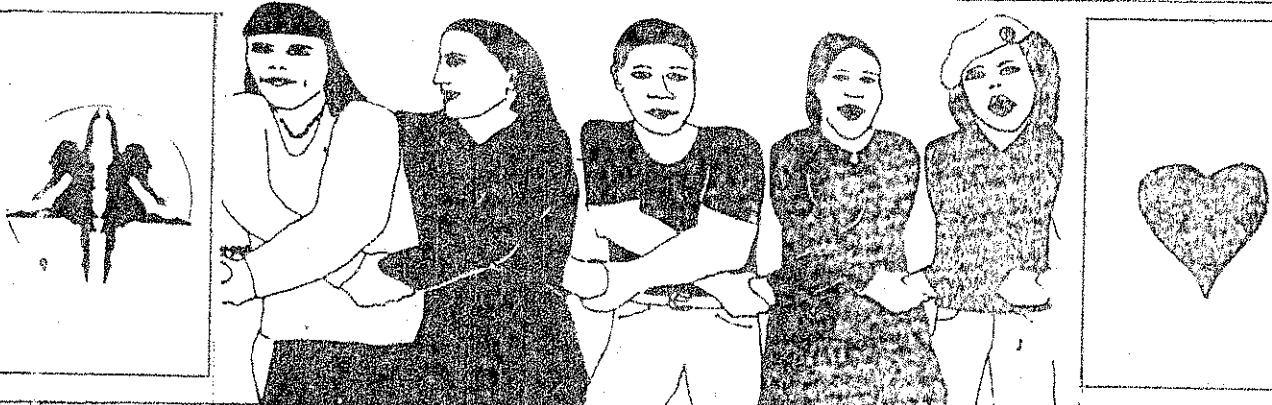
...aquilo a
...ando em
...o do nar
...e manhá
...cores da
...alt dura

BOLETIM Chanacomchana

O BOLETIM CHANACOMCHANA é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que quiseram debater, conversar e se divertir conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizeram e para quem for lê-lo também. Ele é um dos frutos dos quase 4 anos de atividades do GALF, Grupo de Ação Lésbico-Feminista, e representa a continuação do jornal de mesmo nome que lançamos em fevereiro de 1981. Ele é produto de nosso trabalho que, embora, às vezes, difícil e árduo, tem sempre muito amor e paixão, a mesma paixão que esperamos ver transbordar de todas os nossos textos.

NESTE NÚMERO:

- 8 DE MARÇO - pág 1
- A Negação da Homossexualidade - pág 2
- Fazendo Poesia-pág 3
- A Queda para o ALTO - pág 4
- ASSOCIAÇÃO DAS DONAS DE CASA DISCUTE LESBIANISMO, ABORTO... - pág 6
- INFORMES - pág 11
- CARTAS - pág 12



8 de março Dia Internacional da mulher

O DIA INTERNACIONAL DA MULHER, 8 de Março, surgiu como símbolo da luta das mulheres pela igualdade e melhores condições de vida, lembrando o sacrifício de 129 operárias têxteis de Nova Iorque que entraram em greve em 1857 para reivindicar redução da jornada de trabalho, de 16 horas para 10 horas. Os patrões se recusaram a atender suas reivindicações e as mulheres ocuparam a fábrica. A polícia cercou o local e atendeu fogo na fábrica. As mulheres morreram no incêndio. Em 1910, num Congresso Internacional de Mulheres, como proposta das socialistas alemãs, o dia 8 de março foi instituído como DIA INTERNACIONAL DA MULHER, para lembrar o acontecimento.

No Brasil, a partir de 1975, surgem algumas entidades feministas que dão um novo impulso ao movimento de mulheres. Já tínhamos muitas mulheres participando de movimentos sociais, mas a grande transformação deste período foi o fato destas mulheres tentarem se unir para discutir seus problemas e propor uma plataforma comum de reivindicações. Estas tentativas foram concretizadas em 1979, quando foi realizado o Iº Congresso da Mulher Paulista, que marcou a comemoração do DIA INTERNACIONAL DA MULHER daquela ano.

Nos dois anos seguintes, realizamos o II e III Congressos que também foram encontros amplos, onde a preocupação básica era avançar a luta das mulheres e a consciência da sua opressão específica na sociedade. Destes três congressos e de suas discussões foram tirados alguns temas, bandeiras

e resoluções, sendo elas: trabalho - e na possibilidade de crèches, o salário igual para trabalho igual e a repressão nas fábricas; sexualidade da mulher, o direito ao prazer e contracepção e aborto; a violência sobre a mulher na sociedade, na família, no dia-a-dia.

Estas discussões sobre a opressão das mulheres no seu cotidiano aprofundaram nossa luta pela liberdade e a democracia, tocando num dos importantes alicerces do sistema social opressor em que vivemos - o machismo.

Em 1982, o 8 de março foi organizado de forma descentralizada, comemorando o DIA INTERNACIONAL DA MULHER com debates, encontros, discussões, palestras e manifestações em cada bairro, região, cidade ou entidade. O objetivo disto era fortalecer os trabalhos existentes nas lutas específicas das mulheres, ampliar estes trabalhos e possibilitar o surgimento de outros. Essas comemorações foram relatadas numa festa política, no dia 8.

Este ano, 1983, o DIA INTERNACIONAL DA MULHER foi novamente organizado de forma descentralizada e será comemorado em várias regiões de São Paulo com debates, projeção de filmes, passeatas, etc... que também serão relatadas numa festa política, no dia 8 de março, a partir das 20:00 hs, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). A festa será constituída de um show com artistas das áreas de música, dança, mímica, e apresentação de filmes sobre as mulheres e a colocação das reivindicações do Movimento de Mulheres por algumas de suas representantes. A festa é grátis e também é sua. COMPAREÇA!



A NEGACAO DA HOMOSSEXUALIDADE

Muitas pessoas vem co-locando, há algum tempo, a questão dos riscos e m-que a afirmação da homossexualidade pode implicar. Existe-dizem-o grande pe-rigo de, ao se afirmar a homossexualidade, cair-se num esquema de normatiza-ção, modelização, padroni-zação que apenas reforça-ria as tão famigeradas ca-tegorias sexuais de nossa sociedade. A preocupação é pertinente e justa e real-mente necessário estar sem-pre alerta. No entanto, a maneira como vem sendo co-locado o problema, que exi-ge uma discussão mais pro-funda da que se faz no mo-mento, parece estar levan-do à negação da homosse-xualidade, ou melhor, à ne-gação da condição homosse-xual.

Nós, do grupo de ação lésbico-feminista, sempre criticamos o caráter re-formista, meramente rei-vindicativo, que o movi-mento homossexual toma em

alguns países, inclusive no Brasil. Para nós, mulhe-res lésbicas, não é inter-essante lutar tão somen-te pelos mesmos direitos das mulheres heterosse-xuais, já que as mulheres de uma maneira geral não têm privilégios para divi-dir entre si. Nosso obje-tivo maior é a transforma-ção desta sociedade, pelo fim da dominação de todas as mulheres, pelo fim d a opressão dos papéis se-xuais, por um verdadeiro respeito a individualida-de de cada um. Almejamos um futuro sem padrões e nenhuma espécie, onde to-das as pessoas tenham ace-ssos a livre expressão d e suas sexualidades. No en-tanto, reconhecendo estar esse futuro esperado ain-da bastante distante d e nossas mãos, procuramos tentar concretizá-lo pas-so a passo não fazendo in-terpretações ideais da rea-lidade. Nós que trabalha-mos com nossa realidade

objetiva, com a realidade obje-tiva das mulheres lésbicas que nos procuram por certa ou pessoalmente, sabemos que a nível do cotidiano, do dia a dia, a homossexualidade exis-te sim, assim como a heterossexualidade. A heterossexua-lidade é hoje o padrão de con-duta sexual tido como "nor-mal e obrigatório", diante do qual as outras formas de s e xualidade são consideradas desviantes e por tal relega-das a total marginalização. A heterossexualidade, não a he-terossexualidade em si, ou se-ja, não necessariamente as re-lações heterossexuais, mas a heterossexualidade enquanto instituição, é um instrumento de opressão das pessoas, e m especial das mulheres, cuja fi-nalidade é manter intata a s estruturas repressivas do sis-tema patriarcal. Por estas ra-zões, considerando que ainda vivemos numa sociedade sexis-ta, cujo padrão de comporta-mento tido como "correto" é o heterossexual, achamos preme-tura uma visão generalizante da sexualidade, pois ela p o-de se inclinar para a anula-

ção das diferenças do presente contexto social.

Concluindo, acreditamos que, se por um lado, ao afirmarmos a homossexualidade, corremos o risco de normatizá-la, por outro, ao negarmos a homossexualidade, corremos o risco igual ou maior de diluir uma importante luta contra um preconceito que atinge inúmeras pessoas em todas as partes do mundo. A condição homossexual, transitória ou permanente, também determina a vida que levamos, as pressões que sofremos e o lugar que ocupamos na sociedade. Negar estes fatos e suas implicações significa fechar os olhos a própria realidade.

NOTAS

1. Papéis sexuais

Padrões de comportamento tidos como "naturais", chamados de masculino e feminino, que são impostos às pessoas desde a infância através da família, escola e demais instituições da sociedade

2. Sistema patriarcal

Sistema de dominação do homem sobre a mulher existente na maioria dos países e das civilizações do mundo

Richetti é o sobrenome do delegado da seccional de Polícia da Zona Centro que tornou-se famoso, durante o ano de 1980, pela chamada "operação limpeza responsável por inúmeras prisões ilegais de homossexuais, prostitutas, travestis, etc...

Miriam



FAZENDO POESIA

TARDE E ESTRELA

És linda
como anpitacendo
as estrelas pintam
(brilho coexistindo
com o resíduo
da abóbada clara)
Brilho,
e a celeste alvura
em instantes turquesa escuro
(até que cada enfim
ao negrume da noite)
És linda
nesse momento raro
de tarde e estrela,
(pois se noite alguma
foste comigo prá cama,
em fins de tarde já me beijaste,
luzindo estrelas
d'alva esperança acesas.



VANGE

CRIME PERFEITO

Quando vejo seus olhos de senha,
quando beijo sua boca ilícita,
um gosto de sangue me excita
a garganta calada:- Venha!
O corpo a gente esconde debaixo dos olhos do mundo.
As pistas a gente encobre num sorriso profundo.
O alibi, sendo nós, é um crime perfeito,
o que torna ainda mais, um pouco mais,
tão bonito sermos cúmplices

MÍRIAM

...não havia nada adizer a você naquela tarde de abril a não ser que este amor cada vez mais se tornou toda a verdade não importa pra mim que foi difícil enfrentar a fúria dos fascistas porque pra mim o que importa é minha nudez apaziguada na tua nudez minha amada mulher amada por mim que cada vez mais que como num espelho vejo a mim a ti refletidas na paixão e na grande alegria que é tocar seus seios enquanto você toca os meus querida naquele apartamento onde trocamos as primeiras carícias perto da insana alegria de amar enquanto ondas de mar e paixão revolviam-nos e não acreditava naquele suor divino que exalava de nossos corpos cheios de amor numa ânsia de te conhecer mais do que a mim naquele momento de uma entrega exarcebada ainda tremo de saudades e paixão e cada vez mais quero conhecer a alegria de ser lésbica com você como num sonho adolescente onde duas mulheres adultas tocavam-se os pés por debaixo da mesa de jantar como se faíscas elétricas cortassem o ar e volvessem os ventos cada vez mais ser a tua companheira mesmo que os mares se separem amada pra enfrentar a minha como dizem imoralidade os pulhas ainda seremos nuas duas mulheres na praia a uivar como lobas de prazer...

REGINA

A Queda para o Alto

Herzer

tra ela. Sem ambiente em casa, passa a beber muito e é internada, primeiramente, na CTE (Comunidade Terapêutica Infantil), onde experimenta os comprimidos Optalidon e neles se vicia e, posteriormente, no Instituto Eldorado de Repouso. O efeito das internações foi nulo. A vontade de beber não podia ser eliminada pois o que a fazia beber continuava existindo, isto é, a incompreensão dos pais, a falta de carinho, o fato de se sentir estranha em casa. Mesmo com estes novos pais, Sandra estava abandonada, tanto que eles, para se livrarem de uma vez por todas dela, mandam-na para a Febem, re-

sidência menores.

"Quando a perua saiu de frente de minha casa, aquilo tudo me deu um gosto amargo na boca. Minha mãe chorava... para que fingir, se todos dizem querer livrar-se de mim, como se eu fosse um objeto qualquer".

O relato sobre a Febem talvez seja uma das poucas coisas reais, verdadeiras que já foi escrita sobre o assunto, do ângulo do oprimido. Logo na Unidade de Recepção da Vila Maria, Sandra encontra uma amostra da "importância" que a sociedade dá para as crianças em geral e, principalmente, para as mais pobres. Menores infratores, menores deficientes, menores recolhidos tarde da noite, formam o contingente dos "frequentadores" da Febem onde todos são tratados democraticamente, sem distinção alguma, podendo dormir no cimento e apanhar a vontade. Assim Sandra encontrou a maioria das meninas: na recepção, sentadas e deitadas

no chão de cimento, nos quartos e refeitórios dormindo em colchões urina-dos e tomando café com leite quase sempre fervidos. No banheiro havia vazamento, papéis higiênicos e "modess" sujos, além das fezes no chuveiro. Os cursos eram tão "bons" que ninguém conseguia aprender nada, com os professores, em sua grande maioria sendo cúmplices dos funcionários espantados. Mas é, na Febem, que Sandra descobre que é lesbica... "estava sentada no pátio quando meus olhos se depararam com o ato amoroso de duas meninas que se beijavam e se abraçavam carinhosamente, até que... aquilo me cativou muito... para mim, pelo meu modo de agir foi uma grande descoberta, saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria preciso ser um". É na primeira fuga que junto com Vera, no Horto Florestal, ela tem seu primeiro relacionamento sexual e é para reencontrar um grande amor que ela retorna a Unidade da Vila Maria, ^{pois a 2ª vez} já que a vida lá fora lhe apresentava ainda menos perspectivas de afeto do que as que já conhecia. É a partir da volta de sua primeira fuga que ganha o apelido de Bigode (machão autêntico que tinha mais pelos no corpo do que a maioria das meninas), sendo sua aparência uma das causas pela qual vai ser mais perseguida pelos funcionários e pelo Diretor que costumava chamá-la de "machão sem bofes". O diretor da Unidade rouba o seu livro de Poesias e diz que

A queda para o alto é um livro denúncia contra os autoritarismos de algumas de nossas instituições representadas nele pela família de Sandra, a Febem e uma delegacia de polícia, tudo isto com a complicitade da grande maioria, já que a omissão ^{quase} sempre significa compactuar como poder dominante que oprime crianças, jovens e velhos. Lendo o livro, a gente vai conhecendo Sandra Mara Herzer, apelido "Bigode", nascida em Rolândia, PA, a 10 de agosto de 1962, que com a morte dos pais (o pai morre assassinado e a mãe, prostituta, morre numa operação) é adotada por tíos que moravam na mesma cidade. Sua convivência com os pais adotivos foi marcada pela hostilidade: Sandra não se calou diante de alguns "pequenos conflitos familiares" como uma tentativa de estupro por parte do padrasto e a infidelidade da mãe, o que provocou o ódio dos mesmos con-

vai publicá-lo em nome da Febem. Sandra com ginásio precário, feito naquela instituição, faz da palavra escrita um instrumento de denúncia e protesto. Espancimentos diários, paredão, marchas de três dias andar nua de joelhos sobre milhos, feijões, pedras e areia durante aproximadamente 3 horas, trancar menores num quartinho sem poderem sequer ir ao banheiro durante vários dias ou enviá-los ao Sanatório são fatos vividos direta ou indiretamente por Sandra Mara - Bigode.

Sandra refere-se a si mesma no masculino durante todo o livro. Na minha opinião, Sandra identificava-se inteiramente com a figura masculina, com os valores masculinos: houve época em que tinha várias mulheres e uma constante, a qual subentende-se que amava, obtendo assim o apelido de Galo (prova de masculinidade?). As vezes, supervalorizava o corpo das mulheres, ironizando uma menina da Febem que não estava dentro do seu (só seu?) padrão estético (mulher padrão, objeto sexual?). Percebe-se uma assimilação interna e externa de valores machistas embora se vestir como homem possa não significar necessariamente a reprodução destes mesmos valores nem o seu não questionamento. Parece-me que Sandra (só Sandra?), educada e acostumada com apenas nas dois modelos, o de mulher chamado de feminino, caracterizado como passivo, fraco, submisso, sentimental etc. e o do homem chamado de masculino caracterizado como forte, ativo, dinâmico, frio, etc. optou pelo menos "ruim" deles. Talvez pensasse que para ser lésbica teria que optar: ou ser o "homem" e seguir seu "consequente modelo" ou ser a "mulher" e seguir o outro também "consequente modelo". Talvez não tivesse tido a chance de per-

ceber que podemos ser mulheres dinâmicas, forte e sentimentais, enfim, podemos ter em nós características várias. Sandra criticou a mentalidade dos "machos" da Febem, na figura do seu diretor e dos funcionários, mas não teve tempo nem condições de se questionar mais. É preciso tentar eliminar as atitudes machistas que há em cada uma de nós, assumindo as nossas contradições na perspectiva de superá-las, criando novas formas de relacionamento. Talvez não saibamos exatamente quais as maneiras novas de existir, mas podemos tentar construí-las baseadas no que não nos serve mais, como, por exemplo, os rígidos padrões de comportamento dos modelos feminino e masculino.

Parece-me inviável a hipótese de que Sandra se assumiu como Bigode por causa de um namorado que morreu num acidente e que passou a viver através dela, hipótese essa, colocada pelo Deputado Suplicy e por Lia Junqueira, presidente do Movimento em Defesa do Menor. Nesse livro autobiográfico, que Sandra diz ser sincero, verdadeiro, sem omissão de fatos desagradáveis, ela nada fala sobre a existência deste namorado. Lia Junqueira que me perdoe, mas, dizer que Sandra se matou porque em algum momento Bigode se ausentou e Sandra se sentiu desarmada, é reforçar a idéia ruim que se tem da mulher, a qual, no caso, sem o escudo masculino, se mata. É também, no mínimo muita falta de percepção da problemática mais complexa que envolvia Sandra Mara Herzer - Bigode.

A Queda Para o Alto está na sua segunda edição. São páginas que propiciam muita reflexão e conhecimento da realidade a nossa volta. Na segunda parte do livro há 46 poesias da autora. Para fina-

lizer, parece-me que Sandra percebeu que ninguém vai para a Febem porque quer, ninguém rouba ou mata porque está em sua "indole". A questão é social: tem gente que não tem onde morar, nem carinho, amor, afeto ou emprego. "Estava na hora de abrir os pulmões e gritar nossa saudade, nossa revolta e nossa opinião a respeito daqueles homens que nos governavam e que nos obrigavam a baixar a cabeça, sempre caladas como pessoas que não tinham vontade própria; simplesmente por sermos abandonadas e súditas de uma marginalidade que nos era imposta diariamente... Neste mundo aqui fora, as pessoas se iludem tanto que se tornam incapazes de reparar, de apurar o ouvido e ouvir um de nossos minúsculos gemidos". A omissão contra os autoritarismos é o que propicia a morte da criatividade, da liberdade, a morte de tudo o que poderia dar condições para a existência de um mundo onde não houvesse Febem, onde não houvesse miséria material, afetiva e sexual, onde não houvesse tanta falta de amor.

ROSELY

GALF, GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA

REFLEXÃO E ATUAÇÃO SOBRE FEMINISMO E LESBIANISMO

REUNIÕES AOS SÁBADOS, ÀS 18:00, NA RUA AURORA, 736, APTO 10, 1º ANDAR.



associação das donas de casa discute lesbianismo, aborto e ...

Entrevista
com a Cida Kopcak da
Associação das donas-de-casa.

GALF. Cida, quando surgiu a Associação das donas-de-casa?

Cida: A Associação surgiu em 63. Tem 20 anos de existência. Ela nasceu em Santo André, por parte da Igreja, mas só que a gente tirou da Igreja.

GALF. Como funciona a Associação das donas-de-casa?

Cida: Cada bairro tem uma equipe. Temos equipes na Zona Leste Mauá e Santo André. As pessoas se reúnem nas casas mesmo. Cada equipe se reúne uma vez ao mês e elas discutem os problemas da associação do bairro, os problemas delas e os gerais. Depois é feita uma reunião geral com todas as coordenadoras das equipes e tem reuniões da diretoria que é composta por uma presidente, vice-presidente, tesoureira, secretária e expansão. Expansão é uma pessoa que tem por obrigação juntar um pessoal que esteja afins de abrir novas equipes e dar uma assessoria durante 3 a 4 meses, até que o pessoal possa caminhar sozinho. A diretoria é eleita em cada 2 anos e a eleição é feita através de uma assembleia. Quanto ao boletim, tínhamos antigamente um mensal, só da Associação. Nós elaboramos 2 caderninhos: um foi feito junto com a Associação das Mulheres, era em forma de histórias em quadrinhos, o outro, o último caderno tinha o histórico da Associação das donas-de-casa, o que é a Associação e algumas dicas de como fazer as primeiras reuniões das equipes. As nossas primeiras reuniões são de reflexão, por ex., discute-se frígidez, o problema da educação dos filhos, como organizar o trabalho na associação de bairros e como dar umas dicas de como deixar o outro falar, não monopolizar as reuniões, só dicas porque daí é a coordena-

nadora da equipe que vai desenvolver o trabalho. Temos aproximadamente 500 associadas. A participação das mulheres é bem ativa, principalmente em Santo André.

GALF. O trabalho da Associação para fora é a nível mais reivindicativo?

Cida: É reivindicativo mesmo. Internamente é mais de formação, com três níveis: o 1º é a amizade, é através dela que se forma o grupo, o 2º é o da formação do grupo e o 3º é o da ação.

GALF. Alguma coisa nova para 83?

Cida: Nos estamos com ideia de fazer um curso profissionalizante de controle de qualidade.

GALF. São duas Associações das donas-de-casa?

Cida: Existe uma outra Associação, que é do pessoal da burguesia, da Marlene Carmo. Gostam de fazer pão em casa, ela acha que dá pra resolver o problema do pão e do leite que estão muito caros, fazendo-os em casa. A gente não, a nossa associação é mais reivindicativa, dá informação para a mulher. Em vez de fazer pão em casa nós queremos que o pão abaixe.

GALF. A Associação das donas-de-casa tem um caráter feminista?

Cida: Sim, apesar que o pessoal acha que a Associação das donas-de-casa não é feminista. Para mim é mais feminista que qualquer outra entidade feminista. O nosso trabalho é com as mulheres donas de casa, que se que ninguém fez até agora. É um trabalho onde você valoriza o trabalho doméstico e faz com que a mulher vá percebendo como ela é explorada. Num sistema capitalista, por exemplo, é o serviço da dona de casa que quase segura a barra de todo mundo, todos precisam de alguém para fazer este serviço e este não é pago ainda. E a gente ao discutir estas coisas, começa a ver como é importante também o marido participar do trabalho doméstico, os filhos, não só as meninas, como os meninos tam-

bém. Com os filhos há este problema, o pessoal diz:

- Enquanto a menina vai lavar a louça, o menino vai brincar. A educação diferenciada é um dos problemas muito sérios. Nestes 20 anos de existência da Associação das donas-de-casa as mulheres mudaram em termos de bairro. A mulher vai tomando consciência e mudando a consciência do marido também. Há mulheres que estão à beira da separação porque já não aguentam mais. Só que muitas aguentam o marido porque não têm uma profissão, uma forma de ganhar dinheiro para se sustentar.

GALF. E a relação da Associação das donas-de-casa com o movimento feminista?

Cida: Antes o pessoal não aceitava porque as ideias feministas eram desconhecidas, deturpadas pela televisão; tínhamos mais informações dos grupos do exterior, do pessoal que estava na França, Itália. Então o pessoal tinha muito medo, achava que ser feminista era querer ser homem ou tomar o lugar do homem. No 1º número do jornal Nós Mulheres, a Raquel procurou a gente, o pessoal gelou a Raquel. Com o tempo o pessoal jovem foi gostando das ideias das feministas, e o pessoal velho foi se afastando.

GALF. Você se define como feminista?

Cida: Eu me defino como feminista. O pessoal da Associação das donas-de-casa também é feminista, mas não diz. O problema é a palavra. Elas se definem



GALF. A omissão da violência sobre as lésbicas parece muito grave, demonstra uma certa vontade de agradar os homens, medo de serem confundidas com lésbicas, vontade de agradar o pai, um montão de coisas esquisitas!

Cida : É que mesmo no Homossexualismo, no Ferro's bar, você vê mulheres vestidas de homens, que oprimem a outra mulher.

GALF. Mas você pode não se vestir de homem e oprimir a outra mulher e se vestir como homem e não oprimir, não da para generalizar.

Cida : É, também! Tem pessoas que não vêm que têm lésbicas no movimento que têm uma outra cabeça, que estão combatendo a opressão entre as homossexuais.

GALF. Algumas mulheres imitam o papel masculino; e que desde criança elas só tem dois valores, como todas nós; o Homem e isto é a Mulher e aquilo, e não sabem que outro tipo de relação poderiam manter com uma mulher, a não ser este, de reproduzir os papéis de masculino (padrão de ativo, por exemplo) e de feminino (padrão de passivo, por exemplo). As que assumem o papel masculino acham que ganham mais valor assumindo o papel do homem, porque o homem é quem tem valor na nossa sociedade. A aparência física não necessariamente tem a ver com a reprodução de papéis.

Cida : Se você começa a se

lembrar, a gente tem mais identificação com uma mulher do que com um companheiro, alguém que a gente é mais confiante. É que as pessoas são podadas e não desenvolvem este sentimento.

GALF. A gente é quase obrigada a casar.

Cida : A ter um padrão :

GALF. É que mexer com a heterossexualidade compulsória (somos educados-obrigados pela escola-família e outras instituições a termos relações íntimas com somente o sexo oposto, isto é considerado normal) é começar a mexer com toda a estrutura do sistema patriarcal. Uma discussão seria do lesbianismo leva a um maior questionamento da sociedade patriarcal. Ainda há receio em se falar patriarcal, fala-se machista, porque é uma palavra mais abstrata.

Cida : Se você se liberar sexualmente, você vai liberar praticamente a sua cabeça. Se você se liberar dos preconceitos sexuais, a sua cabeça estará mais aberta para entender um montão de coisas, daí é muito perigoso para o governo estas coisas. Os homossexuais ficam ali, as feministas aqui, para o governo é muito melhor a separação.

GALF. Vocês já discutiram lesbianismo nos bairros ?

Cida : A partir do 2º Congresso, quando o Grupo de Ação Lesbico-Feminista (GALF) começou a participar, a gente discutiu lesbianismo nos bairros. Às vezes a ideia que o

pessoal tem das lésbicas é que vão agarrar as outras mulheres. Mas o jeito é através do papo com as feministas. O problema é que as lideranças não deixam as pessoas conhecerem as outras pessoas.

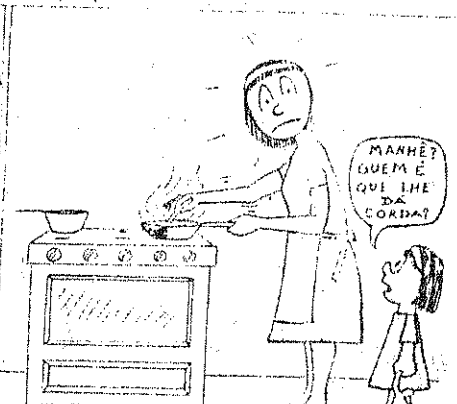
GALF. Qual a razão que você vê da bargagem feita pelas lideranças quanto a certos assuntos, in formações?

Cida : Eu vejo o sistema de propaganda, os meios de comunicação que fazem as cabeças das pessoas.

GALF. Como você vê o feminismo hoje no Brasil?

Cida : Para mim feminismo é movimento de mulheres é a mesma coisa. Acho que hoje as mulheres deram um grande avanço em termos de libertação da mulher, mas ainda falta muita coisa. Acho que o pessoal de bairro avançou muito mais em termos de feminismo do que as próprias feministas da cidade. Elas começam a perceber as coisas em cima do dia a dia delas. Percebem que o trabalho delas é usado para a Economia do país, porque o homem não divide as coisas de casa, se ele trabalha fora, ela trabalha dentro, está tão cansada como ele, às vezes muito mais, porque ela não tem hora de trabalho, não tem férias. A gente quando começa a refletir sobre relacionamento sexual, a maioria nunca tinha

MARIA LONGAS, OLÍVIAS E MARIAZINHA



como mulheres que lutam pelos problemas das mulheres, para mim isto é feminismo. Acho que o pessoal da Associação das donas-de-casa é mais feminista do que muitas por aí que obedecem o marido e outras que são machistas em casa, enquanto na Associação é um trabalho lento, mas verdadeiro, em que a mulher muda a estrutura da casa, a educação com os filhos.

GALF. O problema é que a palavra feminista tem um cunho muito pejorativo, as pessoas parecem que associam feminista com lesbica. O que é uma coisa engraçada porque as lesbicas em geral tem uma visão muito ruim das feministas. Uma vez eu estava falando com uma garota do grupo (quem frequenta o GALF e um conjunto muito heterogêneo, tem gente de várias classes sociais, o preconceito as vezes consegue cortar até as barreiras de classe) que trabalha na cozinha de um hospital, eu falava de feminismo com ela e daí eu perguntei: Você sabe o que é feminista? Ela disse: Ah! Feminista não é a mulher que quer imitar o homem? Isto mostra que também para as lesbicas a palavra não tem uma conotação positiva, muito pelo contrário, outras a chamam que feminista é aquela que sai queimando soutien na rua, tipo aquela imagem do início do feminismo americano. Acho que devemos romper lentamente com esta carga negativa sobre o feminismo.

Cida: No 2º Congresso quando o GALF entrou, o pessoal ficou "assim"... acho que quando a gente acredita naquilo, é na prática que o pessoal vai gostar de você, se você é coerente com aquilo que diz. O pessoal da cidade acha que o pessoal da periferia não aceitaria se uma lesbica fosse falar na periferia, e daí há a liderança que guarda o povo deste debate e você sabe que tem homossexualismo na favela. Tem gente que fala em nome do povo e não sabe o que o povo pensa.

GALF. Algumas mulheres da cidade nos dizem que as mulheres da periferia tem muito preconceito com as lesbicas, não nos aceitam. Nos tivemos

pouco contato com o pessoal de bairro, com exceção de um debate que participamos em São Miguel. Não sabemos se este preconceito é real ou se é um problema das pessoas daqui da cidade que acham isto. Você acha que existe preconceito na periferia sobre a mulher lesbica? Como você vê isto?

Cida: Eu acho que o amor deve ser livre, independente do sexo. O problema é você gostar da pessoa. Eu também sou contra as mulheres homossexuais que são machistas, pior que o homem. Se você gosta de alguém do mesmo sexo, por que não amar? Em Santo André a gente falou sobre isto. Uma mulher chegou e me disse que perto do barraco dela havia duas mulheres que se transavam: "Acho tão legal, só que gostaria de perguntar uma coisa, por que elas não fazem barulho quando trepam?" Aí eu falei: Ué, aí depende muito do casal, pode ser que tem muita gente no quarto, medo da repressão ou porque elas podem ser naturalmente silenciosas. O pessoal está falando. Tenho a impressão que o povo prefere você sincera, autêntica, do que você fingir uma coisa que você não é. Tem gente que diz que é contra, mas pratica de vez em quando, é muita contradição. Eu acho que o povo quer a verdade, quer que você seja coerente com o que você diz.

GALF. A gente percebe que muitas feministas falam de vários tipos de discriminação: da mulher gorda, da miopa, mas da lesbica normalmente se omite. Acabou virando a nossa "especialidade" falar da mulher homossexual, o que nos não queremos que seja uma especialidade nossa. As feministas em geral deveriam assumir a existência do preconceito e da discriminação sobre as lesbicas e lutar contra. A gente não acha que quando uma mulher é oprimida, só os grupos de mulheres devem denunciar e fazer algo em cima, deveria haver uma consciência maior. E fica estagnado, de repente tudo que se refere ao homossexualismo fica só com a gente do GALF, ninguém mais assume,

é uma coisa muito esquisita. Por exemplo: a Sandra Mara se suicidou em 9/8/82 e nenhum grupo que se diz feminista, a não ser nos e o SOMOS (grupo homossexual de São Paulo) fomos as únicas entidades que nos pronunciamos, denunciando algumas das circunstâncias que a levaram ao suicídio: menor abandonada, homossexual assumida, entre outras.

Cida: As feministas, aí é que está. Há um grupo de mulheres que se assumem feministas e que no meu modo de ver não são. Elas falam em nome de um monte de "mulherada" mas na realidade não representam estas mulheres. Elas dizem que não podem falar sobre lesbianismo porque o pessoal do bairro não aceita isto. Mas estas feministas que são contra, que não põem isto no programa, elas praticam entre elas. Mas daí elas falam: se eu puser isto, como é que fica para a Associação das donas-de-casa, o que é que elas vão pensar, por exemplo, do Brasil Mulher se elas levantarem esta bandeira, do SOS Mulher se elas levantarem esta bandeira, do Centro da Mulher. Você sente que elas falam em nome de mulheres que elas nem sabem quem são. Eu debato sempre na Associação o seguinte: se você gosta de uma mulher, por que você não pode transar com ela, meu Deus do céu! O que que te impede? É este espaço que você tem que conseguir. Buscar um verdadeiro amor. O que não impede também, se numa época você gostar de mulher, depois você pode gostar de um homem.

GALF. É que há uma diferença, a nossa sociedade é heterossexual, existe a heterossexualidade compulsória.

Cida: É isto que tem que acabar.

tido prazer na vida, algumas ficam felizes da vida quando menstruam porque daí não precisariam trepar. Quando a mulher começa a descobrir o prazer, que ela é dona de seu próprio corpo, que o que ela faz como dona-de-casa é realmente um trabalho, ela começa a mudar a cabeça. Quando a mulher começa a perceber como ela e o seu trabalho são importantes, ela vai se igualando nos deveres com o marido e vai questionando o marido, aí começa a verdadeira valorização da mulher.

GALF. Parece que 60% da população feminina ativa e de donas-de-casa. O trabalho da Associação das donas-de-casa é muito importante para conscientizar a mulher, porque é ela que vai passar todos os valores para os filhos. A gente no GALF está discutindo educação diferenciada, por exemplo, a escola e a família apresentam os valores ditos masculinos como positivos, o homem é forte, ativo, dinâmico; a mulher é passiva, submissa, chorona. Então nós achamos que deveríamos fazer algum tipo de pressão para tentar mudar isto nos livros didáticos. O que você acha disto?

Cida : Acho uma boa. A gente já começou a discutir isto no S.O.F. (Serviço de Orientação para a Família). Acho que realmente é muito importante. Precisamos fazer alguma coisa juntas com a população, participar da Associação de Pais e Mestres, Sindicatos, Secretaria da educação. Pressionar !

GALF. E a questão da legalização do aborto? Vocês discutem?

Cida : O pessoal pensa que se legalizar o aborto daí todo mundo vai fazer e não é isto que a gente quer com a legalização. A gente quer que quando alguém fique grávida e não queira ou não tenha condições de ter o filho que ela possa fazer o aborto com um médico, tudo legal, assistência psicológica. Nós discutimos o aborto. O pessoal aceita numa boa, porque as mulheres do bairro fazem, só que fazem em parteira, em casa.

GALF. No 2º Congresso da Mulher Paulista - 1980, quando a gente participou, num grupo tinha uma mulher que dizia: "Primeiro, o que que vocês lesbi-cas tem a ver com a questão do aborto e segundo, que a questão do aborto é um problema da mulher burguesa." Como é que você vê isto?

Cida : É esta idéia que o pessoal da Associação das donas-de-casa tinha. Quando a gente começou a levar esta discussão ficou claro que grande parte das mulheres faziam aborto, só que em casa, com agulha de tricô, tomando chá e outras pagando alguém para tirar. A partir daí percebeu-se que se as mulheres tivessem direitos para fazê-los, melhores condições, seria melhor. A partir dessas discussões foi ficando claro que a legalização do aborto não é ter os filhos quando quiser e tirar os filhos. O problema é a idéia errada que fazem. Uma vez na PUC, no Congresso de Comunicações, em Novembro, eu participei da mesa "As mulheres da classe subalterna" e discuti muito com uma freira. Ela começou a falar que fazer aborto é matar uma vida, porque Deus não quer, etc e tal. Eu disse que eu vim da Igreja, sou católica, mas discordo de muitos pontos da Igreja, por exemplo: a Igreja é contra que você tome pílula, mas não ensina outro método, e quando a pessoa fica grávida, diz : - "Deus quis assim." Mas na hora de dar de comer para os filhos, a Igreja não dá nada. O pessoal da Igreja até pouco tempo ia pelo método do muco da vagina : quando está perto da menstruação o muco vem grosso. A gente começou a discutir: - "Como é que o pessoal da periferia vai saber o dia que está perto da menstruação através do muco, se ela tem corrimento constante?" Tanto é que fizemos uma experiência no bairro, de 10 mulheres, 8 ficaram grávidas, as outras 2 não ficaram, acho que por obra do "Espírito Santo".

GALF. A questão mais difícil de ser colocada nos bairros é a do aborto ou

da homossexualidade?

Cida : A do aborto, por causa do problema do preconceito, os valores da Igreja, realmente a barreira é pior.

GALF. Você acha que há condições neste momento para o movimento de mulheres fazer uma campanha pela legalização do aborto?

Cida : Eu não sei se ainda é o momento. Tanto é que no 2º Congresso, eu e a Enaida, nós barramos muito o problema do aborto, porque ia assustar as mulheres. Primeiro é preciso discutir o que é a legalização do aborto, o que é o aborto, o que a gente quer, para depois fazer uma campanha pelo aborto. O problema está aí, o pessoal da cidade levanta uma bandeira e quer que todo mundo assuma e o pessoal dos bairros não sabe nem o que é isso, e como há muita gente ligada à Igreja, há uma barreira. É igual a bandeira da Constituinte livre e soberana, o pessoal do bairro sabe o que é isto? Pode ser até bom mas se o pessoal nunca discutiu, como é que vai levantar a bandeira? É questão de discutir. O povo aceita desde que eles entendam do que se trata. Há espaço para discussão, para se tirar o preconceito da cabeça.

GALF. Então daria para levar pelo menos a nível de discussão e colocar como uma reivindicação a questão do aborto?

Cida : Poderia.

GALF. E qual a relação da Associação das donas-de-casa com os partidos políticos?

Cida : A gente nunca participou de Partido. Nós nunca aceitamos. A gente quer autonomia para poder falar livremente sem receber ordens de cima.

GALF . E o apoio à Irede?

Cida : Hesitei muito. Meu compromisso com ela é individual, não foi a Associação que apoiou a Irede. A associação das donas-de-casa tirou não apoiar partido nenhum.

GALF . Cida, sobre autonomia... Como pensar em autonomia se por exemplo, todas ou quase todas as pessoas de um grupo estão em partidos e dizem que o grupo é autônomo?

Cida : A feminista pode ser feminista dentro do partido.

GALF . Mas o partido tem uma estrutura hierárquica, de divisão do trabalho : os que pensam e os que fazem, enfim, uma estrutura masculina, onde no socialismo, os homens pobres e de classe média substituem a burguesia no poder. Você acha que o socialismo que a gente vê por aí, como na Rússia e Cuba, por exemplo, liberta a mulher?

Cida : Não liberta se a mulher não se libertar. Não adianta você mudar o sistema, se as mulheres não vão se libertar. É a mesma coisa com a classe operária, não adianta esta classe tomar o poder, se os operários não mudarem a cabeça deles.

GALF . Se as mulheres que estão nos partidos, por exemplo, no PT, não fossem grupos autônomos, seria melhor para um movimento que se pretende autônomo. É melhor que ficar fortalecendo os partidos, que são estruturas hierárquicas, masculinas, que visam o socialismo. Acho que dá para acreditar numa organização alternativa aos partidos. A multiplicação e o fortalecimento dos grupos autônomos de negros, mulheres, homossexuais, ecologistas e outros pode fazer surgir uma nova espécie de organização, que através da ação comum desses grupos (unidade da diversidade) pode criar um novo tipo de sociedade, autogestionária, porque o socialismo até hoje criou outras estruturas de poder, com divisões de classe.

Cida : É o que eu sempre falo, não adianta colocar os operários no poder, se eles não mudarem as suas cabeças machistas, e se eles vão reproduzir de forma um pouco diferente o que os outros estão reproduzindo. Por isso é que eu acredito na mulher, porque quando começam a lutar, mudam interiormente no dia a dia. A mudança tem que ser interior também !

GALF . Na sua opinião, qual o papel do trabalho doméstico no nosso sistema?

Cida : O trabalho doméstico é essencial para a Economia do país. Se a dona-de-casa começa a ver estas coisas, como ela tem importância na Economia... O patrão paga o salário mínimo para o marido, porque tem alguém que trabalha de graça. No 1º Congresso da Mulher Paulista as mulheres chegaram a conclusão que elas queriam trabalhar, então o 1º passo é lutar por creches, construir creches gratuitas para ter onde deixar os filhos e poder trabalhar, e ter mais tempo para participar das comunidades. O governo está sacando estas coisas e está querendo que volte a mãe crecheira (mulher que cuida das crianças das outras mulheres na própria casa). Meu sonho é ter lavanderia e restaurantes coletivos, para sobrar tempo para a mulher crescer. Tem mulher que tem máquina de lavar, aspirador e não divide com a vizinha, por ser tão apegada às coisas materiais.

GALF . Você vê a possibilidade de se voltar a ter alguma articulação entre os grupos?

Cida : Eu creio nisso. Esta articulação para mim se dá o ano todo, o pessoal da cidade pode ajudar em termos de participar dos debates nos bairros, ajudar a fazer apostilas.

GALF . Uma coisa que a gente pensou para ser uma das formas de articulação, foi um boletim, que teria formação de todos os grupos. Seria uma forma de

gente se ver pelo menos uma vez em dois meses.

Cida : Eu vejo isto aí e debates, que são muito importantes. Assim o pessoal vai perdendo este preconceito, que não é por causa deles, são as lideranças que fazem.

BINGO

DIA 26 DE MARÇO

HORA 16:00

LOCAL RUA AURORA,


736, 1º ANDAR, APTO 10

VENHA BRINGAR CONOSCO!

HAVERÁ PRÊMIOS MIL, BE-

BIDAS E MÚSICA.

ATÉ LÁ !

G A L F 

ASSINATURAS

SE VOCÊ DESEJA UMA ASSINATURA ANUAL (6 NÚMEROS) DO CHANACOMCHANA, ENVIE UM CHEQUE EM NOME DO GALF NO VALOR DE R\$700,00 E SEU NOME E ENDEREÇO (CAIXA POSTAL, BAIRRO, CIDADE, ESTADO)

COLABORE CONOSCO!

O BOLETIM CHANACOMCHANA TAMBÉM É SEU. ELE ESTÁ ABERTO A SUA OPINIÃO, SUAS CRÍTICAS, POESIAS, SUGESTÕES, CORRESPONDÊNCIA, ETC...

E S C R E V A !

COLABORADORAS DESTA Nº:

Miriam,

Rosely,

Regina,

Helena



Marisa



informes

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO PARA LÉSBICAS EM MOCAMBIQUE

O novo governo desse país africano estabeleceu "campos de reabilitação" para lésbicas por considerar o lesbianismo um produto de seu período colonial e da decadente civilização ocidental. (Nuevo Ambiente, Cidade do México)

LESBIANISMO GLOBAL

A publicação trimestral de mulheres, Connexions, dedicou seu terceiro número ao tratamento das vidas, lutas e amores das mulheres lésbicas internacionalmente. O exemplar custa três dólares e você pode encomendá-lo escrevendo para "Connexions, 4228 Telegraph Ave, Oakland, CA, 94609, EUA." (Lesbian News, Los Angeles)

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB)

O Grupo Gay da Bahia é o primeiro grupo homossexual do Brasil que conseguiu registrar-se enquanto entidade civil para combater a discriminação aos homossexuais. A oficialização vinha sendo negada sob o argumento de não haver precedente similar no país, mas, apesar de alguma demora, acabou ocorrendo o final feliz quando o juiz Gudesten Soares, da Vara de Registros Públicos da Bahia, declarou:

"-Pagas as custas, registre-se os estatutos." Parabéns ao GGB. (GGB, Caixa Postal 2552, Cep 40.000, Salvador, Bahia)

ABAIXO ASSINADO A FAVOR DE CRISÓSTOMO

Antonio Carlos Crisóstomo, ex-redator do extinto jornal Lâmpião e homossexual assumido, foi acusado de haver violentado sua filha adotiva de 4 anos. O laudo médico, no entanto, não revelou nenhum indício de danos físicos cometidos contra a menina. Mesmo assim, Crisóstomo foi preso a 4 de julho de 1981, condenado por violento atentado ao pudor a 3 anos, 10 meses e 20 dias de cadeia. Os grupos homossexuais de São Paulo, auxiliados pela conselheira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Zulaiê Cobra Ribeiro, redigiram um abaixo assinado protestando contra mais este atentado aos direitos humanos. Assinaram o documento as seguintes organizações: Grupo de Ação Lésbica-Feminista, Grupo Outra Coisa, Grupo Somos, Sindicato dos Jornalistas, Comissão de Justiça e Paz, Sindicato dos Artistas, Centro Jurídico XI de Agosto e Ordem dos Advogados do Brasil.

Na verdade, Crisóstomo foi condenado apenas por ser homossexual e o que está acontecendo com ele também pode ocorrer com qualquer um de nós, bichas ou lésbicas. Precisamos nos organizar para impedir que fatos como este continuem existindo.

ASSASSINATO DE TRAVESTIS

Sabe-se, até agora, que 3 travestis morreram, no sítio Rio-São Paulo, vítimas da aplicação de silicone industrial misturado ao laxante Nujol. O silicone in-

dustrial é usado, por exemplo, na armação de aquários de vidro por ser uma cola muito resistente à pressão da água. Imaginem este líquido no interior do corpo humano! Este produto, como o silicone comum, deveria servir para arredondar as nádegas, firmar os seios não suficientemente desenvolvidos com hormônios femininos e moldar as faces dando-lhe brilho e textura elástica. Do dia 3 ao dia 5 de fevereiro, os investigadores responsáveis pelo caso, descobriram que 40 travestis receberam aplicação de silicone industrial. Ouvidos como testemunhas, declararam ter hematomas no lugar das aplicações e que estão sentindo tonturas, dores nos olhos, nas costas e na altura dos rins, além de apresentarem deformações nas nádegas, pernas e rosto. A situação torna-se mais grave quando o mesmo inquirido revela que José Hailton de Ávila, conhecido como Michele, confessou ter feito mais de 300 aplicações de silicone industrial. A droga foi vendida aos travestis, como sendo importada, por Mário Alberto Ibanez Cerota, indiciado por homicídio culposo e que poderá ser condenado de seis a 12 anos de prisão. Enquanto isso, mais travestis continuarão morrendo ou terão que acostumar-se a viver com sérias deformações físicas. Como poderemos ajudá-los? Que assistência médica eles poderão obter se a aplicação de silicone é ilegal? Como evitar a venda do silicone industrial misturado ao laxante Nujol? Perguntas para nós todos. (Baseado artigo da Folha de SP 5.2.83)

QUINTA CONFERÊNCIA DO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO LÉSBICA INTERNACIONAL (ILIS)

O ILIS estará realizando, do dia primeiro ao dia quatro de

CARTAS

abril deste ano, sua quinta conferência que reunirá mulheres lésbicas de várias partes do mundo para discutir, entre outras coisas, o Ano Lésbico e Gay Internacional em 84, Lesbianismo e Maternidade, Lesbianismo e Trabalho, Lesbianismo e Feminismo, Identidade e Sexualidade Lésbica, etc.... Esta conferência será realizada em Paris na "Maison des Femmes" (Casa das Mulheres) e o grupo anfitrião é o MIEL (mouvement d'information et d'expression des lesbiennes - movimento de informação e expressão das lésbicas). (ILIS, PL45 00251 Helsinki 25, Finland)

FUTEBOL FEMININO

O Futebol Feminino será regulamentado até o final de março. É a promessa do CND, tanto assim que o seu presidente, general Cesar Montagna, solicitou à CBF "uma proposição objetiva que caracterize as condições essenciais à prática desse esporte". A comunicação do general justifica a necessidade de o futebol feminino ser regulamentado, tendo em vista sua evolução não só no Brasil, como em todo o mundo. A FIFA está disposta, até mesmo, a organizar um campeonato mundial na Ásia, em caráter experimental. Na França e Portugal, entre outros países, sua prática é bastante comum, inclusive com torneios internacionais. No Brasil, embora o futebol feminino sempre tenha encontrado resistência, uma espécie de preconceito que partia principalmente dos órgãos esportivos, vai, agora, acabar mesmo sendo regulamentado devido as insistentes recomendações da FIFA. (ESTADO DE SÃO PAULO fevereiro de 83)

Amigas,

É ótimo, o ChanacomChana é luz, de novo.

A iniciativa de revivê-lo é um pronto combate à caretiçice e isso, nesse momento em que no plano dos desejos todos esperamos transformações gerais, que se cuidem os mais caretas.

O ChanacomChana tá existindo e é ótimo que aconteça porque abre uma rampa para mergulhos no novo, na possibilidade de...

Uma injeção de energia boa e nova para o Boletim, para o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, e para todas as mulheres.

Marisa F., São Paulo, SP

Ao GALF, com carinho, Achamos ótimo o ChanacomChana, é por si só reflexo do pique de vocês, nossas amigas e a quem respeitamos e gostamos. É legal e proveitoso saber de um time de futebol de mulheres, bem que a coisa devia ir em frente e, quem sabe, se a moda pega vai ter muita gente que curte e os estádios poderiam ficar cheios de afoitos torcedores(as) para ver as belezas.

Grupo Gay da Bahia (GGB)



Amigas,

O boletim ChanacomChana está excelente. Pena que não posso comentá-lo pormenorizadamente porque o emprestei a uma colega de trabalho. Ela não é lésbica mas tem a mentalidade muito aberta. Seria bacanêrrimo se houvesse times de profissionais de futebol feminino, seria mais um setor de atividades a ser conseguido pelas mulheres. Menina, imagina uma copa do mundo feminina!

Um beijo carinhoso, Naná, Recife



Ôi pessoal,

Gostei muito, mas falta algo mais amigável, por exemplo, uma seção de poesias, uma troca de correspondência, enfim alguma coisa que possa movimentar mais as pessoas.

Beijão, Neide, São Paulo, SP

- Pra quem gosta de escrever e quer conhecer novas pessoas -

Terezinha Maziero, Rua Ida Boschetti, 392, casa 1, Vila Eds, São Paulo, cep 02205

Leila C. Carvalho, rua da Filosofia, Q5 C 18, Cohafuma São Luis, MA, cep 65.000

Neide Magal de Carvalho, rua 1, 30 C, Jardim Sueli, Praça 8 de dezembro, Guarulhos, cep 07.000

Naná Mendonça, Caixa Postal 483 Recife, PE, cep 50.000



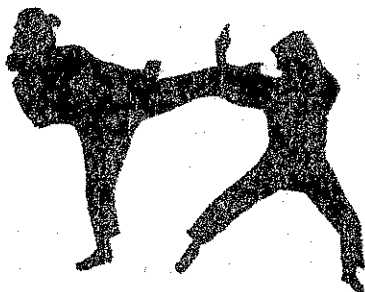
AULAS DE GINÁSTICA COM INICIAÇÃO À CAPOEIRA sábados

das 15 às 17 horas

início: 9 DE ABRIL
informações: TEREZINHA

FDNE: 202.9062

DE 2ª à 6ª das 15 às 17:30



GALF : GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO
FEMINISTA

CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01.000, SP

SEDE: RUA AURORA, 736, 1º ANDAR,

APTO 10, SÃO PAULO, SP.

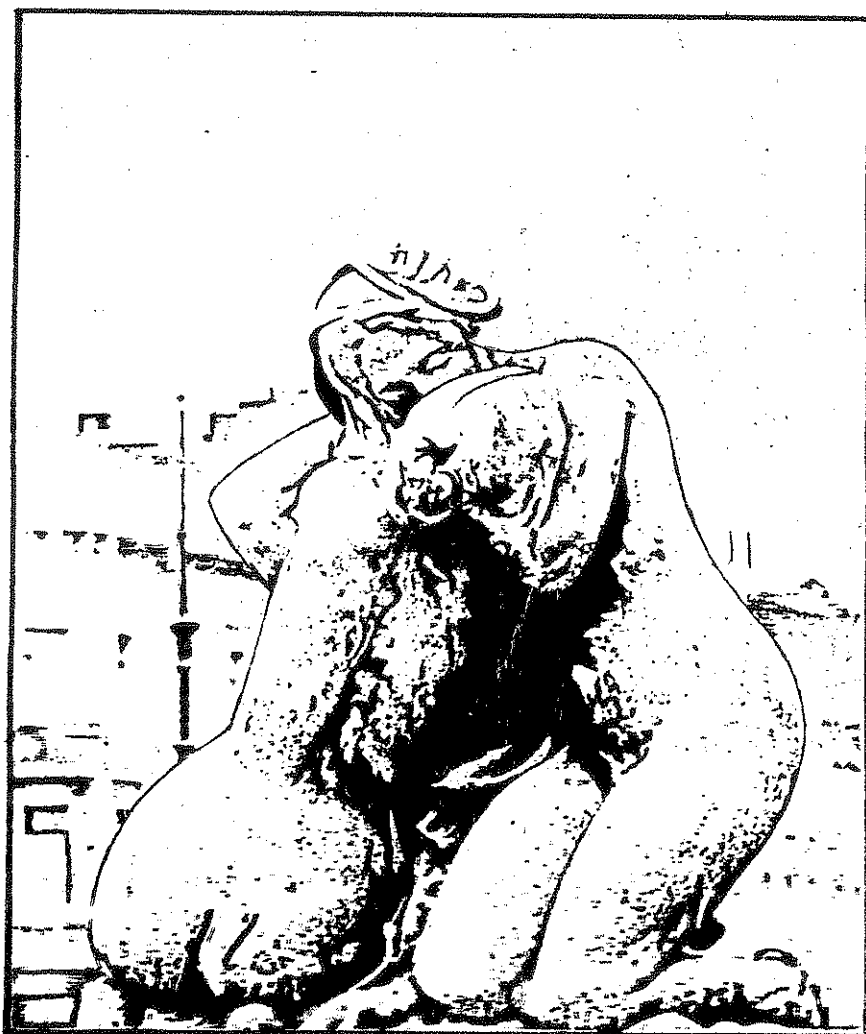


CHANACOMCHANA

GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA

3

GALF: A HISTÓRIA DE UM GRUPO DE MULHERES LÉSBICAS



edição de aniversário

BOLETIM Chanacomchana



GALF : 4 ANOS DE ATUAÇÃO

Hoje, neste mês de maio, a gente faz 4 anos. Já nos chamamos "facção lésbica-feminista" quando ainda estávamos no Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), em 1979; Grupo Lésbico-Feminista quando nos tornamos autônomas, em maio de 1980; Grupo de Atuação Lésbico-Feminista; Grupo de Ação Lésbico-Feminista e, agora, Grupo Ação Lésbica Feminista. Bom, vocês devem estar se perguntando quais as razões de tantas mudanças e, também, por que a escolha de uma denominação tão "maldita" como lésbica-feminista. A resposta é uma longa história que tentaremos resumir aqui e que faz parte da nossa história.

Vamos começar falando da palavra lésbica. Tá um nome que ainda arrepiá frechas, ladies, entendidas, sapatões, bichas, heterossexuais, feministas, etc..., mas que escolhemos com muita emoção, uma emoção política que remonta há séculos antes de Cristo e de que, inclusive, já falemos, mas que nunca é demais relembrar. A palavra lésbica deriva de Lesbos, ilha grega, onde viveu uma das maiores poetisas da Antiguidade, Safo, cuja obra sobreviveu ao tempo e a repressão da misoginia cristã, embora fragmentariamente, mas que simbolizou e, ainda simboliza, não só o amor entre mulheres, mas, também, principalmente, a revolta contra a opres-

são masculina que sempre deu às mulheres o papel de escravas e meros aparelhos de reprodução. Safo imortalizou o amor entre mulheres em poemas de extremo brilho, ultrapassando, em muito, os objetivos de preparação para o casamento propostos pelos círculos femininos onde se ensinava arte às mulheres, em sua época. De sua coragem e seu amor pelas mulheres, na ilha de Lesbos, surgiu esta palavra tão "mal-dita" que o sistema patriarcal constantemente procura deturpar. Para nós, portanto, nos autodenominarmos lésbicas representa não só uma forma de afirmação de nossa sexualidade específica, mas, muito mais que isso, significa uma postura política de recusa ao papel submisso e dependente atribuído às mulheres e uma proposta de desobediência e autonomia na busca de novas formas de ver o mundo. Através dela, identificamos nossa luta contra o preconceito e passamos a existir política, social e culturalmente, rasgando o manto da invisibilidade que tanto interessa ao sistema. Nós a utilizamos como um predicado e que podem ser acrescidos inúmeros outros adjetivos perfeitamente intercambiáveis, não estanques, e passíveis de mudança no correr do tempo e a partir das alterações que vierem a ocorrer nas estruturas da sociedade.

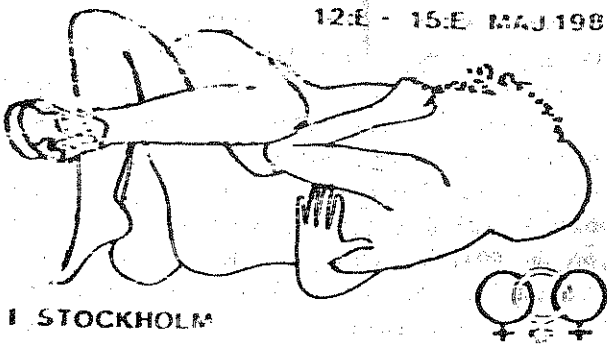
Neste ano de 1983, no nosso 4º aniversário, decidimos optar finalmente por nos chamarmos Grupo Ação Lésbica Feminista, abdicando da concordância com a palavra grupo, como ocorria com a maioria das outras denominações, e colocando tudo no feminino

para compatibilizar, com todas as coisas ditas acima a respeito da palavra lésbica e, também, com o intuito de marcar uma nova fase em nossas atuações. Evidentemente, permanecemos feministas, considerando que nos vemos como parte do Movimento de Mulheres e em sua luta contra a discriminação e em sua procura de transformar as relações pessoais bem como porque, além disso, acreditamos na ação organizada e conjunta de todas as mulheres.

O GALF, ou LF para as mais íntimas, surgiu, em 1979, como facção feminina do Grupo Somos e, desde seu início, teve como marca característica o dom de provocar muita polêmica. Nossa separação dos homens, naquela época em que se supunha poder haver uma igualdade no encaminhamento das questões das lésbicas e dos bichas, foi considerada separatista, divisionista e radical, adjetivos estes que ainda nos acompanham, agora em outras instâncias. Mas, aconteceu exatamente naquele ano, percebíamos a grande diferença entre ser uma mulher lésbica em nossa sociedade falocrática e ser um homem bicha nesta mesma instituição. A consciência de nossa opressão enquanto mulheres, em primeiro lugar, nos levou, podemos dizer que quase naturalmente, ao feminismo e o aprofundamento da análise da situação das mulheres num sistema que as nega constantemente enquanto sujeitos sociais, determinou nosso afastamento dos bichas e a aproximação com o movimento feminista onde também nos esperava outra batalha campal. Se dentro do movimento homossexual brigávamos contra o sexismo, no movimento feminista fomos começar a brigar contra o heterossexismo (briga que dura até hoje) e todas as suas implicações "reformistas". No entanto, imbuídas do maior espírito cara de pau, entramos de "sola" no IIº Congresso da Mulher Paulista, entre arrepios, chilikues e a perplexidade irritada ou divertida das feministas heterossexuais(?), colocando a então "inusitada" questão da sexualidade. Reinava um clima de grande confusão graças às tentativas de manipulação das "bases femininas" por parte de grupos pretensamente populares que ameaçavam, e ainda ameaçam, a autonomia do movimento. De pronto nos solidarizamos com as outras feministas pela independência de nossas reivindicações específicas, mas, mesmo assim, ainda parecíamos como OVNIS (objetos voadores não identificados), tanto que a jornalista Maria Carneiro de Cunha sentiu-se na obrigação de justificar nossa presença, naquele evento, através de uma longa carta para uma sua amiga pouco acostumada

ao trato com a diversidade humana. De qual quer forma, saímos de lá fortalecidas e, com bastante ufania, entramos no Iº EGHO (Encontro de Grupos Homossexuais Organizados/abril de 1980) para "estimular" a criação de novos grupos exclusivamente femininos e combater o machismo, claro que tudo isso, como sempre, no meio de muita discussão. O Iº EGHO trazia, em si, os germes do posterior racha do Grupo Somos causado, também, pela infiltração de membros da Convergência Socialista que pretendiam manipular o movimento, comprometendo a autonomia de sua especificidade. Dessa divisão, entre os bichas, surgiu o Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista que, com outros grupos homossexuais de São Paulo, criou o Movimento Homossexual Autônomo e com quem, mais tarde, passamos a dividir nossa sede. O racha entre os integrantes do Somos, em 17 de maio de 1980, coincidiu com a nossa saída deste mesmo grupo, ficando cada um de nós cada como o nosso grito de independência total. Ficamos sendo, a partir daquele momento, o Grupo Lésbico-Feminista, entidade inteiramente desvinculada de quaisquer outras organizações cujo maior objetivo era um trabalho voltado só para mulheres homossexuais. Os passos seguintes foram o Encontro de Valinhos (junho de 1980) que reuniu vários grupos feministas, onde comparecemos colocando a questão da sexualidade e da identidade feminina, e o estabelecimento de nossa primeira sede, na Vila Madalena, dividida com o grupo Brasil Mulher. Do Encontro de Valinhos, surgiu para o Movimento Feminista, em termos mais concretos, a bandeira de luta contra a violência que teria origem, posteriormente, ao grupo SOS MULHER (outubro de 1980) assim como deflagrou, para nós do GALF, um processo de crise interna que desfacelaria as estruturas do grupo nos meses que se seguiram ao Encontro. Em nossa campanha contra os modelos monogâmicos que dizíamos herdados da sociedade heterossexual machista, acabamos por tocar no ponto nevrálgico das relações interpessoais, sentimentos de posse e ciúme, que somados a um clima de disputa e competição pela direção no encaminhamento das atividades que realizávamos, terminou gerando uma enorme desconfiança entre as pessoas e, consequentemente, uma descrença quase generalizada em nosso próprio trabalho. Por imaturidade política, não soubemos tratar, com suficiente tato, a questão dos "casos abertos e fechados" - se o condicionamento da mulher é para a fidelidade e o do homem para a con-

NORDISKI FEMINARIUM
 FOR LESBISK KULTUR & LIVSGLADJE
 12.E - 15.E MAJ 1983



I STOCKHOLM

quista, será "revolucionário" apenas inver-
 ter os papéis? nem com a questão das rela-
 ções de poder (autoritarismo, omissão, monopo-
 lização da palavra, criação de mitos, dis-
 cursos carismáticos, padrões de beleza, etc.)
 que todos tecemos e de quem, ao mesmo tempo,
 somos vítimas. Esta crise determinou uma ci-
 são no grupo e o afastamento de muitas de
 suas integrantes. Algumas partiram para o gru-
 po SÓMULHER, recentemente fundado, e que des-
 de sua criação sempre havia contado com nos-
 so apoio; outras formaram o Terra Maria Op-
 ção Lésbica, uma espécie de extensão do GALF
 que não conseguiu sobreviver ao tempo.

A princípio, ficamos reduzidas numericamente,
 mas, por volta de fevereiro/março de
 1981, novas mulheres de ótimo pique aparece-
 ram, em nossas reuniões, melhorando o ânimo ge-
 ral. Apesar disso, o grupo ainda estava bas-
 tante ressentido das divisões e atritos acon-
 tecidos em 1980 e nossa atuação no IIIº Con-
 gresso da Mulher Paulista ficou marcada por
 muita insegurança e desestruturação, tendo
 como perspectiva maior somente a troca de ex-
 periências com outras mulheres sobre organi-
 zação e feminismo. Aprendemos realmente muito
 sobre "organização" neste Congresso, pois,
 passada a euforia do nosso aparecimento no
 Movimento Feminista, tivemos que nos deparar
 não só com os insultos proferidos pelas mili-
 tantes do jornal Hora do Povo, porta voz do
 proscrito MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de
 Outubro) que procurou tumultuar no que pode-
 a elaboração do evento, como também com a fal-
 ta de solidariedade das outras feministas. En-
 quanto as "Pistas" nos acusavam de imitar os
 homens no que eles têm de mais caricatural,
 de não assumirmos nossa "condição de mulhe-
 res" e de comprometermos a representatividade
 do Movimento porque éramos "sapateiros"; por
 outro lado, um dos mais conceituados e tra-
 dicionais dos grupos feministas de São Pau-
 lo ameaçava sair da organização do Congres-
 so por considerarem haver um excesso de lés-
 bicas na ocasião. Essas atitudes conservado-

res e reacionárias nos contaram que ainda es-
 távamos dentro de uma política velha e viciada
 da onde as certezas são marcadas e, portanto,
 não há espaço para a criação do novo como e
 creditamos ser a base do feminismo. Este con-
 gresso foi dividido por seções e, na Zona
 Oeste, onde ficamos, sexualidade era um te-
 ma optativo o que significava, dentro daquele
 contexto, que ele praticamente não seria
 abordado assim como não foram encaminhadas,
 pela mesa, nossas moções de repúdio contra
 as prisões arbitrárias de mulheres lésbicas
 efetuadas pelo delegado Wilson Ricchetti no
 final do ano de 1980. Mesmo assim, a despei-
 to dessas adversidades, distribuímos o pan-
 fletto "Lésbicas e Violência", onde frisáva-
 mos nossa necessidade da criação de espaços
 políticos para resistir à opressão, e tam-
 bém lançamos o jornal ChanacomChana do qual
 este boletim é uma orgulhosa continuação.

O ano de 1981 caracterizou-se, infeliz-
 mente, como um ano de desmobilização em ní-
 vel geral tanto para o movimento homossexual
 quanto para o movimento feminista. O Encon-
 tro de Grupos Homossexuais de SP, em abril,
 na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
 da USP, aprovou uma série de propostas, co-
 mo por exemplo, a criação de uma organiza-
 ção que englobasse mulheres lésbicas de di-
 versos grupos, além das independentes, mas
 nenhuma delas foi levada avante. ^{Também} As tentati-
 vas de estruturar um novo encontro das enti-
 dades feministas, como fora Valinhos em 1980,
 não frutificaram pois as divergências polí-
 tico-partidárias da maioria das integrantes
 dos ainda, naquele momento, vários grupos do
 movimento, impediam que se chegasse a um de-
 nominador comum a cerca das questões priori-
 tárias a serem colocadas em pauta.

Como dados positivos de 1981, podemos
 citar a inauguração de nossa nova sede, no
 centro de São Paulo, no dia 4 de julho de
 1981, e nossa atuação, também em julho, na
 SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso
 da Ciência), onde uma das participantes do
 grupo fez várias intervenções importantes.
 Nesta ocasião, discutiu-se muito sobre ho-
 mossexualidade e o Grupo Gay da Bahia lan-
 çou seu abaixo-assinado contra o parágrafo
 302.0 do INAMPs que rotula o homossexualis-
 mo como desvio e transtorno sexual, conse-
 guindo, inclusive, que a moção de repúdio
 contra o mesmo parágrafo fosse aprovada pe-
 la SBPC. A imprensa local registrou ample-
 mente o acontecimento e, sem dúvida, nós po-
 demos considerá-lo uma vitória do Movimento
 Homossexual contra o preconceito.

Aqui em São Paulo, no entanto, os tem-
 pos eram de refluxo e desmotivação. Nós, do

GALF, desde o IIIº CONGRESSO DA MULHER PAULISTA (março/1981), estávamos meio perdidas, confusas, precisando parar para refletir mais aprofundadamente sobre nossa posição nos Movimentos Feminista e Homossexual e tirar algumas linhas básicas que norteassem de novo nossas atuações. Éramos, mais uma vez, poucas pessoas e resolvemos optar por um certo distanciamento das atividades externas e partir para uma reestruturação à nível interno. Esta fase se estendeu até o começo de 1982, tanto que nossa participação na comemoração do 8º de março (DIA INTERNACIONAL DA MULHER), daquela ano, teve um caráter apenas simbólico, mesmo porque, também as integrantes do grupo, naquele momento, recusavam qualquer atuação externa onde tivessem que se assumir enquanto lésbicas, por menos comprometedoras que fossem tais atuações. Por estas razões, fomos apenas e a duas (as mais corajosas) à "festa política" que marcou o DIA INTERNACIONAL DA MULHER de 1982, distribuímos um panfleto com nossas colocações sobre feminismo e vendemos algumas camisetas para arrecadar fundos para futuras atividades. Indiretamente, também interferimos para que se colocasse uma cena sobre a discriminação da mulher lésbica na apresentação de teatro do Grupo SOS MULHER que se deu naquele evento.

O ano de 1982 registrou, de uma maneira geral, um aumento progressivo de nossas atividades externas e uma postura mais firme e combativa na defesa de nossas idéias sobre homossexualidade feminina. Articulamos um grupo de estudos paralelamente às nossas reuniões de reflexão dos sábados e, através dele, com a ajuda de textos sobre feminismo e lesbianismo, aprofundamos nossa análise da situação das mulheres, em geral, e das mulheres lésbicas especificamente. Intensificamos contatos com grupos congêneres do exterior, o que nos valeu o recebimento gratuito de muito material lésbico-feminista, e também passamos a organizar, mais metodicamente, a biblioteca do grupo. Externamente, participamos do debate sobre violência contra a mulher, realizado no auditório do Sindicato dos Jornalistas, no final de abril, comparecendo de máscaras e distribuindo um panfleto intitulado "Sobre Violência". Este panfleto explicava a simbologia das máscaras e propunha ao movimento feminista que nele as mulheres lésbicas não precisassem usar qualquer tipo de disfarce, ao mesmo tempo que criticava a reprodução do discurso político-partidário que divide as lutas da população e as

"maiores e menores" e afirmava mente que calar sobre as múltiplas situações que sofrem as homossexuais todos, cúmplices da violência. Cumpria-se, em um aspecto, a posição de algumas mulheres do Movimento que, à nível dos seus grupos, dia qualquer pronunciamento público a opressão das lésbicas ou qualquer atitude de solidariedade com as mesmas, sob o pretexto de que a "defesa do lesbianismo" poderia a imagem do grupo ou não cabia na estratégia ou no horizonte político do movimento". As pessoas que se identificaram como sendo os objetos ou como se diz no dia a dia, que carapuça, sentiu-se particularmente do e assumiu uma postura bastante relação a nós, postura esta que por todo ano de 1982 e da qual, percebemos alguns resquícios. Sobre violência seguiu-se uma espécie "happening" no parque do Ibirapuera, tivemos uma barraca para vender frutas e verduras anunciadas por plaquinhas como: "Come esta frutinha pra tre sua vizinha; o enrustimento mata brincadeiras. Levamos, também, vezes com colagens sobre a situações e vendemos camisetas, jornais, livros, etc... O grupo SOS Mulher algumas cenas de seu teatrinho.

Em meio de 1982, junto aos grupos e Outra Coisa, organizamos e comemoramos 4 anos do Movimento Homossexual, na chamada "VIVA A HOMOSSEXUALIDADE" apresentamos filmes abordando a questão e bicha, dois debates (um sobre o movimento e Feminismo, o outro sobre "Pa Desejo") e uma festa finalizando Teatro Ruth Escobar. O debate sobre o movimento e Feminismo" lotou a sala e nele continuamos colocando nítidas a pouca solidariedade do Movimento para com as mulheres homossexuais.

A semana "Viva e Homossexual" apresentou mais um passo positivo para o movimento Homossexual pois conseguiu

AMOROSAS CRIATURAS

ESTAMOS ORGANIZANDO UMA ANTONIA ROSA: CARTAS, TEXTOS, POEMAS ESCRITAS POR MULHERES PARA MULHERES. VOCÊ NÃO PARTICIPAR?

MANDE O QUE QUISER, NO TAMANHO QUE LHE USANDO SEU PRÓPRIO NOME OU PSEUDÔNIMO SE AFLIJA, SIGILO ABSOLUTO.

GALF, CX POSTAL 62.618, CEP 01000-000, LO, SP

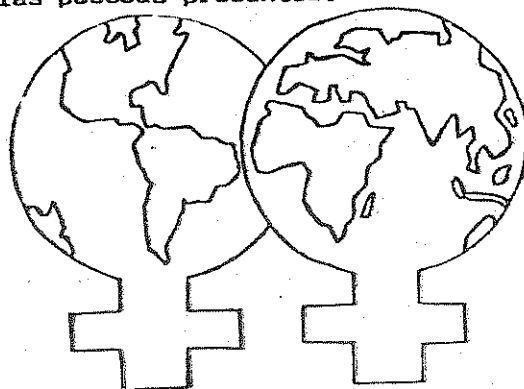
cima de uma atividade imediata, pessoas que não trabalhavam juntas há muito tempo, desde a época do rock do Grupo Somos(mais/Do). Mas, e existe sempre um mas, esta semana trouxe também de volta à cena as antigas questões de identidade homossexual e a do poder que por terem sido muito colocadas e pouco discutidas "cevaram novas divergências interpessoais" e esfriaram, outra vez, as atuações conjuntas. As colocações sobre identidade homossexual, feitas principalmente pelos ativistas "independentes" do movimento, partiam do pressuposto de que a heterossexualidade e a homossexualidade não existem, o que, em tese, se nos referirmos a elas como categorias estanques, está correto, mas que, em termos práticos, se nos referirmos a elas como dados do cotidiano, está inteiramente equivocado. O preconceito que estigmatiza o lesbianismo determine experiências de vida diferentes para mulheres heterossexuais e lésbicas e é contra este preconceito e pelo desejo de vivermos nossa sexualidade livre de culpa e do medo que nos organizamos. Evidentemente, não poderíamos continuar organizadas se acreditássemos que o trabalho no qual nos empenhamos já se realizou, ou, em outras palavras, se acreditássemos que, neste momento, não há mais diferença entre "ser o u estar lésbica" e "ser ou estar heterossexual e que tudo não passa de uma questão de escolha muito simples de fazer. As outras colocações, as sobre poder, também feitas, em grande parte, pelos ativistas "independentes" do movimento, nunca ultrapassaram a superficialidade e serviram bem mais apenas para tentar criar polêmicas e bodes expiatórios, objetivando, ironicamente, disfarçar uma enorme vontade de poder.

Temas como estes do poder e da identidade bem como da autonomia são análogos a outros existentes nas pautas do Movimento Feminista como, por exemplo, a pauta do II Encontro Nacional de Feministas, ocorrido, em julho de 1982, por ocasião da SBPC de Campinas e ao qual também comparecemos. O Coletivo de Campinas, grupo organizador do Encontro, enviou-nos, posteriormente, um relatório sobre os debates daquele evento, perguntando, entre outras coisas, por que, se o feminismo propõe novas formas de organização, nós não conseguimos colocá-las em prática, referindo-se a clara resistência que houve em se discutir as experiências e posições distintas e as diferenças e desconfiças dos grupos entre si e dentro deles. O relatório terminava propondo que, paralelamente, às nossas lutas cotidianas deveríamos pensar, com mais seriedade, nas noções

de relações de poder e autoritarismo, de diferenças, solidariedade e política feminista. Infelizmente, até hoje, esta proposta parece não ter conseguido sair do papel.

Em agosto de 1987, aproveitando a vinda de Felix Guattari ao Brasil, organizamos um pequeno bate-papo com o psicanalista e teórico francês, autor, entre outras obras, do livro A Revolução Molecular (coletânea de seus textos), onde analisa o papel do desejo e dos movimentos alternativos (feministas homossexuais, ecologistas, negros) como possíveis projetos revolucionários. Guattari surpreendeu a todos dizendo-se impressionado pelo PT (Partido dos Trabalhadores) e colocando a necessidade de criação de algum tipo de articulação entre as lutas moleculares (grupos alternativos, por exemplo) e as molares (os partidos, por exemplo) o que foi traduzido por um tistê nativo como: "As revoluções moleculares não levam a nada". Outra declaração surpreendente de Guattari foi seu elogio a um grupo francês homossexual cujo trabalho principal centrava-se no estudo das leis discriminatórias contra os bichas, trabalho de caráter reformista considerado por muitos militantes brasileiros absolutamente sem valor.

A vinda de Félix Guattari ao Brasil dá na época pré-eleitoral de 1982 quando deputados, vereadores e mesmo os partidos, através de seus programas, na ânsia de angariar votos, lembraram-se das chamadas "minorias (mulheres (?), negros, homossexuais, índios) e estreitaram contatos com representantes destes Movimentos. Nós, do Movimento Homossexual, listamos uma série de reivindicações, como por ex., a não utilização do parágrafo 302.º do INAMPS de que já falamos, o direito a custódia dos filhos o fim da repressão policial, etc., e a enviávamos para os políticos interessados. Em novembro, às vésperas das eleições, realizamos, também em nossa sede, um debate a respeito dessas reivindicações com vários candidatos de diversos partidos, inclusive um candidato do PDS merecidamente vaiado pelas pessoas presentes.



Antes deste debate, em setembro, a atriz e então candidata a deputada estadual Ruth Escobar, com a promoção da Revista Nova, realizou o I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, apresentando trabalhos artísticos de mulheres nas áreas de literatura, música, dança, teatro e artes plásticas além de várias palestras com convidadas do Movimento Feminista de outros países e artistas internacionais. Nós, do GALF, escolhemos mais participar das palestras, onde pudemos constatar que a análise da situação das mulheres é muito mais profunda no exterior que aqui, inclusive a análise da homossexualidade feminina, e onde pudemos também travar interessantíssimos bate-papos com as representantes do polêmico grupo francês M.F. (Movimento de Liberação das Mulheres). Foi, aliás, num desses bate-papos, quando fomos discutir a questão da dupla discriminação das mulheres lésbicas e negras (havia uma representante do Movimento Negro conosco) que aconteceu uma das poucas notas menores do Festival. Duas militantes feministas de um conhecido grupo de SP, movidas por perspectivas políticas inimagináveis e por um "espírito de solidariedade" difícil de crer, intervieram na discussão no sentido de desviá-la de seu tema específico e esvaziá-la completamente, no melhor estilo do movimento estudantil que, tantas vezes, criticamos. Apesar do espanto e da mágoa por esta atitude tão pouco compreensível (sic), continuamos aproveitando a rara oportunidade dada pelo festival de aprender muito sobre a vida e as idéias das mulheres da França, Itália, E.U.A, Portugal, etc... e acabamos ultrapassando, sem maiores problemas, aquele fato desagradável.

Ainda em setembro, a folha de SP publicou um artigo sobre o livro-denúncia de Sandra Mare Herzer sobre suas experiências na Fabem. O artigo também comentava as razões que a tinham levado ao suicídio em agosto de 1982. Quando do lançamento deste livro, na Assembléia Legislativa de SP, distribuímos um panfleto denominado "Carta por Sandra Mara" que publicamos no boletim ChanacomChana número um.

O Boletim ChanacomChana nº1, continuação do jornal que tínhamos editado em fevereiro de 1981, significou uma grande vitória para nós, um dos resultados de nossas batalhas contra a discriminação e a carência gerais. Nós começamos a vendê-lo, no começo de janeiro, com um pouco de atraso pois tínhamos tido problemas para imprimi-lo, mas conseguimos passar adiante pratica-

mente quase toda a tiragem que havíamos recebido. Nela colocamos nossos sentimentos, idéias, críticas (através das histórias em quadrinho), uma entrevista com as mulheres que jogavam futebol e queriam que ele fosse legalizado (na época não era), informes e um relato sobre o Festival das Mulheres nas Artes. Ele foi lançado no momento em que estávamos empenhadas na organização do 8º de março de 1983 e na mobilização pela libertação do jornalista Antonio Chrysóstomo, editor do extinto jornal Lampião, preso por ser homossexual sob a falsa acusação de haver estuprado sua filha adotiva de 4 anos. Estas duas atividades nos consumiram bastante tempo e foram particularmente desgastantes devido a reprodução de toda mecânica machista da "política tradicional" instaurada nas estruturas dos nossos movimentos ditos libertários. Não podemos dizer que não valeu a pena trabalhar nessas questões pois os resultados foram positivos (a festa comemorativa do 8º de março de 1983 estava cheia de gente e teve momentos emocionantes e Antonio Chrysóstomo não está mais na cadeia) mas podemos dizer que tudo teria sido mais simples e agradável se utilizássemos nossos instrumentais auto-críticos com maior frequência.

A organização da festa para o Dia Internacional da Mulher, por exemplo, foi permeada de fofocas, boicotes, conchas e muita desconfiança entre as mulheres organizadoras, fosse por motivos de diferenças político-partidárias, fosse por questões de disputa da direção dos acontecimentos. Nós, do GALF, oferecemos nossa sede para centralizar as reuniões organizativas, já que estava havendo dificuldades para encontrar locais disponíveis, e aí já começaram os problemas. Muitas feministas argumentavam que as mulheres da periferia (nada mais inconfundido que esta expressão) não viriam às reuniões por estas estarem acontecendo num espaço de lésbicas e, sob esse pretexto, foram esvaziando os encontros. Num determinado momento, começaram a se realizar três reuniões paralelas na cidade de São Paulo, sendo que duas delas não tinham sequer diferenças político-partidárias que as separasse. Nós, as mulheres do CIM (Centro Informação Mulher) que no tocante às reuniões foram realmente solidárias conosco e algumas feministas independentes decidimos nos auto-dissolver para nos unirmos ao outro encontro que estava havendo em outro local da cidade, conscientes de que não havia sentido em tentas discussões simultâneas sobre o

mesmo assunto se o objetivo era o mesmo. Quando comparecemos a esta reunião, expusemos nosso ressentimento e perplexidade diante da incompreensível convocação daquela encontro paralelo. Não recebemos nenhuma resposta razoável, ou melhor, nenhuma resposta mesmo e, como o local onde estávamos era inadequado, voltamos para a sede do GALF (sic) onde ficamos até praticamente às vésperas do 8º de março. Fora essa linguagem do preconceito das mulheres da periferia contra as lésbicas e a tentativa de boicote das reuniões em nossa sede, ainda tivemos que suportar a hostilidade construída de uma determinada figura do movimento que por razões estritamente pessoais produziu climas extremamente desagradáveis durante o período de estruturação da festa. O movimento mostrou-se enfraquecido e pouco disposto a discutir o ponto central de sua debilitação que é a questão do poder e suas implicações, seja a questão do poder institucional, seja a questão do poder, ou melhor, das estruturas de poder entre nós mesmas. Propomos, nós do GALF, mais debates e encontros para 1983 com a perspectiva de solucionar, ao menos parcialmente, os problemas que nos dividem e para podermos crescer qualitativa e quantitativamente. Estamos torcendo para que nossa proposta se concretize.

Na comemoração do DIA INTERNACIONAL DA MULHER DE 1983 (8 de março), lançamos o segundo número do CHANACOMCHANA, agora também com poesias, seção de correspondência e mais informes para agilizar a leitura. Nosso boletim tem o objetivo de ser veículo de nossas idéias, um agente de mobilização (ele já está provando sua eficácia neste sentido) e um canal de comunicação para todas as mulheres lésbicas, bem como um instrumento crítico dos dois Movimentos em que atuamos.

Bom, a outra mobilização que citamos como emocionalmente desgastante foi aquela para a libertação do jornalista Antonio Chrysóstomo e ela começou, ou melhor, reavivou-se mais com a proposta de candidata a vereadora Caterina Koltai de criar um SOS GERAL que atenderia a todas as expressões marginais ao sistema (mulheres, índios, ecologistas, negros, homossexuais, etc...). Um dos primeiros casos que esse SOS pretendia defender era o caso de Chrysóstomo, preso há mais de um ano por sua homossexualidade. Nós do Galf, considerando a importância da proposta, independente de qualquer partido, é claro, tentamos ajudar em sua concretização. Em dezembro de 1982, foi apresentada a peça

de Chrysóstomo, "Olho no Olho", no teatro Ruth Escobar, seguida de um debate sobre "O Direito a Diferença", tendo os dois eventos sido organizados pelos grupos homossexuais de SP, o comitê de Caterina Koltai, o comitê de Ruth Escobar e o comitê de defesa do jornalista representado por um dos atores da própria peça. Este acontecimento serviria para ajudar com os gastos do processo de Chrysóstomo e para lançar a proposta do SOS Geral, de acordo com a penúltima reunião feita entre os grupos que estavam trabalhando no caso. No entanto, algumas pessoas resolveram invalidar a reunião e não colocar o nome do SOS Geral nos panfletos que anunciavam a apresentação da peça, sem nenhuma espécie de aviso prévio e com a incrível justificativa de que não haviam achado "interesse" agir como o combinado. Em suma, apesar de nossos protestos contra esta arbitrariedade, a idéia do SOS Geral acabou naufragando sem mesmo ter sido tentada. Posteriormente, nós e outros grupos homossexuais, assessorados pela secretária da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), redigimos um abaixo-assinado que colheu assinaturas de entidades representativas de SP e que foi enviado ao Rio de Janeiro para auxiliar no julgamento de Chrysóstomo. Antonio Chrysóstomo foi absolvido na primeira semana de março de 1983 e, agora, está processando o Estado pelo tempo em que ficou detido sem "justa" causa.

Nossas últimas atividades, ainda em março, foram uma entrevista e um encontro com Dacia Maraini, feminista italiana, escritora, jornalista, autora de teatro e cinema e uma festa em nossa sede com jogos (bingo), bebida e som.

No começo de abril, inauguramos um curso de canosira, com aulas aos sábados e, agora, em maio, em comemoração ao nosso 4º aniversário, estaremos apresentando uma exposição de fotos, cartazes, desenhos, etc, sobre homossexualidade, além de filmes, um debate sobre autonomia e uma festa para todo mundo dançar e curtir. Tudo isso será acrescentado ao nosso histórico que, pelas causas, continuará cada vez mais intenso e rico e que estará sendo relatado, bimensalmente, nas páginas deste boletim.

Saudações Lésbicas

Miriam



depoimento .1

colôres



É gostoso poder escrever sobre nós mesmas. Ao relatar publicamente o que foi e é importante para mim, espero - que este depoimento contribua de alguma forma para a reflexão, principalmente das mulheres homossexuais.

Eu entrei no grupo Ação Lésbica-feminista (GALF) no final de fevereiro de 1981. Antes de participar da primeira reunião (na ocasião, a sede do grupo era na rua Fidalga - Vila Madalena) eu havia enviado uma carta manifestando o desejo de entrar no grupo e querendo saber quais as condições necessárias para isto acontecer. Me responderam, em linhas gerais, que era necessário ser lésbica, solidária e ter vontade de participar das atividades do grupo, porque havia muita coisa para se fazer. A palavra lésbica me chocou. Eu, uma lésbica... A palavra pesava muito, homossexual parecia mais leve. Com o tempo, de tanto ouvir a palavra, sem a carga pesada, preconceituosa e pejorativa normalmente dada a ela, eu comecei a gostar de pronunciar e enunciar o termo, uma das formas de esvaziar este seu caráter "maldito". Para entrar no grupo, eu percorri um longo processo: teoricamente, eu era contra o preconceito à homossexualidade, combatia as manifestações homofóbicas, mas ao mesmo tempo sentia vergonha de ser lésbica. Era uma contradição vivida internamente e um dos passos para a superação desta contradição foi meu ingresso no GALF. Lia o "Lampião" (jornal homossexual) e, através de um amigo homossexual da Universidade, soube do endereço do grupo para correspondência.

Entre com muita vontade de atuar, militar politicamente e aprender. Desde o início falava muito e logo comecei pondo a "mão na massa". Participei do 3º Congresso da Mulher Paulista e jôdei a organizar o encontro estadual

dos grupos homossexuais. Através das nossas reuniões semanais, procurávamos unir a prática com a reflexão. A partir da troca de experiências pessoais, íntimas, fomos nos conhecendo melhor, descobrindo as nossas diferenças e semelhanças enquanto mulheres homossexuais. A partir desta troca de experiências, analisávamos (e ainda analisamos) as instituições vigentes (família, Estado, Escola, casamento, entre outras), que direta e/ou indiretamente nos atingem quanto a suas normas autoritárias, onde a regra é a heterossexualidade e o domínio do homem. A partir dessas análises, notamos quanto a homossexualidade ser doença, desvio, anomalia ou imaturidade sexual também foram sendo cada vez mais desmistificadas e percebidas como um dos frutos da heterossexualidade "obrigatória", hoje padrão social de sexualidade. Mas quem é que determina o que é certo ou errado? Quais interesses escondem?

Hoje percebo que a culpa, a repressão afetiva e sexual, atrapalharam muito o meu crescimento e o desenvolvimento dos meus envoltimentos afetivos e geral. No início, a minha auto-estima estava baixa, sentia vergonha do meu corpo e quase não conseguia falar sobre sexualidade: ficava logo vermelha quando tocavam no assunto e o "pior" é que se falava constantemente sobre o tema. Em geral, mantinha-me rígida e tímida quando se tratava de assuntos pessoais. Até entrar no grupo, o público e o privado estavam separados em mim. Foi com a descoberta do feminismo, através da prática interna do grupo, aliada a muitas leituras sobre feminismo e lesbianismo, que percebi a esquizofrenia desta separação entre o pessoal e a Política, já que todos os nossos atos são políticos, cada ato executado envolve uma parte da nossa concepção e perspectiva de vida, cada ato pode conter também relações de poder.

Com o feminismo, obtive maior consciência do que significa ser mulher numa sociedade dominada pelos homens e por seus valores (nos, mulheres, não estamos imunes a estes valores, somos educadas a partir deles), isto com a nossa complicitade. Em fevereiro, quando entrei, eu era uma mulher preocupada em não sentir culpa por ser lésbica, queria encarar a minha sexualidade com naturalidade e atuar encima disto, combatendo os preconceitos sociais. O caminho para me tornar uma lésbica-feminista foi e é um processo cheio de contradições e espantos. Superada a contradição inicial (teoricamente eu me aceitava como lésbica, mas ao mesmo tempo sentia vergonha), surgiram outras con-

tradições entre teoria e prática, o que gerava em mim muita angústia. Muitas eu resolvi, ainda há várias para revolver. É um processo repleto de contradições: supera-se uma, surge outra e outra e assim por diante. Mas acho que é isto que nos faz crescer.

Uma das coisas que mais me preocupa - e creio que ao grupo como um todo - é o combate ao olhar fático. Chamo de olhar fático entre outras coisas: a hierarquia; a competição; a necessidade de auto-afirmação através das estruturas de poder: ver a outra pessoa quase que exclusivamente como "objeto" para a satisfação das necessidades pessoais (fins utilitaristas). Creio que as aproximações que têm como requisito principal apenas a atração sexual, podem gerar o isolamento das pessoas que saem do padrão estético cultural que quando, não é questionado, tende a ser reforçado. Em todos os grupos - em uns mais, outros menos - esse olhar fático existe, pois está em nós mesmas (os), fomos criadas em cima desses valores: hierarquia, competição, dominação, revalorização do padrão estético imposto pelo consumo (aproximações utilitaristas (o que posso obter do outro?)), entre outros. Durante as reuniões semanais do grupo, procuramos discutir sobre isto. Praticar a solidariedade não é fácil, mas tentamos construí-la entre nós, lesbicas-feministas.

Alguns dizem - e eu concordo - que o espanto é algo importante para o crescimento, a perplexidade inicial pode nos levar a investigar as causas do que nos fez ou nos fez perplexas. Espantar-se é viver vivo para as coisas, pessoas, não deixar-se submergir na monotonia das normas, regras, teorias (sejam elas científicas ou não) do dia a dia. Falarei um pouquinho dos meus espantos, apenas de alguns. Vejamos. No início, eu era muito, como poderia dizer, acho que ingenua, vivia numa "reserva", não acreditava nas maquinações e consequências que a vontade de poder geram. A reflexão e a vivência dos fatos me mostram que algumas práticas feministas que estão aí, precisam mudar muito, se aproximarem das teorias feministas acerca da solidariedade, da criação de um outro espaço onde procuremos não reproduzir relações de poder entre nós. Como dizem: na prática, a teoria é outra. Exemplo: quando falar sobre a discriminação sobre a mulher, quase todas as feministas omitem a discriminação sobre as lesbicas. É isto e ainda pior quando há lesbicas que se dizem feministas e que compactuam com esta política. Porque há muitas feministas que, preme-

ditadamente, fazem "conchavos", "focacas", "maquinações": não se importam muito com os meios para obterem a direção das atividades, para obterem poder. Sei que não há um modelo de feminista, mas dizer uma coisa e agir premeditadamente de forma contrária aos valores nos quais se diz acreditar, é muito hipocrisia! É preciso um pouco da injeção de coerência, misturada com a ardida sinceridade (injeção não a venda em nenhuma drogaria) para algumas feministas.

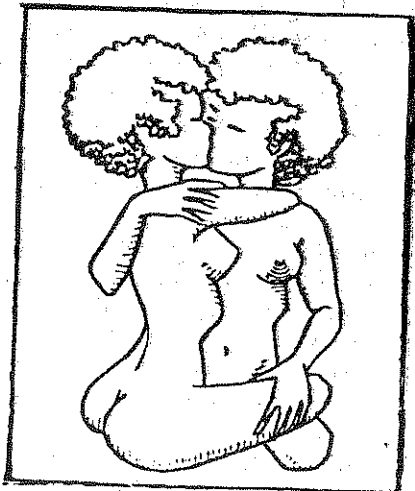
Acredito nos grupos alternativos: de negros, de mulheres, de homossexuais e de ecologistas, como grupos que podem reinventar a política a partir de sua prática interna. Acredito que a multiplicação dos grupos autônomos poderia fazer nascer uma organização alternativa aos partidos, uma organização que não visasse a tomada do poder estatal, mas a destruição deste e a autogestão política e econômica da sociedade.

Finalizando, gostaria de destacar algumas pessoas que marcaram bastante a minha trajetória dentro do movimento feminista e homossexual: uma, chama-se Míliam e é uma das fundadoras do grupo. Ela me iniciou no feminismo através dos grupos de estudo e da nossa convivência. Isto muito me ajudou a abrir os olhos para as maquinações minhas e alheias em relação ao poder. Desde o início, a sua amizade me enriqueceu muito e ela é uma das pessoas que mais batalharam e ainda batalham pela existência do GOLF (Grupo de Ação Lésbica-feminista). A outra mulher formidável é a Nana Mendonça, do Recife, que através da sua amizade e de seu apoio financeiro nos tem ajudado muito. Não poderia deixar de mencionar as minhas companheiras do grupo: Célia, Maria Luiza, Maria Rita, Vanda, Magal, Terézina e Liete, que, em níveis diferentes, dedicam tempo, trabalho e carinho para as nossas lutas. Destaco também os integrantes do grupo Outra Coisa (principalmente o Tota), que em vários momentos difíceis prestaram a sua solidariedade.

O Grupo Ação Lésbica-feminista continua aberto a toda mulher que queira vir nos conhecer e percorrer conosco um pouco da sua trajetória. O grupo é um pouco de cada uma de nós, temos muito o que aprender umas com as outras.

Resely





DEPOIMENTO II

Sabem, estou no GALF desde junho ou julho do ano passado. São meses de comparecimento quase que ininterrupto às reuniões semanais que nele são realizadas. Minha analista diz que não sou masoquista, portanto creio que posso dizer que gosto do grupo. E a gente não gosta de alguém ou de algo só por causa de..., mas também apesar de. Sim, estou querendo dizer que o GALF não é um paraíso. Onde é?

Oh! Desculpem-me, eu nem me apresentei: chamo-me Célia e tenho 19 anos de idade, talvez 20 quando estiverem me lendo. E ~~me~~ estou aqui para dar meu depoimento sobre um certo grupo denominado Grupo Ação Lésbica-Feminista; conhecem? Eu o conheci - ou melhor, fiquei sabendo de sua existência - num debate sobre homossexualidade realizado no Ruth Escobar em 1982. Naquele debate, tive a oportunidade de ouvir Rosely - hoje minha companheira de grupo - falar sobre os objetivos do GALF. Achei-os - os objetivos - ótimos, afinal condiziam com os meus próprios (modesta eu, não?).

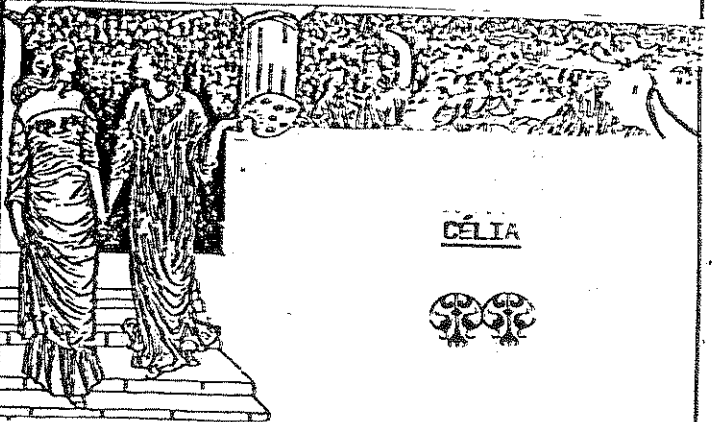
Bem, afinidade de objetivos e uma necessidade de ter alguém como eu com quem poderia falar abertamente (sobre a minha atração por outra mulher, por exemplo) me levaram até a sede do grupo. Fui uma, duas, três vezes e não parei mais de ir. E não parei porque, além de encontrar pessoas como eu com quem posso falar, posso fazer - ou ao menos tentar - com que essa sociedade preconceituosa em que vivemos vá gradativamente perdendo sua força repressora sobre nós homossexuais; sobre nós, lésbicas; sobre nós, mulheres. Isto porque o GALF não é um clube de chá, onde as pessoas se reúnem para ficar o tempo todo falando de banalidades e iludindo-se a si mesmas, dizendo que tudo é divino e maravilhoso. É antes de tudo um grupo que

tem por objetivo lutar contra o duplo preconceito que nós sofremos por sermos mulheres e por sermos homossexuais; um grupo que mesmo com poucos recursos financeiros - próprio de um grupo do Terceiro Mundo - procura manter contato e obter informações de outros grupos e pessoas do país e do exterior. E não faz isso a procura de "status", mas para que com uma maior reflexão obtida através das informações a que temos acesso, possamos alcançar resultados cada vez mais satisfatórios.

Contudo, eu dizia que o GALF não é um paraíso, e não o é, pois aqui seres humanos estão se relacionando, estão em constante contato e, inegavelmente, os relacionamentos humanos são conflituosos. Entretanto, até mesmo isso tem seu lado positivo, pois isso nos ensina a valorizar o outro e a nós mesmos; nos ensina a dizer não quando é isso que desejamos e sim quando isso é necessário.

Ninguém é obra de ninguém, pois de nada adianta semear em terreno árido. Por outro lado, todos são obra de todos, se pensarmos que a convivência influencia nossa maneira de ser. Então, por que você não vem se influenciar e nos influenciar?!

É, táí: o que era para ser meu depoimento acabou parecendo publicidade. Mas raciocine comigo: por que eu faria publicidade de algo de que não gostasse, no qual não acreditasse? Se eu gosto e acredito no GALF é porque possui suas qualidades e possibilidades. Os defeitos existem, é claro. Por que você não vem ajudar-nos a detectá-los e a saná-los? E a compartilhar da satisfação que temos toda vez que realizamos uma atividade qualquer; que não ficamos de braços cruzados enquanto uma Sandra Mara se joga do viaduto. E falando em Sandra Mara, lembre-se, ela não era de nenhum grupo. E um grupo é uma reunião de pessoas que pensam de maneira semelhante e procuram auxiliar-se mutuamente, solidariamente. Venha ver se o GALF é assim. Se não for, nos ajude para que seja.



FAZENDO POESIA



SEPARAÇÃO

Não,
 Você não é meu par
 Já não é minha princesa encantada.

 Foi, já foi.
 Mas nunca esposa prendada,
 Nunca macho, nunca irmã.

 Não foste nada,
 Somente princesa encantada.

 É meu âmagô que pede,
 E se eu me enganai.
 - platônico amor-
 Sonhando quem você teria que ter sido.

 Brinco de te matar
 De te dar três tiros e partir

 Prá outra.

VANGE

PARA MINHA NAMORADA

Quero-lhe forte e audaz,
 sem mais nem menos,
 quero o doce licor dos venenos
 dessas rimas banais
 que não me deixam em paz.
 Quero as redundâncias e os extremos,
 os diabólicos pactos proibidos,
 as cenas que sonhamos
 amor, paz, desiguais.
 Quero mais que a previsão dos tempos
 nos quero chuva se disserem sol,
 quero ser a bela isca mentindo o anzol
 que ri na boca dos tubarões morenos.
 Sereno são seus golpes mortais
 caracterizando esse amor atroz,
 você me "manda" porque eu deixo,
 você me morde porque eu desejo
 que nos pensem trepando
 atadas como loucos nós.
 E quando o dia clareia
 e os nossos olhos nos vêm
 tremula a nova bandeira

ao sopro de um vento impossível.
 O último ato se encerra
 limpando o suor nos lençóis
 e você adormece maior do que a cama.
 Nessa noite você diz que me ama
 e o resto eu não conto senão precipito
 e o resto eu não falo - ainda repito -
 porque a televisão está ligada multitrailta
 e eu não consigo inventar mais.

Miriam

NOSTALGIA

Nasceu uma flor no chão do meu deserto
 E o sol a secou
 E ela murchou, e despetalou-se
 E com ela se foi
 A gota de orvalho em suas pétalas.
 Caiu uma chuva esparsa
 Na aridez do meu solo estéril
 E a areia absorveu toda a água
 E o sol a evaporou
 E ficou apenas a lembrança
 De uns instantes amenos
 Da aragem que por uns momentos
 Suavizou o mormaço escaldante.
 Assim foi tua presença em minha vida:
 Um vislumbre
 Uma quimera
 Uma ilusão efêmera
 Assim como uma paisagem que vem ao nosso
 encontro
 Quando percorremos uma auto-estrada.
 Vem ao nosso encontro
 Mas quando esse encontro parece realizar-se
 Logo se distancia
 gira para trás, longe, cada vez mais longe
 sendo possível que nunca, nunca mais
 Se torne a passar por aquela estrada.

Naná

ASSINATURAS

SE VOCÊ DESEJA RECEBER UMA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACDMCHANA, ENVIE SEU

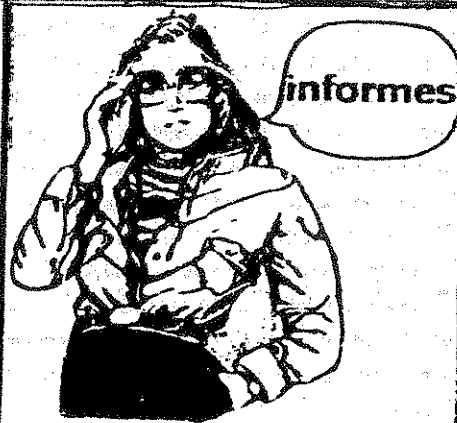
NOME.....
 ENDEREÇO.....
 CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

EU QUERO CHEQUE NO VALOR DE R\$1.000,00 PARA O GALF, CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SP

O BOLETIM CHANACDMCHANA É BIMENSAL E, POR TANTO, VOCÊ RECEBERÁ 6 NÚMEROS A PARTIR DA DATA DE SUA ASSINATURA.

O CHANACDMCHANA TAMBÉM É SEU. ENVIE-NOS SUA OPINIÃO, CRÍTICAS, SUGESTÕES, POESIAS, DESENHOS, O QUE VOCÊ QUISER.





informes

CONFERÊNCIA DO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO LÉSBICA INTERNACIONAL (PARIS/ABRIL/1983)

A última conferência do ILIS, realizada em Paris, em abril deste ano, foi coroada de êxito. Duzentas e dez mulheres da Espanha, Itália, França, Inglaterra, Nova Zelândia, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega, Suíça, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Irlanda e até do Brasil compareceram ao encontro. Nela foram redefinidas as estruturas do ILIS que, agora, é um corpo de coordenação lésbica para poder incluir as mulheres lésbicas que atuam com grupos de homens homossexuais e, também, as lésbicas radicais. Como resultado desta nova política, um grupo radical, o Espaces, decidiu participar da conferência. O ILIS era, a princípio, um corpo de coordenação lésbica-feminista.

MULHERES LÉSBICAS NOS PAÍSES SOCIALISTAS

CUBA: Os campos de reeducação foram fechados, em 1975, por força das pressões internacionais, mas, agora, a "educação" é feita pelas clínicas psiquiátricas. Não existem artigos explícitos contra a homossexualidade, mas o governo pode prender qualquer pessoa com base na lei do "escândalo público", versão cubana do nosso "atentado ao pudor". A polícia mantém um dossiê dos suspeitos e, geralmente, as lésbicas e os bichas cubanos se casam

para despistar as "autoridades" e poder respirar um pouquinho. O medo de serem descobertos está sempre presente.

ALEMANHA ORIENTAL: A homossexualidade masculina não é ilegal na Alemanha Oriental e o lesbianismo sequer existe para aquela sociedade, no entanto, os bichas e as lésbicas são altamente reprimidos e vivem, literalmente, "in the closet", ou seja, superenrustidos. O socialismo parece ter resolvido o problema do desemprego (é até um crime não conseguir um) mas, as mulheres continuam ganhando menos que os homens porque desempenham "tarefas de mulher" e a política sexual do governo é baseada na elegia da família nuclear. Assim sendo, é praticamente impossível, para uma pessoa solteira ou um par lésbico ou homossexual, conseguir um apartamento, assim como arranjar uma namorada(o) pode levar anos. O único local de encontro para homossexuais é a Igreja Evangélica, em Leipzig, e, também, o único grupo feminista existente, atuando em Berlim, se move no mais profundo dos subterrâneos. Como para conseguir um local de encontros é preciso uma permissão oficial, como também para obter um visto ^{de viagem}, pode-se perfeitamente concluir que as mulheres alemãs são prisioneiras em seu próprio país. Até hoje, todas as tentativas de obter uma permissão para encontros foram infrutíferas. Homossexualidade não dá cadeia na Alemanha Oriental, mas, se sua filha vai mal nos estudos e se, por acaso, você é lésbica e alguém descobrir, as duas serão enviadas ao psiquiatra para tratamento por não corresponderem às expectativas socialmente aceitáveis.

FUNDAÇÃO PARA O LIVRO ESCOLAR

A feminista Maria Amélia AZE

vedo Goldberg assumiu a presidência da Fundação para o Livro Escolar conforme decreto do governador do estado de SP, no dia 16 de abril. Maria Amélia é autora do livro "Educação Sexual: uma proposta, um desafio" (edições Aruanda) e pretende, na sua gestão, criar condições para uma análise crítica quanto aos modelos ideológicos transmitidos nos textos didáticos, entre eles, o sexismo, a discriminação contra negros e índios. Maria Amélia pediu a nossa colaboração no sentido de lutar por um padrão de ensino comprometido com os ideais de qualidade e de democratização.

CONTRA O PARÁGRAFO 302.0

A deputada estadual Ruth Escobar, pelo PMDB, fez, no dia 10 de maio, na Assembleia Legislativa, uma colocação "curta e grossa" contra o parágrafo 302.0 da classificação mundial de saúde que classifica a homossexualidade como desvio e transtorno sexual. Na semana de 9 a 13 de maio, Ruth pretende lançar, também, uma moção contra este parágrafo que deverá ser assinada pelos parlamentares e demais pessoas interessadas e, depois, enviada ao Presidente da República. Os grupos homossexuais de SP subsidiaram Ruth Escobar, com material sobre o assunto, para a redação do texto lido na Assembleia e para a moção contra o 302.0. Estamos com Ruth Escobar nesta luta!

HOMOSSEXUAIS, AS MAIORES VÍTIMAS DOS PRECONCEITOS

Uma pesquisa realizada

para avaliar o grau de preconceitos sexuais e raciais da sociedade brasileira, feita pelo Instituto de Ciências do Concomentamento em São Paulo e em mais quatro cidades do interior e outros estados, revelou um forte preconceito, em ordem decrescente, contra os homossexuais, os judeus, os velhos e os negros. (Folha de SP - 12.5.83)

CHRYSÓSTOMO FINALMENTE SOLTO:

Depois de cumprir 1 ano e sete meses de prisão, Antonio Chrysóstomo, jornalista, ex-editor do Jornal Lempião, foi finalmente solto. Chrysóstomo tinha sido acusado, por seus vizinhos, de haver cometido maus tratos e violência sexual contra sua filha adotiva de 5 anos e, apesar do laudo médico nada ter constatado de errado com a menina, acabou sendo detido. Na verdade, seu crime foi o de ser homossexual. Foram enviados ao Rio, por ocasião do 2º julgamento do jornalista (apelação da sentença), no dia 10 de março deste ano, dois abaixo-assinados contra sua prisão arbitrária. Um deles com a assinatura dos grupos homossexuais de SP, de OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Sindicatos dos Artistas e dos Jornalistas, e da Comissão de Justiça e Paz. O outro com as assinaturas de políticos e artistas, entre eles, Ruth Escobar, Marta e Eduardo Suplicy, Darcy Penteado, Franco Montoro, etc... Dos três desembargadores que julgavam o caso, dois votaram contra a sentença inicial que condenava o jornalista. A pressão social ajudou a vencer mais esta batalha pela liberdade de expressão sexual. Hoje, Chrysóstomo está processando o Estado pelo tempo que ficou detido. Ele exige indenização. É preciso que não haja mais casos como o dele. Isto depende de você também.

OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS CONVERSAM COM O SECRETÁRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Os grupos homossexuais de SP foram conversar, no dia 5 de abril, com o Secretário da Segurança Pública, Manoel Pedro Pimental, que, em entrevista para a revista Vaja (2.3.83), tinha se mostrado interessado em nossas questões e aberto ao diálogo. Num breve bate-papo, relatamos casos de violência policial contra pessoas homossexuais, exigindo o fim das mesmas, e contestamos a subjetividade das prisões por "atentado ao pudor". O Secretário declarou estar tentando reeducar a polícia, substituindo a mentalidade da violência pela da não violência. Disse, também, não pretender interferir em reuniões pacíficas de homossexuais, mesmo as públicas, embora considerasse que os travestis que expõem suas "partes pudendas" na rua, possam ser presos por atentado ao pudor. Concluiu pedindo às lésbicas e bichas que agissem com disciplina (sic). Bichas e lésbicas institucionalizadas pelo sistema?

CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA

Através do decreto nº 20.892, de 4 de abril de 1983, foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina, com o objetivo de eliminar a discriminação contra a mulher na sociedade brasileira através de estudos e análises acadêmicas e com a participação de amplos setores da sociedade. O Conselho está, portanto, aberto a todas as mulheres de São Paulo, independentemente de filiação partidária, e procurará, através de sua ação política, criar condições que viabilizem a plena inserção da mulher na vida sócio-econômica, política e social, devendo funcionar como fórum de

debates, estudos e pesquisas relativos à condição da mulher bem como para desenvolver projetos que promovam a participação feminina em todos os setores da atividade social. O Conselho tem sua sede provisória junto à FUNDAP à rua Álvares Guimarães, 429, 3º andar, salas 308 e 309, com reuniões todas as segundas-feiras às 20:30hs.

EM PLENÁRIO

A Câmara dos Vereadores de São Paulo dará uma resposta às críticas feitas pelos deputados da Assembleia Legislativa do Maranhão, que acuseram a TV Bandeirantes e especificamente o programa "Clodovil" de "incentivar o homossexualismo e o lesbianismo". A vereadora e feminista Irene Cardoso, do PT, apresentou uma moção de solidariedade ao famoso costureiro e agora show-man - ressaltando que as preferências sexuais são uma opção individual e não uma doença - que foi assinada por todos os membros da casa, com exceção de um político do PDS. A moção será discutida na próxima semana, no plenário da Câmara, com a presença de Clodovil, que, na sessão, receberá o título de cidadão paulistano. (FOLHA DE SP/23.4.83)

Nós, do Grupo Ação Lésbica Feminista e do Grupo Outra Coisa, enviamos um telegrama a Irene Cardoso parabenizando-a pela moção de solidariedade ao Clodovil.



GRUPO "OUTRA COISA": ONTEM, HOJE E SEMPRE

Logo após o Iº ENCONTRO BRASILEIRO DE GRUPOS HOMOSSEXUAIS ORGANIZADOS, em abril de 1980, 10 integrantes do Grupo Somos de São Paulo começaram a discutir a situação em que se encontrava o grupo e, depois de 7 reuniões optaram pelo desligamento do mesmo, dia 17 de maio, denunciando, em carta aberta aos demais membros, "a atuação de elementos filiados a organizações político-partidárias que estaria comprometendo a autonomia do Somos", acrescentando ainda que "a imagem externa do mesmo estava irreversivelmente associada ao Grupo Convergência Socialista."

Esse novo grupo foi denominado inicialmente Ação Homossexualista, inspirado no termo feminista, numa tentativa de identificar os homossexuais preocupados com a questão da discriminação específica sem subordinarem-se a interesses de quaisquer organizações político-partidárias. Posteriormente, Ação Homossexualista passou a ser sobrenome do grupo e paralelamente o nome foi escolhido "Outra Coisa", nome fácil de guardar, gostoso e irreverente, na opinião das pessoas que o adotaram.

Ainda em 1980, o Outra Coisa com dois outros grupos paulistas, organizou e lançou, em novembro, o "Caderno de Textos do Movimento Homossexual Autônomo, com artigos, entrevista e matérias sobre autonomia do MH, entre outros temas.

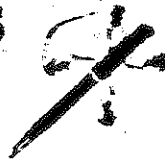
Nesses três anos de existência, mesmo organizados precariamente, conseguimos levar a discussão da homossexualidade/sexualidade aos meios de comunicação, universidades, partidos políticos, entidades profissionais, etc... Em 1982, quando

começamos a dividir com o GGB a Ação Lésbica Feminista GALF sua sede, iniciamos, com o mesmo, a promoção de encontros, debates, projeção de filmes, peças de arte, etc...

No momento, temos um arquivo de documentos e publicações sobre o movimento homossexual no Brasil e no exterior bem como material sobre homossexualidade publicado em nossa imprensa nos últimos anos e extensa relação de endereços de organizações de defesa dos homossexuais.

Completando o terceiro aniversário de nascimento, o Outra Coisa abre o grupo para novos membros, pois até hoje era integrado apenas pelos ex-membros do Somos. (ANTONIO CARLOS TOSTA, GRUPO OUTRACOISA (AH) (EX POSTAL 62.699, CEP 01168, SP)

CARTAS



Primeiramente

quero agradecer-lhe por ter-me enviado o jornal Chanacomchana. Foi o melhor presente que recebi nos últimos tempos. Como descrever, senão com emoção o que senti ao acabar de devorar todas as palavras. Para mim não é um simples jornal, é uma manifestação há muito desejada por todas as mulheres, inclusive as homossexuais. Quero fazer parte desta luta, primeiro me libertando dos meus próprios preconceitos e aceitar minha homossexualidade perante a sociedade, e, em seguida tomar uma posição de combate a esta sociedade. O que existe de mais importante em mim é o amor que sinto por mim mesma, por uma mulher e por todas as mulheres. (Ana, Cx.P. 818, São José do Rio Preto, SP, Cep 15.100)

*

Já recebi o ChanacomChana. Ele continua excelente. A entrevista com a Gida Kopcak colocou muitos pontos nos "is" foi ótimo saber que as mulhe-

res da parte não têm tanto preconceito contra as lésbicas quanto as líderes feministas querem fazer crer e que o aborto é mais tabu para elas do que o lesbianismo. Adorei a seção de poesias, Miriam gostei muito dos seus versos. Adorei também o comentário da Rô sobre o livro da Sandra Mara. Só não gostei de uma coisinha: na carta do GGB ao boletim, eles terminavam dizendo que todos, torcedores e torcedoras, iriam ao campo de futebol para ver "as beldades". Quer dizer, ver as mulheres, seus corpos, suas pernas, seus cabelos, ve-las de um modo geral. É o desempenho dessas mulheres, sua capacidade de fazerem um bom futebol, onde é que fica? Acho uma atitude machista essa de não pensar numa mulher como uma pessoa capaz de desempenhar bem qualquer profissão, mas como uma coisa a ser vista e admirada, um objeto de adorno. O resto, o esforço deles em realizar algo, seria só uma brincadeira. Que me desculpe o GGB, esse grupo admirável que eu amo tanto, mas parece-me que eles daram um escorregozinho machista. (Nene, Cx.P. 483, Recife, Pe, Cep 50.000)

*

Recebemos o ChanacomChana e, abem da verdade, vocês estão ficando maravilhosas. O GGB e o GALF são os marcos da rebeldia contra este terrível mal que é a homofobia. Lutar sempre vale a pena, ainda mais quando o que está em jogo é o prazer. Chegamos à conclusão de que ninguém é mais perfeito



CHANACOMCHANA

GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA

4

FERRO'S BAR, DIA 19 DE AGOSTO: UMA VITÓRIA CONTRA O PRECONCEITO



A OPÇÃO
PELA
AUTONOMIA



'FIM DE CASO':
LÉSBICAS
NO TEATRO

BOLETIM Chanacomchana



DEMOCRACIA TAMBÉM PARA AS LÉSBICAS : UMA LUTA NO FERRO'S BAR



O dia 19 de agosto é muito especial para o Grupo de Ação Lésbica-feminista (Galf) e para as lésbicas que frequentam o Ferro's -- antigo e velho bar situado quase no Bexiga, bairro dos mais badalados da noite de São Paulo.

O frio que baixa na cidade não impede que o "happening" político organizado pelo Galf seja um sucesso. Por volta das nove da noite, as militantes do grupo e mais alguns companheiros do Quarta Coisa Ação Homossexualista, formado por homens, continuam a distribuir na frente do famoso bar um panfleto denunciando as agressões que o Galf vinha sofrendo há meses, quando tentava vender seu boletim Chanacomchana dentro do Ferro's. Um pouco mais tarde, começam a "invadir" o bar figuras um tanto estranhas para suas fiéis frequentadoras: mulheres "diferentes", rapazes de barba e lindos paletós de couro (desses que a gente costuma ver nas manifestações tradicionais da esquerda), bichas finérrimas.

Dentro, a maior confusão. Como sempre acontece no Ferro's, há poucas mesas para suas frequentadoras, que são obrigadas a se espremer nos estreitos espaços livres, à espera de que a sorte lhes premie com um lugar. Num dia especial, então, os garçons são obrigados a fazer verdadeiros malabarismos para chegar com suas bandejas sãs e salvas até a mesa que fez o pedido.

Mas não é só isso: O atarracado

porteiro -- sempre tão agressivo com as militantes do Galf -- segura firme a porta fechada para garantir que nenhuma dessas "perigosas" mulheres invada tão imaculado recinto. À medida que se aproxima o histórico momento, a força estranha que já havia invadido o bar explode aos gritos de: "entra!", "entra!", "entra!". Numa das mesas, a vereadora Irene Cardoso (do PT) discursa aos berros sobre a luta pelas liberdades democráticas, inclusive para as lésbicas.

Chega a hora: entre os flashes dos fotógrafos, as militantes do Galf -- e outras pessoas que ainda estão pra fora -- forçam a porta do bar, que o porteiro, agora ajudado por outros defensores da "paz e da ordem", segura como pode.

O inesperado -- ou mais uma artimanha de um dos alegres rapazes da banda -- precipita tudo. O boneco do porteiro é arrencado e jogado longe. Enquanto ele busca tão importante signo de seu poder, duas mulheres puxam-no para o lado oposto. Aproveitando-se desse inusitado embate, as lésbicas do Galf entram. Uma delas, Rosely, sobe imediatamente sobre uma cadeira e começa a denunciar as atitudes autoritárias do bar.

Lésbicas em busca de uma entrada

O que Rosely denuncia começara há quase dois meses. Todos os sábados, quando iam vender o boletim Chanacomchana no Ferro's eramos agredidas pelo porteiro -- com ameaças ou com puxões de braço para que nos retirássemos. Até que no dia 23 de julho último, a barra pesou mais: um dos donos do bar, seu segurança e seu porteiro tentaram concretizar a expulsão, atra-

ves de agressões físicas. Mas não foram felizes nesse primeiro intento. Enquanto nos puxavam para o lado de fora, parte das lésbicas -- que compram o boletim e conversam com as moçoilas do Galf -- nos segurava lá dentro. Belo corpo-a-corpo: dos que têm a força da ordem e da lei contra as que ganharam no dia-a-dia uma força física e interior para poder "viver" numa sociedade onde a regra é ser heterossexual. Quem foge desse padrão, é pervertida (o), louca (o), imatura (o) sexualmente. E, definitivamente, não merece compartilhar das benesses desse paraíso terrestre.

Alegando que nós estávamos fazendo "arruaça" dentro de tão comportado ambiente, o dono chamou a polícia. Os policiais chegaram, ouviram as argumentações do dono, as nossas, as das lésbicas não militantes que nos apoiam. E, estranhamente, um deles respondeu que, como deviam ser imparciais, pois "os direitos são para todos os brasileiros", não tomariam qualquer atitude contra nós. Puxaram o carro e pudemos jantar em meio às outras lésbicas, como sempre fazemos. Há também dias -- ainda raríssimos -- que são da caça e não do caçador.

Foi uma vitória. Depois dela, muitas discussões no Galf. Já estávamos cheias de sermos agredidas "injustamente" e pensávamos que o incidente podia se repetir mais vezes, talvez com mais apoio da polícia. Não queríamos ficar na defensiva. Precisávamos reconquistar nosso direito de vender o Chanacom Chana no Ferre's. Não só vendê-lo. Mas conversar com as lésbicas dos mais distintos estratos sociais e vivências pessoais. Não somos e não queremos ser elite ou vanguarda.

A militância política de esquerda sempre foi reprimida. Mas é sempre com pensada pela certeza de se estar lutando por um mundo melhor e de se estar fazendo História. Mas as (as) militantes da esquerda não enfrentam, no seu dia-a-dia, as dificuldades das lésbicas e das feministas, mesmo quando heterossexuais. São olhadas com certo desdém e feridas com agressões verbais por estarem numa luta "menor", num combate "não-prioritário". Boa parte da esquerda ainda nos olha dessa forma. Mas não poderia ser de outro jeito numa sociedade falocrata, onde as mulheres nunca tiveram direitos, se deveres -- e quantos. É lógico que, quando algumas buscam resgatar seu passado, para que o presente e o futuro sejam diferentes, sejam vistas como as feiticeiras, queimadas na Idade Média por estarem à frente de seu tempo.

Processo semelhante acontece com os negros em sociedades racistas como a brasileira. Ou com os índios, que eram muitas nações nesse Brasil antes da invasão do branco colonizador. E que foram -- e ainda são -- gradualmente confinados em regiões desabitadas (guetos?), nessa terra de Vera-Cruz que já foi só deles.

São as chamadas "minorias", mas uma palavra que esconde o verdadeiro nome: grupos oprimidos.

Nós do Galf queremos ajudar a romper com essa história. Por isso, resolvemos reconquistar o Ferre's com a ajuda de homens homossexuais, mulheres feministas, ativistas dos direitos civis e militantes ou políticos dos partidos de oposição mais identificados com as lutas das "minorias".

Por sermos um grupo autônomo, o Galf é aberto às lésbicas dos mais diferentes horizontes políticos. Ao contrário de alguns outros grupos feministas, o Galf não aceita a chamada dupla militância: isto é, batalhar dentro de um grupo e, ao mesmo tempo, dentro de um partido político. Pensamos que a dupla militância foi um dos principais fatores de enfraquecimento dos grupos feministas nos últimos anos, particularmente com as eleições de 1982.

Isso não impede que busquemos ótimas relações com os partidos de oposição -- PMDB, PT e PDT -- pois nossas lutas se cruzam em alguns pontos essenciais, como é o caso de luta pelas liberdades democráticas. Por isso, fizemos questão de convidar para o "happening" político do ferre's: deputada Ruth Escobar (PMDB), vereadora Irene Cardoso (PT), deputado federal Eduardo Suplicy (PT) e a bancada do PT na Assembleia Legislativa, através de carta endereçada ao líder de sua bancada, Marco Aurélio Ribeiro. Como apoio na área legal, convidamos a advogada Zulzê Cobra Ribeiro (representante da Ordem dos Advogados do Brasil e da Comissão de Direitos Humanos).

Batalhamos na organização do "happening" de 19 de agosto durante quase um mês, enquanto distribuíamos no gueto um panfleto denunciando a atitude do Ferre's, que não é isolada. Com a reconquista do ferre's, buscávamos também lutar pelo legítimo direito de circular livremente em todos os locais.

Resgate de uma história

Ao contrário de outras ocasiões, quando nos sentíamos acessadas, nós -- as militantes do Galf -- tomamos a defensiva naquela sexta-feira. Rosely fez discursos em várias cadeiras. E não deixar claro que ela não é e não



quer ser líder do grupo, pois lutamos contra a hierarquia e o poder; algumas militantes do grupo ainda lutam contra o medo de se exporem publicamente. A interiorização do medo e da repressão é um dos motivos que impedem o grupo de crescer quantitativamente. Porque qualitativamente ele vem avançando desde seu surgimento, em 1979.

Os discursos de Rosely se intercalam com gritos de parte das lésbicas e de nossas (as) companheiras (as) de mesma luta para que o dono apareça. A ordem dentro do bar é sempre garantida pelos garçons, pelo porteiro e pela segurança, em troca do salário mensal e da sobrevivência. Dos lucros ele e seu sócio sabem fazer bom proveito.

Por fim, a voz do dono. Cercado por jornalistas, lésbicas não-militantes ou de Galf e pela vereadora Irene o dono é obrigado a discutir suas atitudes -- uma prática democrática a qual parece não estar muito acostumado. Afinal, vivemos no Brasil.

As militantes de Galf conversam com o dono e conseguem que ele declare diante delas, da imprensa e de outras companheiras (as), que o grupo poderá divulgar seu boletim dentro do bar -- sustentado pelas lésbicas. Fim do episódio, Irene dá um viva à democracia.

Qual democracia? Para nós, de Galf, sua definição transparece na complementação que Rosely faz à Irene: -- "ele só voltou atrás por causa de nossa força, da nossa união. A democracia neste bar só depende de nós!"

Por acreditar nessa democracia, sem lideranças, sem vanguardas e sem elites, é que continuamos a lutar para que todas as lésbicas se expressem e lutem pelos seus direitos. A maneira de cada uma. Acreditando em nossa autonomia individual, mesmo que participemos dos mais diversos grupos.

A repercussão de "happening" político de Ferré's abriu espaços sociais

para o Galf em dois sentidos. Entre as lésbicas, muitas vieram participar do grupo. As que ainda não querem militar já leem nesse boletim com outros olhos e discutem mais conosco. Sabemos que a libertação individual é um processo a longo prazo. Sabemos, também, que na História a militância sempre foi um gesto de muito poucos e dentro de espaços delimitados -- por exemplo os partidos políticos.

Neste final de século XX, grupos e pessoas dos mais diversos países querem modificar isso. A militância pela democracia não se restringe aos trabalhadores, seus sindicatos e seus partidos políticos, mas se estende ao cotidiano: às ruas, aos bares, às escolas, ao trabalho, às camas, aos jardins, aos mercados... Em suma, ao dia-a-dia mais "corriqueiro e banal" de todas (as) cidadãs (as). É assim que esperamos ir construindo a verdadeira democracia e o verdadeiro socialismo.

Sem todas as hierarquias e poderes que sufocam há milhares de anos, desde a pré-história, a existência, a alegria e o prazer dos seres humanos.

Nessa luta em constante movimento e transformação, as lésbicas têm um papel importante a desempenhar. De Sapho -- poeta grega que fez alguns dos mais lindos versos de amor pelas mulheres e que, vivendo na ilha de Lesbos, deu origem à palavra com a qual orgulhosamente nos denominamos

-- as lésbicas não tiveram voz e foram oprimidas. O resgate dessa História, dos versos perdidos em livros malditos, dos beijos que nunca puderam ser dados à luz do dia, do amor que nunca pode ser declarado à amiga com medo de perdê-la para sempre. Tudo isso e muito mais faz hoje nossa alegria de viver e de lutar.



Vanda



FAZENDO POESIA



A.

Gosto de você assim como você é
 Poda me amar assim como você quer
 Quero ter você e não quero saber
 Se assim não fosse como poderia
 Ter de outro jeito abraços e defei-
 tos?

Gosto dos teus olhos, do jeito que
 olham
 Seja assim tão pura minha voz na tua
 Me ama sempre igual em casa ou na rua
 Deixe que o vento penteie os teus ca-
 belos
 Faça dos teus olhos sempre o meu es-
 pelho...
 Deixe que a noite traga uma canção,
 Deixe que eu te guarde no meu cora-
 ção
 Deixe que eu te ame tanto...
 Você está na minha vida porque quer
 e eu estou para o que der e vier.

ANA MARINACANTO À MULHER

Tu és para mim a alegria e a tristeza
 a paz e a ira
 o amor e o ódio

Tu és o movimento e o estatico
 o aqui e o ali
 a de ontem e
 a de hoje

O sorriso e o não sorriso
 o imprevisto

O difícil
 o profundo
 O penetrante
 O brilho

o opaco
 O cair e o levantar
 o ficar
 o palpitante
 o silêncio e o barulho

Tu és o movimento
 A vida.

JOSENILDA DUARTE

Homem, mulher, minha verdade.
 Vaio seu sorriso, seu jeito, seu tu-
 do.
 Gostei, apaixonei, amo.

Por caminhos nunca andados.
 Vou por aqui e gosto!
 Seu sorriso, seu jeito, seu tudo.
 Meus conceitos mudados.
 Minha vida às avessas. E gosto!
 Seu sorriso, seu jeito, seu tudo.
 Me encontrando. Me gostando. E eu
 amando.
 Você existe. E na minha vida existe
 seu sorriso, seu jeito, seu tudo.

MARIA ESTELLAMÁSCARA

Palavras soltas no ar
 Sentimentos espalhados pelo chão
 Coração vazio, terrivelmente frio
 Fingindo amar aqueles rapazes
 Com a mente cheia de cenas
 Suaves, líricas, despidas
 De belas e sensíveis
 Mulheres.

LEILAFLOR DE LÍRIO

Teu beijo tem lírio,
 chá de sonho e medo.
 É cedo pra dizer
 mas acho que te amo,
 principalmente
 quando no claro escuro do quarto,
 no colo do meu útero,
 embalo de prazer bem úmido
 a doce ponta dos teus dedos.

MÍRIAMRUCHA KÁRMICA

Você desde há muito
 É a pedrinha no meu sapato
 Mas não encare como fatalidade:
 Prefiro chamar de acaso.
 Fatalidade foi eu ter que transpor
 a pedra que já era agora no meio do
 caminho.
 Eu agradeço a você
 por você ter sabido
 ser uma grande pedra.
 Eu agradeço a você
 por você ter gravado
 e sangrado a obra.
 Eu agradeço,
 Desobrigada
 E feliz.

VANGE

FAZENDO POESIA É UM ESPAÇO PARA NÓS,
 MULHERES LESBICAS, FALAMOS DE COMO
 É BONITO, SENSUAL, GOSTOSO E ÓTIMO
 AMAR OUTRA MULHER. TIRE US SEUS SEN-
 TIMENTOS DA GAVETA E ENVIE-OS PAR A
 NÓS PODERMOS PUBLICÁ-LOS COM MUITO
 PRAZER. NOSSO ENDEREÇO É CAIXA POSTAL
 62.618, CEP 01000, SP, G A L F .

SE FREUD E MARX VIVESSEM HOJE EM DIA...



AUTONOMIA

Para mim, quando penso na questão da autonomia, uma pergunta se coloca: Como um grupo pode ser autônomo, se todas ou quase todas as suas integrantes estão em partidos? Da mesma forma, como posso me dizer independente (de que?) e defensora da autonomia, se estou e/ou acredito nos partidos como canais de mudanças radicais?

Creio que está na teoria dos grupos feministas e homossexuais, e não reprodução da política tradicional (não cito os grupos de negros e ecologistas por falta de informações e porque a minha experiência se restringe ao movimento de mulheres e ao movimento homossexual). Entendo por práticas políticas tradicionais, aquelas que reproduzem os valores vigentes: hierarquia, competição, divisão entre os que pensam e os que

fazem, preocupação quase que exclusiva com a tomada do poder, entre outros valores. É a auto-representação do sistema. Os partidos políticos, na minha opinião, estão neste esque... uns reproduzem mais os valores dominantes, outros reproduzem menos, mas as velharias básicas permanecem: a estrutura hierárquica, a falta de democracia interna, o machismo, a vontade do poder. A experiência histórica dos países socialistas demonstrou até agora o fracasso dos partidos, da ditadura do proletariado ou sobre este. O que ficou claro é que um canal que reproduz valores opressivos não pode construir uma sociedade não opressiva. "A recusa da organização, diz Lefort, vem de uma consciência de que, em todas elas, uma minoria de dirigentes se cinde da massa dos executantes, a informação se retrai para o espaço do poder, hierárquias manifestas ou ocultas se fazem suporte dos aparelhos, setores de ativi-

dades se fecham, o princípio de eficácia que rege a divisão do trabalho e do saber se faz passar por princípio da realidade, o pensamento se deposita e se petrifica em programas que assinalam a cada um os limites do que é permitido fazer e pensar" (Ul-garia C. F. Matos-Paris 1968, As barricadas do desejo). É neste sentido, como consequência (desta desilusão), que surgiram os movimentos alternativos em 70. Foi uma desilusão positiva, pois o descredito aos partidos não gerou alienação, inércia, morgação, mas novas propostas, como a da organização de grupos de mulheres, homossexuais e ecologistas, cujas discriminações (juntas com as dos negros), até então tinham sido consideradas menores pela política oficial dos sindicatos e dos partidos legais e clandestinos. Estes grupos tinham como proposta inicial, procurar reinventar a política. A política tradicional, até então, separava o privado do público: O presidente de um partido poderia se considerar altamente revolucionário e ser um ditador com a mulher e os filhos—"Aquele que fala de revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver"—inscrição de Strasbourg durante maio de 1968. Uma revolução radical deve começar no nosso cotidiano, já que cada ato executado envolve uma parte da nossa concepção e perspectiva de vida, cada ato pode conter também relações de poder.

A questão dos negros, mulheres, homossexuais e ecologistas eram vistas para depois da revolução. O orgasmo também. Sexualidade era considerada (?) coisa da pequena burguesia. O proletariado não trepava (sic). A sacralização e mistificação de uma classe revolucionária, quase nunca

presente nos partidos, também foi desmistificada em 68, quando os estudantes de Paris, tomaram a frente durante as contestações radicais contra as estruturas de poder. O tão falado e sacralizado proletariado em sua maioria, não saiu das reivindicações econômicas e permaneceu atrelado a suas organizações burocráticas. A crença num setor específico que nos libertará (no caso o proletariado) parece falsa. A prática vem demonstrando que são os diversos movimentos sociais, os setores oprimidos de um país: mulheres, operários(as), negros(as), ecologistas, homossexuais, camponeses, etc, que através de suas lutas podem conseguir a transformação social. Estas lutas podem convergir em vários momentos, sem perderem as suas especificidades.

Penso que os grupos surgiram como alternativas políticas, tentando não reproduzir em seu meio a política tradicional. Isto significou trazer a questão das mulheres, dos homossexuais, negros e ecologistas, como questões políticas diretamente ligadas aos valores e padrões patriarcais, ao funcionamento e expressão da sociedade. O orgasmo, o prazer, passaram a ser conquistas a serem feitas no dia a dia. A revolução deixou de ser mito, algo para poucos iluminados de uma vanguarda, mas passou a ser algo que deve ser construído no cotidiano.

Querer reinventar a política dentro dos partidos, já em si um veículo tradicional de se fazer política, parece-me, no mínimo, contraproducente. É uma questão de opção. Onde empregam as energias? Para mim, como lesbica-feminista, prefiro empregá-las dentro do meu grupo e para o movimento de mulheres e homossexual. Se quero reinventar a política, procurarei pensar em formas de organi-



zação alternativas aos partidos, que até agora fracassaram historicamente e atuar em cima disto. Existe uma posição, bastante difundida de que não há nada de mais em se estar ao mesmo tempo em um partido e num grupo "autônomo" e de que uma coisa não exclui a outra. Várias defensoras desta posição acham que estar nos partidos, não as impedem de serem "autônomas" e de pregarem a autonomia para o movimento de mulheres. Elas colocam que devemos separar os objetivos do movimento de mulheres, daqueles dos partidos aos quais as mulheres se incorporaram. Isto na prática mostrou-se inviável, já que as mulheres se dividem, se enfraquecem por causa das suas opções partidárias, como ocorreu antes e durante as eleições de novembro (isto acontece ainda hoje). Como se daria esta separação entre os objetivos do partido e os do movimento? Nos partidos exerceria-se a política tradicional e nos grupos se tentaria questionar esta política, reinventá-la? Outras colocam que se não levarmos para os grupos as posições partidárias, tudo se ajeita. Mas um partido tem um programa e um projeto para quase todas as questões

. Além das discussões anteriores realizadas, por exemplo, sobre o movimento de mulheres, é toda uma estrutura partidária tradicional que a militante leva de alguma forma para o seu grupo. Além do que os partidos só se lembram de nós, mulheres, negros, homossexuais e ecologistas, em época de eleições para "arrebanharem" votos ou no máximo nos cooptarem como "bases" das suas (nossas?) vontades de poder. Talvez uma "dupla" militante acredite que nos grupos ela discute as suas questões "específicas", e as "gerais" como tomada do poder, no partido. Não entendo bem isto de questões "específicas" e "gerais". Por exemplo: as nossas questões "específicas" como aborto, creches, lavanderias e restaurantes coletivos, contra as discriminações sobre a mulher negra e lesbica, entre outras, não podem ser resolvidas no capitalismo e não foram pelo socialismo. As nossas questões "específicas" para serem resolvidas, precisam da transformação total das sociedades, isto em termos internacionais. A mudança deve ser radical, não podendo comportar nenhum tipo de opressão, e para alcançá-la é que começamos por construí-la no cotidiano.

Outra questão importante é que os partidos visam a tomada do poder. Tomar o poder para exercê-lo de forma diferente. Creio que toda "autoridade" (título dado a algumas pessoas que, segundo a "educação" por nós recebida, devem ser respeitadas e aceitas passivamente) é ridícula, mitos das nossas inseguranças, transferências para outro do que nós mesmas podemos fazer e não fazemos. A questão não é tomar o poder e sim dispersá-lo, descentralizar, para que não haja o poder de uns sobre outros. A autogestão política, econômica, social e cultural da sociedade, feita por todos

todos os seus membros. Mas para isto acontecer é necessário que uma grande parte da população acredite na sua própria capacidade de decisão e não delegue a sua vida para outros. Os partidos também são formas de se delegar as coisas.

É impossível negar as instituições autoritárias: escola, família, Igreja, Partidos, entre outras, pois elas estão aí e nós, de alguma forma, temos relações com estas instituições.

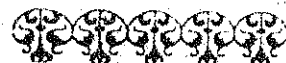
Mas isto não significa que não podemos e não devemos criticá-las e tentar modificar ou destruir estas instituições. No caso dos partidos, podemos manter relações, sem entrar em nenhum. Isto acontece quando participamos de debates promovidos por algum deles, utilizamos alguma gráfica ou levamos alguma ação conjunta em determinado momento.

Estar nos partidos é não acreditar nos grupos como possíveis veículos de transformação social. A multiplicação dos grupos autônomos de negros, feministas, homossexuais, ecologistas e de outros setores oprimidos (camponeses, operários, etc...), pode gerar cooperativas, federações, ou seja, uma ou mais organizações que poderão levar à mudanças radicais da sociedade. Estar nos partidos é acreditar na política tradicional. Aposto que se, por exemplo, todas as feministas que estão nos partidos, saíssem, o movimento feminista seria muito mais forte e capaz em termos teóricos e práticos, podendo até traçar uma organização alternativa. Este exemplo vale também para os outros movimentos sociais.

Finalizando, acredito que toda e qualquer mudança depende de cada um de nós, e neste sentido repito. Os grupos verdadeiramente autônomos, organizados conjuntamente, na unidade da diversidade, podem através da prá-

tica interna levar a transformação total da sociedade. Os movimentos autônomos provam que é possível militar e atuar como força alternativa aos partidos. Não dá mais para acreditar em tomada de poder. Então para que os partidos?

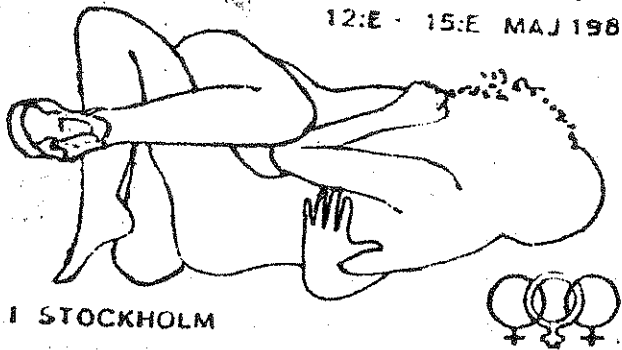
ROSELY



RECADO PARA AS MULHERES DE CHUTEIRA

VÁRIAS MULHERES JÁ NOS ESCREVERAM PEDINDO INFORMAÇÕES SOBRE OS TIMES DE FUTEBOL FEMININO. SE VOCÊ JOGA FUTEBOL E QUER DIVULGAR O NOME DE SEU TIME, ESCREVA-NOS, DANDO UM ENDEREÇO DE CONTATO, QUE NÓS VAMOS PUBLICAR PARA QUE MAIS MULHERES POSSAM TAMBÉM INVADIR OS CAMPOS. GRUPO AÇÃO LESBICA-FEMINISTA, CEP 01000, CX. POSTAL 62.618 SP

NORDISKT FEMINARIUM
 FOR LESBISK KULTUR & LIVSGLADJE
 12:E - 15:E MAJ 1983



I STOCKHOLM

DEPOIMENTO 3

Alô pessoal, o meu nome é Elisete e sou uma das militantes do G.A.L.F.

Não sou de falar muito, e timidez me é constante, prefiro observar as reuniões e, do meu ponto de vista, tiro o melhor proveito possível.

Integrei-me no L.F. em meados de janeiro-82; em maio houve a festa do 3.º ano (aniversário) do grupo com o tema: "Viva a Homossexualidade". Houve dois debates de um dia cada um, participando: "Lesbionismo e Feminismo".

Mas creio que não estava preparada o bastante para aquele debate, as formas de abordagem, e por esta razão achei que não estava preparada para militar no grupo. Aquela palavra me soava pesada nos ouvidos: "lésbica"! A idéia de me assumir como lésbica me apavorou, não me entrava! Eu não conseguia entrar neste processo de aceitação da minha própria sexualidade.

Decidi sair do grupo, me afastei definitivamente do G.A.L.F., não procurei amigo nenhum. Senti que precisava descobrir por mim mesma meus mistérios, mas, a cada dia que passava, só conseguia me perder ainda mais e me confundir.

A saudade do grupo chegava, batia cada vez mais forte, quando na rua, no serviço, alguém me encarava

com aquele olhar fatídico, me sentia num total desconforto.

Pois acontece que em nossa sociedade puritana, preconceituosa nos nos oprimem, nos vulgarizam, nos ridicularizam, nestes momentos de tédio, sentia que precisava voltar para o grupo, não apenas para me sentir protegida, apoiada, mas para lutar contra o preconceito.

Analisei os objetivos do grupo, consegui me recompor, senti o quanto fui tola em ter me afastado, lembrei-me do debate e descobri o quanto foi bom! Consegui ver o lado positivo do debate e vi que não era o fim do mundo.

O duro mesmo foi eu conseguir chegar a esta conclusão: "sou lésbica". Mas estava tudo ali ao alcance de meus olhos e ouvidos, só eu não queria ver nem ouvir.

Quando me conscientizei da verdade, tudo se modificou dentro de mim.

Foi então que comecei a perceber o quanto aquele grupo me era importante. As meninas dão um total desempenho, força e guerra na luta contra um preconceito que não diz respeito apenas ao grupo, e mim, e você, mas a todas as lésbicas assumidas ou enrustidas.

Esta luta também é minha e não é justo que eu fique apenas de fora observando os acontecimentos. Por isso resolvi voltar exatamente um ano após meu afastamento, e erguer nossa bandeira de luta, pois para isso não preciso me assumir publicamente mas posso lutar pelos objetivos do grupo que também são meus e com os quais me identifico plenamente.

Agora de volta ao grupo, descobri que ser lésbica está em mim. É minha forma de ser e não pretendo mudar.

Isto é mais forte que tudo que já senti na vida!

Existem empecilhos, é claro, mas o mais forte é o que vem de dentro da gente. Estou muito consciente e é por estar consciente que me sinto disposta, com muita vontade de realizar inovações no L.F. Foi através desta minha atuação que consegui me afirmar no grupo.

Hoje o meu círculo de amizades é bem maior, adquiri muita segurança.

Nós, seres humanos nascemos para para ser felizes e eu também tenho este direito. Vou lutar conjuntamente no grupo por este espaço que é nosso, mas que a sociedade quer nos negar...

Me propus a participar do grupo com afinco e dedicação, pois aqui no grupo as reuniões são técnicas, específicas; com aspectos informativos, de divulgação constante e principalmente de ensino sobre esta matéria para nós tão importante: "O Lesbianismo".

Existe muita autenticidade no grupo e solidariedade por parte dos militantes.

O carisma é coisa imprescindível, difícil achar palavras para classificá-las, só mesmo você vindo, conhecendo ou ainda escrevendo-nos para constatar a veracidade do que exponho.

Só espero que este depoimento possa ajudar a muitas Sandras Mares e a muitas outras que, assim como eu, encontram dificuldades para se afirmar através de sua própria sexualidade.

Desta vez falei demais... encerro usando uma frase que ouvi de Rosely, quando entrei no grupo: "Uma

amiga encontrada, no G.A.L.F., é uma amiga para sempre..."



Timidamente:

Elisete

RECADO PARA AS MÃES LÉSBICAS

Um grupo de mães lésbicas da Califórnia, Estados Unidos, está elaborando uma antologia de obras escritas por mães lésbicas, suas companheiras, suas filhas e as mulheres que, em geral, as têm ajudado, para editá-la até junho de 1984. Para tanto, neste momento, elas estão coletando material de todas as partes do mundo e nos enviaram um pedido de colaboração. Elas dizem que a antologia representa uma oportunidade vital para que as vozes das mães lésbicas possam ser ouvidas, uma oportunidade para amenizar o isolamento em que vivem e uma forma de desmentir o mito de que as mães lésbicas não existem. Elas consideram esta antologia como um veículo para a publicação de suas histórias, poemas, orações, ritos, canções e lamentos. Um documento de suas capacidades de sobrevivência, resistência, criatividade e visão da vida.

Se você é uma mãe lésbica e estiver interessada em ajudar as mães americanas e dar uma visão brasileira sobre o assunto, escreva para: LOCK BOX 8, 5831 TELEGRAPH AVENUE, OAKLAND, CA, 94609 ou 1803 MISSION ST., BOX 160, SANTA CRUZ, CA, 95060-5296. Se você quiser enviar poesias, limite-se a 5 páginas. Se for mandar alguma coisa em prosa, você terá até 3.000 palavras para dizer o quer, datilografadas em espaço dois e com margens de 2,5 cm. Para realizar este trabalho, você não precisa ser escritora. Envie apenas o seu depoimento, em prosa ou verso, como se fosse para uma grande amiga. ☺



No dia 10 de julho, o GALT entrevistou TOM SANTOS, diretor da peça "FIM DE CASO", com a participação também da atriz INES MARIA.

Tom Santos declara de início: "O homem aqui teve a visão de não querer fazer o estereótipo".

O saldo da entrevista é que precisamos refletir muito e discutir, sobre o porque do lesbianismo ainda ser visto com muito preconceito e através de estereótipos.

"FIM DE CASO":

UM EXERCÍCIO PARA REFLEXÃO ?

GALT- Que material você usou para elaborar a peça e os personagens?

Tom Santos- O material são mulheres entendidas - a lesbica - Eu convivi com varias mulheres entendidas, lesbicas. Não teve nada assim de elaborar, mas sim de vivenciar.

GALT- Foi uma pesquisa que você fez? Você passava algum texto para responderem? Quais os lugares que você frequentou? Qual a classe social? Quantas pessoas foram entrevistadas?

Tom Santos- Sim foi uma pesquisa. Não passava texto para não ficar uma coisa especulativa de perguntas e respostas, porque o espetáculo segue uma linha jornalística de observação. Os lugares eram as boates ou, o que eu mais preferia, o apartamento delas. A classe poderíamos chamar de A no cultural. Eu preferia as que têm, pelo menos, um nível de informação universitario e pós graduadas e nível social que poderia chamar de A ou B, sei lá, que tem endereço certo, propriedade...posses. (!) Quanto aos numeros, não houve a preocupação de segui-los, mas a preocupação de variar muito em relação a idade, profissões...

GALT- Seriam pessoas amigas tuas?

Tom Santos- É, começou com pessoas que tinham mais aproximação e depois isso facilitou chegar a outras. E de outras

foi me aproximando mesmo. Causa estranheza um homem chegar e se aproximar de um par de mulheres entendidas. Elas tem dificuldade em deixar chegar, ficam com medo. Não sei se pensam que é polícia, psicólogo, investigador particular, ou sei lá o que, então a tendência é não deixar chegar muito perto.

GALT- Mas você falava para essas mulheres o que você estava fazendo?

Tom Santos- Não interessa me conhecer, eu quero conhecer você. Eu quero fazer uma peça de teatro, mas não se preocupe que o seu nome não vai ser citado. Interessa a coisa como tese.

GALT- Na peça os casais são estereotipados, quer dizer, tem a mulher que faz o "marido" e a outra que faz a "mulher". Há um estereótipo inclusive pelo que se fala: "ela tem dona", "você não me penetra".

Tom Santos- É o seguinte: constatarei que ha mulheres que não adotam essa classificação: eu sou ativa e você passiva. Sei que varias são assim, não aceitam. E sei de umas que querem ser o homem do par, a tal ponto, que ela quer desviar a possibilidade da outra perceber que ela tem seios, (!) não permite que a outra toque no seio dela. E eu não coloquei todos os arquetipos de mulheres homossexuais, porque é impossível numa peça de uma hora e meia. E isso acontece; A mulher se sente agredida quando uma diz para a outra: Você não tem um pau para me penetrar. (!)

GALT- Essa é uma visão masculina.

Tom Santos- Quero deixar bem claro. Estou colocando a peça do lado da visão feminina.

GALT- Não estamos dizendo que é a sua visão do masculino e feminino. É que numa transa de duas mulheres existe a penetração. Na peça se coloca: "Você não pode me penetrar, por isso transei com um homem". Isso é uma visão masculina e também de falta de informação da sexualidade lesbica, porque uma mulher pode penetrar a outra com a mão. Então isso de se dizer que uma mulher não penetra a outra é falso, uma mulher penetra a outra, se assim desejarem. Você assumiu que esta colocando apenas determinado tipo de comportamento homossexual, que é aquilo que classificamos como estereotipado, quer dizer, a mulher que assume o papel ativo e a outra que assume o papel passivo. Qual é a razão desta tua abordagem?

Tom Santos- Porque eu na minha pesquisa, senti que são topicos mais difíceis de serem resolvidos, até de serem discutidos, que a mulher entendida, coloca muito da sua fantasia, por exemplo, quando bate o instinto materno. Porque uma das coisas que mais perturba o homossexual, tanto masculino como fe

minino, é a não possibilidade de ver a continuidade, e eu conheço casos de mulheres que permitiram que a mulher dela transasse com um homem para ter um filho, e digo mais, mulheres que conseguiram batizar essa criança na igreja livre do Brasil para ter um documento de filho de duas mulheres. Agora, sabendo dados como esse eu não poderia deixar de colocar num espetáculo. Eu constatei também, vários casos de meninas que acabaram se aproximando de uma mulher mais velha que estava precisando de alguém e que podia apoiar alguém. Então isso não é estereótipo. Isso está na vida. (!)

GALF- A questão que eu coloco é a dos filhos. Transpareceu que a mulher ficava incompleta se não fosse mãe. A personagem Ilda, estava tão obcecada com o desejo de ser mãe que faz quase dançar a relação, ela prefere trepar com homens com o consentimento da outra, do que adotar uma criança por um preconceito tolo. Ela quer ser mãe. Isso é o mito da maternidade, porque se ela adotasse, ela também seria mãe. Isso ficou estereotipado. Não é erro da peça, e assim na vida. Nós estamos questionando. É assim que a gente é educada e é uma coisa opressora.

Inês Maria: Eu imagino como essa criança vai ser criada, como vai ser a cabeça dessa criança, porque isso não pensam as entendidas que querem ou adotam uma criança. A mulher que pode gerar uma criança numa relação heterossexual tem essa cabeça. (!)

GALF- As crianças das relações heterossexuais também são abaladas e têm problemas. Agora, o modelo da personagem que faz a sensual, e o modelo heterossexual de mulher. Existe o questionamento desse modelo fabricado pelo meio de comunicação.

Tom Santos- Mas ela é o produto dos meios de comunicação. Ela coloca de início: "Eu quero ser famosa, eu quero ser capa de revista, quero transar os homens da boca do cinema, eu quero fazer tudo para "subir" e deixou claro que não sente prazer nem com homem nem com mulher, ela não é nem homossexual nem heterossexual, ela é uma jogadora de emoções, e isto existe na vida.

GALF- O que eu quero colocar é o seguinte: uma mulher lesbica ou não que venha assistir a peça como informação, e nessa uma hora e meia ela terá aquela visão sobre homossexualidade feminina, e essa visão foi a visão machista. A sua abordagem foi do estereótipo.

Tom Santos- Eu não sei qual é a sua visão. Eu não conheço ainda. Eu conheço a minha, que inclusive, como homem que não sou nem entendido, tenho a coragem de expor. (!) Algumas pessoas não gos-

tam. Posso te dar um dado: Duas meninas na hora do depoimento da personagem Lidia, não aguentaram o espetáculo, disseram que era uma vergonha o que se estava dizendo e foram embora.

GALF- O que eu queria dizer: Duas pessoas que vieram aqui tentando conhecer um pouco mais da homossexualidade feminina, num meio menos comprometedor que é o teatro, e saíram chocadas simplesmente porque viram o depoimento, que eu achei uma das melhores coisas da peça, ou pela visão toda que é dada na peça? Uma visão estereotipada.

Tom Santos- Mas isso acontece na vida e mil centenas. Porque tem muitos lugares. Posso te dar um outro dado: Uma menina que assistiu o espetáculo e disse: "Esta aqui é com quem fiquei noiva. Eu adorei o espetáculo, vou ver outra vez e trazer minha mãe. De qualquer jeito ela vai ter que começar a entender que sou entendida". Então o espetáculo está prestando um serviço para muitas, como esta deixando algumas, como vocês, chateadas. O teatro aí cumpre uma função. O teatro não pode ser aquele negócio que todo mundo tem que gostar. O teatro tem que provocar o conflito. É, antes de mais nada, um veículo de comunicação social provocando o conflito.

GALF- Isso que você falou agora, veja que interessante: "Ficamos noivas" vai daquele estereótipo social que via de regra é: namorou, noivou, casou e se gostaram do espetáculo e porque se quem o estereótipo. Esta confirmando nossa posição. Nós lutamos basicamente contra a discriminação que sofremos e principalmente para que nossa sexualidade seja livre exatamente da reprodução do comportamento heterossexual, onde tem uma dominada e um dominador.

Inês Maria:- Isso é só um relacionamento humano, entre dois seres humanos, duas mulheres, dois homens, um homem e uma mulher. No relacionamento humano tem um que quer ser dominador e outro que gosta de ser dominado, isso é o mais comum. (!)

GALF- Tem aquela coisa de ser usada. A personagem Lidia que faz o papel da toda romântica, uma mulher muito amorosa, carinhosa e menos estereotipada, e que tem o "Fim de Caso". Acharmos que falta uma relação, que apesar de colocar o lado neurotico mais social, conseguiu assim mesmo, continuar. Na peça tem uma relação que continua e a outra que não continua. E a que continua é muito estereotipada. Concordamos que tivesse um casal estereotipado e que o outro não fosse.

Inês Maria- Quando a personagem Nico,

diz: "Você queria que eu limpasse a casinha do meu marido - Você" eu digo: "Não eu só pedi um pouco de atenção, um pouco de carinho". Eu não quero estereótipo, eu só quero amor. O meu quadro não é estereotipado. Eu não tenho atitudes de macho, de dominação. Eu tenho atitude de quem quer amar e que não tem da outra. Ela tem ciúmes, tem inseguranças, tem medo de perder. O que ela quer é amor.

GALF- Tudo bem, o teu personagem - a Lidia - foge um pouco do padrão, mas na medida que se tem uma relação dependente que reproduz a relação que a mulher tem com o homem, e uma relação estereotipada de alguma forma.

Inês Maria- Eu acho que é a relação do ser humano. Um ser humano querendo o amor de outro ser humano, que no caso são duas mulheres. Eu vejo essa peça como um símbolo e choro to da vez que a faço, porque eu acho su per triste uma pessoa querer amor e a outra só usar.

GALF- Nós procuramos nos informar so bre todas visões do tema, por isso estamos aqui te entrevistando. Poderamos ter visões diferentes das tuas, tudo bem, achamos ótimo isso, mas vamos colocar essas diferenças explicitadas. Achamos que é estereotipado porque aborda um modelo. Estamos tentando discutir, mas parece que está difícil.

Tom Santos- Eu entendo o teatro como veículo de comunicação social, e o caso do homossexualismo, para mim, é um fato social e não um problema, então eu quis transformar esse fato social, numa matéria ao alcance das pessoas entendidas ou não.

GALF- Se o teatro é um meio de comunicação social e tem a capacidade de influenciar as pessoas a passarem a pensar alguma coisa, e você colocou duas visões negativas e a única relação dentro da peça que procura o amor, falta, você não acha que a pessoa que vem assistir, vai ser influenciada a vai ver só o lado negativo que a sociedade tem para essa relação?

Tom Santos- Não está acontecendo. Se vocês acham negativo então deve-se pensar no lado positivo, mesmo que o espetáculo, vamos supor: - mostre que todo relacionamento homossexual é neurótico- se eu mostrei esse lado, poderia vir um outro espetáculo, que nem precisa ser feito por mim, que vai mostrar o outro lado.

GALF- Na sua pesquisa você não encontrou nenhum casal que não tivesse uma relação desse tipo: relação paizinho, francha/lady ou uma relação que não

fosse de exploração? Porque são relações tão problemáticas?

Tom Santos- Porque a maioria das relações são problemáticas. Aquelas que eu achei que não são problemáticas, são algumas que dizem não ser problemáticas, mas leva-se um papo e em seguida constata-se que são problemáticas. São neurose a partir do momento que essa relação começa a conflitar uma religião que ela conhece, um país que ela vive. Vocês tem pai, mãe, irmão, padrinho, regime político, social, econômico, firma para trabalhar, e são enxergadas como mulheres (!) e o padrão estabelecido pela política social, é que mulher é mulher e homem é homem. Não tem por onde. Eu pesquisando encontro mulher mãe da família, que não sabe que a filha é entendida, e acha que a mulher entendida tem pinto. Eu preciso por as mulheres peladas em cena para mostrar que a mulher entendida não tem pinto.

GALF- Dentro da homossexualidade existem variações incríveis e você pensa em apresentar apenas as variações problemáticas.

Tom Santos- Nessas duas relações tem muitos detalhes. A personagem Lidia, para mim, não é nem homossexual. (!) Como da para saber? Na entrada dela no interesse sexual ela teve um instinto com a menina com quem estudava, isso está no depoimento dela, e o primeiro corpo que encostou no dela, foi o de uma mulher. Teve um interesse, mas quem pode dizer que esse interesse realmente ia ser homossexual? Acontece que ela não teve tempo nem de discutir, a mãe entrou no quarto, deu-lhe uns bofetões, não conversou e já achou que ela transava com o pai. (!) Ela ficou tão apavorada que a partir daí teve medo e para sair de casa ela foi obrigada a casar com um homem, porque é o sistema, e depois se separou.



GALF- Na medida em que você só colocou duas relações problemáticas, você está reforçando o preconceito que existe contra nós.

Tom Santos- Eu estou colocando o ser humano problemático, eu já disse, nem sei se a Lidia era homossexual. (!) Eu assumo isso: é a primeira peça que está sendo feita na dramaturgia brasileira. Então pode ser que agora as mulheres façam outra, até para mostrar que não é assim. Então o espetáculo cumpriu uma função social: ele criou um conflito e fez com que aquelas que estavam sem coragem fizessem. (!)

GALF- Achamos a cena da transa muito artificial. É plástica, mas muito forçada, talvez por dificuldade em representá-la, mas não é necessário ser homossexual para fazer bem essa cena, is é próprio de ser atriz. É a música de veria ser mais lenta, intimista, uma coisa mais suave.

Tom Santos- A cena da transa é marcada porque eu tenho dois minutos para mostra-la, e eu quiz mostrar que não havia tipo passiva, por isso a posição de troca. O que uma faz a outra também faz. Agora a música é a Pastoral de Bethoven, que para mim, é o máximo. E eu não fui perguntar para as mulheres se elas gostavam da Pastoral aí eu tinha que assumir uma posição.

GALF- Qual é o aspecto positivo que você vê na peça?

Tom Santos: Eu poderia falar durante 4 horas, resumir em duas palavras, um negócio que eu levei tanto tempo para medir, mas acho um absurdo, eu vou queimar uma ideia. Mas eu coloquei esse espetáculo, consciente que ele representa uma grande parte da vida.

RECADO FINAL: GALF.

Achamos real a parte do uso, porque existe essa coisa em muitas relações. E fica aí que deveria ter uma outra possibilidade mais positiva. Já que sofremos várias discriminações, sores paldar mais uma, não precisa, isso é um fato que sai nos jornais, há um sensacionalismo em cima. Acho que precisamos tentar trabalhar também alguma coisa mais positiva, mostrando que uma relação homossexual pode não ser só de exploração, pode ser alguma coisa que faça crescer, pode não ser tão estereotipada. Quando criticamos o que acontece, não é que não exista esse tipo de relacionamento. Existe. É que so há como referência os aspectos negativos do lesbianismo. Gostaríamos, também, que tivesse uma postura mais crítica, a procura de uma relação mais construtiva, criticar essa neurose imposta pela sociedade e tentar viver uma re-

lação mais igualitária que faça crescer, que não seja só de exploração. A ideologia tenta não mostrar, porque vivemos numa sociedade heterossexual, mas também há relações lesbicas que podem fazer crescer.

Maria Luiza



HOMENAGEM A SANDRA MARA HERZER

Sandra Mara Herzer suicidou-se em agosto de 1982 após 20 anos de vida de desesperada e cheia de rebeldia. Seu apelido era "Bigode" e ela passou três anos de dolorosas experiências numa unidade da Febem, onde escreveu um pungente relato sobre essas experiências e sobre seu amor pelas mulheres que viria, posteriormente, a transformar-se em livro com o título de "A Queda para o Alto". Em sua homenagem, transcrevemos abaixo uma de suas poesias.

Encontrando o que se quer

Eu queria ser da noite o sereno
e umedecer o vale seco e pequeno.
Eu queria, no dia claro, luzir
para ao amor todo o povo conduzir.
Eu queria que branca fosse a cor da terra
e não vermelha para inspirar a guerra.
Eu queria que o fogo me cremasse
para ser as cinzas de quem hoje nasce.
Eu queria que os belos poemas fossem de Deus
para neles encontrar as virtudes dos irmãos meus.
Eu queria, muito queria saber ganhar
para as simples alegrias poder comigo guardar.
Eu queria, como queira, saber perder
para de ti, agora, tanta saudade não ter.
Eu queria morrer nesse instante sozinho
para novamente ser embrião e nascer
— eu só queria nascer de novo, para me ensinar a viver!

Sandra Mara Herzer

ASSINATURAS

SE VOCÊ DESEJA RECEBER UMA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA, ENVIE SEU

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

É UM CHEQUE NO VALOR DE R\$1.500,00 PARA O GALF, CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SP

O BOLETIM CHANACOMCHANA É BIMENSAL E, PORTANTO, VOCÊ RECEBERÁ 6 NÚMEROS A PARTIR DA DATA DE SUA ASSINATURA.

O CHANACOMCHANA TAMBÉM É SEU. ENVIE-NOS SUA OPINIÃO, CRÍTICAS, SUGESTÕES, POESIAS, DESENHOS, O QUE VOCÊ QUIZER.



A FUNÇÃO DO HOMOSSEXUAL NA SOCIEDADE

(o porque da repressão)

Fiz e refiz várias vezes este texto que vocês agora lêem. Tinha muita coisa que desejava dizer e ao mesmo tempo não tinha nada. (Condições: elas existem...). Cheguei a detestar o que estava fazendo. Canssei! Decidi, então, "meter as cartas e deu no que deu. Ai vai:

Só "um cego que não quer ver", não sabe que nós homossexuais somos reprimidos. Portanto, não falarei aqui das ofensas que nos dirigem nas ruas; das agressões físicas de que somos alvo até mesmo nos lugares onde gastamos nosso dinheiro; nem dos medos que interiorizamos pouco e pouco. Não, tentarei sim dar uma visão da função que nós, gays e lésbicas, podemos ter na sociedade, seja ele capitalista ou não. Pois bem, sabemos que normas de procedimento social e relações pessoais íntimas são fixadas com o propósito de evitar mudanças. Uma sociedade padronizada é, portanto, uma sociedade estagnada. "Tudo bem, isso nós já sabemos e daí?" Daí, que a sociedade nos reprime, pois nos teme! E nos teme por quê? Ora, nós tivemos a "ousadia" de romper com um dos mais fortes e enraizados padrões sociais: a heterossexualidade! Então, os conservadores, "os carretas", pensam consigo: "Se esses enormes, esses doidos tiverem a petulância de romper com a normalidade(?) heterossexual, então serão também capazes de ousar romper com a nossa ordem (?) social e aí... Oh, Deus, será o caos... Temos que detê-los, portanto!" E, indubitavelmente, a pressão é maior sobre nós, mulheres homossexuais, nós

lésbicas, pois é dupla: pressionem-nos enquanto mulheres e enquanto lésbicas. Ora, imaginem só uma mulher, sempre tão reprimida em sua sexualidade, sempre tão reprimida no Eros, ("porquê o Eros tem algo de revolucionário" como diria a feminista Dacia Maraini), numa sociedade patriarcal (tipo: "o homem é o máximo") como a nossa, "ousar" sentir-se muito mais propense a encontrar a felicidade amorosa e sexual, com outra mulher... Onde fica o tão endeusado falus, penis ou pau (como queiram)? Somos, portanto uma grave ameaça, não?

É óbvio que nem sempre a(o) homossexual será um(a) rompedor(a) de padrões: Há as/os que preferem(?) - ainda - reproduzir padrões de comportamento/relacionamento já estabelecidos (tipo: dominador(a)/dominado(a)) Todavia, como toda face tem dois guarnes, esse marginalidade que nos é imposta, permiti-nos observar "de fora" de maneira mais ampla a sociedade na qual, de uma forma ou de outra estamos inseridas(os), de qual fazemos parte. Nos é possível, portanto, iniciar um questionamento constante de nosso grupo social, de nossa sociedade e de nós mesmas/os. Não um questionamento impensado, destruidor, dadaísta (no sentido de uma destruição ilógica). Mas um questionamento propulsor, inovador. Eu acredito na possibilidade de introduzirmos um sopro, que seja, nessa sociedade padronizada e esfiziada. E se nós, estivermos unidas(os), este sopro poderá ser um vendaval, não é?

Concluindo, a função de(o) homossexual é questionar. Porque você não começa por me questionar?





MOVIMENTO FEMINISTA E SAÚDE DAS MULHERES

Desde 22 de maio, numa reunião onde se discutiu o Conselho da Condição Feminina e o Movimento das Mulheres, busca-se rearticular em São Paulo o Movimento Feminista. Mulheres independentes ou que participam do Movimento vêm realizando, a cada mês, um encontro com essa finalidade. No dia 14 de agosto, na Assembleia Legislativa, foram apresentados por três grupos -- formados na reunião anterior -- resumos de diversos documentos sobre a saúde da mulher: des de programas na área governamental, passando por projetos de lei em tramitação no Congresso ou depoimentos na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre Planejamento Familiar, até documentos elaborados ao longo do tempo por diversos grupos feministas. Como diz a convocatória da reunião de 14 de agosto, "a função dos resumos bem como das propostas feministas é de nos munir das informações necessárias a essa mobilização para que possamos prosseguir juntas nas nossas lutas". No encontro de 11 de setembro, as mulheres participantes faremos uma síntese de nossas propostas, abrangendo a saúde da mulher de uma perspectiva feminista ("nesse corpo nos pertence") e de uma forma ampla: desde a puberdade até a menopausa. Com essa síntese, será possível contrapormos nossas propostas não ape-

nas a projetos específicos -- como é o caso de "planejamento familiar", que as autoridades querem impor às mulheres, sem amplo debate prévio -- mas avançarmos na sua divulgação entre todas as mulheres.

SAÚDE DAS LÉSBICAS

Entre os documentos resumidos para esses encontros de mulheres está um elaborado pela Galf, que trata da questão específica da saúde das lésbicas. Apesar de sermos vítimas de uma dupla opressão -- enquanto mulheres e enquanto lésbicas -- as discussões sobre sexualidade sempre nos deixam de lado. E os projetos de combate à discriminação sofrida pelas mulheres raramente incluem qualquer item que fale sobre nós. Per exemplo, da nossa discriminação no atendimento de saúde. Pela primeira vez no Brasil, ela é considerada dentro de um projeto global de saúde da mulher, de que falamos na nota anterior. Pela primeira vez, também, há uma ampla luta pela abolição do código 302.0, da Classificação Internacional de Doenças, que inclui a homossexualidade entre suas enfermidades (em decorrência dele, qualquer bicha ou lésbica pode ser internada (a) em hospital psiquiátrico como "doente mental"). Embora esse código já tenha sido abolido em diversos países (particularmente na Europa Ocidental), o Brasil ainda o adota em seus serviços médicos. (Se você quiser conhecer nesse texto sobre a saúde das lésbicas e se enviar pedido e vale postal de cem cruzeiros para nessa caixa postal).

CONTRA O 302.0

Nos informes de Chana anterior, noticiávamos a intenção da deputada estadual Ruth Escobar (PMDB) de apresentar uma moção na Assembleia Legislativa de São Paulo contra o famigerado código. Apesar da complicada tramitação de

materia, a moção entra para a ordem do dia da semana de 12 a 16 de setembro (quer dizer, vai à plenário para debate e votação). Sua aprovação é praticamente certa e, quando você estiver lendo este boletim, ela já deverá estar sendo encaminhada à Presidência da República para as devidas providências. A vereadora Irene Cardoso (PT) também apresentou moção pela abolição do 302.0 na Câmara Municipal de São Paulo (existem moções semelhantes nas assembleias legislativas de Rio e de Recife, além de um abaixo assinado correndo o Brasil, com milhares de assinaturas).

DEBATE NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

No dia 29 de agosto, a Galf e a "Outra Coisa" (Ação Homossexualista) participaram da mesa-redonda sobre "Homossexualismo: diagnóstico médico ou não?", promovida pelo Centro de Estudos de Sexualidade Humana, na sede da Associação Paulista de Medicina. Participaram médicos, psiquiatras, psicólogos, sociólogos, antropólogos, jornalistas, buscando dar a questão um enfoque multidisciplinar. Como saída das discussões, a Galf e a "Outra Coisa" irão preparar um documento com seus argumentos contra o código 302.0 para enviar ao presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria e a outras entidades médicas, que devem se pronunciar a respeito. Os participantes do debate de dia 29 se pronunciaram contra o código, considerando-o uma aberração.

DEBATE COM A ASESP

Na semana de 8 a 13 de agosto, a Associação dos Sociólogos do Esta-

de de São Paulo (ASESP) - promoveu na Universidade - de São Paulo (USP) uma semana de conferências e debates sobre os mais diversos temas de interesse dos cientistas sociais -- paralelamente às articulações para a eleição da nova diretoria da entidade. No dia 11, representantes dos grupos oprimidos (as famosas "minérias") compareceram ao debate sobre o tema "Discriminação e violência": seis mulheres de Galf, dois rapazes do "Grupo Outra Coisa", dois representantes do Movimento Negro Unificado (MNU) e, mais uma vez, nenhum índio, como lamentou a antropóloga que falou sobre o tema. Como saldo, o compromisso assumido pela coordenadora de debate, socióloga Tereza Augusta Marques Parte, de que levará para a ASESP um aprofundamento na discussão do tema e, também, a crítica reiterada por um companheiro do MNU: já é hora das sociólogas e outros cientistas começarem a chamar as "minérias" por seu verdadeiro nome: grupos oprimidos ou alguma outra expressão que não mascare sua situação dentro da sociedade.

DEU NA IMPRENSA

No último número do jornal "Mulherio", há uma nota sobre os acontecimentos de Ferreira. Agradecemos a solidariedade das mulheres que participam da publicação. Quem leu a "Falha de S. Paulo" de 28 de agosto último viu no "Suplemento Mulher" uma reportagem de capa sobre as lésbicas -- "O Gay Feminine" -- assim como um artigo da psicóloga Marta Suplicy sobre o tema. Nós, de Galf, discordamos bastante de alguns aspectos da reportagem e da totalidade do artigo, motivo pelo qual enviamos uma carta ao "Suplemento", publicada na sua edição de 4 de setembro. Procurem ler as duas coisas. São bastante esclarecedoras.

HOMOSSEXUAIS INFORMAM SOBRE A AIDS

Dois homens do Movimento Homossexual (Cacá e Antonio Carlos) prepararam um texto explicativo (10 páginas) sobre a AIDS (que em português quer dizer Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida - SIDA). Esse texto foi aprovado pela dra. Valéria Petri (Escola Paulista de Medicina) e, se você ou seu amigo quiserem adquiri-lo, é só enviar um vale postal no valor de CR\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros) para: Antonio Carlos Testa, Caixa Postal 62.699 - CEP 01198 - São Paulo (SP). Esse dinheiro será utilizado para confecção de cópias de mesmo e para despesas com o correio. Quem divulga esse texto é o "Grupo Outra Coisa" (Ação Homossexualista); juntamente com ele, você receberá seu resumo e mais o endereço onde se consultar gratuitamente em São Paulo.

ADÉ-DÚDÚ CONVIDA

O Adé-DúDú é um grupo de negres homossexuais de Salvador, Bahia. Ele pretende promover, na primeira fim de semana de outubro, um encontro de ativistas homossexuais na sua cidade, para discutir a respeito da crise do Movimento Homossexual no Brasil. Por isso, Adé DúDú enviou ao Galf e ao "Outra Coisa" uma pauta com as condições de participação no encontro. Tanto o Galf como o "Outra Coisa" já responderam aos companheiros da Bahia. Mas ponderamos que o adiamento do encontro para o início de 1984 (janeiro/fevereiro/Março) facilitaria para nós não apenas a elaboração mais aprofundada das propostas, mas sobretudo possibilitaria a ida de algumas (uns) representantes até Salvador, pois o início do ano coincide com o período de férias escolares, que podem ser combinadas com al-

guns dias de ausência no trabalho. Por isso, esperamos que Adé DúDú considere com carinho nossa proposta.

PINTANDO UM NOVO GRUPO

O pessoal de Natal (RN) está iniciando um movimento de defesa dos homossexuais lá naquela banda e pede nossa ajuda para "orientá-los". Aqui está a carta que eles nos enviaram e que transcrevemos na perspectiva de estimular o surgimento de outras propostas como as deles em outras partes do Brasil. "Companheiras, Estamos começando um movimento em defesa do homossexualismo aqui em Natal-RN. Gostaríamos que vocês nos orientassem de como encaminhar nosso movimento já que vocês têm bastante experiência nesse tipo de luta. Vamos contar com o apoio de vocês, pois unidos é que conseguiremos nossa vitória. Natal não pode ficar de braços cruzados diante de uma situação tão discriminatória. É preciso, desde já, que se comece uma luta contra esse tipo de discriminação. Companheiras, esperamos urgentemente que vocês mandem informações (panfletos, jornais, revistas, boletins informativos e, principalmente, uma orientação geral de como encaminhar nosso movimento), pois é de extrema importância para nós a ajuda e o apoio de vocês. (CX. PUSTAL 552, Natal, RN, CEP 59.000) Resposta: Já estamos enviando material para vocês e aguardando maiores contatos. Galf



CARTAS



Acabamos de receber o ChanacomChana. Li toda a trajetória do GALF. Houve, durante o nosso debate na A.F.P, uma menção, pelo Brasil Mulher, ao GALF como sendo um dos únicos e mais bem estruturados grupos de lésbicas-feministas do país. E o chanacomchana só vem a confirmar o dito.

Procurar uma nova iluminação, não sei, mas, achar uma nova realidade. Está aí! Na cara! Quando duas mulheres se juntam, adaus! Adaus machões, pois deve haver, como surpresa, o nascimento de uma nova mulher maravilhosa, forte e sensual, genial e, acima de tudo, consciente. Parabéns Galf! Parabéns por existir e agir... (Huides, GGB, CX. Postal 2. 552, Cep 40.000, Salvador, BA)

*

Amigas.....

Adorei ter recebido o nº 3 do ChanacomChana. Li-o todo assim que recebi gostei de tudo e aproveitei para lhes agradecer por ter publicado meu anúncio e minha carta. Obrigada! Olha gente, ao ler o boletim, me senti tão pequena ao ver todo o trabalho que vocês têm feito e eu aqui me limitando a ler... Não, sinceramente, eu queria trabalhar como vocês, fazer a

uma coisa de útil, batalhar por algo que nós mereçamos.

Tenho que ir a São Paulo e pretendo ir num fim de semana para participar da reunião de vocês e, aí, poder participar mais ativamente. (Aninha, São José do Rio Preto)

*

Queridas amigas,
Obrigado pelo ChanacomChana nº 3. Gostei muito especialmente de GALF: 4 anos de atuação e do Depoimento I, de Rosely. O primeiro, de autoria de Miriam, agradou-me por que eu acho que nós devemos registrar a nossa história, apesar de ser ainda muito curta; o segundo, de Rosely, pelo tom utilizado, que me pareceu muito simpático.

...uma palavrinha à Miriam. "Bicha", minha querida, é feminino. Assim, diz-se: "Manual é bicha" ou Manual é uma bicha; jamais ouvi: Manuel é um biche. (João Antônio Mascarenhas, Cx. Postal 14. 601, Cep 22412, Rio de Janeiro, RJ)

Resposta: Em primeiro lugar, João Antonio, gostaríamos de agradecer seus comentários elogiosos ao nosso trabalho e, também, pedir-lhe desculpas por não publicarmos, por uma questão de espaço, sua dica sobre o meu erro em relação ao parágrafo 302. O que não é de INAMPS, mas sim da Classificação Internacional de Doenças. Seu recado foi anotado e, como você poderá constatar pela seção de informações, nós já estamos pas-

sando a denominação correta. Obrigada.

Quanto ao fato de eu me referir às bichas como os bichas, trata-se apenas de uma perversozinha gramatical que me sinto no direito de fazer por considerar os homens homossexuais, mesmo os mais efeminados, como homens realmente em gênero, número e grau. Hábito de feminista. Beijinhos, Miriam

*

Recebi o boletim nº 3. Achei maravilhoso os depoimentos das meninas que iniciaram uma obra que tenho certeza progredirá muito e espero que, a cada ano que passe, vocês recebam mais e mais companheiras nossas para que possamos nos abrir mais, nos dar, desabafar com quem pode nos entender, não é mesmo? (Marlene, Pinheiros, SP)

*

ENDE REÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA

*Lalinha Gomes

R. Raimundo de Castro Maia, 95, Cap. 05. 379

*Theodore S.

Christopher
118 Lambeth Drive,
Pittsburgh, Pa. 15241
USA (Escrevam em português mesmo)

*O BOLETIM CHANACOM - CHANA É EDITADO BIMESTRALMENTE PELO GRUPO DE AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA, CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01000 São Paulo, SP

*- COLABORARAM NESTE NÚMERO: CÉLIA, ELISE TE, LIETE, MARIA LUIZA, MÍRIAM, ROSELY E VANDA (SETEMBRO/1983)



GRUPO
AÇÃO
LÉSBICA
FEMINISTA

CHANA COM CHANA 5

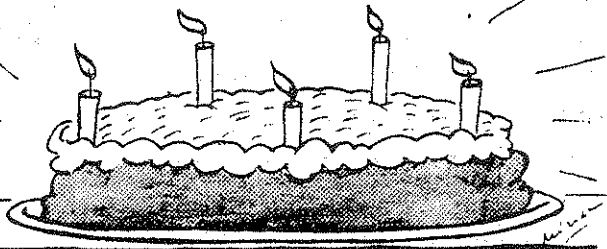


SER OU
ESTAR
HOMOSSE-
XUAL?

As lágrimas
amargas
de
Petra von Kant



DESARMA-
MENTO
NUCLEAR



GALF: 5 ANOS DE OPÇÃO

O GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA (GALF) estará completando 5 anos de existência no dia 17 de maio deste difícil e conturbado 1984. São 5 anos de pé na estrada, muita batalha, muitos acertos e erros, muitos encontros e desencontros e acima de tudo, muito pique e muita coragem.

São 5 anos de luta contra o preconceito que discrimina as mulheres lésbicas e as restringe física e psicologicamente a seus apartamentos ou casas e a alguns poucos bares e boates entre inúmeros outros da cidade.

São 5 anos de muita fé, no sentido de crédito e confiança, no nosso próprio trabalho, e que vem nos permitindo superar a maior parte dos obstáculos encontrados pelo caminho.

São 5 anos de atuação onde procuramos levar para as mulheres lésbicas um trabalho de valorização da mulher e de sua sexualidade, embora nem sempre sendo bem aceitas. - Algumas mulheres homossexuais não acreditam na importância de que fazemos e, até mesmo, nos menosprezam, inconscientes (de certo por falta de informação) de que ao rirem, por exemplo, da palavra lesbica-feminista, estão rindo de si mesmas pois a pequena liberdade e independência que hoje desfrutam se devem

Salto no abismo

a luta de grupos de mulheres que como nós desafiaram as limitações de seu tempo e abriram espaços de luz onde antes só havia escuridão e medo.

Mas, são também 5 anos de alegria por termos nosso esforço reconhecido pelas leitoras e leitores do Chanacom Chana, aqui e no exterior, e pelas pessoas que nos conhecem pessoalmente e nos dão seu incentivo e apoio.

São 5 anos de atividades reconhecidas pela certeza de que nós, do GALF, através de nossas reflexões sobre lesbianismo e feminismo, amadurecemos e crescemos enquanto seres humanos, num processo difícil mas de contínuo aprimoramento de nossas relações pessoais.

São 5 anos que nos dão base para reafirmar nossa crença no papel da vontade de cada indivíduo e no do trabalho coletivo para a mudança de nossas vidas e da realidade social.

GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA



MAIO DE 1984

informes e cartas

a) Registramos aqui, com muita alegria, o surgimento de um outro grupo lésbico, em Salvador, Bahia, que vem, desde novembro de 83, atuando contra a discriminação sobre as mulheres lésbicas. Seu nome é Grupo Libertário Homossexual (G.L.H) e o seu endereço é CAIXA POSTAL 2446, Salvador, BA, Cep 40.000.

b) As livrarias e os grupos feministas da Alemanha Ocidental vem sendo ameaçados por grupos neo-nazistas com ataques principalmente dirigidos às mulheres lésbicas. Tais grupos enviam mensagens, por telefone ou carta, dizendo que vão atacar esta ou aquela livraria e seus slogans são do tipo: "Estuprem as lésbicas, quebrem seu orgulho ou Morte e Ódio para as lésbicas." Quem assume a autoria destas lindas palavras é o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Moções de protesto já foram encaminhadas aos partidos políticos e ao departamento de justiça alemão pelos grupos feministas e homossexuais. (Serviço de Informação Lésbica Internacional-ILIS)

CONTINUA NA PÁGINA 14

de ambas as submissões serem motivadas basicamente por uma grande dependência afetiva, as reações de Marlene são mais sutis do que as de Petra: a última descarrega sua insatisfação ocasionada pelo tratamento que recebe de Karen, sobre Marlene. Esta por sua vez limita-se, por exemplo, a bater mais fortemente nas teclas ao datilografar. (Uma alegoria sobre a situação clássica do homem oprimido pela sociedade que oprime sua mulher, que reage "batendo-se" na cozinha ou gritando com os filhos?)

A situação vai ficando cada vez mais tensa, até que Karen - já lá fora - recebe um telefonema de seu marido que chegara da Austrália. Ela parte para Frankfurt ao encontro do marido, deixando Petra que começa a se autoestruir. (Um detalhe importante: quando esse processo de auto destruição inicia-se, a cama é retirada do cenário. Metafóricamente, Fassbinder estaria dizendo que a falta de amor resulta em auto destruição?).

E apesar de ter sido abandonada por Karen, Petra continua a descarregar opressivamente sua ira sobre Marlene. Até que finalmente "explode" em sua festa de aniversário, e, aos berros, diz que está loucamente apaixonada por Karen; o que choca sua mãe Valéria ("minha filha ama uma mulher. Uma mulher, minha filha! Ó, Deus, que horror! "). Depois da explosão o colapso e a recuperação. Petra procura, então, esquecer-se de Karen. Finalmente nota Marlene e chega-se a ela dizendo " Agora você poderá ter liberdade e alegria. " Marlene beija-lhe a mão, agradecida. Petra diz que não queria assim e pede a ela que lhe fale sobre sua vida. Marlene olha-a e, surpreendentemente, arruma as malas e... se vai!

A Versão de Lillör Fernandes: Otimismo

Como já afirmei no início, a versão cinematográfica de "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" não tinha como temática principal a homossexualidade em si, era antes uma crítica ao poder. Note-se que as relações existentes entre Marlene, Petra e Karen são o microcosmo das relações de poder existentes no mundo: a escala hierárquica de opressão (Karen → Petra → Marlene → ou sociedade → homem → mulher; etc), o posicionamento diante da opressão va-

riável segundo a personalidade de cada um (Petra "descarrega" n'outra pessoa; Marlene, em si própria. Petra liberta-se após um processo interno, próprio; Marlene aguarda que a liberdade (?) lhe fosse dada por Petra - ou a mulher que aguarda que o homem a "liberte", etc).

Já na versão teatral feita por Lillör Fernandes e estrelada por Fernanda Montenegro, "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" é a história de um indivíduo (Petra) à procura de amor. Mas o amor real e não o amor mantido por "bons comportamento" como a maioria dos casamentos tradicionais ("Mas... você ve Frank e eu, nós devíamos amar um grande amor. É pra nós um grande amor significa saber sempre precisamente o que se passa em nós e no outro. Não queríamos formar um vago casal protegido por... bom comportamento. Queríamos, poder sempre escolher, estar sempre alerta, sempre... livres.") É esse amor Petra não encontrou ao lado de seu ex-marido Frank: "Acabei que me decepcionei muito, por causa dele, por minha causa, e resolvi acabar. Acabar com meu amor por ele." Ou seja que o homem é feito assim, tem necessidade da outra pessoa, mas... não aprendeu a ser dois.

Sabendo-se homossexual, Petra ao invés de procurar manter uma relação mais igualitária com Marlene - que a amava tanto - prefere reproduzir os papéis de dominador/dominado tão comuns na sociedade machista em que fora criada. Agora, era ela que não sabia ser dois, ou no caso, duas. Precisou apaixonar-se por Karen, ser novamente oprimida, derramar amargas lágrimas, para aprender! "Não, mãe. Com solo não é consolo. É preciso aprender a amar sem exigir nada. Eu não a amei (Karen). Simplesmente eu a quis para mim. Равно. Só agora eu começo a amá-la. Aprendi, mãe, e isso foi muito ruim. Aprender devia ser bonito, não devia fazer sofrer".

Petra, agora mais sábia, usou os olhos que possuía embora não o soubesse, e finalmente, notou Marlene: "Tanto que pedir perdão por uma porção de coisas, Marlene. No futuro vamos colaborar de verdade, você terá a responsabilidade que merece. É fundamental fazer você feliz. (Marlene se levanta vai até Petra, põe-se de joelhos diante dela para beijar-lhe a mão). Assim não, Marlene. Senta aqui... Me fale "



As lágrimas amargas de Petra von Kant

* Toda criação é artificial. O realismo objetivo não existe. O realismo está na dialética entre o que é dado e o que é recebido. A única realidade é a relação da obra com o público, segundo os meios através dos quais seja apresentada: teatro, cinema, televisão. A única atitude realista é estudar cada um destes meios, para não deixar-se superar por eles.
(Rainer Werner Fassbinder)

Em "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" (Die Bitteren Tränen Der Petra Von Kant), um dos mais importantes cineastas do novo cinema alemão, Rainer Werner Fassbinder, como na maioria de seus 42 filmes (entre eles "Querelle" e o "Casamento de Maria Braun"), aborda as relações de poder. Ele faz utilizando-se de uma linguagem em ritmo lento, câmaras quase paradas e um único espaço cênico - em quarto. Porém ao contrário do que se poderia imaginar, em nenhum momento é maçante ou coisa parecida. Ao contrário, é sim um estímulo à nossa capacidade de raciocínio e de crítica. Quando Fassbinder (homossexual declarado) escolhe uma homossexual - Petra - como personagem central, não estava querendo fazer um filme sobre homossexualismo simplesmente, mas sim mostrar a submissão e a luta contra esta através de uma personagem naturalmente marginalizada (Petra era mulher e descobre-se

homossexual).

Petra Von Kant enquanto fora casada com Frank fora tratada como é o "normal" para uma mulher: era "protegida" pelo marido que a punha de uma ou d'outra forma até que ela decide defender-se do marido e passa a obter sucesso como figurinista. A independência financeira que começa a adquirir irrita Frank e percebe que seu poder de mando sobre Petra escapa-lhe das mãos. Ele tenta então manter esse poder na cama, mas isso só faz com que Petra passe a ter nojo dele e finalmente peça o divórcio. (Antes disso... eu falava com um muro...! A mulher, ele ainda procurou ficar com ela, não completamente não de todo, mas pelo menos na cama. Aí é que veio o nojo. Ele tentou a técnica, a violência. Eu deixei que ele me dominasse. Tolerarei isso, mas... como me pareceu sórdido esse homem").

Poderíamos dizer que Petra estaria a partir de então libertada. Entretanto, isso não seria completamente verdade, pois apesar de ter libertado-se de um opressor (seu marido), não libertara-se da opressão. Deixara então, de ser vítima para ser veículo da opressão. Sim, pois passa a reproduzir os padrões de comportamento - do minador/dominado - impostos pela sociedade (a grande opressora e repressora?) machista na qual foi criada.

Quando Petra abandona seu marido descobre-se homossexual, ela passa a exercer o papel de opressora sobre sua assistente Marlene - que a amava tanto. (Será o amor o maior dos opressores como afirmava Fassbinder?). Marlene por sua vez é o retrato da oprimida: está sempre calada; nunca reage à opressão exercida por Petra; está o tempo todo vestida de negro, como se a falta de colorido externo quisesse reproduzir a mesma falta de "cores" de sua personalidade.

A situação permanece a mesma até que uma terceira personagem entra em cena: Karen, uma jovem ambiciosa que é apresentada à Petra por Sídônia uma amiga comum. Karen chegara recentemente da Austrália onde deixara o marido.

Petra interessa-se por Karen e oferece-lhe moradia e apoio à sua carreira de modelo. Daí mais ela é acrescentada à corrente de relações de poder: Marlene submete-se a Petra que, agora, submete-se a Karen.

Interessante notar, que apesar

não sobre nossas sexualidades específicas o que cria categorias estanques e tolhe nossas realizações como seres humanos mas sim o muro de preconceitos que envolve as sexualidades de uma maneira geral. Nesse sentido, a questão que se coloca, para as pessoas interessadas em trabalhar por um mundo melhor, é de como derrubar este muro de preconceitos. Um dos caminhos parece ser, sem dúvida, a desmistificação da crença popular num 3º sexo - os homossexuais e as lésbicas são homens e mulheres de todas as raças, classes, credos, etc... - bem como o questionamento profundo dos comportamentos masculino e feminino exigidos para homens e mulheres. De qualquer forma, o que não se pode conceber, sob pretexto de igualitarismo ou seja o que for (tal gente dizendo que pessoas são pessoas (sic) e questionando a divisão da mulher(?) em lésbica e não-lésbica), é a negação das diferentes experiências humanas originadas por nossas diferentes práticas sexuais. No caso das mulheres lésbicas, por exemplo, o silêncio sobre nossas sexualidades a que sempre fomos forçadas por uma repressão explícita (podemos inclusive citar casos de penas de morte por lesbianismo no México e nos Estados Unidos dos séculos XVI e XVII)⁴ ou pela repressão mais sutil, mas não menos eficaz, da heterossexualidade obrigatória, nunca nos deixou mais próximas das outras mulheres ditas normais.

★ Aliás, é sempre bom lembrar principalmente quando falamos na criação de categorias sexuais, que o surgimento da figura do homossexual enquanto espécie, a partir do séc. XIX, faz parte da história da repressão aos atos homossexuais masculinos que só têm em comum com a sexualidade lésbica o fato de ambos serem execrados pelas sociedades capitalistas e socialistas do nosso mundo contemporâneo. A afirmação da sexualidade lésbica se dá no contexto mais amplo das reivindicações do Movimento de Libertação das Mulheres (principalmente pós 1968) e representa um foco de resistência contra a dominação machista. Colocar-se enquanto uma mulher lésbica, portanto, não implica necessariamente estar se pendurando um rótulo. (Na verdade, acho que só mesmo os produtos de mercado, como as garrafas, é que usam rótulos e a maioria, mesmo essas, a gente pode trocar ou alterar como quiser, não é?). Colocar-se enquanto lésbica tem mais a ver, num primeiro instante, com a busca de uma vida de maior prazer, integridade, alegria e sem mentiras e auto-punição. Além disso, num segundo instante, é uma declaração política não só porque desmistifica a crença na "naturalidade" das relações heterossexuais

sexuais institucionais (casamento, lar, reprodução, etc...) como também porque cria novas propostas de independência feminina. A experiência lésbica, tão particularmente "feminina" quanto a maternidade,⁶ é uma das poucas formas concretas de poder e autonomia acessíveis às mulheres. Sua repressão, através de estreitos e rígidos conceitos de normalidade, é a repressão da sexualidade das mulheres de uma maneira geral, independentemente de suas práticas sexuais. Na experiência lésbica, as mulheres não se definem em função dos homens; elas se definem em função de si mesmas e a medida de sua liberdade se dá conforme o maior ou menor grau de identificação que mantêm com os valores masculinos (competição, autoritarismo, hierarquia, etc...) e a reprodução ou não reprodução dos mesmos.

★ Acreditando nisso, muitas mulheres lésbicas-feministas lutam pelos direitos das mulheres e contra a repressão sexual em todos os níveis: lutam pela descriminalização do aborto e por salário igual por trabalho igual para homens e mulheres; lutam contra a opressão dos travestis, sapatonas, bichas, prostitutas, negros e contra a recuperação das sexualidades pelo "mass-media"⁷ do sistema e sua "liberação sexual" que insiste em negar nosso trabalho específico sob o pretexto de que a sexualidade é uma e de que, ao evidenciarmos as diferenças, estamos reforçando a sectarização.

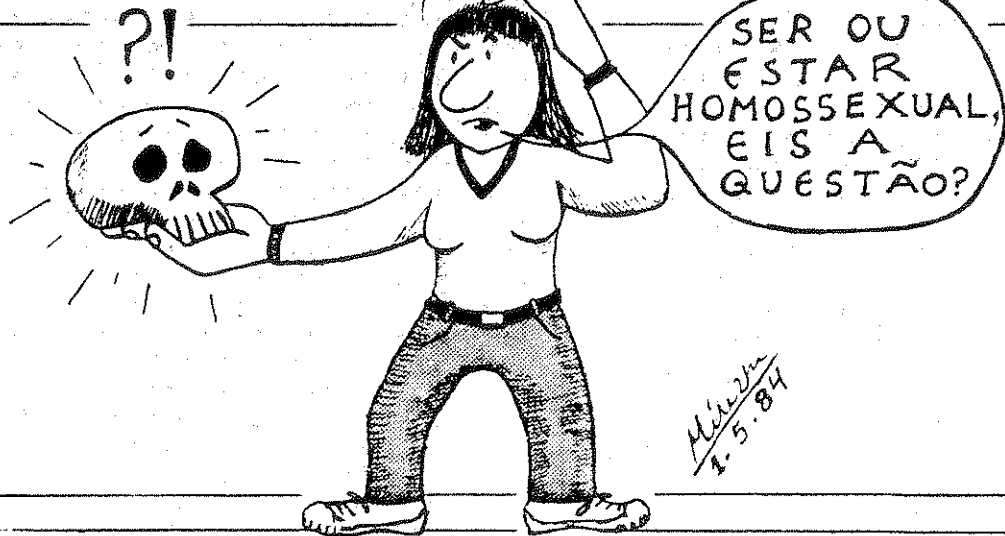
★ A experiência lésbica, como já foi dito, nega aspectos constitutivos do sistema (o papel da mulher e em nossa sociedade é questionado) e tende a abrir novos caminhos para a expressão social da libido. Sua visibilidade, longe de "poder vir a eliminar a anomalia e a ambiguidade na vida do indivíduo", visa, pelo contrário, a destruição do conceito de uma única sexualidade normal, saudável e correta (como no caso da heterossexualidade institucional) e de suas estruturas opressoras.

★ Nossa sociedade só aceita, tolera ou folcloriza os "Clodovis, Neys Matogrosso e Simões da vida" porque estes se recusam a ver a dolorosa realidade, dizendo-se "liberalmente" horrorizados com rótulos, negando a existência do preconceito e afirmando, do alto de suas torres de marfim, que somos todos iguais.

Miriam

NOTAS

1. sociedade que tem aversão aos homens e mulheres homossexuais
2. criação histórica é a designação



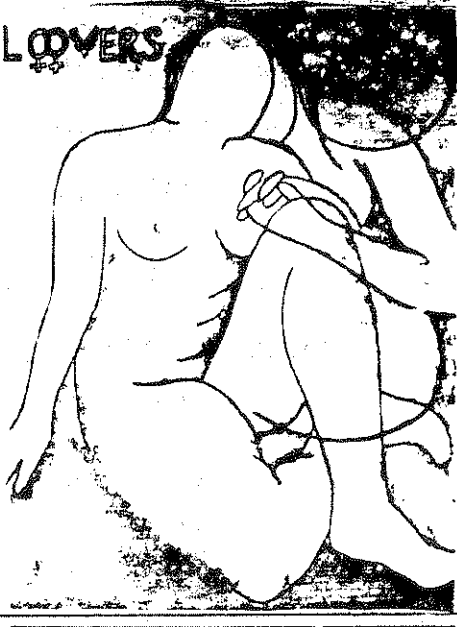
SER OU ESTAR HOMOSSEXUAL, EIS A QUESTÃO?

★ A sociedade homofóbica, em que vivemos nos obriga a negar a quem queremos e amamos. Ela nos impõe uma vida dupla, um estado de esquizofrenia constante que não nos permite viver nem total nem integralmente. Passamos nossos dias com medo: medo por nossos direitos; medo pela perda do emprego; medo pela perda do afeto de nossos familiares e, às vezes, até mesmo, medo de perder a vida. Para tentar romper esta situação, muitas mulheres lésbicas e homens homossexuais, pertencentes ou não a grupos organizados, vêm preferindo simplesmente deixar de mentir e assumir esta faceta de suas personalidades em diferentes níveis e de diversas formas. Esta medida, uma medida efetiva para o fim da auto-repressão, da vergonha e da culpa, esta sendo confundida, atualmente, com uma certa alegria ao "carreirismo sexual", ou seja, acredita-se que quando uma pessoa se diz homossexual, ela passa a traçar um destino inexorável o qual jamais poderá contradizer e, conseqüentemente, do qual jamais poderá escapar. Argumenta-se, também, que existe uma pressão para que as pessoas se declarem isso ou aquilo e que esta pressão pode vir a "desempenhar o papel de eliminar a anomalia e a ambigüidade na vida da sociedade e do indivíduo". (aspas: Peter Fry. - Ser ou não ser homossexual, eis a questão. Artigo publicado no Folhetim da Folha de São Paulo, 10.01.82).

★ Vamos tentar ir um pouco mais a fundo nessas argumentações e medir o seu real alcance. Em primeiro lugar, parece difícil acreditar que o fato de alguém se declarar homossexual implique necessariamente que esse alguém venha a passar o resto de seus dias amarrado a essa declaração mesmo à própria revelia. "Franchas e ladias, bichas-bofes e travestis, caminhões, entendidas, etc..." vivem ar

ticulando seus códigos de linguagem erótica específica que, às vezes, englobam inclusive práticas heterossexuais, com muito mais autonomia e de boche do que este discurso do ser ou estar homossexual consegue captar. Senhores que, há pouco, declaravam com victos sua heterossexualidade e a "naturalidade" dessa instituição, percebem, um belo dia, quão voluptuosos podem ser os traseiros dos meninos e resolvem partir "para outra". Senhoras, que, até ontem, exaltavam as "alegrias do lar" e só iam a casa da vizinha para aprender uma nova receita de bolo, se dão conta, numa linda manhã, que a vizinha é uma mulher muito sensual que pode ensinar "receitas outras". Evidentemente, e este é o ponto, essas mudanças na forma de realizar nossas sexualidades não se dão de maneira tranquila - como a gente pode ser levada a crer com base no discurso do ser ou estar homossexual - porque a única sexualidade válida para o sistema ainda é a heterossexual e todas as outras permanecem profundamente estigmatizadas. Portanto, embora a homossexualidade seja uma criação histórica e cultural (assim como também o é o "ser mulher, criança, velho, louco, adolescente, heterossexual, etc...")², a repressão que sobre ela é exercida produz divisões sociais muito concretas e, em termos de vida diária, nós, "homossexuais e heterossexuais", estamos realmente colocados em lados opostos. Em conseqüência, torna-se irrelevante se as pessoas afirmam que são ou estão homossexuais ou não dizem nada a respeito de suas sexualidades porque, na verdade, elas serão marginalizadas de qualquer jeito enquanto estiverem mantendo (e isso pode ser por todas suas vidas) relações não-heterossexuais. Quero dizer, em outras palavras, que não são nossas declarações circunstanciais ou

LOVERS



ELA QUIS
QUERIA ME MATAR
QUERERÁ AINDA,
QUERIDA?

ANA CRISTINA CÉSAR

CANTO À MULHER

ERAM DUAS
EM UMA
ERA UM SÓ CORPO
UMA SÓ ALMA
AMARAM-SE
LAMBUZARAM-SE
GOZARAM NA NOITE E NO DIA
AMARAM-SE
ABRAÇARAM-SE E
DO AMOR DAS DUAS MULHERES
FURMOU-SE UM SÓ CORPO
DE GOZU
MARIA ADOROU CARMEM
CARMEM ADOROU MARIA E
O VERBO ERA UNO E O VERBO
SE TORNOU ENCARNADO
ERA UNO

AMARAM-SE...ODIARAM-SE....
AMARAM-SE...

JOSENILDA DUARTE

POESIA

ESTE É UM ESPAÇO PARA NÓS, MULHERES
LÉSBICAS, FALAMOS DE COMO É BONITO,
SENSUAL, GOSTOSO E ÓTIMO AMAR OUTRA
MULHER. TIRE OS SEUS SENTIMENTOS DA
GAVETA E OS ENVIE PARA NÓS PODERMOS
PUBLICÁ-LOS COM MUITO PRAZER. GALT

NADA PRÁTICO

os rostos que me chamam são os rostos que
me chamam; nenhum outro chamaria.

o rosto dela é assim: exalando o jasmim
que meu desejo pede, obscurecendo a prata que
nosso amor promete.

amo o desafio: encano com a dupla nature-
za dos seus gestos - o fio vermelho esticando de
sejo dos seus olhos, e o segundo, negro, matando
impiedosamente o movimento secreto talvez de um
beijo.

prometes e escapas; sigo, persigo-te e so-
nho; me banho e te lavo com palavras mais pala-
vras e poesia.

mas fazia frio ontem, e eu queria a chama
de sua face quente mais que o desafio persisten-
te e tonto - a dupla labia de nossos movimentos
mansos, vacilansos.

VANGE

K A R I N A

TE VEJO SEMPRE EM CADA LANTO, EM CA
DA ESQUINA.
PENSO EM VOCÊ NA RUA E LHE IMAGINO
NUA.
E LEMBRU-ME DE SEUS LÁBIOS, DE SEUS
SEIOS E COXAS.
PARECE ATÉ QUE OUÇO VOCÊ GEMER DE
PRAZER, DE PRAZER...
KARINA, VOU DAR UM JEITO DE LHE DAR
UM BEIJO SABOR DE QUEIJO DO CAFÉ DA
DA MANHÃ E DE LHE AMAR, TUCANDO-LHE
TODA
COM VIOLÊNCIA, DOCE VIOLÊNCIA!
KARINA, MINHA SINA, MINHA MINA,
MINHA MORTE?, MINHA VIDA!

NÃO ESCREVA SÓ NA
PORTA DOS BANHEIROS
MANDE O SEU RECADO DE AMOR
PELO CHANACOMCHANA

(nome) dada a um grupo de pessoas com características supostamente distintas das demais. Estas características são tidas como inatas ou naturais, embora sejam apenas invenções de períodos históricos determinados. A palavra homossexualidade, por ex., não tinha sido inventada até 1869 e só entrou em uso a partir da década de 80 e 90 do séc. XIX, na Inglaterra.

3. Jacarés e Lobisomens, dois ensaios sobre a homossexualidade - Leila Miccolis e Herbert Daniel, pág. 73

4. Demons, Duelers and Poets - Connexions, Global Lesbianism 2; Gay American History - Thomas Cromwell (citado em Heterossexualidade Obrigatória e existência lésbica, Adrienne Rich

5. Movements of Affirmation: Sexual Meanings and Homosexual Identities

6. Heterossexualidade Obrigatória e Existência Lésbica, Adrienne Rich - Nouvelles Questions Feministes

7. veículos de comunicação de massa



O AMOR ENTRE MULHERES NÃO É OFICIALMENTE PROIBIDO NA ALEMANHA ORIENTAL, MAS É CONSIDERADO INCOMPATÍVEL COM A MORALIDADE SOCIALISTA. NA ENTREVISTA QUE SE SEGUE, UMA MULHER LÉSBICA DESCREVE A VIDA HOMOSSEXUAL ATRÁS DO MURRO DE BERLIM.

PERGUNTA: Os homossexuais da Alemanha Oriental desenvolveram uma subcultura na forma de bares próprios, espaciais? Você tem ido a algum?

Resposta: Sim, algumas vezes. Por exemplo, eu fui ao Schonhauser Ecke, em Berlim, e também ao Senefelder. Eles são do tipo familiar até às seis da tarde, quando a clientela muda, embora as pessoas heterossexuais continuam vindo depois da hora da mudança pois nem todo mundo sabe dela. Então, quando eles entendem o que se passa, ficam um pouco chocados. No Schonhauser Ecke, há muitas mulheres, enquanto que no Senefelder a maioria é gay.

P: Vocês podem dançar lá?

R: Não, dançar não é permitido nem há música. Você vai lá para encontrar as pessoas e tomar um café ou uma bebida.

P: E é muito difícil organizar festas?

R: Nós temos festas particulares, algumas vezes, quando uma mulher muda de apartamento ou se muda para um novo apartamento. São festas pequenas onde a gente pode ficar mais à vontade. A maioria tem um cotidiano "normal", trabalha e esconde sua homossexualidade. São lésbicas de domingo. Às vezes, há festas com dança, na cidade, e bares onde você pode alugar um quarto. Então, tudo acontece sob algum pretexto como A Festa das Mulheres da Brigada ou outra coisa qualquer.

P: Mas, não há clubes ou associações onde as pessoas podem ir se conhecer e ajudar umas as outras?

R: Nós não temos nenhum grupo desse tipo. E, se há empreendimentos como este, em apartamentos, ou no círculo de alguém, eles realmente não devem se tornar conhecidos. As autoridades intervêm imediatamente porque elas têm um medo danado que a insatisfação política possa também surgir. O Café Mokka foi fechado porque era um lugar de encontro de homossexuais da Alemanha Ocidental e da Oriental. Agora, eles instalaram uma loja do departamento de estado lá.

P: Mas, não havia, até a um tempo atrás, um grupo médico trabalhando com mulheres lésbicas, em Berlim?

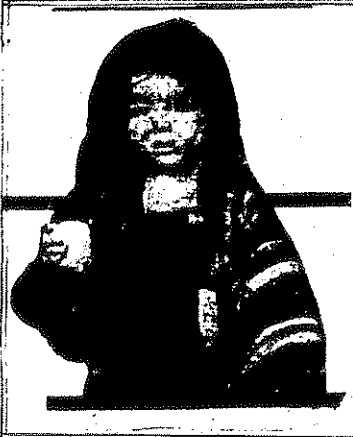
R: Sim, o grupo durou aproximadamente dois anos e havia entre 8 a 15 mulheres nele. Eles tinham um Departamento de Psiquiatria lá que era também para distúrbios emocionais, de pressão, psicologia de crianças, etc. Eles queriam erradicar a cultura lésbica. As mulheres se encontravam cerca de duas semanas por duas ou três horas e todas as discussões eram gravadas, embora ninguém saiba o que foi feito das gravações. No começo, havia uma falação infernal que durava o dia todo e as mulheres também tinham que preencher um questionário (todas aquelas típicas questões de comportamento) com mais de 470 questões exatamente como os outros pacientes. Assim, as mulheres começavam a se sentir como pacientes também. E as questões eram elaboradas para determinar em que grau uma pessoa tinha tendências homossexuais.

P: As questões colocavam a homossexualidade como uma doença?



nergia elétrica. Estas e outras descobertas foram utilizadas no projeto americano chamado Manhattan, iniciado entre o fim da década de 30 e o começo da década de 40, durante a 2ª guerra mundial. Este projeto, sob a direção de J. Robert Oppenheimer reuniu cerca de 600 mil pessoas em milhares de fábricas e laboratórios nos Estados Unidos. Vários cientistas que refugiaram-se nos Estados Unidos durante a 2ª guerra mundial, devido a ascensão do nazismo e do fascismo, auxiliaram os americanos na construção da bomba atômica (Enrico Fermi, Li se Meikner, entre outros).

A 16 de julho de 1945 (três semanas antes da bomba que caiu sobre Hiroxima), no deserto do novo México, houve a 1ª explosão de uma bomba atômica. De 1945 a 1949 os Estados Unidos manteve o monopólio da bomba. Em 1949, a União Soviética experimentou a sua primeira bomba atômica. Até 1954 o predomínio americano foi esmagador.



HIROXIMA :

Hiroxima, 6 de agosto de 1945, fim da 2ª guerra mundial. A Alemanha e a Itália estavam derrotadas. O Japão estava cercado pelos Estados Unidos e seus aliados. Mais cedo ou mais tarde, ia ter que se render e/ou seria ocupado. Três semanas antes, os Estados Unidos testaram a sua 1ª bomba atômica. Fazia alguns anos que estavam empenhados na produção desta arma. O Japão cairia de qualquer jeito. Então porque Hiroxima e Nagasaki? Mortes, destruição, horror! Talvez uma demonstração de força para os russos? Mais para isto foi preciso investir muito dinheiro, muito trabalho e material visando a destruição de duas cidades e a morte de milhares de pessoas. Na era da informática, qdo o homem já foi lua, depois de tantos anos da nossa história, é esta a demonstração de força de que somos capazes?

O QUE ACONTECERIA CASO UMA BOMBA EXPLODISSE:

No início, todo tipo de equipamento que dependesse da transmissão de energia elétrica deixaria de funcionar. Enquanto isso, uma onda mortal de raios gama atravessaria quase tudo, inclusive as pessoas. Uma imensa bola de fogo começaria a brilhar no céu, produzindo uma luz várias vezes

mais forte que a do sol. Em questão de segundos a bola de fogo cresce. No caso de uma bomba de 550 quilotons (4 vezes e meia mais poderosa que a de Hiroxima) depois de um minuto a bola de fogo teria uma altura de 6,5km e a largura de 5km. Quando ocorre a explosão, a temperatura do material da bomba convertido instantaneamente em gás, chega a níveis só encontrados nas estrelas. Um vento fortíssimo começa a soprar da direção da bola de fogo, trazendo um calor de milhares de graus. Imediatamente muitas pessoas são instantaneamente reduzidas a vapor, calcinadas pela radioatividade (reduzidas a cinzas), esmagadas pela onda de choque ou pelos desabamentos, queimadas, asfixiadas e atingidas por detritos. O efeito da bomba seria bem maior caso ela tocasse no solo. Se isto acontecesse, no local onde a bomba explodisse, formaria-se uma cratera e os detritos da terra, como poeira e restos da terra, subiriam com a bola de fogo e depois cairiam de volta no solo sob a forma de poeira radioativa mortal. Uma pesquisa feita pelo grupo americano Médicos pela responsabilidade social, tomando como exemplo a cidade de Boston (3 milhões de habitantes) mostra o que aconteceria no local depois da explosão de uma única bomba nuclear (infelizmente no artigo não é citado o poder da bomba): 1/3 dos habitantes morreria imediatamente. Em qualquer ponto a 100 km a temperatura seria de 800 graus centígrados. A potência da bomba, combinada com a onda de calor, já causaria traumas e queimaduras. Em seguida, viriam os efeitos colaterais da radiação: vômito, náuseas e diarreia. Dependendo do nível de radiação a que a pessoa é exposta, os efeitos (náusea, queda de cabelos, vômitos, hemorragia, diarreia, febre, ulcerações na pele, disfunções circulatórias e do sistema nervoso central) podem ser mortais. Na semana seguinte ao ataque, mais de um milhão de pessoas morreria devido aos ferimentos causados pela explosão. A maioria dos hospitais seriam destruídos. Dos médicos existentes na cidade apenas 10% sobreviveria (cerca de 650) ou seja, um médico para cada grupo de 1700 feridos. Com a explosão grande número de pessoas ficariam surdas e perderiam a visão (olhar para a bola de fogo produzida por uma bomba atômica a qualquer distância menor de 20 km é suficiente para causar queimaduras gravíssimas na retina). As doenças provocadas pela radioatividade seriam muito comuns, mas equipamentos e tratamentos não estariam a disposição das vítimas, o que as levaria a

de tua vida".

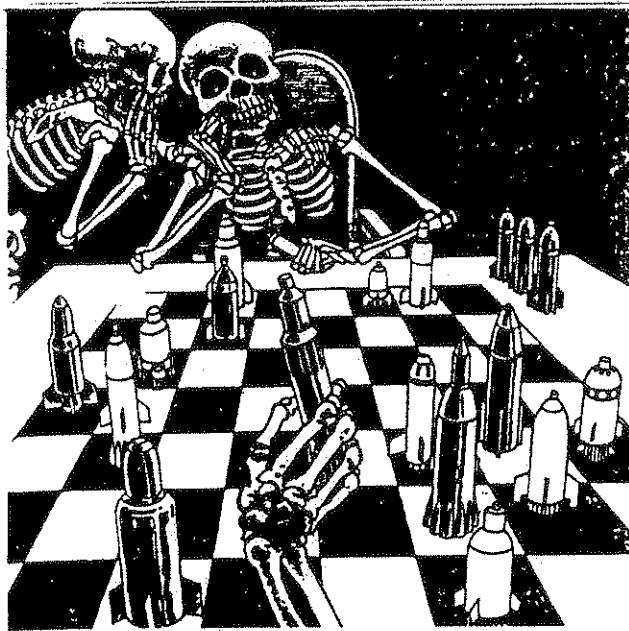
Prefiro a versão de Millôr; prefiro não crer que: "O amor é o melhor e mais ineficaz dos instrumentos repressivos", como afirmava Fassbinder.

Deste diretor alemão prefiro a observação que se segue: "Melhor entregar-se à morte do que à falta de liberdade. Melhor ser um "suicidado da sociedade" do que um fantasma em vida"

- Célia -

DESARMA- MÊNTO NUCLEAR

MEDIDA DE EMERGÊNCIA



INTRODUÇÃO:

A exibição do filme O dia seguinte, em alguns cinemas de São Paulo e de outros estados do Brasil, parece ter tornado mais palpável o problema das bombas nucleares e de uma possível destruição do nosso planeta.

Dando uma olhada na História do Brasil e na História de outros países, o suceder de injustiças, desigualdades e a escravidão tomam formas diversas. Enquanto na antiguidade um fa-

rao vivia no seu palácio rodeado de ouro, poderes totais e escravos, quase todo o povo vivia na miséria e sob o seu domínio. Hoje não há mais paraísos, mas continuamos a ter opressores que se manifestam em quase todos os lugares (família, escola, trabalho, entre outros locais). Enquanto milhares de pessoas não possuem os meios mínimos de vida, como casa, alimentos, estudo, emprego, atendimento médico e hospitalar, salários decentes e lazer, muitos países gastam bilhões de dólares em armas nucleares. Qual a vantagem que a maior parte da população mundial leva nisto? Resta o medo, a opressão de sentirmos nossas vidas ameaçadas a qualquer momento. Em nome de um equilíbrio armamentista, União Soviética e Estados Unidos aumentam ano a ano as suas forças militares (isto sem contar os outros países que já possuem suas próprias bombas e outros que lutam por construí-las). Mais verbas são aplicadas em armas do que em qualquer outro setor. É a corrida para a morte, para a destruição total.

Apesar da gravidade do problema, na sociedade brasileira a discussão desta questão é precária e quanto a organização das pessoas num movimento estadual e/ou nacional pacifista, isto parece ainda meio distante. A questão é que a passividade e o conformismo são atitudes que servem para manter esta situação, fazendo-nos cúmplices do que quer que venha a nos acontecer.

Neste texto, baseado em artigos de jornais e revistas, abordo alguns pontos que creio são importantes para a compreensão de como estamos perto de uma futura guerra nuclear, caso não façamos nada para mudar esta situação, detendo, através da nossa organização, a vontade de destruição que parece reger o homem atual.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA BOMBA ATÔMICA:

A matéria é feita de átomos e o átomo pode ser dividido. Sem as descobertas iniciais de Anaxagoras, Demócrito, Leucipo, filósofos da Grécia antiga, seria impossível termos chegado a fabricação da bomba atômica. Desde a Grécia antiga até hoje, muitos filósofos e cientistas analisaram o átomo e a partir destas análises e de experiências, foram descobrindo que a matéria feita de átomos, pode ser convertida em energia e a energia em matéria (Einstein); que a fissão (transformação da matéria em energia através da divisão do isótopo do urânio 235) de um só átomo de urânio pode fornecer 200 milhões de volts de e-

uma morte lenta e dolorosa. Os sistemas de transporte, comunicação e eletricidade dos quais a medicina depende, passariam a não funcionar. A epidemia de doenças infecciosas seria outro problema crítico. Com uma resistência a radioatividade muito maior que os humanos, certos insetos (como as moscas por exemplo), encontrariam nos escombros da guerra, o ambiente propício para sua reprodução e crescimento, tornando-se outro fator de transmissão de doenças. As variações de clima, causadas pela redução do ozônio na atmosfera, causariam alterações profundas na forma física dos seres humanos, animais e plantas. Na semana seguinte a explosão, milhares de pessoas morreriam de leucemia, outras desenvolveriam tumores malignos, Catarata; leucemia e outras formas de cancer, apareceriam entre a população exposta a radiação. As mulheres grávidas dariam a luz a crianças com defeitos genéticos imprevisíveis (mais um efeito da radiação sofrida). Os efeitos de uma única bomba atômica serão sentidos 50 anos após a sua explosão. Já com a explosão de milhares de bombas, estes efeitos se multiplicariam e segundo cientistas uma poeira fina (resultante das explosões de milhares de bombas) impediria durante semanas ou até meses, a passagem da luz do sol. A temperatura cairia brutalmente e repentinamente (independente da estação do ano) para graus bem abaixo de zero, queimando a vegetação e congelando seres vivos. O solo devido a radiação não poderia ser utilizado não se sabe por quanto tempo. Provavelmente com o poder atual das bombas, os abrigos nucleares também seriam destruídos. Os Estados Unidos estão fabricando jumbos espaciais que possibilitariam a fuga dos seus governantes. Em cada jumbo cabe 100 pessoas, custando 120 milhões de dólares. A pergunta que alguns se colocam é que mais cedo ou mais tarde eles terão que aterrissar e não haverá onde.

E O BRASIL COMO FICARIA:

No caso de uma guerra nuclear no hemisfério norte, de 5 mil megatons de potência (menos da metade do arsenal nuclear, hoje existente no mundo, que é de 12 mil megatons) o relatório TTAPS, feito por cinco cientistas norte-americanos (R. S. Turco, T. P. Ackerman, J. B. Pollack e Carl Sagan) prevê o seguinte para o Brasil (localizado no hemisfério sul):

Nos primeiros três meses a temperatura ficaria bem abaixo de zero, variando de -15° a -25° . Muitos animais e pessoas morreriam de sede, já que a água fria da superfície seria

congelada. A vegetação (florestas tropicais por exemplo) provavelmente desapareceria.

Uma escuridão contínua cobriria o hemisfério norte. A quantidade de luz do sol que chegaria até nós seria reduzida a uma pequena percentagem do normal, interrompendo a fotossíntese e a cadeia alimentar.

Haveria o possível transporte de poeira de fumaça, poeira e radioatividade vindos do hemisfério norte para nós do hemisfério sul, contaminando tudo: o solo, as pessoas, os animais.

A camada de ozônio que protege a terra dos raios ultra violetas (um tipo de radiação danosa), diminuiria muito. O aumento dos raios ultra violeta afetaria o nosso sistema de imunidade e o de outros mamíferos. Este sistema de imunidade seria suprimido quando recebesse doses bem baixas de ultra violeta. A exposição prolongada a altos a altos índices de ultra violeta também pode gerar uma cegueira que se alastraria entre humanos e mamíferos.

Todos os sistemas de comunicação estariam cortados.

Estas são algumas hipóteses, baseadas em pesquisas, do que poderia acontecer caso sobrevivêssemos a um ataque nuclear ocorrido no hemisfério norte (onde localizam-se Estados Unidos e União Soviética). Parece-me improvável que algum país sobreviva a um confronto nuclear. Como aliados dos E.U.A, somos um alvo provável para os mísseis soviéticos ou de seus aliados. Se o motivo de um confronto nuclear é a busca da supremacia do poder ou da divisão desta supremacia entre os E.U.A e a U.R.S.S, parece-me muito difícil que em caso de guerra nuclear (podendo haver a destruição de ambos os países) os combatentes permitam que algum país sobreviva. O raciocínio parece-me o seguinte: ou nós (E.U.A e U.R.S.S) temos o controle do mundo e/ou dividimos este controle, ou ninguém mais o terá. A racionalidade do homem "moderno" parece ser



a da dominação e da opressão.

ACABEMOS COM AS BOMBAS, ANTES QUE ELAS ACABEM COM A GENTE!

No início da corrida armamentista, a estratégia de guerra se sustentava no conceito de destruição mútua assegurada. No caso de um ataque nuclear, a retaliação seria maciça com o disparo do arsenal atômico. Atualmente, o presidente dos E.U.A Ronald Reagan, fala em guerra nuclear limitada, localizada, dada a maior sofisticação e precisão das armas nucleares. Este mesmo presidente deu ao míssil MX, capaz de lançar sozinho dez bombas atômicas, o nome de "Peace Keeper", mantenedor da paz. Hoje, tanto um míssil soviético como um americano, demonstram em média de 6 a 8 minutos para atingir seu alvo. Americanos e soviéticos detêm 97% de todas as ogivas nucleares, podendo destruir pelo menos 20 vezes o planeta. O poder das bombas que existem hoje é cerca de 1,6 milhões de vezes o poder da de Hiroxima. O artefato sobre Hiroxima pra del 12 quilotons (12 mil toneladas) e provocou a morte de 100 a 200 mil pessoas. Uma ogiva moderna é de 500 quilotons (cerca de 40 vezes o poder da de Hiroxima). Há ogivas de 9 a 20 megatons e algumas ultrapassam 50 megatons (1 megaton equivale a explosão de 1 milhão de toneladas de TNT, ou seja, 5.000 vezes mais que a bomba de Hiroxima (atirada em 1945). Há vinte anos atrás, Rússia e Estados Unidos possuíam juntos perto de 2 mil armas atômicas. De lá para cá, o arsenal multiplicou-se cerca de 25 vezes.

Países que já construíram e/ou testaram bombas: Estados Unidos, União Soviética, França, Japão, China e Índia. Segundo especialistas da revista americana Newsweek de novembro de 83, 10 países já poderiam construir hoje artefatos atômicos: Argentina, África do Sul, Alemanha Ocidental, Canadá, Israel, Itália, Japão, Paquistão, Suécia e Suíça. Onze países terão condições de construí-las nos próximos 6 anos: Austrália, Austria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Formosa, Holanda, Iraque e Noruega. Egito, Finlândia, Iugoslávia e Líbia podem ter a sua bomba até 1994. O mundo é hoje um pavil atômico. E se nós não fizermos nada, ficará cada vez mais fácil este pavil ser aceso.

GASTOS EM ARMAS NUCLEARES:

O mundo gastou em armas 4 trilhões de dólares na década de 70. Em 1982, a cifra foi de 800 bilhões de dólares, o que significa cerca de 1,5 milhão de dólares por minuto ou em cruzeiros a cifra de 1,5 bilhões. En-

quanto isto 570 milhões de pessoas sofrem de desnutrição, 800 milhões são analfabetas, 1,5 milhão têm pouco ou nenhum acesso a serviços médicos e 250 milhões de crianças não frequentam escolas. O relatório da Associação de Controle de Armamentos (instituição particular americana de pesquisas) informa que os 550 bilhões de dólares gastos em armas em 1980 equivalem a renda da metade da população mundial. O Brasil é atualmente o maior fabricante de armas do 3º mundo, com 45% da produção total. Em 1978 o Brasil gastou 1,306 bilhão de dólares em armas. Este país que já foi ao fundo (monetário internacional), onde a inflação, o desemprego, a miséria e o analfabetismo andam soltos, dá-se ao luxo ou ao lixo de investir em arma. Vejamos só quanta porcaria!

Várias são as hipóteses de motivos que podem levar a uma guerra nuclear. Citarei três:

1) Alguém pode resolver apertar o botão.

2) Alguma luta no Oriente Médio ou em outro lugar pode servir de pretexto para que se inicie um ataque e/ou uma guerra nuclear.

3) Uma falha em um (ou mais de um) computador pode gerar o conflito nuclear sem que haja tempo de se desfazer o erro.



A partir de dezembro de 83, os E.U.A começaram a instalar novos europeus voiteados contra a U.R.S.S. O programa prevê um total de 572 novos europeus. Lugares onde serão instalados: Alemanha (total de 204 mísseis); Itália (total de 110); Bélgica e Holanda (um total de 48 em cada país); e Inglaterra (160 mísseis serão instalados). A instalação dos mísseis na Europa,

transforma este continente em base de engenhos voltados contra a U.R.S.S. Os países europeus são apenas os

hospedeiros dos mísseis e somente o comando militar americano na área poderá acioná-los. Os soviéticos para não ficarem em desvantagem, devem aumentar o número de mísseis instalados nos países do leste (Hungria, Romênia,

Alemanha Oriental, Tchecoslováquia) e só caberá aos russos decidir quando e em que direção dispará-los.

Tanto a U.R.S.S como os E.U.A procuram se garantir da ameaça do outro, possuindo o mesmo ou aproximado número de armas. A isto chamam de equilíbrio. Mas, no caso de uma guerra nuclear, é provável que ninguém sobre viva. Então que equilíbrio é este que se estabelece a partir da possibilidade de uma matança coletiva? Outros países pensam em ter a sua própria bomba para não se sentirem chantageados e/ou ameaçados pelos que já a possuem. O problema continua; fazer bombas ou aumentar o próprio arsenal não garante a sobrevivência de ninguém. Mesmo a guerra nuclear localizada (bombas sobre uma cidade ou estado provavelmente levará a uma guerra total, pois, se um país joga uma bomba em um lugar específico de outro país (cidade ou estado), este responderá e os aliados de ambos os países em questão, entram também na guerra. Além disso, mesmo que só uma bomba seja lançada, os sistemas de comunicação são cortados, o que impossibilitaria ou no mínimo dificultaria em muito, qualquer espécie de entendimento.

Até 1994, 30 países terão condições de possuírem bombas atômicas. Tudo leva a crer que se as pessoas não se mobilizarem, os caminhos em direção a guerra nuclear e a destruição total ficarão cada vez mais fáceis e curtos.

No próximo número, farei um artigo sobre as várias manifestações pacifistas que aconteceram e que estão acontecendo no mundo, destacando o papel das mulheres dentro destas manifestações. Até mais!

ROSELY



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA CINCO

R: A princípio, isso foi realmente insinuado e houve um papo de se buscar uma eventual cura, mas as mulheres do grupo concordaram que elas não queriam isso. Os doutores acreditavam que o lesbianismo derivava principalmente de situações de isolamento, mas resolveram também procurar outras razões. Então, as mulheres tomaram hormônios e fizeram testes de sangue. Mais tarde, os temas sociológicos foram discutidos: carreira; papéis; ambiente; etc... As conclusões dos doutores foram tornadas públicas, mas so-

mente isso.

P: Você acha que há mais lésbicas em certas profissões que em outras?

R: Não, as lésbicas estão em todas as profissões. Eu conheço uma operadora de guindaste, uma maquinista, uma professora, uma empregada do correio. Uma trabalha na polícia, outra é estudante de teologia e muitas são escritoras ou trabalham no teatro. Enfim, estamos em todos os lugares.

P: Você sabe de casos de mulheres que perderam seus empregos por serem lésbicas?

R: Não, eu não sei porque as mulheres não se assumem e não ser em suas vidas privadas. Agora, mesmo se elas se assumissem, elas não perderiam o emprego porque aqui todo mundo tem o direito e o dever de trabalhar. Mas, elas não arriscariam se assumir porque têm certeza que sofreriam uma repressão coletiva.

P: Bom, mas deve haver mulheres que vivem juntas, não é?

R: Quando você tem um relacionamento com uma mulher, você deve se contentar com um apartamento de um quarto que é o que você tem direito enquanto pessoa solteira. Tudo é confinado a esse único quarto: viver; dormir; sua vida inteira. Um relacionamento frequentemente dança como resultado disso. É verdade, também, que muitas mulheres lésbicas casam com homens homossexuais para conseguir apartamentos maiores. Isso também faz com que eles pareçam mais "legítimos".

P: As mulheres se encontram através de anúncios? Digo, não apenas para achar um relacionamento fixo, mas, simplesmente para ter alguém com quem conversar, alguém para partilhar das mesmas experiências.

R: Nós temos o "Wochenpost" (Jornal Semanal) onde há propostas de casamento e uma coluna chamada Troca de Correspondência que você pode usar anonimamente. Eu tenho frequentemente respondido a esses anúncios, não por desespero, mas simplesmente por querer fazer contato com alguém. Mas, algumas vezes, o tiro sai pela culatra, porque ninguém pode realmente adivinhar se o anúncio é de uma mulher lésbica ou não. A única coisa que você pode dizer é "Mulher procura correspondência com outra mulher". Então, você tem que responder para saber se é se "mulher" significa lésbica ou não. Você pode receber uma resposta ameaçadora ou uma resposta positiva. Eu me encontrei com uma mulher durante um ano e nós nunca declaramos nosso lesbianismo uma para a outra. No momen-

LEIA E ASSINE O
CHANACOMCHANA

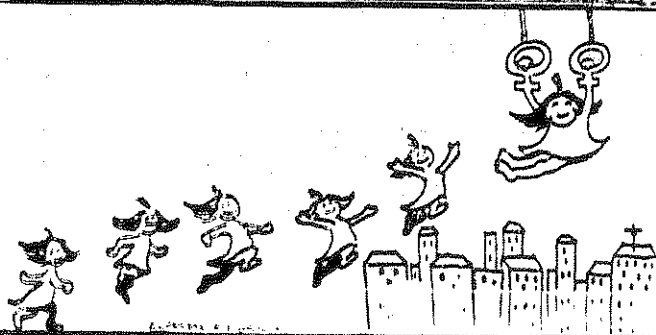
to esse canal de comunicação foi bloqueado e os anúncios que falam de mulheres que querem se corresponder com outras não têm sido aceitas nos últimos dois anos mais ou menos. Agora você tem que ser mais sutil, enrustida, e o que aparece na publicação é simplesmente um anúncio com o título de Correspondência entre amigos e não mais "Correspondência entre Mulheres"

P: Você sabe de alguma coisa sobre as mulheres das cidades menores?

R: É bem pior para elas. Naturalmente, elas querem vir para Berlim na esperança de que seja melhor viver lá. Nas cidades menores, elas vivem completamente enrustidas, colocando anúncios nos jornais semanais e escrevendo, umas para as outras, apenas para poder abrir seus corações e dizer: "Eu sou lesbica e tenho tais e tais sentimentos." Isso, claro, se elas conseguem achar outra mulher lesbica através desses anúncios tão enrustidos. Isto é a pior parte e é porque o lesbianismo é tabu, o que torna a possibilidade de encontro entre lesbicas muito limitada. Eu acho que é triste as mulheres lesbicas não poderem viver como elas gostariam de viver.

Traduzido da Revista Connexions, N.º 5, Mulheres na Europa Oriental, 1982, California, Estados Unidos.

Miriam



ASSINATURAS

SE VOCÊ DEBEJA RECEBER UMA ASSINATURA

ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA, ENVIE SEU

NOME.....
 ENDEREÇO.....
 CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

E-UIR CHEQUE NO VALOR DE CR\$6.000,00 PARA O GALF, CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SP

O BOLETIM CHANACOMCHANA É BIMENSAL E, POR TANTO, VOCÊ RECEBERÁ 6 NÚMEROS A PARTIR DA DATA DE SUA ASSINATURA.

6 CHANACOMCHANA TAMBÉM É SEU. ENVIE-NOS SUA OPINIÃO, CRÍTICAS, SUGESTÕES, POESIAS, DESENHOS, O QUE VOCÊ QUISER.



* ANÚNCIOS *

milestantes



ESTANTES BOAS E BARATAS

Av. Ibirapuera, 2934 - tel: 543.1989

Av. Faria Lima, 1784 - tel: 815.3084



FERRO'S BAR

RESTAURANTE - PIZZARIA

R. Martinho Prado, 119 - S.P.

Tels. 257-9903 - 258-0004 -

ANUNCIE NO CHANACOMCHANA E SEU ANÚNCIO ESTARÁ CIRCULANDO POR ATÉ DOIS MESES A UMA TAXA MÍNIMA. GALF, CX, POSTAL 62.618 SP



* CARTAS *

continuação da página 2

e1. Eu lhe escrevo para saber se existe algum time de futebol precisando de jogadora. Meu nome é Fernanda de J. Oliveira. Meu endereço é Rua Itália, nº 217, Parque das Nações, Santo André, São Paulo, cep 09000

DESEJAM CORRESPONDER-SE.....

- e2. Lalinha Gomes
Rua Raimundo de Castro Maia, 95
Cep 05379
- e3. Marli Frank
Rua Nestor Pestana, 87, apte 501
Cep 01303
- e4. Aulélia Diniz, Av. 12, Rua 18, Casa 12, Cohab-Anil III, São Luis, MA
Cep 65.000
- e5. Marta, Caixa Postal 7518, São Paulo, SP
Cep 01000
- e6. Zulmira Quinto
Rua Piauí, 278, Lins, SP
Cep 16.400

GALF, CX, POSTAL 62.618, SP, CEP 01000

para falar de mulher que ela mesma. Não faremos críticas ao ChanacomChana porque ele está ótimo. Só gostaria de, humildemente, sugerir que se publicasse a opinião de pessoas "Vips" sobre lesbianismo, uma matéria em que Ro Ro, Virgínia Wolf e outras tantas mulheres fossem citadas ou manifestassem sua opinião (Huides, 688, Cx. P. 2.562, Cep 40.000, Salvador, Bahia)

Lendo o boletim nº2, me interessei em especial pela informação sobre o assassinato de travestis por aplicação de sílica industrial. Os transexuais e travestis estão acima dos homossexuais "mais discretos" em termos de preconceito. São marginalizados, desprezados, como se fossem serem incabidos, doentes, com os títulos de "outros" para os mal amados, noivos e namoradinhos se servirem deles. E os cirurgiões? Será que medicina só é um meio de se faturar? Só os ricos têm o direito de se livrar dos "erros" da natureza? E os cirurgiões homossexuais? Enquanto uma mulher quer tirar de si um filho por não aceitá-lo ou não poder criá-lo uma pessoa quer tirar de si uma imagem sexual por não aceitá-la ou não poder "sustentá-la". (Merlene, rua João Moura, 1.140, Pinheiros, SP)

Tomei conhecimento do trabalho de vocês, e por que não dizer de vocês mesmas, no encontro de 9/3/83, na Folha de São Paulo, através da intervenção que vocês fizeram naquele debate. Depois comprei o jornal e o li, sossegada e tranquilamente, gostando do que ia lendo, gostando do estilo, da redação dos artigos, das posturas e colocações. Vocês estão bem preparadas e decididas. Um abraço. (Sílvia, SP)

Ao adquirir o ChanacomChana, ganhei um presente. Ele está

maravilhoso! Não sabia que estava sendo publicado, soube no 8 de março, no MASP... E daí vai uma sugestão minha para o ChanacomChana: um artigo sobre a peça "Fim de Caso" que está montada no Teatro Aplicado. Beijinhos enrustidos, cúmplices ou simplesmente com carinho? (Maria Luíza, SP)

Gostei muito de "A Negação da Homossexualidade". A meu ver este texto, que é de importância capital, ainda não foi suficientemente pensado, discutido, nem, tampouco, objeto de comentários escritos. Boa ideia de levantar a lebre. - Quanto a "Queda para o Alto", lenos o livro com outros olhos. Achei-o mal escrito, pretensioso, falso e auto-indulgente. Evidentemente, é lamentável que a criatura tenha se suicidado, mas isso nada tem a ver com as qualidades do livro... Agradou-me igualmente "Associação das Donas de Casa discute, lesbianismo, aborto e...". Sendo, no momen

COLABORADORAS DESTA NÚMERO:

Míriam

Rosely

Vanda

Célia



Naná M.

to presente, ainda tão pequeno o boletim de vocês, pergunto-me se, enquanto vocês não puderem publicar maior número de páginas, não devam optar por uma série de notícias curtas. Em todo caso, o mais importante de tudo é a existência do Boletim, a presença, a visibilidade de vocês. Faça votos que o possam editar com regularidade. (João Antônio Mascarenhas, Cx. P 14.601, 22412, Rio de Janeiro, RJ)

OLHA EU AQUI A FIM DE TE CONHECER

1. Gostaria de me corresponder com garotas de Brasília. (Ana, Cx Postal 818, São José do Rio Preto, SP, cep 15.100.
2. Naná Mendonça, Cx. Postal 493, Recife, Pernambuco, cep 50.000
3. Gostaria muito de trocar correspondência com outras leitoras do ChanacomChana (Marlene Aparecida, rua João Moura, 1140, Pinheiros, SP, cep 05412)
4. Procuro alguém a fim de alguém. Tenho 26 anos, 1,73 (Cristina Bosetti, Cx. Postal 58099, cep 01000, SP)



AULAS DE GINÁSTICA COM INICIAÇÃO À CAPOEIRA sábados

das 15 às 17 horas informações: TEREZINHA

FONE: 202.9062

DE 2ª à 6ª das 15 às 17:30

VENHA GINGAR CONOSCO !



GALF : GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA

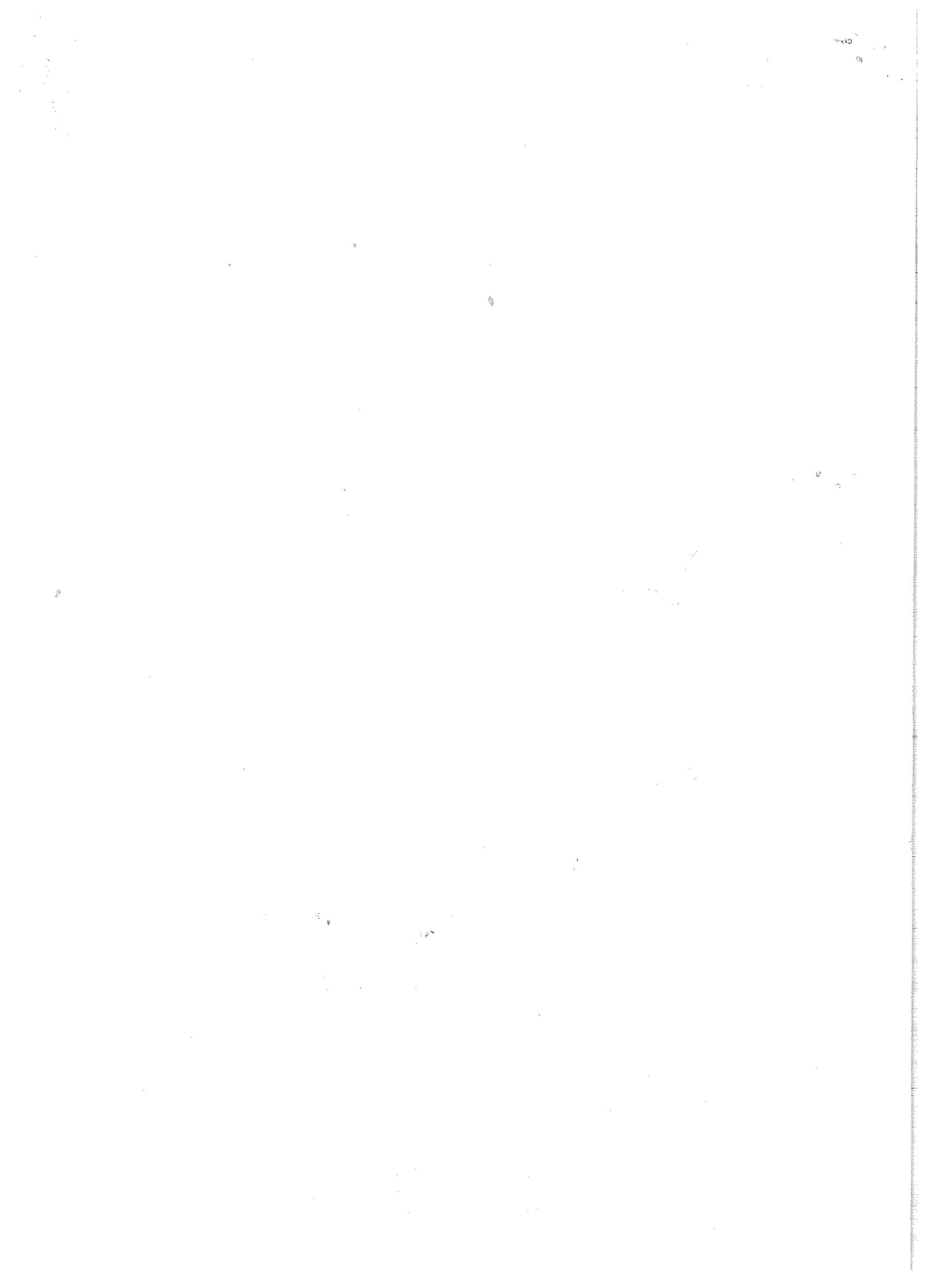
CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01.000, SP

SEDE: RUA AURORA, 736, 1º ANDAR,

APTO 10, SÃO PAULO, SP

REUNIÕES AOS SÁBADOS DAS 18:00 ÀS 21:00







CHANA COM CHANA

6

São Paulo

nov/dez/jan 1984/85

R\$ 1.000,00



MÃES

LÉS -

BICAS

**ROBERTA
CLOSE :
HOMEM
OU
MULHER ?**

★
E MAIS POESIAS,
INFORMES,
CORRESPONDÊNCIA.



* **INFORMES** ***CONTRA O CÓDIGO 302.0**

A luta contra o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial de Saúde que qualifica a homossexualidade de "desvio e transtorno sexual, continua em andamento. Agora, além de mais de 16.000 assinaturas contra o referido código, incluindo-se as de 354 políticos de todo o país, já existem moções de repúdio a discriminação anti-homossexual aprovadas pelas seguintes Assembléias Legislativas: São Paulo e Rio de Janeiro, e pelas Câmaras Municipais de Salvador, Maceió, Olinda, Florianópolis, São Paulo e Porto Alegre. A campanha visa obter do governo a não observância do código 302 em território nacional, a exemplo do já ocorrido nos países escandinavos (Dinamarca, Finlândia, Suécia e Noruega), e está sendo agora encaminhada ao Conselho Federal de Medicina que é a entidade competente para uma tomada de posição final sobre o assunto.

Nós, do GALF, também temos participado da campanha contra o 302.0. Em agosto do ano passado, elaboramos um texto sobre saúde da mulher lésbica, onde reivindicamos, entre outras coisas, a não observância do caríssimo código em território nacional. Partes desse texto, incluindo o que se refere ao código, foram, posteriormente, inseridas num documento das feministas paulistas sobre saúde, sexualidade e aborto. Este documento foi distribuído durante o I Congresso Brasileiro de Proteção Materno-Infantil e Planejamento Familiar, no Auditório Petrônio Portella do Senado Federal, em setembro do ano passado.

Mais recentemente, no período junho-agosto deste ano, tentamos também fazer uma matéria sobre o assunto, aproveitando a aprovação pela Assembléia Legislativa de São Paulo da moção contra o 302.0, de iniciativa da deputada Ruth Escobar. Entretanto, estranhamente, não conseguimos que a deputada do PMDB nos concedesse uma entrevista para marcarmos a data de sua atribuição à atuação em defesa dos direitos das pessoas homossexuais. Foi uma pena pois a maioria dos leitores do ChanacomChana é homossexual e, por certo, gostaria de uma entrevista exclusiva com a Ruth falando sobre sua luta contra o preconceito e contra figuras como o co-

▶ CONTINUA NA PAGINA ONZE

MULHERES NA ÍNDIA

A luta de uma mulher pela sobrevivência começa no momento em que ela é concebida no útero de sua mãe. A amniocentesis, um teste para detectar anormalidades fetais, está sendo usada na Índia quase que exclusivamente para determinar o sexo dos fetos. Em 1982, em Bombaim, 6.000 desses testes foram realizados. A constatação de um feto do sexo feminino geralmente leva a provocação de um aborto.

Forum against Opression of Women, Bombay Women's Centre, Bhavana Apartment, 185 S.V. Road, Vile Parle West, Bombay 400056, India (OUTWRITE, Women's Newspaper, London, England).

WAVELENGTH (COMPRIMENTO DE ONDA)

WAVELENGTH é o nome de um novo jornal lésbico feminista, editado pelo grupo Groundswell de Seattle, e em Washington, nos Estados Unidos. O propósito do grupo é criar, através de sua publicação, conexões políticas com outras lésbicas feministas norte-americanas e de outros países. Nós, do GALF, recebemos o jornal das manas americanas com muito prazer e traduzimos abaixo um trecho de seus objetivos. "Nós acreditamos que um movimento lésbico feminista internacional é uma parte essencial de uma estratégia para atingir a revolução. Não é suficiente construir uma rede de comunicação ou coalizão entre grupos lésbicos feministas separados e de diferentes nacionalidades. Nós queremos construir um movimento que vá além das divisões históricas e de todas as outras criadas pelos homens."

Wavelength, 113 24th Ave. E., Seattle Wa. 98112, USA

A M A Z O N A S

O Grupo Libertário Homossexual, um grupo de mulheres lésbicas de Salvador, nos enviou seu boletim número 1, chamado Amazonas. O boletim tem o depoimento de uma mulher lésbica, ex-



traído do trabalho de uma das integrantes do grupo, as linhas de ação do mesmo, informes gerais, etc. Para obter o boletim, escrevam para GLH, Caixa Postal 2446, Salvador, BA, CEP 40.000.

Marion Deiker



Roberta (masculim, transsexual): "Eu era uma criança, mas já sabia que queria ser mulher"

ROBERTA CLOSE : HOMEM OU MULHER

miriam

ROBERTA CLOSE É UM HOMEM

Roberta Close, o símbolo sexual brasileiro do momento, é um homem. Apesar de muito feminina, de figura delicada e tipo ingênua-sexy à La Marilyn Monroe (lembram-se?), Roberta Close é um homem. Bom, pelo menos é o que dizem. Na verdade, ela poderia perfeitamente passar despercebida, mesmo sendo bem alta, não fosse o fato de ter ficado conhecida como um travesti quase perfeito. Aliás, esse "quase" é que faz o x da questão, a cabeça de muita gente e os lucros de Roberta e das revistas ditas masculinas, além de outras, é claro. Não fosse isso, ela seria apenas uma mulher, ou melhor, apenas mais uma mulher padronizada e produzida como todas as demais que frequentam as páginas da nossa imprensa erótica-pornográfica. Realmente, ela também poderia ser apenas um blefe, um golpe publicitário exemplar baseado na libido recalçada de todos nós. Ela poderia ser uma mulher fingindo ser um homem fingindo ser uma mulher como a personagem de Julie Andrews no filme "Vitor ou Vitória." Mas, não vamos estragar a festa onde Roberta Close é o centro das atenções diante do qual ninguém fica imune ou impune. Adiante!

Segundo os psicanalistas e sexólogos da vida, Roberta preenche, por sua feminilidade, a busca idealizada da mãe e, por ter um pau, a busca idealizada do pai. Ela é a concretização da fantasia da busca da mulher falica, quer dizer, da mulher com pênis. Daí ela provocar ansiedade nos homens e revolta nas mulheres. Para mim, entre tanto, La Close provoca essa bronca toda em algumas moças porque ela rouba o único lugar aparentemente privilegiado das mulheres nesse nosso mundo masculino, ou seja, o lugar de objeto incondicional do desejo sexual dos homens. Claro que isso é falso e todo

mundo sabe que os homens também desejam outros homens e transam entre si. Mas, a maioria não quer acreditar que esse tipo de desejo seja saudável ou normal e relega os homens homossexuais a categoria dos pervertidos. Todavia, Roberta Close não é homossexual, pois ela parece demais com uma mulher, fala como uma mulher, age como uma mulher, é tão feminina.... Afinal, Roberta Close não é uma mulher?

ROBERTA CLOSE É UMA MULHER

Bom, eu ousaria dizer que sim. Eu ousaria dizer que ela é a prova mais contundente do que Simone de Beauvoir, autora do livro "O Segundo Sexo", escreveu há quase três décadas e meia atrás. Segundo a grande escritora e pensadora existencialista, ninguém nasce mulher, mas sim torna-se mulher. Para tanto, não basta nascer com uma vagina, útero, ovários e ser, em resumo, capaz de reproduzir a espécie humana. Para ser mulher, uma pessoa precisa, acima de tudo, ser feminina. É muito mais através do aprendizado da feminilidade que uma pessoa acaba tornando-se mulher.

Esse aprendizado começa desde o momento em que a gente nasce e vai se estabelecendo em nossa consciência durante o período de crescimento. Geralmente, nossos pais e mães vão nos impor comportamentos diferentes daqueles que exigirão dos meninos e, a partir daí, criarão as tais diferenças entre homens e mulheres tidas como naturais. Na verdade, muitas das características vistas como comuns a todas as mulheres são apenas produto de muita "educação". Na menina, se reprime a atividade motora, a independência, a agressividade, a inteligência, etc.. Dela se exige docilidade, grande preocupação com a beleza, cuidados com a maneira de sentar, falar e agir. Ela

CHANACOMCHANA deve estar sempre

bonitinha, limpinha, ajudando nos afazeres domésticos e brincando de boneca e de casinha que e para ser uma boa mãe e esposa quando crescer. Dos meninos se exige exatamente o contrário e não é à toa que eles crescem pensando que os homens são, por natureza, mais ativos, agressivos, inteligentes, capazes, durões (homem não chora, não é?), etc... Também em nome da natureza, costuma-se dizer que o homem é mais promíscuo, o u seja, sente mais vontade de transar com várias pessoas, enquanto que a mulher é mais constante sexual e afetivamente, inclinando-se para as relações monogâmicas. Estes conceitos são, inclusive, a base da divisão das mulheres em santas ou putas ou em sérias ou galinhas, como preferirem.

Entretanto, voltando a natureza, invocá-la para justificar as invenções de feminilidade e masculinidade já não é uma boa pedida. Os antropólogos, cientistas sociais que pesquisam as diversas culturas humanas, têm nos provado, através de seus estudos, que o que na nossa sociedade, parece ser muito correto pode ser visto como um completo absurdo por outras pessoas de outros lugares deste vasto mundo. Assim, para não fugir do nosso ponto, o que para nós é tido como característico das mulheres, ou seja, o que é feminino, não é tido como normal ou natural para as mulheres das tribos Mundugumor e Tchambuli da Nova Guiné, como nos demonstrou a antropóloga Margaret Mead em seu trabalho "Sexo e Temperamento". Para os homens e mulheres da tribo Mundugumor, o natural para todos é ser agressivo, sexualmente dinâmico pouco falante, etc... e não existe uma grande diferença de comportamento entre os sexos. Para os Tchambuli, o normal, para as mulheres, é ser agres-

siva, dominante e ter atitudes que a nós pareceriam frias e impessoais. Ao contrário, para os homens Tchambuli, o natural é ser emotivo, carinhoso e trabalhar em atividades artísticas. Ainda, em uma outra tribo pesquisada por Margaret Mead, os Arapeesh, o natural para todos, mulheres e homens, é ser pacífico, carinhoso, compreensivo, falante, etc... Por esses exemplos, podemos perceber que diferentes povos atribuem diferentes valores para as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. Isto põe por terra o velho papo da naturalidade do que nós chamamos de papéis sexuais, ou seja, os conceitos de masculino e feminino. Se realmente viesse da natureza o que nós nos acostumamos a pensar como verdadeiro comportamento da mulher, quer dizer, ser dócil, mais sensível, passiva, etc..., seria de se esperar que todas as mulheres de todas as culturas humanas agissem da mesma

forma, não é? Como vimos anteriormente, pelos exemplos antropológicos citados, isto não é verdadeiro.

Então, recapitulando, nós observamos que para uma pessoa se tornar homem ou mulher, em nossa sociedade, não basta que ela nasça com uma vagina ou com um pênis. É preciso, acima de tudo, que essa pessoa, através de uma "educação" especializada, venha a se ajustar aos modelos (estereótipos) de feminilidade ou masculinidade. Por isso, podemos dizer que Roberta Close é uma mulher. Embora tenha nascido com um pênis, Roberta adotou um comportamento feminino como resultado da mistura muito particular de seu temperamento e de suas experiências de vida em relação a educação que todos nós recebemos para nos tornarmos homens ou mulheres. De posse de todas as atitudes ditas femininas, Roberta partiu também para a construção de um corpo de mulher em seu próprio corpo, auxiliada pela moderna ciência do uso dos hormônios e do silicone (provavelmente). E aí surgiu a Roberta Close, esse "fenômeno" que incomoda/encanta tanta gente e que os especialistas em sexo (psiquiatras, psicólogos, sexólogos, cirurgiões plásticos) chamam de transexual.

ROBERTA CLOSE É UM TRANSEXUAL

Segundo os especialistas, os transexuais diferem dos homossexuais e dos travestis por nascerem com uma "conformação cerebral feminina", no caso dos homens, que lhes determina um comportamento feminino (trajeitos de menina, gostar de brincadeiras de menina) já aos 3 ou 4 anos de idade. Por outro lado, os mesmos especialistas afirmam que os transexuais não apresentam problemas aparentes em relação a seus caracteres orgânicos e físicos, a questão residindo muito mais, portanto, num conflito entre corpo e mente. Nos caberia agora perguntar, como é possível que esse dado "inato" dos transexuais



Em um 1/75m, nos momentos de transexualidade, Roberta Close

4 CHANACOMCHANA, ou seja, sua con-

figuração cerebral feminina possa levá-los a um comportamento feminino, se o que nós chamamos de comportamento feminino não é inato e sim cultural? Em outras palavras, lembrando das informações antropológicas já citadas, como é possível que um comportamento qualquer, determinado por uma educação repressiva, possa ser visto como como um produto de características que realmente nascem com a gente? Pois é, não dá, não é? O mais provável é que esse papo de "configuração cerebral feminina" seja mais pseudo científico do que verdadeiro e que ele esteja sendo usado, outra vez, para tentar dar uma impressão de naturalidade aos conceitos de masculino e feminino. As mulheres, os negros e os homossexuais, só para citar alguns casos, sempre tiveram suas pretensas inferioridades e anormalidades justificadas pela biologia. Dessa forma, com o aval da natureza, a nossa sociedade sexista, racista e heterossexista, pretende se desculpar das "malufagens" que vem cometendo contra toda essa gente. Nesta perspectiva, mulher gosta mesmo de apanhar e nasceu mesmo só para parir, cuidar dos filhos e do lar. Os negros, por seu lado, são etnicamente inferiores e, por isso, mereceram a escravidão e fazem jus ao racismo. As pessoas homossexuais são contra a natureza, já que a natureza é heterossexual (sic), e, portanto, anormais, devendo ser curadas ou isoladas (para não ser contagiantes) ou, ainda, eliminadas em algum campinho de concentração.

Na verdade, a maior função dos papéis sexuais é mesmo a de manter a dominação do homem sobre a mulher e o controle da sexualidade e do comportamento das pessoas em geral. No caso das lésbicas e homossexuais, como a busca das causas hormonais e congênitas da homossexualidade andam meio fora de moda, a questão da educação para a masculinidade e feminilidade tornou-se a maior importância. Já faz algum tempo que os doutores da vida andam meio sem jeito de prescrever hormônios masculinos para os bichas e femininos para as lésbicas, assim como não se sentem mais tão à vontade também para nos chamar de doentes e recomendar tratamentos de choque. Porém, eles não se dão por vencidos assim facilmente e não deixam de aconselhar aos ansiosos e zelosos pais heterossexuais que sejam fiéis aos seus papéis masculinos e femininos para garantir uma prole saudável. Por exemplo, eles recomendam que a mulher se contente com seu papel de mulher, esposa e mãe e que o homem, embora possa lavar uns pratos eventualmente, não deve jamais se deixar mandar por sua esposa. Caso contrário, sua filha ou seu filho podem ficar confusos quanto ao papel correto a seguir



e cair, futuramente, na malice ou bichice bandeirosa.²

É não é para menos que e a maioria das pessoas pensneira. Para o senso comum, osxuais de masculinidade e femse confundem com o que é sermulher e com o que é a orientxual de cada indivíduo. Na nde, quem nasce com uma chana de mulher que é igual a serque é igual a ser heterossexso, quando uma mulher não s ca o seu papel sexual, por c lo limitador de sua personaldizer, quando ela não o muitna", logo as pessoas insinuan go de errado em seu comportan lana parece um homem, deve s É comum a gente ouvir isso p das as mulheres que não se com os moldes caretas de femi e procuram romper com eles a pre taxadas de lésbicas, mesm o sejam. É que, para o sistema cal, a lésbica não pode ser v mulher e, portanto, não pode nina já que esses conceitos s como praticamente uma coisa s as lésbicas como mulheres i destruir a tal equaçãozinha que diz que nascer com uma ch feminina + ser heterossexual mulher. Neste sentido, reconh lésbicas enquanto mulheres ta em risco o conceito tanto da dade dos papéis sexuais quant turalidade das relações heter Isto seria muito perigoso partura de dominação do homem solher. Dá para imaginar o que ria se todas as mulheres se c zassem verdadeiramente de que inferiores aos homens e de qu ceram para servi-los nem está a só treparem com eles para s madas de normais? Se essa con fosse mesmo profunda, ela imp em mudanças de atitudes e ess ças transformariam a cara do e melhor, para os machões, de lésbicas enquanto membros de 3º sexo e bem separadas das m consideradas "reais".

É claro que ser mulher o no sentido biológico, não tem ver com ser feminina ou ser ma

CHANACOMCHANA e que cada pessoa

o da ter, por t e m p e r a -
ramento, características tidas como
masculinas ou femininas sem, por isso,
precisar ser vista como anormal. Da
mesma forma, nem ser homem ou mulher e
nem ser masculino ou feminina tem qual
quer coisa a ver com ser homossexual
ou heterossexual. A orientação sexual de
cada indivíduo nasce de um processo de in
teração muito específica do temperamen
to do indivíduo com seu meio social,
suas experiências de vida, sua sensi
bilidade e a educação que recebeu, en
tre outros fatores. É uma criação mu
lto exclusiva e cada pessoa, a p e s a r
da rigidez dos papéis sexuais, t e m
condições de fazer suas próprias homos
sexualidades e heterossexualidades co
mo bem quiser. Entretanto, para que is
so realmente ocorra, é preciso deixar
a imaginação e a fantasia correrem, sem
padrões de conduta universalizantes.

ROBERTA CLOSE É UMA ROBERTA CLOSE

Finalizando, eu gostaria de rea
firmar que, para estar de acordo com
os padrões ainda vigentes do que é ser
mulher, é preciso considerar Roberta
Close como mulher, ou mulherão, como
dizem. La Close não deu bola para sua
genitalia que poderia impedi-la de ser
mulher e se construiu enquanto a ima
gem de mulher convencional que circu
la por aí. Podemos questionar essa im
agem de mulher convencional que ela
adotou, mas não a ela mesma. Sua cria
ção é muito particular e, embora par
ta da reprodução do papel de gênero fe
minino, ao mesmo tempo, rompe com ele,
na medida que o subverte e modifica sua
função principal que é a de reprimir
a sexualidade da mulher e a sua auto
nomia em geral. No caso de Roberta Clo
se, sua construção de mulher parece
lhe dar bastante prazer e independên
cia e não dor ou opressão.

E é em relação a questão do pra
zer que eu penso na necessidade de im
plodir os conceitos de masculino e fe
minino enquanto coisas naturais e sé
rias, já que eles são a base da domina
ção das mulheres e da marginalização
das pessoas homossexuais. Nesta pers
pectiva, acho perigoso falar, como quer
uma certa tendência atual do movimen



to feminista, em trazer os homens para 5
o mundo feminino (que seria o lar, e emo
cional, o privado)³ ou mesmo de recupe
rar o feminino como uma coisa positiva.
É compreensível que as mulheres,
na ânsia de se libertarem do papel tra
dicional de esposas e mães e de entrar
no mercado de trabalho lado a lado com
os homens, tenham adquirido algumas
das características negativas do que
se convencionou chamar de masculino,
tais como autoritarismo, competitiv
idade, agressividade, etc... Hoje, nós
já percebemos que é um erro reprodu
zir o estereótipo masculino, mesmo que
seja sob pretexto de emancipação, mas
também não podemos nos voltar novamente
para o chamado feminino como tábua de
salvação. Na verdade, me parece que a
tática mais adequada, para não ficar
mos mantendo a velha dicotomia do mas
culino e do feminino, é retirar os va
lores desses dois gêneros que conside
ramos positivos de dentro dos estereó
tipos e colocá-los à mão de todas a s
pessoas de qualquer sexo. Assim, o mais
importante é valorizar características
como doçura, dinamismo, sensibilidade,
racionalidade, independência, ternura,
assertividade, delicadeza, solidaria
dade como sendo possibilidades de to
dos os seres humanos e não privilé
gios ou desprivilégios deste ou daque
le sexo. Talvez desta forma então, os
homens e as mulheres se sintam mais a
vontade para experimentar comportamen
tos diferentes daqueles a que estão a
costumados sem correr o risco da margi
nalização que surge inevitavelmente
quando uma pessoa contesta e rompe com
o que lhe foi determinado pelo tempo e
pela sociedade onde vive. Talvez daí
possamos realmente concretizar o sonho
de um mundo onde cada ser humano tenha
suas potencialidades e individualida
des reconhecidas e respeitadas como
criações únicas e especiais e onde as
diferenças biológicas, ou outras, não
sejam interpretadas como razões para
estabelecer hierarquias ou dominações
de qualquer espécie.

Alguém poderia dizer que isso é
impossível, que é utopia, mas eu gos
taria de responder que talvez não, ci
tando Marilena Chauí em seu livro "Re
pressão Sexual (essa nossa (des)conhe
cida)":

"Talvez a utopia não seja o impos
sível, consolação que nos conforma pa
ra aceitação resignada do presente. A
utopia é a afirmação de que uma outra
sociedade, uma outra vida humana, a li
berdade e a felicidade são possíveis.
A utopia nasce do sentimento e da idé
ia do possível."

Retomemos, então, a idéia do pos
sível, produzindo-o a partir de nós
mesmos e em nossas vidas diárias atra
vés de constantes tentativas de mudan
ça individual e social.



EU QUERIA

Eu queria ser um rio
para o mar conquistar
Ser um espinho desregrado
para uma rosa cobiçar

Eu queria ser uma tara
para satisfazer seus instintos
Ser pecado capital
seu desejo mais distinto

Queria ser um lençol
de casa de viração
Encobrir toda vergonha
descobrir toda a intenção

Enfim, o que eu mais queria
era sair do convencional
Provar do fruto proibido
sem medo de passar mal

ZULMIRA

ACONCHEGUE-SE E SUNHE

Nesse dia de frio, tão triste e
sem graça, quero me aquecer com
você.

Seus lábios me queimarão de dese-
jo e seu corpo tremerá de emoção
me envolvendo em ternura e cari-
nho.

Toco em seu corpo com o meu e sin-
to a vibração de nossos corpos
suando e vivendo a emoção presen-
te nesse nosso momento de amor.

Mas, infelizmente, tudo não pas-
sa de um sonho. Simplesmente um
sonho de uma tarde fria e solita-
ria, apenas um sonho de amor acom-
panhado pela música suave da chu-
va caindo melancolicamente enquan-
to sonho com você.

Te amo minha querida ilusão!

DENISE



À ANINHA

MULHER

Em suas mãos repousa o meu d
Em sua voz pulsa o meu insti
Em seus olhos reflete-se uma
E seu corpo cura a minha fer
uma ferida gostosa de ser se

Mulher, na sua boca suguei t
sualidade!

Nos seus seios beijei um sor
céu.

Na sua pele sangrei uma eter
E, na sua intimidade, me embr
num prazer de mel.

Lembre-se mulher, lembre-se
tidos derrotando a mente,
do delírio despido em seu ve
dos segredos jurados em seus
dos desejos saboreados de se
dos...

e dos nossos corpos por amor

Mulher! Mulher! Mulher!

Se deseja saber o quanto a ar
conte as estrelas do firmame
e as gotas d'água dos oceano
Tente ouvir uma lágrima cant
ou um coração soluçando.

Quando entender tudo isso mu
pode chegar bem devagar,
sem pedir ou explicar, só pa
amar.

Aí então, eu não a chamarei
mente de mulher e sim... de
mulher!

IEDA

RIMA VERDE

Namorada,

seus olhos rimam verdes

com meu coração de menina,

e eu os guardo na retina

colados como papel de parede

que veste o velho de novo

e o novo de novo

num mágico passe tão leve

que beija a flor do indescr

MI

NÃO ESCREVA SO

PORTA DOS BANHEIRO

MANDE O SEU RECADOS DE A

PELO CHANACOMCHANA



CUI WRITE

LÉSBICAS: O DIFÍCIL DIREITO DE SER MÃE

A maternidade para muitas mulheres ainda é considerada como algo necessário e obrigatório da trajetória que devem percorrer enquanto mulheres e não como uma das opções possíveis que o nosso corpo nos oferece assim como as heterossexualidades, homossexualidades e bissexualidades são outras possibilidades ao nosso alcance. Falo no plural, pois acredito que cada pessoa pode ter uma forma própria, específica, criativa e diferenciada de viver a sua homossexualidade, heterossexualidade ou bissexualidade.

A invisibilidade das mães lésbicas faz parte da tentativa de ocultar a existência destas experiências, que rompem com o (falso) pressuposto de que ser mãe é igual a ser heterossexual, mostrando ser possível o exercício da maternidade além dos limites da heterossexualidade institucional (casamento, família nuclear, submissão da mulher ao homem). Hoje em dia, é possível tornar-se mãe através da inseminação artificial, o que torna dispensável a utilização da relação heterossexual para fins reprodutivos.

Em relação a custódia dos filhos, esta costuma ser dada a mãe, quando a mulher tem condições materiais de arcar com as responsabilidades. No caso dela ser lésbica, a custódia tem grandes probabilidades de ser concedida ao pai. É, neste sentido, que muitas mulheres vivem com medo e receio de que suas vidas sexuais venham a ser descobertas. Mesmo no caso de ganharem a custódia, há sempre a possibilidade de a perderem, caso o marido descubra e utilize isto como objeto de acusação contra elas. Este é um dos aspectos que demonstra a presença do preconceito e da discriminação em relação as sexualidades lésbicas. Há outros como a

probabilidade da existência do "enrustimento" no trabalho e/ou junto a amigos e alguns familiares, para não ocorrer a perda do emprego e de relações afetivas consideradas importantes. É claro que esta vida dupla tende a gerar medos, ansiedades e inseguranças (quanto a ser descoberta) que trazem danos para a formação e auto-estima individual. É, dentro deste contexto, que ser mãe lésbica é qualitativamente diferente de ser mãe heterossexual. Como já foi dito acima, a mãe lésbica será discriminada entre outras coisas (dependendo da cor, classe social), por romper com os padrões impostos em relação a uma sexualidade e maternidade heterossexual.

Esta breve abordagem do tema e as entrevistas a seguir constituem-se numa primeira tentativa que nós do coletivo Chanacomchana fazemos no sentido de romper com a situação de invisibilidade das mães lésbicas. Os nomes verdadeiros foram omitidos por recomendação das entrevistadas. Lúcia tem 21 anos, trabalha como apontadora no CEASA e faz pesquisa de mercado nas horas extras. Márcia tem 40 anos, é professora universitária e está fazendo pós-graduação em Comunicação Social. Nós estamos interessadas em receber depoimentos de mães lésbicas, os quais, a medida do possível, serão publicados nos números seguintes. Seria interessante que, exemplo de outros países, as mães lésbicas de São Paulo e de outros estados do Brasil se organizassem em grupos para lutarem por seus direitos e necessidades.

ROSELY

LEIA E ASSINE O
CHANACOMCHANA

8 CHANACOMCHANA GALF- Na nossa

sociedade, a maternidade é colocada como destino inexorável para todas as mulheres. Para você, ser mãe foi uma escolha, algo que aconteceu por acaso ou o resultado das exigências sociais?

LUCIA- Ser mãe foi por acaso. Um dia sei com um bando de pessoas, todo mundo bebeu e fumou bastante e aí pintou a transa e a besta aqui caiu, marinha de primeira viagem. Também acho que foi a primeira e última vez que transei com um cara.

MARCIA- Olha, quando eu tive os meninos eu nem pensava nisso. Foi uma coisa muito boa em si, escolhida. Hoje 16 anos depois, a gente avalia tudo. Eu tive uma educação para ser mãe, para me casar, fui educada para isso. Quer dizer, mulher e para ter essa vida, e eu acho que aceitei essa imposição até por não ver outras alternativas. E aí dá até para considerar a faixa de idade, pois estou com 40 anos.

PARA A SOCIEDADE, SAPATRO NÃO TEM FILHOS

GALF- No presente, você teria outro/a filho/a?

LUCIA- Eu não teria, mas adotaria.

MARCIA- Talvez sim, agora que eu sei que é uma coisa boa, eu teria. Acho, que a única coisa a considerar são as dificuldades sociais que você tem. O filho, nesta sociedade capitalista, é uma responsabilidade só da mulher. Você não tem o apoio social para criar, quer dizer, qualquer falha, doença, dificuldade que você tem, vire-se, passe fome, se você não tem como cuidar, quer dizer, o peso dessa responsabilidade é muito grande. A educação dos meus filhos não foi dividida com meu marido. Era praticamente tudo comigo. Ele era uma pessoa que não trocava as fraldas das crianças, não dava mamadeira, não estava nem aí. E esse foi, também, o motivo da gente se separar.

GALF- Quando você soube da gravidez, você pensou num aborto? Como você viveu sua gravidez? Foi tranquila ou problemática?

LUCIA- Foi a primeira coisa que pensei e não tive a coragem de fazer, não sei porque. Eu arrumei clílica, dinheiro, mas na hora de fazer não tive coragem. Eu sempre tive o pensamento de quem faz assume. Na minha gravidez, eu pensava: "Vamos ver no que vai dar". Eu tive medo de que, quando minha família soubesse, me colocasse para fora de casa. Mas eu tive confiança em mim para manter minha gravidez. Essa minha tranquilidade eu nunca soube de onde vinha. Minha gravidez foi tranquila, não tive problemas físicos. Eu sempre achei que seria uma menina. Eu queria uma menina. Para ser minha cria, tinha que ser uma menina. E isto também influenciou para que eu não fizesse o

aborto. Foi barra ter de esconder da família, e eu escondi os 9 meses. Minha tia vai em umbanda e o guia dela disse que eu estava grávida, mas a minha família não acreditou. É aquele negócio: "sapatão não tem filhos". Era este o pensamento. Minha mãe soube no dia de nascer mesmo. Eu curti toda minha gravidez ouvindo música e assistindo desenho na TV... para não pensar na gravidez e na reação do pessoal. O parto foi sem problemas e eu não senti dor.

MARCIA- Foram ótimas, maravilha, e foram bem próximas. O 1º foi planejado bonito e o 2º estava planejado mas não tão rápido. Mas foi legal, eu estava bem, bem de saúde, podia comer bem, trabalhava meio período. Agora, eu estava num pique de ter um parto sem dor. Fiz um curso e tive o parto sem dor. Então, como experiência foi incrível, muito boa, eu acho que a experiência da gravidez me deu autonomia. Me deu autonomia em relação ao meu corpo. Sabe acho que, de repente, eu tomei conhecimento que eu tinha sexo, com a gravidez. O meu casamento que era uma sexualidade super reprimida não deu isso. A gravidez, me deu assim, uma satisfação de poder, não poder no sentido de ter poder, mas no sentido de poder por mim mesma, sabe? Isso mudou o aspecto da minha vida. Aí me senti mais forte também para procurar outros espaços meus. Isso foi reforçado ainda por eu conseguir cuidar das crianças. Eu descobri, por exemplo, que as mulheres não nascem sabendo cuidar de criança, mas que tem que aprender.

GALF- Para você, ser mãe é uma experiência gratificante? Ser mãe implica em perda de autonomia?

LUCIA- É gratificante. Apesar de nunca ter sido chegada em criança, de repente, eu estou curtindo muito. Ainda no hospital, minha mãe colocou para mim se eu queria deixar a criança no hospital ou levar para casa... Eu tinha acabado de completar 16 anos, estava numa fase em que eu queria mo



sem sentido, sem gosto de nada. Acho que a Simone pintou numa hora ótima de minha vida e, com ela, sinto que tenho uma razão na vida. Em perda de autonomia, até que implica. Por exemplo, quando tenho que sair, sempre preciso de alguém para cuidar dela. Mas, neste ponto, até que minha família tem colaborado muito. Mas não vejo pontos negativos. De repente, é uma responsabilidade. O que vai ser dela, será feliz? Não sei dizer...

MARCIA- Perda de autonomia... dá. Quer dizer, na perda de autonomia interior, da perda de autonomia espacial de tempo. Você tem que se dedicar, sabe? É tipo você cuidar de um doente, alguém que você gosta. O que acontece, naquele período, é que sua autonomia de espaço se reduz, mas não a sua autonomia mesmo de pessoa. Agora, você precisa de um pouco de gente que te ajude a cuidar porque, se você ficar sozinha cuidando e ninguém te ajudar, essa perda de autonomia de sair, de ir a lugares, acaba te sufocando também porque você participa pouco da vida externa.

Sabe, por exemplo, os meninos, dão trabalho. Você se preocupa, esquenta a cabeça, briga com eles. Você acha que, de vez em quando, está dando a educação toda errada. No dia seguinte, você acha que está tudo certo... Tem muita coisa desse tipo. Mas, eu não consigo ver nisso aspecto negativo da maternidade porque filho é um projeto de vida, dura no mínimo 18 anos e é um projeto interessante, bom em termos de você se colocar na posição de um adulto para já também ser responsável pelas novas gerações que vem, quer dizer, não só ter um filho individual, mas como uma coisa do social que vai caminhando. Da para você ter esse lado crítico e ver também que deveria ter esse suporte social, que a criança não poderia ficar dependendo só de 1 adulto ou 2 porque o adulto é fragil. Você tem que ter todo um sistema de sustentação. É que, nessa sociedade, ou você é mãe dos seus próprios filhinhos ou vai ser freira de caridade ou ganhar 60 mil numa creche para cuidar de criança, quer dizer, você não tem muita alternativa social para realizar esse projeto de transar as novas gerações. Esse projeto poderia ser com um todo, para todas as pessoas e não só para as mães e pais de fato.

GALF- Como você se sente sendo mãe lesbica em termos de discriminação social?

Lúcia- Minha mãe comentou: - Você me disse que era sapata e agora me aparece com uma criança! Quando eu fiquei grávida, eles pensaram que eu tinha virado ban-

deira, mas depois viram que foi algo que aconteceu por acaso. Eu me sinto discriminada como lesbica, não como mãe. Já perdi muito emprego por ser lesbica. Em casa, eles fazem de conta que não estão vendo, eles não querem ver, eles preferem não ver.

MARCIA- Olha, hoje em dia, depois que eu tenho meu desquite, meu ex-marido sabe e a coisa não pega muito. Quando eu não tinha desquite, era um problema sair, ir em algum bar, estar em algum lugar... Para mim, fica mais assim em parte porque as pessoas nem sonham. Então isso, de alguma forma, funciona como proteção. Eu não saio falando para todo mundo: - Meu negócio é esse... e as pessoas supõem porque na cabeça delas é assim. Então, a coisa fica desse jeito...

GALF- Como você trata a questão de sua vivência lesbica com seus filhos? Como é que eles encaram o fato?

LÚCIA- Eu não quero influenciar. Eu não tenho nem como influenciar, eu não sou muito de pensar no futuro, mas é claro que vou contar para a Simone que sou lesbica, e como ela vai encarar o fato vai depender muito de mim. Se eu for aquela mãe presente, dedicada, que ela se sinta curtida e amada, daí eu acho que não vai ter problemas dela me aceitar enquanto lesbica.

- MÃE, VOCÊ É LESBICA ?

MÁRCIA- Falando sobre tudo isso é a questão da discriminação que é mais pesada em cima das crianças. Eu demorei muito para falar para eles, mais em função disso do que em função deles mesmos. Porque, eles aos poucos, estavam percebendo. Chegou um ponto, que quem perguntou foram eles - "Mãe,



E eu falei: - Eu sou. Então pronto, porque estava tão óbvio, porque ficou uma coisa na vivência de las, porque as crianças percebem como é que são as relações amorosas com quem você se liga. Eles percebem mais o vínculo do que com quem você está vinculando. Agora, para eles é mais complicado, então eles tem uma consciência, aceitam com naturalidade, a gente convive juntos dias, viajamos juntos e tal, mas, em termos de amigos deles, por exemplo, eles não podem ficar falando: "Sabe? Minha mãe está na casa da namorada dela"... Nem pensar, não dá...

GALF- Você acha que o fato de ser lésbica (vai) influencia(r) de alguma maneira no desenvolvimento da (dos) sua (seus) filha/os?

LUCIA- Não, eu acho que não tem diferença entre ser mãe lésbica ou ser mãe heterossexual. Eu acho que o pai não faz falta. Para mim não fez. Eu fui criada pela minha mãe e pelos meus avós.

MARCIA- Olha, eu acho que para o mais novo não toca muito ele não. Agora, o mais velho tem um pouco dessas sensibilibidades porque é dos dois o que sente mais a ausência do modelo de homem. E eu acho que isso tenha influência sim, porque a gente fala muito mal de homem - esse modelo de homem que está aí - mas com delicadeza, sempre dizendo assim: - Não é você, não é a nova geração que está pintando, não são os novos homens que estão aparecendo, mas os que fazem tais coisas... Mas, como os homens estão dando motivo o tempo inteiro para a gente falar, então é uma barra, não?

GALF- Como suas namoradas encaram o fato de você ser mãe? Como é a convivência delas com seus filhos(a)?
Lucia- Sem nenhum problema. A convivência com a Simone é ótima.

Marcia- Encaram como uma coisa boa, curtem e até acho que minha namorada é uma influência boa para os meninos. De repente, é um adulto a mais que pode ajudar.

GALF- Você teve problemas com a custódia dos seus filhos?

Marcia- Quando me separei do meu marido, eu tinha que ele descobrisse e viesse a tirar a posse dos meninos. Então eu escondia, não saía de casa, tinha muito cuidado em não dar "bandeira". Mas hoje, que tudo já passou, eu tenho plena consciência que ele seria incapaz de cuidar dos meninos porque ele não sabia cuidar nem dele mesmo. Hoje ele sabe e, só uma vez, me perguntou se "isso" não iria influenciar na "boa" educação dos meninos. Ai nos conversamos e tudo ficou bem.

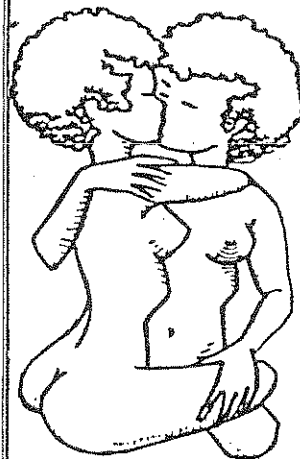
MARIA LUISA ●

NOTAS

1. Em discussão, a lei que permite a mudança de sexo. Matias José Ribeiro Texto com base nas declarações do cirurgião plástico Roberta Farina. Shopping News-City News, página 19, São Paulo, 19 de agosto de 1984.
2. Homossexual. Como Agir? Dr. José Carlos Ebling. Vida Integral, página 9, São Paulo, agosto de 1984.
3. As pedras no bolso do feminismo. Rosiska Darcy de Oliveira. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v.2, 3, p.35-38. novembro de 1983.

BIBLIOGRAFIA SOBRE PAPEIS SEXUAIS

- Belotti, Elena, Educar para a Submissão, Vozes, 1973.
- Mead, Margareth, Sexo e Temperamento, Ed. Perspectiva, 1969.
- A dominação da mulher (Os papéis sexuais na educação), Centro da Mulher Brasileira (CMB)-RJ, Vozes, 1981.
- Gagnebin, Jeanne Marie, Literatura no Feminino: Mulheres Escritoras no Brasil, Reflexão (Revista do Instituto de filosofia da PUCC, Nº 18), 1980.



**ASSINE
CHANA
COM
CHANA**

ENVIE UM CHEQUE EM NOME DO GALF PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SÃO PAULO, SP E FAÇA SUA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA.

ASSINATURA ANUAL (5 n^{os})....R\$8.000,00
NÚMEROS ANTERIORES (6 edições, incluindo o nº 0).....R\$9.000,00
ASSINATURA ANUAL PARA O EXTERIOR (EUROPA, 5 n^{os}).....US\$!

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....



ronel-deputado Sidney Palácios, heterossexista e machista, que a atacou moralmente por causa de sua moção contra o 302.0. Bem, mas fica para outra oportunidade.

Por hora, seguimos na briga contra o código, clamando as pessoas que lêem o ChanacomChana a juntarem-se a nós. Para tanto, basta pedir as folhas do abaixo assinado que o Grupo Gay da Bahia (GGB) circula por todo país e assiná-las. O endereço do GGB e Caixa Postal 2552, cep 40.000, Salvador, Bahia. **P A R T I C I P E !**

MARCHA E CONFERÊNCIA INTERNACIONAIS

Foram realizadas uma marcha e uma conferência pelos direitos das pessoas homossexuais nos dias 29 e 30 de setembro deste ano na cidade de Nova York. Estes eventos foram organizados por uma coalizão de grupos e indivíduos baseados na declaração da Associação Gay Internacional que considerou o ano de 1984 como Ano Internacional da Ação Lésbica E Gay. Os objetivos da marcha e da conferência incluíram várias reivindicações relacionadas aos direitos e a liberdade das pessoas homossexuais, tais como:

- . A liberdade de viver abertamente enquanto lésbicas e homossexuais da juventude à velhice.
- . Um fim a violência praticada contra lésbicas e homossexuais por governos e instituições, incluindo encarceramento em prisões ou instituições mentais.
- . Um fim a violência anti-homossexual nas ruas e em nossos lares.
- . Um fim a toda violência sexual, incluindo estupro, espancamento e abuso sexual e emocional.
- . A desclassificação da homossexualidade de como uma doença pela Organização Mundial de Saúde.
- . Igualdade de direitos e de acesso a moradia e emprego em todas as formas.
- . Nosso direito de ter e manter nossas crianças.
- . Qualidade no atendimento de saúde para lésbicas e gays.
- . Um fim a discriminação de qualquer forma contra as pessoas com AIDS e um aumento dos fundos para pesquisa e tratamento da AIDS.
- . Um fim as leis de imigração anti-homossexual em todos os países do mundo.
- . O direito de falar abertamente sobre nossas vidas e direito de reunião e organização com outras lésbicas e gays.

LESBIAN AND GAY ORGANIZING COMMITTEE FOR 1984-PO BOX 1498, NEW YORK, NY 10009, USA

Julgamento de Lindomar



O cantor Lindomar Castilho foi condenado a 12 anos de reclusão pelo homicídio qualificado de Eliane, d e Grammont (com quem fora casado), ocorrido no Café Belle Epoque a 30 de março de 1981. Eliane, que também era cantora, estava separada de Lindomar há 1 ano por ocasião do crime e foi morta, quando trabalhava, com 3 tiros a queima-roupa.

A condenação proferida no dia 25 de agosto de 1984 representou, acima de tudo, um passo a mais para o fim da impunidade de homens que assassinam mulheres e se valem, para escapar da punição, do manjadíssimo pretexto da "legítima defesa da honra". O caso de Lindomar pode, inclusive, ter marcado o término da utilização, desse dispositivo legal tão reacionário. Segundo advogados presentes a o julgamento do cantor, esse dispositivo deve cair da linguagem jurídica, dentro de pouco tempo.

Entretanto, apesar da vitória representada pela condenação de Lindomar, a violência contra as mulheres ainda é um fato corriqueiro na sociedade brasileira. Por exemplo, até mesmo as feministas que se mobilizaram, em frente ao Palácio da Justiça, para reivindicar a condenação do assassino de Eliane, tiveram que encarar as agressões verbais e físicas de um bando de machões furiosos. Entre xingamentos do tipo "vagabundas, putas, sapatões, etc...", o bando de homens atirou ovos e deu socos e pontapés nas feministas do Movimento das Mulheres contra a Violência, além de rasgar-lhes as faixas e cartazes. A polícia só apareceu quando as mulheres já haviam sido agredidas 4 vezes.

Episódios como esses são representativos do cotidiano de muitas mulheres em todo o mundo. Mas, como em todo o mundo, muitas mulheres brasileiras também não aceitam mais esse cotidiano passivamente e contestam, com veemência, a absurda noção patriarcal de que a mulher é propriedade do homem e que, por isso, pode ser surrada ou morta impunemente.

12 CHANACOMCHANA

DE ÚLTIMA HORA

Os grupos lésbicos sado-masoquistas continuam acontecendo na Europa e nos EUA trazendo muitos questionamentos sobre as normas e valores considerados corretos em termos de sexualidade. Em Amsterdam, o grupo Bad Girls (Garotas Más) organizou uma série de conversas e discussões sobre o sado-masiquismo como uma variante válida da sexualidade lésbica. O título do evento foi Bad Girls Play with Power (Garotas Malvadas brincam com Poder). Para maiores informações o endereço é: Bad Girls, Postbus 201; Diemen; The Netherlands.

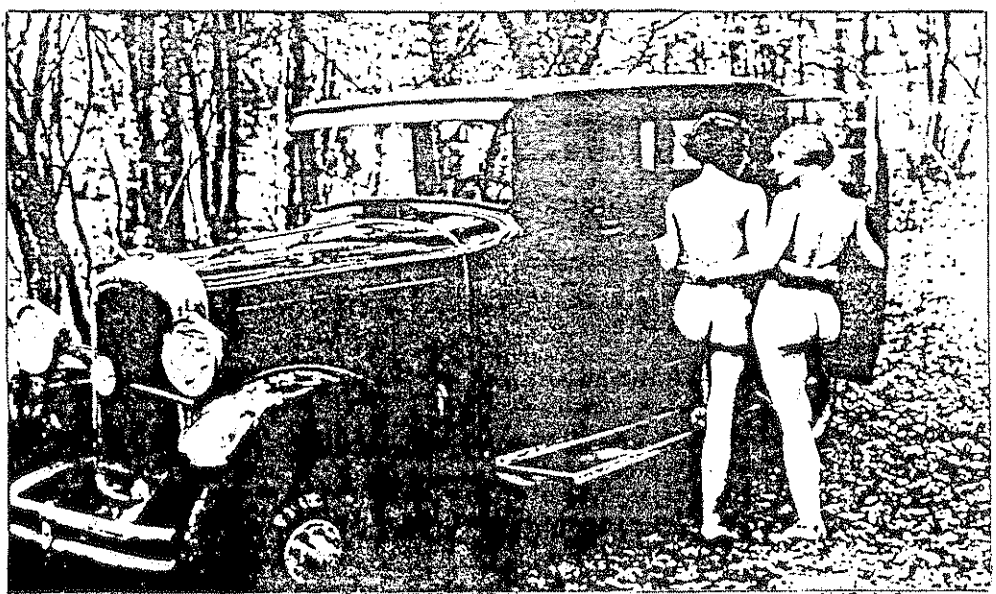


• Outro grupo lésbico sado-masoquista que apareceu recentemente é o Secret Minds (Mentes Secretas) de Frankfurt. O endereço delas é: Secret Minds; c/o LAZ Eckenheimer Landstrasse 427; D-6000 Frankfurt 50.

• Nos Estados Unidos, um grupo SM (sado-masoquista) bem conhecido é o Samoís. Elas editaram, inclusive, dois livros com depoimentos, textos teóricos, desenhos, etc... sobre SM. O endereço das moças é: SAMOIS, Box 2364, Berkeley, Ca 94702.

• Uma das mais tradicionais publicações feministas norte-americanas, a Off Our Backs, publicou na sua edição de Junho, nº 6, uma grande matéria sobre mães lésbicas. Off our Backs; 1841, Columbia Road NW 212; Washington DC 20009; USA.

• Em Zurique, atualmente, há um programa de rádio lésbico com uma hora e meia de duração, a cada 2 semanas. O programa apresenta músicas, entre vistas, debates, etc. O pessoal do programa está procurando informações de todo mundo para levar ao ar.



O endereço é: Alternative Lokalradio c/o Marianne Marder; Postfach 477; CH-8034 Zurich.

HETERROR

A Anistia Internacional decidiu (em 1981), depois de uma longa discussão que durou 7 anos, não apoiar pessoas presas ou perseguidas por causa de sua homossexualidade. De acordo com a Anistia também, nem mulheres acusadas de terrorismo nem mulheres que tenham sido presas como resultado de violências sexuais merecem a garantia de seus direitos humanos. Por exemplo, a Anistia não assumiria o caso de uma mulher estuprada e, por isso, acusada de adultério, como acontece no Paquistão. A Anistia não assumiria a defesa de mulheres lésbicas presas em batidas tipo Richetti, delegando que resolveu "limpar" a cidade de São Paulo, em 1980. A Anistia não assume a defesa de pessoas homossexuais embora as perseguições movidas contra bichas e lésbicas sejam comuns neste século, vide os campos de concentração nazistas e os campos de reeducação socialistas, como os cubanos. Segundo uma ativista da Anistia da Holanda, o problema é que a perseguição por motivos de orientação sexual não foi ainda oficialmente expressa na Declaração dos Direitos Humanos sobre a qual a Anistia Internacional se baseia. Também a Organização Mundial da Saúde, uma suborganização das Nações Unidas, ainda considera a homossexualidade como doença. Uma mudança neste ponto de vista ajudaria muito para o comprometimento da Anistia Internacional. A ativista holandesa também recomenda que o Movimento Homossexual pressione a Corte Europeia para que ela dê uma declaração positiva sobre os direitos homossexuais. (Boletim do ILIS, Serviço de Informação Lésbica Internacional, PO BOX 1305, Vika, Oslo, Norway e OutWrite-ênd. vide pag. I-).

• ENCONTRO NACIONAL SOBRE SAÚDE DA MULHER: FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E ATUAÇÃO Nos dias 15, 16, 17 e 18 de novembro

estará sendo realizado, em Itapecirica da Serra, um encontro sobre saúde da mulher com debates, exposições de filmes e apresentação do trabalho de mulheres na área de Saúde e Sexualidade. Mais informações: Maria Estela, 261-0186 (SP).

* CARTAS *

Prezadas amigas do GOLF,

É com grande satisfação e alegria que lhes escrevo esta com a intenção de parabenizá-las por ter recebido o meu primeiro boletim Chana comChana do qual fiz a assinatura. Tenho a acrescentar também que esse boletim é ótimo como meio de transmissão para nós lésbicas aqui do interior que não temos oportunidade de ler tais assuntos. Através dele fiquei sabendo do que está acontecendo no mundo sobre nós lésbicas, o que antes desconhecia. (Vânia, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul)

CORRESPONDÊNCIA

• Aurélia Diniz - Av. 12, Rua 18, Casa 12 Cohab - Anil III, São Luis, MA Cep 65000

• Gonelli - Rua Noel Rosa, 20 Jd. Pinhal Guarulhos, SP Cep 07000

• Lalinha Gomes - Rua Raimundo de Castro Maia, 95, Rio Pequeno, SP Cep 05386

• Márcia Massara - Rua Conselheiro Moreira de Barros, 240, Santana, SP Cep 02180

• Márcia Simões - Rua Dr. Júlio Lira 113, Taboatã, PE Cep 54000

• Marlene - Rua João Moura, 1140, Pinheiros, SP, Cep 05412

• Marli Frank - Rua Nestor Pestana, 87, Apto. 501, São Paulo, SP Cep 01303

• Marta - CX. Postal 7518, São Paulo Cep 01000

• Roxana Herrera Alvarez CX. Postal 957, Maringá, PR Cep 87100

• Zulmira Quinto - Rua Piauí, 278, Lins, SP, Cep 16400

• Rute Maria Amorim - Rua Francisco Precioso, 74, São Paulo, SP cep 05379

• Mônica Aparecida Pita - Rua Jufari, 133, São Paulo, SP Cep 07469

* ANÚNCIOS *



Um papacinho do seu mundo das 12:00 até..... de 5ª à domingo

Rua Santo Antonio, 922 - Tel.: 259-2492
Bairro do Bixiga - Bela Vista - São Paulo



FERRO'S BAR

RESTAURANTE - PIZZARIA

R. Martinho Prado, 119 - S.P.

Tels. 257-9903 - 258-0004



FOR US - UM TOQUE DE REQUINTE

NO MUNDO GAY

CASA DE CHÁ - CAFÉ COLONIAL

CHÁS E SUCOS NATURAIS - SORVETES

RODIZIO DE DOCES E SALGADOS

AMERICAN BAR - MÚSICA AMBIENTE

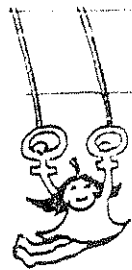
DIARIAMENTE DAS 17:00 AS 23:00 - FECHA 2º

Moema - AV. CIBARÁS, 416 F.: 544-5660

preço promocional - Cr\$ 7000,00

O GOLF OFERECE OS SEGUINTE TEXTOS E TRADUÇÕES: 1) PAPEIS DE GÊNERO E A QUES- TÃO DAS IDENTIDADES, ROSELY R., R\$2.500,00 2) A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE UM GRUPO DE MULHERES LÉSBICAS FEMINISTAS, ROSELY R., R\$2.500,00. 3) ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LESBIANIS- MO COMO POSTURA REVOLUCIONÁRIA, PRETE- HOMOSSEXUAL DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA (PA- RIS), Publicado em Barcelona, ESPANHA, R\$3.000,00 - TRADUÇÃO 4) FANÇHAS E LADIES, CORAGEM SEXUAL NOS ANOS SU(B)UTCH-FEM RELATIONSHIPS, SEXUAL COURAGE IN THE 1950's, JOAN NESTLE, R\$3.000,00 - TRADUÇÃO, CX.P.62.618, S.P.

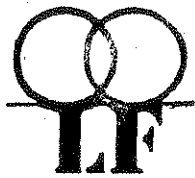
PARTICIPARAM DESTA Nº : MARIA LUISA, MIRIAM E ROSELY. COLABORADORAS: LEDA E RUTE. São Paulo, novembro de 1984.



CHANACOMCHANA

O boletim Chana com Chana é um publicação trimestral que focaliza diferentes aspectos da vivência lésbi- ca sob dois temas referentes ao femi- nismo, de uma maneira geral, e a polí- tica dos movimentos sociais autônomos. O Chanacomchana é publicado pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) que, desde 1979, vem desenvolvendo um trabalho junto às mulheres lésbicas no sentido de informá-las e consciên- tizá-las de seus direitos e da impor- tância da luta contra a discrimina- ção que sofrem todas as mulheres. Nosso principal objetivo, com o Chanacomchana, é quebrar o muro de pre- conceitos que envolve e isola as mu- lheres lésbicas, criando uma rede de contatos, informações e apoio no Bra- sil e no exterior. CHANA COM CHANA - GOLF CANA - RUA CIBARÁS, 416 - CEP 01.000 - SP - SÃO PAULO - BRASIL





CHANA COM CHANA

7

SÃO PAULO

ABRIL 1985

CRS2000 00

(PAG 9)

LÉSBICAS E FAMÍLIA

e mais poesias,
informes,
correspondência



- ENRUSTIMENTO (PÁG. 2) E SOLIDARIEDADE -



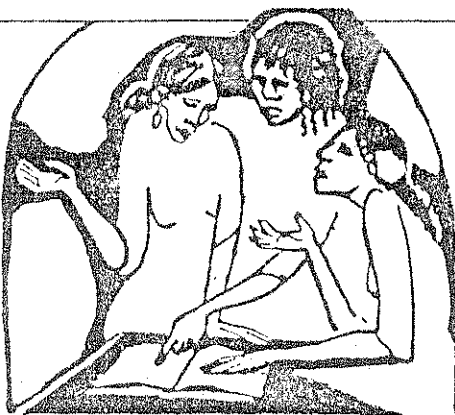
EDITORIAL

O ChanacomChana foi publicado, pela primeira vez, como jornal, em janeiro de 1981. Nessa primeira edição, havia uma entrevista com a Angela Ro Ro, um artigo da jornalista Maria Carneiro da Cunha em defesa das lésbicas e uma avaliação dos dois primeiros anos do então Grupo Lésbico Feminista (hoje Grupo Ação Lésbica Feminista) feita por Miriam, uma de suas integrantes.

Depois desta primeira edição, a idéia do Chana foi abandonada tanto por falta de dinheiro quanto por falta mesmo de definição no que se referia a linha de publicação a ser seguida. O coletivo de mulheres que pretendia manter o Chana em circulação tinha muitas perspectivas, mas pouca praticidade e acabou se dissolvendo.

Em dezembro de 1982, nós do GALF retomamos a idéia do Chana e passamos a editá-lo como boletim. Desde então, temos mantido sua publicação sem interrupções, embora ainda não com a periodicidade desejada devido basicamente a instabilidades financeiras. Entretanto, apesar das dificuldades, podemos afirmar que o Chanacom Chana vêm se tornando um sucesso. Através dele, temos ampliado nossos contatos com o exterior e recebido várias revistas e jornais lésbicos, feministas e homossexuais que enriquecem nossos arquivos. Aqui no Brasil, com a crescente divulgação de seu nome pela imprensa, temos também conseguido mais e mais pedidos de exemplares e assinaturas, o que nos possibilita ampliá-lo e melhorar sua impressão. Para o futuro, almejamos obter financiamento para o Chana com entidades homossexuais de outros países e voltar a publicá-lo em forma de jornal.

Por enquanto, seguimos trabalhando para fazer do ChanacomChana um efetivo veículo de informação sobre a vivência lésbica e sobre feminismo, numa perspectiva de quebrar o muro de preconceitos que isola as mulheres homossexuais e proporcionar-lhes uma rede de contatos e apoio aqui e no exterior



LABAYS

Finalizando, e em homenagem aos 4 anos da primeira edição do Chana, re-produzimos aqui parte de seu editorial daquela época. Este editorial também serve como recado da gente do GALF para aquelas mulheres que ainda não entenderam o que quer dizer ChanacomChana.

" ChanacomChana foi um pulo do conformismo para a participação. Nosso jornal é nossa ponte. A palavra Chana não pode ser sumariamente definida como orgão sexual feminino. É algo tão mais amplo quanto os contrapontos de existir. Que a palavra Chana soe para uns como "CHANCE", para alguns como "CHANCE" (pé grande, sapatão?), e para outros como "CHAMA". O importante é isentá-la de prévias conotações.

GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA (GALF)



- informes
gerais e
irrestritos -

ABORTO NO RIO

A deputada Lúcia Arruda, do PT do Rio de Janeiro, enviou-nos uma carta noticiando a aprovação de seu projeto-lei que estabelece a obrigatoriedade do atendimento médico, para a prática do aborto, na rede de serviços de saúde do Estado. O atendimento será efetuado nos casos de aborto previstos por lei, ou seja, nos casos de estupro e nos casos onde a gestação e o parto se constituírem em perigo de vida para a mulher.

Segundo a deputada, a nova lei ajudará especialmente as mulheres de baixa renda que assim terão acesso a assistência médica gratuita e adequada. A nova lei representa também um passo a mais na conquista da descriminalização do aborto.

continua na página 16

O CHANACOMCHANA TAMBÉM É SEU. ENVIE SUAS CRÍTICAS, SUGESTÕES, POESIAS, FOTOS, DESENHOS, TUDO O QUE QUISER.

enrustimento e solidariedade

Por que as lésbicas se enrustem?

Basicamente, por medo da sociedade, do julgamento social.

Porém, ao se enrustirem sentem-se frustradas, pois cria-se uma situação ambígua: ao mesmo tempo que desejam ser aceitas pela sociedade, não conseguem aceitar os padrões de comportamento que esta lhes impõe.

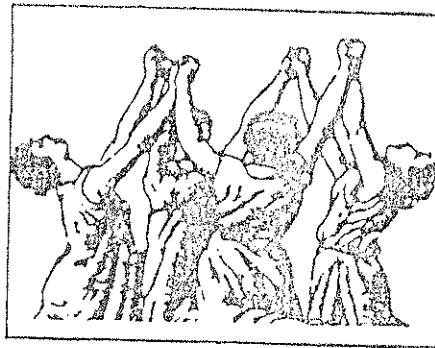
Muitas vezes passam a ter raiva de si mesmas e de suas companheiras e/ou de outras lésbicas, mesmo que não se dêem conta disso. Isto porque, como se sentem impotentes diante da sociedade, passam a sua revolta para aqueles (as) que estão mais próximos. Ex.: passam a agredir suas companheiras, pois as culpam por terem transgredido padrões sociais.

Esse tipo de comportamento radical, ao contrário do que se possa imaginar, é bastante comum. Não tanto em relação às companheiras mas particularmente em relação a outras lésbicas, criticando, em especial, aquelas que fisicamente fogem ao padrão da mulher dita "feminina".

Este pré-conceito é bastante lógico, se pensarmos que as lésbicas mais "fanchonas" são mais aparentes.

As lésbicas que alimentam constantemente seu enrustimento, esquecem-se de que isto apenas torna sua vida ainda mais difícil. E não percebem que à medida que criticam as demais lésbicas, afastam de si a possibilidade de sentirem-se menos solidárias, já que, relacionando-se com pessoas de sexualidade semelhante à sua, sentir-se-iam mais à vontade para exporem-se tais como são, serem elas mesma.

Se muitas (os) homossexuais são levadas (os) a medidas extremas, tais como o suicídio - lembram-se de Sandra Mara? - devido às constantes pressões sociais que as (os) colocam à margem, é de se pensar se o enrus-



timento, ao invés de ser uma proteção, não é na verdade o oposto. Em outras palavras, se a situação de ambiguidade que vive a lésbica que se enruste não a protege do preconceito social e a afasta das demais lésbicas, levando-a a viver momentos de extrema solidão, qual a vantagem do enrustimento?

Só é possível superar ou amenizar o sofrimento que as pressões sociais causam a nós, lésbicas, através da solidariedade e da amizade entre nós. Se nos enrustimos exageradamente, por medo da sociedade, nunca deixaremos de ter medo (!). Isto porque nos afastaremos das outras lésbicas, tornando-nos mais frágeis, sem condições de lutar contra o inegável e cruel preconceito que sobre nós recai há séculos. Então vamos começar a lutar contra esse preconceito?

Eu por minha vez, acredito que, tentando eliminar pouco a pouco esses nossos temores, ao mesmo tempo que procuramos ser mais solidárias entre nós, lésbicas, poderemos, num futuro bem próximo, conquistar mais e mais um espaço próximo. Desse modo, poderemos ser completamente "assumidas", mais livres e mais soltas, sem medo algum da sociedade.

Colaboraram para a realização deste artigo: Go, Célia, Sérgio e minhas companheiras de grupo.

AGUARDEM ! Para os próximos boletins artigos sobre o mesmo tema, porém abrangendo: enrustimento na família, no trabalho, na escola, etc.

.MÔNICA.



LINDA PEQUENINA

Olhando para o céu
 Nele vejo estrelas brilharem.
 Na lua forte a clarsar
 Sinto o seu olhar.
 O vento me leva
 até seu pensamento.
 Sinto ainda suas carícias
 daquela noite de tantas delícias.
 As estrelas continuam brilhando.
 Nelas vejo a esperança.
 Em todas as noites de verão,
 venho para a rua ver o luar,
 sentir o brilho das estrelas.
 Sempre vejo aquela estrela pequenina
 que me alegra e me anima
 e me recordo de você...
 Tão linda pequenina!

VÂNIA

AMOR, O ARTESÃO

Se Safo, agora, nos visse
 Por certo invejaria
 de Lesbos aplaudiria
 o amor dessas Marias.
 Se os deuses nos assistissem
 decerto se encantariam
 Quanta beleza - diriam -
 No amor dessas Marias.
 Dois corpos iguais de Marias
 esculpindo uma só emoção
 e, fazendo do amor artesão,
 se faça das duas um só coração!

ZULMIRA

À BRAQUÊA (Tradução em
 prosa de Paulo Hecker
 filho do poema "To the
 Girl Brachea", Amor en-
 tre Mulheres, Charlotte
 Wolff, Ed. Nova Fronteira)

À BRAQUÊA

Ah, partilha, a meu ver, a sorte
 dos deuses, e a eles se iguala, quem
 se aproxima de ti, e senta a teu la-
 do e escuta tua voz adorável. E pode
 ouvir o teu riso que desperta o amor
 e faz meu coração bater mais forte no
 peito. Quando te vejo, Braquêa, minha
 voz falha e se apaga. Minha língua se
 trava, mesmo quando o desejo acende
 toda a minha carne. Meus olhos deixam
 de ver e os ouvidos apenas ouvem a
 pulsação do meu sangue. Meu corpo to-
 do sua e treme e empalideço como plan-
 ta no inverno. E a própria Morte, com
 minhas forças esvaídas, parece vir a
 mim. Assim como um mendigo, devo me
 conformar em adorar de longe tua bele-
 za única, e ouvir teu riso, e falar de
 todo o teu amor só para os outros.

S A F O

VARA

Carolina,
 Acelero o pé nesse seu ventre,
 mistura
 de flanela e louça rara.

Acelero e vou fundo
 Onde um dia dormi a têmpera,
 onde sempre
 meu coração em ti mora.

Prá não te perder
 Em furos bolsos de atraso,
 Em rasos derrapes de superfície.

Só me resta resgatar o fundo,
 O mais fundo em que já fomos,
 E fomentá-lo a toda hora.

Pesco a vara
 E acelero a altura de nosso salto
 Para além das horas.

VANGE

FAMÍLIA.

ROSELY

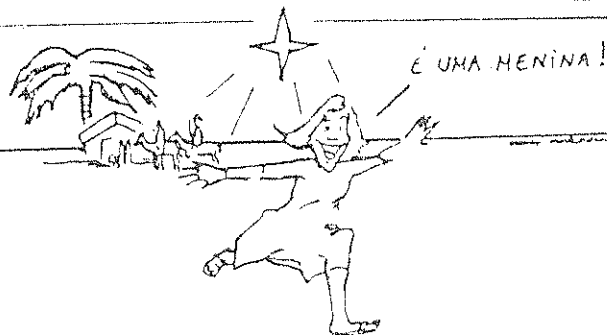
" Não dá para ficar, eu tenho hora para chegar, senão minha mãe não consegue dormir, ela fica muito preocupada... Não, eu não quero este boletim, não tenho onde guardar, e ainda com este nome, imagine se alguém de casa o encontra... Não minha família não pode saber que sou lésbica, eles vão se decepcionar, não quero magoá-los... Não há nada mais importante para mim do que minha casa, minha família... " Quem não se lembra de já ter ouvido alguma destas frases pelo menos 30 vezes ?

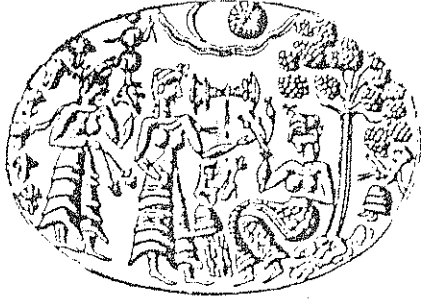
A família é a instituição social onde a grande maioria de nós permanece mais tempo, mantendo relações emocionais, intelectuais e sexuais, (entendo por estas últimas não apenas o ato sexual mas todas as formas de manifestação física (ou não) de proximidade). A família é sem dúvida o primeiro veículo de formação e informação individual, influenciando bastante a nossa trajetória posterior.

O termo família, origina-se do latim Famulus que significa: conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Analizando o significado do termo, dá para perceber a nítida conotação patriarcal contida nesta definição: o pai funciona como chefe ou senhor, a mulher e os filhos como dependentes, e os empregados como servos. É claro que muito dos serviços sexuais, domésticos e na educação dos filhos colocados como específicos da mulher em relação ao marido podem nos levar a incluí-la também como serva; da mesma forma os filhos por estarem, muitas vezes, indefesos em relação ao autoritarismo do "senhor" seu pai, são obrigados a obedecer-lhe (de livre e espancada vontade). A definição do termo família, em latim, revela que esta instituição é produto do sistema patriarcal, criada por este sistema a fim de perpetuar o poder do homem: "sistema patriarcal não é apenas uma dominação é também um sistema que utiliza de

forma clara ou sutil, todos os mecanismos institucionais e ideológicos ao seu alcance (o direito, a política, a economia, a moral, a ciência, a medicina, a moda, a cultura, a educação, os meios de comunicação, etc) para reproduzir essa dominação dos homens sobre as mulheres".¹

A família na sua forma histórica nuclear e monogâmica, constituída basicamente pelo pai, filhos e mãe, não é universal e imutável, da mesma maneira que o sistema que lhe deu origem, o sistema patriarcal, também não é imutável e universal. Segundo certos antropólogos,² sociólogos³ e historiadores,⁴ do paleolítico⁵ até a metade do neolítico⁶ há vestígios que tornam possível acreditar-se na existência do matriarcado. Nesta época, segundo estes autores, a maior riqueza da comunidade eram as crianças. O homem desconhecia o seu papel na procriação e a educação das crianças era tarefa comunitária. As principais técnicas desta época - agricultura de enxada (a terra era associada a uma mulher fecundada), tecelagem, cerâmica, fiação e domesticação de animais - foram inventadas pelas mulheres e eram elas que exerciam o controle de sua execução. O sistema de descendência era matrilinear. Não havia propriedade privada e nem acumulação de riquezas, supõe-se que não havia guerras, as questões eram resolvidas através da exogamia: troca de homens e mulheres entre as tribos. Deste período, as únicas estatuetas encontradas são de figuras de mulheres, em pedra ou marfim, com atributos sexuais fortemente assinalados. Segundo a historiadora Andree Michel, é no neolítico médio (6000 a 3000 AC) que, através do conhecimento e da domesticação dos animais, descobre-se o papel do homem na procriação. Nesta época a existência de um excedente alimentar é que per





mitiu a sedentarização⁷ das tribos antes nômades.⁸ A descoberta do papel do homem na reprodução e o desenvolvimento simultâneo da propriedade privada foram os fatores que geraram a formação da família nuclear monogâmica. A transmissão hereditária aos filhos legítimos só seria possível se o homem tivesse a garantia de sua paternidade e isso foi efetivado através da imposição da monogamia para as mulheres. A necessidade da monogamia visava conseguir herdeiros legítimos. Para garantir a paternidade e a transmissão da propriedade privada, dá-se, não sem revoltas, o enclausuramento e a dominação das mulheres.⁹

Ao mesmo tempo, a dominação termina nas religiões desaparece. "Durante milhares de anos a Deusa-Mãe foi o único objeto de veneração, apareceram então estatueta com representações masculinas e o símbolo masculino, o falo, foi modelado na argila e esculpido na pedra. (...) Tais símbolos implicam o reconhecimento do papel paterno na procriação, notando-se a emergência de unidades masculinas, e também o enfraquecimento progressivo das bases ideológicas do matriarcado num período em que a substituição do arado, conduzido pelo homem, substituiu a enxada, manejada pela mulher, e arruinou a fundação econômica do matriarcado."

"O arado adquire uma significação fática como seção o instrumento que prepara a terra para ser fértil".¹⁰ crença sem dúvida relacionada com a descoberta do papel masculino na criação.

⁷ Gordon Childe, *The prehistory of European society*. Londres, Penguin Books, 1958, p. 111.

⁸ O. James, *Le culte de la Deesse-Mère*. Paris, Payot, 1960, pp. 244 e 249.

Como produto desta passagem para o sistema patriarcal tal como o conhecemos hoje, surge o conceito de família com os papéis sexuais que ela produz e reproduz: o pai é a autoridade com funções econômicas (na maioria das vezes descomprometido da educação cotidiana dos filhos), não monogâmico, tendendo a ser opressivo e violento entre outros atributos ditos masculinos. A mãe cabe cuidar da infra-estrutura doméstica: passar, lavar, manter a casa limpa, cozinhar, cuidar dos filhos, ser monogâmica, doce, submissa e prestar serviços afetivos e sexuais. Estas são algumas características que fazem parte do universo considerado como especificamente "feminino". É claro que estes papéis perpetuam a dominação masculina. Apesar do trabalho doméstico ainda não ser considerado

trabalho, mesmo que ultrapasse o número de horas dos assalariados, a sua realização pelas mulheres proporciona vantagens econômicas ao marido que, ou teria que pagar uma ou mais pessoas para exercer estas atividades, ou teria que fazê-las ele mesmo, diminuindo o seu tempo disponível para lazer ou para a própria carreira. Nesta estrutura, os trabalhos da mulher, servem de apoio às funções e desejos do homem. A heterossexualidade institucional (casamento, monogamia, filhos, etc), é uma das características que a família procura manter, assim como outros atributos rotulados de "femininos" e "masculinos". Estes atributos são falsamente percebidos e transmitidos como "naturais" e "universais"; omite-se que como toda criação humana, eles surgem historicamente a partir de certos interesses e se transformam de acordo com as mudanças que ocorrem nas sociedades, influenciando e sendo influenciado pelas outras esferas sociais. Ninguém nasce agressivo, submisso ou heterossexual: Poderá haver as predisposições temperamentais, afetivas e sexuais, mas o peso das instituições sociais é fundamental na elaboração das nossas características futuras.¹⁰

Chegando ao extremo dessas práticas encontram-se vários grupos sociais que, não achando seguras essas manipulações, substituíram-nas por outras nas religiões que chegaram até à manipulação física, a fim de limitar a sensibilidade autônoma das mulheres, submetendo-as ainda mais aos homens. Assim, procede-se à prática da ablação do clitóris (clitoretectomia), à infibulação (sutura dos lábios vaginais, tornando impossível o coito), etc., apesar dos traumatismos e mutilações físicas e psíquicas decorrentes dessas práticas. Isso pode ser paralisado, dizendo-se que, enquanto em certas sociedades musculomanas as mulheres são fisicamente mutiladas, a fim de dirigi-las para um heterossexualismo monogâmico, os "cientistas" ocidentais judeus e cristãos, mutilam-nas psicologicamente com a mesma finalidade, ou seja, a de dirigir a sexualidade das mulheres para o matrimônio (a reprodução só sendo aceita dentro do casamento).

Segundo alguns autores,¹¹ a instituição familiar visa a produzir a servidão voluntária, criando a necessidade de um substituto ao pai autoritário. O Estado autoritário seria representado pelo pai e a família constituir-se-ia num dos ins-



trumentos de poder do Estado, reproduzindo os sistemas autoritários nas estruturas de seus membros. Na família, os autoritarismos sociais das outras instituições seriam refletidos e reproduzidos, ocorrendo também uma mútua influência entre esta e as outras instituições sociais. Os filhos seriam treinados para desenvolver uma atitude de subordinação diante de qualquer autoridade que ofereça proteção aparente. A reprodução de papéis rígidos de feminino e masculino (que impossibilitam a livre escolha das características que achamos mais interessantes para a nossa formação, por serem taxadas como inadequadas e portanto amaldiçoadas), a estrutura interna de opressão e dominação, incluindo a violência inclusive física dos espancamentos e estupro que sofrem as esposas e os (as) filhos(as), fazem da família um lugar de adiestramento para a adequação social e uma fonte inesgotável de neurroses, culpas e baixa auto-estima.

Estas idéias sobre a instituição família fornecem algumas pistas dos porquês da existência de tantas pessoas que, de alguma forma, são cúmplices e coniventes com a sua própria exploração e discriminação, ou tornando a outrem o direito de decidir sobre o que é melhor para elas, seja em termos de trabalho, educação, parceira(o) sexual, etc. Se cada um(a), decidisse lutar para poder escolher o que lhe realizasse mais nos diversos aspectos da vida, a sociedade seria outra e o sistema patriarcal, muito provavelmente, não estaria mais vigorando. A subordina



ção e respeito às autoridades maioria dos casos, gera indivíduos cúmplices e coniventes com as situações cotidianas de opressão e discriminação. A falta de sentimento de historicidade e de consciência faz pensar que tudo sempre será assim, e que não há nada a fazer. Não se percebe por causa ou alienação, que as coisas assim por que não se faz nada mudá-las.

FORMAS ALTERNATIVAS DE CONVIVÊNCIA ENTRE OS SEXOS

As funções que a família hoje - reprodução, socialização, sustento econômico e de identificação social (quem é filho de quem) poderiam ser realizadas de formas diversas, por exemplo: vida comunitária, onde os pais biológicos não precisariam, necessariamente exercer a função de pais sociais cuidando da formação e informação das crianças; aliás, se o caso fosse monogâmico, seria bastante fácil determinar o pai biológico. Outras pessoas que gostassem de cuidar das crianças e entendessem deste tipo de pedagogia poderiam exercer a função de pais de educação dos mais novos. Outra forma de relação entre o pai e as gerações pode surgir em pequenas comunidades de poucos membros que possam romper com os papéis sexuais possibilitando uma distribuição igualitária das tarefas, reprodução da exploração de um pelo outro e a escolha individual das características que cada um achasse mais interessantes, considerando ao máximo o que é considerado adequado ou não por se tratar de uma genitália X.

A coletização de lavanderia, restaurantes poderia ser uma forma para que a sociedade se encaixasse na infra-estrutura doméstica, liberando tempo para o lazer das mulheres. Uma mudança na organização familiar, ao mesmo tempo que conivente, é também condicionada pelas estruturas patriarcais da sociedade. Acredito não ser possível recriar formas integralmente novas de estrutura familiar em uma sociedade que explora, discrimina e oprime as mulheres, tornando-nos para a cúmplice ace



e reprodução desta situação. A conquista de uma sociedade livre passa pela eliminação da primeira forma de dominação, que é a do homem sobre a mulher. A tentativa de construir formas novas de organização familiar é uma das maneiras de minarmos as instituições patriarcais na medida em que procuramos não reproduzir as idéias que mantêm e sustentam este sistema.

E AS LÉSBICAS NISTO TUDO:

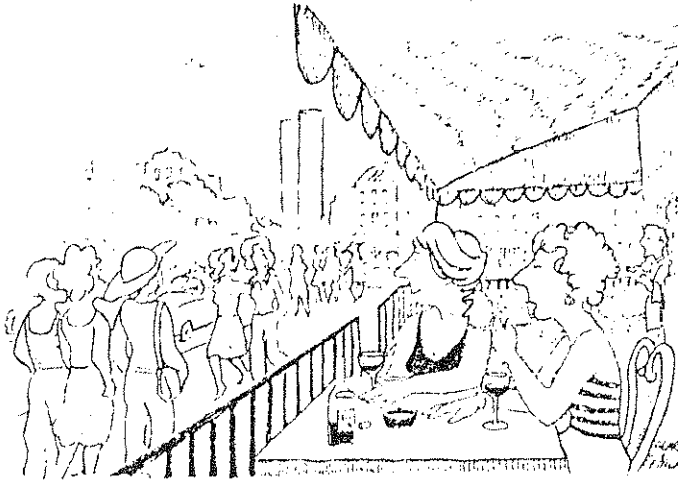
Além das questões acima levantadas, acredito que a maneira como cada mulher irá se perceber enquanto lésbica e como cada uma irá conviver com este fato são fatores essenciais para a constituição do relacionamento com as respectivas famílias. A culpa, o medo, a vergonha por não ser heterossexual, o sentimento de ser doente, anormal e/ou desviada, geralmente levam ao enrustimento, o que gera um jogo duplo e hipócrita de mentiras, ansiedades, medo de ser descoberta, culpa por não preencher as expectativas dos pais, entre outras coisas, que desgastam bastante qualquer uma que vive esta situação. Às vezes, quase todas as energias são gastas neste conflito, o que entrava muito o crescimento intelectual, emocional e sexual da pessoa que só tem olhos, cabeça e ouvidos para seus conflitos familiares. O medo de dar "bandeira" pode restringir a compra e leitura de determinados livros e bo-

letins, certas amizades, possíveis conversas francas e abertas com os familiares e prejudicam também o desenvolvimento de uma relação íntima. Este pavor de ser descoberta e o medo da reação dos familiares pode ser efeito de uma auto-imagem ruim. A interiorização de conceitos como doença e anormalidade gera vergonha e culpa por se ter desejos lésbicos. Esta auto-imagem depreciativa pode ser transferida e projetada integralmente ou em parte para os familiares. Uma auto-estima forte e a consciência de que é um direito exclusiva-mente individual a escolha de quem se deseja amar e/ou transar, torna-se paulatinamente incompatível com uma vida embaraçosa de fingimentos.

A necessidade de autonomia e independência em relação aos nossos próprios corpos, afetos e pensamentos, a vontade de optarmos pelo que nos dá mais prazer e pelo que parece mais correto, leva algumas poucas mulheres a se colocar abertamente enquanto lésbicas, lutando contra o preconceito e a discriminação existentes, abrindo espaços para que um dia não existam mais guetos, mas que em todos os lugares seja possível se expressar os afetos.

A família constrói um projeto para as(os) filhas(os): se for mulher ou homem terá que ter determinadas características consideradas "normais" e a heterossexualidade é o padrão de sexualidade considerado correto para ambos os sexos. Afim de não perderem o afeto dos parentes, muitas de nos utilizam-se de mentiras e do jogo de esconde-esconde. Os pais, quando sabem, têm muito receio de que os outros (vizinhos, amigos e parentes), descubram que a filha é lésbica e os culpem pelo fato. Às vezes, a preocupação não é com a filha, mas com o que possa ocorrer com a reputação deles, com o que os outros vão dizer. Os traumas que a heterossexualidade forçada pode gerar não parece ser objeto de preocupação.





Na verdade, não há tantas lésbicas em São Paulo. É apenas efeito da bebida!!

Quando as relações afetivas concentram-se de maneira prioritária na família, tende-se a não se investir seriamente em outras ligações, as quais acabam ficando sempre em plano secundário. É claro que o enrustimento também inibe o desenvolvimento afetivo, sexual e intelectual. Algumas de nós não valorizam o seu relacionamento íntimo porque ele não é socialmente legitimado, mas estigmatizado. Optam por continuar vivendo em casa ao invés de ir morar com a namorada, mesmo quando há condições que tornem isto possível. Muitas não acham seguro ir viver com outra mulher, pois isto implicaria em um certo grau de desenrustimento que, provavelmente, traria como consequência certas pressões da sociedade heterossexual. Além disto o "casamento" lésbico não proporciona as "vantagens" econômicas do casamento heterossexual. Neste sentido, há um número significativo de lésbicas que exercem a função de arrimo na família: Os ir mãos se casam e elas ficam ajudando no sustento da casa ou a mantendo integralmente. As críticas em relação a esta instituição autoritária, a necessidade de sair de casa para ter uma vida mais livre e/ou para morar com a namorada, não são fatos ainda muito comuns.

Na minha opinião, a família enquanto instituição inibe por muito tempo a sexualidade, restringindo-a ao âmbito familiar e em direção à heterossexualidade institucional (casamento, filhos, monogamia), isto combinado com as chantagens econômi-

cas e emocionais que impedem uma independência e autonomia econômica e afetiva, livre das amarras das pressões. Algumas pessoas, quando chegam a esboçar uma crítica a esta instituição, acabam concluindo com frases desanimadas: "mas o que fazer, não sei o que poderia existir em seu lugar, acho que é um mal necessário". O pensamento preguiçoso pára no meio do caminho. Percebe-se que há coisas erradas, mas a vontade e o pensamento recusam-se (e não são treinados para isto?) a vislumbrar saídas e propostas de vida mais prazerosas, onde as múltiplas criatividade individuais em termos afetivos, sexuais e intelectuais sejam possíveis de existirem e de conviverem sem se anularem mutuamente. É que nenhuma destas maneiras de existir seja considerada a "normal" ou "correta" invalidando as outras formas de manifestação do ser.

Para que esta e outras propostas possam ser efetivadas, depende do germe da revolta e da rebelião que há em cada um(a) de nós. Na capacidade de dizer não às autoridades e de subverter a "ordem" está a possibilidade de um novo projeto de sociedade.

notas

1) O Feminismo - Uma abordagem histórica - Michel, Andréa, editora Zênar, 1982

2) Morgan, Leula Henry e Bachofen, Johann Jakob

3) Engels, Friedrich

4) Andréa, Michel

5) Significa idade da pedra lascada. Vel do aparecimento dos primeiros homens até aproximadamente 10.000 anos antes de Cristo, hasta período o homem era essencialmente caçador e coletor. Obtinha as suas armas lascando as pedras.

6) Idade da pedra polida e dos metais. Vel de aproximadamente 6.000 anos de Cristo até hoje ou menos 1.500 anos de Cristo (isto englobando a utilização do ferro). Nesta época ocorreu a primeira grande revolução da história: a revolução agrícola. A partir daí o homem passa a se fixar em um determinado local, a outra fonte econômica do período foi o pastoreio.

7) Se fixar em um determinado lugar.

8) Que não se fixa em nenhum lugar. Estas críticas permanecem em um local até que as alianças se esgotam, depois mudavam para outro local e assim continuamente.

9) O Feminismo - Uma abordagem histórica - Michel, Andréa, editora Zênar, RJ, 1982 pg 19 e 23.

10) Cadernos de Debate nº6 - artigo: ser pai e um fato biológico ou social? Danda Prado, pg 23, editora Brasiliense, 1980.

11) Adorno, Horkheimer, Reich, Marcuse, Engels, Danda Prado, entre outros (et).

BIBLIOGRAFIA:

1) O que é Feminismo - Danda Prado, editora Brasiliense, 7ª edição, SP, 1982

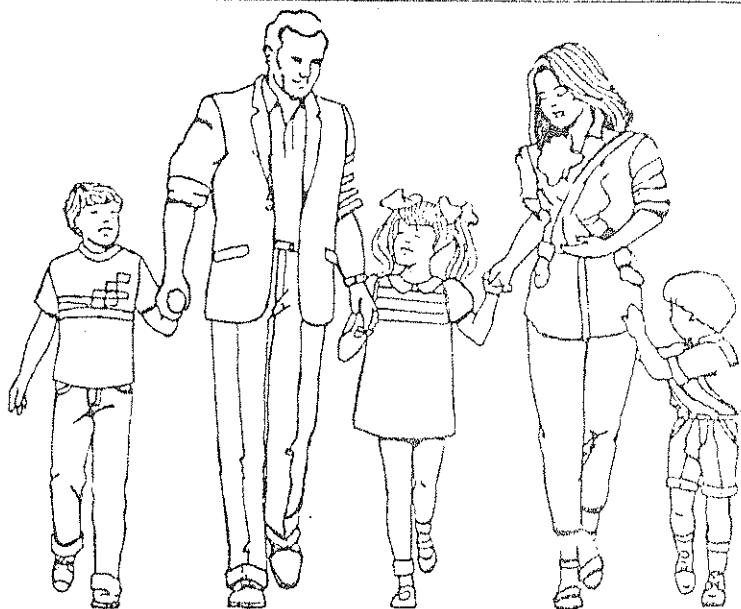
2) Dialética da família - Gane, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva - textos de varios autores, editora Brasiliense, 1981, SP.

3) O Feminismo - Uma abordagem histórica - Andréa Michel, editora Zênar, RJ, 1982.

4) Cadernos de Debate nº6 - artigo: ser pai e um fato biológico ou social? Danda Prado, editora Brasiliense, SP, 1980.

5) História Geral - Cláudio A. Lucchi, editora Saraiva, 1983, SP.

LÉSBICAS E FAMÍLIA



BETE E LUIZA

Para a realização desta matéria foram entrevistadas:

DULCE, 36 anos, curso superior completo em Administração de Empresas

Elize, 76 anos, professora de Português e Literatura

Leda, 24 anos, 2º grau incompleto

Luiza, 25 anos, assistente de Finanças, cursando História na USP

Míriam, 36 anos, professora de Inglês, cursando tradução-interpretação

Mônica, 20 anos, curso superior incompleto, cursando Serviço Social

Keide, 27 anos, 2º grau completo, esteticista e agente fiscal de trânsito

Rosely, 25 anos, curso superior completo em filosofia, professora e pesquisadora de mercado

Rute, 22 anos, cursando Matemática, recepcionista.

01 - Sua família sabe que você é lésbica? Se sabe, como se dá a relação?

DULCE - Sim. Há mais ou menos 3 anos, tive uma briga com minha mãe e contei a ela. Acho que foi uma forma de agredi-la. Meu pai, por outro lado, sempre fez alusões a cantoras lésbicas perto de mim, mas sem um tom provocativo. Creio que meu irmão não sabe, mas ele acha que cada um deve viver a vida do jeito que mais lhe agrada. Isto não significa que as coisas sejam muito tranquilas para mim. No começo, tinha medo de ser rejeitada por minha

mãe, mas depois achei que ela iria gostar de mim de qualquer jeito, sendo ou não lésbica. Eu gostaria de poder conversar com minha família sobre questões relacionadas à minha homossexualidade. Talvez eu só não fale agora, com meu irmão por estar dependendo dele economicamente. Mas, nesse ponto, ele é liberal e acho que não terei problemas quando falar.

ELIZA - Não. Eu nunca falei a respeito em casa, mas imagino que, pelo menos, eles desconfiam. Minha mãe cobra, por exemplo, aquele namorado que nunca aparece. Digo a ela, então, que não tenho tempo para assumir um compromisso mais sério com um homem a ponto de apresentá-lo. Mas essa desculpa é bastante frágil e acho que ela imagina existir algo "diferente" comigo. Esta é uma situação desagradável para mim, pois gostaria que eles soubessem. Não conto porque tenho medo da reação deles. Tenho uma ligação afetiva muito forte com minha mãe e meu irmão e receio perder isso. No entanto, o fato de esconder que sou lésbica torna esse relacionamento meio hipócrita, na medida em que eles não me conhecem realmente. Eles gostam de uma imagem que não corresponde à realidade completa. Sou arrimo de família e meu emprego fica fora de São Paulo, o que só me permite es -

tar em casa nos finais de semana. Essa distância é importante para tornar os laços afetivos menos extremos e permite que eu possa desenvolver minha própria personalidade de maneira mais independente. Por outro lado, não creio que o tipo de educação que recebi tenha me conduzido ao lesbianismo. Além do mais, não fico buscando responsáveis ou causas para a minha homossexualidade. Ser lésbica faz parte de minha personalidade e só.

LEDA - Sim. Minha família descobriu quando tive problemas na escola. Eu me apaixonei pela diretora para quem mandava cartas e telefonava. Ela me encaminhou para a psicanálise e fiquei em "tratamento" durante um ano e meio, mais ou menos. Tinha 12 anos na época e minha família, então, começou a me forçar a namorar, dizendo que eu era normal. Arrumei um namorado que tinha moto. Quando ele comprou um carro, desisti, com medo de que ele tentasse alguma coisa. Tive mais problemas na escola, pois todo o mundo ficou sabendo do caso com a diretora. Continuaram a me pressionar e, aí, tentei suicídio. Fracassada a tentativa, decidi que, se eu era assim, a família deveria me aceitar ou, caso contrário, que me colocassem para fora. Eles me aceitaram e, hoje, ninguém toca muito no assunto. A pressão diminuiu, mas ainda existe, por isso penso em sair de casa, mas não tenho condições financeiras no momento. De qualquer forma, acho que é melhor assumir para ter mais liberdade de se colocar como pessoa, sem ter que fingir. Não sei se minha família é responsável por minha orientação sexual. Minha mãe se sente culpada. Sendo mãe solteira, ela acha que se eu tivesse pai não seria lésbica.

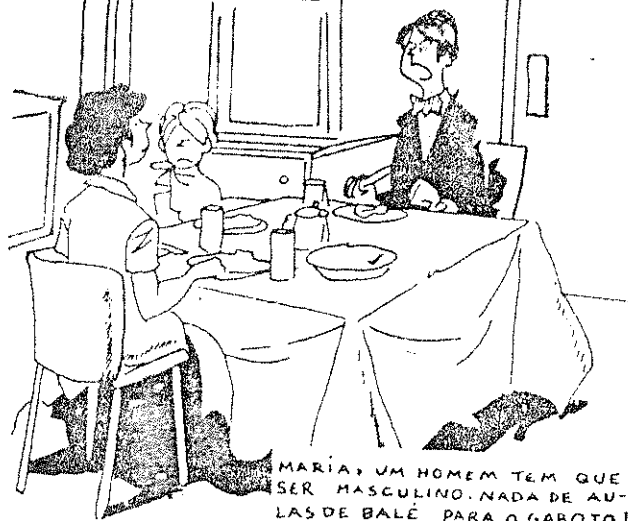
LUIZA - Não. Eu me sinto reprimida, em casa, sem liberdade de levar minha namorada abertamente: vai como amiga. Nunca falei em casa do meu lesbianismo e não sei se eles desconfiam. Inicialmente, havia a questão: você só tem amigas'

e não namorados. Até que, um dia, coloquei que não iria me casar. Ai, as cobranças terminaram. Isto me divide: eu gosto de estar com minha família e, ao mesmo tempo, sinto necessidade de sair e ter uma vida própria. Não acho que minha família seja responsável por minha orientação sexual. Por eles, o ideal seria que eu me casasse, tivesse filhos. Em resumo, sinto necessidade de liberdade. Por outro lado, tenho grande participação econômica em casa e sou o ponto de equilíbrio da família. Sou eu que decido tudo em casa, desde uma compra até um entendimento numa briga. Meus irmãos não colaboram da mesma forma, porque eles estão no caminho "normal" de preparação para o casamento, enquanto eu não vou me casar e posso dar tudo de mim para a família. Existe essa "exigência". Essa é a razão básica por que não saio de casa. É uma carga que tenho e de que não sei como me desfazer sem magoar as pessoas.



NÃO CONTO PORQUE TENHO MEDO DA REAÇÃO DELES

MIRIAM - Sim. Não há mais conflito. Quando me assumi como lésbica, a reação foi péssima. Mandaram-me para o psicólogo, houve muita repressão, eles não aceitavam. Passaram a aceitar apenas a partir da minha segunda relação, ainda dizendo que era uma coisa patológica, mas aceitaram mais ou menos, por causa da posição social de minha namorada da época. Bom, aí pelo fato de eu militar no movimento homossexual e feminista, questionando - os sempre, eles acabaram aceitando, e hoje me respeitam e à minha namorada. Essa relação só se tornou igualitária porque nunca escondi e nunca aceitei ser boicotada. O fato de eu ter saído de casa também mudou inteiramente a relação, pois romperam-se os laços de dependência e eles passaram a me ver como uma mulher, com direito a optar quanto a minha própria vida.



MARIA: UM HOMEM TEM QUE SER MASCULINO. NADA DE AULAS DE BALÉ PARA O GAROTO!

MÔNICA - Não sou assumida perante meu pai. Minha irmã soube há pouco tempo, e me repreendeu por eu não ter contado antes, ficou magoadada por não ter confiado nela. Gostaria que meu pai soubesse. Quando conversávamos, ele sempre falava em casamento e filhos, e eu afirmava que não me casaria. Minha mãe era diferente. Achava que eu devia estudar, ter um bom emprego, minha casa, que isso era muito mais importante que um casamento. Não penso em contar a ele a respeito de minha sexualidade. A reação dele sem dúvida, seria me expulsar de casa. Cheguei a insinuar que gostava de garotas e ele me respondeu que, só depois de completar 21 anos eu poderia fazer o que quisesse. Ele tem medo que eu induza minha irmã, mas não especificamente com relação ao lesbianismo. Na verdade, ele pensa que, quando passo uma noite fora de casa, estou em algum motel com um rapaz. Mas, agora quero sair de casa. Ter que manter uma imagem heterossexual é algo que nos constrange, torna a vida mais difícil. Quando você se assume, não precisa se esconder, fechar-se nos quetos para encontrar uma namorada. Esconder-me hoje, não combina com a minha forma de pensar.

NEIDE - Sim. Eu não precisei contar a eles, porque desde 6/7 anos sou uma mulher assumida. Foram falar com meu pai que eu era uma menina diferente, que, por isso, essas pessoas não queriam a amizade entre mim e suas filhas. Eu morava

no interior e lá não existe tanta repressão. Não existe, por exemplo, repressão em termos de trabalho- todos fazem de tudo. Eu acho que, onde nasci, por ser uma aldeia indígena; pela própria condição, as pessoas são mais livres.

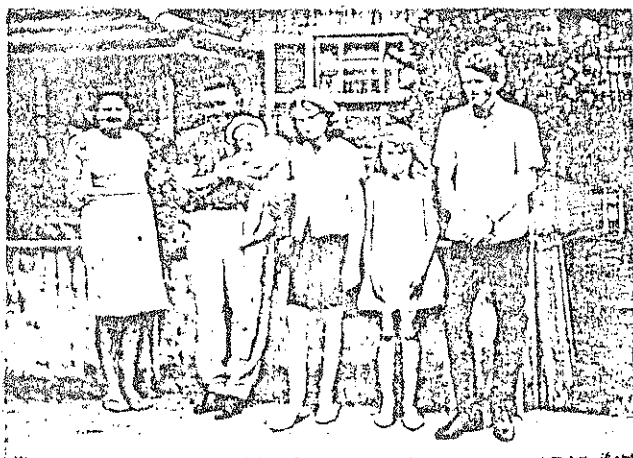
Hoje, meu pai não me reprime. Ao contrário, até pergunta pela minha namorada. Não há crises. A única é a de ciúmes por parte de minhas irmãs, que acham que dou mais atenção à minha namorada do que a elas. Todos os meus irmãos sabem e eles, inclusive, brigavam para me defender dos namorados de algumas meninas que se interessavam por mim.

ROSELY - Sim, A minha relação com a família, hoje, é boa. Ficou tranquila principalmente depois que saí de casa para morar com a minha namorada. Eu sempre senti mais atração por mulheres do que por homens. Lembro-me de que, desde criança, lamentava não ser menino, porque sentia vontade de tocar as meninas, namorá-las, e não podia, pois já sabia que era algo proibido e que tinha que ser controlado. Desde o começo, sempre procurei ler sobre o assunto e fui tentando me aproximar de outras mulheres, mesmo sabendo que a coisa era problemática. A morte de minha mãe, que era a pessoa mais autoritária em casa, me ajudou a tentar concretizar as minhas fantasias, mas sempre havia medo de que os outros percebessem. Meu pai nunca foi uma pessoa muito autoritária e nunca me preocupei muito com ele. Acho que, há um tempo atrás, ele pensava que, se minha mãe fosse viva, minha educação teria sido melhor e, talvez, eu não me tornasse lésbica. Ele acredita que fui influenciada por minha irmã, que também é lésbica. Hoje, acho que ele está mais tranquilo. Dá a impressão, até de sentir um certo orgulho ao me ver, na televisão, defendendo uma causa.

De qualquer forma, mesmo nessa trajetória mais liberal, o medo a que me referi atrapalhava a minha sexualidade. Por isso, acho que assumir o quanto antes é melhor para que a gente possa se desenvolver plenamente. Por outro lado, creio que as famílias produzem hetero e homossexuais. Não

acredito que haja propriamente responsabilidade da família mas sim influência. Tudo, na nossa história, não só a família, tem influência para a gente seguir um caminho x, y ou z.

RUTE - Não. Em minha casa todos sabem, mas fingem que não. Meus pais, por exemplo, vivem jogando indiretas, em tom irônico. É melhor essa reação do que uma ainda mais repressora, por exemplo se eles assumissem que sabem e proibissem. O jogo irônico é ruim, é uma situação conflitante mas não vejo outra forma. O fato de ter de esconder não me traz grandes dramas. Sou financeiramente dependente deles e isso me limita, porque dependendo deles eu sou obrigada a me submeter a este jogo irônico.



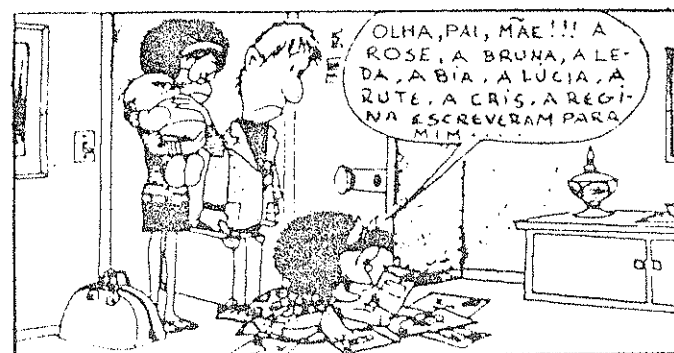
02 - O que você acha da instituição família?

DULCE - Uma coisa de que não gosto da família é aquela velha história de que os pais se esquecem de preparar o filho para o mundo. Eles acham que os filhos não crescem nunca. Projetam nos filhos suas inseguranças, medos, defeitos. Isso é horrível. Além disso, frequentemente de sejam que o filho consiga aquilo que eles não conseguiram, e cobram o tempo todo. Se o filho não consegue, se consideram fracassados duas vezes. Gostaria que a família fosse um lugar onde os pais levassem em consideração a individualidade dos filhos, procurando conhecê-los e aceitando

que eles possam pensar e ver o mundo de maneira diferente. No entanto, para ser franca, acho muito difícil isto acontecer nas famílias.

ELIZA - Considero a família um mal necessário. Ela ainda é necessária porque é a instituição que garante a sobrevivência da sociedade como nós a conhecemos e que garante, também, a nossa vida dentro dessa mesma sociedade. Mas é também um mal na medida em que funciona como um instrumento repressor que chega, muitas vezes, a extremos, atuando como verdadeiro agente de anulação da personalidade dos indivíduos que a compõem. Isto acontece porque a família é estruturada hierarquicamente, e você tem que se ajustar aos padrões que lhe são impostos. É claro que a sociedade se estrutura da mesma forma, estabelecendo padrões de comportamento dos quais as pessoas não se podem desviar além do limite do "tolerável". Isto, no entanto, não deveria impedir que a família fosse uma instituição mais aberta. Um grupo em que as pessoas pudessem conviver de maneira mais harmoniosa e em que a hierarquia e as imposições cedessem lugar à compreensão e ao respeito mútuo. Embora esta possa ser uma "paisagem utópica", não há dúvida de que, dessa forma, poderíamos viver numa sociedade mais saudável.

LEDA - Acho, que, em 1º lugar, a família nos cobra muito um determinado tipo de comportamento. Minha avó, por exemplo, acha absurdo que eu chegue tarde e me chama, ironicamente, de "o machinho da casa". Eles acham que alguém tem sempre que mandar em alguém, em termos gerais. Estão sempre cobrando alguma coisa. Acho que cada pessoa deveria ser mais autônoma, não ter esse laço de pai-mãe.



LUIZA - Em termos de instituição, não gosto de nenhuma de uma forma global, pois sempre existe o poder em jogo. Especificamente quanto à instituição familiar, acredito no afeto e no carinho entre as pessoas, mas isto deveria e poderia existir sem o poder disseminado pelos membros da família. O poder do homem sobre a mulher, o dos pais sobre os filhos, o do irmão sobre a irmã, atrapalha o relacionamento das pessoas. As famílias são como grupinhos, é mais fácil dividir para enfraquecer, é mais fácil para controlar socialmente. Utopicamente, imagino uma outra estrutura que substituiria a família, onde os filhos não fossem criados somente pelos pais. Deveria existir um tipo de comunidade. Eu me sinto muito presa na família e acho que se tivesse sido criada numa comunidade, dividindo afeições, seria mais livre.

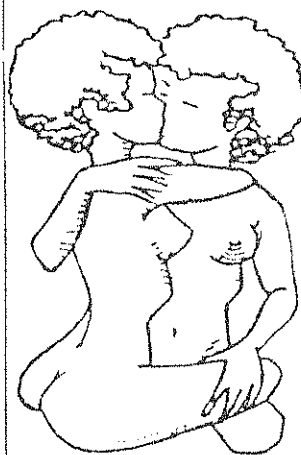
MÍRIAM - Acho que é uma instituição fudida, que só serve para manter o sistema de dominação sobre a mulher e sobre as pessoas de uma maneira geral. Serve para formar os futuros cidadãos dentro de 2 papéis: o de masculino e feminino. É um esquema que cerceia muito a afetividade, porque faz com que a gente priorize o afeto entre pais e irmãos em detrimento de outras afetividades que possam existir com outras pessoas. Considero o núcleo familiar muito restrito. No meu caso, éramos eu, meu pai e minha mãe. Numa estrutura assim, as relações de poder e de dependência tendem a ser muito mais fortes do que numa estrutura mais aberta. Numa estrutura comunitária por exemplo, as crianças teriam uma variedade maior de modelos com que se identificarem, o que seria emocionalmente mais rico e possibilitaria um crescimento maior.

MÔNICA - A família é muito pesada, para mim. Qualquer instituição é uma imposição, e detesto imposições. Tenho que morar com pessoas de quem não gosto porque, enfim, "ele é meu pai e ela minha irmã". A sociedade impõe que tem que ser assim. Quando você decide ir embora, deixar a família, não encontra apoio, precisa ir

contra tudo e contra todos. Acho que a sociedade deveria ser modificada, de modo que você tivesse seus familiares como amigos, sem ter que, necessariamente, viver com eles, como uma imposição. Os pais atrapalham a nossa vida profissional, afetiva e sexual. Eles se preocupam mais com o que os outros vão dizer do que com a felicidade dos filhos.

NEIDE - Eu considero todas as instituições falidas. Não deveria haver família. A gente se apega demais, o que acaba prejudicando a vida pessoal: coisas que a gente tem vontade de fazer e não faz por causa da família. É só falar, por exemplo, que vai sair de casa e já começam a aparecer os problemas, parece que o mundo vai desabar.

ROSELY - A família ainda não é uma instituição falida. Tanto que ainda é o veículo utilizado para a educação, porque as pessoas não param para pensar que podem existir outras possibilidades e formas para a educação das crianças. Também acho



ASSINE CHANA COM CHANA

ENVIE UM CHEQUE EM NOME DO GOLF PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SÃO PAULO, SP E FAÇA SUA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA.

ASSINATURA ANUAL (5 n.ºs)... R\$10.000,00
NÚMEROS ANTERIORES (7 edições, incluindo o n.º 0)..... R\$11.000,00

ASSINATURA ANUAL PARA O EXTERIOR (EUA E EUROPA - 5 n.ºs)..... US\$10

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP..... CIDADE..... ESTADO.....



que poderiam existir comunidades onde houvesse pessoas com vontade e especialização que cuidassem da educação. Isto poderia implicar na não existência de pai, mãe, irmãos da forma como existem hoje. Seria um outro tipo de relação, já que haveria várias pessoas incumbidas da tarefa de educar. Acho que a família limita e atrofia muito nosso crescimento afetivo, sexual e intelectual. De certa forma, ela se propõe a preencher todas essas funções com modelos restritivos. A questão dos papéis masculinos e femininos acaba banindo muitas possibilidades que poderíamos desenvolver, mas que acabam sendo reprimidas por serem taxadas de "inadequadas". Entretanto, é bom lembrar que estes papéis também são cobrados e perpetuados por outras instituições, (trabalho, escola, religião). Eu não sei se seria possível romper com os papéis sexuais de masculino e feminino dentro da estrutura familiar, para que cada pessoa pudesse ter a oportunidade de escolher as características que mais lhe satisfizessem, desvincilhando-se do que foi convencionalmente chamado de masculino e feminino.

RUTE - Acho uma instituição sem sentido, embora eu não saiba propor um esquema melhor. O papel de dominação do homem e o de submissão da mulher não satisfaz nenhuma das partes e, dentro da família, esses papéis são muito fortes. Também o papel de dominação dos pais em relação aos filhos não é bom e acho que isso ocorre, talvez, por causa da diferença de gerações.



03 - As relações lésbicas podem re-
produzir a família?

DULCE - Não necessariamente. Não vejo por que essas relações tenham que reproduzir a família. Acho um absurdo o relacionamento "fancha-lady", onde uma assume o papel ativo e outra passiva. Não acho que isto seja obrigatório.

ELIZA - As relações lésbicas podem reproduzir a família na medida em que é muito difícil você se livrar daqueles padrões que lhe foram inculcados durante toda uma vida. Esses padrões acabam como que fazendo parte de você. Só me parece possível romper essa cadeia através de um esforço consciente nesse sentido. É necessário procurar criar uma nova forma de convivência em que se reduzam ao máximo as tentativas de desrespeitar a personalidade e as limitações da companheira, de dirigir-lhe a vida ou coisas semelhantes, que são muito comuns no nosso padrão familiar tradicional.



A ALTERNATIVA É NÃO REPRODUZIR O PAPEL MASCULINO NEM O FEMININO E PEGAR O QUE HÁ DE MELHOR NOS DOIS

LEDA - Elas acabam reproduzindo. Não todas, mas a grande maioria. Toda relação cria uma situação de poder. Se você está com alguém, acaba cobrando alguma coisa, independentemente de ser "fancha" ou "lady". O estado de poder gera a vontade de se impor, de mandar. Isto é automático. Não deveria existir este tipo de coisa. Isto, para mim, é que é reproduzir a família.

LUIZA - Podem, mas não de maneira exatamente igual. Uma relação entre mulheres é sempre diferente, o que pode existir é a mesma estrutura, ou seja, o poder de uma sobre a outra. A alternativa que existe é não reproduzir o papel masculino nem o feminino, pegar as melhores coisas de cada um.

MÍRIAM - Acho que tudo pode reproduzir a família. É a primeira instituição em que somos colocadas e isto marca fortemente. De alguma...

forma, as relações sempre reproduzem a estrutura familiar, mas, se as pessoas tentarem romper com esses valores, vão ocorrer mudanças, embora, talvez, não radicalmente. Acho que o problema da família não é só a questão dos papéis de masculino e feminino, mas também o aspecto do afeto que é muito centralizado apenas entre 3 ou mais pessoas (pai, mãe, irmãos). Creio que, para não reproduzir muito a família nas relações lésbicas só mesmo mantendo um constante espírito crítico dessas relações e ampliando nosso círculo de amizades. Quanto a reprodução dos papéis sexuais, acho que a questão é mais complexa, pois nas relações mulher-mulher não há a mesma conjuntura social das relações homem-mulher que "obrigaria" a "lady" a ser submissa a "fancha". Nessas relações há um outro dado importante que é o do prazer e da fantasia sexual que não implica necessariamente numa estrutura de dominação.

MÔNICA - Em algumas relações há essa reprodução, enquanto que, em outras não. Algumas mulheres reproduzem porque viveram sob a opressão da família e não tem coragem de se libertar dela. Imitam, então, a estrutura do casal heterossexual. As que não reproduzem tiveram a coragem de romper com os conflitos familiares. Romper com essas cadeias ajuda muito no relacionamento lésbico. Acho que o fato de se aceitar o papel de dominadora ou de submissa é um reflexo da família.

NEIDE - Às vezes, acontece. Acredito que o estereótipo da "fancha-lady" reproduz o casal heterossexual. A "fancha" faz o que o homem faz, ou, pelo menos, tenta fazer: mandar, tomar conta da casa netariamente; a "lady" é a "prezadas domésticas", que procura satisfazer a "fancha" em tudo. Acho que devem existir direitos iguais. Conheço muitas "ladies" que, além de trabalhar fora, fazem tudo dentro de casa. Aí está a reprodução. As "ladies" assumem o estereótipo de mulher passiva por causa da educação recebida.

ROSELY - Apesar de existirem modelos que mais ou menos todo mun-

do conhece do que é ser masculino e feminino, existem variações dentro da família, e acho difícil um pai corresponder totalmente ao estereótipo de masculino e a mãe ao de feminino, e é claro que essa não correspondência aos estereótipos propostos deve gerar frustrações em ambos. Nesse sentido, muitas relações lésbicas podem conter as identificações que cada uma das parceiras tenha tido com os componentes da família. O problema é como essas identificações funcionam no sentido de reproduzir relações de poder opressivas. Acho que não reproduzir relações opressivas é uma tarefa muito difícil. Um primeiro passo para isso se dá a partir do momento em que as pessoas tenham vontade de construir uma relação diferente das que existem, e passem a ter uma atitude crítica com referência aos seus mecanismos autoritários e aos da companheira. É uma tarefa difícil, dolorida, mas não impossível.

RUTE - Acho que podem. Uma vez que você vive em sociedade, pode reproduzir esses papéis de dominação e submissão, mas isso não quer dizer que reproduza necessariamente.



FIGON SCHILLER A FAMÍLIA - 18

leia e assine
chanacomchana

informes...

. Moção contra a discriminação anti-homossexual

No VIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria, realizado em novembro de 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria aprovou a moção de iniciativa do Grupo Gay da Bahia (GGB) contra a discriminação anti-homossexual. A Associação também recomendou o aprofundamento do estudo da homossexualidade, sendo, para isso, designados três especialistas. O texto da moção aprovada é o seguinte:

"Considerando que a homossexualidade em si não implica em prejuízo do raciocínio, estabilidade, confiabilidade ou aptidões sociais ou vocacionais, a Associação Brasileira de Psiquiatria e suas filiadas se opõem a toda discriminação e preconceito, tanto no setor público quanto privado, contra os homossexuais de ambos os sexos".

. Projeto de lei do Deputado França Teixeira contra a discriminação anti-homossexual

O deputado França Teixeira da Frente Liberal (BA) elaborou um projeto de lei que prevê punição para os crimes praticados em razão de sexo, orientação sexual ou estilo de vida. O deputado pretende apresentar o projeto em março próximo, logo no início das atividades do Congresso Nacional. Se aprovado, o projeto poderá ser um instrumental a mais na luta contra o preconceito.



Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a década da Mulher (1975 - 1985).
Fórum das Organizações não-governamentais.

Serão realizados em Nairobi, Quênia, em julho deste ano, a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Década da Mulher e o Fórum das Organizações Não-Governamentais.

A Década da Mulher iniciou-se a partir da Conferência do Ano Internacional da Mulher que se realizou, em 1975, na Cidade do México. Nessa conferência foi elaborado um programa, a nível governamental, que deveria eliminar, até 1985, todas as discriminações entre mulheres e homens, em especial no que se refere a oportunidades de emprego e a melhoria nos serviços de saúde e educação. Para a

efetivação desse programa, a Assembleia Geral estabeleceu o Fundo de Contribuições Voluntárias para cada da Mulher cuja função é proporcionar financiamento a programas e projetos que beneficiem as mulheres.

Em 1980, na metade da Década da Mulher, em Copenhague (Dinamarca) foi feita uma avaliação desse programa. Neste ano de 85, em Nairobi, fará-se uma nova avaliação para verificar o cumprimento dos objetivos estabelecidos para a Década da Mulher. O Fórum Não-Governamental de encontro de mulheres que se realiza paralelamente à Conferência Oficial. A ele comparecem representantes de mulheres de todo o mundo.

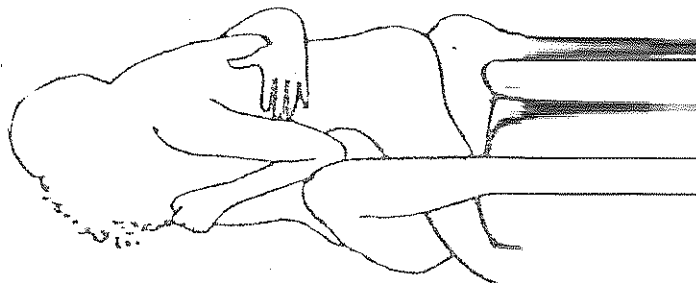
A SITUAÇÃO DOS GRUPOS LÉSBICOS

As delegações a nível internacional são frequentemente menos servidas quando se trata de assuntos de valor sobre estilos de vida. A homossexualidade, em particular, é assunto para ser ou ignorado ou tratado duramente. Na Conferência Oficial das Nações Unidas, o assunto é que essa regra não vale para ser quebrada e o heterossexualismo é consequência para as vidas das mulheres lésbicas, mais uma vez que não tem sido discutido. Entretanto, no Fórum Não-Governamental, as regras são menos rígidas, e há uma boa oportunidade de discutir a homossexualidade abertamente, das declarações do Secretário da Organização da Quênia contra esse tema em debate.

Para garantir a discussão do mesmo no fórum e mesmo talvez na Conferência Oficial, os grupos holandeses estão coletando dados e verificando as exigências

cas que apresentarão aos outros grupos feministas e ao governo do país. As exigências referem-se principalmente aos temas "saúde, trabalho, educação e racismo" e se referem aos grupos lésbicos, a contribuição a organização geral das mulheres holandesas para o encontro da Década da Mulher. (ILIS - Serviço de Informação Internacional - Centre for Women's Studies - 1205 George Street - St. Georges CH - 1205 Geneva)

continua



informes

. 8 DE MARÇO, DIA INTERNACIONAL DA MULHER

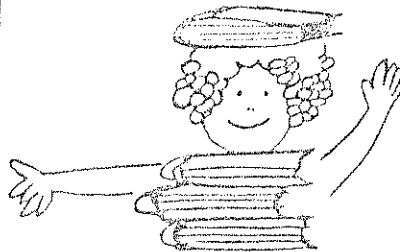
O dia internacional da mulher 8 de março, surgiu como símbolo da luta das mulheres pela igualdade e melhores condições de vida, lembrando o sacrifício de 129 operárias têxteis de Nova Iorque que entraram em greve em 1857 para reivindicar redução da jornada de trabalho, de 16 para 10 horas. Os patrões se recusaram a atender suas reivindicações e as mulheres ocuparam a fábrica. A polícia cercou o local e ateou fogo na fábrica. As mulheres morreram no incêndio. Em 1910, num Congresso Internacional de Mulheres, como proposta das socialistas alemãs, o DIA 8 DE MARÇO, foi instituído como DIA INTERNACIONAL DA MULHER para lembrar o acontecimento. Desde então, em todo dia 8 de março, em todo mundo, os grupos de mulheres organizam passeatas, manifestões, debates e muita festa.

. 3º ENCONTRO FEMINISTA LATINO - AMERICANO E DO CARIBE

O III Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe será realizado em São Paulo dos dias 1 a 4 de agosto de 85. Os encontros anteriores foram organizados na Colômbia, em 1981, e no Peru, em 83. Para o encontro deste ano estão sendo esperadas cerca de mil mulheres que trocarão suas experiências de trabalho, suas idéias, seus objetivos futuros, seus problemas assim como tentarão estabelecer redes de comunicação e informação entre os grupos. No encontro anterior, no Peru, tirou-se como resolução que, nos futuros encontros, o lesbianismo seria discutido como parte integrante de todas as



debates e não como tema separado do resto da opressão da mulher. Esperamos que esta resolução seja mantida aqui no Brasil. O III Encontro está sendo organizado por um coletivo feminista cujo endereço é Caixa Postal 11.349, cep 05499 São Paulo, SP.



DICAS DE LIVROS
SOBRE LESBIANIS
MO E HOMOSSEXUA
LIDADE

Teoria e Prática da Homossexualidade, John Hart e Diano Richardson
Zahar Editores

Libertação Homossexual, Sue March
Nova Época Editorial Ltda

O que é homossexualidade, Peter Fry
e Edward MacRae
Editora Brasiliense

Jacarés e Lobisomens, Leila Miccolis
e Herbert Daniel. Achiamé

Uma Flor para os Malditos, Homossexualidade na Literatura, Mára Faury
Papyrus Livraria Editora

A Queda para o Alto, Herzer
Editora Vozes

Viva Sapata, Rita Mae Brown
Editora Record

Sexualidade e Criação Literária, As Entrevistas do Gay Sunshine
Editora Civilização Brasileira

Homossexualidade em Perspectiva,
Masters e Johnson
Livraria Editora Artes Médicas Ltda

. Aliança Lésbica

Há oito anos atrás, as lésbicas de Iowa City, nos EUA, formaram uma organização chamada Lesbian Alliance (Aliança Lésbica). O objetivo dessa organização é suprir as necessidades sociais, culturais e políticas das mulheres lésbicas. Para tanto, a Aliança Lésbica patrocina regularmente festas, concertos, conferências, filmes, debates, piqueniques, grupos de apoio, assistência jurídica, boletim, etc. A organização conta com aproximadamente 200 lésbicas assumidas e o apoio do grupo feminista "Women's Resource Action Center" (Centro de Ação e Recursos para as Mulheres) (Iowa City, 130 N. Madison)



uma história de heteror

MIRIAM

AS ALEGAÇÕES

No dia 21 de dezembro de 1984, o Centro de Informação Mulher (CIM) despejou o material do GALF da sede dividida pelos 2 grupos desde abril do mesmo ano. A sede, uma casinha no bairro da Luz, havia sido cedida pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para o uso de diferentes grupos feministas, mas como a teoria na prática continua outra, o CIM, talvez por ter chegado primeiro, considerava-se dono do local e nunca viu a presença do GALF por lá de bom grado.

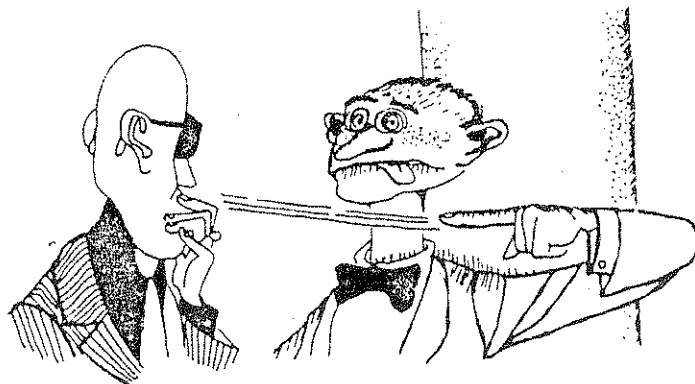
Para justificar o despejo, as integrantes do CIM alegaram que não havia espaço suficiente para os 2 grupos e que, com o passar do tempo, a convivência diária entre os mesmos tornara-se impossível. Alegaram, inclusive, que, a partir de uma certa época, o GALF recusava-se, até mesmo, a participar de quaisquer reuniões conjuntas.

Por certo houve uma questão de espaço no bojo da atitude do CIM, mas não uma questão de espaço físico. O CIM ocupava praticamente a casa toda e o GALF tinha no local apenas uma estante abarrotada de livros e arquivos, já que abdicara do restante de seu material (sofás, cadeiras, escrivaninhas, etc.) para "caber" na sede. Evidentemente, com o mínimo de boa vontade, as coisas teriam se arranjado a contento. Por outro lado, foi mentira tanto a questão da "impossível convivência entre os grupos" quanto a da recusa do GALF em participar de reuniões conjuntas. Nos nove meses em que o GALF e o CIM partilharam do mesmo lugar, os 2 grupos só se encontraram 3 vezes, pelo simples fato de que suas reuniões se davam em dias e horários completamente diferentes. Não houve portanto nenhuma convivência diária. Além disso, as 3 reuniões que efetivamente aconteceram entre os dois grupos, aconteceram por iniciativa do GALF ou em decorrência de uma iniciativa do GALF. A única reunião marcada pelo CIM não deu certo porque o próprio CIM não apareceu e nem avisou que não viria. Nós, do GALF, só nos recusamos mesmo a remarcar essa reunião que "dançara" quando soubemos que o real objetivo do CIM era apenas o de fixar um prazo para nossa

saída. Nesta perspectiva, não vimos nenhuma razão para o encontro dos dois grupos, principalmente pelo clima bastante tenso da época.

AS VERDADEIRAS RAZÕES

De fato, as verdadeiras razões que levaram o CIM a despejar o material do GALF nunca foram realmente explicitadas. O que podemos afirmar com certeza é que a base de tudo o que aconteceu foi o heterossexismo, ou seja, o preconceito contra as mulheres lésbicas, aí no caso misturado com muito jogo de poder, um certo classismo e a velha política de interesses. Na verdade, desde o princípio o CIM esteve reticente no que se referia a dividir o espaço conosco (o que já é meio esquisito), mas acabou cedendo sob a condição de que mantivéssemos a casa em ordem e segurança. Essa condição, segundo o CIM, era o ponto básico para uma boa convivência entre os grupos e ela foi seguida pelo GALF. Entretanto, a partir do momento em que o CIM passou a ser subvencionado pela Fundação Ford, em julho de 84, a política de suas integrantes mudou completamente. Daí em diante, o CIM começou a forjar uma situação de conflito que lhe iria permitir, posteriormente, nos expulsar da sede sem maiores problemas. Para tanto, sem nos avisar, resolveram fazer reformas na casa no único dia da reunião do GALF, que era aos sábados, embora tivessem todos os outros dias da semana e mesmo o domingo para tais atividades. Também, retirando, pouco a pouco, grande parte dos móveis da casa a ponto de recermos chegar um dia e não ter simplesmente onde sentar ou encontrar nossa estante no quintal. Como o CIM não nos avisava de nada, resolvemos convocar um encontro para discutir o novo contexto e colocar nossas queixas. Esperamos cerca de um mês para que essa reunião pudesse acontecer, num horário esdrúxulo (22:30) e inconveniente para aquelas de nós que compareceram, e simplesmente para ouvir o CIM dizer que tínhamos que sair até



QUINO

novembro. Nossas reivindicações no sentido de sermos avisadas de quaisquer atividades ou mudanças que precisassem ser feitas aos sábados ou com nosso material foram vistas como uma insolência (sic). Nossas considerações sobre o nosso direito a casa e sobre a impossibilidade de pagar o aluguel de uma outra não foram levadas em conta. A nível ideológico, evidentemente, não houve também nenhuma condição de debate. O CIM queria se "expandir" e não estava nem um pouco preocupado com nossas dificuldades nem com o princípio feminista da solidariedade entre as mulheres. Segundo suas integrantes, elas não tinham nos avisado das reformas e mudanças porque nem haviam se lembrado de nossa presença, mesmo porque nós tínhamos caído lá de para-quedas e, na verdade, porque elas acreditavam que era mesmo cada um por si.

Nós terminamos a reunião com os ânimos exaltados, sem assumir que sairíamos em novembro e dispostas a conhecer nossos direitos sobre a casa. De agosto (data dessa reunião) a novembro, nos informamos junto a Secretaria de Cultura tanto do nosso direito de utilizar a sede quanto da possibilidade de conseguirmos a cessão de outro local. Nosso direito a sede nunca foi negado, embora a questão do conflito entre os grupos fosse considerada problema só dos grupos, devendo, portanto, ser resolvida pelos próprios (o que equivalia a manter o impasse). A cessão de um outro local, que aliás também havia sido requerida pelo CIM, infelizmente, não foi obtida, mesmo quando tudo parecia que ia dar certo. Em suma, a situação permaneceu inalterada.

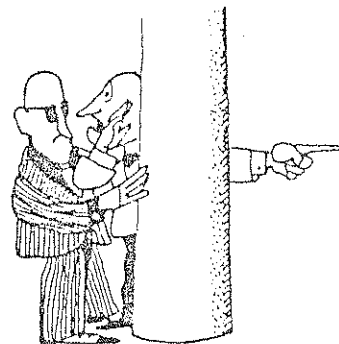
Nesse interim, dando curso a sua política de hostilidade, as integrantes do CIM trocaram a fechadura da porta da sede, sem avisar, e nós tivemos que ficar a cata de uma chave na vizinhança. A partir daí, resolvemos tentar articular uma reunião com outros grupos e militantes feministas, na esperança de uma solução para o caso. Entretanto, apesar da maioria das pessoas contatadas achar a atitude do CIM um absurdo, bem poucas queriam efetivamente se posicionar sobre o assunto, sob a alegação de que se tratava de uma questão interna dos grupos. Mandamos, então, numa última tentativa de entendimento, uma carta para o CIM explicando em detalhes nossas razões de não poder prescindir da casa, não só por falta de verba como também porque o grupo por sua própria estrutura e especificidade não podia se reunir - sem prejuízos - na residência de alguém. Para "discutir" essa carta, o CIM marcou uma reunião a qual, como já



"Luta de Amor", de Rudolf Schlichter (1890-1955)

disse, não compareceu. Logo em seguida, tentou remarcar o encontro, mas deixando claro que queria fixar um novo prazo para nossa saída. Nesta perspectiva, repetindo, não vimos necessidade para uma reunião. As integrantes do CIM, então, nos deram um ultimatum para que saíssemos até o dia 6 de janeiro - senão não se responsabilizariam pelas consequências - mas, antes disso, sem avisar, como de costume, despejaram nosso material no dia 21 de dezembro.

Nesse mesmo dia, tentamos convocar uma reunião com outras feministas para discutir o acontecido e, se possível, tomar alguma providência. Todavia, como estávamos no período de festas de fim de ano, a maioria das pessoas já tinha viajado ou estava para viajar, o que impossibilitou qualquer debate. Decidimos, então, assumir a responsabilidade de denunciar o fato na imprensa, mesmo porque duvidávamos muito de um real apoio de outras entidades de mulheres e temíamos que toda aquela violência passasse inteiramente em branco. Não estávamos enganadas. Quando conseguimos marcar uma reunião, quase um mês depois, poucas pessoas compareceram, não se chegou a nenhuma conclusão e, muito menos, qualquer providência foi tomada. Nessa época, as pessoas estavam justificando suas omissões com as desculpas de que não queriam julgar ninguém e que, além disso, nós tínhamos cometido o "pecado" de lavar a roupa suja do movimento publicamente.



CONSIDERAÇÕES IDEOLÓGICAS

Bom, aí termina fatualmente a sa historinha de heteroterror e começam as considerações políticas e ideológicas a que ela nos leva. Nesse episódio, o que mais nos impressionou foi a incrível série de contradições presentes nos discursos e atitudes das mulheres que sabiam o que estava acontecendo ou que estavam realmente envolvidas no caso.

Em primeiro lugar, o fato da maioria das pessoas considerar que o conflito só dizia respeito ao GALF e ao CIM, mesmo sabendo que o CIM recusava-se a ceder um milímetro que fosse, revela a reprodução daquela velha estória machista de que em briga de marido e mulher não se mete a colher.

Em segundo lugar, o fato da maioria das pessoas também nos criticar por termos denunciado o ocorrido na imprensa, quando essa mesma maioria tinha se omitido tão descaradamente, revela uma enorme contradição em relação aos slogans feministas de que "o privado é político" e de que "o silêncio é cúmplice da violência". Na verdade, o único ato censurável foi o do despejo que não deveria ter acontecido ou, melhor, que deveria ter sido impedido, ou seria dizer, organicamente, pelo movimento. Sem o despejo ou sem a omissão das pessoas, evidentemente, não teria havido denúncia.

Por outro lado, houve quem nos acusasse de vitimismo e dissesse que alguma coisa deveríamos ter feito para que o CIM procedesse daquela forma, mesmo sabendo pelo próprio CIM que a questão tinha sido de "espaço e expansão". Houve até quem dissesse que estávamos caluniando o CIM, sem sequer ouvir a nossa versão dos fatos. Nesse caso, o preconceito fedeu mesmo. O que espanta aqui é a reprodução da mentalidade de delegacia de polícia onde as mulheres estupradas ou espancadas vão dar queixa são tidas, no final das contas, como responsáveis pelo que lhes aconteceu.

Houve até quem dissesse que estávamos caluniando o CIM, sem sequer ouvir a nossa versão dos fatos. Nesse caso, o preconceito fedeu mesmo. O que espanta aqui é a reprodução da mentalidade de delegacia de polícia onde as mulheres estupradas ou espancadas vão dar queixa são tidas, no final das contas, como responsáveis pelo que lhes aconteceu.

Finalizando, houve quem justificasse o direito do CIM usurpar a casa pelo critério da força, esquecendo-se que o Movimento Feminista vem buscando, além dos direitos civis das mulheres, criar uma práxis política que se diferencie da política masculina tradicional com suas hierarquias, jogos de poder, conchas, golpes, etc... Palavras como força e expansão usados para justificar atos de violência contra qualquer grupo de pessoas - historicamente está provado - ficam melhor nas bocas de patriarcas imperialis-

tas do que na de representantes de um movimento de mulheres.

Por último, houve quem dissesse que o fato do CIM ter também integrantes homossexuais descartava a possibilidade de heterossexismo, como se a homossexualidade dessas senhoras, por si só, fosse sinônimo de uma consciência política da importância da luta contra o preconceito. Qualquer pessoa que analise a sério a situação dos grupos discriminados sabe que os mesmos colaboram, às vezes, com sua própria opressão na medida que se identificam com o grupo dominante, por seus privilégios, e rejeitam aquele a que pertencem. Isto significa que, no caso das mulheres, por exemplo, muitas delas interiorizam os conceitos que lhes são atribuídos pela sociedade e, na prática, se mostram tão preconceituosas e reacionárias quanto muitos homens machistas e até, infelizmente, mais que eles. Da mesma forma, as mulheres lésbicas, muitas vezes, interiorizam não só os conceitos negativos que a sociedade lhes atribue enquanto mulheres como também, por sua orientação sexual e, na prática, tomam atitudes machistas e heterossexistas contra outras mulheres lésbicas.

Fazendo uma analogia com o racismo, podemos dizer que o fato de Pelé ter se tornado um jogador de futebol mundialmente famoso e de hoje frequentar qualquer alta sociedade branca nunca alterou o status dos negros brasileiros ou revelou o racismo. Pelo contrário, com sua imagem de preto bonzinho, que nunca deu a mínima para os problemas de sua raça, Pelé tem contribuído para o mito de que no Brasil não há racismo. Por outro lado, as mulheres negras que vêm montando planos para desmascarar as desculpas dos donos de boates que as barram na porta, por puro preconceito, estão dando um importante passo na luta contra o racismo na medida que o evidenciam (Folha de SP, 24.3.85). O que permanece invisível parece inexistente e não se combate o que não existe, não é?

LÉSBICAS E MOVIMENTO FEMINISTA

Remetendo-nos ao Movimento Feminista em São Paulo, podemos dizer que o nível de consciência das feministas homossexuais é muito baixo e que elas nunca politizam - pelo que sabemos - suas próprias vivências, militando apenas em prol da resolução (ou minimização) dos problemas das mulheres heterossexuais. Não se trata aqui da velha desculpa de que as mulheres lésbicas não tem a obrigação de só atuar em grupos exclusivamente lésbicos, mas sim do fato de que as feministas homossexuais poderiam, por via indireta,

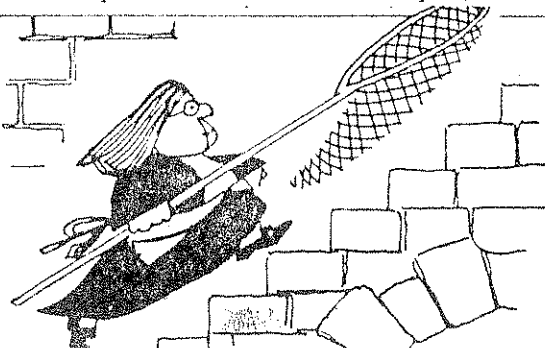
lutar contra o preconceito e não o fazem, omitindo-se sistematicamente. E por que isso?

Com base na experiência de ativistas lésbicas de outros países e na nossa própria, podemos levantar 2 hipóteses. Para essas feministas homossexuais, um grupo publicamente lésbico pode ser uma ameaça a suas fachadas heterossexuais e não é de estranhar que, às vezes, elas assumam atitudes muito reacionárias. Afinal, muitas dessas mulheres levaram tanto tempo para chegar onde estão nos partidos, nos conselhos, nos grupelhos, que não querem arriscar perder "tudo isso" por uma ligação com um grupo de lésbicas assumidas. Outras parecem não se incomodar tanto em manter uma fachada heterossexual, mas estão tão preocupadas com o problema da aceitação que acabam tendo bronca daquelas lésbicas mais exigentes (aquelas que gostariam que o Movimento Feminista também defendesse seus direitos). Elas temem perder a aceitação recebida por bom comportamento e terminam comprometendo suas atuações, incorporando e reproduzindo o heterossexismo. Nós mesmas, do GALF, muitas vezes, fomos contraproducentes em nosso trabalho por tentarmos atuar conjuntamente com outros grupos feministas numa base igualitária. Raramente, obtivemos reciprocidade.

Em suma, o Movimento Feminista é um movimento heterocentrista, ou seja, é um movimento que trata exclusivamente dos problemas das mulheres de vivência heterossexual e, no máximo, admite algumas linhas contra a discriminação das lésbicas em algum documento sobre saúde. Nesse contexto, não dá mesmo para afirmar que o fato do CIM também ter integrantes homossexuais descarta a possibilidade do despejo ter tido uma base forte de preconceito. Provavelmente, os interesses particulares dessas integrantes homossexuais do CIM falaram mais alto que suas consciências enquanto mulheres lésbicas.

EM BUSCA DE UM FINAL FELIZ

Terminando, podemos reafirmar, com certeza, que não havia nenhuma real incompatibilidade de espaço ou



de horário que impossibilitasse o GALF e o CIM de dividirem a mesma sede. Nunca tinha havido também qualquer desavença anterior e nem o GALF, no período em que ocupou a casa, tomou qualquer atitude que justificasse o despejo. No máximo, as integrantes do CIM poderiam reclamar de termos deixado de ser educadas depois que elas começaram a forjar o conflito, mas quem se manteria polido todo o tempo diante de uma situação tão arbitrária? Além disso, como se explica que o CIM, mesmo após ter recebido financiamento da Fundação Ford, não só não procurasse outro "espaço maior" para se expandir (a exemplo de outros grupos subvencionados) como também expulsasse o GALF, quando a casa, cedida pela Secretaria da Cultura, tinha exatamente o propósito de permitir que os grupos feministas pudessem desenvolver suas atividades sem precisar pagar aluguel? Só podemos concluir que nesse conto da casa, o buraco era mais embaixo.

Em termos políticos, podemos dizer também que a atitude do CIM marcou um retrocesso ideológico do Movimento Feminista de SP, na medida que contribuiu com o heterossexismo ao prejudicar deliberadamente o único grupo no Brasil que luta especificamente contra a discriminação anti-lésbica. Por outro lado, é importante lembrar que o GALF, em quase 6 anos de atuação e apesar do preconceito, tem tido um importante papel na inserção da discussão da sexualidade em eventos feministas bem como como colaborador na organização dos mesmos. Neste sentido, a atitude do CIM foi também divisionista, além de reacionária.

Em termos práticos, o despejo deixou o GALF sem espaço para receber novas integrantes e sem sequer poder desenvolver atividades básicas (como o crescimento de nossa biblioteca), pois estamos numa residência muito pequena. No momento, aguardamos uma verba prometida pelo Secretário da Cultura de São Paulo, a quem denunciamos o despejo, para podermos alugar uma sala e retomarmos nossas atuações.

Enfim, estamos em busca de um final feliz e esperando também que esse relato detalhado bem como nossas considerações ideológicas possam propiciar uma maior compreensão do problema do preconceito tanto quanto possam ser um empecilho na realização de outras violências que como esta contribuem para a não credibilidade do Movimento. Por último, desejamos que essa história tão CIM-nistra venha a ser, algum dia, passada a limpo para que possamos ter certeza de que houve um avanço na consciência e na luta de todas as mulheres.

RSA 200



TROCA CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA
TRANSA, ESCREVA PARA:

. Alberta Mendes
Caixa Postal 3184
São Paulo SP
cep 01000

. Aparecida Freitas de Souza
Rua General Fepreira de Azavedo,
704, Jardim Três Marias, Vila Ré
São Paulo, SP, cep 03676

. Cris
Rua Godofredo Fraga, 202 f
José Menino, Santos, SP
cep 11.100

. Elizabeth Lozano
Al. Apentado Aéreo 31399
Bogota D.E. - Colombia

. Halaia
Caixa Postal 421
Campos do Jordão, SP
cep 14.260

. Leila Cristina Carvalho
Rua da Filosofia Q5C 18
São Luís MA
cep 65.000

. Luzia Acácio
Caixa Postal 116
Pindamonhangaba SP
cep 12.400

. Marisa Soares Gomes
Fazenda do Botafogo
Silveirania, MG
cep 36.185

. Marlene de Souza
Caixa Postal 1087
Carapicuíba, SP
cep 06.300

. M. Kitaoka
Rua São Francisco, nº 234
Capela do Alto
cep 18.157

. Neusa
Caixa Postal 3349
São Paulo, SP
cep 01051

. Regina Macedo
Rua Anália Franco 2/ apto 32
Santos SP

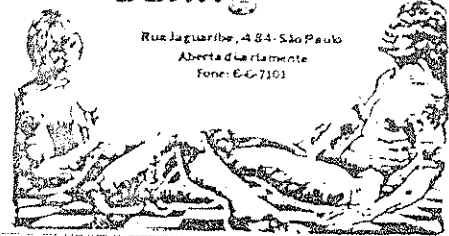
. Roxana
Caixa Postal 1236
Maringá PR
cep 87100

continua.

OS ENDEREÇOS ACIMA TRANSCRITOS SÃO
DE PESSOAS QUE NOS ESCREVERAM SOLICI-
TANDO CORRESPONDÊNCIA. ESCREVA TAMBÉM

* ANÚNCIOS

theatree
donny RELAX
CLASSE



Rua Jaguaribe, 484 - São Paulo
Alberta de Lencastre
Fone: 6-6-7101



FERRO'S BAR

RESTAURANTE - PIZZARIA

R. Martinho Prado, 119 - S.P.

Tels. 257-9903 - 258-0004 -



"um pedacinho
do seu mundo"
das 18:00 até.....
de 3ª à domingo

Rua Santo Antonio, 622 - Tel.: 259-2492
Parque do Bixipa - Bela Vista - São Paulo

O GOLF ESTÁ OFERECENDO, PARA XÉROX, OS
SEGUINTE LIVROS SOBRE A VIVÊNCIA LÉS-
BICA:

- SAPPHO WAS A RIGHT-ON WOMAN (sobre a
vivência lésbica norte-americana);
- LESBIAN MOTHERS: A CHALLENGE IN FA-
MILY LIVING (Sobre mães lésbicas)
- SAPPHISTRY, THE BOOK OF LESBIAN SEX-
UALITY (sobre sexualidade lésbica)

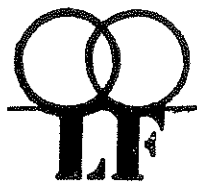
▶▶ **atenção** ▶▶▶ SE VOCÊ
DESEJA SE CORRESPONDER E QUER TAMBÉM
PUBLICAR SEUS DADOS PESSUAIS, ALÉM DE
NOME E ENDEREÇO, CONTE AS LETRAS DO
SEU ANÚNCIO E O ENVIE PARA NÓS. OS
ANÚNCIOS QUE CONTIVEREM ATÉ 150 LET-
RAS CUSTARÃO R\$5.000,00. PARA OBTER
INFORMAÇÕES SOBRE ANÚNCIOS COM MAIS
DE 150 LETRAS, ESCREVA PARA O GOLF.

. Aulélia Diniz
Av. 12, Rua 18, Casa 12, Cohab
Anil III, São Luís MA
cep 65.000

. Ivani Maia
Rua da Liberdade, 175
Vila Sto Bertoldo, Ribeirão Pires, SP
cep 09400

Rosimeire Venâncio de Barros
Rua Coronel Bento Bicudo, 989
São Paulo, SP
cep 02912

. Vânia Garcia
Rua José Ribeiro de Sá Carvalho, 295
Esplanada N.0.8, Três Lagoas, MS
cep 79.600



CHANA COM CHANA

8

SÃO PAULO

AGOSTO - 1985

CR\$ 3.500,00

LÉSBICAS E TRABALHO

PAG 19



GALF: 6 ANOS

informes.poesia.galf na tv
artigos.correspondência

5861

GALF: 6 ANOS

MIRIAM

HISTÓRICO DO GRUPO

AÇÃO LESBICA FEMINISTA

O GRUPO AÇÃO LESBICA FEMINISTA (GALF) surgiu, em 1979, como sub-grupo do Grupo SOMOS, uma das primeiras organizações, agora extinta, a tratar o problema da discriminação anti-homossexual no Brasil. A princípio, a questão da homossexualidade era discutida apenas quanto ao aspecto do preconceito contra a orientação homossexual, sem muitas distinções entre mulheres e homens. Entretanto, no mesmo ano de 79, a partir de reuniões para a elaboração de uma matéria sobre lesbianismo para o jornal *Lampião*, algumas lésbicas do Somos começaram a perceber que sua opressão específica só poderia ser realmente compreendida em relação a situação das mulheres em nossa sociedade e não mais como parte da repressão aos "homossexuais". Nesse sentido, elas passaram a se reunir em separado dos homens, formando o sub-grupo lésbico feminista, e a desenvolver suas reflexões com base em textos feministas. Para esta separação, também colaborou o sexismo dos bichas que nos encontros conjuntos monopolizavam as discussões e se referiam às mulheres pejorativamente como "rachas ou rachadas".

Seguindo uma perspectiva feminista, o sub-grupo lésbico-feminista se aproxima do Movimento de Mulheres por ocasião do IIº Congresso da Mulher Paulista, em março de 1980, bem como em maio do mesmo ano se separa formal e

definitivamente do Grupo Somos, passando a atuar independentemente com o nome de Grupo Lésbico Feminista. (LF)

Desde então, o LF, que a partir do final de 1981, passou a chamar-se Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) realizou atividades tanto junto ao Movimento Homossexual e ao Movimento Feminista. Entre essas atividades, destacamos os II e III Congressos da Mulher Paulista (80/81); o Encontro Feminista de Valinhos (80); a organização do 8º de março (Dia Internacional da Mulher) de 83; a participação no Grupo SOS Mulher de São Paulo (81); no Fórum Feminista de SP, (83); no Encontro Nacional sobre Saúde da Mulher (84); no I Encontro Brasileiro dos Grupos Homossexuais Organizados (EBGH 0) e na passeata contra repressão a lésbicas e bichas movida pelo delegado Richetti (1980); nas comemorações dos 4 anos do Movimento Homossexual Brasileiro (82) e nas comemorações dos 4 anos dos Grupos Ação Lésbica Feminista e Outra Coisa de Ação Homossexualista, com debates, projeção de filmes, vídeos, projeção de áudios, festa, etc... (83).

Durante suas várias fases, o GALF dividiu sedes com os grupos feministas Brasil Mulher, SOS mulher e CIM² e com o grupo homossexual Outra Coisa.

No momento, o GALF vem centrando suas atividades no sentido de obter maior contato com mulheres lésbicas tanto no Brasil quanto no exterior com o objetivo de criar redes de apoio e solidariedade.



ORIGEM DA DENOMINAÇÃO LÉSBICA FEMINISTA E SEU
SIGNIFICADO

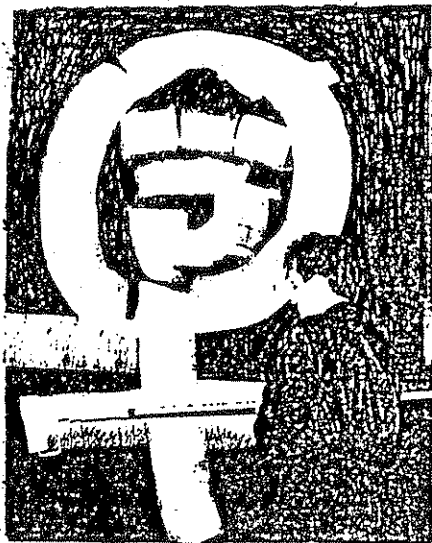
O adjetivo lésbica feminista foi escolhido como resultado do processo de conscientização de nossa dupla opressão, primeiramente enquanto mulheres e depois enquanto mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres.

Preferimos não utilizar a denominação homossexual por que ela nos remete a uma visão das mulheres lésbicas e dos homens gays como um suposto 3º sexo, os homossexuais, que formariam uma espécie ou até mesmo um povo com características distintas das demais pessoas. Na verdade, essa visão foi instituída apenas na segunda metade do século passado (1869), na Europa, como produto do trabalho de vários sexólogos tais como Havellock Ellis, Kraft-Ebing, etc... e serviu, a princípio para a classificação de uma patologia, ou seja, de uma doença. A própria palavra homossexual, ou homossexualismo, não existia até então e só entrou em uso corrente por volta dos anos de 1880 e 1890. Por esta razão, a partir dessa época, os homens que se relacionavam sexualmente com outros homens passaram a ser chamados de invertidos ou homossexuais e as mu

lheres que transavam com outras mulheres de invertidas ou homossexuais, embora a maioria dos estudos e a própria criação da categoria homossexual visassem fundamentalmente aos homens. No caso das mulheres, a criação da categoria homossexual surgiu como uma necessidade de explicar porque algumas mulheres sentiam um desejo tão grande de serem independentes dos homens e do papel que eles haviam imposto. Para os sexólogos, a homossexual rejeitava o papel de passividade, domesticidade, feminilidade, etc... por que ela não era realmente uma mulher, ela era membro de um 3º sexo, ela era uma anormal. Associando, dessa forma, o desejo de independência e de afeto entre mulheres a uma anormalidade, os sexólogos pretendiam, e ainda pretendem, manter o papel correto da mulher como somente o de mãe, esposa, dona de casa, etc...

A assim chamada "inversão" da sexualidade, o homossexualismo, era atribuída, no começo a causas congênitas (as pessoas nasciam homossexuais) e, posteriormente, com o advento da psicanálise () a traumas infantis que levariam a uma interrupção no desenvolvimento da sexualidade cujo fim saudável seria a heterossexualidade. Até hoje, a conceituação das relações entre pessoas do mesmo sexo como uma doença, uma aberração, um desvio, é tida como verdadeira não só por uma parte da Medicina como também por grande parte da população. Entretanto, essa conceituação vem sofrendo severas críticas e poderosos ataques, desde a década de 60, com o surgimento do Movimento GAY e o ressurgimento do Movimento Feminista. A partir de 68, nos Estados Unidos e na Europa, esses





movimentos vão começar a questionar profundamente tanto a noção da heterossexualidade como a única sexualidade possível quanto a própria noção do que é ser mulher e ser homem numa sociedade patriarcal, quer dizer, numa sociedade onde os homens dominam as mulheres e as confinam ao papel de esposas e mães. Os dois movimentos têm conseguido alterar a visão da homossexualidade como doença assim como a visão do papel das mulheres em nossa cultura.

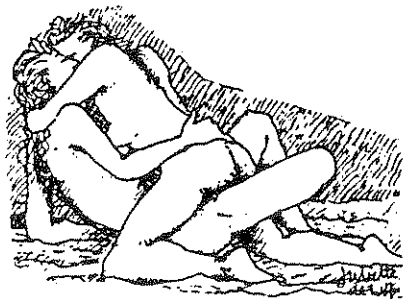
É no contexto desse período e de seus questionamentos que, também nos Estados Unidos e na Europa, vão aparecer os primeiros grupos lésbicos feministas. Esses grupos se diferenciarão de outros grupos organizados de mulheres que transavam entre si por não mais se verem como homossexuais, ou seja, por não mais se verem como integrantes de um suposto 3º sexo. Para os grupos lésbicos feministas, a opressão das mulheres lésbicas está intrinsecamente ligada a situação das mulheres em geral, só podendo ser compreendida, de forma mais clara, a partir da análise da opressão de todas as mulheres e não da opressão aos homossexuais. Para esses grupos, a palavra

lésbica significa não a afirmação de uma nova categoria sexual, as lésbicas, mas sim a designação de uma postura política que vê nas relações afetivas e sexuais entre mulheres um caminho na busca de uma nova maneira de ser mulher neste mundo.

O GALF E O FEMINISMO LÉSBICO

É na perspectiva acima citada, que nós, do GALF, nos denominamos lésbicas feministas. Para nós, a lesbianidade (ou lesbianismo) é mais do que uma simples questão de cama, pois ela tem uma série de implicações sociais e políticas que, geralmente, são esca-moteadas pelo discurso da "preferência sexual" ou da "opção sexual". Podemos dizer, entre outras coisas, que as vivências lésbicas, em geral, permitem às mulheres um grau de autonomia e controle de seus próprios corpos ainda praticamente impossível para as mulheres de vivência heterossexual. Exemplificando, enquanto que as mulheres de vivência heterossexual têm sua capacidade reprodutiva controlada pela família, o marido, o Estado, etc..., as mulheres de vivência lésbica decidem se e quando querem ser mães. Ou seja, as mulheres lésbicas não precisam tomar pílulas ou utilizar quaisquer outros dispositivos anticoncepcionais (muitos delas nocivos à saúde) nem arcar com toda a responsabilidade do controle da natalidade, já que não comercializam a pílula do homem. As mulheres lésbicas, a não ser quando as pressões sociais as le-





vam a transar com homens ou em caso de estupro, correm muito menos risco de morrer em consequência de um aborto mal feito, como é a regra do Brasil pelo fato do aborto ainda ser considerado crime, ou de vir a ter sequelas de aborto. Finalmente, as mulheres lésbicas não correm o risco de ter filhos constantemente e suportar o peso de ter que criá-los quase sozinhas, como acontece com a maioria das mulheres heterossexuais, pois não há informação adequada sobre os anticoncepcionais e seu uso.

São por esses exemplos, podemos perceber que a lesbianidade (ou lesbianismo) transcende em muito a mera questão sexual, determinando, apesar do preconceito, uma maior mobilidade social para as mulheres pois lhes dá mais tempo e disponibilidade afetiva para desenvolver suas individualidades. Aliás, é exatamente por essa maior mobilidade que existe o preconceito e a necessidade de taxar as relações entre mulheres como anormais, desviantes, pervertidas, etc... Em nossa sociedade machista, o direito das mulheres a auto-determinação é ainda muito vetado.

Por isso, nós, do GALF, vemos nossas vivências lésbicas como um caminho na busca de uma maneira nova de ser mulher, sem a tutela nem a representação masculinas e, principalmente, sem a reprodução dos valores masculinos que permeiam as relações entre as pessoas. Neste sentido, procuramos não manter padrões rígidos de comporta-

mento com base em conceitos de masculino e feminino, deixando a cada mulher o direito de se expressar de acordo com o seu temperamento. Em todas as mulheres, procuramos incentivar valores como dinamismo, assertividade e independência e também valores como ternura, compromissamento e solidariedade. Da mesma forma, rejeitamos os conceitos machistas de competição e força como sinônimos que são de domínio e opressão de uma pessoa sobre a outra ou de um grupo sobre outro.

Para nós, a palavra lésbica significa muito mais do que a designação dada a uma pessoa pertencente a um grupo com uma preferência sexual específica. Quer dizer, para nós, a palavra lésbica significa mais do que simplesmente mulher que transa com mulher. Ela designa também uma mulher comprometida com a luta das mulheres por seus direitos, sua autonomia e auto-determinação.

OBJETIVOS E ATIVIDADES DO GALF

- OBJETIVOS: a) informar e conscientizar as mulheres lésbicas de seus direitos e da importância de apoiar e criar organizações que defendam nossos interesses;
- b) desenvolver uma rede de contatos entre organizações e mulheres lésbicas, no Brasil e no exterior, com o propósito de quebrar o isolamento a que muitas de nós estão sujeitas e ob



FERRO'S BAR

RESTAURANTE - PIZZARIA

R. Marinho Prado, 119 - S.P.

Tels. 257-9903 - 258-0004 -



DESPERANÇA

Margot

Seu porte de rainha - esbelto como a garça que foge ao toque. Cabelos longos, castanhos, de um ser liso, distinto. Chegada. Troca de nomes. Eu nada queria. Apenas um momento solto. Em outro espaço que não era meu. Contudo seria o dela. Senões desnecessários - o óbvio jamais requer destinatário. O trivial pode ser até axiomático - é natural simplesmente. E de veria sô acontecer sem nada acrescentar. Entretanto houve acréscimos - duais. Explicáveis? Pouco importa. Teorema é uma hipótese cuja tese deve ser demonstrada. Caso contrário não existe solução.

Suas mãos, fortes, macias, às vezes garras de leoa enfurecida, outras vezes patas de gazela em cio. Possuíam tudo, ocupavam todos meus espaços, famintas sempre dos meus ais, das minhas explosões, deste fogo interior que apenas seus dedos conseguiam apagar. E eu, gata selvagem, me enlaçava em suas pernas e me dava inteira ao grito de um prazer maior do que o meu. Queria tudo que estas mãos e estes dedos me ofertavam. E queria ainda mais...

Sua boca, pele macia avermelhada, a sorrir o que de mais lindo existe - um céu de lua cheia, rastejando faíscas num mar negro - azulado. A extrair de mim valores outros; conchas, búzios, alarmes, sinos - que estouravam cores e sons nos meus ouvidos vividos.

Seu corpo esguio, sem cor definida, peso eterno dos meus halteres,

abrasando fagulhas, despertando odores, fazendo de mim primitivamente mulher.

Sua voz de caipora, traiçoeira e feiticeira, iluminando os azuis do meu céu e do meu mar. Mulher inteira - primeira. Prisioneira, restaram-me as cadenas das distâncias. Que engulo - sem querer.

Seus olhos que olham - qualidade tão rara! Que buscam e vasculham. Que acharam e varreram as entranhas do meu eu. Que dizem tudo de você - seu poder e seu pecado, sua ironia e sua dor. Que lhe desnudam totalmente - e eu não soube pagar pra ver, jogadora inveterada que sempre fui.

Nas paciências do baralho residem as impaciências do tédio e do momento sem retorno, onde o ontem já não é hoje, onde não existe depois. Tremores são dores mal dormidas. Noites insônes com necessidade de luz. O raio laser de nós duas que, por falta técnica, apagou-se.

A vida leva-me pelos ares. Mais uma vez a chuva brinca de companheira - já não na alegria travessa, mas em lágrimas sofridas num silêncio de não sei. Vou, porque sempre fui. É meu preço, é minha estrada. É a busca da saída de um túnel muito escuro, que amedronta o que não conheço. Vou, em busca de um vazio, espaço meu de toda vida, que em momentos, brinco de preencher. Faltam-me ritmos e palavras, sobram amor e saudade naquilo que ficou atrás. Atrás também um espaço, em costas de ombros largos, que ajudavam meus sonhos a não fenecer.

Hoje não tenho sonhos. Sô uma tristeza pobre, tipo festa na roça, espiga de milho que não queima (mas tão pouco assa!). Ou violão sem cordas que tem corpo mas não toca, no canto escuro do palco do coração.



ter apoio emocional e político;

c) promover debates sobre lesbianidade e feminismo bem como exibir filmes, vídeos, etc... com a mesma temática;

d) desenvolver a biblioteca do GALF para colocá-la a disposição de todas as pessoas interessadas;

e) obter uma sede para o GALF desenvolver suas atividades.

ATIVIDADES: a) reuniões de reflexão

O GALF se reúne semanalmente para a discussão de temas relacionados com as vivências lésbicas a partir de textos lésbicos e feministas;

b) Boletim ChanacomChana

O GALF elabora e publica trimestralmente o boletim ChanacomChana, veículo de nossas idéias e canal de comunicação para todas as mulheres lésbicas.

d) Debates

As integrantes do GALF participam de debates, entrevistas, simpósios, etc... sobre lesbianidade numa perspectiva de combater os preconceitos existentes contra as mulheres lésbicas;

e) Correspondência

O GALF mantém correspondência com mulheres lésbicas de todo o país com o objetivo de criar redes de apoio e solidariedade.



d) Biblioteca

O GALF mantém e desenvolve uma biblioteca com livros e arquivos sobre lesbianidade, feminismo, homossexualidade e temas gerais.

NOTAS

1. O jornal Lampião da Esquina circulou de 1978 a 1981 quando deixou de ser publicado devido a recessão econômica da época, entre outros fatores.
2. O CIM (Centro Informação Mulher) foi o último grupo com quem o GALF dividiu sua sede. Era uma casa cedida pela Secretaria da Cultura de São Paulo para diversos grupos feministas. Entretanto, o CIM, sem nenhuma justificativa plausível, expulsou o GALF do lugar com a conivência de outros grupos feministas que, embora sabendo do acontecido, não tomaram qualquer iniciativa de protesto diante daquela atitude arbitrária. A expulsão ocorreu em dezembro de 1984.

dicas de leitura

Teoria e Prática da Homossexualidade, John Hart e Diane Richardson
Zahar Editores

Libertação Homossexual - Sue March
Nova Época Editorial Ltda

O que é homossexualismo, Peter Fry e Edward MacRae
Editora Brasiliense

Jacarés e Lobisomens, Leila Miccolis e Herbert Daniel. Achiamé

Uma Flor para os Malditos, Homossexualidade na Literatura, Mára Faury
Papyrus Livraria Editora

A Queda para o Alto, Herzer
Editora Vozes

Viva Sapata, Rita Mae Brown
Editora Record

Sexualidade e Criação Literária, As entrevistas do Gay Sunshine
Editora Civilização Brasileira

Homossexualidade em Perspectiva, Masters e Johnson
Livraria Editora Artes Médicas Ltda

GALF NA HEBE

LESBICAS X CENSURA

ROSELY

No dia 22 de maio de 1985, numa quarta feira, recebi um telefonema da produção do programa da Hebe Camargo. A produção deste programa, sabendo que tinha havido um simpósio sobre homossexualidade feminina, no dia 18/5, achou interessante que o tema do programa da Hebe, do dia 24/5, uma sexta-feira, girasse em torno dos acontecimentos que ocorreram no Simpósio (alguns aspectos abordados) e da questão da homossexualidade feminina de uma maneira geral. O Simpósio seria uma forma, um gancho para se debater o lesbianismo. Por esta razão, eles convidaram um dos organizadores do simpósio, o psiquiatra e psicoterapeuta em psicodrama Ronaldo Pamplona da Costa, que me indicara como uma pessoa que tinha coisas interessantes a dizer sobre o assunto. Foi assim que dois dias depois, em rede nacional, o Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF), por mim representado, teve a oportunidade de se fazer conhecer para milhares de pessoas.

Meia hora antes do programa ir ao ar, todos os convidados se reuniram com o Arley, editor geral do Hebe. Foi quando eu tive a nítida impressão que, de todas as pessoas presentes, (só não estavam ali a Hebe, a Marília Gabriela e a Maria Amélia) apenas o Ronaldo Pamplona da Costa e eu, sabíamos qual o tema que seria abordado. Alguns convidados me pareceram, inclusive, terem ficado um pouco constrangidas quando souberam que iriam ter que debater a questão da homossexualidade

feminina. A atriz Maria Lúcia Dahl, por exemplo, que iria aparecer junto com a sua filha, que é manequim, ficou com muito receio que, por sua filha ser menor (14 anos), a participação dela num debate sobre lesbianismo lhe trouxesse problemas com a censura. A colocação do Arley no sentido de que não haveria problemas porque o programa era aprovado pela censura federal para aquele horário e de que o tema seria discutido de forma séria, tranquilizou a atriz. No final, mãe e filha apareceram diante das câmeras. Para todos nós, o Arley explicou, em linhas gerais, como estava estruturado o programa e algumas das perguntas que seriam colocadas especificamente para mim e para o Ronaldo. Ficou claro que estaria a nosso cargo (de Ronaldo e eu) levar o debate (naquele momento, ainda não sabíamos que a funcionária pública Maria Amélia tinha sido convidada para prestar o depoimento como mãe de uma filha lésbica). Quanto aos outros participantes, me pareceu que eles estariam ali independentemente do tema a ser abordado, pois, estavam interessados em divulgar seus novos trabalhos: um livro, no caso do Ignácio Loyola Brandão; um novo programa, no caso da Marília Gabriela e o próprio trabalho enquanto atriz ou manequim, no caso de Maria Lúcia Dahl e da sua filha.

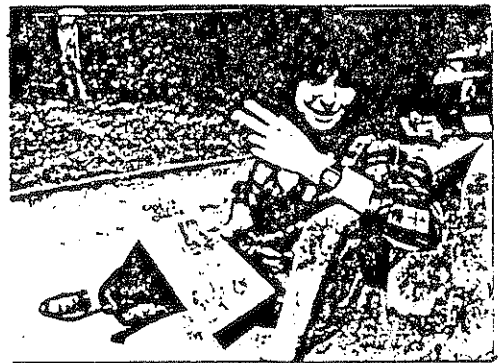
Enfim, embora com interesses bem diversos, todos nós, a partir das 21 horas daquela sexta-feira, entramos na casa de muitas de vocês que, pro-

vavelmente, estão lendo o ChanacomCha na agora. Naquele dia, eu sabia que tinha uma oportunidade única de atingir estados, cidades e interiores praticamente inacessíveis, a não ser via televisão, e que chances como aquela, de comparecer num dos programas de rede nacional de maior audiência do país, não aparecem todo dia. Por isso, estava bastante preocupada em aproveitar, da melhor maneira possível, aquele espaço.

Logo no início do programa, a Hebe, que estava bastante séria, bem menos sorridente do que costuma ser, passou a palavra para a funcionária pública Maria Amélia que, como fiquei sabendo naquele instante, estava lá para prestar o seu depoimento. Depois do programa, fiquei a par de como desdobramos aquela "simpática" senhora: ela, há meses, havia telefonado para a produção, dizendo que, quando a Hebe fosse discutir o tema do lesbianismo, ela gostaria de participar para fazer um depoimento enquanto mãe de uma filha lésbica, e assim a contataríamos. Maria Amélia, a quem foi dado mais espaço para falar do que para qualquer um dos presentes, "abocanhounhou" pelo menos 60% do tempo útil do debate que durou em torno de uma hora. (O resto do tempo foi gasto em propagandas, desfiles de moda e em músicas). Através dela, acredito que milhares de pessoas (mães ou não) tiveram voz. Muitas das colocações da Maria Amélia são como filmes e canções já vistos e ouvidos inúmeras vezes: "eu eduquei minha filha para casar e ter filhos; dei a ela uma boa educação cristã; prefiro que ela seja infeliz o resto da vida do que ver ela com outra mulher; isto não é normal, vai contra as leis de Deus; por que ela não procurou um homem? e aconselhou as mães a vigiarem as suas fi-

lhas, as amigas de sua filha, sem que elas percebam". Maria Amélia, como muitas outras mães ao preferirem ver a filha infeliz do que com outra mulher, demonstra o quanto se preocupa com a "felicidade" dos filhos, sendo que, para ela, a felicidade, quando não combina com os seus valores e julgamentos de "mãe-dedicada", tem que ser atormentada e impedida. A opinião dos vizinhos (o que irão dizer os outros) é, muitas vezes, levada mais em conta do que a própria decisão da filha sobre si mesma. A recomendação para as mães policiarem as filhas desmistifica, um pouco mais, a tão falada "harmonia familiar": mães e pais policiais a atormentar, vigiar, pressionar e punir os filhos.

Apesar de ter tido uma certa dificuldade em conseguir a palavra (eu só falei quando a Hebe abriu o microfone para mim, o que não correspondeu a todas as vezes que eu quis interferir), consegui mencionar duas vezes o endereço da caixa postal, mostrar o



Rosely Roth defende o homossexualismo feminino



Maria Amélia Rocha de Sousa é contra

leia e assine
chanacomchana

boletim do grupo, contar um pouquinho do nosso trabalho e rebater alguns preconceitos da Maria Amélia. Coloquei que ela deveria deixar a filha, de 25 anos, decidir o próprio caminho porque somente ela poderia saber o que era melhor para ela mesma. Enquanto a Maria Amélia, num discurso "emocionado", procurava transmitir a idéia de ser uma mãe coitada e sofredora por causa de sua filha, eu falei sobre as milhares de mulheres lésbicas que recebem todo tipo de pressões de mães e pais como ela e dos males psicológicos, afetivos e sexuais que estas pressões causam, o que quase nunca é levado em conta. Coloquei que o problema não estava em sermos mulheres lésbicas, mas no autoritarismo da sociedade que nos discrimina, querendo nos impor uma única sexualidade, a heterossexual. Se os seres humanos são diferentes, as suas diversas escolhas deveriam ser respeitadas. Coloquei também que o meu estilo de vida lésbico me dava prazer e que ser lésbica, para mim, não tinha qualquer ligação com o fato de ter sido mal amada pelos homens, hipótese levantada por alguém, no programa, como tentativa de "explicar" o lesbianismo de algumas mulheres. Nesta hipótese é como se a relação "prioritária e normal" tivesse que ser com os homens e que, quando alguém se recusa a ter relação

assim, é porque não deu certo, foi mal amada ou tem algum problema. Falei que, para muitas pessoas, é difícil compreender que algumas mulheres encontrem prazer em partilhar suas vidas com outras mulheres sem terem tido nenhuma desilusão com os homens.

A visão de que as mulheres lésbicas não são mulheres foi colocada pela manequim que tinha sido capa da revista Playboy daquela semana. Ao responder uma pergunta de qual seria a sua reação se fosse cantada por uma lésbica, ela disse que era muito feminina e que, por isso, não reagiria, não levaria em conta. Eu rebati dizendo que, como mulher lésbica, eu não me percebia fazendo parte de um sexo, que ser mulher não é só ser heterossexual e que o lesbianismo é uma possibilidade para todas as mulheres, só que esta possibilidade era socialmente encoberta pelo condicionamento social. Coloquei que um dos objetivos do GALF era a luta pela opção sexual que não existe, tranquilamente, devido a educação para a heterossexualidade. Havia um "humorista" no programa que, na ânsia de afirmar a sua masculinidade, contou aquela "piada" de que, quando perguntaram sobre o seu lado feminino, ele havia respondido que este seu lado era sapatão. Muito macho ele, não? Por que tanta necessidade de (re)afirmar a sua "normalidade" de heterossexual num programa sobre lesbianismo?

Até a metade do programa, as intervenções da Maria Amélia foram bastante aplaudidas, fato este que começou a se alterar a partir do momento em que, animada com os aplausos, a "pacata" participante deu vazão ao seu ódio contra as mulheres lésbicas, demonstrando-o na sua própria postura, nos gestos e na fala carregadas de raiva. Com convicções extremamente



preconceituosas aliadas a uma postura bastante autoritária, Maria Amélia conseguiu personificar o preconceito. E foi assim que os aplausos diminuíram bastante e os outros convidados do programa ou se calaram ou tentaram rebatê-la. O argumento mais utilizado para isso foi o amor. Era como se havendo amor, todo relacionamento ficasse válido. Já as relações heterossexuais, em geral, com ou sem amor, não são estigmatizadas. Na minha opinião se estava utilizando o amor como condição para se admitir a "normalidade" das relações entre mulheres lésbicas, como se sã com amor as relações lésbicas pudessem ser admitidas, toleradas. Eu acho que, com ou sem amor, cada um poderia decidir com quem quer ter relações. Se com amor é melhor, sem também poder ser prazeroso.

De qualquer forma, o debate foi quente e num nível bom, com todos os presentes se colocando, um mais, outros menos. A única baixaria ficou por conta da Dona Maria Amélia que, em represália por eu ter colocado que me percebia como mulher, resolveu dizer: - "Como você diz que é feminina usando este sapato?" Eu repliquei que, em respeito ao programa da Hebe, que eu elogiara pela iniciativa de promover o debate, não responderia àquela baixaria.

A repercussão do programa foi quase imediata. Na quarta-feira, dia 19 de maio, os jornais Folha da Tarde e Folha de São Paulo noticiaram que a Hebe estava ameaçada de não continuar a transmitir ao vivo o seu programa. A apresentadora recebeu uma carta do chefe do serviço de Censura Federal de São Paulo, Dráusio Dornellas Coelho que dizia: "- demonstrando não ter pulso e nem saber conduzir o tema enfocado, a apresentadora Hebe Camargo permitiu que seu programa se trans

formasse numa tribuna livre de aliciamento, indução e apologia do homossexualismo feminino. Assim colocado, solicito ao digníssimo diretor da conceitua da rede, enérgicas providências junto a apresentadora e sua produção e que seja elevada a faixa etária do programa em referência, com gravação prévia". A "Nova República mostrando suas garras! Num debate de bom nível onde a mulher que era radicalmente contra as relações lésbicas falou a maior parte do tempo, dizer que houve indução, aliciamento e apologia do homossexualismo é, no mínimo, uma descarada mentira. É provável que, se sã tivesse havido visões contra a questão, nenhum ofício de advertência teria sido feito a apresentadora. Será esta a democracia da Nova República? A democracia que sã serve para os que pensam igual aos que estão no poder?

O jornal Folha da Tarde, dos dias 30, 31 de maio e 1 de junho, realizou algumas reportagens tentando captar as várias visões desta atitude da Censura, entrevistando a Hebe, o Dráusio Dornellas, a Maria Amélia e eu. A entrevistadora Hebe Camargo (reportagem do dia 30 de maio) se mostrou indignada com a carta, não concordando com o seu teor. Para ela, imoral são os pactos de morte nas celas, feitas para denunciar as péssimas condições carcerárias, e as pessoas passarem fome, entre outras coisas. Já o Chefe da



Censura Federal de São Paulo, Dráusio Dornellas Coelho, revelou bem o seu ponto de vista sobre a questão do lesbianismo: "- O tema em si, explica, é altamente educativo, tanto a homossexualidade masculina quanto a feminina, se for debatido em termos de alerta, de recuperação daqueles que procuram um caminho e não encontram". Para ele, educativo é condenar e recuperar as mulheres lésbicas e os homens gays, nos transformando em heterossexuais. Tudo que sai disso, é apologia e aliciamento para o lesbianismo. Não está Dráusio, desta forma, fazendo apologia, indução e aliciamento para a heterossexualidade? Será que tanto heterossexismo (desprezo pelas lésbicas e bichas) é um dos requisitos para um cargo tão "democrático" como o de chefe da Censura Federal de SP? Acredito que democracia é a existência de espaços para que várias opiniões sejam expressas (e isto ocorreu no programa), principalmente as que são diferentes das dos que estão nos poderes governamentais. Dornellas comparou "sutilmente" o debate realizado na TV com a apologia que um assassino, ao ser entrevistado, pode fazer do crime, apologia esta que não deve ser permitida. Para ele, o fato de eu ter divulgado a Caixa Postal do GALF foi uma das formas que caracterizou a apologia, a indução e o aliciamento ao lesbianismo. Parece-me que a divulgação do próprio trabalho, nos meios de comunicação, deveria ser um direito de todos, principalmente no caso da televisão que torna possível a passagem de informações para lugares que, sem ela, jamaiz seriam alcançados. Se o assunto é lesbianismo, por que não divulgar a existência de um grupo que faz um trabalho com mulheres lésbicas para que as pessoas interessadas possam entrar em contato conosco? Dornellas

disse que é crime previsto no Código Penal divulgar a Caixa Postal. Entretanto, em programas diversos, nós já a tínhamos divulgado, até a pedido das entrevistadoras e nada aconteceu.

Maria Amélia, por sua vez, na entrevista à Folha da Tarde, lamentou a falta de apoio dos outros convidados às suas convicções e disse que para ela a "baixaria" do programa foi eu ter mostrado o boletim do GALF na televisão. Que belo casal não formariam ela e o seu Dráusio Dornellas, não?

Até hoje, mês de julho, nós, do GALF, continuamos recebendo cartas de elogios quanto a nossa participação no programa e de interesse em conhecer nosso trabalho assim como o boletim ChanacomChana. Já são mais de 200 cartas de todo o Brasil. Uma grande parte das mulheres que nos escrevem identificaram suas mães com a funcionária pública Maria Amélia. Parece que ela não é exceção, mas sim a regra em termos de conduta das mães de mulheres lésbicas. Uma menina, quando lhe tentei vender o boletim, disse que depois do programa da Hebe, a mãe dela, seguindo o conselho de Maria Amélia, andava espionando-a, mexendo nas coisas dela e que, então, não poderia levar o boletim, apesar de querer.

Já não estará na hora de não mais deixarmos ninguém decidir por nós mesmas e procurarmos viver os nossos estilos de vida com independência, autonomia e coragem?



HEBE

UMA HISTÓRIA DE HETERROR:
PRECONCEITO NO CVV
DEPOIMENTO DE
UMA LEITORA DO CHANA

Em agosto de 84, passeando pela Praça Marechal Deodoro, vi uma faixa sobre o curso para plantonistas do CVV Samaritanos (Centro de Valorização da Vida). Como, há muito tempo, eu tinha uma certa curiosidade aliada a uma vontade de participar desse tipo de entidade, telefonei e me inscrevi. O curso é rápido: 8 aulas na Câmara Municipal, um teste, e começaram as reuniões para os aprovados. Eu fazia parte de um grupo de oito pessoas, das quais hoje restam apenas quatro, as outras desistiram. Minha líder de grupo, hoje a coordenadora do meu posto (Barra Funda), é uma pessoa consciente, de bom nível e que, com o tempo, tornou-se minha amiga. Essas reuniões eram semanais e representavam um estágio de um mês. Fizemos uma entrevista individual, que inicialmente deveria durar 30 minutos, mas a minha durou cerca de quatro horas. Foi um jogo aberto, eu me expus e obtive receptividade por parte da minha líder, a Ana, e começaram os plantões.

Minha condição de homossexual é evidente: meu jeitão, forma de vestir, minhas idéias, tudo, quase chego a ser um protótipo da homossexual tipo "sapatão". Comecei a sentir um certo preconceito e achei que demonstrando em aberto minha condição, conversando, me expondo mais, isto é, aceitando um preconceito social latente nas pessoas, eu poderia mudar as coisas, já que o CVV se propõe a não ter preconceitos e se dispõe a ajudar a quem tem problemas também devido a essa condição. Achei que, através de mim, convivendo comigo, conhecendo minha vida como homossexual, entendendo que a imagem e as referências que se tem nem sempre condizem com a realidade, fui a luta. Surgiu uma oportunidade, era aniversário da Ana, festa, todos os plantonistas reunidos. Fui e



CLIT 007

leveí meu caso que, de início, foi contra eu me inscrever no curso pois duvidava das minhas "boas intenções". Depois, ela começou a duvidar da legitimidade da entidade porque eu passei a relatar dúvidas, apreensões quanto ao desenrolar dos meus plantões, mas, mesmo assim, fomos a festividade natalícia e levamos o filho dela de um ano e meio. Notei a perplexidade de algumas pessoas, o cuidado de umas e a aceitação imediata de outras. O que eu queria era demonstrar que homossexual é uma pessoa normal como eu e ela. Nós trabalhamos, tanto eu quanto ela, temos nossa casa, nos escolhemos porque nos amamos e nos completamos, além do que assumimos o Michael e entendemos que algum dia vamos enfrentar uma barra para nos colocarmos frente a ele, mas temos que nos preparar para expor nossos sentimentos e sermos fortes para receber a reação dele qualquer que ela venha a ser.

No meu plantão do CVV, geralmente, eu recebo telefonemas de solitários, masturbadores profissionais, etc... Já criei um batalhão de admiradores e já tenho até alguns amigos que me telefonam semanalmente. Mas o que eu não percebia é que alguns plantonistas me observavam, procurando algum deslize, até que um dia surgiu uma conversa de que eu cantava mulheres pelo telefone e isso foi crescendo até chegar aos ouvidos do Chefe Nacional do CVV que se comunicou com a Ana. Ela, muito habilmente, apareceu

num plantão meu, me deu carona, começamos a conversar. Aí, como curiosidade, contei para ela sobre uma menina de 15 anos que se dizia lésbica e que começou a importunar com uma paixão adolescente por mim. A Ana colocou que a menina telefonava para outros plantonistas pedindo meu nome e endereço e telefone, querendo saber como eu sou fisicamente e outras bobagens. Aí a Ana me colocou o problema que estava havendo pois estavam achando que havia uma homossexual pervertendo atendidos pelo telefone e transformando o CVV Barra Funda num bordel telefônico. Protestei e disse que, com base na minha experiência no CVV, eu podia afirmar que muitos plantonistas comprovadamente heterossexuais eram inaptos para o trabalho, alguns com problemas de insociabilidade, de solidão, a grande maioria com problemas psíquicos mais graves do que o dos atendidos, e que eles cantavam e até marcavam encontros com atendidos, embora esse tipo de expediente contradissesse as normas do CVV que se dispõe a uma ajuda anônima e voluntária às pessoas que o procuram.

Através de um longo papo, de um diálogo bem fundamentado, esclareci o assunto e chegamos a um acordo. Alguns dias depois, quando eu tinha uma reunião de grupo na casa da Ana, meu caso, que havia começado a gostar do trabalho que eu estava realizando, manifestou uma grande vontade de fazer o curso para plantonista. Fiquei feliz e achei que cabia levá-la a reunião para que ela tivesse um contato mais íntimo com o CVV através de outras pessoas. Mas, a presença dela causou um choque. Um colega plantonista, tipo machão Casanova, obviamente entendendo ser ela meu caso, começou a olhá-la com olhos de gavião. Finalmente, o ambiente ficou conturbado, a reunião não aconteceu e o grupo dissolveu-se. Entrei em choque com o CVV e com a Ana. Marcamos um encontro, discutimos, ela se sentiu agredida e disse que eu queria impor minha condição, que muitos plantonistas achavam que eu a dominava ou, no mínimo, que tínhamos algum relacionamento a mais às escondidas.

Aí começou um novo curso e eu quis ajudar, mas ele me colocou para escanteio para que minha imagem não assustasse o pessoal que estava chegando. Fiquei chateada porque, afinal, esqueceram-se de minha condição humana e só viram a minha condição homossexual. Era esta condição que estava perturbando, colocando em cheque muita gente, até mesmo a Ana que, sem dúvida nenhuma, tem alguns componentes homossexuais. Também uma outra plantonista, com quem mantive alguma amizade, se abriu comigo, disse ter medo de sua condição, que nunca ela iria assumir esse lado e que eu, de alguma forma, estava incomodando. Finalmente, ela sumiu. Mais tarde, fiquei sabendo que ela havia mudado de posto... Outra plantonista começou a se ligar estranhamente em mim, me deixava recados, telefonava todo o plantão, até o dia em que preenchi uma licença e justifiquei minha falta colocando que seria para uma viagem de descanso (com minha namorada) para comemorar um ano de paz, amor e felicidade. Aí a plantonista, não sei porque, se sentiu traída e, como uma criança que perdeu um brinquedo, brigou comigo.

Em suma, sou um tufão descontrolado no CVV. Cheguei a pensar em abandonar meu trabalho, mas não acho justo, gosto do que eu faço, apenas perdi muito em motivação. Agora entendo que, embora o CVV se proponha a não ter preconceitos, as pessoas que integram seu quadro de plantonistas os têm e muito. Duvido que um homossexual ligando para essas pessoas possa receber algum apoio ou alguma compreensão. No momento, estou trabalhando e gostaria que vocês opinassem sobre a criação de um CVH (Centro de Valorização do Homossexual). Eu me disponho a ajudar no possível. Sei que é difícil, mas, se juntarmos forças, não é impossível.

Shirley

SÃO PAULO

ENVIE TAMBÉM O SEU DEPOIMENTO

A OPINIÃO DA LEITORA:

Os artigos publicados nessa seção não traduzem necessariamente a opinião do GALF. Sua publicação visa estimular a troca de idéias entre as mulheres lésbicas.

ALGUMAS IDEIAS PARTICULARES SOBRE OS PAPEIS SEXUAIS DENTRO DO HOMOSSEXUALISMO FEMININO.

Roxana Herrera Alvarez. Maringá

Advertência: Os termos "ativa" e "passiva" são usados aqui, para descrever uma forma de comportamento geral, e não fazem alusão à hora de fazer sexo, exclusivamente.

É comum escutar, no meio homossexual, referências constantes aos tradicionais papéis sexuais: o de "ativa" e o de "passiva"... Em resumo, que é isto? Ao meu ver, são rótulos que mal expressam as verdadeiras dimensões de um relacionamento.

Particularmente, tenho me defrontado com pessoas que me têm classificado como "passiva", quando o meu comportamento era "meigo, paciente, tranquilo", e outras, como "ativa", quando me mostrei rude, agressiva, ou quando defendi minhas idéias com mal disfarçada raiva. Não aceito ser classificada. Estaria incorrendo no mesmo erro que os relacionamentos heterossexuais cometem, e que constitui a sua base: a delimitação de papéis dentro de um relacionamento, para que cada qual "conheça" sua parte e não tente assumir a do parceiro. Fechar duas pessoas dentro de dois papéis restritos por uma série de atributos ditos "complementares", por serem "opostos", é equivalente a castrá-las e fazê-las renunciar à sua espontaneidade. Não acredito na validade dos relacionamentos homossexuais que se baseiam nos velhos padrões de "masculino" e "feminino". Que é ser homem? Que é ser mulher? Os estudos revelam que aprende-

mos a ser o que somos... ninguém nasce com a idéia de masculino ou feminino na cabeça.

Quando, em um relacionamento homossexual, há uma "ativa" e uma "passiva", facilmente reconhecíveis por toda uma série de "características" popularizadas, que, na realidade, nada têm a ver com o interior das pessoas, a pergunta é: o que é que conduz uma mulher a adotar o dito "papel masculinizado", e outra, assumir o "feminino"? São realmente papéis que se desenvolveram com o tempo, "naturalmente", ou são atitudes adotadas como uma "orientação", perante algo novo e assustador, como é uma relação mulher/mulher? Conheço pessoas "classificadas" como "ativas", que possuem atributos ditos "femininos" meiguice, tolerância, doçura, e outras ditas "passivas", que são como vulcões quando explodem... Por quê? Acredito que todas as pessoas, em geral, homens ou mulheres, somo, primeiramente, SERES HUMANOS, que compartilhamos as mesmas qualidades, intelectuais e afetivas, inibidas no sexo feminino, desde a infância, por uma educação ridícula e diferenciada, que tira de nós a agressividade, esse fator tão essencial, sem o qual não conseguiríamos sobreviver, pois é desafiando o meio que se realizam as conquistas.

São porque uma mulher tem qualidades que se identificam como "masculinas", e que, na realidade, não passam de atributos que poderiam ser comuns

aos dois sexos, se nas mulheres não fossem suprimidos, ela passa a ser, automaticamente, um "macho"? Acho que não. Ou uma mulher que se compraz em ser doce o tempo todo, cuidando de não ser violenta nem nada parecido, será por isso, mais "mulher" do que a outra...? Também não...

Um relacionamento homossexual é assustador, em certa forma... Quem é quem, se as duas são do mesmo sexo? Quem será a parte "ativa" ou a "passiva" do casal? Não é assim que a nossa sociedade encara os relacionamentos? Talvez, por causa disso, alguém poderia pensar coisas assim: "... se eu fizer isto, não estarei dando uma de "machona"? "... mas, se eu ceder e não ser durona, vão pensar que mudei!" "... se eu me vestir desse jeito, vão pensar que eu não sou mais eu!" Realmente, é para atemorizar qualquer pessoa... Mas acredito na beleza dos relacionamentos homossexuais, precisamente, pela oportunidade que as pessoas envolvidas têm, para mostrar-se criativas e originais. Algumas podem "intercambiar" os papéis" na cama, ou no dia a dia...

Às vezes, é atemorizante defrontar-se com uma mulher que até então era "heterossexual", e que resolveu "entrar na vida". Ela procurará um "tipo ativo" ou "passivo"...? Se alguém se interessar por ela, se verá "forçada" a adotar um dado "papel"...? E as meninas mais novas, que se iniciam na vida homossexual, não se perguntarão, assustadas, "quem vou ser eu...?", e olhando para o espelho,



ou quiçá, lembrando os julgamentos dos outros, dirá "sou ativa ou passiva? Vou comer ou ser comida...?"

Acho que as pessoas heterossexuais são, em parte, culpadas. Sempre estão perguntando, ao enfrentarem um casal homossexual: "... mas, quem faz o papel de homem? E o da mulher, onde fica?!" Não cabe na cabeça deles a possibilidade de existir um casal onde ninguém precise provar ao parceiro que é o mais forte, o mais inteligente ou o mais agressivo, e onde o outro, não se sinta menosprezado, por ser "mais débil", necessitando, o tempo todo, de aprovação ou de proteção.

Mulher que precisa de "macho", ou mulher que precisa de "fêmea". Que significa isso? Não será um simples condicionamento das nossas mentes...? Se rompermos com isso... que acontecerá...?

associe-se ao galf

Agora, com uma taxa mensal de apenas CR\$5.000,00 você pode associar-se ao Galf e colaborar com nosso trabalho. Associando-se você passa, de acordo com a sua escolha:

- 1) a integrar nossa lista de correspondente (com endereços de mulheres de todo o Brasil) que é publicada no ChanacomChana a cada edição;
- 2) a obter informações sobre pontos de encontro (bares, boates, hotéis) e sobre entidades feministas, lésbicas e homossexuais do Brasil e do exterior;
- 3) a receber o histórico do Galf e indicações de livros sobre feminismo, lesbianismo e homossexualismo. (Também xerocamos livros nacionais ou importados a pedidos);
- 4) a receber informes sobre as atividades públicas que o Galf pretende realizar e a contar com nosso apoio psicológico e afetivo quando precisar.

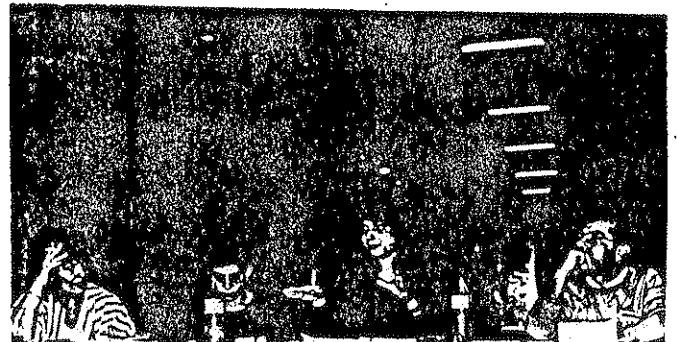
informes...

SIMPÓSIO SOBREHOMOSSEXUALIDADE FEMININA

No dia 18 de maio, aconteceu no Centro de Convenções Rebouças (São Paulo, capital) um simpósio sobre homossexualidade feminina. No sábado das 8:00 da manhã até às 19:00 horas foram abordados os seguintes aspectos do lesbianismo: o conceito de doença - "normal ou anormal"; a visão médica /endocrinológica; a visão psicanalítica; a visão antropológica; a relação da mãe homossexual e a criança; aspectos jurídicos e, por último, houve uma mesa redonda sobre homossexualidade e feminismo, onde nós, do GALF, participamos. Infelizmente, como esta mesa-redonda ficou por último, não houve tempo para o debate com o público, fato este que nos decepcionou muito, pois as colocações das expositoras ficaram um pouco sem sentido, já que não puderam ser discutidas. Uma mesa-redonda pressupõe uma discussão com o público. Os organizadores do evento deveriam ter tomado o cuidado de delimitarem um tempo adequado para que a proposta de realização da mesa-redonda sobre feminismo e homossexualidade se realizasse de forma convincente e conveniente para as expositoras e para o público, o que não ocorreu. Mas de qualquer forma, valeu a iniciativa do Centro de Estudos de Sexualidade humana de São Paulo que sob a coordenação do Moacir Costa e do Ronaldo Pamplona da Costa, organizou o que talvez tenha sido o primeiro simpósio sobre homossexualidade feminina no Brasil. Seria interessante que iniciativas como esta surgissem em outros estados e cidades. É provável que com mais informações e mais oportunidades de se debater o assunto, haja maiores possibilidades de atenuarmos o preconceito e a discriminação que existem em relação a questão do lesbianismo.

VIVÊNCIAS LÉSBICAS

No dia 29 de junho, o GALF promoveu a seguinte programação: das 14:30 às 17:30 houve a apresentação dos seguintes vídeos: do filme Liana que trata do relacionamento entre duas mulheres, apresentado na 8a. Mostra Internacional de Cinema no MASP(84) e do programa da apresentadora Hebe Camargo do dia 24/5 sobre homossexualismo feminino. Após esta apresentação, houve a realização de um debate sobre Vivências Lésbicas com a participação da vereadora Irede Cardoso, da escritora Naomi A. de Vasconcelos, do psiquiatra Ronaldo Pamplona da Costa e da integrante do GALF Rosely Roth. Nós programamos este evento com a intenção de marcarmos três datas: os anos da existência do GALF; o dia 13 de junho, data da realização, em 1980, de uma passeata que contou com a organização e participação dos homens gays, das mulheres lésbicas, dos travestis, prostitutas, negros e outros(as) frequentadores de determinados "pedaços" onde o delegado Wilson Richetti resolveu, na época, fazer uma "limpeza" e o dia 28 de junho, dia internacional de luta dos homens e mulheres homossexuais. Neste dia, em 1969, num bar do gueto homossexual de Nova York, a Polícia fazia mais uma de suas batidas rotineiras no local, e resolveu sob o pretexto de descumprimento das leis de bebidas alcólicas, fechar o bar. São que, desta vez, os frequentadores reagiram contra aquela atitude e lutaram durante todo aquele fim de semana. 13 e 28 de junho, dias de luta contra a repressão que tenta invadir os poucos espaços conquistados, onde bem ou mal podemos expressar nossos afetos.



informes

A I D S

Para quem estiver interessado em obter informações sobre o assunto, entrar em contacto com o Grupo de Apoio e Prevenção da Aids - Caixa Postal - 4.106 - CEP 01051 - São Paulo - SP.

O extinto Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista doou todo o seu material contendo dados sobre o movimento homossexual do Brasil e do exterior ao arquivo Edgar Loenrock - Centro de Pesquisa e Documentação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. As pessoas interessadas em ter acesso ao material, e só entrar em contacto com este arquivo através da Caixa Postal 1.170 - CEP 13.100 - Campinas - SP.

III ENCONTRO FEMINISTA

LATINO-AMERICANO

Do dia 31 de julho ao dia 4 de agosto, em Bertiooga (SP), estarão realizando-se o III Encontro Feminista Latino-Americano. Serão discutidos os seguintes temas: Feminino e violência, Feminismo-Comunicação e Artes; Feminismo e Racismo; Feminismo e Vivência Cotidiana, Nosso Corpo, nossos desejos; Lesbianismo, Políticas de Saúde, Aborto; Prostituição; e Feminismo na América Latina. As organizadoras deste evento esperam que compareça uma média de oitocentas mulheres. Nós, do GALF, estaremos lá e no próximo número do ChanacomChana contaremos como foi realizado.

O GALF ESTÁ OFERECENDO, PARA XEROX, OS SEGUINTEs LIVROS SOBRE A VIVENCIA LESBICA:

- SAPPHO WAS A RIGHT-ON WOMAN
- LESBIAN MOTHERS: A CHALLENGE IN FAMILY LIVING
- SAPPHISTRY, THE BOOK OF LESBIAN SEXUALITY

- WHEN GOD WAS A WOMAN - MERLIN STONE
- SURPASSING THE LOVE OF MEN - LILLIAN FADERMAN
- GREEK HOMOSEXUALITY - K.J. ROVER
- CHRISTIANITY, SOCIAL TOLERANCE, AND HOMOSEXUALITY - JOHN BOSWELL
- COMING OUT - JEFFREY WEEKS
- LOS PRIMEROS MOVIMIENTOS EN FAVOR DE LOS DERECHOS HOMOSEXUALES (1864 - 1935) JOHN LAURITSEN Y DAVID THORSTAD
- DOCUMENTOS CONTRA A NORMALIDAD - FRENTE HOMOSEXUAL DE ACCIÓN REVOLUCIONARIA

VITÓRIA DO MOVIMENTO

HOMOSSEXUAL

Hã quase 4 anos que o movimento homossexual brasileiro, especialmente através do grupo gay da Bahia e do ativista carioca, integrante do triângulo Rosa, João Antonio Mascarenhas, vinha empreendendo uma luta cerrada contra a aplicação no Brasil do código 302.0 da classificação internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde, que coloca a homossexualidade como desvio e transtorno sexual. A 9 de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina, órgão encarregado da aplicação deste código em território nacional, atendeu a reivindicação do movimento homossexual brasileiro. A homossexualidade deixou de ser enquadrada como desvio e transtorno sexual, passando a integrar o código 2062-9 da CID. Inserida no 2062-9, a homossexualidade é agora, no Brasil, classificada enquanto outras circunstâncias psicossociais ao lado do desemprego, desajustamento social e tensões psicológicas, que podem levar alguém a ir a um consultório médico. Hoje no Brasil, pelo menos em termos de leis, não há mais nenhuma lei ou código em que alguns possam se apoiar para nos discriminar. Se algum médico(a) o fizer, não permita, lute pelos seus direitos. Depois desta vitória, que tal trabalharmos por uma lei contra a discriminação de vida a orientação sexual que faça parte da nossa própria constituição?



informes...

89 ENCONTRO INTERNACIONAL DO ILIS

GENEVA - 28 a 31 DE MARÇO 1986

Já estão em andamento os preparativos para o 89 Encontro do Serviço de Informação Lésbica Internacional (ILIS) a ser realizado em Genebra, Suíça, do dia 28 ao dia 31 de março de 86. Entre esses preparativos está incluído o pedido de apoio financeiro para várias organizações não-governamentais e para lésbicas individualmente no sentido de pagar as passagens de avião das ativistas lésbicas da África, Ásia e América Latina bem como para pagar os custos da conferência com o aluguel do local para o encontro, com as intérpretes, com as acomodações e com parte das despesas das refeições. De qualquer forma, o encontro será gratuito assim como as acomodações e se consistirá de duas sessões plenárias e dois dias de atividades práticas (oficinas). Também estão previstas uma passeata pela cidade e uma festa.

O temário do Encontro inclui os seguintes itens, entre outros: construção/fortalecimento do Movimento Lésbico Internacional; classismo; racismo; mães lésbicas; lésbicas e trabalho; lésbicas e instituições mentais e saúde.

O GALF continuará informando sobre a organização do 89 Encontro do ILIS nos próximos Chanas. Aguarde. (ILIS - International Lesbian Information Service, 5 Bd St. Georges 1205 Geneva, Switzerland).

UM CASO DE CUSTÓDIA LÉSBICA

Nos Estados Unidos, os casais lésbicos que querem ter filhos podem recorrer a inseminação artificial, geralmente sem problemas. Entretanto, às vezes, surgem alguns grilos, como é o caso relatado no comunicado que recebemos há algumas semanas.

Em Denver, Colorado, uma integrante da comunidade lésbica local faleceu, deixando a amante, com quem viveu por 13 anos e a filha de ambas de 6 anos de idade. A criança, concebida através de inseminação artificial e gerada pela mulher agora morta, foi criada, desde o nascimento, pelas duas namoradas. Neste momento, todavia, os avós biológicos da criança estão exigindo sua guarda sob a alegação de que ela não pode continuar vivendo com sua outra "mãe" para não sofrer influência lésbica (sic), apesar desta atitude contrariar os desejos expressos da filha falecida e da própria criança.

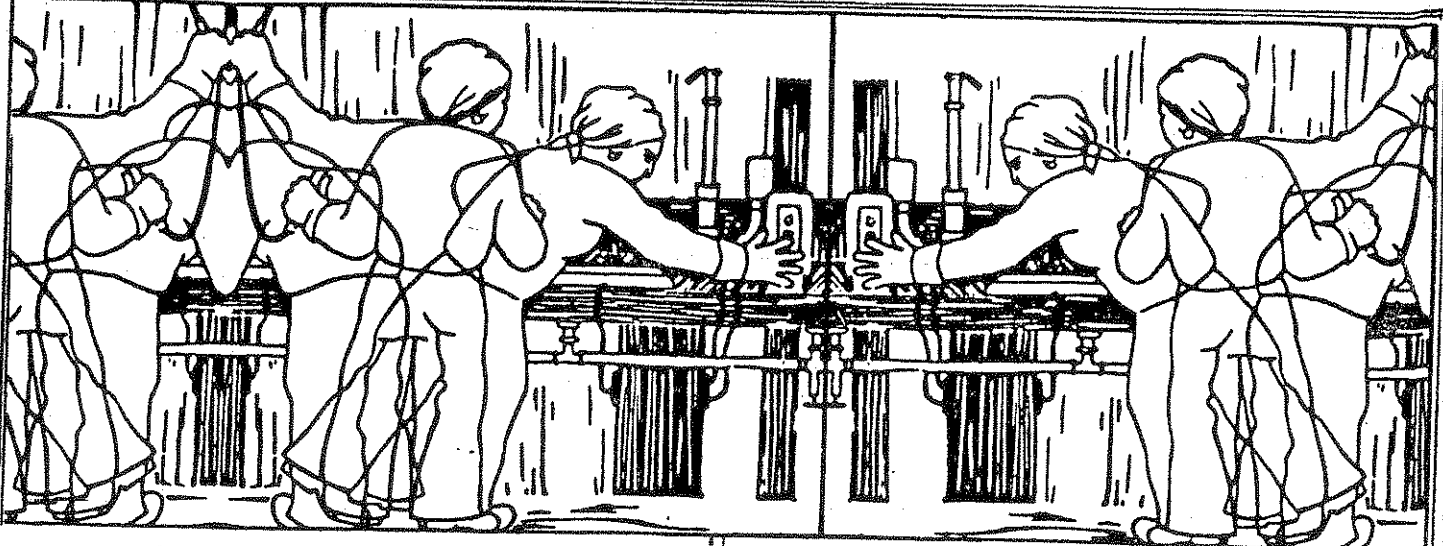
Os custos legais na luta pela custódia da menina estão sendo estimados em US\$10,000 e o grupo de mães lésbicas de Denver está solicitando ajuda de todas as pessoas. Segundo pesquisas realizadas nos EUA, desde que mais e mais lésbicas têm decidido lutar contra os preconceitos que as separam de suas crianças, o número de vitórias em casos de custódia tem aumentado significativamente. O endereço do grupo para contribuições é: DEFENSE FUND, P.O. BOX 6597, Denver, Colorado, 80206, USA.

ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

Não será uma boa idéia fortalecer os grupos gays e lésbicos do Brasil, participando, assinando os nossos boletins e enviando doações em dinheiro e/ou material? Aqui estão os endereços: Grupo Ação Lésbica Feminista - Caixa Postal 62.618 - CEP 01000 - São Paulo capital; Grupo Adé - Dudu - Cx. Postal 6.429 - CEP - 40.000, Salvador - Bahia, Grupo Gay da Bahia - Cx. Postal 2.552 - CEP - 40.000, Salvador - Bahia (edita um boletim de 4 em 4 meses) e o Triângulo Rosa, Grupo de Liberação Homossexual - Cx. Postal - 14.704 - CEP 22.417 - RJ - RJ



LÉSBICAS E TRABALHO



MARIA LUIZA E RUTE

Para realizar esta matéria, pensamos em abordar diferentes ambientes de trabalho onde pudéssemos captar as possíveis discriminações vividas pelas mulheres lésbicas.

Neste sentido, entrevistamos duas mulheres bem diferentes, com suas lutas, contradições, "assumições" e alegrias.

São elas: Ana, 32 anos, motorista de praça e Renata, 52 anos, pedagoga e com formação antropológica.

Você é assumida enquanto lésbica no trabalho?

Ana - Plenamente, como sou. Meu ambiente de trabalho não é restrito, não é local fechado, então eu tenho mais campo, não fico insegura para ser mais assumida. Então, pinta uma série de pessoas que entram e saem do seu carro e você troca idéia, bate papo, fala e não dá para chocar com a coisa. Para mim é uma coisa normal e natural.

Em épocas passadas, eu tive barras porque já fui funcionária pública, trabalhei em escritórios e firmas, eu procurava ocultar a coisa devido a perda de emprego ou alguém sempre ficar de olho na pessoa. Eu não me assumia tanto como agora que trabalho

por conta própria, o carro é meu, estou há quase dez anos na praça, o que dá mais força pra eu assumir e ficar de cabeça feita.

Renata - O que significa isso: ser assumida enquanto lésbica no trabalho? No sentido de que eu não nego que sou lésbica no trabalho e o meu trabalho certamente leva o cunho do meu lesbianismo? Eu não poderia dizer que sou assumida e nem que não sou, essa questão não se põe no trabalho que eu desempenho. O fato de eu expressar ou manifestar uma "assumição" da coisa não se põe simplesmente, não tenho problema. Ninguém pergunta diretamente e nem sinto qualquer indireta que poderia ou ser nociva ou enterrar o meu trabalho.

Você sente ou sentiu dificuldade em se empregar pelo fato de ser lésbica?

Ana - Não. Sô depois de ter iniciado no trabalho, porque sou assumida em qualquer ambiente que eu frequento procuro ganhar a cabeça das pessoas pelo meu estilo de vida, pelo meu chão, porque acho que também mereço meu espaço não importa quem eu seja.

Eu perdi um trabalho de 3 anos porque tinha uma garota lá, que era

namoradinha do chefe e ele percebia que a gente trocava muita idéia. Ela estava a fim de conhecer ambientes de entendidas e eu a levei uma noite para sair, mas sem interesse nenhum, pa- po de amizade e ele ficou sabendo e dispensou a quem? A garota dele que não foi, né? Sobrou prá mim. E eu senti, na pele, uma perda devido meu estilo de vida, de ser uma pessoa que gosta de mulher.

Renata - Não!

Você acha importante que as pessoas no seu trabalho saibam que você é lésbica? Porquê?

Ana - Eu acho muito importante porque quando você está sendo "você mesma", e com quem você está trocando idéia está te aceitando como você é, tanto faz por dentro e por fora, não existe coisa mais "de paz". Eu acho legal assim: se você quer me aceitar, se você quer a minha amizade, tem que saber desde o início que eu sou "fulana de tal", caso contrário, tudo bem, se vai pintar um grilo na cuca da pessoa, se acha que vai condenar, isso e aquilo, então eu caio fora, eu acho que não vale a pena ter uma amizade com determinada pessoa.

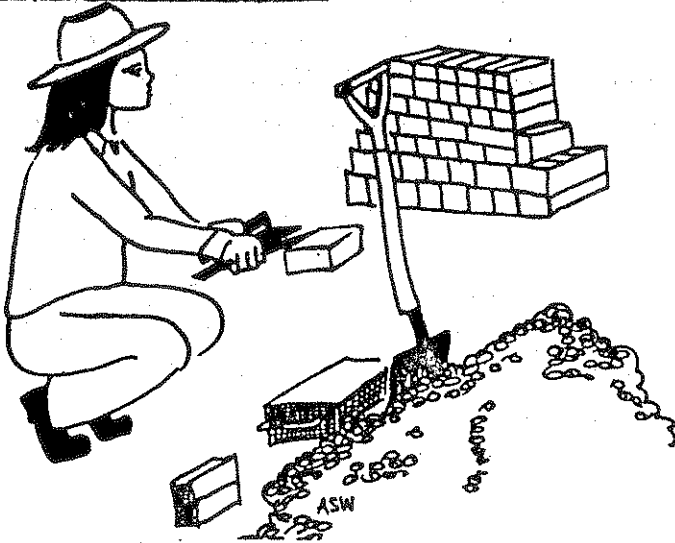
Renata - Não, eu não acho importante e nem desimportante porque eu acredito que isso não vá modificar em nada a minha atuação ou o meu contato com as pessoas ou o trabalho que estou fazendo. Eu acho importante que a pessoa saiba que sou lésbica, no meu contacto pessoal com ela, na minha prática social talvez, se isso se faz necessário demonstrar, mas no momento em que estou fazendo um trabalho, não vejo o porquê das pessoas saberem que sou lésbica. Se soubessem certamente iria mudar alguma coisa para a pessoa e para mim, iria mudar como refle-

xo da mudança da pessoa, mas é uma mudança perfeitamente impertinente, me parece. Ia provocar uma mudança sem nenhum objetivo, a não ser que eu quisesse fazer uma experiência, me propor ver a reação das pessoas. Mas a não ser como experiência, eu não vejo porquê.

Já que você não se assume, você forja um comportamento heterossexual? Você sai com pessoas do seu trabalho?

Ana - Veja bem uma coisa, meus amigos no ambiente de trabalho são motoristas de praça e eu tomo cerveja normal, como eu tomo com você, ou com uma amiga ou com uma transa minha. 'Sabe, é igualzinho, quer dizer, são coisas diferentes, mas eles estão sabendo que eu sou uma pessoa "fulana de tal", já tem aquele papo no ar, fica na cabeça deles. Eu sinto isso, mas fico solta, fico legal e eles me respeitam, eles me consideram como se eu fosse um cara, assim um profissional igual a eles. E para mim está tudo bem, tudo em cima, porque qual a diferença que vai fazer? Nada para mim, quer dizer, o que importa são as coisas que eu gosto. O que determinada pessoa vai pensar a meu respeito, eu nunca me ligo a esse tipo de coisa.

Renata - Mas eu não estou entendendo porque você diz que eu não me assumo. O fato de não me colocar, não quer dizer que eu não me assuma, eu não me declaro sem ser perguntada, sem ser questionada, eu não exibo a minha homossexualidade, eu acho que é bem diferente de assumir, não é? Eu jamais deixei de abraçar ou de beijar ou de contactar com quem quer que seja, em ambiente que seja, que seja meu caso ou minha amante, ou uma pessoa com a qual eu tenha uma ligação homossexual, nem perante a família, nem perante o trabalho. Mesmo no meu trabalho, mui-



tas vezes, as pessoas com quem eu namo-
rava na ocasião iam lá, e eu abraçava
e ficava junto e evidentemente quem
quisesse notar estava notando que era
um caso. Se não você cai na mesma coi-
sa dos heterossexuais que para assumi-
rem sua heterossexualidade, a exibem
a todo momento, quer dizer, isso é um
caso corriqueiro, você está vendo du-
as pessoas, um casal, um moço e uma
moça, estão andando na rua, de repen-
te, quando eles vêem pessoas que vêm
vindo, se beijam, se agarram, se abra-
çam como para dizer: "-olha, a gente es-
tá se amando, nós estamos bem, a gen-
te se gosta". Enfim esse é um comporta-
mento heterossexual típico, de exibir
o erotismo, uma das facetas do compor-
tamento seria o erotismo. Eu acho que
exibição, por quê?

*Quais as dificuldades que você
sente com relação às perguntas e co-
branças com relação ao amor, namoro,
casamento e feminilidade?*

Ana - É muita raridade pintar alguém
que vê que é uma mulher que está no
volante. Mas se cobram é perguntando
porque eu gosto de mulher. E eu res-
pondo que homem não me atrai, não me
faz a cabeça, eu gosto muito de mu-
lher, gosto pra caramba, desde nova, e
não vai ser agora depois dos 30 que
vou mudar de idéia. E a cada dia fica
mais forte a coisa. Quem cobra femini-

lidade são as garotas com quem eu
saio às vezes, mas eu digo que estou
legal e que só faço e uso as coisas
que gosto, que de cabeça estou legal.
E diante da família é a mesma coisa.
Tanto faz eu estar no carro ou na ca-
sa deles, é a mesma coisa.

Na época de ginásio quando eu per-
cebia que um cara estava interessado,
eu cortava a amizade no ato. Quando
eu começava num ambiente de trabalho,
eles viam que eu era diferente das ou-
tras meninas que trabalhavam. E per-
guntavam porque eu me vestia daquela
maneira, porque não usava saia, por-
que não me pintava, porque eu tinha
as unhas aparadas, esse papo assim bes-
ta, mas que para mim dizia muito. Às
vezes garotas da mesma idade que eu,
quando eu estava com 18 anos, pergun-
tavam se eu tinha namorado. Como na
hora eu não tinha resposta, eu falava
que só gostava de trabalhar e que ho-
mem não estava nos meus planos no mo-
mento. Depois elas acabavam sabendo
o que eu era.

Renata - Há muito tempo eu não sinto
mais esta cobrança porque simplesmen-
te eu resolvi não levá-las em conside-
ração. E como eu sou realmente muito
distraída, eu nem percebo quando as
pessoas estão falando isso, então é
uma questão também de atenção mais
dirigida, e a minha atenção não está
dirigida para isso, nem percebo se as
pessoas fazem isso. Na minha família
nunca houve muito essa cobrança, mi-
nha mãe me preparou muito virtualmen-
te para a homossexualidade, me dis-
suadiu muito cedo do casamento não
me perguntando nunca se eu queria ca-
sar ou não. Daí por diante, as pes-
soas, às vezes, perguntam se eu tenho
namorado, e eu digo: "-não, não tenho, o
meu caso é outro". O que eu acredito é
que as pessoas já sabem que eu seja

homossexual e são elas que não colocam a situação, não fazem perguntas diretas nem indiretas. Quanto à feminilidade, é um mito terrível, do qual eu já me exorcizei há muito tempo. Não há cobrança de feminilidade de ninguém.

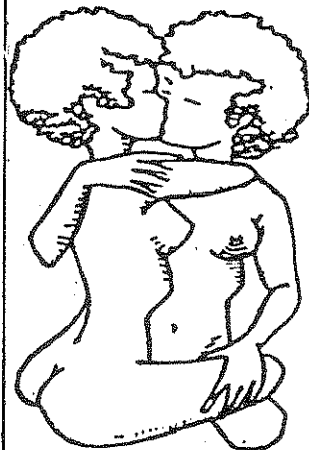
Quanto ao amor, houve uma situação há muitos anos atrás. Eu gostava muito de uma moça e houve uma separação. Eu estava sofrendo muito e queria conversar com alguém. Na época, eu estava fora do Brasil e tinha uma amiga mas que não era homossexual, mas a gente se gostava muito. Conversei com ela e percebi que ela não sabia nada da minha vida, então eu não tive coragem de romper e dizer que era homossexual, e a pessoa de quem eu gostava era uma mulher. Então eu falei muito tempo "uma pessoa" e essa amiga me deu um apoio muito grande. Mas com o tempo, por uma questão de honestidade, porque ela era muito legal, resolvi dizer como eu era, para ter um contato mais verdadeiro, e foi um horror. Ela teve o maior choque da vida dela, ficou muito deprimida e me disse que não saberia, talvez, se levantar desse choque, e houve uma separação. Então houve cobrança, nem tanto cobrança, mas expectativa que você não satisfaz e provoca choque nas pessoas. Mas com o passar do tempo, isso tudo foi realmente sumindo da minha vida, então não é que estou querendo dar uma visão otimista da minha vida. Teve esse incidente, por exemplo. Depois disso, eu não me senti realmente frustrando a expectativa de ninguém.

Como você vê as paqueras de colegas de trabalho e cantadas dos patrões?

Ana - Teve um cara, ele era meu chefe, eu estava com uns 18 para 20 anos, que chegou junto de mim me convidando

pra tomar um "chopinho", tipo assim: tomar um "chopinho" e depois vem uma série de particulares. Ele falou que não acreditava que eu não gostasse de homem e eu tinha que provar pra ele. E eu falei que não precisava sair na companhia de um homem pra dizer que não gosto. E eu não saí com ele.

Outro dia trabalhando na praça pintou um cara e falou que já me conhecia e se eu me lembrava dele. Eu falei que não e que ele estava me confundindo com outra pessoa. E ele perguntou meu nome e, quando eu falei, ele pediu desculpas e falou que era outra, que eu parecia muito com ela e que ela tinha o carro igualzinho o meu e era da praça também. Aí ele começou a contar um papo que aconteceu entre eles. Ele contou o que eles fizeram, não só o local, tudo. Aí eu falei que eu não era a pessoa que ele



ASSINE CHANA COM CHANA

ENVIE UM CHEQUE EM NOME DO GALF PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP.01000 - SÃO PAULO, SP E FAÇA SUA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA.

ASSINATURA ANUAL (5 n9s) Cr\$ 18.000,00
NÚMEROS ANTERIORES (n9s 7, 6, 5 e 2)

.....Cr\$ 14.000,00

ASSINATURA ANUAL PARA O EXTERIOR

..... US\$ 13.

NOME.....

ENDEREÇO.....

CEP..... CIDADE.... ESTADO.....



estava falando porque eu não transo homem. E ele falou...e se ele me convidasse prá tomar uma cerveja? E eu falei: "-nós podemos até tomar uma cerveja mas o senhor lá naquele cantão e eu do lado de cá porque se pintar qual quer coisa eu saio fora".

Renata - Em um dos meus locais de trabalho sô tem mulher. Mas nos outros já houve e eu os dissuadi muito sutilmente. Dizia que não estava a fim, a minha era outra.

Como se dão as reações das pessoas do seu trabalho com relação ao seu lesbianismo?

Ana - Quando eu fui entrar no meu ponto e meu alvarã saiu pro ponto, então pintou uma série de coisas. Eles falavam que não queriam sapatão no pedaço, ia sujar o ponto, o passageiro não ia pegar taxi no ponto. Mas não tem nada a ver, isso é machismo, o homem acha que é gostoso, o forte, e jamais admite uma derrota diante de uma mulher, que, além de ser mulher, é entendida. E eu falei assim, vou mostrar pra eles que tanto faz eu ser mulher, ser sapatão, tanto faz o que eu sou, não importa. No meio eu sou uma profissional tanto quanto eles e se ele está nesse ponto, eu também vou estar. Eu fui na prefeitura, no DSV, e saiu o documento. Encostei o carro e puxei fila igual a eles. Eles falaram que iam furar meu pneu, riscar meu carro. Eram uns 4 ou 5 que eram assim, e no ponto somos em 25 motoristas. E eu fui na porta do bar, tomei café e fiquei olhando. Ai chegou o coordenador do ponto, mostrei meu alvarã. Ele perguntou se eu era o que estavam falando e eu falei que sim, mas ninguém ia me tirar do ponto. Sô se eu roubasse passageiro, agredisse passageiro, aí perdia o direito do ponto, mas a minha intenção não era essa. Aí passou

o tempo, não precisou nem passar um ano, agora um quer ter mais amizade comigo que o outro.

Tem outras mulheres na profissão, mulher que transa com homem e entendi da como eu. Elas aceitam numa boa, a gente tem uma amizade legal, lésbica ou não.

Renata - Acho que se dão muito bem, tem, inclusive, os fluidos benéficos do mesmo que me tornam feliz a cada dia que passa e sinto, nas pessoas que me rodeiam uma aura de bem-estar, que estou começando a pensar que é o efeito desse lesbianismo tão profundo e convincente. Não estou exagerando.

Mas na medida em que você explicita, segundo o modo de explicitação vigente na nossa sociedade, que é dizendo e definindo, a nossa cultura é muito de definições, então a barra pesa. A homossexualidade, no momento em que você não diz explicitamente o nome, supõe-se que ela existe e então se admite, mas as pessoas não perdoam jamais quando você tira da boca delas o nome que elas não querem escutar. Elas sentem como se fosse uma violência sua. A pessoa está morrendo de saber que você é homossexual, mas se você disser eu sou homossexual, vai mudar inteiramente. As pessoas não querem a responsabilidade do saber.

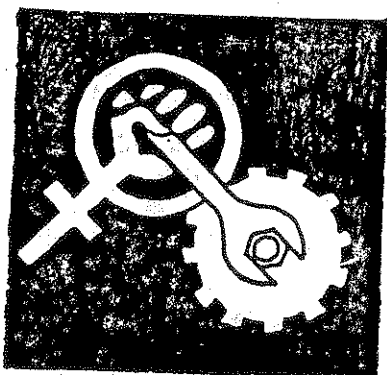
É também uma questão de postura dentro da vida pela qual eu não vejo que haja diferença tão fundamental entre os seres humanos. As semelhanças são tantas, a angústia é tão a mesma que isso faz a minha procura ser parecida com a dos outros.

Eu acredito que não é a sociedade



que isola a homossexual, mas é ela mesma, pela culpa que interioriza e pelo desejo e valorização dessa culpa. Então é ela que se isola. Para que ela não se vitimize tanto, não convém, nem é verdadeiro exagerar o papel da repressão social aã como gerador de culpas ou um dos fatores mais importantes ou talvez o único a gerar debilidade e depressão. Ela tem que assumir também e ver que vem dela de não aceitar sua homossexualidade perante ela mesma. É bom não confundir, existe o domínio do social e o domínio do indivíduo, não é por isso que ele vai ser um "ferrado" pro resto da vida.

Eu acho que ninguém tem uma vivência tranquila da homossexualidade, como se isso fosse um dom inato. As pessoas podem chegar, ter um longo processo de luta interior e exterior para uma tranquilidade com a sua homossexualidade, que eles retiram do próprio prazer que essa lhes dá não apenas no nível erótico mas em todos os níveis. E no momento que a pessoa chega lá, ela tem vontade de expandir aos outros como é possível. É luta. Retrospectivamente, houve muita luta, muito drama, muita culpa, mas ao lado disso muito prazer e muita ajuda de grupos de feministas e outras homossexuais. Sem essa ajuda eu acho que não estaria onde estou aqui. Então, ao mesmo tempo, a homossexualidade já é um fenômeno social, não é apenas individual, e a gente encontra apoio.



Quais os problemas que surgem em ser lésbica nas situações de lazer que o trabalho propicia?

Ana - Meu ambiente de trabalho é mais com os passageiros do que com os colegas. Colegas eu cumprimento no trânsito, sinal, alerta.

O meu lesbianismo não influenciou na escolha da profissão, eu sempre fui uma pessoa que queria trabalhar por conta própria, nunca depender de patrão, de horário.

Renata - Eu não gosto muito de sair tanto assim, como, por exemplo, para tomar cerveja. Eu acho chato, não é o tipo de festa que eu gosto. Mas, quando eu vou, vou acompanhada com a pessoa que estou vivendo ou sozinha.

Em termos gerais, como você se sente em relação ao seu trabalho. Trabalha no que gostaria?

Ana - Eu nunca fiz coisa que não gostasse. Eu nunca pensei, quando nova, que um dia seria motorista de táxi, foi uma coisa que aconteceu, mas eu adoro. O salário depende do meu esforço. Se eu ficar trabalhando sábado, domingo, mais horas à noite, tudo vai depender do meu horário. Depende também do aumento do táxi, aumento de bandeirada, aumento de combustível. Mas é tranquilo, sempre deu pra viver graças a Deus. Eu não dependo de ninguém e nem quero cobrar nada dos meus pais. Eu não aceitaria nada do que é deles. Eu acho que a partir do momento que você é um ser humano, nasceu e cresceu, tem que se assumir, tem que se fazer.

Renata - O salário não é suficiente. Na nossa sociedade, ou a gente trabalha ou ganha dinheiro. Como meu chefe é o estado, as relações com chefe, já não tem problemas.

Eu comecei como professora, e é realmente um ramo da mulher. Então, é di-

fácil haver competições, haver preterições pelo fato de ser mulher.

Quais as formas de mudar para melhor a situação das lésbicas no trabalho?

Ana - Vai depender de cada cabeça por que cada ser humano se assume de uma forma. Eu não penso no geral. Penso no que é bom pra mim e para a pessoa que está ao meu lado. Porque eu não tive barra, não sou uma pessoa que lamenta nada na minha vida, tudo que aconteceu, tinha que acontecer. Eu acho que cada um tem que batalhar o seu espaço no ambiente de trabalho e na sociedade. Eu saio aí, em qualquer ambiente, e ninguém mexe comigo.

Já aconteceu problemas no taxi, mas eu disse que não estava lá para fazer e acontecer, que mulher está cheio por aí e eu sei chegar junto e ganhar, não precisa ser no meu ambiente de trabalho. Não é a passageira que eu vou ganhar. Posso até ganhar uma passageira, como já ganhei tantas, mas assim circulando.

Com a minha namorada eu saía abraçadinha, a gente se beijava na rua onde eu moro, e nunca ninguém apontou o dedo pra mim e falou besteira.

Renata - Que a mulher é discriminada é. Que ela ganha menos, trabalha talvez mais, tem serviço subalterno, tem a cantada do chefe, isso tudo tem. Mas a lésbica no trabalho? Porque, se eu soubesse que há pessoas lésbicas no trabalho que estão sofrendo discriminação, seria mais fácil de responder.

nota

Esta matéria, de forma alguma, esgota o tema "Lésbicas e Trabalho". Se você quiser nos enviar um depoimento sobre suas experiências neste sentido, nós o publicaremos nos próximos Chana comChanas.

RSA 20c



TROCA CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA
TRANSA, ESCREVA P A R A :

BEATRIZ

Av.: São Paulo, 452 Ato. 32
11.700 - Praia Grande - SP

ELAINE CRISTINA

Cx. Postal 6359 - 01051 - SP

DOROTI MARIA AROSI PEREIRA

Rua Alegrete, 883
97.000 - Canoas - RS

JEANNE MARIA GOMES CARMO

Rua Alexandre Fazzi, 106 Apto 110
30.000 - Belo Horizonte - MG

LUIZA

Rua Cuiabá, 200
69.000 - MANAUS - AM

LILIANE VASCONCELOS CABRAL

Rua Rufino de Alencar, 209
60.000 - Fortaleza - CE

M. KITAOKA

Rua São Francisco, 234
18.157 - CAPELA DO ALTO - SP

MARTA CONCEIÇÃO BARBOSA

Cx. Postal 1007
97.100 - Santa Maria - RS

MARIA JANETE ALVES CRUZ

Av.: Gasper Martins, 180
96.500 - Cachoeira do Sul - RS

MARIA REGINA C. PASSOS

Rua Manoel Bueno de Barros, 184
13.100 - Campinas - SP

MARISTELA GOIA

Rua Delmira Ferreira, 25
04125 - Ipiranga - SP

MARIA

Rua Maria Jasoni Novazzi, 27
08.500 - Poá - SP

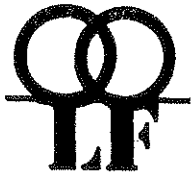
MARIA BERNADETE DE SIQUEIRA

Rua Mirabella, 121
03376 - Vila Diva - SP

VERA LUCIA MORAES

Alameda Glória, 849
09.700 - São Bernardo do Campo - SP

OS ENDEREÇOS ACIMA TRANSCRITOS SÃO DE PESSOAS QUE NOS ESCREVERAM SOLICITANDO CORRESPONDÊNCIA. ESCREVA TAMBEM.



CHANA COM CHANA

9

SÃO PAULO

DEZ / FEV · 1985/6

CR\$ 5.000,00

LÉSBICAS E SEXUALIDADE



aids . constituinte .
poesia . troca-cartas



por que nós nos chamamos de lésbicas?

Algumas pessoas que consideram a palavra lésbica feia, pesada ou ofensiva nos perguntam por que nós nos chamamos de lésbicas. Para responder a esta questão, vamos contar uma história que nos levará há muitos, muitos anos atrás.

A origem da palavra lésbica liga-se à ilha de Lesbos, situada no mar Egeu (Grécia), próxima da costa turca, onde viveu, no século VI A.C., uma mulher chamada Safo. Safo foi uma poetisa lírica cuja obra de grande valor literário tornou-a uma das figuras mais renomadas e, mesmo adoradas, de sua época. Como outras mulheres aristocratas da Grécia Oriental, ela não estava presa às tarefas domésticas e podia participar da vida política, ter bens próprios, exercer uma profissão e amar a quem lhe agradasse. Ela organizou uma escola de artes para mulheres em Mytilène, Lesbos, onde ensinava poesia, canto, música e, dizem, o amor. Realmente, seus poemas versavam sobre o amor entre mulheres, embora até hoje ainda se tente escamotear esse fato. De qualquer maneira, e, no entanto, a palavra lesbianismo foi atribuída ao amor entre mulheres em lembrança ao lugar onde, no século VI antes de Cristo, viveu a grande poetisa.

Nos séculos seguintes, com o avanço do patriarcado e a progressiva perda de poder e liberdade das mulheres bem como com o advento do cristianismo e suas fogueiras de purificação, a maior parte da obra de Safo, considerada pagã, foi queimada. Os fragmentos restantes foram mal traduzidos, mutilados mesmo, e as amadas de Safo transformadas em amados. Todavia, recentemente, numa expedição ao Egito, pedaços de papiro foram descobertos contendo fragmentos dos poemas de Safo que decifra-

dos e reconstituídos não deixaram dúvidas. Todos os poemas líricos encontrados eram endereçados a mulheres.

A palavra lésbica só passa a ser utilizada, no vocabulário geral, para designar mulheres que amam mulheres no final do século passado e não com a conotação de poesia e lirismo da obra de Safo. Foi preciso esperar por todo o século XX até a década de sessenta, com o surgimento dos movimentos de libertação das mulheres e das pessoas homossexuais, para que ela fosse retomada com um sentido positivo. Desde então, apoiadas na origem histórica da palavra, mulheres que amam mulheres em todo mundo vêm preferindo chamar-se de lésbicas, investindo essa designação de conceitos de força, independência, liberdade e beleza.

Porém, alguém pode dizer: "- Mas, a sociedade não vê as coisas dessa maneira e utiliza o nome lésbica como um palavrão, para nos ofender." Isso é verdade! Todavia, é preciso lembrar que essa sociedade que dá uma conotação tão ruim a palavra lésbica é a mesma que classifica as relações entre mulheres como doentes anormais, pervertidas, sacanas, pecaminosas, anti-naturais e outras tantas bobagens que estamos cansadas de ouvir. Nem por isso a gente leva esses conceitos a sério ou deixa de gostar ou de transar uma com a outra. Então, por que deixar que a sociedade machista e preconceituosa atribua à palavra lésbica um sentido ruim que, como nós vimos por sua origem, ela não tem?

Na verdade, as palavras são criadas por pessoas e são as pes

madivian	lesbiér	性	lesbisch	lesbienne
				pot
lesbisk	lésbica	女	Lesbier	Л'юб
warmi				gouine
女	goudou		mati	ЛЕСБИАНКА
sevigí		lesbdänen		marimacha
Lesbianin	santikim		lesbisk kvinde	fortilla
lesbica		lesbiana		PATLAGE

soas que têm o poder demudar a conotação ou mesmo o significado das palavras. Saber a origem das designações que são usadas para nos ofender é uma forma de passar a perna na repressão e até mudar a visão que temos de nós mesmas. A palavra homossexual, por exemplo, que muita gente aprecia por parecer mais séria, "científica" ou "técnica" tem uma origem bem ruim, como já tivemos oportunidade de escrever aqui no Chana. Ela foi criada recentemente, em meados do século XIX, para classificar uma doença, o homossexualismo, e, conseqüentemente, diagnosticar as pessoas que transavam com outras do mesmo sexo como doentes. Além disso, ela nos faz acreditar num suposto 3º sexo, o que implica dizer que lésbicas e gays não são mulheres nem homens, mas sim uma espécie invertida à parte do resto da raça humana. Não é um absurdo?

Bom, para terminar a nossa história, nós só podemos dizer que preferimos nos chamar de lésbicas porque a palavra tem uma origem bonita que nos leva a pensar em imagens de prazer, beleza e liberdade e não em visões pseudo-científicas de doença, anormalidade ou bobagens de 3º, 4º ou sei lá que sexo. Podemos dizer também que preferimos a palavra lésbica simplesmente porque ela quer dizer mulher que ama mulher.

E, para aquelas que ainda se ressentem da conotação ofensiva dada pela sociedade machista à palavra lésbica, recomendamos que lembrem do significado positivo que expusemos aqui e tentem ir utilizando essa denominação com constância e naturalidade. Com o passar do tempo será tão tranquilo dizer lésbica quanto dizer pão e os preconceituosos da vida não vão poder mais agredir vocês dessa maneira. Com a gente foi assim. Experimentem!
GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA (GALF)

NOTAS

1. Uma flor para os malditos: Homossexualidade na Literatura, Mára Faury, pág. 23



**NAO TENHA VERGONHA!!
LUTE POR SEU DIREITO DE
VIVER COM PAZ E PRAZER
associe-se
ao g a l f**

Agora, com uma taxa mensal de apenas Cr\$10.000,00 você pode associar-se ao GALF e colaborar com o nosso trabalho. Associando-se você passa, de acordo com a sua escolha,:

- 1) a integrar nossa lista de correspondentes (com endereços de mulheres de todo o Brasil) que é publicada no ChanacomChana a cada edição;
- 2) a obter informações sobre pontos de encontro (bares, boates, hotéis) e sobre entidades feministas, lésbicas e homossexuais do Brasil e do exterior;
- 3) a receber o histórico do GALF e indicações de livros sobre feminismo, lesbianismo e homossexualidade. (Também xerocamos livros nacionais ou importados a pedidos);
- 4) a receber informes sobre as atividades públicas que o GALF pretende realizar e a contar com o nosso apoio psicológico e afetivo quando precisar.

* Atenção: Os cheques ou vales postais devem vir apenas em nome do GALF (só a sigla).
GALF, CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01150
SÃO PAULO, SP.

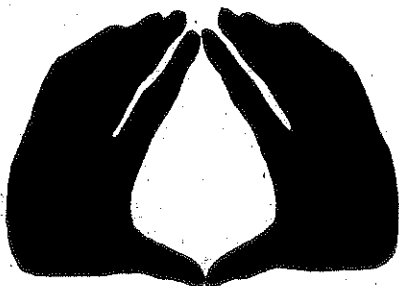
EM MOVIMENTO

MONUMENTO ÀS MULHERES LÉSBICAS E AOS HOMENS GAYS MORTOS EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

O 1º monumento dedicado unicamente às mulheres lésbicas e homens gays mortos em campos de concentração nazistas foi descerrado, e em maio deste ano, em Hamburgo, Alemanha Ocidental, segundo relato da United Press International. Feito de granito rosa, o monumento foi erigido no local do campo de concentração de Neuengamme por um grupo chamado Homossexuais Alternativos Independentes. O monumento leva a seguinte inscrição: "Dedicado às vítimas homossexuais do Nacional Socialismo, 1985". Aproximadamente 150 pessoas compareceram a cerimônia de inauguração.

Acredita-se que entre 250.000 a 500.000 lésbicas e gays morreram em campos de concentração nazistas. (Gay Community News, Boston)

Este informe nos faz recordar o quanto os governos totalitários de esquerda ou de direita, principalmente os últimos, são reacionários e repressivos em relação à sexualidade, chegando, até mesmo, a efetuar o extermínio dos "diferentes", como ocorreu durante o nazismo. Por isso, na hora de apoiar qualquer partido ou candidato que seja, é sempre bom verificar o que eles pensam sobre as mulheres, a homossexualidade e o lesbianismo, senão você corre o risco de "malufar" o seu futuro, viu?



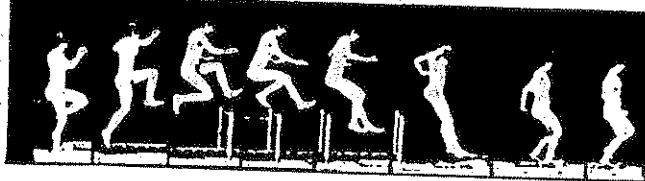
• Este é um dos símbolos da mulher feito com as duas mãos, formando um triângulo.

LÉSBICAS EM NAIRÓBI

As mulheres do Serviço de Informação Lésbica Internacional (ILIS), de Genebra, Paris e da Holanda, andaram agitando em Nairóbi, Quênia, durante a Conferência das Nações Unidas para o encerramento da década da mulher (1975-1985). Ao contrário do que se difundiu pela imprensa, inclusive a brasileira, elas não foram proibidas de distribuir seus panfletos pela organizadora da conferência, Nita Barrow, mas sim, simplesmente, advertidas de que poderiam ter problemas com as autoridades locais. Na verdade, a própria Nita, num encontro com a imprensa, declarou que as lésbicas, como todas as outras mulheres, eram bem vindas ao Fórum. Além disso, no final da conferência oficial das Nações Unidas, a Secretária de Estado Holandesa para Emancipação falou sobre a posição das lésbicas, sobre a dupla opressão que sofremos enquanto mulheres e lésbicas, da importância de se quebrar a invisibilidade e da necessidade de se ver os relacionamentos lésbicos como uma alternativa totalmente viável à heterossexualidade.

À parte as declarações oficiais, as reuniões também foram boas para as lésbicas presentes em Nairóbi. O ILIS levou 4.000 panfletos com o título "Mulheres que amam Mulheres" e 500 boletins do ILIS, distribuídos durante a conferência, assim como organizaram vários encontros sobre "assumir-se, lésbicas e outros movimentos de mulheres, lésbicas e prostituição e pornografia e grupos lésbicos na América Latina, África e Ásia". As mulheres da América Central e do Sul e da África enfatizaram a necessidade de receber boa informação sobre as lésbicas e os estilos de vida lésbicos, o que elas consideraram ser a coisa mais concreta que o ILIS pode realizar.

A nível oficial, as oficinas sobre lesbianismo trataram dos



temas "Lésbicas e Trabalho, Lésbicas e Saúde, Lésbicas e Racismo e Rede Lésbica Internacional". Também discutiu-se o trabalho dos arquivos lésbicos, reformas na lei e lésbicas e juventude.

Todas as oficinas foram bastante concorridas, principalmente a de trabalho, onde "através da discussão sobre independência econômica, sobre o "assumir-se" no trabalho sobre casos de discriminação, etc..., tornou-se claro que ser uma lésbica é mais do que o que acontece na cama, é um desafio ao princípio organizativo básico da maioria das sociedades, ou seja, a estrutura da família, e, por isso, uma questão política de direitos humanos."

O ponto alto do Fórum foi a conferência de imprensa, onde lésbicas de várias partes do mundo (México, França, Porto Rico, Espanha, Índia, Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos, Inglaterra, Peru) falaram sobre suas situações, colocaram suas exigências e deixaram claro que nós estamos em todo lugar e que não ficamos mais em silêncio.

As mulheres do ILIS partiram de Nairóbi com muito entusiasmo, muitos endereços e a esperança de poder fazer do próximo encontro do ILIS, em março de 86, um encontro de mulheres lésbicas realmente internacional. Até agora, cerca de dez países, ou melhor, mulheres de dez países já responderam a carta-convite do ILIS, a saber: Alemanha, Brasil, Chile, Costa Rica, Kenya, México, Nigéria, República Dominicana e Suíça. As mulheres do ILIS continuam tentando conseguir financiamento junto a organismos oficiais no sentido de tornar o encontro acessível para as mulheres do Terceiro Mundo. Que as Deusas nos ajudem!
(ILIS- INTERNATIONAL LESBIAN INFORMATION SERVICE, 5 Bd St. Georges 1205 GENEVA, SWITZERLAND)

FIM DO ESPAÇO GAY

Desde novembro de 83, que bichas, travestis e lésbicas, de uma maneira geral, tinham, no Espaço Gay do Notícias Populares (NP), um veículo de divulgação de suas atividades. A responsável pela coluna, assinando com o pseudônimo de Julian Gray, sempre demonstrou solidariedade em relação ao trabalho do GALF e anunciava a existência do grupo, do Chanacom - Chana e de como as pessoas podiam adquiri-lo. Julian valorizava a nossa luta contra a discriminação abrindo-nos o espaço de sua coluna.

Entretanto, para surpresa geral, a partir de 2/9/85, o Espaço Gay do NP deixou de existir. Primeiro, pensamos que o fato era devido às férias da responsável, mas, mesmo depois de passado um mês, a coluna não voltou a circular. Fui pessoalmente conversar com Julian Gray para saber o que havia acontecido e passo agora para vocês os fatos por ela relatados.

Julian entrou em férias de um mês no dia 2 de setembro passado, portanto, até o dia 2 de outubro. O seu Editor-chefe, Ebrahim Ramadam, pediu que deixasse prontos (com antecedência) os 30 artigos que correspondiam aos seus dias de férias. Acharo o pedido injusto pois lhe acarretaria trabalhar durante o mês de férias e sem condições psicológicas para tal, já que teria que enfrentar em breve uma cirurgia, ela recusou.

Como não costuma ocorrer naquele jornal, não colocaram ninguém para substituí-la na redação de sua coluna durante as férias. Quando

LESBIAN STRENGTH '85



Mais de mil mulheres marcharam através de Londres para celebrar o dia da Força Lésbica, em 22 de junho /85.

Julian voltou, o seu Editor-chefe disse-lhe que não tinha havido procura pela coluna, que ninguém havia reclamado pela falta do Espaço Gay, já que eles não tinham recebido nem cartas nem telefonemas para ela. Julian acha que não dá para comprovar a veracidade destas colocações porque, obviamente, ela tinha estado ausente no período, mas que, em geral, ela costumava receber uma média de 2 cartas e de 6 a 8 telefonemas por dia. O Editor-chefe disse também que o departamento de circulação do jornal, que avalia o número de vendas do periódico em cada bairro, calculava que a quantidade de leitores gays do NP é mínima, não ultrapassando 2.000 pessoas. Acrescentou que o Espaço Gay era a pedra no sapato do leitor médio do NP, leitor moralista e conservador, que gosta de ver mulher pelada no jornal, mas não leva para casa para que a filha não veja. Julian me disse que achava mais significativo poder ter uma coluna como o Espaço Gay no Notícias Populares do que na Folha de SP, por exemplo, justamente para poder atingir o público moralista que lê o NP.

Além destas histórias(o u serão estórias?) do Editor-chefe do Notícias Populares, uma coincidência (será?): o radialista Afanázio Jazadi que andava, desde o Carnaval, de relações cortadas com o NP por causa de umas fotos publicadas naquela ocasião pelo jornal e que ele considerara indecentes, reatou a velha amizade. Esse reatamento deu-se exatamente no período de agosto/setembro e o famigerado radialista, como se sabe, odeia bichas e lésbicas.

De concreto, nós temos o fato de que o Espaço Gay deixou de existir e de que este fato é lamentável. Nós, do Galf, chegávamos a receber mais de 5 cartas por semana de mulheres lésbicas que ficavam sabendo da nossa existência através da coluna. O fim do Espaço foi um retrocesso como a vitória do Jânio Quadros. Mas, ainda dá para protestar. Uma coisa imediata que podemos fazer é encher a editoria do NP com cartas de protesto ao Editor-chefe Ebrahim Ramadan e de solidariedade a Julian Gray, pedindo a volta do Espaço Gay. O endereço é: Al. Barão de Limeira,

425, 5º andar, cep 01202, Campos Elísios.

ROSELY

PINTOU O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER(CNDM)

O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER(CNDM) foi criado pela lei nº 7.353 de 29 de agosto de 1985 como resultado dos 10 anos de lutas empreendidas pelos grupos feministas brasileiros contra a discriminação.

Agora, as mulheres têm um organismo institucional, ligado ao Ministério da Justiça mas com autonomia administrativa e financeira, que se propõe a encaminhar suas questões, começando com um programa prioritário de combate a violência, de implantação de creches e da campanha pela participação das mulheres na Constituinte, como vocês devem estar vendo pela TV.

O CNDM tomou posse no dia 10 de setembro de 85, no Palácio do Planalto, tendo assumido a presidência da entidade a atriz e ex-deputada pelo PMDB Ruth Escobar, assessora da por 17 conselheiras efetivas e 3 suplentes.

Se você deseja maiores informações sobre o CNDM, escreva para o Edifício Sede do Ministério da Justiça, sala 445, 4º andar, Brasília, DF, cep 70.064.



UMA AMAZONA EM LUTA

III ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE: ENFIM, DE VOLTA, UM FEMINISMO DE B O M A S T R A L .

MÍRIAM

Pois é! Fui para o III ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE relutantemente, cansada que andava do feminismo local com seus intermináveis mapeamentos político-partidários, seus heterossexismos*, jogos de poder, omissões e expulsões. Fui mais naquela perspectiva bem militante de marcar presença, vender o ChanacomChana e, se possível, fazer algum contato agradável com mulheres de outros países. Entretanto, para minha surpresa, o encontro me pegou pelo coração.

O lugar escolhido para os quatro dias de reunião, uma colônia de férias em Bertiooga, era muito bonito, em frente a praia, com alojamentos e chalés que receberam o nome de grandes mulheres da história brasileira**. O tempo também ajudou, mantendo-se sempre claro e quente, e, à noite, o bar ficava aberto para as mulheres bebericarem e dançarem a salsa, o samba, o tango, o rock, etc. Enfim, foi uma festa!

Acima de tudo, o encontro me tocou pelo visível empenho da maioria das pessoas em preservar o respeito pelas diferenças existentes entre nós, mulheres. Não que não tenha havido conflitos, o que seria inclusive impossível num evento com cerca de 800 mulheres, mas é que a disposição geral era mesmo mais no sentido de garantir a troca de idéias do que no de se contrapor (ou de se impor) a qualquer custo. Aliás no meu entender, foi só esse cuidado, esse tato, que possibilitou uma convivência cordial, alegre e até carinhosa entre mulheres negras, brancas, lésbicas, heterossexuais, de classe média, de periferia, do campo, de partidos políticos, independentes, de diferentes países e muitos outros etc, etc... É certo que muita coisa ficou por se discutir melhor, mas de qualquer maneira, foi garantida uma abertura suficiente para o desenvolvimento de debates futuros e, sem dúvida,

foi possível estabelecer contatos antes improváveis. Por fim, e principalmente, houve espaço para se discutir, por 3 vezes, a questão do lesbianismo, como relatarei mais à frente.

NOTAS FORA

Mas, nem tudo foi maravilhoso e o Encontro também teve os seus grilos.

As notas fora do encontro ficaram por conta, primeiro, da discutível decisão da comissão organizadora de proibir qualquer acesso da imprensa, segundo, do lamentável problema surgido a partir da chegada de um ônibus de faveladas do Rio de Janeiro que queriam entrar sem pagar. No fim, a única coisa que os jornais registraram sobre o Encontro foi a confusão com as mulheres do ônibus.

A interdição da imprensa foi justificada como um meio para impedir possíveis "difamações" de jornalistas machistas que, a exemplo do encontro anterior, poderiam voltar a



nos chamar de sapatonas desocupadas. A justificativa não me convenceu, principalmente porque, com base nos contatos do GALF com jornais e revistas, sei que uma parte da imprensa mudou, como de resto a sociedade em geral, e já não aborda a questão do feminismo nem a do lesbianismo apenas de forma preconceituosa ou sensacionalista, como fazia há dois anos atrás. Além disso, está mais do que na hora de pararmos de ficar constrangidas quando nos chamam de sapatonas porque, afinal, não há nada de vergonhoso em ser lésbica e, embora, o Movimento Feminista pareça ser majoritariamente heterossexual, tem mesmo muita lésbica dentro dele. E por que não?

O problema surgido a partir da chegada do ônibus de faveladas foi bem mais complicado e quase fez dançar o bom clima do encontro. As mulheres que se diziam faveladas, alegando que a inscrição de 60 dólares era muito alta, queriam entrar sem pagar, embora soubessem antecipadamente que aquele era o esquema básico de financiamento do encontro, pois ele não estava sendo subvencionado por nenhuma organização e sim do próprio bolso das participantes. A comissão organizadora argumentava, então, que as mulheres eram manipuladas por algum político carioca com o objetivo de desmobilizar o encontro e não queriam saber de acordo. Houve tentativas de arrecadar dinheiro para que mais mulheres do ônibus pudessem entrar e discussões acaloradas sobre o "provável" racismo e classismo da comissão organizadora que não aceitou sequer a proposta conciliatória de participação das mulheres apenas nos debates, sem utilizar os alojamentos ou o restaurante.

Como toda essa discussão estivesse transcorrendo em português e as informações fossem muito desconstruídas, a maioria das mulheres de língua espanhola desistiu de tomar qualquer decisão e, mesmo as brasileiras, cansadas da confusão, preferiram deixar que apenas a comissão organizadora resolvesse o caso. Conclusão: as mulheres do ônibus continuaram acampadas na praia e várias participantes do encontro foram conversar com elas à beira-mar. Dentro

da colônia de férias, prosseguiram, em separado, as discussões sobre o assunto e correram abaixo-assinados contra a decisão da comissão organizadora. De qualquer maneira, o encontro conseguiu contornar o problema e transcorreu em clima de festa até o final, apesar do fantasma do ônibus de faveladas permanecer nos espreitando em cada debate.

A avaliação desse lamentável acontecimento levou grande parte das pessoas, em Bertioga, a concordar que o próximo Encontro, daqui há 2 anos, no México, tem que ter em vista formas alternativas de participação, além do esquema básico para financiamento do evento, pois, sem dúvida, as mulheres latino-americanas, em sua maioria, são realmente pobres e, mesmo com muito esforço, às vezes, não dá para conseguir se auto-financiar ou conseguir subvenção para passagens e acomodações. Talvez, inclusive, mais alternativas de participação reduzam também as possibilidades de manipulações de qualquer espécie.

Em resumo, a questão reside em como manter o conforto e a tranquilidade garantidas pela estrutura deste encontro e, ao mesmo tempo, criar diferentes formas de colocar tudo isso à disposição de mais mulheres.

LESBIANISMO NO ENCONTRO

Como eu disse anteriormente, foi possível discutir a questão do lesbianismo por três vezes, isso, evidentemente, fora as conversas paralelas nos bastidores, corredores, e a apresentação do vídeo sobre lesbianismo na TV brasileira que nós, do GALF, levamos para o Encontro.

Em relação às reuniões, houve uma só para lésbicas, com mulheres de diferentes países relatando suas experiências; outra em decorrência da comunicação individual de Hilda Rais, da Argentina, intitulada "Lesbianismo, Apuntes para una Discusión Feminista", e ainda outra que foi a discussão oficial do Encontro sobre o tema com a participação de mulheres lésbicas e heterossexuais.



SÓ LÉSBICAS

A reunião só para lésbicas, convocada por nós, do GALF (Brasil), e o GALF (Peru), Grupo de Auto-Conscientização de Lésbicas Feministas, realizou-se ao ar livre, perto do bar e com a presença de várias mulheres, máquinas fotográficas, aparelhos de vídeo, gravadores e muitos risos. Nessa reunião, mulheres do Brasil, Argentina, Peru, República Dominicana, México, Chile, EUA, Canadá e da Europa colocaram suas vivências em relação a seus grupos lésbicos (quando pertenciam a algum), em relação ao Movimento Feminista de seus respectivos países e em relação a outras lésbicas não-feministas.

Neste sentido, houve dois traços comuns nos discursos presentes: primeiro, a maioria das mulheres brasileiras e dos outros países, com exceção do México, relatou que, para seus respectivos Movimentos Feministas, a questão do lesbianismo ainda é um tabu, sendo ou simplesmente omitida ou abordada raramente e de forma superficial; segundo, a maioria das pessoas, com exceção de nós, do GALF, declarou que tinha sérias dificuldades em tratar com lésbicas não-feministas, principalmente a nos bares e boates, dada a reprodução dos papéis sexuais de masculino e feminino (ativa e passiva) existentes entre essas mulheres. Aliás, a discussão sobre papéis sexuais esteve presente em todas as reuniões sobre lesbianismo, em particular na apresentação do trabalho de Hilda Rais, da Argentina, e merece, por isso, um comentário à parte que farei mais adiante.

Algumas mulheres de origem latino-americana, mas residentes nos Estados Unidos, falaram sobre seus trabalhos com música, teatro, etc., e sobre a questão do racismo norte-americano que é muito séria.

A representante do Coletivo de Feministas Lesbianas de Madrid, Espanha, com cerca de 25 mulheres, relatou que seu grupo havia aberto espaço no feminismo espanhol estando presente e atuante em todas as frentes possíveis. Neste ponto, lembro-me de ter dito que, aqui em São Pau-

lo, embora nós, do GALF, sempre tivéssemos procurado estar presentes em reuniões sobre aborto, planejamento familiar, violência doméstica (entre homens e mulheres), etc., muito poucas vezes tínhamos conseguido o apoio efetivo do Movimento Feminista, entre outras coisas porque, obviamente, aqui a conjuntura é diferente da européia.

Uma mulher do México também relatou que, em seu país, os grupos lésbicos haviam se dissolvido já há alguns anos, dando a impressão de que isto teria acontecido por falta de perspectivas políticas. Entretanto, temos informação de que, na verdade, até novembro de 83, no Estado de Morelos, México, por exemplo, havia um grupo chamado Lesbianas Morelenses que ocupava uma casa onde desenvolviam um trabalho com arquivos, cine-clube, reuniões, dispensário, etc... Essas mulheres foram expulsas pela polícia (pelo menos, lá é a polícia que expulsa!) não só do centro onde trabalhavam como também de seu próprio estado natal. (OUTWRITE julho de 84, nº 27, Londres)

Por fim, esta primeira reunião sobre lesbianismo terminou com trocas de endereços e vendas de cartazes e boletins dos grupos organizados e com a perspectiva de manutenção dos contatos feitos.

A COMUNICAÇÃO INDIVIDUAL

As duas outras reuniões sobre lesbianismo deram-se no mesmo dia: uma de manhã e outra à tarde.

Por uma questão de organização particular, relatarei primeiro a reunião da tarde que se desenvolveu a partir da comunicação indivi-



dual de Hilda Rais, intitulada Lesbiano, Apontamentos para uma discussão feminista.

Neste trabalho, Hilda Rais analisa a questão da repressão a o lesbianismo sob uma ótica feminista, ou seja, analisa a discriminação às lésbicas como intrinsecamente ligada à situação das mulheres de uma maneira geral. Assim sendo, Hilda declara que a lésbica é reprimida porque foge ao papel a ela designado enquanto mulher por nossa sociedade que é o de ser reprodutora da espécie, objeto sexual e reprodutora da força de trabalho no casal ou no grupo familiar. Além disso, ela coloca que a lésbica também desmascara o mito falocêntrico***de que uma mulher para gozar precisa de um pênis e o de que os papéis sexuais de masculino e feminino são naturais em vez de culturais. Em outras palavras, generalizando, a lésbica é uma mulher que não depende nem sexual, nem emocional nem economicamente dos homens e que escolhe se quer ou não ser mãe. " Já não se trata então de uma conduta sexual individual perturbadora, mas sim da transgressão e da desordem de um sistema. " (pág. 2)

Depois, Hilda fala da violência exercida contra as lésbicas, violência esta que é individual, familiar, social e institucional e que se apresenta, mais ou menos, através de 3 modalidades: primeiro, da negação, do não-registro da existência do lesbianismo (nada de sexual pode acontecer entre mulheres); segundo, da tolerância (gostamos dela, apesar de ser lésbica) e terceiro, através da violência organizada da repressão policial, da discriminação no trabalho e da prática da psicologia clínica tradicional. Em seguida, ela coloca como toda essa estrutura opressiva atua na auto-imagem das mulheres lésbicas que experimentam sentimentos de culpa, vergonha, medo, solidão, isolamento, etc... e de como esses sentimentos vão contribuir para a existência do gueto (bares, boates especificamente homossexuais) onde, segundo a autora, a reprodução dos papéis heterossexuais de ativo e passiva é generalizada.

Finalizando, Hilda fala a respeito da situação das lésbicas em



relação ao feminismo, defendendo a existência, mesmo que transitória, de grupos específicos de auto-consciência e auto-afirmação com o objetivo de poder participar mais plenamente do Movimento Feminista. Ela convoca também as mulheres de vivência heterossexual a revisarem seus preconceitos e não mais verem o lesbianismo como um simples apêndice do tema mulher para que, desta forma, possa ser mantido o diálogo entre as diferenças.

Após a leitura do texto, as mulheres presentes passaram à discussão do tema, enfatizando a questão do gueto e da reprodução dos papéis de ativa e passiva entre as lésbicas. A maioria - havia umas quinze ou mais mulheres na sala - colocou que considerava a reprodução dos papéis uma coisa limitadora e que, nos guetos de seus respectivos países, a violência, o machismo e o alcoolismo eram muito comuns.

Apesar de reconhecer que, em parte, essas considerações são verdadeiras, devo confessar que me espantei com a ênfase dada a temática e a maneira como ela foi abordada nas reuniões sobre lesbianismo. No Encontro, eu e Rosely, que estávamos lá pelo GALF, chegamos a fazer algumas contestações dessa postura, mas não deu para aprofundar. Por isso, aqui, vou tentar avançar um pouco mais nesse debate.

E faço isso porque a maioria das considerações feitas sobre os papéis e o gueto me pareceram muito lineares, ou seja, muito só negativas e com um viés de moralismo.

Digo isso porque, por um lado, todos nós, mulheres e homens, de vivência homossexual ou heterossexual

xual, feministas ou não-feministas, fomos criados a partir dos conceitos de masculino e feminino e todos nós, de acordo com o nosso nível de informação e de questionamento, reproduzimos, em maior ou menor escala, os valores contidos nesses conceitos. O u seja, nenhum de nós, é imune a essa "educação" e nenhum de nós está, por tanto, em posição de atirar a primeira pedra. Quero dizer que nós, que temos uma perspectiva feminista, não podemos confundir a necessidade da desmistificação da naturalidade dos papéis sexuais (ou seja, a necessidade de informar as pessoas de que essa estória de masculino e feminino não nasce com a gente não, é tudo inventado) com uma posição pseudo-iluminada e catequista de menosprezo para com aquelas mulheres lésbicas que não conhecem ou não compartilham de nossas idéias.

Por outro lado, também, acho bastante discutível ver as relações fanchona-lady ("ativa-passiva") como meras reproduções do comportamento heterossexual. É certo que essas relações utilizam dados retirados dos conceitos de masculino e feminino, tais como, por exemplo, uma maior agressividade nas fanchonas e uma maior delicadeza nas ladies, mas a função primordial dos papéis que é a de manter a submissão da mulher ao homem e a certeza da paternidade através da monogamia feminina, não existe, evidentemente, nas relações entre mulheres.

Nas relações entre mulheres, a existência dos papéis de fanchona e lady não significa necessariamente que essas relações sejam opressivas, quer dizer, não determina, em si, que uma das parceiras tenha mais privilégios ou controle da situação que a outra. Além do que, esses papéis podem mudar de relação para relação ou mesmo mudar numa única relação.

Ao contrário, nas relações entre mulheres onde não são cultivados os papéis de fanchona e lady, pode haver um desequilíbrio de poder com base em diferenças de idade, cor, classe social, nível de informação, etc, que levem a uma situação bem desigual e bastante opressiva para uma das parceiras.

Resumindo, na minha opinião, a utilização dos papéis de fanchona e lady tem a ver também com a criação de uma linguagem erótica entre mulheres, tem a ver também com a fantasia e busca do prazer e não pode ser definida sumariamente como reprodução das relações heterossexuais.

Agora, no que diz respeito ao gueto, surgem realmente problemas de violência, de machismo e de alcoolismo, entretanto, eu não afirmaria que isso é decorrência da reprodução dos papéis de ativa e passiva, mas sim fruto do próprio contexto de marginalidade desses locais que influencia negativamente a auto-imagem das lésbicas que os frequentam com assiduidade. Neste sentido, a determinação de padrões rígidos de comportamento, tipo as sapatonas e as mulheres, é apenas um dado a mais.

De qualquer maneira, os guetos também não podem ser execrados como lugares onde apenas se reproduz todos os valores do sistema machista pois eles ainda são os únicos espaços de socialização possíveis, no Brasil pelo menos, para as mulheres lésbicas. Sem eles, muitas mulheres estariam fadadas ao mais terrível isolamento e a mais completa solidão, que, com certeza, são piores que qualquer gueto. Além disso, aqui em São Paulo, por exemplo, os bares e boates que conheço vêm refletindo as mudanças ocorridas na sociedade em geral e é possível ir a maioria deles sem grandes aborrecimentos. Mais que isso, se pretendemos um espaço alternativo para as lésbicas, precisamos, a ex. de outros países, construí-lo começando por reivindicar maior visibilidade política dentro do próprio Movimento Feminista.

Finalizando, minha intenção ao fazer essas observações meiodemoradas, não foi, evidentemente, para propor que as relações lésbicas se estruturam a partir de papéis bem determinados, mas sim para que tomemos cuidado em nossas incursões no terreno da sexualidade que é muito complexo e não corramos o risco de, invés de liberá-la, incentivando a liberdade individual, acabemos circunscrevendo-a, mais uma vez, a novos padrões de comportamento, mesmo que eles nos pareçam os mais ideais.



A DISCUSSÃO OFICIAL

A discussão oficial do Encontro sobre lesbianismo reuniu mais de 70 mulheres de vivência lésbica e heterossexual numa sala que recebera o nome de Cora Coralina, poetisa brasileira.

Nessa reunião, várias mulheres colocaram da importância de se estar discutindo, para algumas pela primeira vez, um tema ainda tabu; das possíveis formas de se levar também as questões das lésbicas no Movimento Feminista; do lesbianismo como uma preferência sexual (a questão do desejo) e do lesbianismo como uma postura política.

Dessas colocações a que mais propiciou assunto para debate foi a do lesbianismo como postura política, ou seja, do lesbianismo não só como uma questão de cama (de prática sexual) mas também como uma questão de estilo de vida possível para todas as mulheres. Esta colocação feita por Rosely, do GALF, mereceu aplausos e foi considerada, por várias mulheres, como sendo o discurso mais novo e interessante do Encontro assim como recebeu também discórdâncias e críticas daquelas que a viram como uma tentativa de propor o lesbianismo como um novo modelo, um novo padrão de comportamento.

Houve também algumas colocações no sentido de se discutir a necessidade das mulheres lésbicas se reunirem em grupos específicos e o porquê dos silêncios dos grupos feministas no tocante a questão do lesbianismo.

Das 3 reuniões que relatei esta foi, sem dúvida, a mais acalorada e a que mais serviu de exemplo, no meu entender, de como anda, ou não

anda, sendo encaminhada a situação das lésbicas nos Movimentos Feministas Latino Americanos.

Em primeiro lugar, ficou claro, por essa reunião, pelas outras e também por conversas particulares, que várias mulheres lésbicas sentem necessidade de discutir suas questões específicas e só não o fazem por receio de perder a aceitação de seus respectivos grupos feministas onde o assunto não é abordado.

Em segundo lugar, ficou claro também que, embora existam muitas lésbicas no Movimento Feminista e isso não se constitua mais em nenhum escândalo, a questão do lesbianismo ainda sofre todo um processo discriminatório e é mantida exclusivamente dentro do terreno do privado, da individualidade. Paradoxalmente, inclusive, algumas mulheres que transam com mulheres preferem que as coisas continuem nesses termos, opondo-se aos grupos especificamente lésbicos e pleiteando os grupos mistos (de lésbicas e heterossexuais), apesar da tendência internacional, pelas informações que temos, da formação de grupos só de lésbicas.

Em terceiro lugar, ficou claro também que várias mulheres de vivência heterossexual reconhecem a especificidade lésbica e tem interesse em discutir o assunto, ao contrário da estória de que elas se sentiam ameaçadas (sic) com a presença de grupos lésbicos.

CONCLUSÃO

O III ENCONTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO E DO CARIBE terminou com a despedida emocionada e emocionante de quase 850 mulheres que do dia 31 de julho a 4 de agosto, discutiram sobre violência, racismo, lesbianismo, feminismo e política e participaram de oficinas, assistiram vídeos e viram exposições de fotos, etc

A única coisa que tenho a lamentar efetivamente foi não ter podido estar presente em todas as discussões, já que elas se davam ao mesmo tempo, mas, de qualquer forma, valeu por ter podido debater sobre lesbianismo várias vezes e ter saboreado o bom astral do Encontro, o que, há muito tempo, eu não sentia num evento feminista.

O III Encontro terminou, de finitivamente, no dia 5 de agosto, de volta a São Paulo, com uma manifestação na Praça da Sé, onde várias mulheres cantaram e dançaram a alegria de estar juntas e a perspectiva de um novo encontro, no México, daqui há dois anos.

Até lá!

NOTAS

* Heterossexismo é o preconceito contra mulheres lésbicas e homens gays.

** Os nomes dados às salas e alojamentos foram os seguintes: Luisa Marín, Maria Bonita, Jane Chiriác, Cora Coralina, Carmen da Silva, Olga Benaário, Gilka Machado, Clarice Lispector, Anayde Beiriz e Chica da Silva.

*** O falocentrismo é o sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, simbolizado pelo culto ao falo, representação do pênis.

GRUPOS LÉSBICOS FEMINISTAS PRESENTES NO ENCONTRO

- Grupo de Autoconsciência de Lesbianas Feministas (GALF)

Casilla 11890, Lima, Peru

Edita o boletim Al Margen

- Brigada Victoria Mercado

P.O. Box 6358

San Francisco, CA 94101, USA

- Ayukelen, Colectivo Lésbico Feminista

Bellavista 0547

Santiago, Chile

- Colectivo de Feministas Lesbianas de Madri

Apartado de Correos 16108

28080 MADRID ESPANHA

Edita a revista Nosotras que nos que remos tanto...

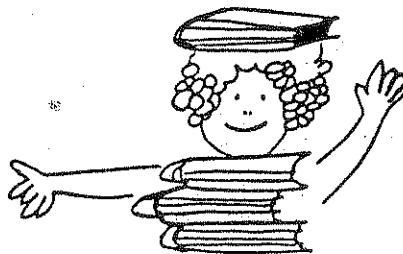
- Colectivo de Concientización Gay

APDO. 1003

Estación Vieja, San Juan PR

Puerto Rico

* Recebemos, recentemente, um informativo de mais um grupo lésbico feminista que acaba de se formar. O grupo chama-se Mitilene, Colectivo de lesbianas feministas, e é da República Dominicana. O endereço é o seguinte: Apartado 156-9, Santo Domingo, República Dominicana.



LIVROS

O GALF ESTÁ OFERECENDO, PARA XÉROX, OS SEGUINTEs LIVROS SOBRE A VIVÊNCIA LÉSBICA:

- SAPPHO WAS A RIGHT-ON WOMAN (Abbott e Love)

- LESBIAN MOTHERS: A CHALLENGE IN FAMILY LIVING (Gillian Hanscombe, Jackie Forster)

- SAPPHISTRY, THE BOOK OF LESBIAN SEXUALITY (PAT CALIFIA)

- COMING TO POWER (Editado por integrantes do grupo lésbico-feminista e sadomasoquista Samois)

- SURPASSING THE LOVE OF MEN (LILIAN FADERMAN)

- PLEASURE AND DANGER, EXPLORING FEMALE SEXUALITY (Editado por Carole S. Vance, várias autoras)

- LESBIANS, WOMEN & SOCIETY (Ettorre)

- LA HOMOSEXUALIDAD FEMENINA, Sometimiento a la norma o emancipación? (Ursula Linnhoff)

DICAS DE LEITURA

TEORIA E PRÁTICA DA HOMOSSEXUALIDADE

John Hart e Diane Richardson

Zahar Editores

OLGA, A vida de Olga Benario Prestes

Fernando Moraes

Editora Alfa-Omega

UM AMOR CONQUISTADO, O MITO DO AMOR MATERNO

Elisabeth Badinter

Editora Nova Fronteira

UMA FLOR PARA OS MALDITOS, HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA

Mara Faury

Papyrus Livraria Editora

O FEMINISMO É UM HUMANISMO

Rachel Gutierrez

Editora Antares/Nobel

CAMINHO PARA A INICIAÇÃO FEMININA

Sylvia B. Perera

Edições Paulinas

MULHERES ESPANCADAS - A VIOLÊNCIA DENUNCIADA - Maria Amélia Azevedo

Cortez Editora

POESIA

ASAS ABERTAS

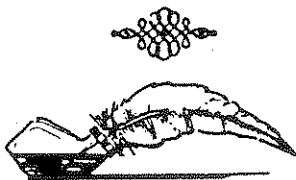
Enfim asas abertas
 caminhos rasgados no céu
 nossas palavras sem véus.
 Abaixo de nós o mundo
 pés no chão e na consciência.
 Não ter medo de assumir
 todas as metades: matéria, es-
 pírito.
 Enfim o momento de agir,
 reunir, sedimentar nosso voo.
 Não calar as verdades
 para sairmos desta gaiola
 dos limites impostos.
 De uma vez por todas...voar

JUREMA BARRETO DE SOUZA

CICATRIZ

Minha vagina
 era uma ferida aberta
 que cheirava mal
 e parecia um frango pelado,
 diziam.
 Hoje, eu sei,
 Ela possui uma beleza "imprópria"
 um cheiro intrigante
 quando brinco com ela
 e chupo os meus dedos melados.

ANA VALIM



MARIA

Maria,
 roubo um beijo como um pão
 do cesto da sua boca
 e a saliva é o vinho
 que o seu amor acompanha
 na mesa farta do meu desejo.
 O meu festejo é cortar
 seu corpo em fatias
 e ofertá-lo como hóstia
 aos transeuntes sem fé.
 E se me prendem por heresia
 eu lhes respondo que
 sua carne é sagrada
 como a função dos meus olhos
 e que por mais que eu tenha visto
 eu ainda preciso ver.

MÍRIAM

CONFISSÃO

A mulher
 do próximo
 esteve aqui
 Desejei
 enfiar meus dentes
 em sua pele
 morder sua carne
 chupar seus ossos
 Depois
 ela foi embora
 eu me arrependi
 por sentir
 essas coisas
 escabrosas
 e juro
 que lavo a boca
 e não sinto mais
 se ela parar de vir
 dormir aqui em casa

RÉCA POLETTI
 DO LIVRO MULHERES DA VIDA

aids: fato e preconceito

SELMA

A AIDS, por haver causado muitas mortes antes que a ciência pudesse explicar suas características, suscitou dúvidas e lendas.

Hoje, no entanto, apenas 6 anos após o seu aparecimento, já se pode expor alguns fatos comprovados em relação à doença.

O que é AIDS ?

AIDS, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é uma doença que faz com que o organismo perca suas defesas naturais contra enfermidades. O organismo fica assim exposto ao ataque de uma série de doenças que vão desde infecções leves até afecções que podem ser fatais. Doentes de AIDS contraem infecções por microorganismos que normalmente não causam mal algum a pessoas com saúde.

Qual a causa da AIDS?

A doença está relacionada com um vírus, descoberto no final de 1983 na França, denominado HTLV III. Este vírus destrói e se "alimenta" de células que têm papel fundamental no sistema de defesa do organismo. Ele não mata diretamente, mas destrói a capacidade do corpo de se defender contra agressões externas.

Quais os riscos de se contrair a doença?

Não há, hoje, nenhuma evidência para explicar porque algumas pessoas que possuem o vírus desenvolvem a doença enquanto outras, também infectadas, não tem AIDS.

As formas de contato conhecidas são apenas estas:

- i) certas formas de contato sexual, como intercursos anal, que podem ferir os tecidos da parede do reto. Assim o vírus, estando no esperma do parceiro, pode ser introduzido na corrente sanguínea do outro indivíduo. Nessas condições, o contato sexual com mais de um parceiro, por simples razão probabilística, aumenta as chances de transmissões com uma pessoa infectada com o vírus.
- ii) transmissão através do sangue e derivados.
- iii) transmissão da mãe para o feto.

Quem tem AIDS ?

Mais da metade (70%) dos pacientes de AIDS são homens homossexuais e bissexuais de 25 a 40 anos de idade. Alguns pacientes são homens e mulheres heterossexuais que compartilhavam agulhas para injeções intravenosas de drogas. Há também casos de hemofílicos (pessoas com um problema genético de coagulação do sangue) que precisam de injeções de produtos do sangue de doadores.

Casos de relações heterossexuais foram relatados, com transmissão no sentido homem-mulher, e, dentro do que se conhece, não há nenhum risco em relações homossexuais femininas.

Não há nenhuma prova de que a AIDS se transmite por :

- . banheiros, duchas ou piscinas, maçanetas de porta, roupas de cama, etc..
- . pratos, copos ou alimentos tocados por um doente de AIDS.

- . apertos de mão e outros contatos físicos não-sexuais.

* Não se conhece nenhum caso de contágio através da troca de beijo entre uma pessoa sadia e outra portadora do vírus da doença, apesar do vírus ter sido encontrado na saliva de pacientes. Uma explicação para isso é que a quantidade de vírus na saliva é muito pequena.

- . Doadores de sangue não correm risco quando o material usado para coleta é descartável.

Como detectar a AIDS ?

Há muita controvérsia quanto a esse aspecto. Enumerando-se os sintomas, um tanto incertos, nota-se que outras enfermidades podem ter os mesmos sinais: gânglios inflamados, manchas cutâneas, diarreia, tosse persistente, etc...

Há um teste de laboratório que detecta a presença de anti-corpos contra o vírus da AIDS. Essa prova é importante para os bancos de sangue, pois o sangue de doadores que reagem positivamente ao teste não é utilizado em transfusões. Mas sem dúvida, esse teste não serve para revelar a presença da Aids, pois apenas 5 a 10% das pessoas com resultados positivos ficam doentes. Além do que, esse teste detecta anticorpos e não o vírus no sangue, o que quer dizer que podem ha-

ver casos de falsos negativos, ou seja de pessoas que possuem o vírus mas ainda não têm anticorpos contra ele. E será um grande erro, caso venha a ser obrigatório o teste para admissão em empregos, instituições, escolas, identificar pessoas portadoras do vírus pois elas não necessariamente desenvolvem a doença. Será, sem dúvida, uma forma de discriminação e controle, principalmente, dos homossexuais masculinos.

Qual o período de incubação da AIDS ?

Dados recentes mostram que o período de incubação da doença (infecção com o vírus sem sinal da doença) pode ser de até cinco anos, com uma média de dois e meio a três anos para a maioria dos casos conhecidos.

Não se tem notícias de alguém que, depois de diagnosticado com AIDS, tenha sobrevivido por mais de quatro anos.

Nos EUA, até abril de 1985, segundo dados do CDC (Centro de Controle de Doenças), havia 10.000 casos de AIDS, a doença é considerada o problema de saúde pública número um, e já foram investidos alguns bilhões de dólares em pesquisas.

No Brasil, a situação é diferente: até agosto de 1985, eram conhecidos 384 casos de AIDS. E em um país como o nosso, onde há 6 milhões de portadores da Doença de Chagas, 8 milhões de pessoas com esquistossomose e onde não é incomum ver pessoas morrendo de fome, pode parecer elitista a preocupação com a AIDS. No entanto, não se deve esquecer que a AIDS é 100% fatal e, até o momento, os pesquisadores não encontraram uma vacina ou droga totalmente eficiente contra o vírus HTLV III. Além disso, o nosso sistema médico-hospitalar, já tão problemático, esbarra com a AIDS.

Em São Paulo, onde o número de casos é maior que em outros estados brasileiros, há um grupo de apoio e prevenção à AIDS, o GAPA. Todas as últimas terças-feiras (20:00) de cada mês, o GAPA e a Divisão de Dermatologia Sanitária realizam reuniões de esclarecimento sobre a doença.

Para finalizar, gostaria de lembrar a triste coincidência de que a AIDS aparece na mesma época que o

Conselho Federal de Medicina brasileiro decide não mais considerar o homossexualismo como transtorno mental e que está transformando os homens homossexuais em sujeitos da doença.

O combate a AIDS, sem dúvida, é uma faca de dois gumes: por um lado, é inevitável criar alternativas de tratamento, campanhas de esclarecimento e atendimento à comunidade; de outro, desenvolve-se uma estratégia de disciplinar o sexo, no sentido de diminuir a frequência e a diversidade dos contatos, de "normalizar" as relações homossexuais (a volta ao casal), com a batuta médica substituindo a moral cristã do pecado e do puritanismo.

A AIDS, então, é um ótimo motivo para se perseguir uma "minoridade" que, até agora, tem conquistado seus direitos à duras penas.

Os espaços conquistados, bares, boates, saunas, leis não discriminatórias (no caso dos EUA), são de grande valor. Por isso, é muito importante que, hoje, enquanto se assiste ao avanço da AIDS e se aguardam os resultados das pesquisas, não se retroceda no tempo e na história, tornando os homens homossexuais, já tão injustiçados, ainda mais perseguidos pelo ódio e o preconceito.

NOTAS

* GAPA (GRUPO DE APOIO A PREVENÇÃO A AIDS): CX. POSTAL 4106, CEP 01251, SAO PAULO, SP - RUA DOUTOR ENPÁS DE CARVALHO AGUIAR, 188, 9º ANDAR, TEL: 2800770
 INFORMAÇÕES SOBRE A AIDS: RIO: 240.4331
 PORTO ALEGRE: 263100, RECIFE: 222.4793, CURITIBA: 223.7411, FORTALEZA: 2317000, BRASÍLIA: 245.2112, BELO HORIZONTE: 212.5000

TRANSE NUMA BOA

sexo é bom
não deixe a aids
acabar com isso.

evite contato com
esperma • use ca
misinha • reduza
o número de par
ceiros • masturb
ação a dois é go
stoso e oferece
menos risco

ESTAR INFORMADO
É A MELHOR PREVENÇÃO:

PLANTÃO AIDS (011) 280-0770

A HOMOSSEXUALIDADE NA CONSTITUIÇÃO



ROSELY

Até há bem poucos anos atrás, as palavras Constituição e Assembleia Nacional Constituinte estavam ausentes do debate nacional. Soavam, para o público em geral, como palavras bastante estranhas, talvez até pomposas, mas quase sempre sem sentido, excetuando-se é claro nos manuais e nas aulas de Educação Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política do Brasil), matérias criadas com a intenção de nos fazer acreditar nas idéias do regime imposto a partir de 1964. Lembro-me da professora ditando a definição da palavra Constituição. A única proximidade e utilidade de que esta definição tinha para mim era saber que precisava decorá-la para a próxima prova, onde certamente cairia como matéria dada. O que adiantava saber que a Constituição é o conjunto de leis que rege o país, se nunca discutíamos como estas leis eram feitas. Aliás, eu até sentia um certo menosprezo pelas leis e símbolos do país. Eram coisas distantes. Hoje, acredito que este menosprezo estava relacionado com a maneira com que tudo era feito: sem a participação da maioria, não se buscava o debate, mas se perpetuava a imposição das vontades e ordens dos militares. Tudo que se relacionava com a nação parecia não nos atingir, justamente porque cada um de nós não estava envolvido na elaboração e no controle dos assuntos nacionais. Penso que é quase impossível ser indiferente a temas que fazem parte do nosso dia a dia, como: salários, transportes, educação, lazer, saúde, censura, liberdade, entre outros. E todos esses itens de importância funda-

mental são tratados na Constituição. A indiferença pode significar um protesto quanto ao que nos é imposto, às vezes, é produto da desinformação, ou, outras vezes representa desinteresse ou mesmo preguiça pela realidade ao redor. Só que, de qualquer forma, a questão do salário, da saúde, da educação do emprego, da liberdade, entre outras, são assuntos que estão diretamente ligados à nossa vida, independente do modo como participamos da elaboração e do funcionamento destes

ítems. A participação se efetua de qualquer maneira, seja através da passividade que implica numa aceitação cúmplice do que aí está ou, de uma forma mais ativa, dinâmica, tentando transformar, modificar a organização social de forma que todos tenham acesso aos bens produzidos.

Em 1984, tivemos a oportunidade de nos envolver na luta pelas Diretas-Já, sonho possível traído pelo Congresso Nacional. As Diretas-Já significava a vontade de votar, de expressar pensamentos e sentimentos através do voto, interferindo nos rumos do país pela escolha do Presidente da República. O voto poderia significar o último suspiro do regime militar e de toda camarilha que o sustentava, propiciando a entrada numa democracia que se queria plena. A luta pelas Diretas-Já despertou em muitas de nós o interesse pelos assuntos nacionais. A vontade de participar, de interferir, foi manifestada por milhões, nos comícios e passeatas realizados por todo o Brasil.

A emenda Dante de Oliveira que propunha as eleições diretas não passa. Tancredo Neves é eleito Presi-

dente da República via Colégio Eleitoral, mas, mesmo assim, com amplo apoio popular. Morre Tancredo Neves. O vice José Sarney, ex-presidente do PDS, assume a Presidência. Desde o início da luta pelas Diretas-Já até a morte de Tancredo Neves, pudemos perceber que certos símbolos nacionais como o hino e a bandeira do Brasil que andavam tão fora de moda, parece que retomaram um novo significado, forte, emotivo, dado pela volta do povo ao cenário nacional.

Após a realização das eleições municipais em 15.11.85 (com resultados infelizes como em São Paulo, vide a vitória de Jânio Quadros), a questão da elaboração de uma nova Constituição em 87 e da votação dos representantes que irão integrar a Assembleia Constituinte em 86, são assuntos que assumem uma importância cada vez maior, devendo certamente mobilizar vários setores da sociedade na formulação de propostas e projetos para a nova Constituição. Todos os temas que dizem respeito aos indivíduos e ao país são objeto de matéria da Constituição.

Temas como liberdade de expressão e de imprensa, eleições diretas, punição às discriminações por sexo e cor, entre outros, estão, desde já, abertos para que os setores interessados enviem propostas referentes a melhor maneira de colocá-los na Constituição. Esta oportunidade de intervir em todos os assuntos do país precisa ser aproveitada.

AS CONSTITUIÇÕES

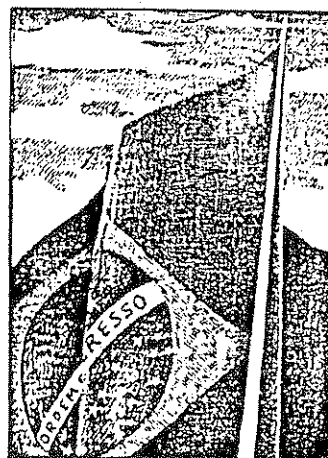
Das sete Constituições que tivemos, apenas 3, as de 1891, 1934 e 1946, foram produto de uma Assembleia Nacional Constituinte e, mesmo assim, assembleias estas não muito democráticas. As de 1824, 1937, 1967 e 1969 foram impostas pelos governos dos respectivos períodos. Começamos por um breve histórico das Constituições feitas de forma mais autoritária:

1823 - Em 11 de novembro daquele ano, D. Pedro ordenou que tropas militares dissolvessem a Assembleia Constituinte por ele mesmo convocada meses antes. Sua intenção foi a de fazer passar uma Constituição que lhe conviesse inteiramente. Um con-

selho de Estado da sua confiança, formado por 10 pessoas, nomeado por ele, redigiu a Constituição que além dos 3 poderes, Executivo, Judiciário e Legislativo, tinha um 4º poder chamado de Moderador, integrado por D. Pedro. Este 4º poder tinha a autonomia de vetar, caso achasse necessário, as decisões dos outros 3 poderes. Esta Constituição, a primeira do Brasil, promulgada em 1824, oficializou o rompimento com Portugal, assumindo o país, a partir de então, a condição de Império Monárquico. Esta carta manteve-se por 63 anos.

Constituição de 1967 - Foi dado um mês e doze dias (12.12.67 a 24.1.68) para que o Congresso Nacional, ou melhor, para o que havia sobrado deste, já que os membros considerados inconvenientes tinham sido cassados, elaborasse o que viria a ser a 6ª Constituição do Brasil. É este documento que formaliza as eleições indiretas via Colégio Eleitoral e fortalece e centraliza o poder do Presidente, estipulando que os atos praticados pelo Comando Supremo da "Revolução" de 64 ficam aprovados e excluídos de apreciação judicial. A Constituição legaliza toda e qualquer arbitrariedade do Comando Supremo do governo militar. Foram acrescentados a esta Constituição 13 Atos Institucionais (AI-1, 2, 3, 4, 5) e 3 Atos Complementares que a modificaram bastante, tornando-a mais autoritária e aumentando sobremaneira o poder do governo sobre o cidadão.

Constituição de 1969 - Os inúmeros acréscimos feitos na Constituição de 67 levaram o governo militar a fazer novas leis. Uma nova Constituição foi escrita por uma junta militar sem a participação do Con-



gresso Nacional. Dando prosseguimento aos ideais da ditadura de 64, há uma maior centralização do governo federal, é quase zero o nível de autonomia dos estados e municípios, a censura aos meios de comunicação é intensa, não há liberdade de expressão, entre outras coisas. Esta nova Constituição incorpora os Atos Institucionais complementares feitos em 67 a fim de formalizar, de maneira mais rígida, os ideais ditatoriais do golpe de 64, visando combater os protestos e resistências contra o regime, principalmente as ocorridas em 1968.

As Constituições refletem as condições da época em que são feitas. Em tempos de ditadura, servem de instrumento para legalizar o poder dos ditadores que podem aplicá-la ou não já que a sociedade, nestas ocasiões, não possui muitos meios para contestá-los devido a repressão amplamente exercida.

CONSTITUIÇÕES PRECEDIDAS DE ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE :

2ª Constituição do Brasil- Sob o governo de Deodoro da Fonseca, os analfabetos, as mulheres e os menores de 21 anos não puderam votar na escolha dos representantes que integraram a Assembléia Nacional Constituinte de 1890 que elaborou a Constituição de 1891, ou seja, a esmagadora maioria do povo não participou desta escolha.* Foi nesta Constituição que adotamos o Federalismo, o voto direto para presidente e que estipulou-se para 4 anos a duração do cargo de presidente. Esta carta durou 43 anos

3ª Constituição do Brasil- Com a deposição do Presidente Washington Luis pelos militares, Getúlio Vargas assume o governo provisório e convoca, em 1932, eleições para a Assembléia Constituinte. Nestas eleições, pela primeira vez, as mulheres e os maiores de 18 anos puderam votar nos membros que integraram a Assembléia Constituinte de 1933. Também, pela primeira vez, o voto foi secreto. Foi a Constituição de 1934 que garantiu o salário mínimo, o trabalho não superior a 8 horas e as férias anuais, entre outras coisas. Es

ta carta durou pouco mais que 3 anos

5ª Constituição do Brasil- 1946- Entre a deposição de Getúlio Vargas pelos militares e as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte de 1945, ocorreram poucas semanas. Nestas eleições, os analfabetos e os menores de 18 não votaram. É provável que só os analfabetos constituíssem a maioria da população. Uma das mais importantes modificações em relação à Constituição anterior de 1937 é o restabelecimento das eleições diretas.

O DEBATE SOBRE CONSTITUINTE HOJE

1985 - As discussões no Congresso e fora dele são intensas. Em 15.7.85, Sarney assinou um decreto criando uma comissão pré-constituente e divulgou a relação de seus 50 integrantes. O relator da comissão mista do projeto do governo de convocação da Constituinte era o deputado do PMDB, Flávio Bierrenbach. Bierrenbach defendia a realização de um plebiscito em 2 de março de 86 para saber se a população era favorável a uma Constituinte independente do Congresso Nacional ou a um Congresso Constituinte. Os congressistas do PMDB, PFL e PDS se uniram e impediram a votação deste substitutivo do deputado Bierrenbach requerendo a votação, em separado, de outro substitutivo de autoria do vice-líder do PMDB, Valmor Giavarina, que encampava a proposta do governo de um Congres-



Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982) na Constituinte de 1934. Professora, médica, historiadora, D. Carlota foi a única mulher eleita nas Constituintes que o Brasil já teve.

so Constituinte. Antes das eleições municipais de 15 de novembro, este substitutivo foi aprovado, o que significa que apenas os integrantes dos partidos políticos poderão candidatar-se a uma vaga para a Assembleia Constituinte. Em 15 de novembro de 1986, os deputados federais e senadores que, através dos votos e do dinheiro (calcula-se em 2 bilhões o custo de uma campanha), integrarão o Congresso Nacional irão também se incumbir, em 87, da tarefa de escrever a nossa 8ª Constituição. Se eles terão condições de dar conta do trabalho de discussão e aprovação das leis ordinárias e da feitura simultânea de uma nova Constituição, é uma das dúvidas que surge. Da forma que se dá a presença nas galerias do Congresso, será que podemos acreditar na responsabilidade e na capacidade dos atuais congressistas? Talvez os novos eleitos... Mas, alguns dos antigos ainda permanecerão pois seus mandatos não vencem em 86.

Eu preferiria que o Congresso Nacional continuasse com as suas atribuições específicas e que houvesse, em 86, uma votação, em separado, para os integrantes da Assembleia Constituinte. Os eleitos, após a realização da Nova Constituição, voltariam a seus cargos e afazeres anteriores. Se assim fosse, os sindicatos, associações de bairro, grupos de negros, de feministas, de lésbicas-feministas, entre outros, poderiam tentar enviar representantes para concorrer a uma vaga na Assembleia Constituinte, defendendo projetos e propostas próprias de suas bases.

E NÓS, LÉSBICAS, COM TUDO ISSO ?

A impossibilidade dos movimentos sociais de terem representantes próprios na Assembleia Constituinte certamente tende a torná-la menos representativa e democrática. Mas, para que nós, mulheres lésbicas, não nos sintamos, mais uma vez, excluídas, penso que é o momento de agirmos na busca de propostas concretas de inserção de um item na Constituição de 87 contra a discriminação à homossexualidade. Tendo uma ou mais propostas de inserção deste

item na Constituição, poderemos só votar nos candidatos que levarem a nossa proposta, entre outras de conteúdo mais libertário. A hora é de, em grupo ou de forma individual, procurarmos formular propostas. Para isto, podemos organizar debates sobre a questão da homossexualidade na Constituição, consultarmos advogadas (os) para descobrirmos as formas possíveis de inserção de um item neste sentido.

Tentar é mais do que preciso, é imprescindível, vital. A resolução dos problemas individuais passa pela luta coletiva. Sem esta, a discriminação e preconceito se perpetuam. A Constituição pode ser um instrumento a ser utilizado contra as discriminações que sofremos em todos os lugares.

Independentemente de sermos ou não bem sucedidas, nesta luta, ter uma ou mais propostas concretas significará uma grande vitória, pois a partir delas poderemos discutir abertamente, com outros setores da sociedade, a questão do lesbianismo e da homossexualidade de uma maneira geral. É com informações, através de debates amplos, utilizando os meios de comunicação disponíveis, tentando o apoio de sindicatos, partidos e associações de bairro, entre outros setores da sociedade, que poderemos, a médio prazo, ir mudando os costumes. Então, vamos a luta!

Quem tiver propostas ou sugestões, escrevam para a nossa Caixa Postal: 62.618, cep 01150, SP. No próximo nº do Chana, continuarei a escrever sobre o tema, publicando as sugestões enviadas. Como isto será só em 86, desejo que o próximo ano seja mais prazeroso, mais gostoso e menos enrustido para todas nós.

Até mais.

N O T A

*A Constituição de 1891 foi elaborada pelos representantes das oligarquias (governo de poucas pessoas pertencentes ao mesmo partido, classe ou família, no caso citado, sendo governo ligado aos grandes proprietários rurais).



DEUSAS DA CURA

MIRIAM



I S I S

Ao contrário do que aprendemos nos livros oficiais de história e através dos relatos religiosos sobre o começo do mundo, nem sempre a humanidade acreditou num só Deus, criador de todas as coisas, que fez o homem à sua imagem e semelhança e a mulher de uma costela de Adão.

Atualmente, com base nos trabalhos de historiadoras feministas e também de historiadores e arqueólogos, mais e mais evidências têm surgido de que antes do aparecimento das religiões patriarcais* que hoje conhecemos, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, as pessoas acreditavam mesmo era em deusas** e a elas atribuíam o poder de ter criado tudo sobre o planeta, além dos poderes de prever o futuro e de curar todos os males físicos e espirituais. Essas deusas eram geralmente representadas, através de estatuetas e de altos-relevos, segurando uma cobra ou um machado de dois gumes ou ainda um ramo de planta ou de erva.

Foram necessários muitos milhares de anos de guerras e massacres para que os povos que acreditavam nessas deusas passassem a acreditar no Deus de seus conquistadores, um Deus que não gosta de sexo e que atribui às mulheres um estatuto inferior ao dos homens.

A tradução que se segue, feita a partir de um texto de uma revista feminista sobre medicina, chamada Panakaeia, e publicada na revista ISIS WOMEN'S WORLD (Isis Mundo das Mulheres) de junho deste ano, é sobre algumas dessas deusas e suas relações com a arte de curar.

DEUSAS QUE CURAM

"Oh, Isis, grande mágica, cure-me, salve-me de todas as coisas más... das epidemias e infecções de toda sorte que recaem sobre mim... liberte-me de todo possível mal, das coisas danosas da escuridão, das febres epidêmicas e mortais de toda a espécie."

Esta oração foi descoberta num túmulo no Egito e é de um documento chamado o papiro de Ebers. Ele foi compilado em cerca de 1.500 an-

tes de Cristo e incorpora material mais antigo, embora tenha sido descoberto apenas na última parte do séc. XIX depois de Cristo. Outra parte deste papiro contem remédios para as doenças do dia a dia, como a dor de cabeça, que dizem ter sido criados pela Deusa Isis para o Deus Ra com o objetivo exatamente de livrá-lo das dores de cabeça.

Havia 875 receitas só neste papiro. Outros papiros, incorporando material médico de tipo similar, foram achados no Egito pela mesma época. Eles foram nomeados de acordo com os nomes de seus descobridores, por exemplo, Hearst e Edwin Smith. A nomeação dos papiros não foi feita com referência à Deusa, que era a fonte da cura, nem às suas sacerdotizas que ministravam a cura, mas sim aos escavadores e arqueólogos que desenterraram os túmulos e seus conteúdos.

Estes documentos antigos estão entre as evidências, disponíveis há mais de cem anos, no mínimo, de que a medicina e o conhecimento e uso das ervas, a prescrição de drogas e a cirurgia estiveram por muitos milhares de anos nas mãos das mulheres. Quando a história patriarcal registra que a medicina antiga derivava de Asclepius, um deus mais tarde melhor conhecido como Aesculapius (Esculápio) e que o nascimento da prática médica entre os seres humanos surge com o grego Hipócrates (outro homem), ela não somente passa por cima de um número de notícias importantes como também desvia, completamente, a atenção dos fatos. Alguns destes fatos estão começando a emergir de novo.

Nos tempos antigos, o deus Asclepius foi criado para tornar-se o pai de duas deusas da cura, subordinadas a ele. Elas eram Higia, significando saúde, higiene, e Panakaea, mãe da Medicina (de seu nome vem a nossa palavra panacéia que quer dizer remédio para todos os males). Porém, estas duas "filhas" já existiam muitos anos antes de Asclepius. Elas são manifestações da própria Grande Mãe, em suas formas de cura. Higia foi sempre representada segurando a cobra e também um ramo de erva-de-passarinho. Esta erva mágica tem si-

do chamada de "cura-tudo" pelas bruxas e mulheres sábias, por muitos séculos, e foi um símbolo sagrado para muitas culturas que acreditavam nas deusas, incluindo os Celtas. Hoje, ela está sendo redescoberta como um remédio para tumores e mesmo para o cancer - o que já era conhecido de nossas ancestrais - e, em muitos velhos herbários, você achará a erva-de-passarinho como um remédio para furúnculos, inchação e tumores.

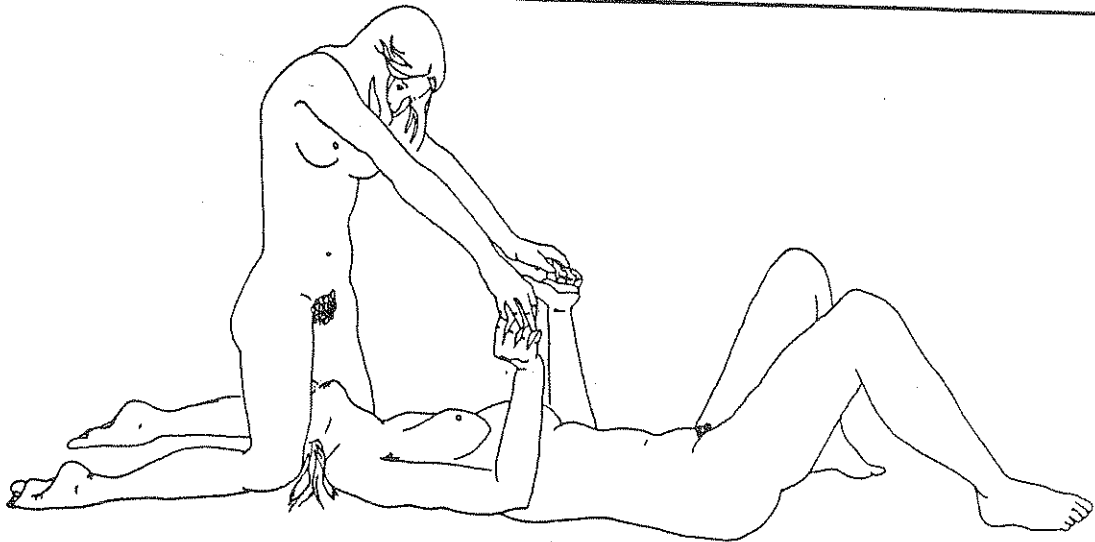
NOTAS

* As religiões que adoravam deusas datam do período que vai de 9.000 antes de Cristo (alguns datam seu início em 25.000 a.C.) até o século cinco depois de Cristo, embora tenham começado realmente a desaparecer a partir de 2.400 a.C., com as invasões dos povos indo-europeus que acreditavam em divindades masculinas. Na verdade, essas diferentes religiões chegaram a "conviver" em áreas da Ásia Menor, por várias centenas de anos, até a extinção dos cultos das deusas que, no entanto, deixaram resquícios de seus mitos mesmo em outras religiões, como a greco-romana. Foi somente com a consolidação das religiões patriarcais, como o Judaísmo (538 a.C.), o Cristianismo e o Islamismo (612 d. C.), que a veneração das deusas foi progressivamente sendo apagada da face da terra. Mesmo assim, até a Idade Média, por exemplo, Diana, a deusa greco-romana da fertilidade, desfrutou de um certo culto, principalmente no campo, e foram as suas seguidoras que, a partir do séc. XIV, acusadas de bruxaria, arderam nas fogueiras erguidas pela Igreja Católica em quase toda a Europa. (Ver Caça às Bruxas, Lúcia Tosi, Ciência Hoje, vol. 4, nº 20, set/out de 1985)

** Os povos que acreditavam em deusas viveram nas regiões que hoje conhecemos como Etiópia, Líbia, Egito, Síria, Irã, Iraque, Turquia, Grécia e Índia.



LÉSBICAS E SEXUALIDADE



Maria Luiza e Selma

Introdução

Pensamos muito antes de decidir promover uma pesquisa sobre sexualidade de lésbica. O tema é sem dúvida interessante e atraente. Muito se ouve, muito se fala, muitos são os mitos, os "fantasmas" sobre a nossa sexualidade. Mas o que realmente as mulheres lésbicas gostam de fazer na cama?

Elaboramos uma entrevista tentando englobar os assuntos tabus (ou não) dentro da sexualidade lésbica: o aspecto social, o processo de auto-afirmação, o uso de objetos nas relações sexuais, a questão do orgasmo, dos papéis sexuais, da monogamia, da prostituição lésbica, das formas de sexo, entre outras.

Foi surpreendente a receptividade da pesquisa. Sentimos que existe uma falta, uma carência muito grande de se falar da nossa sexualidade. Não foi possível publicar todas as respostas, pois tal intento tomaria muito espaço. Foram escolhidas duas respostas para cada pergunta, procurando fazer um apanhado da diversidade das respostas obtidas. E aí estão várias mulheres lésbicas (evidentemente com nomes fictícios) falando sobre suas preferências, seus prazeres, seus orgasmos, seus amores.

1) Você acha que a sexualidade é um assunto tabu? Por que?

MARLENE - É um assunto extremamente tabu ainda. Eu falo em termos de Santos e Interior do Estado onde re-

sidi muitos anos. Em SP, a liberação é pouco maior, mas ainda existe muito tabu. A lésbica é reprimida desde criança, e como toda mulher, é criada para casar, lavar, passar e ter um belo príncipe encantado. Essa criação é carregada de tabus em termos de sexualidade heterossexual: é só o "papai e mamãe" e pronto. Sexo oral, anal, nem pensar; tem que se descobrir na prática e muitas vezes se traumatizando. E apesar da pseudo-liberação que "anda" por aí, o sexo ainda é o maior tabu da sociedade. Ele move o mundo, só que por baixo dos panos. Eu falo em maioria da população. É certo que já existem mães e pais que não criam mais esses estereótipos de homem e mulher, mas são uma minoria.

MARI - A sexualidade não é um assunto tabu para mim por que me acredito emocionada pela vida. Sinto um tesão sadio, que é íntegro: como, bebo, corro, nado, faço sexo com amor. No entanto, o assunto sexualidade para a sociedade atual é um tabu, levando em conta a história social cristã - brasileira. Sexualidade não é só individual, humanamente individual, ela é uma questão social ditada pela situação econômica, auxiliada pelo sagrado mito da igreja. Diz e desdiz, dependendo da necessidade de sobrevivência e poder.

2) Você já teve problemas (grilos, complexos) em relação a sua sexualidade por ser lésbica? Explique.

MARTA - Sim, na adolescência. Eu me achava um bicho raro em virtude do maldito espelho dos outros que me refletiam como tal. Foi um tempo de grande sofrimento. Não me adaptava a "turmas" e grupos de nenhuma espécie pois não gostava das conversas ocultas que deles jorravam, e as contava veementemente. Todas possuíam uma definição: as "purinhas" tinham o seu namorado para melhor servi-lo; as "putinhas" eram estepes para o "debut" fático dos machinhos. E eu não pendia para nenhuma das hastes, mas tinha consciência de que algo diferente se passava comigo. Às vezes tomava posição agressiva: virei roqueira, sempre aparecia com algum badulaque diferente e despertava a curiosidade entre meninos e meninas. Todavia, sempre me senti mais à vontade com mulheres. Isso era patente.

MARIANGELA - Não propriamente um grilo, mas um questionamento: "— Será isso mesmo que eu quero?"

3) Você gosta do seu corpo? De que partes você mais gosta ou não?

MARLENE - Eu gosto de mim inteira. Claro que a gente tem detalhes que gostaria de modificar. Mas, no geral eu me gosto. Gosto de meu sexo, minhas mãos, meus olhos, minha postura diante da vida e do mundo.

MARGARETH - Embora gorda, amo meu corpo. Amo-o porque agora, não o vivo lento com regimes drásticos ou ginásticas violentas. Respeito o seu metabolismo. Ele reage de acordo com as reações da minha cabeça. E no momento, ela o está fazendo bonito e desejado. As partes que mais gosto são: seios, vagina, bumbum, barriga e pescoço.

4) Você acha sua chana (vagina) bonita ou feia? O que você acha do cheiro dela?

MAGALI - Olhe, sem gozação, eu acho minha chana uma gracinha. Quanto ao cheiro, gosto do meu cheiro e gosto muito do cheiro de mulher.

MARI - Olha, ela é interessante; Nem bonita, nem feia. O cheiro dela é volúvel, acho ótimo!

5) Você gosta de se masturbar? Com que frequência?

MARIANA - Sim, não com muita frequência. Ainda acho mais gostoso a duas.

MARGARETH - Adoro me masturbar, principalmente quando estou feliz e bem comigo mesma. Gosto da minha morbidez, intimidade e de me curtir. Não

vejo a masturbação como substituição do ato sexual. Quando estou calente, geralmente não me masturbo porque senão sinto dor física e angústia a ponto de chorar. A frequência varia: às vezes por dias seguidos, ou alternando dias, ou várias vezes por dia ... depende...

6) Você tem namorada? Vive com ela? Se não, onde vocês se encontram?

MARLENE - Atualmente vivo com ela, e esta sendo um desastre. No fundo, está servindo para que eu avalie melhor o assunto convivência. Se não moro com alguém que quero transar, ou levo para meu apartamento ou para um motel, sem maiores grilos.

MARI - Sim, tenho namorada, mas não vivo com ela. A gente transa no apartamento dela, num hotel, onde der.

7) Quais as formas de sexo que você prefere?

MAGALI - Gosto de todas as "formas" de sexo e minhas preferências sobre determinadas "formas" depende da pessoa com quem eu esteja: se tem de dos ágeis, mãos macias, língua atrevida, pernas firmes, pela macia e assim por diante.

MARCIA - Todas. Eu acho que sexo tem que ser a maior sacanagem. Uma zona!

8) Você gosta de penetração (anal ou vaginal)? Você gosta de penetrar ou ser penetrada? Ou os dois?

MARTA - Chegamos ao "x" da questão. Em toda minha vivência não gosto e jamais gostei de ser penetrada. Para tal, minha vagina é um jardim sem flores.

MARI - Gosto da penetração vaginal, gostaria de penetrar, só não faço porque não tem nada a ver, é só fantasia.



- 9) Que tipo de estimulação clitorial você prefere (receber/fazer): estimulação manual, oral, através de tribadismo, todas elas, ou nenhuma delas? Você conhece/prefere outros tipos?

MARLENE - Prefiro estimulação oral, mas gosto de todas as outras, tanto de fazer como de receber. Depende da magia do momento. Nada pré-determinado.

MARCIA - Todas elas, oral, manual e principalmente o tribadismo.

- 10) Você gosta de receber/fazer carícia nos seios (manual, oral, delicada, agressiva)?

MARTA - Gosto de estimulação manual ou oral e com quentura a gosto.

MARCIA - Gosto de fazer e receber, delicada e agressiva. Depende do momento...

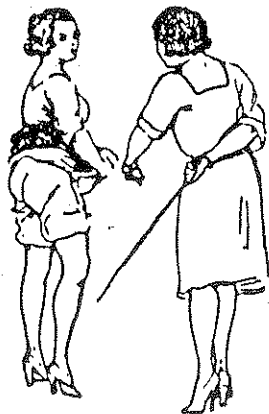
- 11) Qual a forma de sexo que lhe dá mais prazer de fazer/receber?

MARLENE - Eu adoro chupar uma mulher, cujo cheiro me atraia, mexa com meu corpo, com minha pele. Gosto de ser chupada, mas poucas mulheres fazem isso bem. Sei lá, muitas não tem muito jeito para curtir outra, por incrível que pareça. E gosto de todas as outras formas, todas!

MARISTELA - O sexo oral me dá muito prazer ao fazer e ao receber, mas muito mais ao fazer.

- 12) Como você vê o uso real ou fantasioso de objetos nas relações sexuais (vibrador, consolo, "lingerie" roupas de couro, chicote, correntes, etc...)?

MARTA - As pessoas que se utilizam de tais práticas tem um grau de anemia mental um pouco avantajado. Dão-se ao luxo de exporem-se como seres libertos e muito ativos se-



xualmente, porêm escondem-se atrás de brinquedos da indústria do preconceito. Jamais utilizei e nunca pensarei em utilizá-los. Isso tudo estraga a beleza do sexo em si mesmo. Já é hora de deixarmos o nosso centro sexual trabalhar por si próprio em toda sua totalidade, tal é qual é e olharmos a outra pessoa a nossa frente descobrindo a magia de sua realidade e despintarmos essas próteses mesquinhas.

MARI - Olha, acho um pouco abusivo, mas é válido quando existe aceitação das parceiras. No entanto, abomino o sadismo e o masoquismo exagerados. Violência em doses delicadas até é gostoso. Sou um pouco violenta, às vezes, mas só quando fico super excitada. Vibrador, pra quem gosta tudo bem, só que acho desnecessário quando se quer uma mulher. Papéis (figuras fantasiosas), roupas malucas, acho bom. Gosto mesmo de ser eu, seduzindo e sendo seduzida.

- 13) Você costuma falar abertamente com sua namorada sobre suas preferências sexuais?

MARLENE - Falo e acho fundamental esse tipo de papo. Infelizmente uma minoria faz isso...

MARIANGELA - Nós não temos um diálogo muito aberto em relação a nossa sexualidade porque ela não me propicia oportunidade. Tenho tentado dar a ela bons livros que falem sobre sexo e o lesbianismo para que ela tenha uma visão mais ampla, não quero insistir muito para não estragar meu relacionamento afetivo com ela. Mas ela não comenta comigo suas preferências sexuais temendo que eu assim seja contra sua maneira de pensar, mas eu nunca sou contra porque sinto um amor por ela muito profundo.

- 14) O que é o orgasmo para você?

MARLENE - É uma reação física, no fundo. Mas quando acontece ao lado de quem a gente está curtindo, de quem a gente está amando, ou de uma paixão, a reação física se mescla a um redemoinho de sentimentos, a gente se sente um rei, um pouco dono do mundo: se perde inteira, pra se reencontrar no aconchego do corpo amado, depois...

MARCIA - É a mesma sensação de estar em um trem lotado, e estar com vontade de mijar, e de repente você vê o banheiro... que alívio! Você acaba de gozar...

15) Você acha que uma transa sexual só é satisfatória se levar ao orgasmo?

MARLENE - Não necessariamente. É meio chato, às vezes, a gente estar toda excitada e não gozar. Mas nem por isso é o fim maior. Já tive transas que não me levaram ao orgasmo e foram momentos de profunda paz, de profunda entrega e que por isso, valeram totalmente. Hoje em dia, existe uma certa obrigatoriedade do orgasmo. Isso eu não admito. As pessoas não buscam a entrega, a identificação de peles, a magia do momento... saem correndo em busca do tal orgasmo e às vezes se cansam e não chegam lá. O pior é que na busca cega do tal orgasmo, muitas vezes não param pra curtir o momento, a magia... E vem, claro, a frustração.

MARISTELA - Sim, porque o objeto da transa sexual é o orgasmo. Sem ele será diferente o relacionamento, uma parceira chegando ao orgasmo e a outra não.

16) O que você pensa das noções que rotulam a sexualidade lésbica como doente, anormal, imatura, etc...?

MARLENE - As pessoas querem normalmente que todas sejam enquadradas dentro dos seus estreitos limites. É muito mais fácil pra alguém puxar para baixo um diferente do que subir até ele. A humanidade, em geral, nivela por baixo. O lesbianismo é então pecado. Boa dose desse conceito - sabemos - vem do cristianismo. Imagine só se pode prazer por prazer, sem qualquer intuito reprodutivo. Nossa, que horror! Prazer por prazer, amor, deixa a gente mais livre, mais solta, de bem com o mundo: um perigo para os reacionários, não? O amor se imperasse, revolucionaria o mundo verdadeiramente. O amor, o prazer, a entrega total, são mais perigosos do que a bomba atômica.

MARTA - Para mim cheira a inveja de quem partilha dessas noções. Tais criaturas em seus amassamentos e achatamentos em todos os níveis, jamais chegarão a plenitude de um relacionamento em pé de igualdade. O vênice dessa casta de pessoas é parir, produzir, enfim, sempre pelo lado de fora, jamais centralizando num questionamento mais profundo. Como a lésbica não produz para o seqüito em questão, é óbvio que ela não interessa ao sistema, e para os que não interessam, todos os adjetivos pejorativos são pouco para forçá-las a sentirem-se parias.

17) Você se considera monogâmica? Por que?

MAGALI - Sim, me considero monogâmica exatamente porque não consigo ficar com uma mulher, manter um relacionamento, tendo outra ao mesmo tempo.

MARIANA - Não, porque já amei mais de uma mulher num mesmo período.

18) O que você pensa sobre fazer sexo com amor ou sem amor?

MAGALI - No sexo não tem que haver amor, mas ele fica infinitamente melhor quando há.

MARISTELA - Fazer sexo sem amor está sendo muito comum na sociedade. As pessoas transam entre si sem afetividade, estão mais interessadas em no dinheiro, na posição, no status e outras coisas.

19) Qual o significado que os termos ativa e passiva têm para você?

MAGALI - Ativa/passiva são rótulos determinantes de comportamento, portanto não me agradam.

MARGARETH - Os termos ativa/passiva se mesclam no contexto da dominação senhora e escrava. O "macho" e a "fêmea". Terrível! Eu não aceito uma relação em que os papéis ativa/passiva são definidos. Para mim nem deveriam existir tais termos ou atitudes. Já que existem, creio que devem ser flutuantes, de acordo com o momento de cada uma dentro da relação.



20) Você frequentaria saunas e/ou - pagaria para transar com uma mulher?

MAGALI - Frequentaria saunas, mas não pagaria para transar com uma mulher.

MARIANA - Sim, as duas coisas.

21) Qual a importância que o sexo tem em sua vida?

MARIANA - Não está em primeiro lugar, mas vem logo a seguir.

MARIANGELA - Não é fundamental, mas é muito bom quando acontece.

22) As suas opiniões sobre o que significa sexo e desejo vêm se alterando através do tempo?

MARGARIDA - Antes sexo e desejo vinham juntos. Agora, às vezes, estão separados. Sexo é a prática, de sejo é o estímulo para a prática.

MARISTELA - Sim, de acordo com minha idade e meu amadurecimento, as coisas vem se tornando perguntas e respostas para certas coisas, os desejos sexuais aumentam na minha vida com frequência e, por uma necessidade do desenvolvimento, minhas carências e desejos.

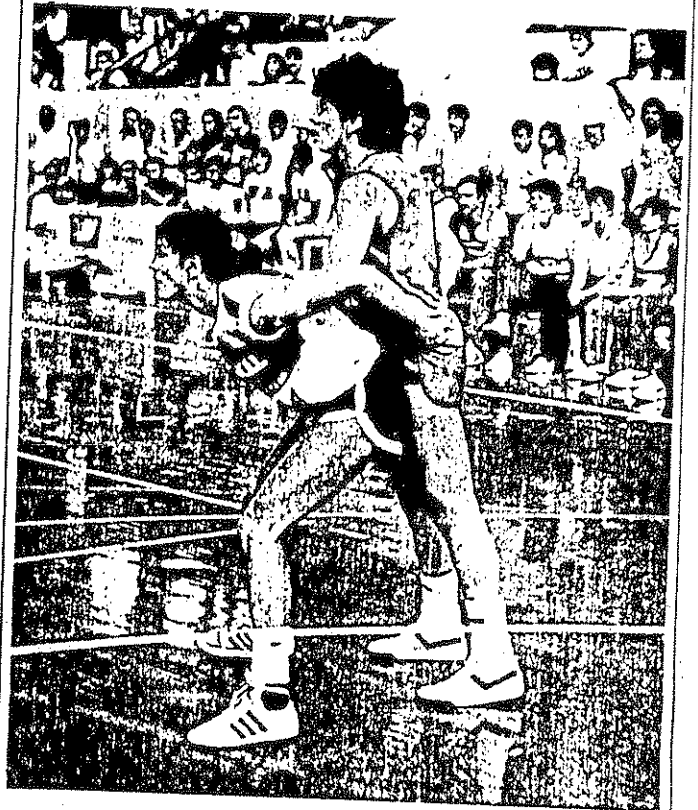
23) Você acredita que a sociedade está passando por uma fase de transição ou de mudança em relação a sexualidade?

MARCIA - Não, de maneira alguma. O que está acontecendo é que na época atual, todo mundo tem vergonha de ser preconceituosa. Não caíam nessa não. O tabu anda solto.

MARLENE - Está sim. Mas estamos engatinhando ainda aqui. Os preconceitos ainda são imensos e no fundo a chamada liberação sexual acabou fortalecendo muitos dos preconceitos. Os travestis, homo, lésbicas foram pra luz do dia e em muitos sentidos foram mais execrados ainda. O sexo pelo sexo andou frustrando muita gente, a obrigatoriedade do orgasmo pirou muita gente e deixou certas mulheres mais frias ainda. Mas, houve lados bons também. Mesmo assim estamos engatinhando ...

Se você estiver interessada em dar o seu recado sobre os assuntos aqui abordados, envie as suas respostas tendo por base as perguntas aqui formuladas. Nós do Galf pretendemos editar integralmente todas as entrevistas enviadas numa publicação feita especialmente para este fim.

ASSINE CHANACOMCHANA



não importa em
que time
você joga

FAÇA SUA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA. ENVIE UM CHEQUE OU VALE POSTAL EM NOME DO GOLF PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01150, SP

ASSINATURA ANUAL(5 nºs)Cr\$25.000,00
NÚMEROS ANTERIORES(nºs 2, 6, 7, 8).
.....Cr\$20.000,00
ASSINATURA ANUAL PARA O EXTERIOR...
.....US\$15

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP.....CIDADE....ESTADO.....

TROCA-CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA
TRANSA, ESCREVA PARA:

Ana Maria Valim
Rua Pedro Américo, 348, ap. 504
Catete, RJ, cep 22211

Alçina Gonçalves Gimenes
Caixa Postal 13.535
São Paulo, SP, cep 03399

Carla Ruschel
Rua Armínio da Silva, nº 1058
Sarandi, RS, cep 99.560

Darcy
Caixa Postal 823
São José dos Campos, SP, cep 12.200

Elaine Cristina
Caixa Postal 6359
São Paulo, SP, cep 01051

Elaine Pinheiro Ximenez
Av. José Bastos, 1483
Fortaleza, CE, cep 60.000

Edna de Oliveira Santos
Rua Natal, 90, J. Rochdale
Osasco, SP, cep 06000

Eloísa Helena
Av. Sargento Geraldo Santana, 1644
São Paulo, SP, cep 04674

Jurema Barreto de Souza
Caixa Postal 461
Santo André, SP, cep 09000

Leda Matias Ferreira
Rua dos Andradas, 47, ap. 616, 6ª
andar, Santa Efigênia
São Paulo, SP, cep 01000

"Gostaríamos de manter relações de
amizade com casais de entendidas que
gostem de música, boates, jogos e que
queiram frequentar nosso ap. nos fins
de semana." Leda e Josélia

M. Kitaoka
Caixa Postal 08
Capela do Alto, SP, cep 18.157

Mara
Caixa Postal 606, Comércio
Salvador, BA, cep 40.000

Maristela Cordeiro da Silva
Av. dos Gráficos, nº 135
Cidade Tiradentes, Itaquera
São Paulo, cep 08.400

*Quando nós nos vimos
pela 1ª vez, eu ouvi o
som de violinos tocando!*



Néia Lúcia dos Santos Sá
Rua Orense, 53, Casa Verde Alta
São Paulo, SP, cep 02540

Regina Macedo
Rua Pereira Barreto, 32/41
Santos, SP, cep 11.100

Rosane da Motta
Rua Rodrigues Alves, 425
Niterói, Canoas, cep 92.000

Sueli de Macedo
Caixa Postal 16.435
São Paulo, SP, cep 02599

OS ENDEREÇOS ACIMA TRANSCRITOS SÃO DE
PESSOAS QUE NOS ESCREVERAM SOLICITAN-
DO CORRESPONDÊNCIA. ESCREVA TAMBÉM.



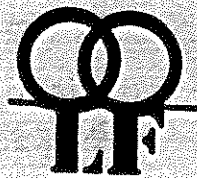
FERRO'S BAR

RESTAURANTE · PIZZARIA

R. Martinho Prado, 119 - S.P.

Tels. 257-9903 - 258-0004





CHANA COM CHANA

10

SAO PAULO

JUNHO SET 1986

CZ\$10,00



poesia
troca-
cartas

assumindo...

homossexuali-
dade nas
leis

CONFERÊNCIA LÉSBICA EM GENEBRA

NESTE NÚMERO

O MITO DA OPÇÃO SEXUAL E A ORGANIZAÇÃO LÉSBICA.....	1
DICAS DE LEITURA.....	5
POESIA.....	7
HOMOSSEXUALIDADE NAS LEIS.....	8
DEPOIMENTO: PATRÃO À FERRO'S.....	15
EM MOVIMENTO.....	16
CONFERÊNCIA LÉSBICA EM GENEBRA.....	20
ENTREVISTA: ASSUMINDO.....	28
TROCA-CARTAS.....	31

CHANACOMCHANA

O boletim ChanacomChana é uma publicação quadrimestral do GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA (GALF) que procura focalizar diferentes aspectos das vivências lésbicas bem como temas referentes à política dos movimentos sociais autônomos.

Nosso principal objetivo, com o ChanacomChana, é quebrar o muro de preconceitos que envolve e isola as mulheres lésbicas, criando uma rede de contatos, informações e apoio tanto no Brasil quanto no exterior.



Mulheres Comoiurã executando danças preliminares para a festa da Yamurikuma (Amazona) no parque Nacional Indígena do Alto Xingú (Posto Leonardo Villas Boas) - BRASIL

o mito da opção sexual e a organização lésbica

MIRIAM

No Brasil, onde as decisões sempre foram (e ainda o são em muitos aspectos) tomadas de cima para baixo e onde o povo só agora começa a sentir um gostinho de democracia, não é fácil falar sobre o porquê da organização de grupos lésbicos. Para colaborar com a incompreensão sobre o assunto e a consequente desmobilização, nós temos não só a falta de informação generalizada como também a má formação, desde aquela inteiramente distorcida e preconceituosa (tipo Afanásio Jazadi*) até aquela outra mais sutil que sob uma capa de liberalidade esconde intenções muito conservadoras. É o caso do mito da "opção sexual", artifício do sistema bastante em moda nos círculos da classe média, que nos leva tanto a acreditar que temos livre escolha, ou seja, de que não há coações nem mesmo pressões relevantes para "decidirmos" entre uma mulher e um homem, quanto a ver o lesbianismo em termos puramente sexuais, quer dizer, privados, quer dizer, individuais.

É como se as mulheres lésbicas temessem perder seus empregos ou receassem a rejeição de amigos e familiares por serem acometidas de periódicos e incontroláveis ataques libidinosos que as levariam a agarrar, à vista de todos, suas companheiras de trabalho, de escola, ou até mesmo, a própria irmazinha caçula. Evidentemente, com raríssimas exceções, nada disso acontece, e a maioria das lésbicas escondem ao máximo suas verdadeiras identidades, inventando inclusive namorados e congêneres, apenas porque conhecem a intensidade do preconceito que as leva a mentir. Em outras palavras, ninguém vive 90% de seu tempo na cama e nem precisa ser explícito sobre suas preferências sexuais para que a discriminação ocorra em várias situações de sua vida. É que, na verdade, a sociedade não nos discrimina exatamente porque fazemos sexo com outras mulheres, mas sim por causa dos estilos de vida que assumimos em decorrência de nossos desejos. No caso das mulhe

res, isso é particularmente relevante quando lembramos que muitas vivem dentro da estrutura de um casamento heterossexual e transam, às vezes ou sempre, com outras mulheres, algumas das vezes com o conhecimento e concordância dos maridos. Aliás, em várias dessas situações, como também nos filmes pornográficos, a sexualidade lésbica é vista como uma espécie de tempero erótico, um prelúdio da relação heterossexual. Neste contexto, duas mulheres juntas além de bastante excitantes para a fantasia masculina também são consideradas inofensivas pois de fato não abalam nem os privilégios nem a soberania dos homens. Entretanto, se essas mesmas mulheres decidem partir para uma vida em comum, ou seja, abandonam seus casamentos e cortam qualquer interferência masculina de suas relações, tudo muda de figura. Além da perda da segurança econômica e social garantida pelo casamento, essas mulheres incorrem no risco de provocar a ira masculina que se traduz, quando o casal têm filhos, em uma luta acirrada pela custódia das crianças. Nessa luta, as mulheres lésbicas também podem perder o direito de ser mães. Resumindo o nosso exemplo, o que, na verdade, alterou a vida dessas mulheres não foi precisamente o fato de elas manterem relações sexuais com outras mulheres pois essas relações eram, como vimos, inclusive bem toleradas pelos maridos, mas sim o fato de elas terem decidido passar a viver com outras mulheres.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Lillian Faderman, historiadora norte-americana que pesquisou as relações entre mulheres, na Inglaterra e nos EUA do século XVI até aos nossos dias, afirma que o "lesbianismo" só passou a ser taxado de anormalidade e condenado com veemência a partir de meados do século passado, precisamente quando as mulheres começaram a ter acesso ao mercado de traba

lho e vislumbram a possibilidade de sobreviverem sozinhas. Antes disso, segundo a autora, as relações muito íntimas entre mulheres não só eram toleradas como até incentivadas pela sociedade que lhes atribuía um caráter de nobreza e virtuosismo(sic). É fato que essas relações eram tidas como assexuadas, ou melhor, não-genitais, já que as mulheres se beijavam se abraçavam e dormiam juntas, porém o mais relevante é que elas(as mulheres) não podiam literalmente sobreviver sem a ajuda de um homem. Não é de estranhar, portanto, que não tenha havido sanções legais contra o lesbianismo ou que, quando havia, elas raramente fossem aplicadas. De fato, só mesmo as mulheres que se travestiam é que corriam o risco de ir parar nas barras dos tribunais ou de serem condenadas à morte sob a acusação de "quererem tomar o lugar dos homens". As demais viviam em uma dependência tal que era desnecessário inventar qualquer outra forma de controle. Entretanto, como já disse, a partir de meados do século passado e, principalmente, no princípio deste século, as mulheres foram entrando cada vez mais no mercado de trabalho, devido ao crescimento e a expansão do capitalismo e da indústria e começaram mais e mais a reivindicar seus direitos e a lutar por sua independência. Em outras palavras, elas começaram a desafiar a dominação masculina, principalmente aquelas que queriam viver com outras mulheres, e a sociedade percebeu que estava na hora de uma mudança de posição. Foi então que as relações íntimas entre mulheres que, até há pouco, haviam sido consideradas e inclusive incen-



tivadas como modelo de virtuosismo, passam a ser encaradas como "invertidas, anormais, doentias, etc...", caracterizando um pseudo 3º sexo. Era preciso separar as "maças podres" das boas para que estas últimas não se contaminassem e a soberania masculina não sofresse grandes abalos. De posse dos meios para garantir a própria sobrevivência, as mulheres lésbicas agora estavam partindo para uma vida fora da estrutura do casamento, ou seja, estavam efetivamente deixando de servir aos homens em qualquer aspecto, fosse ele afetivo, sexual ou reprodutivo e isso não dava para tolerar. Imagine se a moda pega(sse), como ficariam os homens? Cientes do perigo, os mancebos donos do poder decidiram que se algumas mulheres queriam tanto desafiar o esquema da submissão feminina, elas deviam pagar o alto preço da marginalização e da rejeição sociais. E nós ainda estamos assim, em maior ou menor grau, dependendo do nível de organização feminista, homossexual e lésbica de cada país.

UMA OPÇÃO SEM MUITA ESCOLHA

Bom, todos esses referenciais históricos só foram colocados para enfatizar minha posição crítica a respeito do mito da "opção sexual". O que quero dizer é que as mulheres sempre mantiveram relações sexuais e afetivas com outras mulheres no decorrer da história, mas que cada período, cada cultura e cada contexto social encara essas relações de maneira diferente. Quer dizer, hoje em dia, em nossa sociedade, as vivências lésbicas não são discriminadas simplesmente porque significam que mulheres estão fazendo sexo com outras mulheres. Elas são discriminadas porque significam que mulheres estão desenvolvendo estilos de vida que, no contexto atual, representam um desafio, em todos os planos, a norma básica da nossa sociedade machista, ou seja, a de que a mulher nasceu para servir(complementar?) a o homem.

A ideologia da "opção sexual" não nos deixa ver isso com clareza pois restringe o lesbianismo ao

seu aspecto puramente sexual, ocultando as implicações sociais e políticas das relações entre mulheres. É por isso que, muitas vezes, nos deparamos com pessoas, inclusive homossexuais, que acham que toda a nossa questão se resume em tirar os grilos da cabeça e em trepar sem culpa. É como se o preconceito e a discriminação deixassem de existir, nas várias instâncias de nossas vidas, só porque conseguimos transar sem problemas. Da mesma forma, é por isso que encontramos gente dizendo que, no Brasil, há questões mais importantes do que a homossexualidade para serem discutidas, como, por exemplo, a fome, a pobreza, as doenças, os menores abandonados, etc..., e que essa coisa de sexo é para ser resolvida entre as 4 paredes de nossas casas ou dos motéis. É que essas pessoas não percebem, ou melhor, fingem não perceber, que para uma mulher lésbica ou um homem homossexual, seu estilo de vida pode representar a perda do emprego e mesmo a fome, dependendo da classe social, visto que o preconceito não mede as qualificações de ninguém e que nós ainda não temos muitos meios efetivos de lutar contra ele. Se para qualquer cidadã brasileira, dados o machismo e as condições econômicas do país, a luta pela sobrevivência é muito árdua, para a mulher lésbica a carga é dupla pois ela, em geral, não conta sequer com o pouco apoio que a sociedade heterossexual dá aos seus através da família, da Igreja, dos sindicatos, das comunidades de bairro, associações, etc... E isso independe do fato de ela estar transando ou não com outra mulher já que, mesmo sozinha, ela é diferente e não se encaixa no modelo feminino em circulação. Em resumo, para as lésbicas e também para os gays, a luta pela sobrevivência passa pelo stress adicional de viver constantemente mentindo, e não é preciso ser psicólogo profissional para calcular os danos emocionais que isso causa a personalidade de qualquer um.

Por isso o pior da estória da "opção sexual" é que ela, ao restringir o lesbianismo ao seu aspecto puramente sexual, escamoteia, esconde e ameniza os aspectos sociais do preconceito levando, consequentemen-

te, a desmobilização política. O raciocínio geral é que, se o lesbianismo é uma questão sexual e a sexualidade ainda é uma questão privada, particular, não há porquê torná-lo público e muito menos objeto de uma ação coletiva.

Finalizando, embora a ideologia da "opção sexual" tenha representado, de uns 10 anos para cá, um passo a frente quando comparada com a visão de que o lesbianismo era uma doença e acabou, é importante percebermos suas armadilhas. Embora ela pareça traduzir uma certa tendência a "aceitação da homossexualidade", trata-se, na verdade, muito mais de uma tolerância e uma tolerância desde que você se mantenha quietinha trepando (quando dá) em sua casa e não bote a boca no mundo contra a discriminação e muito menos tente fazer alguma coisa contra ela. Um exemplo disso, foi o ocorrido durante o último programa de TV que discutiu a homossexualidade e onde Rosely, aqui do GALF, marcou presença. O programa da apresentadora Hebe Camargo, pregou a tolerância a homossexualidade, em nome do AMOR, mas não queria deixar Rosely dar o número de nossa caixa postal, apesar de ter sido garantido, nos bastidores, que ela poderia fazê-lo. Foi preciso que o psiquiatra Ronaldo Pamplona da Costa, também presente ao debate, exigisse que Rosely pudesse dar o número da caixa postal, como outros haviam feito, para que o preconceito ficasse claro.

É por essas e mais outras que prefiro falar em vivência lésbica do que em "opção sexual" já que vivência dá uma visão mais global de nossas pessoas, incluindo não só a nossa sexualidade como também as nos



SÍMBOLO LÉSBICO

sas experiências com o trabalho, com a família, com os amigos, com a sociedade e a cultura onde vivemos. É certo que nem sempre podemos abdicar do uso da expressão "opção sexual", principalmente no que se refere a um possível trabalho a nível das leis, porque ela já está muito difundida como relacionada à homossexualidade. Entretanto, sempre que possível, para não continuarmos departamentando tanto as nossas vidas, o que me parece menos equivocado mesmo é falar em vivências lésbicas.

A ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS LÉSBICOS

É para discutir as questões que dizem respeito as vivências lésbicas e para combater a discriminação que as mulheres lésbicas vêm se organizando em todo o mundo.

As formas mais utilizadas de organização são as seguintes:

- realização de reuniões em casas ou apartamentos para a troca de experiências pessoais e para a leitura de textos sobre lesbianismo, homossexualidade e feminismo objetivando uma melhor compreensão das origens do preconceito e das maneiras de como ele atua na vida de cada uma;
- elaboração de informativos com base nas discussões ou conclusões das reuniões de reflexão ou transcrição de depoimentos para distribuição entre mulheres lésbicas;
- escolha de um nome para o grupo e abertura de uma caixa postal para a ampliação de contatos com mulheres lésbicas de sua própria cidade e estado bem como com outros estados e, até mesmo, outros países;
- organização de uma biblioteca com livros, artigos de jornal, textos, etc... sobre lesbianismo e sexualidade em geral para uso do grupo e de outras pessoas interessadas;
- realização de debates sobre lesbianismo só com mulheres lésbicas ou para o público em geral (dependendo do grau de desenrustimento) e organização de mostras de vídeos, cartazes, etc...
- organização de grupos de informa-

ção sobre as vivências lésbicas que atuem junto a outras organizações não especificamente lésbicas;

- organização de grupos de pressão junto aos partidos políticos e a parlamentares para elaborar leis antidiscriminatórias;
- estabelecimento de um SOS telefônico para esclarecer e dar apoio às mulheres lésbicas;
- organização de conferências, participação em programas de TV, rádio, etc... esclarecendo as pessoas sobre o lesbianismo.

Na verdade, existem muito mais atividades que os grupos lésbicos realizam de acordo com o contexto sócio-econômico e cultural de seus respectivos países. Não vou enumerar todas, mas quero enfatizar a idéia de que sempre é possível fazer algo para combater a discriminação. Se você mora numa cidade pequena e altamente preconceituosa e não pode, por questões óbvias, realizar uma atividade pública, ainda lhe resta a saída de criar uma rede de correspondência - bem discreta - através da qual será possível veicular informações esclarecidas e positivas sobre o lesbianismo além de quebrar o isolamento a que a maioria de nós está sujeita. No Brasil de hoje, muitas lésbicas ainda vivem bastante marginalizadas e sentindo-se bichos de 7 cabeças, doentes mesmo. Um primeiro passo, portanto, para podermos criar organizações fortes que lutem efetivamente contra a repressão, é fazer o máximo de contatos e veicular várias informações que demonstrem que o lesbianismo é uma alternativa de vida



perfeitamente possível e saudável para todas as mulheres. Além disso, uma outra boa maneira de lutar por nossos direitos é colaborar com as organizações já existentes, como o GALF, é claro.

NOTAS

* Afanásio Jazadi é o famigerado racialista de São Paulo que assume publicamente seu ódio a lésbicas e bichas, chegando até a propor a nossa segregação.

** Lillian Faderman é autora do livro "Surpassing the Love of Men" (Maior que o amor dos homens), um estudo das relações entre mulheres da Renascença até aos nossos dias. 1980.

*** Muitas das colocações feitas neste artigo foram baseadas em depoimentos de mulheres lésbicas que escreveram para o GALF.

GALF (GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA)
Caixa Postal 62.618, Cep 01214, SP.



CLARA GABLE
VIVIEN LEIGH

" E O VENTO LEVOU... " LÉSBICO



dicas de leitura

LIVROS QUE O GALF ADQUIRIU PARA VOCE XEROCAR. PUBLICAÇÕES EM INGLÊS E ESPANHOL:

- Sobre mentiras, secretos y silencios, Adrienne Rich
Vários textos desta importante pensadora feminista sobre as mulheres e a cultura. Barcelona, 1983
- Heterosexualidad Obligatoria y existencia lesbiana, Adrienne Rich
Um texto imprescindível para quem se interessa pela questão do lesbianismo. Traduzido do inglês pelo coletivo de lesbianas feministas de Madri.
- La ultima Reina Guerrera, Mary Mackey
Ficção sobre sociedades onde as mulheres governam e lutam por manter sua liberdade. Barcelona, 1983
- Monjas Lesbianas e Lesbians Nuns: Breaking Silence, Rosemary Curb & Nancy Manahan
Mulheres lésbicas contam suas experiências durante a vida no convento
* Em espanhol e inglês, 1985
- Egalia's Daughters, A Satire of the Sexes, Gerd Brantenberg
Egalia é um lugar onde as mulheres detêm o poder, controlam o governo e a economia enquanto os homens ficam em casa cuidando das crianças. De repente, os homens resolvem lutar por seus direitos e... EUA, 1977, 1985
- The Kwan Yin, Book of Changes, Diane Stein
Um I Ching feminista para consultar e curtir..
Llewellyn Publications, St. Paul, Minnesota 55164-0383, U.S.A, 1985
- Les Guérillères, Monique Wittig
traduzido do francês por David Le Vay, Boston, USA, 1985
Um épico que proclama a destruição da linguagem e das instituições patriarcais e o nascimento de uma nova ordem feminista
- Lesbian Origins, Susan Cavin
San Francisco, CA, 1985
As origens da opressão das mulheres, o amazonato, o feminismo lésbico, etc

GOING PUBLIC WITH OUR VISION
Feminism in the 80's - Book II
Bringing the Global Home

Charlotte Bunch

Vários textos desta importante teórica feminista sobre o feminismo dos anos 80

- S-M, The last Taboo, Gerald and Caroline Greene, A Study of Sado-Masochism

Um estudo da história do s-m, sua psicologia, técnicas e acessórios.
Nova York, 1974

- Against Sadomasochism, A radical Feminist Analysis, Robin Ruth Linden
California, 1982

Vários textos feministas opondo-se às práticas sado-masoquistas entre lésbicas

DICAS DE LEITURA SOBRE LESBIANISMO
E HOMOSSEXUALIDADE

Lesbianismo:

A QUEDA PARA O ALTO, HERZER
Editora Vozes

VIVA SAPATA, Rita Mae Brown
Editora Record

A COR PÚRPURA, Alice Walker
Editora Marco Zero

MINHA MÃE, Georges Bataille
Editora Brasiliense

TERESA E ISABEL (UMA PAIXÃO)
Violette Leduc
Editora Brasiliense

Homossexualidade:

Teoria e Prática da Homossexualidade

John Hart e Diane Richardson
Zahar Editores

O QUE É HOMOSSEXUALIDADE
Peter Fry e Edward McRae
Editora Brasiliense

Jacarés e Lobisomens
Leila Micolis e Herbert Daniel
Editora Achiamé

UMA FLOR PARA OS MALDITOS, HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA

Mara Faury
Papirus Livraria Editora

DEVASSOS NO PARAÍSO
João Silvério Trevisan
Editora Max Limonad



AGORA TEM GENTE
LENDO CHANACOMCHA
NA EM VÁRIAS PARTES
DO BRASIL...
JUNTE-SE A NÓS!!

FAÇA SUA ASSINATURA DO BOLETIM
CHANACOMCHANA ENVIANDO UM CHEQUE
OU VALE POSTAL, EM NOME DO GALF,
PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP
01214*, SÃO PAULO.

ASSINATURA POR 4 N^os (congeladíssima até o final do ano).....
.....Cz\$40,00

NÚMEROS ANTERIORES (6, 7, 8, 9)..
.....Cz\$30,00

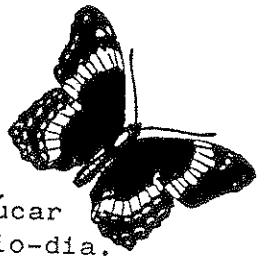
ASSINATURA PARA O EXTERIOR.....
.....US\$20

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....
PROFISSÃO.....IDADE.....

* Nossa caixa postal está numa agência nova, por isso a mudança do cep.

** Não é necessário recortar esta parte do boletim para fazer a assinatura. Basta enviar os dados, acima mencionados, junto com o seu cheque ou vale postal.

POESIA



APESAR DOS PESARES

Dormir um sono profundo
O sono da fera
Cansada da briga
Sono inconformado
O sono da perda
Do tudo acabado
Dormir um sono covarde
Se no peito ainda arde
O abrir mão sem lutar
É crime deixar acordado
Vivo, intenso e calado
Todo este gostar?
Mas se dormir me valesse
Se eu te esquecesse
Era tudo mais fácil
Amansar o leão
Esse meu coração
Que não pede e perdoa
Que apenas se entrega
Mesmo que tanto doa
Dormirei esse sono
Eu hoje me abandono
Cansei de brigar
A briga de quem sai perdendo
E apesar dos pesares
Continua querendo !

VÂNIA GARCIA

CIGANA

Moça cigana
eu te abandonarei
no dia de minha morte
ou quando a sorte me trouxer
tua compainha.
É que às vezes a rua chama
e a moça do lado tece
com a trama de uma teia
o meu sangue na tela
e bebe vinho assim
como se fosse o cio da planta
ou o ramo mais fértil
de uma geografia
que num sonho adivinho.
É por aí que irei
e por fim não volto às tuas portas
tortas
e cheias de melancolia.

MARINA

POSSIBILIDADES

Real é tua cara de açúcar
perdida na cidade; meio-dia.
E teu olho de menina corajosa
às vezes distante
às vezes fatal
me falando das coisas de viver
como quem suportasse o mundo
assim; possível,
com a coragem delicada de viver
o tempo dos parques, das palmas, dos
tambores.
Como se o amor fosse um dardo impos-
sível
e me ferisse os ombros à tarde
e eu sangrasses feliz
em qualquer rede de provável sábado

MARINA

FACE A FACE

Boca
concha iluminada.
Olhos
eu na frente do espelho
aflita com tua imagem.
Miragem
afrouxa minha coleira
desata o nó do desejo.
Festejo
tua mão alisa meus dedos
que crescem como raízes
no fundo desta terra escura.
Louca
na madrugada calarei meu grito
trancando-o no armário do banheiro
com teu perfume predileto
e meu amor indiscreto.

JUREMA BARRETO



HOMOSSEXUALIDADE NAS LEIS

ROSELY

No artigo passado, "A homossexualidade na constituição" procurei fazer um breve histórico da Constituição brasileira: suas principais leis e formas de elaboração; se precedida ou não de Assembléia Nacional Constituinte; quando precedida, quais os mecanismos adotados para a sua eleição; que setores da população podiam votar e quais as mais importantes resoluções aprovadas. Fiz isto como pano de fundo para apontar a importância do atual momento histórico para as mulheres e homens homossexuais, que temos a chance de participar dos acontecimentos, formulando e levantando uma proposta de inserção de um item na nova constituição contra a discriminação à homossexualidade. Finalizei o artigo pedindo sugestões de como poderíamos viabilizar esta intenção, idéias de como formular a redação deste item na nova constituição e propostas de formas de lutas possíveis de serem adotadas para sermos bem sucedidas (os).

Nesta matéria, pretendo expor quais as leis em vigor hoje no Brasil que podem afetar a nós, mulheres e homens homossexuais explicitando em que casos as nossas relações podem ser passíveis de punição pela atual jurisdição. A seguir, pretendo relatar as propostas existentes (que são do meu conhecimento) em termos da formulação de leis que sirvam de instrumento de luta para a defesa dos direitos humanos das mulheres e dos homens homossexuais, priorizando as sugestões em relação a nova constituição e tendo em vista votar somente nos(as) candidatos(as) que se comprometam firmemente a levar a(s) nossa(s) proposta(s) na Assembléia Nacional Constituinte.

I. VIVÊNCIAS LÉSBICAS E GAYS NAS LEIS BRASILEIRAS:

Não há nenhum artigo na Constituição, no Direito Penal ou no Direito Civil que se refiram diretamente a homossexualidade masculina ou feminina, seja criminalizando-a ou protegendo-a. Certos atos homossexuais poderão ser punidos por implicarem em violação da liberdade, em não consentimento do(a) parceiro(a). Nestes casos, não importa se os atos são



heterossexuais ou homossexuais, ambos serão penalizados por implicarem em coação.

A. Código Penal

Estupro: Segundo o Código Penal as relações entre dois homens e nas relações entre duas mulheres nunca poderá ocorrer o estupro porque para a lei estupro é "constranger a mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça" (artigo 213). A conjunção carnal é entendida no Direito como a introdução do pênis na vagina. Um crime que viria a ser de estupro e que não se consuma, se reduz apenas a tentativa sempre que não houve a penetração do pênis. Pela lei, não há estupro contra o homem. Os atos homossexuais masculinos e fe meninos mesmo quando ocorre o não consentimento de um dos parceiros, não são percebidos como atos de estupro, pois nos primeiros falta a vagina e nos últimos o pênis (não valendo o uso da prótese pois esta não é o pênis)e, portanto, não se constituem no que o Código Penal considera como conjunção carnal. Os atos homossexuais onde não há o consentimento de um(a) dos(as) parceiros(as) são considerados e denominados como crimes de atentado violento ao pudor (os atos heterossexuais praticados nestas mesmas circunstâncias são classificados da mesma forma, sempre que não haja a penetração do pênis na vagina). A relação da lei é a seguinte: "Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar - ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso - da conjunção carnal" (artigo 214). A pena é de dois a sete anos de reclusão. A pena pelo crime de estupro é um pouco maior: de três a oito anos de reclusão.

No Código Penal vigente, elaborado em 1940, o conceito de conjunção carnal abrange apenas a heterossexualidade e sómente em uma das suas modalidades. A penetração anal, a utilização dos dedos e das mãos, o sexo oral, entre outras formas possíveis de se praticar sexo, são consideradas pelo direito como atos libidinosos.

A lei do estupro, na minha opinião visa proteger e assegurar a paternidade, defendendo os direitos de um homem em relação aos abusos de outro sobre a sua propriedade: a mulher. Só assim, se explica o por quê da formulação de uma lei que não leva em conta outras formas de abusos sexuais que humilham, que desmoralizam tanto ou mais a mulher, pois,



inclusive, a interpretação do que é mais doloroso varia de pessoa para pessoa, principalmente nestes casos. Ao não se pensar na possibilidade dos homens virem a ser estuprados, o direito demonstra ter bastante convicção na eficácia dos papéis de homem e de mulher que condicionam os primeiros a serem opressivos, violentos e a identificarem as mulheres como objetos, mercadorias disponíveis, cuja função principal é lhes servir. Acho importante ressaltar que não é qualquer penetração vaginal que é classificada como crime de estupro, mas somente aquelas que podem gerar a reprodução, ameaçando assim os direitos do pai (presente ou futuro). Para a maioria dos estudiosos do Direito Penal, o estupro dentro do casamento é considerado inexistente uma vez que a relação sexual é vista como dever entre cônjuges.

Sabemos ainda hoje, que, muitos estupradores não são punidos, alegando que foram seduzidos e/ou que a mulher era prostituta e estaria inventando a agressão, insatisfeita com o dinheiro recebido. Como predomina uma visão de mundo machista (onde a mulher é a portadora do mal, de tudo que é negativo talvez com excessão da maternidade), a solidariedade masculina, muitas vezes, prevalece entre juizes e criminosos: estes acabam se transformando em vítimas e a estuprada em criminosa (mentirosa, puta).

Um outro artigo que pode ser utilizado contra os homens e mulheres homossexuais é o denominado atentado ao pudor mediante fraude, (outra modalidade de crime por atentado ao pudor) cuja redação é a seguinte: "induzir mulher honesta, mediante fraude, a praticar ou permitir que com ela se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal" (artigo 216). A pena de reclusão é de um a dois anos, ou de dois a quatro se a vítima, sendo maior de quatorze anos, é menor de dezoito. Induzir, neste artigo, significa dirigir, convenecer por palavras, impor situações intencionalmente preparadas. Mas, não se dirá que há crime pela simples indução ou convencimento. É indispensável que, nessa indução, exista fraude e que a vítima, sendo mulher honesta, tenha sido enganada. A previsão legal se dedica primordialmente aos atos libidinosos heterossexuais pois, neles (até agora), é mais fácil e comum ocorrer fraudes como promessas falsas de casamento por parceiro com identidade e patrimônio falsos. Este artigo dirige-se, apenas às "mulheres honestas". É muito provável que o Código Penal, tendo sido formulado em 1940, tenha como conceito de "mulher honesta" as virgens no sentido físico do termo.

Em 1940, é possível que os autores de este código não pensassem na existência e/ou não tivessem levado em conta a existência dos homens e das mulheres homossexuais. Uma mulher lésbica, hoje, seria considerada uma mulher honesta pelo Código Penal?

Para as mulheres e homens que gostam de companheiras(os) maiores de quatorze e menores de dezoito anos uma boa notícia: nunca serão acusados por crime de sedução. Para a sedução se caracterizar, no direito, é indispensável a conjunção carnal, e, como já coloquei anteriormente, esta implica em penetração do pênis na vagina. Nestas relações podem nos acusar do crime de corrupção de menores, artigo 214: "corromper ou facilitar a corrupção de pessoa maior de dezoito e menor de dezoito anos, com ela praticando ato de libidinagem ou induzindo-a a praticá-lo ou presenciá-lo". A pena é de um a quatro anos.

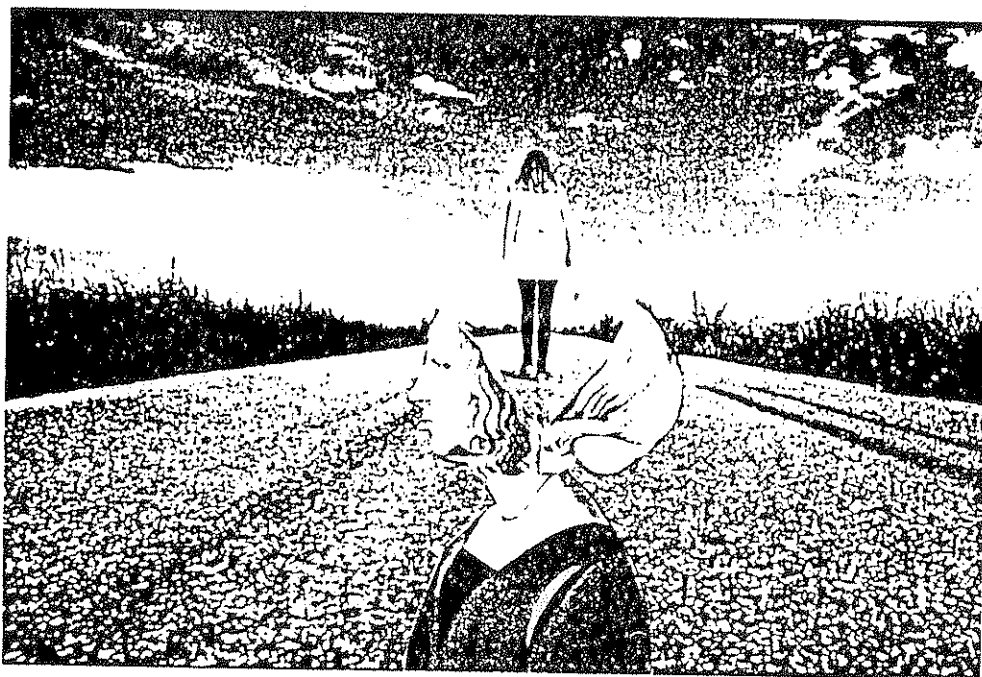
Na minha opinião o conceito de menor deve ser modificado. Como estabelecer uma idade para a vivência e o consentimento sexual? Hoje, eu acho que um homem ou uma mulher de

quatorze anos com informações adequadas (métodos anticoncepcionais e estilos de vida heterossexuais e homossexuais existentes, entre outras) podem perfeitamente decidir o que fazer com seu corpo. Este artigo, número 218, pode ser utilizado pelos familiares de um caso ou pela (o) própria (o) companheira(o) "menor", para nos prejudicar, caso desejem.

O crime por rapto pode ser aplicado às mulheres homossexuais. Diz o artigo 219: "raptar mulher honesta mediante violência, grave ameaça ou fraude para fim libidinoso". Pena: reclusão de dois a quatro anos. Neste artigo, não é necessária a conjunção carnal: o crime existe desde que haja o fim libidinoso. Vale lembrar que as práticas da homossexualidade feminina e masculina, são consideradas atos libidinosos, pelo Código Penal. Mesmo quando houver o consentimento ainda assim, poderá ocorrer "rapto", dependendo da idade da mulher. Se a mulher é maior de quatorze e menor de 21 anos, mesmo consentindo, a lei considera que houve rapto e a pena é de um a 3 anos de reclusão (artigo 220). A mulher maior de 21 anos que consentiu em ser levada, não pode alegar ter sido raptada. Para o legislador de 1940, o consentimento entre os 14 e 21 anos não é pleno é "sábio" como o consentimento após os 21 anos. Os artigos 221, 222, 223, e 224 dedicam-se a outras variações do crime de rapto. Há possibilidade dos familiares tentarem utilizar estes artigos caso alguém resolva morar com uma pessoa menor de 21 e maior de 14 anos. Mas, nos beneficiamos da ignorância total das pessoas em relação as várias leis do país, não é?

Em relação a todos os artigos acima mencionados, quando praticados com menores de 14 anos, o Código Penal presume que houve violência, dispensando a vítima de prová-la e cabendo ao réu provar que não. A prova poderá até mesmo não ser permitida, ou, se permitida, não aceita. Um "caso" com menor de 14 anos pode trazer problemas jurídicos se os familiares e/ou o próprio caso desejarem complicar a nossa vida. Acredito que é improvável a utilização destes artigos contra nós, mas se numa eventualidade forem acionados ficamos a mercê dos juizes e do júri, muitas vezes anti-homossexuais como grande parte dos brasileiros.

Para finalizar temos o artigo 233 referente ao ultra-je público ao pudor: "praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público". A pena de detenção é de 3 meses a 1 ano ou de multa... A noção de ato obsceno é



muito subjetivo. Andar de mãos dadas, dar um beijo na boca podem ser considerados atos obscenos quando feitos por dois homens ou duas mulheres. Vai depender da opinião de quem observa.

Quantas(os) de nós já não devem ter sido levados a delegacia em nome deste "crime". Num país com tanta miséria, onde a fome, as doenças, a falta de habitação, de salário e de empregos compatíveis com os níveis humanos mínimos necessários para uma existência digna já causaram a morte de milhões de pessoas, ainda há cidadãos preocupados em deter outros em nome de um suposto crime de ultraje público ao pudor. Um exemplo disto aconteceu no mês de maio, quando um ex deputado estadual do PT foi levado a delegacia onde foi feito um boletim de ocorrência incriminando-o por este "crime", isto porque ele foi visto por um policial beijando um homem dentro de um carro.

Como vimos não há nenhuma lei que criminalize diretamente a homossexualidade masculina ou feminina tanto na constituição como nos códigos Civil e Penal. Agora as circunstâncias em que os atos homossexuais forem praticados (se com violência, fraude, não consentimento) poderão convertê-los em crimes. Como vimos o artigo 233 pode ser utilizado como forma de impedir e intimidar as nossas manifestações homossexuais eróticas-afetivas.

II. PROPOSTAS EXISTENTES;

Em Novembro, estaremos votando para deputados estaduais, federais e senadores. Os dois últimos irão nos representar (esperamos) na Assembléia Constituinte e fazer a nova Constituição do país. Nós, mulheres e homens homossexuais, conhecemos as duras "barras" que sofremos, no dia a dia; no trabalho, em casa, com os(as) amigas(os), na rua, nos bares, nas boates, em quase todos os lugares onde nós nos expomos mais publicamente. É neste sentido, que seria muito bom formularmos uma proposta clara para que as (os) candidatas(os) que querem o nosso apoio, possam levar. O grupo Gay da Bahia o triângulo Rosa do RJ e nós, do grupo Ação Lésbica Feminista, defendemos a inserção, no parágrafo primeiro do artigo 153 da atual Constituição Federal, da expressão "contra a discriminação por preferência ou orientação sexual". A redação deste parágrafo poderia ficar assim: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso, convicções políticas e de preferência se -



xual. Qualquer infracção ao contido neste parágrafo será punido pela lei". A definição do termo "preferência ou orientação sexual" ainda não foi decidida. A nível internacional, utiliza-se o primeiro. De qualquer maneira, creio ser fundamental só votarmos em candidatos que tenham em seu programa lutar pelos nossos direitos enquanto homens e mulheres homossexuais. Mas só isso não é suficiente. Penso que além deste ponto o candidato a Assembleia Constituinte deve lutar pelos direitos de todos os oprimidos: mulheres, operários, camponeses, estudantes, negros, deficientes físicos e índios. Deve também combater a miséria existente, a exploração capitalista, a privatização da saúde e do ensino, a destruição do meio ambiente, o desemprego, entre outros pontos de importância fundamental para a criação de uma sociedade verdadeiramente democrática e libertária.

Se conseguirmos a aprovação na Constituição, da inserção de uma frase que puna a discriminação por preferência sexual, será 80% de caminho andado para conseguirmos a aprovação de outros artigos nos Códigos existentes (Penal e Civil) que visam proteger os nossos direitos de livre expressão em todo e qualquer lugar (trabalho, família, bares, boates, rua, igreja). Se a Constituição é o conjunto das leis que regem o país, as outras leis existentes devem estar de acordo com as suas formulações. É claro que apenas uma (ou mais de uma) lei não muda um estado de coisas que existe há muitos anos, mas convenhamos que ajuda a mudá-las na medida em que pode servir de instrumento de luta para que nós combatamos várias das atitudes preconceituosas existentes. Individualmente ou principalmente nos organizando em grupos, podemos por meio de leis pressionar, por exemplo, certos empregadores que demitem ou não aceitam determinadas pessoas pelo fato de serem homossexuais. Com uma lei a nosso favor, muitas mulheres poderão ficar mais tranquilas quanto a custódia dos seus filhos. Precisamos, de todos os jeitos possíveis, garantir o direito de manifestarmos livremente os nossos estilos eróticos-afetivos de vida. Acredito que o processo de luta, em vista da aprovação na Constituição, é enriquecedor, pois será uma oportunidade de discutirmos a questão da sexualidade com vários setores da sociedade brasileira (negros, mulheres, operários(as), sindicalistas, estudantes, etc.) levantando pontos como: a) A nossa questão não é privada, para ficar somente entre as 4 paredes do quarto, mas é pública, porque nos afeta em todos os lugares. Se nos "enrustimos", temos que viver mentindo, fingindo, tendo uma dupla vida, o que é muito doloroso e desgastante, sem dizer os danos psíquicos, afetivos e sexuais que esta atitude pode gerar. Se tentamos colocar nossas vivências sem vergonha ou culpa, da maneira o mais natural e espontânea possível, há o risco da perda do emprego, do carinho dos familiares e dos amigos. Por isso é fundamental criarmos condições agradáveis de sermos nós mesmos em todos os lugares, sem excessões; b) As vivências homossexuais questionam a ditadura heterossexual enquanto única possibilidade de se ter prazer e enquanto único estilo de vida válido. As homossexualidades colocam a possibilidade da sexualidade não estar vinculada a reprodução e do direito de dispormos dos nossos corpos como bem entendemos, escolhendo os estilos de vida que mais nos agradam; c) Uma sociedade verdadeiramente democrática não pode comportar nenhuma espécie de violência aos direitos humanos. E viver e ter prazer com quem se deseja é um destes direitos básicos. Democracia não é apenas votar mas é aprender a conviver com as diferenças e criar espaços para que estas diferenças se desenvolvam, sem juízos de valor hierárquicos como as denominações normal/anormal, inferior/superior criam e recriam. Estas três questões levantadas poderiam ser debatidas por todos(as), principalmente os homens e mulheres homossexuais do Brasil, os grupos (G.G.B., Triângulo Rosa, Frente de Liberação Gay de Santo André) os candidatos(as) e outras pessoas

interessadas.

Aqui em São Paulo, duas feministas se comprometeram a lutar por nós na Assembléia Nacional Constituinte em 1987.

Uma é candidata a deputada estadual e chama-se Rosalisa e a outra é a vereadora Irede Cardoso, candidata a deputada federal. As duas são do PT. Há outros candidatos(as) que, neste momento, colocam no seu programa a questão dos direitos dos homens gays e das mulheres lésbicas. É importante tomarmos cuidado com os oportunistas, defensores de última hora dos nossos direitos. Para ganhar votos passa a ser conveniente defender tudo. Muitos (as) cúmplices de nossa violência ontem, hoje se mascaram de nossos defensores.

Rosalisa desde 1975 está no movimento de mulheres, e se propõe a colocar como um dos pontos de seu programa a questão da não discriminação às mulheres e aos homens homossexuais. Aguardamos.

A atual vereadora Irede Cardoso é talvez a única pessoa que ao, longo dos anos, vem apoiando concretamente o nosso grupo e a luta geral das pessoas homossexuais. Participando de debates, por nós organizados ou em outros que pudemos presenciar; escrevendo artigos sobre homossexualidade na seção de Feminismo da Folha de São Paulo (infelizmente hoje suprimida); ajudando a rodar o nosso boletim na Câmara Municipal e protestando quando da proibição por parte do presidente daquela casa, que não permitiu que o boletim fosse ali rodado, estas entre outras atuações significativas, demonstram que Irede Cardoso vem realmente nos apoiando, assumindo uma atitude corajosa não só em épocas de eleições, mas também no dia a dia, o que é mais importante, pois o histórico de uma pessoa é o que nos permite avaliá-la no sentido de confiar ou não em sua atuação. Em seu último panfleto a vereadora mantém-se coerente em suas posições democráticas: "é preciso enfatizar que constituição é a lei maior que determina os direitos econômicos, sociais, culturais e políticos de todos nós, sendo portanto, necessário que tenhamos em dia nossas reivindicações salariais, de educação gratuita para todos em todos os níveis, de maioria digna, saúde, transporte, trabalho, terra e respeito à orientação sexual de cada um".

Acredito que a nossa força para combater as atitudes preconceituosas, pressionando também no sentido da concretização de leis que protejam os nossos direitos, está condicionada a nossa maior ou menor organização e consciência política. Em todos os momentos a nossa união é e será fundamental para conquistarmos espaços. Você não concorda?



PATRÃO À FERRO'S

Entre no Ferro's Bar após trabalhar para um computador até a madrugada, de preferência numa quinta feira de março(14/03/86) acompanhada de uma amiga negra. Use bastante classe e peça para o seu jantar uma "língua ao Madeira" com uma garrafa de vinho, pagando em cheque Itaú comprovado com documentos, que você ainda não é uma indigente, a quantia de de Cz\$ 150,00, dos quais Cz\$ 25,00 em gorjeta.

Experimente tomar sua última taça já quitada e será gentilmente convidada pelo garçom a se retirar para que a espelunca cerre mais uma vez suas portas. Você, que é gentil e também vive o drama do trabalho mal remunerado, concorda educadamente após o último gole. Tudo está aparentemente resolvido em paz... Mas, no Ferro's, você inocentemente se esqueceu, tudo é temperado com bastante violência. Não é à toa que polícia e bandido sentam-se no mesmo balcão. Adivinhe quem acerta a conta ?

Surpresa e indignação irrompem em sua mesa na forma de um tal Antonio Manoel, obsequiando este já tão sofrido país com a propriedade do Ferro's, cujos bolsos sujos você ajuda a estar sempre cheios com seus magros cruzadinhos, no território livre das noites de boêmia. A metade de sua última taça paga se espatifa contra o imundo chão, criteriosamente impelida pela raiva do dito cujo. Você não se conforma e pede que ele sirva assim sua própria mãe e o tal manda-lhe repetir.

Você repetiu(!) e já está no inferno, cercada pelos leões fiéis ao circo. Seu pé subitamente escapa dos grilhões e alveja o escroto da fera, afinal de contas você já está apanhando mesmo. A proporção dos ingredientes é um para bater e quatro para segurar. Sua amiga, coitada, que não engole sangue de barata, ainda manda uma potente direita na cara do Sr. Antonio, que por isso quase lhe arranca o vestido todo.

Saia carregada em molho pardo até o telefone da esquina e disque 190-URGENTE para o 4º Distrito, o mais próximo, e rápido, antes que o fugitivo congele o flagrante. Arme uma salada com a Polo, Camburões e Baratinhas e seja humilhada com a suspeita de que a vítima é ele.

Insista, conte toda a história outra vez ao tenente do esquadrão até lhe desentupir os ouvidos. Entre você e sua amiga na Baratinha enquanto ele segue em seu Opala particular lotado de asseclas e conte tudo de novo ao delegado, Dr. Orlando, que dessa vez tem que lhe ouvir. Sua testemunha é sua amiga crioula, funcionária pública da Procuradoria Geral do Estado, aliás também vítima. As dele são sua quadri-lha....

Depois tome um táxi por sua conta e risco e vá até o Parque D. Pedro visitar o IML para um corpo-delito na madrugada. Aberto o inquérito, transfira tudo para a Delegacia da Mulher aos cuidados da Rose e acredite na Justiça Divina, que essa não falha nunca.

ÂNGELA COSTA - 25/03/1986

O depoimento acima transcrito não reflete necessariamente a posição do ChanacomChana. A intenção é abrir um espaço para a opinião das leitoras.

EM MOVIMENTO

CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

A vereadora Irede Cardoso do PT, aprovou projeto(8.01.86), de sua autoria, que " determina a cassação dos alvarás de funcionamento de estabelecimentos comerciais que venham a praticar discriminações contrariando o princípio da Isonomia, ou seja, contra o direito que têm todos os cidadãos de serem tratados de forma igual perante a lei, sem discriminação de qualquer natureza.

De agora em diante, no Município de São Paulo, negros, mulheres e homossexuais contam com mais este instrumento para denunciar arbitrariedades e promover a punição aos que antes os discriminavam impunemente. Basta que a pessoa discriminada, com testemunha, vá a Delegacia de Polícia e faça o Boletim de Ocorrência."

Para maiores informações sobre o projeto, escreva para IREDE CARDOSO, Viaduto Jacareí, 100, Conj. 514, cep 01319, São Paulo, Capital.

DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER

Agora, em caso de violência física ou moral(lesão corporal, estupro, sedução, atentado violento ao pudor, rapto, ameaça, calúnia, difamação e injúria), você pode efetuar sua queixa nas Delegacias de Defesa da Mulher, onde o atendimento é feito somente por mulheres(delegadas, escritãs, investigadoras, carcereiras e assistentes sociais) onde você tem a certeza de que será bem recebida.

Os endereços e horários de atendimento são os seguintes:

1ª DPDM-Centro
Parque D. Pedro II- Prédio DEGRAN
Fones: 228.6101; 229.5566 r.948
Atendimento:24 horas todos os dias (inclusive sábados, domingos e feriados).

2ª DPDM-Zona Sul(11º Distrito)
R. Padre José de Anchieta, 138
Santo Amaro- Fone: 247.4004

3ª DPDM- Zona Oeste
Rua Francisco Morato, 2971(34º Distrito), Vila Sônia
Fone: 211.8886

4ª DPDM- Zona Norte(28º Distrito)
Av. Itaberaba, 731
Freguesia do Ó
Fones: 266.5455;266.1779

5ª DPDM-Zona Leste(32º Distrito)
R. Severino de Almeida, 64
Itaquera
Fones: 205.6015; 229.5566 r.632

Para maiores informações sobre as delegacias da mulher, escreva para o Conselho Estadual da Condição Feminina, Rua Estados Unidos, 346,SP, cep 01427.

DOSSIÊ: A IMPRENSA LÉSBICA

A revista canadense "Amazonas d'hier, lesbiennes d'aujourd'hui (Amazonas de ontem, lésbicas de hoje) está preparando um número especial sobre publicações lésbicas. Para tanto, precisa da participação dos diferentes coletivos que editam ou editaram revistas, boletins, etc. nos últimos anos, em todo o mundo (não é importante se as publicações ainda estão em circulação ou não). As lésbicas que lêem essas publicações também estão convidadas a participar do dossiê.

Como base para reflexão, as organizadoras do dossiê elaboraram as seguintes perguntas:

1. Que ideologia a sua revista pretende refletir?
2. Qual é a principal ideologia do seu coletivo?
3. Quais são as linhas de ação de sua revista?
4. Como você situa sua revista no Movimento Lésbico em comparação com outras publicações lésbicas?

5. Como sua revista contribui para o desenvolvimento de uma análise lésbica da opressão?
6. Como sua revista se situa no contexto histórico?
7. A quem sua publicação é endereçada?
8. Quais as questões que você decidiu abordar e quais as que surgiram espontaneamente?

Para maiores informações, o endereço das canadenses é A.H.L.A, C.P.17 21, Succ.Place du Parc, Montréal, Québec, Canadá H2W 2RT. É possível escrever para a AHLA em português.

HOMOSSEXUALIDADE NA TV- DESRESPEITO OU TOLERÂNCIA: AS DUAS FACES DO PRECONCEITO

Mais ou menos de uns dois anos para cá, a televisão brasileira vem abordando, ocasionalmente, a questão da homossexualidade, permitindo, inclusive, que as lésbicas e os gays mais corajosos apareçam frente às câmeras para tentar dar o seu recado. De uma maneira geral, esses programas sempre resvalam ou caem de cara no sensacionalismo, embora haja, por parte de alguns apresentadores, a preocupação de não baixar o nível. De qualquer forma, é interessante dar uma rápida analisada nesses programas para ver como anda a sociedade brasileira em relação a homossexualidade.

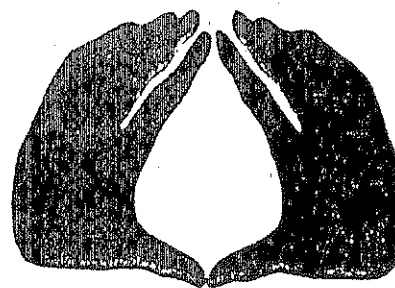
Em março, Blota Júnior, apresentador da TV Bandeirantes, resolveu "discutir" a homossexualidade e a Constituinte, em um programa com cerca de vinte minutos e contando com a presença do radialista Afânasio Jazadi, homófobo contumaz, que sobrevive às custas da ignorância dos menos afortunados.

Evidentemente, embora Rosely, aqui do GALF e o Paulo Bonfim, do GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS), tentassem manter a conversa em um esquema sério e objetivo, o Sr Afânasio levou tudo, como é do seu costume, para o terreno da baixaria. O programa ficou reduzido a encenação do radialista que não só atacou pessoalmente os participantes do pretense debate como também reforçou, uma vez mais, todos os estereótipos sexuais, trocando o sexo de todo mun-

do. Para ele, uma mulher que transa com outra deixa de ser mulher e passa a ser "homem" e um homem que transa com outro deixa de ser homem e passa a ser "mulher". É como se ser mulher ou homem fosse uma condição intrínseca e exclusiva da heterossexualidade. O pior é que ainda tem muita gente pensando assim. Para terminar, o Blota Júnior impediu Rosely de dar o nº da caixa postal do GALF e de apresentar o ChanacomChana na TV, alegando que ela não podia fazer propaganda do grupo no vídeo.

Bom, o negócio é ir espalhando o número da caixa postal do GALF e avisando as amigas e amigos, que por acaso ainda não conheçam o seu Afânasio, para não votar no "bruto", nas próximas eleições, nem por descuido. O pulha tem que ficar na lista negra.

O programa da apresentadora Hebe Camargo, da rede do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), trilhou outros caminhos. Inicialmente apresentado no dia 29 de abril e reprisado na semana posterior, tratou o tema sob o enfoque da tolerância, reunindo pessoas abertas ou não-abertamente homossexuais e pessoas claramente favoráveis a nossa "aceitação". Embora o programa tenha permitido colocações esclarecedoras da parte de alguns dos apresentadores, não pode esconder o fato de que a tolerância não passa de mais um preconceito, só que disfarçado. É como se o amor, tão apregoado no programa em seu sentido piegas de abnegação e de altruísmo, obrigasse os "normais" de bom coração a ter que aceitar aqueles que se desviaram do caminho certo, a saber, homossexuais, débeis mentais(!), drogados, assassinos, ladrões, etc.... É importante salientar que as relações heterossexuais não precisam de



SÍMBOLO DA MULHER FEITO COM AS MÃOS

"justificativas" para serem exercidas, pois são tidas como naturais, sendo reguladas por algumas instituições, como o casamento e a prostituição, por uma questão de ordem do sistema. O lesbianismo e a homossexualidade, tendo que ser justificados seja pelo amor, seja pela disfunção hormonal ou pelo desequilíbrio psicológico, já ficam estabelecidos como um fardo ou uma doença que, na impossibilidade de cura ou libertação, devem ser aceitados. Não se trata, é claro, de uma visão progressista da sexualidade que deveria ser encarada com a mesma naturalidade que o comer, o beber ou o ir ao banheiro. A tolerância visa apenas manter a norma e o desvio numa tática muito apreciada pelos políticos brasileiros que é a de mudar alguma coisa para manter tudo como está

Bom, para finalizar, Hebe Camargo e sua produção tentaram impedir Rosely Roth, aqui do GALF, de dar o nº de nossa caixa postal (a velha novela), embora tivesse sido combinado, nos bastidores, que ela poderia fazê-lo após às 23:00, quando a censura não ia poder chiar. Além disso, convidaram o cabeleiro Rudi e sua mãe, trazida de Minas Gerais, para participarem do debate e só permitiram que eles falassem no encerramento do programa. Evidentemente, o Rudi, desrespeitado, "fechou" literalmente a apresentação retirando-se de mãe em punho, em pleno "ar", e soltando uns desaforos.

De qualquer maneira, apesar de todos os senões, a tolerância heterossexual deve ser engulida, temporariamente pelo menos, por seus poucos pontos positivos, principalmente considerando que, em nosso país, a maioria das lésbicas e gays ainda enfrenta seríssimos problemas com a família, com os colegas de escola e, em especial, com o trabalho.

NOVA YORK APROVA LEI ANTI-DISCRIMINATÓRIA

Uma das mais importantes cidades do mundo, Nova York, aprovou, no dia 20 de março de 86, uma resolução que garante às mulheres lésbicas e aos homens homossexuais direitos de não discriminação em mora-

dias, empregos, etc... A resolução, conhecida pelo nome de Intro 2, foi aprovada como resposta às perseguições que, em muitos lugares, os gays norte-americanos vêm sofrendo por causa da AIDS. A Intro 2 garante à pessoa discriminada recurso legal rápido junto às autoridades municipais, o que pode intimidar os locadores e os patrões da pequena classe média que é quem anda demitindo, despejando, etc... os entendidos de lá.

Contra a resolução, como era de se esperar, estão a Igreja Católica e as autoridades judaicas que continuam berrando seus habituais slogans bíblicos, aqueles que consideram a homossexualidade uma abominação (Levítico) e vetam o reino dos céus aos homossexuais (São Paulo).

Falando no diabo, é sempre bom lembrar que nenhuma outra instituição da nossa sociedade consegue bater a Igreja Católica em matéria de hipocrisia. Em nome do amor, da preservação da vida e da fraternidade, a Igreja colabora não só para a marginalização de um enorme contingente humano, no caso de lésbicas e bichas, como também para a morte de milhares de mulheres pobres nas mãos de "açougueiros" porque não permite a descriminalização do aborto. Além disso, a Igreja também colabora para a manutenção da censura em nosso país, vide a campanha para a proibição do filme AVE MARIA do cineasta franco-suíço Jean Luc Godard.

De qualquer forma, com Igreja ou sem Igreja, a luta continua.

GRUPOS LÉSBICOS E HOMOSSEXUAIS DO BRASIL

TERCEIRA DIMENSÃO GAÚCHA

a/c Carla Ruschel
Rua Armínio da Silva, nº 1058, Sarandi, RS cep 99560

GRUPO GAÚCHO DE LÉSBICAS FEMINISTAS (GGLF) * As cartas devem ser endereçadas só com as siglas do grupo
Caixa Postal 068, Tramandaí, RS, 95590

TRIÂNGULO ROSA

Caixa Postal 14.704, Rio de Janeiro, RJ, cep 22.412

GRUPO GAY DA BAHIA

Caixa Postal 2552, cep 40000, Salvador

TERRORISMO NO FINAL DA CONFERÊNCIA LÉSBICA

A conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (International Lesbian Information Service-ILIS) transcorreu às mil maravilhas (ver matéria nesta edição) até seu encerramento. Entretanto, in felizmente, um dia depois do final do encontro, que reuniu mais de 600 lésbicas de vários países, um ato de terrorismo veio para estragar a festa. É que os refúgios da proteção civil da cidade de Genebra que haviam sido alugados para abrigar gratuitamente mais de quinhentas mulheres, tornaram-se alvo da violência de um bando de irresponsáveis. Os abrigos, que haviam ficado a disposição das participantes da conferência até a manhã seguinte ao encerramento da mesma, foram depredados por mulheres que se diziam integrantes do movimento antinuclear inglês de Greenham Common. Essas mulheres derrubaram uma porta, forçaram as fechaduras das demais, pintaram todas as paredes, banheiros e portas de armário dos abrigos e reverteram todo o material do bloco operatório. Para justificar essas atitudes, declararam que os refúgios eram antiatômicos e que ao danificá-los estavam realizando um ato político da mesma forma que ao tirar fotos de supostos segredos nucleares (sic). As organizadoras da 8ª Conferência do ILIS, em resposta a esse ato de vandalismo, enviaram a seguinte circular a todos os grupos lésbicos:

"Os refúgios antiatômicos que serviram como alojamento gratuito para mais de quinhentas lésbicas, durante 4 noites, estavam sob nossa responsabilidade nominal (nomes e sobrenomes) como organizadoras da 8ª Conferência do ILIS e havíamos nos comprometido (sob contrato) a devolvê-los em perfeito estado. É pura inocência ou má fé acreditar que pode haver segredos nucleares em um lugar onde se entra e se sai livremente. Além disso, se esse ato de violência era considerado político, por que só foi realizado na 5ª noi-

te quando não havia praticamente mais ninguém nos abrigos? E por que não realizá-lo fora dos espaços alugados por e para lésbicas?

Nós qualificamos a atitude dessas mulheres, que também passaram todo o encontro pedindo comida gratuita e roubando bebidas do bar, de puro parasitismo. É importante salientar que elas da mesma forma não "tiveram tempo" para colaborar na divisão das tarefas da cozinha, do bar e da limpeza, ao contrário de outras participantes da conferência que, inclusive, se propuseram a ajudar espontaneamente.

Em outras palavras, por sua atitude irresponsável, essas mulheres prejudicaram todo o Movimento Lésbico já que, em Genebra, não poderemos mais realizar encontros, pois ninguém nos alugará suas salas e muito menos as emprestará. Mais que isso, os danos causados aos abrigos nos custarão 25.000 francos suíços (aproximadamente 175.000 cruzados), segundo as estimativas da proteção civil da cidade de Genebra o que absorve mais da metade do previsto para a próxima conferência, e, conseqüentemente, compromete o seu internacionalismo.

Por tudo isso, fazemos uma chamada a todos os grupos lésbicos no sentido de que essas mulheres não encontrem nem apoio nem aprovação em nosso movimento. Seu comportamento representa um perigo para a nossa organização e só nos resta perguntar a que interesses elas servem."

VANILLE-FRAISE

Grupo de lésbicas políticas e organizadoras da 8ª Conferência do ILIS Genebra, abril de 1986



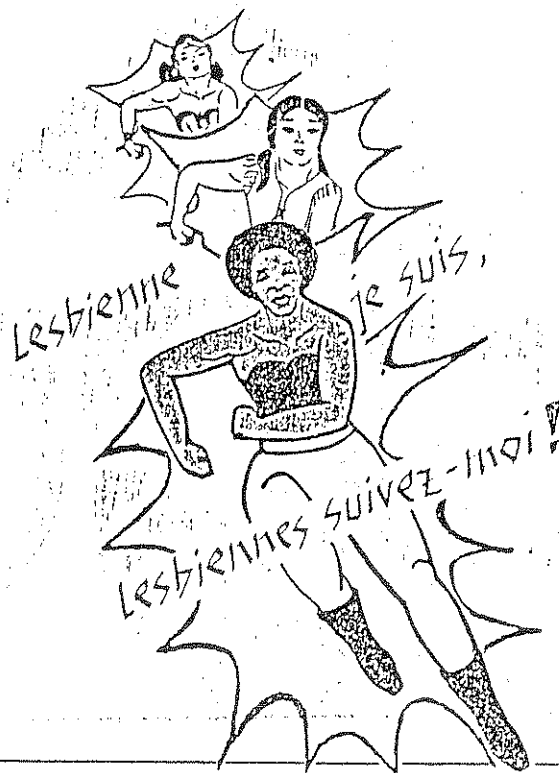
CONFERÊNCIA LÉSBICA EM GENEBRA

MÍRIAM

Teve lugar, em Genebra, na Suíça, dos dias 28 a 31 de março, a 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (International Lesbian Information Service-ILIS) que contou com a presença de mais de 600 mulheres de vários países, a maioria da Europa. Para a conferência foram convidadas (tiveram suas passagens de avião e a estadia em Genebra garantidas pelas organizadoras do encontro) 7 mulheres da América Latina, sete da Ásia, sete mulheres negras de diferentes países e uma mulher da Iugoslávia além de 2 integrantes de um grupo de deficientes físicos. As outras participantes da Conferência ficaram alojadas nos refúgios antiatômicos da proteção civil e tanto o alojamento quanto o acesso aos debates e filmes foram gratuitos. A alimentação foi vendida a preços acessíveis e servida em um restaurante improvisado em um alojamento estudantil.

Durante a Conferência, realizada na Universidade de Genebra, discutiram-se os seguintes temas:

- Lésbicas e o mundo do trabalho;
- Lésbicas na América Latina;
- Construção e Fortalecimento do Movimento Lésbico Internacional;
- Lésbicas e deficiências físicas;
- Ação;
- Lésbicas de Idade;
- Intercâmbio cultural entre Lésbicas;
- Mães Lésbicas;
- Lésbicas e luta contra o racismo;
- Lésbicas Asiáticas;



- Sexualidade;
- A interrelação dos "ismos": racismo, antisemitismo, hetero-
sexismo e classismo;
- Lésbicas do Terceiro Mundo;
- Revistas e casas publicadoras;
- Nossa saúde e
- Reafirmação de nosso orgulho e poder: a luta contra a opres-
são internalizada.

Além dos temas acima citados, também houve exposi-
ções de filmes, vídeos e slides, prática de TAI-CHI-CHUAN(uma
arte marcial), oficinas de música, uma festa e uma passeata
pelo "DIREITO AO ASILO POLÍTICO PARA AS LÉSBICAS DE TODOS OS
PAÍSES". Fora tudo isso, muitas conversas e encontros infor-
mais pelas dependências da Universidade de Genebra.

Como toda Conferência realizada em poucos dias, o
grande fato a lamentar foi a impossibilidade de participar
de todas as oficinas e debates pois eles se davam simultanea-
mente e era preciso fazer escolhas. De qualquer maneira, à
parte as muitas emoções de várias intensidades que se suce-
ram na 8ª Conferência do ILIS, o mais importante foi mesmo a
constatação da expansão do Movimento Lésbico e de suas possi-
bidades de organização, inclusive no 3º(!) Mundo, apesar
de todas as dificuldades sócio-econômicas.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Genebra é uma cidade pequena e tranqüila, com pré-
dios antigos e, em geral, de poucos andares, onde o trânsito
flui, os motoristas e os pedestres respeitam a sinalização e
as pessoas são usualmente bem educadas. O que mais chama a
atenção dos nossos olhos brasileiros é a quase total falta
de crianças e de pobreza, a abundância de cachorros de todas
as raças e os preços elevados. Em suma, Genebra é o oposto
de São Paulo(com exceção da Avenida Paulista talvez, por cau-
sa dos bancos), com seus mais de 12 milhões de habitantes,
arranha-céus, um trânsito infernal, pobreza, um monte de cri-
anças, abandonadas ou não, e um povo nervoso correndo para
lá e para cá na luta pela sobrevivência.

Genebra é um outro mundo(primeiro?) onde aportamos
eu, financiada pelo ILIS, representando o GALF, e Denise, tam-
bém ligada ao GALF, que se auto-financiou, para participarmos
da 8ª Conferência Lésbica. Chegamos no dia 24 de março, uma
segunda-feira, a uma temperatura de 5 graus centígrados e per-
manecemos enregeladas e encapotadas durante toda a semana, a
pesar dos vinhos e das várias atividades em que nos envolve-
mos. Até a sexta-feira, dia 28, quando teve início a Conferên-
cia, já havíamos entrado em contato e feito reuniões com mu-
lheres de Portugal, Iugoslávia República Dominicana, Peru,
Costa Rica e Chile, além de conversarmos também com algumas
mulheres asiáticas. Igualmente, ajudamos as integrantes do
ILIS, super-atarefadas, na própria organização do evento bem
como fomos procurando absorver o máximo do que víamos e ouvi-
amos(a despeito de nossas limitações linguísticas) de to-
das as mulheres com quem conversávamos.

A CONFERÊNCIA E SUAS MUITAS E VARIADAS EMOÇÕES

A 8ª Conferência do ILIS iniciou-se, no dia 28 de março, à tarde, com uma sessão plenária onde os grupos participantes, começando pelos que haviam sido convidados, puderam apresentar-se e expor suas expectativas quanto ao evento. Havia mulheres de várias nacionalidades e raças e não foi de estranhar, considerando o mundo em que vivemos, que logo surgisse um conflito. Inadvertidamente(!?) uma mulher branca levantou-se para falar quando a mesa, formada pelas integrantes do ILIS, perguntou a plenária se havia alguém da África do Sul, o que provocou a ira(mais do que justa) das lésbicas negras. A partir desse incidente, principiou-se uma confusão onde tudo aquilo que nos separa(a saber, o racismo, o classismo, o etnocentrismo) veio à tona, deixando claro o quanto ainda temos que discutir para podermos trabalhar juntas. Por exemplo, as lésbicas negras passaram a protestar inclusive contra o uso da palavra negro que , em português e, pelo que me disseram, em espanhol também, não tem a mesma conotação pejorativa que a palavra "nigger", em inglês o equivalente ao nosso "preto ou macaco". Fazê-las entender que também é uma forma de racismo(de 1º mundismo, no caso delas) projetar nossas realidades sobre as realidades de outras culturas, não foi uma tarefa fácil. Em resumo, a plenária encerrou-se num clima tenso e pesado que, somado ao cansaço, comprometeu igualmente a primeira tentativa de reunião das lésbicas do Terceiro Mundo, ou seja, mulheres da América Latina, Ásia e África que se deu na noite do mesmo dia. De qualquer maneira, foi possível trocar endereços e publicações e esperar pelo dia seguinte.

UM OUTRO DIA

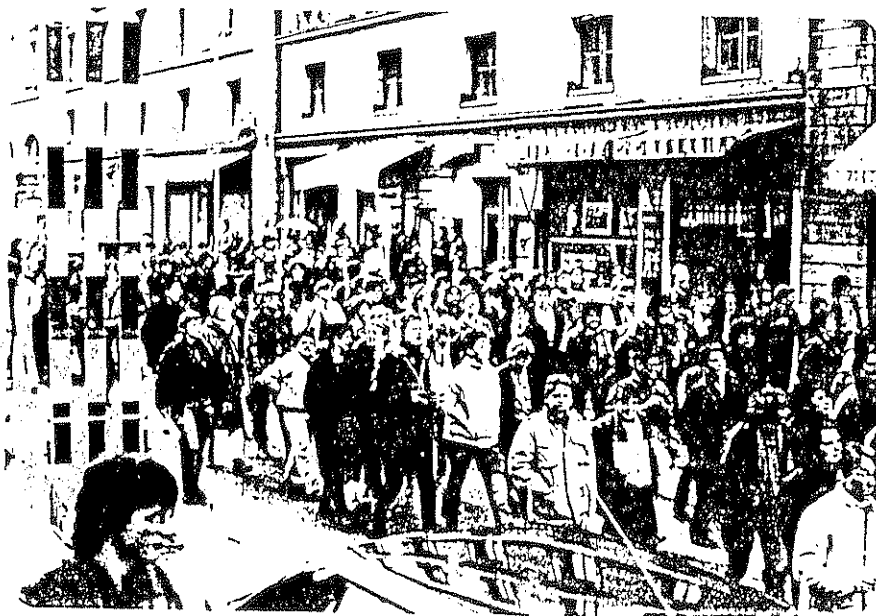
No dia seguinte, um sábado, durante a reunião das lésbicas latino-americanas, o clima, felizmente, já estava mais ameno e foi possível que as representantes do Chile, Peru, Costa Rica, República Dominicana, México e Brasil pudessem falar da situação das lésbicas em seus respectivos países, da situação de seus grupos, de suas relações com os grupos feministas e de suas perspectivas políticas.



Para mim, a mais grata surpresa foi saber da existência de um grupo lésbico no México, visto que, aqui em São Paulo, durante o III Encontro Feminista Latino Americano, eu tinha sido informada que toda a movimentação lésbica termina naquele país. Todavia, tratou-se de um caso de estória mal contada já que o M.U.L.A (coletivo de lesbianas autênticas) existe há 2 anos, realiza um trabalho educacional sobre sexualidade (tendo inclusive apresentado slides desse trabalho durante a conferência) e não parece dar sinais de desmobilização. De fato, o que parece ocorrer, segundo depoimentos, é que a repressão às lésbicas, na cidade do México, é muito grande, dificultando o processo de organização, e elas só têm a sede de um grupo feminista, o Quarto Crescente, para se encontrar. Entretanto, mesmo aí, surgem problemas visto que a diretoria do grupo, embora aceite a realização de festas lésbicas em sua sede, não admite que se realizem reuniões de discussão e conscientização sobre lesbianismo, alegando que a casa pode ficar conhecida como sendo lésbica(!). Daí que não dá para ser muito assumida por lá.

A partir dessa reunião latino-americana foram constatados os pontos em comum entre os grupos e pessoas presentes e fortalecida a idéia da criação de uma Rede Lésbica Latino-Americana, proposta feita, inicialmente, pelo Grupo de Auto-Consciência de Lésbicas Feministas, o GALF do Peru. No final deste artigo, eu transcrevo as conclusões e proposições da reunião latino-americana apresentadas por Cláudia Hinojosa, do México, na plenária de encerramento da Conferência do ILIS.

A partir dessa reunião latino-americana foram constatados os pontos em comum entre os grupos e as pessoas presentes e fortalecida a idéia da criação de uma Rede Lésbica Latino-Americana, proposta feita, inicialmente, pelo Grupo de Auto-consciência de Lésbicas Feministas, o GALF do Peru. No final deste artigo, eu transcrevo as conclusões e proposições da reunião latino-americana apresentadas por Cláudia Hinojosa, do México, na plenária de encerramento da conferência.



Passeata em Genebra

A PASSEATA E A FESTA

A passeata saiu da Universidade de Genebra, no sábado à tarde, e caminhou, tranquilamente, pelas ruas da cidade até o monumento nacional que é formado pela estátua de duas mulheres abraçadas, uma das quais segura uma espada. Nesse monumento, literalmente treparam algumas lésbicas que fixaram faixas, em diferentes lados da estátua, com os seguintes dizeres: "PELO DIREITO AO ASILO POLÍTICO PARA AS LÉSBICAS DE TODOS OS PAÍSES" e "PRIMEIRO MONUMENTO AO LESBIANISMO INTERNACIONAL"(ver foto abaixo).

A passeata voltou a universidade como havia saído, alegre e sem problemas, apesar do visual um pouco agressivo, meio punk, de várias de suas integrantes.

A festa começou depois das nove da noite e terminou a uma da manhã, tendo sido tocadas músicas de vários países. O rock, em suas várias tendências, incluindo a Rita Lee, foi, sem dúvida o tipo de música mais tocado, porém o gostoso mesmo foi improvisar a salsa, com a mana peruana, para a alegria geral.



PELO ASILO POLÍTICO PARA AS LÉSBICAS DE TODOS OS PAÍSES

À FLOR DA PELE

No domingo de manhã, dia 30, fui a reunião das mulheres asiáticas e creio que tive a oportunidade de presenciar um dos momentos mais belos e tocantes da conferência. Por meio de depoimentos, as mulheres do Japão, Índia, Bangladesh, Tailândia e China, falaram de seus processos de conscientização, de suas lutas contra a obrigação do casamento, que em seus países é uma das poucas vias de sobrevivência para as mulheres, e de suas batalhas por uma sexualidade liberta, em culturas onde a mulher é tida como um ser assexuado. Algumas delas, vivendo fora de seus países de origem, como os Estados Unidos, relataram sobre seus conflitos de identidade pois, embora possam ser mais abertamente lésbicas na sociedade norte-americana no que nas suas próprias, elas ainda têm que enfrentar a marginalização e o isolamento por serem consideradas mulheres de cor. (Nos EUA, todas as pessoas que não sejam norte-americanas brancas são consideradas de cor).

A emoção com que elas falaram de seus primeiros amores, suas primeiras transas, da alegria de estarem ali juntas pela primeira vez e de seus trabalhos, apesar de toda a pressão, contagiou inteiramente as pessoas que participaram dessa oficina e foram poucas as que não choraram. Não foi um choro piegas nem desalentador, mas sim um choro de identificação com as experiências que elas nos relataram, experiências de solidão e isolamento comuns, em maior ou menor grau, a lésbicas de todo o mundo, bem como um choro de solidariedade e de simpatia.

No domingo à noite, as mulheres asiáticas também apresentaram slides sobre a vida das lésbicas na Tailândia, sobre o grupo lésbico feminista do Japão e sobre a presença das relações lésbicas na história da China e da Índia. Um barato!!



Ásia do Sul - ANAMIKA

DE VOLTA AO BRASIL

Na segunda-feira de manhã, dia primeiro de abril, houve a plenária de encerramento da 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (ILIS), onde as pessoas apresentaram o resultado dos debates, expuseram suas opiniões sobre o encontro (críticas e elogios) assim como suas expectativas quanto ao futuro.

A uma da tarde, a Universidade de Genebra estava vazia e eu, após uma série de fotos de despedida e um breve almoço, já estava voando para Madri e, no dia seguinte, para o Brasil, trazendo, na bagagem, livros, revistas, endereços e muita saudade daquele bando de lésbicas que conheci na Suíça.

FINALIZANDO

Evidentemente, este meu relato não pretendeu abordar todos os acontecimentos da Conferência, o que seria impossível, mas apenas traduzir meus sentimentos e passar algumas informações que considere prioritárias. Nos próximos Chans, voltarei a dar informes sobre o assunto, abordando inclusive tanto as possibilidades de um novo encontro, agora ameaçado pelo incidente ocorrido nos abrigos antiatômicos (ver pág.), quanto o encaminhamento da proposta de criação de uma Rede Lésbica Latino Americana.

Para finalizar, gostaria de enviar, através do Chana e em nome das integrantes do GALF, um abraço solidário às companheiras do ILIS e o nosso sincero desejo de que os problemas causados pela depredação dos abrigos possam ser superados satisfatoriamente.

CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES DA REUNIÃO LATINO AMERICANA

Algumas experiências comuns às lésbicas latino-americanas:

- Invisibilidade e isolamento intensos;
- dificuldade em ser independente e conseqüente extrema vulnerabilidade à repressão devido a situação econômica e cultural das mulheres em nossas sociedades;



- sistemas legais que são usados para nos controlar e reprimir embora não especificamente endereçados a nós (É o caso do "atentado ao pudor e aos bons costumes" aqui no Brasil)
- o racismo em nossas culturas como estreitamente relacionado a o s conflitos de classe;
- a visão de que as questões sócio-econômicas, em nossos países, são as mais importantes e de que a nossa luta enquanto lésbicas não é prioritária ou, até mesmo, que é um produto importado dos países imperialistas;
- o medo e a intolerância dos grupos feministas heterossexuais;
- e, finalmente, a energia e a determinação partilhadas para nos apoiarmos mutuamente na criação e construção de um movimento que agora está nascendo em nossos países.

Estamos conscientes de que encararemos muitos obstáculos, mas que tentaremos vencê-los com a inspiração e o encorajamento que obtivemos em nossa reunião.

Nós nos propusemos vários desafios, tais como:

- a) descobrir as maneiras mais criativas e efetivas de contactar mulheres lésbicas em nossas sociedades, onde temos sido praticamente apagadas por meio de agressões e da repressão generalizada ;
- b) criar uma perspectiva lésbica-feminista a respeito do que ocorre em nossos países de modo que fique claro que nenhuma política ou estratégia de melhoria da situação nacional ou de criação de espaços mais democráticos ou de luta pelos direitos humanos ou do que quer que seja pode continuar sem a nossa participação;
- c) e organizar uma Rede Lésbica Latino Americana e o Primeiro Encontro Lésbico Latino Americano, no México, durante a realização do IV Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, em agosto de 1987.

* A reunião lésbica latino americana contou com a participação de representantes do Brasil, Costa Rica, Chile, México, República Dominicana e Peru.

** Cláudia Hinojosa, do México, leu o documento, acima transcrito, na plenária de encerramento da 8ª Conferência do ILIS.

GRUPOS LÉSBICOS LATINO AMERICANOS
QUE COMPARECERAM A 8ª CONFERÊNCIA
DO I L I S

COLECTIVA AYUQUELEN
Bellavista 0547, Providencia
Santiago de Chile

COLECTIVA MITILENE
Apartado 156-9, Santo Domingo,
República Dominicana

COLECTIVA M.U.L.A.
Dracena 34 Jardines de Coyoacán
04890 Mexico D.F. Mexico

GRUPO DE AUTOCONCIENCIA DE LESBIANAS
FEMINISTAS (GALF)
Casilla 11890, Lima-11 PERU

ASSUMINDO. . . .

MARIA LUIZA

Aqui estamos, novamente, tentando conhecer um pouquinho mais sobre nós mesmas.

A intenção desta matéria, utilizando 4 depoimentos sem emprego de nenhum método rígido, é tornar conhecidos alguns dos caminhos do "assumir" amar uma mulher e também, quem sabe, despertar, através da lembrança de vários fatos, u m a identificação com o desejo "proibido" que já não se esconde.

Talvez ainda, esses depoimentos sirvam como u m a reavaliação de como as mulheres lésbicas são entendidas(sem trocadilhos) socialmente, ou simplesmente como uma constataçã o de que o sonho sáfico é possível de ser realizado. Só de pende de nós! " Tem que dar certo! "



assumindo...

1. DE QUE MANEIRA VOCÊ SE "DESCOBRIU" LÉSBICA ?

Rita: Me descobri recentemente, há cerca de 2 anos. Até essa data eu sabia que ocorria algo diferente, por exemplo, quando estava numa situação de intimidade com alguma amiga, ou quando via fotos de mulheres nuas nas revistas. Porém, eu era muito desinformada e tudo o que eu sabia sobre o assunto era o que lia sobre as fofocas dos artistas.

Sandra: Eu descobri quando criança, nos meus 10 anos, quando fazia de tudo para estar perto de certas amigas, arrumava sempre um meio para criar uma situação mais íntima. Chegava a sentir ciúmes mesmo de outras meninas, mas eu nada entendia disso, pensava que tudo isso se atribuía ao medo de acontecer algo com algum garoto ou que meu pai ficasse bravo. Mas, consciência mesmo do desejo de amar o corpo de outra mulher, só aconteceu há 4 anos.

Raquel: Desde pequena, sempre gostei de mulher e muito. No correr da minha infância e puberdade tive diversas namoradas, mas nunca havia tido consciência desse fato. Por vezes, apenas um leve pressentimento. Fui me descobrir lésbica quando me apaixonei perdidamente pela minha professora de francês, mulher bem mais velha e vivida do que eu.

Sílvia: Descobri minha atração por mulheres há uns seis anos. Tinha um relacionamento de amizade com uma colega de serviço, que era lésbica, uma pessoa inteligente, e sua companhia me gratificava muito. Após anos de convivência, me surpreendi apaixonada por ela. Amor de ficar pensando nela o dia todo.

2. EM QUE ÉPOCA DE SUA VIDA ISSO OCORREU ?

Rita: A certeza veio tarde, aos 30 anos, e eu estava casada há 9 anos.

Sandra: Foi há 4 anos e em época boa, de cabeça adulta, madura e forte o suficiente para não me sentir diferente das "outras pessoas".

Raquel: Ocorreu em plena adolescência quando eu fazia o pré-universitário.

Sílvia: Nessa época, eu tinha 38 anos. Era desquitada, com dois filhos já adolescentes, e estava no segundo casamento que também agora já terminou.

3. VOCÊ TEVE PROBLEMAS QUANDO SE DESCOBRIU LÉSBICA ? QUAIS? DE QUE TIPO?

Rita: Quando conheci alguém especial comecei a sentir mais fortemente o que já sentia de leve antes; pensei, ter ficado maluca. Fiquei até indignada comigo mesma, quando pensava no que sentia quando a via. Prá minha cabeça, na época, era inconcebível que eu sentisse desejos sexuais por uma mulher, que eu pensasse em beijá-la, abraçá-la, etc... Enfim, eu não aceitava pensar em namorá-la.

Sandra: Não!

Raquel: Os meus problemas foram mais de ordem interna, um combate que travava diariamente comigo mesma: "T o be or not to be..." Eu me sentia muito importante com essa minha descoberta ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, sem perceber, saí a cata de um "macho bem feminino" com quem pudesse me relacionar mais intimamente.

Sílvia: Infinitos problemas, pois a pessoa por quem me apaixonei me rejeitou quando tentei "aproximações". Com respeito ao amor que sentia por ela, "consumiu-se na chama lenta do apagar" e, com respeito a nossa amizade, acabou-se. Ela se afastou definitivamente.

Depois de uns quatro anos, tive um caso com outra. Tínhamos mais ou menos a mesma idade. Ela, solteira. Este caso durou uns 3 meses e acabou, pois ela era sufocante na sua possessividade e muito insegura. Parecia mais uma filha de quem eu tinha que cuidar. Uma pessoa dependente e prepotente.

Tive também bastante problemas com minha filha de 18 anos (esta, minha filha verdadeira) que percebeu ou intuiu o tipo de relacionamento

que tínhamos, sem verbalizar, mas fazendo muita pressão para que essa amizade fosse rompida.

Sofri também pressões internas. O meu próprio medo de que as pessoas soubessem e não aprovassem, etc, etc.

4. VOCÊ CONSEGUIU RESOLVER OS PROBLEMAS QUE TEVE QUANDO SE ASSUMIU COMO LÉSBICA ?

Rita: Resolvi todos os problemas de cabeça no dia em que nos revelamos e trocamos o primeiro beijo.

Sandra: Nada tive para resolver. Pode ser que venha a ter no futuro.

Raquel: A maneira que encontrei para resolver esse impasse, na verdade, foi uma armadilha que preparei para mim mesma. Casei com o tal "macho fe minino", um pouco contra a gosto, é verdade, mas grávida (nas coxas). Foi um casamento que nunca se consumou: ele queria vagina e eu queria clitoris; ele queria ânus e eu queria seios. De repente, me destrambelhei toda. Por que? Porque, aquele momento, para mim, representava o fim de um sonho e o começo de um pesadelo. A partir da consciência deste fato e de outros foi que consegui resolver realmente o impasse, assumindo o meu lesbianismo, sem conflitos ou culpa, porque eu já havia sido despojada e alienada de mim mesma, muito mais do que imaginava ser possível.

Sílvia: Com a primeira, pela qual me apaixonei, depois de muita luta, acabei me conformando com seu desinteresse e aceitando o fim de nosso relacionamento.

Quanto ao segundo caso, percebendo que não era saudável já que não recebia nada de volta, terminei.

Expliquei depois a minha filha que a amizade com a pessoa que ela não gostava terminara pelo motivo de não ser prazerosa para mim.

5. ESPECIFIQUE O QUE A DESCOBERTA DE SUA SEXUALIDADE REPRESENTOU PARA VOCÊ?

Rita: Representou a liberdade de ser eu mesma, sem me reprimir e sem me esconder do meu EU, do que sou.

Sandra: Representou a consciência de que perdi muitas chances e tempo na

vida devido a formação que recebi.

Raquel: Essa descoberta representou muito prazer e muita dor para mim: o prazer de me conhecer, amar e ser amada, e a dor ao perder, fosse por morte ou por ter que partir.

Sílvia: Resumindo, me fez bem. Esse desejo e afeto por mulheres fazia parte da minha personalidade, mas eu teve muito tempo reprimido. Tendo se soltado, se conscientizado, acredito que minha vida se ampliou, me compreendi melhor e também aos outros

6. QUAIS OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DESSA ÉPOCA EM QUE VOCÊ SE ASSUMIU?

Rita: O positivo, como já disse, foi a consciência da minha liberdade íntima e individual. O negativo foi a conscientização dos novos problemas a serem enfrentados em relação à família e à sociedade.

Sandra: Positivo foi a descoberta de que o fator de eu ser mulher não mais me obrigava a ser dependente do sexo masculino, que isso era tudo imposição. Cada um pode encontrar o prazer e o ideal independente das regras ditadas pelos antigos ou os enrustidos. Negativo foi o tempo que eu levei para entender tudo isso.

Raquel: Os aspectos positivos foram aqueles calcados no conhecimento, ali cerçados numa visão dialética a respeito não só do lesbianismo como também das outras relações humanas e so



ciais. O aspecto universal da coisa. O forte questionamento que desenvolve a crítica. Quanto aos aspectos negativos, cito a perda de tempo, o medo irracional, o isolamento, o digladiar a mim mesma por falta de um conhecimento mais sólido a respeito das minhas necessidades e do direito que tinha de exigí-las para a minha felicidade.

Sílvia: Positivos: Tudo que é novo e não temos medo de experimentar são vivências que nos enriquecem.

Negativos: As duas vezes em que me envolvi afetivamente com mulheres não houve gratificação em termos de curtir um afeto bom e gostoso. (1) Com a primeira: ela não me quis; com a segunda: eu não a quis.

(1) Quero esclarecer que frustrações também ocorreram em relacionamentos afetivos com homens..

7. COMO VOCÊ ENCARA - HOJE- ESSE PERÍODO DE SUA VIDA ?

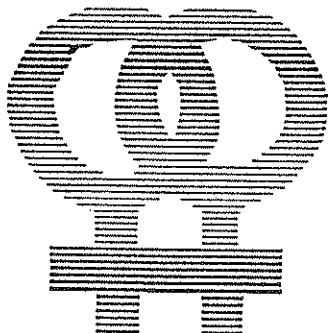
Rita: Muito bem. Se fosse necessário optaria novamente pelo que sou hoje. Repetiria tudo outra vez de dois anos para cá. De dois anos para trás, jamais.

Sandra: Encaro como totalmente normal em relação ao de tantas outras pessoas.

Raquel: Encaro como uma coisa que faz parte do crescimento de todos nós. O importante é que o saldo foi positivo, apesar de...

Sílvia: Me amadureceu bastante.

* Esta entrevista foi feita a partir de questionários enviados a associadas do GALF.



símbolo das mulheres lésbicas

troca-cartas...

Ana Maria Ramires
Av. Rio Branco, 1564
cep 01206 São Paulo SP
33 anos, branca, 1,50 alt.,
47 Kg, Bancária, 2º Grau (instrução)
Passatempo preferido: pintura
Quer corresponder-se para amizade

Elisabeth Alves
Rua Rosimeire 71
São Paulo, SP, cep 05171
26 anos, branca, 1,70, 65Kg,
Telefonista, 2º grau (instrução)
Passatempo preferido: música
Quer corresponder-se para amizade

Elisabete Hissami Arimori
Rua Pres. Nereu Ramos, 64, Jardim
Sta Helena, Suzano
cep 08600, SP
25 anos, oriental, 1,60, 53 Kg,
Comerciante, superior (instrução)
Passatempos preferidos: teatro, música,
leitura, pintura e motos)
Quer corresponder-se para amizade
e/ ou compromisso com mulheres de
altura próxima a dela, magras, brancas,
etc..

Lucimar Braga Ferraz
Rua 7 de setembro, nº 1348 C/2
Campo Grande, MS, cep 79100
oriental, 1,65, 50 Kg, 22 anos,
estudante de Psicologia
Passatempos preferidos: viajar, ler
e um pouco mais de tudo que existe
Quer se corresponder para amizade e,
ou transa.

Marina C Gomes
Rua José Ferreira Keffer, 77
P. Continental, SP, cep 05327
26 anos, branca, 1,60, 50 kg,
estudante, 1º grau (instrução)
Passatempos preferidos: cinema, teatro,
boates, esportes e shows
Quer corresponder-se para amizade e/
ou transa com mulheres loiras ou morenas,
1,63, 53 Kg.

Morena
Av. Pe Arlindo Vieira, Nº 1000/34
cep 04297, São Paulo, SP
27 anos, branca, 1,60, 53 Kg, médica
Passatempos preferidos: jazz, música
e cinema
Quer corresponder-se para amizade,
transa, compromisso...

TROCA-CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA TRAN-
SA, ESCREVA PARA :

Ana Maria Rodrigues Caraca
Caixa Postal 9340
cep 01051 SP

Ana Maria
Caixa Postal 317
AG. Central
cep 20001 RJ

Beatriz Romanzini
Júlio de Castilhos, 1603/02
Farroupilha
cep 95180 RS

Edna Maria S. Urban
Praça Ramos de Azevedo, 206,
26º andar, Edifício Esplanada, Centro
cep 01049 SP

Edneide Maciel Carneiro
Caminho Lage 05, Cidade Nova
cep 44.100 Feira BA

Elisete
Av. Fernandes Bastos, nº 2035(fun-
dos)
Bairro São José, Tramandaí
cep 95590 RS

Eloísa Helena de Andrade
R. Jesuíno Maciel, 190
cep 04615 SP

Leda Matias Ferreira
Caixa Postal 0117, Ag. Central
cep 01051 SP

Léia Loreto Lacerda
Saldanha Marinho, nº 1319(fundos)
Cachoeira do Sul, Centro
cep 96500 RS

Maria Gessi
Caixa Postal 139
cep 94900 Cachoeirinha RS

Maria Lúcia de Oliveira
SHCE - Q1203 - Bloco B, apto. 102
cep 70000 Brasília DF

Mara
Caixa Postal 606
cep 40000 Salvador BA

Marina
R. Antero Gomes Leite, 159, Belvedere
cep 30330 BH MG

*Quando nós nos vimos
pela 1ª vez, eu ouvi o
som de violinos tocando!*



Maristela Cordeiro da Silva
R. Valdemar F. da Silva, 46
Cidade Tiradentes Itaquera
cep 08400 SP

Neide Pereira de Carvalho
R. Nova América da Colina, 30 C
Praça 8 de dezembro, Guarulhos
cep 07000 SP

Rosária Admiral
Rua Pernambuco 144, apto 101
Higienópolis
cep 01202 SP

S. M.
Caixa Postal 16435
cep 02599 SP

Tatiana
901 North Dodge
Iowa City
Iowa 52240 USA

*Tatiana fala português

OS ENDEREÇOS ACIMA TRANSCRITOS SÃO DE
PESSOAS QUE NOS ESCREVERAM SOLICITAN-
DO CORRESPONDÊNCIA. ESCREVA TAMBÉM.

TROCA-CARTAS...

Sandra Galindo da Silva
Rua Anhanguera, nº 198, Barra Funda
cep 01195, São Paulo, SP
branca, 1,63, 59 Kg, estudante, 1º
grau(instrução)
Passatempos preferidos: música, lei-
tura, cinema
Quer corresponder-se para amizade
e. ou compromisso

Sílvia
Caixa Postal 4797, São Paulo
cep 01051, SP
35 anos, branca, 1,62, 57 Kg,
educadora, superior(instrução)
Pasatempos preferidos: cinema, tea-
tro, voley
Quer se corresponder para compromis-
so com mulheres "femininas", com o
seu nível de instrução

Sílvia Cristina
Rua Guaramembé, nº 490, J. Umarizal
C. Limpo, São Paulo
cep 05754 SP
branca, 1,63, 54 Kg, 25 anos
bancária, 2º grau(instrução)
Passatempos Preferidos: teatro, ci-
nema, voley, viajar, etc..
Quer corresponder-se com mulheres
de 1,60 à 1,62, 54 Kg, brancas, 26
anos e que morem em São Paulo para
amizade ou compromisso

E. A.

Caixa Postal 969
Apucarana, Paraná, cep 86800
branca, 24 anos, 1.49, 56 kg
Passatempos preferidos: música,
leitura
Quer corresponder-se para tran-
sa e/ou compromisso de preferên-
cia com morenas

PRECISA-SE DE DATILÓGRAFA

Se você trabalha com IBM
elétrica a nível profis-
sional, escreva para nós
aqui do GALF, que esta-
mos precisando dos seus
serviços. GALF, CX. Pos-
tal 62.618, cep 01214, SP



TIRE A MÁSCARA!! ASSOCIE-SE AO GALF

Agora, com apenas Cz\$20,00
por mês, você pode associar-se ao
GALF e colaborar com o nosso traba-
lho. Associando-se você passa a :

- 1) integrar a nossa lista de corres-
pondentes (com endereços de mulheres
de todo o Brasil) que é publicada
no ChanacomChana a cada edição;
- 2) obter informações sobre pontos
de encontro (bares, boates, hotéis)
e sobre entidades lésbicas, feminis-
tas e homossexuais do Brasil e do
exterior;
- 3) receber o histórico do GALF e
indicações de livros sobre feminis-
mo, lesbianismo e homossexualidade.
(Também xerocamos livros nacionais
e importados a pedidos);
- 4) receber informes sobre as ativida-
des públicas que o GALF pretende
realizar e a contar com o nosso a-
poio psicológico e afetivo quando
precisar.

* Envie cheque ou vale postal para
o GALF (só a sigla), CAIXA POSTAL
62.618, CEP 01214, SÃO PAULO.

CHANA COM CHANA

Nº 11 - OUT JAN . 1986 / 7 . CZ\$15.00



troca-cartas
poesia, resenha

encontro
feminista

informes
depoimentos
dicas de livros

ENTREVISTA COM CANDIDATAS:

IREDE CARDOSO, DULCE CARDOSO, CASSANDRA RIOS

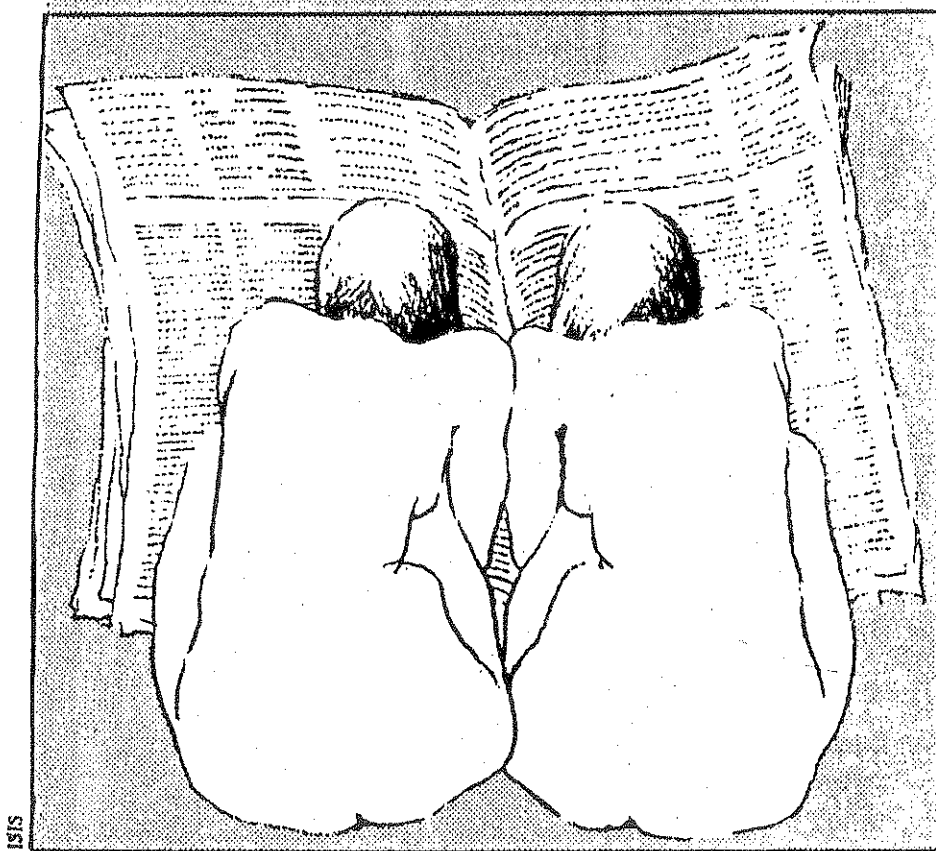
NESTE NÚMERO

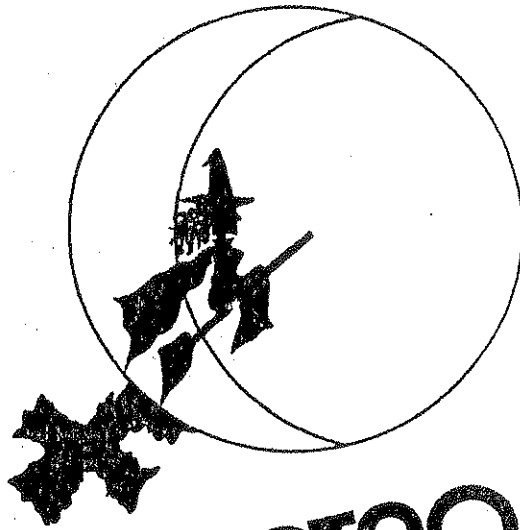
8º ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA.....	1
POESIA.....	7
DICAS DE LEITURA.....	8
NOSSOS DIREITOS.....	10
ENTREVISTA COM CANDIDATAS.....	11
EM MOVIMENTO.....	23
É ASSIM MESMO ?.....	26
OUTRAS MULHERES(RESENHA).....	28
TROCA-CARTAS.....	30

CHANACOMCHANA

O boletim ChanacomChana é uma publicação quadrimestral do GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA(GALF) que procura focalizar diferentes aspectos das vivências lésbicas bem como temas referentes à política dos movimentos sociais autônomos.

Nosso principal objetivo, com o ChanacomChana, é quebrar o muro de preconceitos que envolve e isola as mulheres lésbicas, criando uma rede de contatos, informações e apoio tanto no Brasil quanto no exterior.





8º ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA

PETRÓPOLIS • 7/10 AGOSTO 86

VIII ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA NO BRASIL.

ROSELY

Nós, do Grupo Ação Lésbica-Feminista, tivemos o prazer de participar do 8º Encontro Nacional Feminista, realizado na colônia de férias do Sesc, em Petrópolis, entre os dias 7 e 10 de agosto. Estávamos ansiosas diante da deliciosa oportunidade de poder compartilhar 4 dias só com mulheres, conversando, debatendo, trocando experiências, conhecimentos, afeições e prazeres. Entretanto, ao mesmo tempo, tínhamos receio quanto a receptividade que a nossa oficina sobre lesbianismo teria. Além disso, havia a preocupação de que nada do que fora planejado saísse errado.

Por caber a nós a realização de uma das oficinas do encontro e também porque a comissão organizadora estava ciente de nossas dificuldades financeiras, ganhamos uma bolsa, através da Ana do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), o que possibilitou a permanência gratuita no local de uma de nós. No final, conseguimos levar 4 mulheres do Galf para o encontro.

Na rodoviária de Petrópolis, havia dois funcionários da Secretaria de Turismo do Governo Brizola encarregados de encaminhar as participantes, que chegavam de todos os estados do Brasil, para as peruas kombi que as levariam, em um percurso de 30 minutos, até o local do encontro.

As oficinas, no total mais de 55, começaram na sexta-feira, dia 8/8, e foram divididas em três grandes temas: "Construindo nossa identidade" (Nós e o trabalho; Nós e os meios de comunicação; Nós e a nossa sexualidade; Nós, a arte e a cultura e Nós e o feminismo); "Usos e

Abusos do Nosso Corpo" (Nós e a saúde, violência, racismo, sexismo, ecologismo e pacifismo) e "Relações de Poder" (As relações de poder entre nós; Entre nós e o Estado; Entre nós e as nossas famílias e Entre nós e as organizações da sociedade civil). Mais de quinze oficinas integravam cada um dos grandes temas acima mencionados. Em um mesmo dia, realizavam-se várias oficinas simultaneamente. A duração de cada uma ficava a cargo da moderadora. Todo dia, pela manhã, a programação era fixada em vários pontos estratégicos da Colônia do Sesc.

Como 5ª feira foi o dia em que as participantes do encontro chegaram, não houve nenhuma programação, pois todas estavam bastante cansadas devido as viagens. Mesmo a festa, improvisada todas as noites, neste dia, acabou por volta das 11:30. A ocasião estava mais para se rever amigas, conversar afetuosamente e dormir bem. O dia seguinte prometia muitas opções graças à variedade de vídeos e oficinas com temática feminista que estariam à nossa disposição.

Oficina sobre Sexualidade e Feminismo

Na 6ª feira, nós do Galf, participamos de uma oficina bastante interessante denominada "A quantas anda nossa sexualidade: trabalho máscaras", organizado pelo grupo Maria Mulher de Niterói. No início, as mulheres se apresentaram brevemente, para depois, ao som do bolero de Ravel (tocado no decorrer de toda a oficina), caminharem pela sala, caladas, só se olhando. A seguir, cada uma deveria procurar produzir uma máscara que refletisse a sua auto-imagem. Para isto, nos foi fornecido material adequado (cola, tesouras, pano, papel, tinta, caneta, etc...). Agora, com as máscaras colocadas, voltamos a caminhar pela sala, procurando escolher uma ou mais máscaras que nos atraíssem, para posterior conversa com as suas criadoras (já sem máscaras) sobre a relação do feminismo com a nossa sexualidade. Uma mulher de cada grupo expôs para o conjunto das participantes um pouco da discussão ocorrida no seu grupo. Depois todas as outras poderiam complementá-la opinando sobre as oficinas e os trabalhos ali realizados.

Achei esta experiência interessantíssima. Para produzir uma máscara que reflita a nossa auto-imagem é preciso pensar sobre qual é a opinião que temos de nós mesmos e tentar passar esta opinião por meio da máscara, ou seja, objetificando dados subjetivos. Às vezes a produção não coincide com o que é pensado. De qualquer forma, a experiência foi válida, gostosa e me propiciou momentos de reflexão acerca da minha própria auto-imagem e sexualidade. O único porém foi a discussão um pouco abstrata sobre a sexualidade e feminismo realizada pelas participantes do meu grupo. Trouxe a máscara que fabriquei como lembrança de um momento especial do encontro.

Oficina dos Olhares

No sábado pela manhã, participei de uma oficina cuja intenção era desenvolver a percepção e o saber ver dos nossos olhos. Na grama, fizemos alguns exercícios corporais para depois, a partir do encontro dos olhares, escolhermos uma companheira com a qual gostaríamos de permanecer nos comunicando, por algum tempo, somente através dos olhos. Num sociedade que privilegia de tal maneira a comunicação verbal e escrita, experiências como estas são muito interessantes. Os olhos também falam, possuem uma linguagem própria de sedução, alegria, tristeza, paixão, espanto e admiração. Muitas vezes só não enxerga quem não quer e/ou desaprendeu a ver o sentido e a emoção que os olhos expressam.

Oficina sobre Lesbianismo

A tarde às 14 horas, no ginásio, iria se realizar uma oficina bastante especial: a nossa, sobre lesbianismo. Como toda oficina tinha uma moderadora, espécie de coordenadora dos trabalhos, fiquei encarregada de exercer esta função e possivelmente por isso estava especialmente nervosa.

Na programação, eu era a responsável pelo encaminhamento da ofici-

na, uma responsabilidade maior que aliava-se ao fato de ser aquela uma experiência inédita paranós do Galf.

Antes de irmos ao encontro, já havíamos planejado como estruturaríamos a oficina. Felizmente, com a brilhante participação de todas as mulheres do Galf, tudo ocorreu como havíamos planejado, com exceção do sábado pela manhã, quando a nossa oficina não estava presente em várias das programações e quando estava era em letra quase ilegível. Rapidamente passamos esta "falha técnica" (sic) colocando, no local das refeições onde todas necessariamente passariam, cartazes avisando sobre o local e o horário da nossa oficina.

Na hora marcada, 14 horas, tivemos uma agradável surpresa: já havia mais de 30 mulheres no ginásio. Ao todo compareceram 92 pessoas. Seguramente foi a maior oficina do encontro quanto ao número de participantes. Às 14:30 comecei a reunião falando um pouco da história do Galf e das nossas atividades atuais. Em seguida, pedi para que as 92 mulheres presentes se dividissem em 4 grupos para começarem a discutir o tema em questão, partindo das suas próprias dúvidas, opiniões, preconceitos... Para que não houvesse qualquer interferência do Galf nas colocações, nenhuma de nós participou dos grupos.

Queríamos, na discussão final, saber o que as participantes realmente pensavam. A nossa presença nos grupos poderia inibir a fala de algumas mulheres.

Solicitei que uma pessoa anotasse os pontos principais abordados durante a discussão. Depois de 30 minutos, distribuímos material para que cada grupo produzisse um cartaz que refletisse a discussão que tinham mantido: as dúvidas, divergências e opiniões das participantes sobre o assunto. Com os cartazes já prontos, uma representante de cada grupo expôs o que o seu cartaz refletia do debate realizado. Ao todo foram feitos 6 cartazes. Um grupo resolveu fazer dois e um outro foi produzido por 2 integrantes do Galf que colocaram, na montagem do cartaz, um pouco das nossas discussões e das suas próprias visões sobre lesbianismo. Por fim, durante a própria apresentação dos cartazes, distribuímos um texto com 10 perguntas e respostas sobre como vivem e amam as mulheres lésbicas.

Na minha opinião, todos os cartazes estavam muito bem elaborados



colagem da oficina de lesbianismo

e bastante criativos, principalmente se levamos em conta o pouco tempo da oficina dedicado a esta parte: uma média de 20 minutos.

Depois que os 4 grupos apresentaram seus cartazes, iniciamos um debate com todas as participantes acerca de alguns dos pontos levantados nas discussões e nos cartazes dos 4 grupos. Mencionei brevemente, alguns destes pontos: Por que as mulheres lésbicas se fecham em guetos?; Como uma mulher heterossexual será recebida num destes locais que integram o gueto?; Como tratar a questão do Lesbianismo a nível institucional (escolas, hospitais, etc.)?; A repressão social leva a perda do prazer devido a sua introjeção por parte das mulheres lésbicas; Ser lésbica é uma opção como o é ser heterossexual?; A relação entre duas mulheres pode reproduzir as desigualdades existentes nas relações heterossexuais; Existem padrões rígidos de comportamento no gueto; A masculinização de algumas mulheres lésbicas; A delicadeza da posição política das mulheres lésbicas no movimento feminista; Não há opção, somos condicionadas a manter a ditadura da heterossexualidade; Lutar para que exista uma liberdade real de escolha, o que não é possível enquanto perdurar a ditadura da heterossexualidade; Todas as mulheres deveriam se unir para lutar contra toda e qualquer espécie de opressão e discriminação de que somos alvo, por sermos negras, lésbicas, etc...; Procurar construir relações que não reproduzam as desigualdades existentes entre homens e mulheres; Uma aparência masculinizada não significa necessariamente que a mulher esteja reproduzindo o papel social do homem. Cada uma deveria poder se vestir da maneira que mais lhe agradasse e conviesse. A reprodução das desigualdades não está na aparência, mas na relação cotidiana que mantêm entre si e com as outras pessoas. A relação fança-lady pode ser uma criação erótica-afetiva lésbica e não ter muito haver com a questão da reprodução dos papéis heterossexuais; Quem cala quanto as opressões existentes consente em mantê-las. Seu silêncio trabalha neste sentido. Estes foram alguns dos pontos debatidos na oficina.

Esta discussão final demonstrou que necessitamos de muitos outros debates sobre lesbianismo. De uma maneira geral, as mulheres não discutem este assunto e por isto estão imbuídas de vários valores e preconceitos padronizados pela ditadura heterossexual. As mulheres lésbicas presentes na oficina (que por sinal se constituíam praticamente na metade das participantes) sugeriram que nos próximos encontros fosse feita uma reunião só para as mulheres lésbicas refletirem e debatirem sobre suas questões específicas. Numa oficina com mulheres lésbicas e heterossexuais, muito tempo é gasto em explicações "didáticas" para as mulheres heterossexuais que querem saber se entre duas mulheres há penetração ou como uma mulher heterossexual será recebida num local que integra o gueto lésbico. Um tempo precioso é despendido nestes esclarecimentos.

Os encontros mistos são muito importantes, mas para a nossa organização específica, enquanto um movimento político autônomo, é imprescindível que façamos reuniões exclusivas para trocarmos experiências e informações que nos possibilitem organizar uma rede lésbica nacional, quem sabe possível de se concretizar a médio prazo. Trabalhando neste sentido, com o tempo poderíamos estruturar encontros lésbicos estaduais e nacionais. Esta sugestão de reuniões exclusivas será por nós encaminhada nos próximos encontros feministas. No sábado à noite, expusmos os seis cartazes, para que através deles, mesmo as mulheres que não haviam participado da nossa oficina, pudessem ter acesso a um pouco do que fora sentido, debatido, etc...

Para nós, o saldo da reunião foi bastante positivo. Houve muitos elogios; algumas mulheres, disseram que a nossa havia sido a melhor oficina do encontro. Esperamos repetir esta atuação em dose dupla nos próximos encontros, realizando pelo menos duas oficinas; uma só para mulheres lésbicas e a outra para mulheres lésbicas e heterossexuais.

Racismo e Esterilização

No domingo pela manhã, participei de outras duas oficinas. A primeira era sobre Esterilização e Racismo. Uma das colocações mais in-

interessantes foi a denúncia feita por algumas participantes de que o governo esteriliza as mulheres pobres, que em sua grande maioria são negras, com a intenção de diminuir o crescimento da população negra no Brasil. Muitas destas mulheres não sabem que estão sendo esterilizadas. Em geral, pensam que se trata de um método contraceptivo e não algo definitivo, pois não possuem informações sobre o assunto.

O governo coloca a culpa pela miséria do país nos filhos das negras, encobrendo a verdadeira causa geradora da miséria: a extrema desigualdade na distribuição da renda social. O governo adota uma política de evitar o nascimento das crianças, como se isto atenuasse a situação de pobreza da população. Parecem acreditar que o culpado pela pobreza existente é o próprio pobre porque ele tem muitos filhos. Um homem e uma mulher de situação privilegiada podem ter o mesmo número de filhos que não serão alvo deste discurso classista. Aqui a vítima transforma-se em culpada pela situação de miséria absoluta em que se encontra. Abstrai-se o fato de que as mulheres não são informadas acerca da existência de métodos contraceptivos, não lhes permitem acesso a eles e nem condições econômicas para poder escolher o número de filhos que desejam ter. Obrigá-las a não ter filhos devido à situação política, econômica e social do país que solidifica a existência de ricos e pobres é algo muito opressor e autoritário. Acredito que devemos lutar para que todas as mulheres possam ter ou não filhos de acordo com os seus desejos. Para isto são necessárias condições econômicas, de informação sobre métodos contraceptivos e de acesso aos mesmos.

O Problema do Índio é o branco

A segunda oficina tratou da questão indígena com a presença de três índias pertencentes a três tribos diferentes. Uma delas era guerreira na sua tribo. Muitos pontos interessantes foram abordados tais como, entre outros: O governo federal permite a entrada das multinacionais nas terras indígenas; O homem branco pensa que a mulher indígena tem a xoxota cruzada; Existe muita "curiosidade sexual" do homem branco pelas índias; Os índios vivem lutando pela preservação e conservação da sua identidade cultural e de sua sobrevivência; O homem branco trouxe e continua trazendo várias doenças que causam a morte de milhares de índios, além de roubá-lhes as terras e destruir suas culturas tribais por meio do genocídio.

Além destes pontos, foram mencionados alguns dos elementos culturais que caracterizam e/ou caracterizaram algumas das tribos ainda sobreviventes à dominação da "civilização" branca.

Num determinado momento da oficina, perguntei a uma das índias como era encarada a questão da homossexualidade nas tribos que ela co-



nhecia ou sobre as quais tinha alguma informação. Ela rapidamente me respondeu que como a prostituição e o alcoolismo, a homossexualidade era um dos vícios trazidos pelos missionários brancos, presente, por exemplo, na tribo Bororó. Uma outra índia disse que não tinha conhecimento da existência da homossexualidade entre os índios. Quando a oficina terminou, entreguei à índia, que me havia respondido, um exemplar do chanacomchana e lhe falei que fazia parte de um grupo de mulheres lésbicas-feministas que não achava a homossexualidade um vício, como ela havia mencionado. Bastante sem graça, ela pegou o boletim e disse que iria pensar mais sobre o assunto, que talvez tivesse que reformular esta colocação.

Além destas 5 oficinas brevemente comentadas, pelo menos outras 50 ocorreram, fora os vídeos apresentados. A única coisa, que faltou neste encontro, a meu ver, foi a realização de uma plenária no final de cada dia onde pudéssemos intercambiar as experiências e informações obtidas nas oficinas e a partir destas tentássemos, numa plenária final, traçar políticas de como encaminhar os assuntos que nos interessam na futura Assembléia Constituinte.

O próximo encontro será em Recife. Espero ter novamente a oportunidade e o prazer de estar lá e de poder, mais uma vez, através de um outro relato, compartilhar minhas informações e experiências com todas as leitoras de Chanacomchana. Até mais!

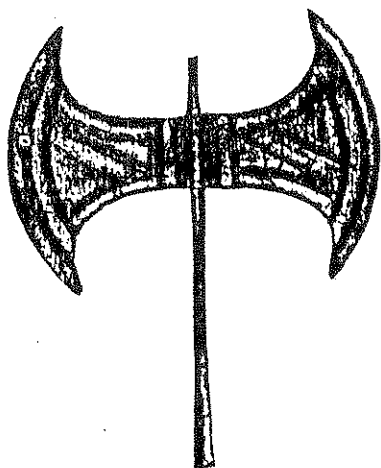


LABRYS é a designação dada ao machado duplo que foi símbolo não só das religiões cultuadoras de deusas como também das Amazonas* e do domínio feminino na África e Europa Central e Norte antigas, em Creta (ilha grega) e no Oriente Médio. Nas ânforas** de Creta, a deusa das cobras, venerada em Cnossos, é frequentemente representada segurando o machado duplo ou carregando-o preso à cintura, como símbolo sagrado alusivo à liberdade de que as mulheres gozavam naquela região. O LABRYS, como foi dito, também era utilizado, como arma, pelas amazonas juntamente com um escudo de couro ornamentado com o desenho de uma lua nova.

Atualmente, o LABRYS é empregado, por grupos lésbicos, como um símbolo de força e poder das mulheres.

* As Amazonas eram mulheres guerreiras que viviam em bando e habitavam, segundo registros, regiões da África, Ásia, Europa e Américas do Sul e do Norte. No Brasil, o nome do rio e o do estado do Amazonas foram dados por um conquistador espanhol, Francisco de Orellana, por ocasião de suas expedições àquela região, quando avistou bandos de amazonas, índias tapuias, segundo relato de Pero de Magalhães (1567).

** vaso grande de cerâmica, com duas asas simétricas e fundo pontiagudo, usado por gregos e romanos para armazenar água, azeite, vinho...



LABRYS

Fom
Tem
cor
fei
Ras
sos
Nos
abu
Com
tra
Por
fug
dos
ça
O P
alt
As
ace
Os
seu
Gue
gon
da
Fom
cia
e p
Os
sas
sas
per
ços
ofe
Ven
e ca
froi
ness
em o
a ná
no d
que
de p
e in
em n
de z

POESIA

DECLARAÇÃO

Fomos paridas no sopro do tempo...
Tempos longínquos cruzaram nossos
corpos, nossas almas
feito setas envenenadas.
Raspam nossas cabeças, taparam nos
olhos
Nossos corpos açoitaram de forma tão
abusada.
Contudo, rebeldes caminhamos na con-
tra-mão da moral e dos dogmas.
Por vezes, tantas, tantas... nos re-
fugiamos no silêncio enlouquecido
dos despossuídos que tramam vingança
infernai.
O Padre-Santo não mais nos acossa do
alto da Catedral!
As virgens, mártires da mentira
acendem nossa paixão...
Os vitrais ensolarados refletem
seus seios temerosos.
Guerreiros e dragões se apagam enver-
gonhados, furiosos e fracos ao mudar
da história.
Fomos paridas num tempo de boas de-
clarações
e perturbadoras ousadias.
Os santos assexuados desbotam de nos-
sas lembranças (já não são mais nos-
sas suas agonias)
Os anjos, ah... os anjos
perdem suas asas, estendem seus bra-
ços e rasgam suas vestes
e agora, retardatários, se
oferecem sem culpas à nossa Festa!

ELIZ

LÚCIA

Venha comigo, mulher,
e caminhe ao redor da sua árvore
frondosa
nessa manhã tranqüila
em que nada mais importa
a não ser o seu amor de fêmea
no cio da paixão
que queima em meus olhos
de palha e fogo
e imensidões devastadas
em meu coração demente
de amor e saudades

tintas a toda hora
como um vinho que escorre gosmento
da minha boca
tipo vinho barato e chibata
solidão de lado na terceira hora
fase e faces miméticas
arrancando a roupa
porque rasgam a tela
de uma forragem literalmente salpi-
cada por sucos ardentes e canções
banais
que só nós vivemos
em posição pélvica
e cinco filhos,
molhados

ANA VALIM

ALÉM MARES

Olhos europeus,
nada a ver com os meus,
lábios de rosa no lilás da minha boca.
Cabelos claros, tez pálida,
alma ávida de outras terras,
coração conquistador.
Coração conquistador,
eu lhe dou o meu amor
tropical e sem fronteiras
-nem só de guerras vivem as bandeiras-
Eu lhe dou a alegria de um Novo Mundo:
o prazer da descoberta.
Eu lhe deixo minha "humilde" porta
aberta
antes que uma velha Revolução comece
e transforme esse desejo que nos une e
angustia
em folclore ou má consciência.

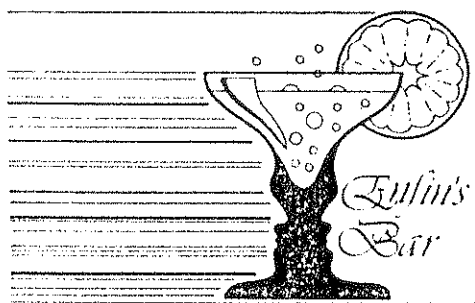
MÍRIAM



do Filme Amizade e Amor, Dinamarca

GRUPOS HOMOSSEXUAIS

Comunidade Fratriarcal, Caixa Postal 2543
Salvador, BA, cep 40000
Grupo Gay da Bahia, Caixa Postal 2552
Salvador, BA, cep 40000
Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA)
Caixa Postal 4106, SP, cep 01051
Frente de Liberação Gay (FLG)
Caixa Postal 77, Santo André, SP, cep 09000
Triângulo Rosa
Caixa Postal 14.704, RJ, cep 22.412
Atobá- Movimento de Emancipação Homossexual, Rua Professor Carvalho de Melo, 471
Magalhães Bastos, RJ, cep 21.730.



ENTENDIDOS (AS)

DESCONTRACÃO,
— AMBIENTE
— ACONCHEGANTE,
— MÚSICA AO VIVO
— LÉ QUINTA A DOMINGO
ENFIN'S BAR
PERTINHO DA AUGUSTA

Rua Peracolo Gomide 147 esquina c/ Frei Caneca

PRECISA-SE DE DIAGRAMADORA

Se você trabalha com diagramação, a nível profissional, escreva para nós, do GALF, que estamos precisando dos seus serviços. GALF, Cx. Postal 62.618, cep 01214, São Paulo, SP



SÍMBOLO LÉSBICO



dicas de leitura

LIVROS QUE O GALF ADQUIRIU PARA VOCE XEROCAR. PUBLICAÇÕES EM INGLÊS E ESPANHOL:

- Sobre mentiras, secretos y silencios, Adrienne Rich
Vários textos desta importante pensadora feminista sobre as mulheres e a cultura. Barcelona, 1983
- Heterossexualidad Obligatoria y existencia lesbiana, Adrienne Rich
Um texto imprescindível para quem se interessa pela questão do lesbianismo Traduzido do inglês pelo coletivo de lesbianas feministas de Madri.
- La ultima Reina Guerrera, Mary Mackey
Ficção sobre sociedades onde as mulheres governam e lutam por manter sua liberdade. Barcelona, 1983
- Monjas Lesbianas e Lesbians Nuns: Breaking Silence, Rosemary Curb & Nancy Manahan
Mulheres lésbicas contam suas experiências durante a vida no convento * Em espanhol e inglês, 1985
- Egalia's Daughters, A Satire of the Sexes, Gerd Brantenberg
Egalia é um lugar onde as mulheres detêm o poder, controlam o governo e a economia enquanto os homens ficam em casa cuidando das crianças. De repente, os homens resolvem lutar por seus direitos e... EUA, 1977, 1985
- The Kwan Yin, Book of Changes, Diane Stein
Um I Ching feminista para consultar e curtir..
Llewellyn Publications, St. Paul, Minnesota 55164-0383, U.S.A, 1985
- Les Guérillères, Monique Wittig traduzido do francês por David Le Vay, Boston, USA, 1985
Um épico que proclama a destruição da linguagem e das instituições patriarcais e o nascimento de uma nova ordem feminista
- Lesbian Origins, Susan Cavin
San Francisco, CA, 1985
As origens da opressão das mulheres, o amazonato, o feminismo lésbico, etc.

GOING PUBLIC WITH OUR VISION
Feminism in the 80's - Book II
Bringing the Global Home

Charlotte Bunch

Vários textos desta importante teórica feminista sobre o feminismo dos anos 80

- S-M, The last Taboo, Gerald and Caroline Greene, A Study of Sado-Masochism

Um estudo da história do s-m, sua psicologia, técnicas e acessórios.
Nova York, 1974

- Against Sado-masochism, A radical Feminist Analysis, Robin Ruth Linden California, 1982

Vários textos feministas opondo-se às práticas sado-masoquistas entre lésbicas

DICAS DE LEITURA SOBRE LESBIANISMO E HOMOSSEXUALIDADE

Lesbianismo:

A QUEDA PARA O ALTO, HERZER
Editora Vozes

VIVA SAPATA, Rita Mae Brown
Editora Record

A COR PÚRPURA, Alice Walker
Editora Marco Zero

MARTINA, Martina Navratilova
Editora Guanabara

TERESA E ISABEL (UMA PAIXÃO)
Violette Leduc
Editora Brasiliense

Homossexualidade:

Teoria e Prática da Homossexualidade

John Hart e Diane Richardson
Zahar Editores

O QUE É HOMOSSEXUALIDADE
Peter Fry e Edward McRae
Editora Brasiliense

Jacarés e Lobisomens
Leila Mícolis e Herbert Daniel
Editora Achiamé

UMA FLOR PARA OS MALDITOS, HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA
Mara Faury
Papyrus Livraria Editora

DEVASSOS NO PARAÍSO
João Silvério Trevisan
Editora Max Limonad



AGORA TEM GENTE
LENDO CHANACOMCHA
NA EM VÁRIAS PARTES DO BRASIL...
JUNTE-SE A NÓS!!

FAÇA SUA ASSINATURA DO BOLETIM CHANACOMCHANA ENVIANDO UM CHEQUE OU VALE POSTAL, EM NOME DO GALF, PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01214*, SÃO PAULO.

ASSINATURA POR 4 n.ºs....Cz\$60,00

Números Anteriores(7, 8, 9 e 10)
.....Cz\$45,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR.....
.....US\$20

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....
PROFISSÃO.....IDADE.....

Prezadas leitoras,
Embora quiséssemos ter mantido o preço do ChanacomChana congelado até dezembro - como havíamos dito - , não pudemos cumprir nosso objetivo porque as gráficas, principalmente nesta época de eleições, resolveram "descongelar" seus serviços. Conseqüentemente, o custo do Chana aumentou e nos obrigou a elevar seu preço. Certas de contar com sua compreensão, GALF



bandeira brasileira

nossos direitos

Fazer parte de uma sociedade significa ser integrante de um grupo de pessoas pertencentes a uma só espécie, mas que, devido às suas diferenças, não podem pensar, sentir e querer da mesma maneira. Como pessoas, sob a ótica do Direito, somos dotados de personalidade jurídica, conseqüentemente, sujeitos de direitos e obrigações. Como sujeitos de direitos e obrigações, temos capacidade para participar de atos jurídicos (como, por exemplo, um contrato de sociedade). Portanto, para existirmos juridicamente precisamos de amparo legal, que nos dê garantias individuais e coletivas. Neste sentido, o que precisamos é de proteção da lei no sistema constitucional que está por vir. E isto é importante para nós, porque é do sistema constitucional que emana o disciplinamento de outros sistemas, como: o penal, o civil, o trabalhista, etc. Por isso, é inegável a necessidade de a homossexualidade ser considerada juridicamente e não apenas de fato, deixando, assim, de ser, para alguns, uma anomalia sexual, perversão e outras denominações inventadas por falsos moralistas. E, como fato jurídico, não ser apenas objeto de especulação científica.

Acho que é possível uma nova redação do §1º do art.153 da Constituição, onde está consagrado o princípio da isonomia: "Todos são iguais perante a Lei...". Por que não a punição contratadas as espécies de discriminação, inclusive aos homossexuais? Diria ainda que esta nova redação traria, conseqüentemente, a modificação do inciso III do art.165 da CF, que trata do problema relativo aos critérios adotados para admissão de trabalhadores. É óbvio que para isto alguns valores terão que ser modificados. E que os padrões comportamentais tenham, pelo menos, como aceitável, a homossexualidade. Muitas pessoas considerarão nossa proposta uma afronta, até mesmo imoral. Além disso, uma das piores barreiras que devemos enfrentar é a Igreja, que usará de sua influência para reprovar nosso intento. Felizmente, existem pessoas mais abertas e que compreendem a nossa causa.

Embora existam as classes conservadoras e mais uma infinidade de obstáculos, devemos, mais que nunca, e, presentemente, tentar uma colocação de nossa posição perante a sociedade, e o que é importante, também àqueles a quem nós delegamos as nossas decisões.

ZINÉLIA

ENTREVISTA COM CANDIDATAS:

ROSELY, MARIA LUIZA E CÉLIA

Você já sabe em quem vai votar? O grau de envolvimento com a realidade nacional pode variar, mas esta é uma preocupação que une, neste momento, a todos os cidadãos brasileiros.

Nos últimos meses, o assunto principal é as eleições de quinze de novembro. Por terem sido indevidamente marcadas numa mesma data, as eleições para Governador, Deputados e Senadores, aqui em São Paulo os meios de comunicação praticamente só se detêm nos candidatos ao Governo Estadual. Inexiste a discussão das propostas dos candidatos(as) ao Senado, à Assembléia Legislativa e à Assembléia Nacional Constituinte.

A formulação de uma nova Constituição é um marco histórico importantíssimo que pode (ou não) garantir e ampliar os espaços democráticos através das leis que irão reger o país.

Neste número, nós, do Chanacomchana, não poderíamos ficar à margem deste processo. Assim para contribuir com a ampliação do debate de algumas das propostas existentes em relação a homossexualidade, racismo, feminismo, ecologia e terras indígenas, nós entrevistamos três candidatas: Cassandra Rios, Irede Cardoso e Dulce Cardoso. A primeira é candidata à Deputada Estadual pelo PDT. As outras duas são candidatas à Deputada Federal pelo PT.

A candidata a Deputada Estadual pelo PT, Rosalina Santa Cruz também foi convidada, mas não pôde comparecer. No final da entrevista, há um resumo das suas propostas.

Ao todo foram mais de quatro horas de entrevista, realizada numa terça feira de setembro, à noite, no Ferro's Bar. Concordando ou não com as opiniões aqui emitidas, esperamos que esta entrevista contribua para a sua reflexão em relação ao momento atual. Rosely Roth



sociedade reclamando e unindo-se, reinvidicando direitos, uma insatisfação de que alguma coisa não corresponde aos seus direitos, no trabalho, na sociedade... Pretendo lutar por salário igual para mulher e para homem, nisto não impondo que o homem seja superior ou a mulher venha a ser superior, mas que ela faça jus ao produto do seu trabalho, assim como o homem faz, de acordo com a sua posição.

GALF: Como Deputada Estadual, o que você acha que um(a) deputada(o) federal deveria levar para a Assembléia Constituinte, enquanto bandeira referente à homossexualidade?

CASSANDRA: Eu tenho acompanhado o trabalho de Irede Cardoso que já fez muita coisa. Ela tem que complementar o direito de ir e vir, a segurança, a garantia na profissão exercida pelo homossexual. Essa segurança quanto a discriminação, o que mais acontece é que tudo que há de ruim converge é para o homossexual. Então, existe uma prevenção contra o homossexual e ela precisa ser eliminada. Como? Que ele não seja levado a responder por um crime que não praticou só porque ele é homossexual. Ele tem o direito de ir e vir como qualquer semelhante. O homossexual ele deve estar isento de penalidade pelo fato dele ser homossexual. Só porque vamos supor - sai uma briga, e há um homossexual, ele é culpado, duas vezes, três vezes discriminado. A outra pessoa vai embora, o homossexual fica. Então isto é discriminatório. Não só discriminatório como abuso de poder ilícito, injusto e desumano porque o homossexual é tão normal quanto o heterossexual. Foi o que eu tentei provar a vida inteira através de meus livros. Eu digo que tentei porque ainda existem muitas coisas a serem reivindicadas, a serem solucionadas.

Nós estávamos conversando, acho que seria até muito interessante que no Brasil fosse levado a efeito e prá valer o casamento entre os homossexuais.

IREDE: E isso vai depender muito, sabe de quem? Muito dos Deputados Estaduais porque nós vamos ter que mudar o Código Civil, as leis ordinárias, que não entram na Constituição. Por isso os Deputados Estaduais serão os constituintes estaduais. Não só o casamento, como disse a nossa amiga, como também a questão de adoção de filhos e outras questões que estão proibidas no Brasil por absoluta ignorância e falta de uma mentalidade cultural.

CASSANDRA: Porque eu acho incrível e desumano que uma homossexual, ou um homossexual que tenha uma idoneidade moral, uma cultura elevada, uma conduta irrepreensível, que tenha assim um passado ilibado, que tenha se comportado sempre com decência e que não tenha nada atentatório contra a sua conduta moral no seio da sociedade, tenha que dividir a sua solidão e distribuir seus carinhos com um cãozinho, um gatinho, um vazinho de planta, quando ele poderia fazer tanto bem para uma criança. Tem tanta criança abandonada. Isso não influenciaria porque homossexualismo não é uma doença contagiosa. Não é, nunca foi. É nesse ponto que eu quero chegar, tanto que eu disse que é normal e venho repisando isso. Respondi processo, tive até ordem de prisão e já me esbofetearam querendo que eu dissesse que era uma homossexual e eu sempre respondi que sou uma escritora. Eu posso ser o prédio, mas não o que está dentro. O homossexual não é um criminoso em potencial, não é um anormal. Ele é um ser humano igualzinho a qualquer outro, com seu modo especial de amar, jeito natural de amar, espontâneo. Quando eu disse que não é contagioso, eu quis dizer que quando alguém diz assim: "ah! ele virou homossexual porque andou com homossexuais" não é assim. Ele já tinha tendências porque ele já era um homossexual reprimido, era um homossexual bloqueado e que se desencasulou, abriu-se para a própria vida. Ele era um botão fechado, queimado nas pontas e de repente alguém cortou as pontinhas queimadas e ele desabrochou prá vida dele.

DULCE: Eu acho que a gente tem que garantir que ninguém possa ser punido baseado em qualquer padrão moral. A gente tem que acabar com essa coisa de idoneidade, a gente não pode admitir isso. Irede: você vai querer dar a adoção para uma alcoólatra? Dulce: Então querida, mas aí é diferente. Olha, vê bem, quando você fala em alcoolismo, você trata o alcóla-



Cassandra Rios,

hábitos preservados. Que eles se mantenham como gente. Que eles não sejam mais discriminados porque a pior discriminação é essa; eles são os donos da terra. Eles têm que ser assimilados através da civilização, de acordo com a civilização deles. Não forçar que eles abandonem todos os seus hábitos e os seus costumes para se misturarem com a nossa sociedade que nunca chegará a ser tão pura quanto a deles.

IREDE: Quanto a questão indígena, acho que devemos lutar pela preservação das suas reservas e sobretudo uma luta muito séria com relação à exploração mineral de suas terras que está sendo praticada de maneira bárbara. Nosso ministro Aureliano Chaves não tem se comportado a altura em relação a essa questão. Não tem lutado pela preservação das terras indígenas, o que tem provocado seríssimos problemas entre os índios, inclusive ocasionando a destruição da imensa maioria dos índios brasileiros que eram milhões e hoje se resumem a poucos milhares. É nesse sentido que nós achamos que eles mereçam eleger representantes na Constituinte, mas não eleger representantes que sejam folclóricos. Temos agora índios da União Nacional Indígena (a UNI), extremamente inteligentes, conhecedores, que falam português muito bem e que são índios, ou seja, que defendem com unhas e dentes as suas especificidades, seus direitos e estão compreendendo qual é o sistema destruidor da sociedade branca capitalista e estão se unindo para lutar contra isso, cada vez mais com muita energia. Estou do lado desses representantes das nações indígenas que têm essa postura de lutar contra os opressores, dominadores e exploradores brancos.

DULCE: Concordo com todas as reivindicações das nações indígenas que são: primeiro, o reconhecimento da autonomia de suas nações e a briga muito acirrada pelo direito à terra. A autonomia não pressupõe o direito à terra. Agora, além disso, uma briga pelo direito à livre expressão cultural. Há também a questão do resgate histórico enquanto descendentes de seres historicamente oprimidos. Eu acho que a gente tem que garantir o mínimo em termos de resgate histórico da população indígena. Acho que a nação brasileira deve isso a eles, então temos que criar a possibilidade dos indígenas terem a sua história escrita através das suas próprias nações. Sabemos de índios que estão nessa luta tentando escrever. Imagine, a Juliana Potiguara, que é uma mulher fantástica, tentando escrever o seu primeiro livro, quer dizer, o índio, quando quer contar a sua história, tendo que andar de editora em editora para garantir que essa material seja publicado. Acho que, tem que ter um sos mulher indígena, mas não coordenado por nós. Devemos dar apoio para que as nações indígenas encaminhem seus projetos.

GALF: Qual a proposta de vocês com relação a questão do negro?

CASSANDRA: Quando falo em discriminação de raça, lembro o seguinte: deveríamos considerar que Portugal e África é que são as mães pátrias do Brasil, que foram eles que ergueram este país. O Brasil inteiro foi feito pelo sangue e suor dos negros. Porque eu acho horrível quando você fala em discriminação de negros, acho isso triste. Eu acho que

de mulheres e não só a serviço do partido. Isso quer dizer que, em termos burocráticos, você vai ter o gabinete para ser utilizado por esses movimentos. O que falta nos movimentos é infra-estrutura, a maior parte dos movimentos não sobrevive, suponho, devido à falta de estrutura. Então é garantindo essa infra-estrutura básica e brigando para garantir espaço na imprensa, deixando o gabinete, telefone, material, mala direta à disposição. Agora, além disso, eu acho que é preciso garantir as representantes dos movimentos trabalhando no gabinete. Eu acho que, além da estrutura da organização e da desorientação política que é muito grande, um dos problemas elementares do movimento é a coisa da infra-estrutura. Com infra-estrutura certos movimentos não acabariam. Outra coisa é o compromisso político que deve existir a todo momento que eu me pronunciar. Este compromisso não está desvinculado do meu cotidiano antes da campanha, durante a campanha e depois da campanha. Imagina, um mandato são 4 anos e para um ser humano militante ou não militante existe muito antes e muito depois do mandato. Eu não tenho sonhos parlamentares e não é o parlamento que me encanta. Para mim o parlamento é uma tarefa histórica neste momento.

IREDE: Bom, minha história como vereadora é a prova de que é ajuda total: abertura de gabinete; abertura de comissões de inquérito; atendimento de reivindicações, tudo o que for necessário. Aqui essa é minha luta, essa tem sido minha luta e ela vai continuar e, se eu for eleita Deputada Federal, vai ser maior porque eu vou ter mais recursos.

5. GALF: Qual a sua proposta em relação à luta das mulheres?

CASSANDRA: Em relação às mulheres, eu tenho o seguinte: A mulher deverá lutar pela sua aposentadoria, após o exercício da profissão por 25 anos, porque a mulher, em geral, trabalha dobrado. A mulher já por uma tradição, isso é hábito, ela trabalha fora e ela trabalha dentro de casa. Então pode reparar que a mulher casada que trabalha fora, ela sempre envelhece mais rápido que o marido. Então a mulher tem que adquirir essa aposentadoria após os 25 anos de profissão, seja ela qual for. Outra coisa é a igualdade de salários. Que a mulher ganhe o que lhe for devido pelo que ela produz, pelo que ela exerce, seja engenheira, seja doméstica, seja psicóloga, seja professora. Que ela ganhe exatamente o salário igual ao do homem, no exercício da sua profissão.

IREDE: A minha proposta é que a gente continue nessa luta de levar as idéias, levar os dados, as estatísticas, para discussão, para que as mulheres reflitam e se organizem cada vez mais e possam combater a opressão e a discriminação que elas sofrem. Então a proposta é estimular o espaço de organização das mulheres, seja nas organizações de periferia, seja nos meios de comunicação, porque isso é muito importante. Seja também estimulando mulheres na área da cultura e da pesquisa. O escrever mais, o pesquisar mais. Por exemplo: não tem uma pesquisa mostrando qual é a relação que a mulher dona-de-casa pode ter com a empregada doméstica para que a empregada doméstica se sinta realmente uma igual, uma pessoa que tenha dignidade. A empregada doméstica sempre acha que ela é uma escrava. Como a gente vai fazer pra conscientizar a dona-de-casa e a empregada doméstica que não é isso? Tudo isso pode ser feito através do debate, da organização e dos espaços de poder nos meios de comunicação.

DULCE: Além de lutar pelo tipo de relações específicas que é garantia de direito e deveres iguais no núcleo familiar, a garantia de infra-estrutura social, de acesso à escola, a cursos profissionalizantes; garantia de organização mesmo, espaço para organização e incentivo à organização. Percebo que, em geral, a gente que milita há muito tempo tem a tendência a pressupor que as mulheres todas, estejam percebendo como se dá a relação de exploração, ou como é que se dão as relações entre os sexos. A gente tem a ilusão de que as pessoas já estejam um pouco organizadas. Não é verdade. Você encontra nesse país, na maior parte, mulheres que nunca ficaram para discutir. Acho que é um compromisso político garantir a livre manifestação das mulheres em todo canto desse país.

6. GALF: Qual a proposta de vocês quanto à questão indígena?

CASSANDRA: Que eles tenham a sua terra. Que eles tenham seus próprios



Dulce Cardoso,

tra... por isso que você não tem que permitir em relação ao homossexualismo qualquer colocação moral. Uma questão é você dizer: alguém não pode adotar uma criança por que é alcólatra, ou pederasta, esturprador ou qualquer outra coisa. Agora, em termos de orientação sexual, a gente não pode permitir qualquer conotação moral. O que eu estou dizendo é isso: Você não pode permitir qualquer conotação moral quando você trata do homossexualismo porque, se não, você dá gancho prá que o tratamento seja a partir da referência de moralismo que tem na sociedade.

IREDE: Eu acho que qualquer pessoa que seja homossexual ou não deve ter o direito de adotar uma criança.

ROSELY: O discurso moral é sempre usado contra os homens e as mulheres homossexuais.

3. GALF: Vocês têm propostas a nível federal que atingem a comunidade homossexual? Como pretendem encaminhá-las?

IREDE: A única forma de encaminhar é aquela que eu acho que nós estamos começando agora, através de tele gramas para todo o Brasil para todos os candidatos à Constituinte, mostrando quais são as reivindicações do momento, para que a gente crie um "lobby", o mais forte possível, para quando a gente chegar lá, a gente conseguir passar essas leis. Ao mesmo tempo, mobilizar toda comunidade homossexual de homens e a comunidade homossexual de mulheres para que pressionem mandando telegramas, se organizando, se manifestando para que obriguem o Congresso efetivamente a aprovar essa lei.

DULCE: Acho que a Irede já falou. É garantir o espaço de organização e de expressão de todos os grupos homossexuais. E acho que todo parlamentar deve ter o compromisso de não falar por si só, principalmente as candidatas que trabalham ligadas aos movimentos sociais. Por um lado a Constituinte é soberana, mas por outro lado uma das funções do parlamentar é garantir o espaço de manifestação da população durante a elaboração da Constituição. Então, para mim, essa é uma proposta claríssima. Isso vai ser um embate legal mesmo. Num primeiro embate na Constituinte, você encaminhará as propostas e todo mundo será contra. Claro, os "caras" do governo são contra. Agora a gente só vai ter força para garantir que essa proposta seja aprovada se todos os grupos estiverem juntos funcionando e pressionando a Assembléia Nacional Constituinte como um todo.

4. GALF: Se eleita que tipo de ajuda concreta vocês pretendem dar aos grupos de mulheres, incluindo os grupos de mulheres lésbicas e de negras?

DULCE: Um parlamentar tem o recurso público. Então uma delas é a abertura do gabinete. Colocar todo o mandato a serviço desses movimentos

lamentares comprometidos para, inclusive junto com eles, pressionarem a Assembléia Nacional Constituinte inteira. A gente sempre se subestima, a gente nunca percebe o pavor que os parlamentares têm do chamado povo porque sabem que dependem diretamente do voto desse povo para se eleger. Você pode ver as votações secretas... A gente tem que garantir que nenhuma votação seja secreta, mas que seja pública, justamente por que isso obriga os parlamentares a assumirem ou a se omitirem nas questões, o que garante o poder de pressão da população. Eu, se eleita, vou brigar primeiro contra o padrão heterossexual como único padrão de relacionamento sexual pelo direito à privacidade e porque, embora seja aparentemente geral, acho que interessa principalmente às mulheres lésbicas, aos homens homossexuais a garantia do direito de privacidade e a livre expressão. Não só a livre expressão como a livre manifestação. Você não pode beijar uma mulher na rua. É absurdo, não é? Então, se uma pessoa vai lá e te reprime porque você está beijando uma mulher na rua, o crime é da pessoa que te reprimiu, não é seu que está beijando. Então essas são brigas concretas, eu acho. Agora tem algumas questões que eu não tenho a discussão acumulada que os movimentos têm. E nisso eu me coloco aberta para junto com os movimentos encaminhar e discutir toda reivindicação. Contra a violência policial, colocar alguma coisa específica quanto à livre manifestação de afetividade entre homens e mulheres, acho esse item uma responsabilidade da gente. Um dos itens pelo qual eu vou brigar, além disso, (eu reforço) é a questão da educação. Eu acho fundamental uma educação contra o heterossexualismo como padrão normal de relações sexuais e sociais. Outra questão é da luta pela livre associação de pessoas, por exemplo, porque duas mulheres que vivem juntas não podem adotar uma criança? Acho que a gente tem que brigar por todos esses direitos, quer dizer, o direito à livre associação, seja qual for ela a forma de associação entre as pessoas. Que elas tenham todos os direitos garantidos porque os deveres a gente já tem mesmo enquanto cidadão.

IREDE: Bom os grupos homossexuais já têm se reunido e têm discutido muito essa questão e eu endosso plenamente a reivindicação deles que é a modificação do artigo 153 que deve ser explicitamente feito da seguinte maneira: "Punir todo ato que discrimina a livre orientação de cada um, seja hetero, seja homo, seja bissexual." Com esse dispositivo, que é possível de ser levado, como foi aprovado num congresso de mulheres, nós estaremos efetivamente, não só punindo como crime, (estabelecendo quais serão as penalidades e de que forma isso será regulamentado) nós estaremos começando, de uma maneira embora repressiva, mostrando que o Brasil caminha culturalmente para uma transformação. Essa é minha proposta.

GALF: Quais os pontos principais do teu programa enquanto Deputada Estadual?

CASSANDRA: Os pontos principais, eu vou sintetizar. Uma sociedade mais livre, fraterna, igualitária. Então você pode englobar tudo: salário igual para a mulher e para o homem. Livre o direito de ir e vir, o direito de ser o que você é e não ter que ser o que os outros gostariam que você fosse, ou o que uma sociedade hipócrita, preconceituosa impõe como protótipo. Então isso naturalmente está dentro das reivindicações que nós vamos fazer em favor dos homossexuais. O amor é sempre amor, independente de raça, ou cor. Então, patenteado nisso, nós temos que pensar no seguinte que eu sou dona do meu coração, mas meu coração não manda em mim nem eu mando nele. Quem definir o amor, não ama, gosta. Então, é por isso que nós temos que preservar a liberdade do indivíduo diante do amor. Porque o amor não obedece a leis, não segue regras. Deve-se respeitar o direito do ser humano de se unir com a pessoa que ele escolhe, porque o homossexualismo não é anomalia. Isto é fraternidade. A mulher negra, ela é discriminada enquanto mulher, enquanto negra, enquanto pobre. Então precisamos acabar com essa discriminação para que haja igualdade de salários, segurança e equilíbrio, garantia de trabalho para a mulher. Outra coisa é o direito à greve. Porque o direito à greve? Porque quem faz greve é o povo insatisfeito e, se o povo está insatisfeito, é porque alguma coisa não está correspondendo. Quando uma pessoa só está reclamando, é um assunto. Agora vamos supor um sindicato inteiro, um grupo inteiro, uma

criminado que o trabalhador do sexo masculino, é a mulher trabalhadora, é a mulher homossexual, é o homem homossexual, é o negro, é a mulher negra, que são jogados em guetos prá justificar uma exploração econômica que resulta num traço cultural machista e que nós temos que destruir através das leis que vão efetivamente atingir os costumes. Isso é uma revolução, pois em geral se tem uma interpretação mais economicista da realidade. Não perceberam, mas é aí que está a verdadeira revolução e a verdadeira transformação por onde a gente pode ir mais fácil. Porque inadvertidamente as pessoas procuram ser liberais e nesse ponto é possível que, na Assembléia Nacional Constituinte e na nova Constituição, a gente consiga avançar muito prá coibir de maneira muito severa essas discriminações e, com isso, nós estamos diminuindo a distância entre o dominador e dominado.

2. GALT: Quanto à questão da homossexualidade, se eleitas, o que pretendem propor na Assembléia Nacional Constituinte?

DULCE: Em termos de lei, eu acho que tem que ser explicitada que qualquer discriminação tem que ser punida enquanto crime. Tem que ser considerada crime e punida enquanto crime. Agora, tem vários itens específicos como, por exemplo, a questão dos meios de comunicação e da educação transmitida por livros. Acho que tem que se colocar claramente que o padrão heterossexual não pode ser definido como padrão normal. Você não pode estabelecer um padrão de relacionamento sexual, e isso é colocado a toda hora no cotidiano. Acho que isso tem que ficar bem explícito. No item referente aos meios de comunicação, eu acho que tem que ser claramente colocado que qualquer discriminação é crime. Agora em relação ao conceito de discriminação, vai caber uma discussão mais ampla para que você possa definir o que é ou não discriminação, o que é ou não sexismo. Reforça-se um padrão heterossexual como único padrão, ou então considera-se como legítimo o do homossexual masculino. Você vê no próprio discurso geral que o padrão homossexual masculino é considerado legítimo. De certa forma, ele é mais facilmente incorporado. Você vê que, de certa forma, a possibilidade de uma relação de amor, de uma relação afetiva, de uma relação sexual entre mulheres é negada e ignorada, muito mais que entre dois homens. Eu acho que os parlamentares que se puserem a fazer um trabalho sério e a tomarem algumas causas durante o seu mandato, vão estar a toda hora colocando essas questões, garantindo a manifestação e o avanço de grupos que já existem, tornando, até mesmo, legítima essa discussão na sociedade porque ela ainda não é legítima.

Eu acho que ninguém mais do que os grupos, que já tem uma discussão acumulada, para colocarem através dos parlamentares, quais são as suas reivindicações específicas. Eu posso, depois de discutir com qualquer grupo ou organização lésbica que exista no país, incorporar as reivindicações, encaminhar as reivindicações e brigar por elas. Isso é uma questão; outra questão é garantir o espaço para que esses grupos se manifestem na própria Constituinte, porque na elaboração dessa Constituição, nós, os parlamentares de esquerda, os indesejáveis, seremos muito poucos. Por isso os grupos têm que garantir alguns par-



Cassandra Rios, Irêde Cardoso, Rosely Roth

1. GALF: Quais os pontos principais do programa de vocês, enquanto candidatas?

DULCE: Primeiro a luta contra todo e qualquer tipo de preconceito, racial, de idade, sexual, por descendência ou ascendência étnica e invalidez física. Minha luta é contra todo tipo de padrão estabelecido que pressupõe que uma pessoa seja inferior a outra porque não é tão normal quanto aquilo que seja considerado normal. Acho que essa é a razão da minha candidatura. E a partir disso, tem todas as lutas específicas mesmo. Primeiro, temos que garantir que o racismo seja punido enquanto crime, garantir os direitos individuais, garantir o resgate histórico da história do negro no Brasil. E aí entro em outras questões que dizem respeito a todos os oprimidos e a todos marginalizados: o direito à escola, o direito de todo trabalhador à livre organização, às 40 horas semanais, não da forma que os sindicatos vêm isso (eles falam em 40 horas semanais e discutem só em termos de produtividade), mas em termos de possibilidade de micro organização. Agora, especificamente à algumas questões referentes à mulher, algumas pessoas têm que levar, e sei que os eternos detentores do poder nunca vão levar. Por exemplo: o direito ao aborto, que o aborto seja discriminado e que se garanta o atendimento médico às mulheres; o atendimento de saúde a toda etapa da vida da mulher; a educação em horário e local adequado às mulheres; a infra estrutura social, como creche, a garantia de que o trabalho doméstico seja percebido como trabalho de atividade social, socialmente necessária, e a partir disso você tem a possibilidade de garantir os direitos do trabalho doméstico e de todos os direitos trabalhistas para a mulher do meio rural. De repente falo de tudo, não é? Brigar contra a construção da usina nuclear, acho que qualquer cidadão tem que brigar por isso. Agora, eu até acho que vale a pena colocar algumas coisas mais específicas dentro do que a gente está discutindo, como por exemplo: a questão da orientação sexual; a garantia de educação em todos os níveis; a garantia do direito de ir e vir, por segurança social e não, de jeito nenhum, por segurança através da polícia. Acho que essa é uma briga que a gente tem que levar, mesmo porque brigar por reforma agrária muita gente vai brigar. Mas nós desejamos: a reforma agrária com a garantia dos direitos dos trabalhadores rurais, em especial, a da mulher do campo; a possibilidade de educação; o atendimento de saúde; a infra estrutura social. Em linhas gerais são esses pontos. E na área da solidariedade internacional, primeiro o rompimento do Brasil em todas as instâncias com a África do Sul. Rompimento com o movimento racista do Apartheid. E, além disso, uma briga aqui no Brasil para que se reconheça todos os movimentos de libertação, que se garanta escritórios com atuação aqui. E ainda, sem dúvida alguma, salário igual para trabalho igual.

IREDE: Bom, eu acho que o Brasil é um país que, como se diz num sistema capitalista, é um sistema onde existe dominadores e dominados. E todas as questões de discriminação que existe contra o negro, a mulher negra especialmente, os homossexuais homens e as homossexuais mulheres, são questões que advêm de uma sociedade de classes, e são consequências dessa sociedade de classes. Todo mundo está sabendo que por trás destas discriminações existe o desejo insano de lucro, fazendo com que as mulheres homossexuais, os homossexuais, as mulheres brancas, as mulheres negras, o trabalhador, o idoso, a criança, o jovem, sejam sempre tidos como reserva de mercado. Então atrás de todo preconceito existe um problema econômico muito sério. A nossa luta principal vai ser a de diminuir essa diferença terrível entre dominador e dominado. Eu acho que uma das lutas mais importantes, - e eu estou de acordo com a Dulce - não é só lutar pela reforma agrária, ou outros temas chamados gerais, que evidentemente estão em nosso programa e nós já debatemos em demasia, mas é ao contrário (além de lutar por esses pontos gerais que são pacíficos) entrar na área dos costumes. Aí nós realmente vamos ter que inverter a Constituição. A Constituição começa com os direitos do Estado; nós vamos ter que lutar para que ela comece com os direitos do cidadão. Quando eu falo de direitos do cidadão, nós vamos ter que incluir como crime passível de punição por lei qualquer discriminação. Todo ato que discrimine a mulher, o negro, a mulher negra, a mulher homossexual, o homem homossexual, o índio, o jovem, a criança e o trabalhador. Sabendo sempre que muito mais dis-

tudo é discriminado nesse mundo. Você é discriminado, se você tem pouco dinheiro no bolso, se você é baixinha, gordinha, se é feia, se você é muito alta, se você é barriguda, se você é velha, doente física, careca. Há uma discriminação geral no mundo. Agora o levante do negro contra a discriminação é justo. Se numa firma 5 tiverem que ser despedidos e tem 10 funcionários: 5 negros e 5 brancos, os 5 negros serem despedidos. Existem firmas que não empregam negros, então eu sou contra isso. Uma firma que não admitir um negro que tem todos os quesitos necessários para assumir aquele emprego, que seja punida como cometendo um crime.

IREDE: Com relação ao negro e a negra, acho que devemos apoiar todas as organizações, estimular a participação da mulher negra na política, estimular a organização e ampliação do espaço dos negros no poder e punir taxativamente todo ato discriminatório. Eu tenho, nesse caso, um projeto de Lei que foi aprovado e virou lei em São paulo, que dá a oportunidade do discriminado por sexualidade, religião, ou por cor da pele, de caçar o alvará de funcionamento do estabelecimento comercial. E isso está também em Santos, já foi aprovado pelo Prefeito e passou por outras cidades. Então, o que devemos levar para a Constituição, na Assembléia Nacional Constituinte, é considerar como crime passível de punição econômica e punição também de julgamento todo ato que for provado ser discriminatório. É possível fazer isso. É com punição taxativa de prisão não como essa que existe aí, que você discrimina, é provado, e você paga 2.500 cruzados e sai livre de tudo. Nós temos que reivindicar o fechamento do estabelecimento. Ao mesmo tempo acho que não podemos ficar só na repressão. Nós precisamos introduzir nos currículos escolares uma matéria que fala da Cultura Afro-Brasileira, da capoeira, dando muita importância à história do negro no Brasil. Tenho um projeto nesse sentido que apresentei e a comunidade negra resolveu rediscuti-lo.

B. GALF: Quais são suas propostas quanto à ecologia e às usinas nucleares?

IREDE: Nós temos que acabar com todas as usinas nucleares, inclusive impedir que continuem sendo contruídas. O Brasil não precisa de energia atômica prá produzir energia elétrica. Já está provado pelos cientistas que nossos recursos hídricos são suficientes para fornecer energia elétrica abundantemente. Então as usinas nucleares são um tranbique que deu dinheiro para muita gente. Não foram aprovadas por cientista nenhum, nem pelo povo. O que queremos propor é o seguinte: toda vez que for construir qualquer coisa desse tipo, deve haver o plebiscito da população. A nação toda deve ser consultada porque isso é fundamental. Em segundo lugar nós devemos também preparar profundamente as nossas crianças nas escolas, nas famílias e nos meios de comunicação para que a questão da ecologia seja debatida profundamente e se possa criar uma geração que tenha cultura ecológica, porque nós temos, por omissão, o Estado predatório.

CASSANDRA: Agora você tocou no meu coração. Eu vejo como o maior crime que existe quando você vê um incêndio, quando você vê gente matando tudo o que temos de mais lindo, de mais caro. Por causa da necessidade de crescimento das cidades, os pássaros, a nossa fauna, tudo vai sendo empurrado para fora do mapa. Parece que o ser humano é predatório. Nós temos que exigir dos Deputados Federais que eles preservem as grandes reservas que ainda nos restam, que os caçadores sejam punidos com leis rigorosas, e a caça seja proibida porque eu acho que a ecologia é uma escola da natureza que deve ser preservada. Se não, nós vamos viver num verdadeiro mundo sufocante, só poluição, só buzina, cimento e doenças, é isso.

DULCE: Com relação à ecologia, as leis devem ser elaboradas de forma a proteger o meio ambiente e a impedir sua degradação.

- É crime atentar contra o meio ambiente, seja depredando, poluindo ou explorando;
- É crime atentar contra a vida das baleias;
- É crime construir usinas nucleares. Não há controle sobre a energia nuclear, portanto, NÃO aos programas nucleares.
- Poluir é crime. É um atentado aos direitos humanos.

9. GALF: De uma maneira geral, quais os itens mais importantes, na sua opinião, que a Constituinte deve abordar?

IREDE: Eu acho que o capítulo dos direitos individuais deve ter prioridade em relação ao capítulo do Estado: A Constituição começa com a composição do Estado e seus poderes. Nós vamos começar a Constituição falando de direitos individuais porque a função do Estado é tão somente administrar os impostos e devolver para a comunidade aquilo que foi recolhido dela, ou seja, dar educação, transporte, alimentação, habitação e saúde porque isso vem do dinheiro dos impostos. O papel dos militares têm que ser absolutamente revisado, e isso significa exatamente cuidar dos direitos individuais.

CASSANDRA: Eu acho que o direito de cada um é muito importante em relação à tudo o que diz respeito ao ser humano. Em linhas gerais, os pontos principais são: segurança, individualidade e direito de ir e vir. O importante é você humanizar o nosso país. Como? Prisões agrícolas em cada ponto, em cada região, com todas essas terras devolutas, onde o detento, o prisioneiro, o encarcerado não é mais um encarcerado, mas é um homem que está trabalhando e produzindo para si próprio. Então, como resultado desse produto, ele vai tirar a sua sobrevivência. Ele vai ter a sua reintegração. Ele vai ter tempo de se sentir como ser útil para si próprio e valendo para si, ele vai começar a valer pra seu semelhante. Porque quando ele é anulado, quando ele é confinado numa mistura de tudo quanto é tipo de criminoso, esmagando-se contra os outros. É uma vergonha o que está acontecendo. Então, colônias agrícolas e crianças fora da rua, crianças na escola. Outra coisa responder por seus crimes nas suas próprias cidades, ir para as prisões das suas próprias cidades. Porque o sujeito comete um crime lá no fim do mundo e vem responder aqui em São Paulo. Aí o que acontece ele cumpre uma peninha e volta para lá criminoso do mesmo jeito. Então as coisas ficam centralizadas aqui. Eu defendo a descentralização.

DULCE: Tudo é importante na Constituinte porque educação, saúde, direitos individuais, a organização política, econômica, cultural, social, o papel do exército, o meio ambiente, as relações de gênero, tudo diz respeito ao nosso cotidiano, às relações inter-raciais, a comunicação, ao abastecimento, tudo...

Acredito que teremos é claro, constituintes priorizando um ou outro setor.



Irede Cardoso

A garantia dos direitos individuais deve ser o grande ponto de partida.

10. GALF: O que nós, do Grupo Ação Lésbica Feminista, e as mulheres Lésbicas de uma maneira geral podem esperar de vocês, se eleitas ou não? E em que sentido podemos contar com o apoio concreto de Vocês?

IREDE: Bom, eu acho que vocês me conhecem de tempos. Sabem o que podem esperar de mim. Quando vocês precisam, eu tenho me colocado à disposição, tenho estimulado a organização de vocês, tenho tido a honra de participar junto com vocês de debates e inclusive chegamos até o amadurecimento da reivindicação de Leis. Vocês podem esperar tudo que tiveram até aqui: muito apoio, muita força, muita consideração, um acolhimento das reivindicações e das discussões. O que eu puder fazer para ampliar os espaços de vocês, não só de poder, como de espaço mesmo na sociedade, o que eu puder fazer dentro do meu alcance, na minha humilde força eu procurarei fazer.

Bom, concretamente vocês sabem que têm um gabinete na área federal. Têm um aparelho. É um aparelho que tem cota de correspondência, papel, impressão, correio e espaço. Tudo isso vocês podem contar.

CASSANDRA: Se eu for eleita podem ter certeza de que eu vou cumprir - com todas as reivindicações para que haja uma sociedade justa, feliz e igualitária. A prova que eu tenho são meus 49 livros, o meu passado, meu trabalho. Eleita ou não eleita eu continuarei lutando para que os homossexuais sejam sempre respeitados, que tenham direito à vida, porque eles são seres humanos. Todos os direitos terão que ser iguais.

IREDE: Mas você daria espaço no seu gabinete? Você falaria na tribuna?

CASSANDRA: Como é que eu vou dizer que eu daria espaço, se todo o esforço da minha vida foi preenchido por eles. Se a vida inteira eu deixei de viver a minha própria vida para viver por eles. Se eu fui até chamada de papiza do homossexualismo. Foi um codinome que faz jus ao meu trabalho porque se você fizer uma pesquisa, eu desafio a qualquer um a encontrar um livro sobre homossexualismo como eu escrevia, antes da abertura. Depois da abertura é que houve uma invasão. Eu tenho uma revolta muito grande, aliás, eu nem gosto de falar sobre homossexualismo pelo seguinte: meu nome foi palavrão. Fui marginalizada. Eu levei prisão, fui perseguida, fecharam minha livraria, me esbofetearam, me chamaram disto e daquilo. Tentaram de todas as formas me impedir de escrever algo que eu acho muito natural e continuo achando que é natural.

IREDE: Hoje você tem livro na quinquagésima edição, não tem?

CASSANDRA: Na 34ª, 35ª e 42ª. Quando eu escrevi meu primeiro livro, todo mundo falava: "Como pode uma criatura abordar temas tão indecentes?" O homossexual era tratado como indecente, como corrupto e eu tive a coragem de continuar escrevendo. Eu acho que o amor é sempre soberano. O que varia é o objeto, o que varia não é nem a cor, é a pessoa. Posto isso eu desafio a que vocês encontrem uma palavra digna que me fosse dirigida naquela época. Eu vou oferecer os direitos autorais de um dos meus livros para o movimento GALF, Grupo Ação Lésbica Feminista.

DULCE: O compromisso de transformação social, no meu caso, precede estas eleições e vão muito além delas. É claro que se eleita vou lutar, a nível de parlamento, contra a discriminação, pelas garantias de todos os direitos, seja de expressão - a nível do cotidiano, dos meios de comunicação... das mulheres lésbicas, assim como a nível da conscientização. Acho que juntas e juntos, homo e heterossexuais, temos que lutar contra o estabelecimento do heterossexualismo como "forma normal de relacionamento". As pessoas eleitas e todas as demais, comprometidas de fato com mudanças e avanços sociais, devem garantir o direito à livre orientação sexual. E este é um dos meus compromissos de vida antes, durante e depois das eleições.

É claro que se eleita eu poderei garantir apoio objetivo, em termos de infra-estrutura e reflexão, para o avanço de grupos de mulheres lésbicas, como o GALF.

Eleita ou não, meu compromisso é de luta para que as reivindicações

dos movimentos sejam atendidas, para que as mulheres lésbicas tenham garantidos seus direitos e para conscientizar a população, como um todo, de que as pessoas têm direito à sua orientação sexual sem qualquer imposição ou padrão moralista repressor.

IREDE: Para um grande poeta, para um grande escritor se diz o seguinte: Se não deixarmos um escritor escrever ele morre. Eu também gosto muito de escrever e até com a mesma finalidade da Cassandra que seria a de abrir os corações para um mundo como ela diz de igualdade, fraternidade, solidariedade, sem discriminação. Eu fui aos poucos descobrindo que essa luta resultava de uma sociedade em que havia uma desigualdade, em que havia dominação, exploração, discriminação, tudo em função de lucro. Para esta sociedade, é muito importante que o homossexual se sinta culpado e criminoso, que a mulher fique submissa porque ela é mulher, que o negro e a mulher negra, por se sentirem inferiores, "mereçam" salários menores. Eu me submeto porque eu sou negra, sou mulher, sou homossexual. Há uma ideologia que produz dominados. Quando percebi que os dominadores, produzem uma ideologia para criar dominados, achei isso arrogante demais e saí na luta contra essa arrogância dos dominadores para fazer com que os dominados erguessem a cabeça, como fez a Cassandra. Apanhou, foi esbofetada, presa, mas ela não abaixou a cabeça, não desanimou, não parou, porque é uma mulher que tem a verdade dentro dela, de uma coragem destemida. É claro que eu me sinto uma mulher muito corajosa, mas, dentro da história da Cassandra, eu vejo que ela tem muito a ensinar porque ela enfrentou sozinha. Nós também começamos bem solitárias a luta das mulheres, mas logo nós encontramos grupos e a coisa foi indo mais coletivamente. Nós também sofremos muito com a nossa luta e sofremos até hoje o fato de sermos mulheres, ou de sermos homossexuais, negros e índios.

FIM

Propostas da candidata a Deputada Estadual pelo PT, Rosalina Santa Cruz, retirada do seu programa "sem paixão não dá."

- Trabalho sem discriminação de sexo, raça e idade, extensão dos direitos trabalhistas e previdenciários às funcionárias públicas, trabalhadoras do campo e empregadas domésticas; saúde integral não apenas na fase reprodutiva; liberdade de ter ou não filhos e livre acesso à contracepção; despenalização do aborto; atendimento por parte do poder público à mulher vítima de violência e punição dos culpados; sexualidade sem dominação e sem discriminação em função de opções sexuais; estrutura estatal de apoio à mãe solteira e garantia dos direitos das crianças abandonadas; educação em tempo integral para todas as crianças de 0 a 14 anos; creches públicas e gratuitas como direito da criança e dos pais trabalhadores. Vida e política onde haja afeto, respeito entre os sexos, raças e idades.

ROSALINA não luta apenas pelos direitos das mulheres, mas pelas mudanças das relações homem-mulher na família, no trabalho e na vida política, articulando essas lutas com as reivindicações imediatas dos demais movimentos populares e sindical.



símbolo da mulher

EM MOVIMENTO

MÍRIAM

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO LÉSBICA INTERNACIONAL MUDA DE PAÍS

O Secretariado do ILIS (Serviço de Informação Lésbica Internacional - International Lesbian Information Service) estará passando das mãos do grupo de lésbicas suíças, "Vanille Fraise" (Baunilha-Morango), que se en- carregou do mesmo nos últimos dois anos, para um outro grupo lésbico até dezembro. Para as mulheres do Vanille-Fraise, segundo sua experi- ência na última Conferência Lésbica, em Genebra, o próximo encontro lés- bico internacional bem como o futu- ro secretariado do ILIS devem ser organizados por lésbicas do "Tercei- ro Mundo". Para tanto, elas estão em condições de transferir 35.000 francos suíços (cerca de 304.000,00 cruzados) que, além de subvencio- nar os gastos do secretariado e da próxima conferência já citados, per- mitiriam ao grupo responsável desen- volver sua capacidade organizativa e de outros grupos lésbicos para trabalho político futuro.

Até o final do ano, o Vanille- Fraise informará, através do boletim do ILIS, qual grupo ou quais grupos se encarregarão do Secretariado e da próxima Conferência.
(ILIS 5 Bd ST. Georges 1205 Geneva Switzerland)

BARRA PESADA NOS ESTADOS UNIDOS

Embora, em vários lugares do mundo, grupos de lésbicas e homosse- xuais estejam em constante processo de organização e de luta por nossos direitos, nos Estados Unidos, onde o Movimento Gay e o Lésbico sempre foram bem estruturados, a discrimi- nação anda correndo à solta. Recen- temente, a Suprema Corte americana confirmou a validade das leis con- tra sodomia existentes em 24 esta- dos do país (ao todo são 50), abrindo perigoso precedente que permite a qualquer tribunal sentenciar a 20 anos de prisão pessoa pega em fla-

grante "delito de homossexualidade" em sua própria casa. Belo tapa na cara dos defensores da existência de uma tal de "opção sexual".

Agora, na Califórnia, surgiu uma proposta, patrocinada pelo polí- tico de extrema direita, Lyndon La- Rouche, de colocar em quarentena pessoas vítimas de AIDS. Esta propos- ta, chamada proposição 64, se apro- vada, permitirá que qualquer pessoa com AIDS ou qualquer portador do ví- rus, mesmo não tendo desenvolvido a doença, ou ainda qualquer um que vi- va com pessoas destes grupos possa ser impedido de lecionar, estudar, ou trabalhar em serviços médicos e de alimentação ou outro campo de trabalho onde haja contatos físicos entre pessoas. A quarentena dessa gente, em campos de concentração, é outra possibilidade promovida pela iniciativa LaRouche.

No momento, grupos gays, lésbi- cos, de direitos humanos e outros travam luta renhida para impedir que a infame proposição 64 passe na votação a ser realizada em Novembro no estado da Califórnia. Se aprova- da, a proposição permitirá, além do que já foi mencionado, a dissemina- ção desta espécie de legislação por todos os Estados Unidos.

E aqui no Brasil, cara leitora, se seu Afanásio Jazadi, famigerado radialista de direita de São Paulo, viesse com uma dessas, como é que nós iríamos nos virar se a nossa or- ganização gay e lésbica é tão fra- quinha? Não está na hora de você jun- tar-se a nós e ir a luta?

Para maiores informações sobre a Iniciativa LaRouche, escrever para NO ON LAROCHE, Santa Monica, Blvd. Suite 109-174, Box N, Los Angeles, CA 90046.



PROJETO DE AJUDA A PRISIONEIROs HOMOSSEXUAIS

A Associação Gay e Lésbica Internacional (International Lesbian and Gay Association-ILGA) está organizando uma lista de prisioneiros homossexuais (lésbicas e gays) para encaminhar à Anistia Internacional, uma das maiores organizações que luta pelos direitos humanos em todo o mundo. Esta organização, que até agora vinha se recusando a adotar prisioneiros homossexuais condenados somente por causa de sua homossexualidade, começou a desenvolver um projeto de pesquisa global sobre detenções por homossexualidade, preparando-se para uma possível mudança de política. Por esta razão, a ILGA está conclamando a comunidade gay e lésbica internacional no sentido de ajudá-la a arrolar casos de pessoas presas por homossexualidade.

Esta classe de prisioneiros pode ser dividida em 3 categorias:

1. Aqueles que cometeram crimes não relacionados à sexualidade;
2. Aqueles que foram acusados de corrupção de menores e
3. Aqueles que infringiram leis proibindo a homossexualidade enquanto tal.

A ILGA está tentando colher informações sobre todas as 3 categorias, enfatizando a terceira, e solicita que lhe enviem correspondência no caso de:

- A. você conhecer prisioneiros homossexuais em qualquer uma das três categorias;
- B. você pertencer a uma organização trabalhando por prisioneiros homossexuais;
- C. você querer iniciar um grupo de apoio a prisioneiros homossexuais e
- D. você mesma(o) ser um(a) prisioneira(o) homossexual. (Fale sobre suas necessidades e o que pode ser feito para ajudá-la(o)).

O apoio da Anistia Internacio-



nal na luta pelos direitos humanos de mulheres lésbicas e homens homossexuais é muito importante. Portanto, colabore conosco, escrevendo diretamente para a ILGA, aos cuidados de Peter Wingquist, Homosexual Prisoners Project, Box 17218, 10464, Stockholm, Sweden, ou para nós, aqui do GALF, encaminharmos o seu relato.

PRIMEIRO ENCONTRO DE LÉSBICAS FEMINISTAS DA AMÉRICA LATINA, CARIBE E DE CHICANAS

As manas mexicanas, dando encaminhamento a proposta de realização de um encontro lésbico latino-americano, feita na 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (Genebra- 28 a 31 de março de 86), prepararam-se para a realização do mesmo, em meados de 87, na cidade do México, por ocasião do IV Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe. Segundo uma de suas propostas, o encontro lésbico deve se realizar 3 dias antes do encontro feminista e 2 dias após este, sendo os primeiros só para lésbicas feministas e dois últimos abertos a outras pessoas interessadas.

O coletivo de mulheres que está organizando o encontro é formado por lésbicas independentes de organizações e por integrantes dos grupos M.U.L.A (Mujeres Urgidas de un Lesbianismo Autentico), Seminário Marxista Leninista Feminista de Lésbicas e Projeto Editorial El Closet de Sor Juana (O enrustimento ou o armário (no sentido literal) de irmã Joana).

As propostas deste coletivo para o encontro são as seguintes:

OBJETIVO GERAL: Reunir lésbicas feministas de grupos e independentes da América Latina, Caribe e Chicanas (filhas de mexicanos nascidas nos EUA), que realizem trabalho lésbico feminista, para analisar a situação que vivemos em cada um de nossos países e buscar conjuntamente respostas e soluções a estas situações.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Reforçar nossa identidade lésbica e buscar melhores opções para viver nosso lesbianismo;

2. Analisar e discutir a situação jurídica, social, científica, cultural, religiosa e política que vivemos como lésbicas em cada um de nosos países;

3. Consolidar a Rede de Lésbicas Feministas Latinoamericanas, do Caribe e Chicanas para:

a) Propiciar contato, comunicação e informação entre nós;

b) Difundir a problemática que enfrentamos como lésbicas;

c) Fomentar a produção lésbica-feminista artística, científica, intelectual e política;

d) Criar um sistema de apoio e solidariedade a lésbicas vítimas tanto de repressão governamental como institucional (Hospitais Psiquiátricos, Escolas, Religiões, Partidos Políticos Ações Policiais, etc..);

e) Recuperar a memória histórica das lutas lésbicas através dos tempos.

4. Construir um Movimento Político Internacional Lésbico-Feminista Latino-Americano e do Caribe e Chicano, em defesa dos direitos civis e políticos das lésbicas, e impulsionar a criação de um Movimento Lésbico-Feminista, que aglutine ao "Terceiro Mundo", assim como a consolidação do Movimento a nível mundial.

MESAS DE TRABALHO

Gerais: Repressão (jurídica, religiosa, política, científica); O Movimento Lésbico-Feminista frente ao Movimento Heterofeminista e Lésbico-Homossexual; O Movimento Lésbico-Feminista e outras organizações políticas (diversos setores sociais e suas estratégias de luta); Conclusões e acordos da Rede.

Simultâneas: O Lesbianismo e diversos setores sociais (classismo, racismo, nacionalismo, sexismo); O Lesbianismo em diversas situações sociais (mães lésbicas, jovens, maduras, guetos, deficientes físicas, cultura lésbica, ciência); Identidade lésbica (mitos e realidade, papéis, saúde, sexualidade, vida amorosa)

5. Atividades noturnas: vídeos, audiovisuais, cinema, teatro, dança, poesia, exposições e tudo que nossa criatividade nos permita.

Para outras informações, escreva para: L.A.L, Apartado Postal 22 834, 14000 México, D.F. México

PROJETO GÊMEOS E GOLF

Em sua última reunião, em Copenhague, Dinamarca (julho de 86), a ILGA (Organização Gay e Lésbica Internacional) aprovou proposta, apresentada pelo MHOL-PERU (Movimento Homossexual e Lésbico do Peru), no sentido de incorporar mais grupos latinoamericanos à sua estrutura através de um organismo coordenador chamado Projeto Gêmeos. Este consiste no financiamento, por parte de um grupo lésbico ou homossexual europeu, da cota anual de US\$75 dólares (aproximadamente Cz\$600,00) referente a associação a ILGA que o grupo latinoamericano deveria pagar bem como da troca de informações e materiais entre os "gêmeos" e possíveis ações conjuntas.

Em setembro, o MHOL-PERU, que atua também como centro de informação da ILGA para América Latina, enviou comunicado ao GOLF sobre o Projeto Gêmeos e ficha de inscrição para que pudéssemos nos incorporar ao mesmo.

No momento, já recebemos o último boletim da ILGA, com informações dos grupos membros de todo o mundo, e continuamos aguardando outras novas dos amigos peruanos. MHOL-PERU, APARTADO 11-0289, LIMA-11 Peru; ; ILGA Information Secretariat c/o RFSL, Box 350 S-10124 Stockholm Sweden



O seu silêncio é o conforto do opressor.
Grite por seus direitos!!!

livro Pleasure and Danger (Prazer e Perigo) EUA



Marina é mineira de Belo Horizonte, associada ao GALF e assinante do ChanacomChana. Em correspondência conosco, contou a história de "Lete", que muito a tinha impressionado, e solicitou a nossa opinião. Muito impressionadas também, pedimos a Marina que descrevesse o caso em um artigo para o Chana com o objetivo de iniciar uma discussão sobre a reprodução dos papéis machistas entre lésbicas.

Temos dúvidas quanto a veracidade da história contada por "Lete" não só porque parte da imagem estereotipada da lésbica como essencialmente violenta e que quer imitar os homens como também porque, na realidade, casos de estupro - pelo que sabemos - são raríssimos entre mulheres e parecem estar mais confinados a prisões e Febens da vida. De qualquer maneira, entretanto, o artigo de Marina segue como um alerta contra a simples possibilidade de este "tipo de coisa" acontecer entre lésbicas e como uma proposta de que nossos relacionamentos se pautem pelo respeito a integridade física e psicológica de nossas companheiras e amigas.

MÍRIAM

É ASSIM MESMO?...

Marina

No meio de um plantão que faço voluntariamente, num serviço de atendimento pessoal e telefônico a pessoas que querem desabafar, liguei uma menina, 16 anos. Tinha problemas. Do outro lado da linha ela me dizia ter sido violada por quatro "moças". A primeira coisa que pensei foi em trote, já que era o dia primeiro de abril. Mas a voz sôfrega, o jeito de pedir socorro; alguma coisa me dizia ser verdadeiro aquele relato. Pedi maiores informações. Ela contou: quatro "moças", vizinhas de prédio e de andar, fizeram um convite: "vã lá em casa hoje à noite. Vamos dar uma festa e você é a convidada especial". Foi. E a primeira coisa que lhes deram foi um copo de guaraná, sem gosto de guaraná. Gosto de outra coisa, ela não

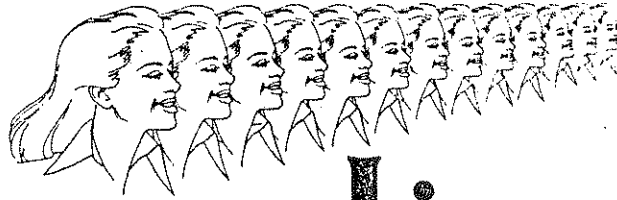
soube me dizer de quê. E a festa foi prá poucas: sô ela e as quatro vizinhas apa-
receram. E, numa determinada hora, uma das "moças" a segurou por trás, com força,
com muita força. Em princípio Lete (vamos chamá-la assim) pensou que fosse alguma
brincadeira. Mas, já com a cabeça em maresia, escutou uma voz: "não resista, senão
a gente te mata". Lete viu ainda que alguém lhe tirava as roupas. Quase rasgando.
Lembra das dores nos seios, que pude ver mais tarde; roxos, arranhados, inchados.
Marcas que as "moças" deixaram na sua pele. Lembra ainda que uma delas lhe intro-
duziu um pênis de plástico, tamanho "especial". Lembra de dor, muita. E dos risos
das "moças". E das ameaças das "moças".

Quando vi Lete na sua primeira entrevista, ela mal conseguia andar. A ex-
tensão dos ferimentos vaginais, soube mais tarde, era grande. Tinha marcas por to-
do o corpo. Insisti prá que ela comparecesse à entrevista supondo que as marcas
que me contou ter ao telefone, fossem menores ao vivo. Diante do meu susto ao ver
aquele trapo de gente, ela me perguntou o que fazer, já que ela, além de ser me-
nor, não tem pais e mora com uma tia que, sabendo do acontecido, lhe poria porta-
afora. Choramos juntas durante um tempo. Ela pela dor que dividia comigo. Eu pelo
absurdo que presenciava, sem poder fazer nada, além de ouvi-la. Depois de ter con-
seguido um ginecologista e um psiquiatra prá ela, nunca mais a vi. Perdi o conta-
to, já que nunca mais Lete ligou pro meu plantão.

Fico pensando na loucura que essa menina viveu. E na extensão da violên-
cia que essas "moças" praticaram. Penso em Lete, que me procurou como o único re-
curso de uma menina-mulher que não entendeu direito o que se passou com ela.

O que leva uma mulher a esse extremo de imitação do homem? A opressão
de uma sociedade hipócrita que valoriza tanto os "machos" que, uma mulher, prá se
sentir "segura" precisa imitá-los até no estupro?! Me lembrei de Gilberto Gil, um
verso onde ele diz: "minha porção mulher é o melhor que trago em mim agora." Ele
está, óbvio, valorizando o feminino, o mais bonito que uma mulher tem, que é a
ternura, a gentileza, o carinho, essas coisas tidas como "femininas" e que - infe-
lizmente - a sociedade usa prá, mais uma vez, oprimir a mulher; nunca libertá-
la ou valorizá-la. Sei que as "moças" que violaram Lete são lésbicas. Sei que Lete
tem tendências homossexuais. E me pergunto se o amor entre mulheres precisa pas-
sar por atitudes de extrema violência. Penso na delícia de um amor onde existe
ternura e "feminilidades". Páro no "feminino". E de repente me lembro, duplo sus-
to, de alguém que, ouvindo meu relato, comentou: "é, sapatão é assim mesmo". Sus-
to duplo sim: primeiro pela violência que essa menina sofreu (e deve sofrer até
hoje: as "vizinhas", provavelmente, continuam "vizinhas" de Lete...) e segundo,
por ter ouvido a "brilhante" conclusão a que chegaram. Sapatão é assim mesmo?? É
essa a imagem que queremos? Se se pensa na construção de uma sociedade mais saudá-
vel, como incluir esse absurdo que é imitar até mesmo os comportamentos sexuais
do homem e suas violências? A conjugação entre mulheres precisa ser vivenciada no
"feminino". Naquilo que a mulher tem de melhor, de mais doce e humano. A violên-
cia não pode fazer parte desse contexto. Fazer valer nossa "porção Mulher". Valo-
rizá-la. Gostar de ser. E ser. É o que se tem de melhor: Mulher. E conjugadas no
"feminino". Conscientes de que isso é bom. Bom não; ótimo. Porção Mulher. Porção
melhor. Lembrar Lete, olhos úmidos de susto e dor. Sapatão é assim mesmo??

Outras Mulheres



Lisa
Alther

OUTRAS MULHERES*

Célia

Talvez você já o tenha visto por aí, em alguma livraria. Provavelmente tenha olhado para sua capa — amarela e branca, com uma fileira de mulheres mal desenhadas — e pensado como podem fazer uma ilustração tão feia. Talvez isso a tenha desestimulado e você nem o tenha pego na mão. Se assim foi, não sabe o que perdeu.

Lisa Alther nesse seu terceiro romance — os anteriores são Kimflicks e Original Sins — consegue montar uma história interessante com elementos que já compuseram histórias melodramáticas e/ou preconceituosas. Senão, vejamos: as personagens principais são uma psicanalista (Hannah Burke) e sua paciente (Caroline Kelley). Caroline é uma enfermeira que durante toda a vida foi capaz dos maiores sacrifícios para auxiliar outras pessoas; aos trinta e cinco anos de idade descobre estar ela própria precisando de ajuda. Afinal, ela não está nem ao menos conseguindo exercer satisfatoriamente sua profissão, já que o antes visto como "os sos do ofício", agora a aterroriza de tal forma que chega a petrificá-la, impedindo-a de agir. E seu estado é tal, que ela começa a pensar em suicídio. Foi nesse ponto que eu comecei a me preocupar. Isto porque, Caroline é lésbica e vive com sua namorada Diana — que deseja acabar com o relacionamento, porém não com a coabitação. Seria, então, esse mais um daqueles livros com histórias preconceituosas e heterossexistas? daquelas onde a lésbica reconhece (sic) que é anormal (sic), procura um analista, trata-se, e já curada (sic), casa-se com um homem com o qual é feliz para sempre (sic)? Para minha felicidade, meus temores eram infundados. A autora demonstra conhecer o meio lésbico o bastante para não cair na estereotipia.

Desde Viva Sapata (Rubyfruit Jungle - Rita Mae Brown - Ed. Record) não lia um livro cujas personagens me parecessem tão familiares. Lisa Alther faz comentários e descrições com tal fluidez, riqueza de detalhes e humor (!) que dificilmente você não se reconhecerá e/ou a uma amiga em alguma das personagens. Quer um exemplo? Logo nas primeiras páginas, Caroline está vendo um filme sobre duas profissionais que estavam tentando a sorte em N.Y. Uma delas — a mais bonita — fica com o "mocinho", e a outra é promovida a editora-chefe. Caroline então pensa: "Se ao menos uma vez as garotas pudessem ficar uma com a outra...".

Contudo, eu disse que o livro tinha duas personagens principais e, até agora, só falei de Caroline. Falemos então de Hannah, a psicanalista: Ela é uma mulher de meia-idade que escolheu sua profissão também pelo fato de lhe dar a ilusão de que assim nada mais a pegaria de surpresa. E de surpresas ela já estava farta, principalmente após ter perdido os dois filhos num acidente há alguns anos. Todavia, essa sensação de total controle e equilíbrio é perturbada por sua nova paciente, Caroline. Justamente por essa paciente que tão relutantemente vem procurar ajuda; que teme as inevitáveis (?) transferências com relação ao analista, o apego... A partir do momento em que Caroline entra na vida de Hannah e vice-versa, alterações profundas começarão a ocorrer em ambas. Evoluindo da animosidade e relutância para confiança, afeição e admiração mútua, esse relacionamento oferecerá ainda muitas surpresas.

Outras Mulheres é, em suma, um livro interessante, descompromissado, escrito com emoção e humor. Quem sabe não venha a ser uma distração agradável para você? E, depois, você não gostaria de saber se dessa vez as duas mulheres ficam juntas?

* Outras Mulheres/ Lisa Alther; tradução de Lêa Sussekind V. de Castro. — Rio de Janeiro: Imago, 1986.



símbolo da mulher feito com as mãos

Labrys, Atenas, Grécia

TROCA-CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA TRANSA, ESCREVA PARA :

ANA CELIA

Av. José Alves Mira 343
Dois Córregos, Sp, cep 17300
branca, 21 anos, solteira, 1,62, 55 Kg, Universitária
Passatempos preferidos: esportes, vida noturna
Quer se corresponder com todas as mulheres que curtam sua homossexualidade. Amizade

ANA MARIA RANHRES

Av. Rio Branco, 1564, São Paulo, SP cep 01206
branca, 33 anos, 1,50, 47 kg, solteira, Bancária
Passatempos preferidos: pintura; quer se corresponder, para amizade, com pessoa de nível cultural médio

ANA MARIA

R. Professor Sílvio M. Machado, 327
UN Cachoeirinha ou Caixa Postal 093 40, São Paulo, SP, cep 1051
branca, 33 anos, 1,61, 63 Kg, solteira, Confeção Industrial
Passatempos Preferidos: Livros, músicas, cinema, praia
Quer se corresponder para amizade

ANA MARIA

Caixa Postal 317, Ag. Central, Rio de Janeiro, RJ, cep 20001
35 anos, descasada, jornalista, poeta e socióloga urbana
Passatempos preferidos: cinema, teatro, leituras, exposição de arte, bate-papos em bares...
Quer se corresponder, para amizade, com pessoas de interesses afins, independente de classe social, cor ou instrução, que não sejam vulgares ou obsessivamente dependentes, etc.

BETH

Caixa Postal 13524, São Paulo, SP, cep 03099
morena clara, 28 anos, 1,60, 53 Kg, Supervisora de Vendas
Passatempos preferidos: natação, tênis, dança; quer se corresponder para amizade

CARMEN LÚCIA

Av. Brasil, nº 31083, Padre Miguel, Rio de Janeiro, RJ, cep 21720
morena, 39 anos, casada, 1,47, 65 Kg
Estudante de Psicologia
Passatempos preferidos: ler, estudar, ouvir música, amar...
Quer se corresponder com pessoas como ela, com carência afetiva e sem preconceitos com as gordinhas

CLÁUDIA

Caixa Postal 1886, Salvador, BA, cep 40000
morena, 24 anos, solteira, Manequim
Quer se corresponder, para amizade ou algo mais, com mulheres louras ou morenas, na faixa dos 17 a 34 anos, que possuam olhos claros.

CRIS

Rua Canto do Rio, apto 204, Bloco 3
Bairro São Luis, Cohab, cep 93800
Sapiranga, RS
mulata, 36 anos, 1,55, 45 kg, Caixa Registradora; quer se corresponder com uma pessoa inteligente

DEIASE SILVA

R. Venceslau Bras, nº 179, São Paulo, SP, cep 1016
negra, 1,60, 50 kg, 39 anos, solteira, Auxiliar de escritório

Passatempos preferidos: música, praia, cinema, viagens, etc...; quer se corresponder para amizade

EDILENE COSTA

Caixa Postal 10793, São Paulo, SP, cep 03097
26 anos, nível superior, executiva, (moda feminina e confecções)
Quer trocar idéias sobre assuntos referentes a nosso movimento e a nós mesmas

EDNA M.S. URBAN

Praça Ramos de Azevedo, 206, 26ª andas, DAM-SP, São Paulo, cep 01049
32 anos, ex-casada, Secretária

ELISABETH ALVES

Rua Rosimeire 71, São Paulo, SP, cep 05171
branca, 1,70, 65 kg, 26 anos, solteira, Telefonista
Passatempos preferidos: ouvir música, quer se corresponder para amizade

DETE

R. Pres. Nereu Ramos, 64, J. Sta Helena, Suzano, São Paulo, cep 08600
oriental, 1,60, 53 kg, 25 anos, Comerciante/ Passatempos preferidos: teatro, música, leitura, pintura e motos; quer se corresponder, p/a amizade ou compromisso com mulheres bf.

ELISABETH BOECHAT DE AZEVEDO

R. Benedito Nicolau, 624, Bairro Vinhosa, Itaperuna, RJ, cep 28.300
branca, 19 anos, 1,64, 43 Kg, solteira, Kardecista
Passatempos preferidos: ir ao clube e jogar vôleibol no final de semana
Curte cinema e revistas.
Quer se corresponder, para amizade, com pessoas que estejam de bem com a vida. Não tem tipo físico determinado com que deseje se corresponder

ELZA

Caixa Postal 969, Apucarana, Paraná cep 86800
branca, 24 anos, 1,49, 56 Kg, solteira
Passatempos preferidos: ouvir música, ler bons livros feministas
Quer se corresponder, para transa ou compromisso, com morena clara, de preferência romântica

GLAUCE NICHELLE CAVALCANTI

Caixa Postal 5.977, Jaguaré, SP, cep 05339
branca, 26 anos, 1,55, 60 Kg, solteira, bancária
Passatempos preferidos: ler, passear e muitas outras coisas
Quer se corresponder, para amizade ou transa, com mulheres brancas ou mulatas, inteligentes, solteiras

JOSEFA FERMIABEL SIGNORETO

R. Saldanha Marinho, 123, Belém, SP cep 03055
branca, 40 anos, 1,60, 89 Kg, solteira, ascensorista
Passatempos preferidos: viajar, ler

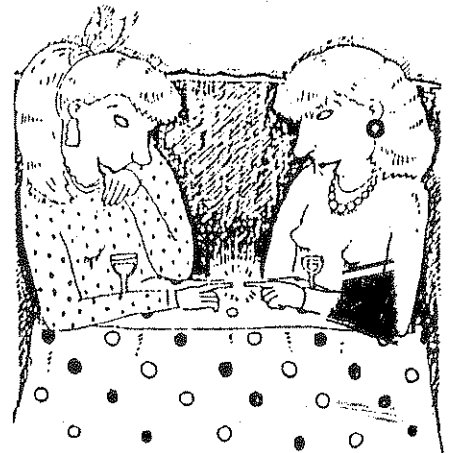
JUREMA BARRETO DE SOUZA

Caixa Postal 461, Santo André, SP, cep 09001
branca, 28 anos, 1,47, 46 Kg, solteira, professora
Passatempos preferidos: escrever, ler conversar, dançar
Quer se corresponder para amizade

KÁTIA DE SOUZA CARDOSO

R. Arnaldo de Oliveira Barreto, 600
Presidente Altino, Osasco, SP, cep 06210

Quando nós nos vimos pela 1ª vez, eu ouvi o som de violinos tocando



branca, 18 anos, 1,70, 60 Kg, solteira, estudante
Passatempos preferidos: teatro e cinema

Quer se corresponder, para amizade, transa ou compromisso, com mulheres de mais ou menos 1,60, 65 Kg, branca

KARINE GALLAS

Posta Restante Agência Central, Teresina, Piauí, cep 64000
18 anos, solteira, estudante

Kiko

R. Manoel José Pereira, 210, Vila Mazza, Suzano, SP, cep 08600
oriental, 29 anos, 1,52, 55 Kg, solteira, auxiliar de escritório
Passatempos preferidos: ouvir música em tom suave, ler revistas, curtir a natureza
Quer se corresponder para amizade

LÉIA LOPES

Caixa Postal 621, Santo André, SP, cep 09001
negra, 24 anos, 1,62, 57 Kg, solteira, kardecista
Quer se corresponder, para amizade, com pessoas autênticas

LEO E FÁ

Caixa Postal 8835, Curitiba, PR, cep 80000
brancas, 26 e 28 anos, 1,58 e 1,60, 52 e 50 Kg, solteiras, professora e repositora
Passatempos preferidos: jogos, música, leitura, cinema, etc...
Querem se corresponder para amizade

LÚCIA

cep 10001
Caixa Postal 635, Rio de Janeiro, RJ
mulata, 29 anos, 1,60, 54 Kg, solteira, auxiliar de departamento pessoal
Passatempos preferidos: dançar, teatro, cinema, leitura
Quer se corresponder, para amizade ou transa, com uma garota sem problemas, agradável, que queira me visitar

LÚCIA MARQUES

Av. São Rafael, Condomínio Moradas do Campo, Rua A, Bloco 102 B, apto 303, Cohamont VIII, Salvador, BA, cep 40000
branca, 37 anos, 1,65, 52 Kg, desquitada, técnica em contabilidade
Passatempos preferidos: praia, teatro..
Quer se corresponder, para amizade,

com mulheres de 25 a 39 anos, inteli-
gentes, alegres

LUCIMAR BRAGA FERRAZ
R. 7 de setembro, nº 1348, C/2, Cam-
po Grande, MS, cep 79100
oriental, 22 anos, 1,65, 50 Kg, sol-
teira, estudante de psicologia
Passatempos preferidos: viajar, ler
e um pouco mais de tudo que existe
Quer se corresponder para amizade e/
ou transa

MARIA APARECIDA CAMARGO
R. Idalina Alves, s/n, São José da
Lapa, MG, cep 33240
morena clara, 1,68, 74 Kg, casada,
professora
Passatempos preferidos: música (popu-
lar e sertaneja), dançar, nadar, a-
campar
Quer se corresponder, para amizade,
com mulheres que tenham mais ou me-
nos a minha idade e as minhas prefe-
rências

LU
Rua 94, nº 1033, **Setor Sul**,
Goiânia, Goiás, cep 74000
morena clara, 19 anos, 1,65, 53 Kg,
solteira, auxiliar de escritório
Passatempos preferidos: jogar, dançar,
ouvir música, conversar, etc...
Quer se corresponder, para amizade
ou compromisso, com alguém com uma "
cabeça" que goste de esportes e seja
mais alta que ela (não necessariamente)

MARIA IONE ROSSI
R. Rio Grande do Sul, 838, Edifício
Bandeirantes, São Caetano do Sul, SP,
cep 09500
branca, 1,68, 49 Kg, 24 anos, soltei-
ra, estudante
Passatempos preferidos: música, ler e
ir a praia
Quer se corresponder, para amizade,
transa ou compromisso, com pessoa de
cor branca, honesta, bom caráter, com
mais ou menos de 30 a 40 anos

MARGARETE ANTUNES MACIEL
R. Martins Fontes, 263, Sorocaba, SP,
cep 18100
branca, 1,55, 50 Kg, casada, bailari-
na
Passatempos preferidos: ouvir música,
ler, dançar e dar aulas
Quer se corresponder, para amizade

MÁRCIA APARECIDA DE FARIA SILVA
Avenida Sallun, nº 827, São Carlos,
SP, cep 13560

branca, 1,57, 55 Kg, solteira, bal-
conista
Passatempos preferidos: sair com as
amigas (o lugar não importa)

MARINA GOMES
R. José Ferreira Keffer, 77, Parque
Continental, SP, cep 05327
branca, 1,60, 50 Kg, 26 anos, soltei-
ra, estudante
Quer se corresponder, para amizade
ou transa, com loura ou morena, 1,63
53 Kg
Passatempos preferidos: cinema, tea-
tro, boates, esportes e shows

MARINA
Rua Antero Gomes Leite, 159, Belve-
dere, BH, MG, cep 30330
branca, 33 anos, 1,69, 70 Kg, sol-
teira, funcionária pública
Passatempos preferidos: poesia, ci-
nema, sociologia, ecologia, direi-
tos humanos
Quer se corresponder, para amizade,
com mulheres femininas, meigas, ma-
duras

MARISA MOTTA CHAVES
Rua Andrade Neves, 137, casa 1, Cen-
tro, Niterói, RJ, cep 24210
branca, 28 anos, 1,60, 49 Kg, sol-
teira, funcionária pública
Passatempos preferidos: conversar,
ir ao teatro, cinema, praia, ler e
dançar
Quer se corresponder, para amizade,
com qualquer tipo de pessoa, desde
que tenha alguma afinidade com suas
preferências

MARISA DE OLIVEIRA BERMIRO
Rua Indalécio Correa Santana, 36,
Centro, S. de Parnaíba, SP, cep 06500
branca, 18 anos, 1,68, 56 Kg, sol-
teira, estudante
Passatempos preferidos: passeios ao
ar livre, bate papos
Quer se corresponder, para amizade
ou compromisso, com moças de 18 a
25 anos, morenas

MÍRIAM FRANÇA DOS SANTOS
R. Presidente Taunay, 57, Curitiba,
Paraná, cep 80000
branca, 20 anos, 1,55, 57 Kg, sepa-
rada, doméstica
Passatempos preferidos: música, dan-
ça, sair a passeio
Quer se corresponder para amizade

MORENA
Av. Pe Arlindo Vieira, nº 1000/34
São Paulo, SP, cep 04297
branca, 27 anos, 1,60, 53 Kg, sol-
teira, médica
Passatempos preferidos: jazz, música
e cinema
Quer se corresponder, para amizade,
transa ou compromisso, com alguém
interessante

HEIDE CARVALHO
R. Nova América da Colina, 30C, Gua-
rulhos, SP, Jardim Suely cep 07000
branca, 28 anos, 1,66, 55 Kg, soltei-
ra, esteticista
Passatempos preferidos: esporte, ca-
poeira, teatro, viajar
Quer se corresponder, para transa ou
compromisso, com mulheres femininas

NEUZA MARIA ALVES
Santo Antônio de Jesus, SA Jesus, BA
cep 44570
oriental, 28 anos, 1,55, 43 Kg, sol-
teira, balconista
Passatempos preferidos: palavras
cruzadas, etc.
Quer se corresponder, para compro-
misso, com mulheres de todo o Brasil

PÉRPETUA
Caixa Postal 606, Salvador, BA, cep
40000
mulata, 33 anos, solteira, auxiliar
de administração, 1,58, 58 Kg
Passatempos preferidos: cinema, ba-
res, música, praia e poesias
Quer se corresponder para amizade

ROBERTA COSTA
Caixa Postal 177, Vila Velha, ES,
cep 29100
branca, 35 anos, 1,70, 69 Kg, soltei-
ra, funcionária pública
Passatempos preferidos: colecionar
selos
Quer se corresponder, para amizade
ou transa, com pessoas discretas e
simples

ROBERTA CRISTINA DA SILVA
R. Rio Grande do Sul, São Caetano
do Sul, SP, cep 09500
mulata, 1,65, 57 Kg, 18 anos, sol-
teira, cabeleireira
Passatempos preferidos: dançar, ou-
vir música, jogar handball
Quer se corresponder para amizade,
transa, compromisso

Rosângela Rocha de Negreiros
Rua São Cristóvão, nº 37, Vila San-
ta Fé, Gravataí, RS, cep 94000
branca, 1,60, 57 Kg, 24 anos, sol-
teira, comerciária
Passatempos preferidos: cinema, mú-
sica, passeio ao ar livre
Quer se corresponder, para transa
ou compromisso, com mulher feminina
e livre entre 20 e 30 anos

ROSANGELA T BORSOI
Caixa Postal 723, Ribeirão Preto, SP
cep 14001
branca, 24 anos, 1,65, 53 Kg, casu-
da, técnica em telecomunicações
Passatempos preferidos: leitura, mú-
sica, ginástica
Quer se corresponder, para amizade
ou transa, com garota de mente abe-
ta pois, apesar de casada, é também
liberada

SANDRA GALINDO DA SILVA
R. Anhanguera, nº 198, Barra Funda
SP, cep 01195
branca, 1,63, 59, solteira, estudan-
te
Passatempos preferidos: música, lei-
tura, cinema
Quer se corresponder para amizade
ou compromisso

SHIRLEY DE ARAÚJO MARAÇAT
Rua 28, nº 125, c/1, conjunto Urucaã
nia, Santa Cruz, RJ, cep 23500
branca, 21 anos, 1,57, 48Kg, soltei-
ra, professora
Passatempos preferidos: ir a praia,
jogar futebol, conhecer novos luga-
res, tomar uns drinks com os amigos
Quer se corresponder, para amizade,
com mulheres de idade igual ou supe-
rior a dela

SÍLVIA
Caixa Postal 4797, SP, cep 01051
branca, 1,62, 57 Kg, 35 anos, soltei-
ra, educadora
Passatempos preferidos: cinema, tea-
tro, voley...
Quer se corresponder, para compro-
misso, com pessoa de nível sócio
cultural

SÍLVIA CRISTINA
Rua Guarambé, nº 490, J. Umarizal
C. Limpo, São Paulo, cep 05754
branca, 25 anos, 1,63, 54Kg, soltei-
ra, bancária
Passatempos preferidos: teatro, ci-
nema, jogar voley, viajar, etc...
Quer se corresponder, para amizade
ou compromisso, com mulheres de 1,60
a 1,62 de altura, no máximo 54 Kg,
que goste de passear, até 26 anos,
branca

SÔNIA MARIA PEREIRA
Rua Santo Irineu, 78, Vila Mariana,
SP, cep 04127
mulata, 35 anos, 1,74, 73 Kg, funcio-
nária pública
Quer se corresponder para amizade
ou transa

SORAIA DE ARAÚJO
Avenida 5, nº 869, Centro, Rio Cla-
ro, SP, cep 13.500
branca, 29 anos, 1,70, solteira, es-
tudante
Quer se corresponder, para compromi-
so, com mulheres de 25 a 40 anos

SH
Caixa Postal 16435, SP, cep 02599
branca, 1,67, 50 kg, 28 anos, casada
comerciante
Quer se corresponder, para amizade
ou transa, com mulher branca

SILENE MAIA
Caixa Postal 3053, Belo Horizonte, MG
morena clara, estudante e escritora

Passatempos preferidos: teatro, mar
poesia e estar só com alguém que não
me deixe sentir que estou só
Quer se corresponder, para amizade,
com alguém que seja gente o suficiente
para ainda crer em uma amiga!

SUELY MARTINS

R. Pe Afonso Wenger, 15-B Providên-
cia, Belo Horizonte, MG
branca, 22 anos, 1,60, 45 Kg, sol-
teira, estudante universitária
Passatempos preferidos: leitura, ci-
nema, música
Quer se corresponder, para compro-
misso, com alguém com seu grau de
instrução e acima de 20 anos

TÂNIA MARTINS

Caixa Postal 2378, Cidade Alta, Sal-
vador, BA, cep 38490
morena, 1,69, 63Kg, solteira, estu-
dante
Passatempos preferidos: esporte, mû-
sica, cinema
Quer se corresponder, para amizade,
com garotas de todo o Brasil, prin-
cipalmente da Bahia

VIRGINIA C PEREIRA

R. Norma Zamela de Moura, 539, Jardim
Cipava, Osasco, SP, cep 06000
branca, 20 anos, 1,56, 52 kg, soltei-
ra, estudante
Passatempos preferidos: literatura
e música
Quer se corresponder, para amizade,
com mulheres inteligentes, assimi-
das e de preferência alta, entre 25
a 30 anos

ENDEREÇOS ADICIONAIS

Néia Lúcia dos Santos Sá
Rua Orense, nº 53, Casa Verde Alta, cep
02540, SP
mulata, 1,65, 47 Kg, 21 anos, solteira,
estudante
Passatempos preferidos: leitura, bate-papo
Quer se corresponder, de preferência, com
mulheres de São Paulo, capital.

PEQUENA LIBERDADE

R. Cumaru, 499, S. Miguel Paulista, cep
08000, São Paulo, SP
mulata, , 31 anos, 1,53, 43 Kg, solteira,
jornalista
Passatempos preferidos: teatro, shows, ci-
nema, dança, leitura, etc...
Quer se corresponder, para compromisso,
com pessoas cultas, inteligentes, dedica-
das, meigas e que tenham muito amor para
dar.

TATIANA

901 North Dodge
Iowa City, Iowa City 52240, USA
* Tatiana fala português

OS ENDEREÇOS ACIMA TRANSCRITOS SÃO DE PES-
SOAS QUE NOS ESCREVERAM SOLICITANDO COR-
RESPONDÊNCIA. ESCREVA VOCÊ TAMBÉM!!!

** ADRA UMA CAIXA POSTAL PARA RECEBER SUA
CORRESPONDÊNCIA. BASTA DIRIGIR-SE AO COR-
REIO MAIS PRÓXIMO DE SUA CASA, PAGAR UMA
PEQUENA TAXA ANUAL E PREENCHER UMA FICHA.
É MAIS DISCRETO, EVITA PROBLEMAS COM FA-
MÍLIA OU SEJA QUEM FOR E CUSTA BARATO.



símbolo da mulher feito com as mãos



TIRE A MÁSCARA!!
ASSOCIE-SE AO GALF

Agora, com apenas Cz\$20,00
por mês, você pode associar-se ao
GALF e colaborar com o nosso traba-
lho. Associando-se você passa a :

1) integrar a nossa lista de corres-
pondentes (com endereços de mulheres
de todo o Brasil) que é publicada
no ChanacomChana a cada edição;

2) obter informações sobre pontos
de encontro (bares, boates, hotéis)
e sobre entidades lésbicas, feminis-
tas e homossexuais do Brasil e d o
exterior;

3) receber o histórico do GALF e
indicações de livros sobre feminis-
mo, lesbianismo e homossexualidade.
(Também xerocamos livros nacionais
e importados a pedidos);

4) receber informes sobre as ativida-
des públicas que o GALF pretende
realizar e a contar com o nosso a-
poio psicológico e afetivo quando
precisar.

* Envie cheque ou vale postal para
o GALF (só a sigla), CAIXA POSTAL
62.618, CEP 01214, SÃO PAULO.

CHANA COM CHANA

Nº 12 - F E V - M A I O . 1987 . CZ\$25,00



ENTREVISTA COM "SEXUALIDADE E SAÚDE"

FEMINISMO . ELEIÇÕES . LINGUAGEM
POESIAS . TROCA-CARTAS . INFORMES

NESTE NÚMERO

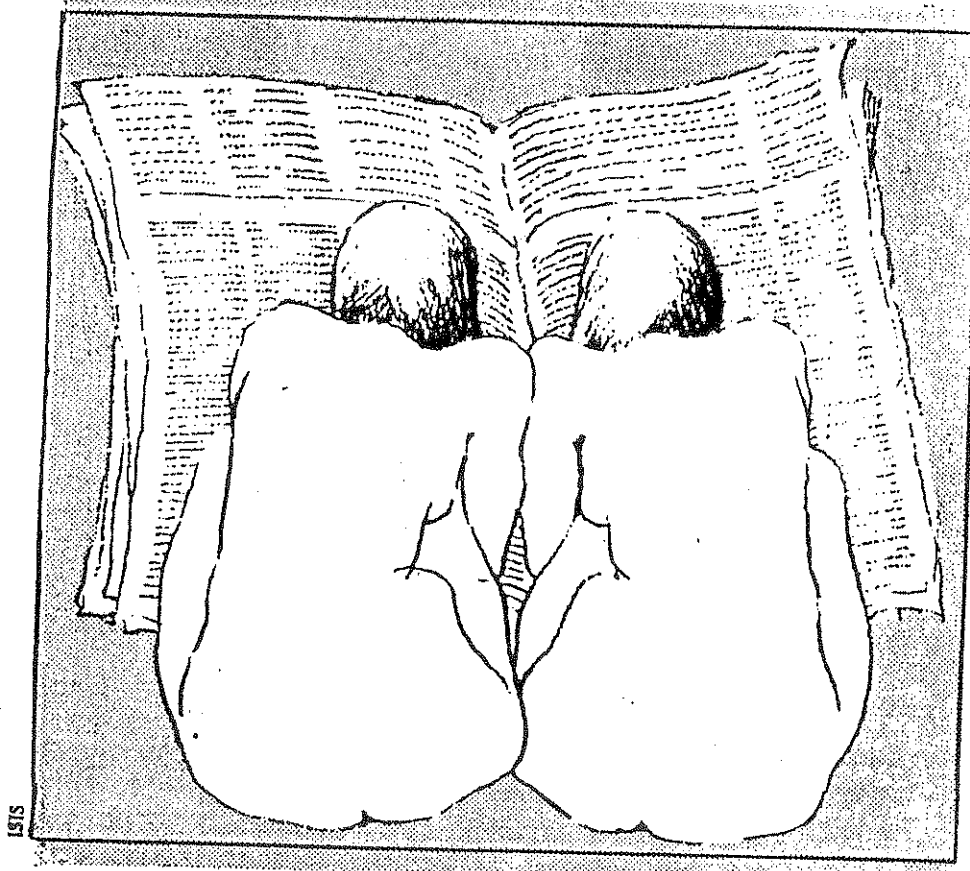
FEMINISMO E LESBIANISMO: QUAL A RELAÇÃO?.....	1
POESIA.....	9
DICAS DE LEITURA.....	10
NÃO LEIA! LINGUAGEM E REPRESSÃO.....	12
BALANÇO DAS ELEIÇÕES.....	16
EM MOVIMENTO.....	23
SEXUALIDADE E SAÚDE.....	25
TROCA-CARTAS.....	36

CAPA: DEUX FEMMES (Duas Mulheres), Tamara de Lempicka.
Da Revista do Arquivo lésbico alemão Spinnboden, Berlim.

CHANACOMCHANA

O boletim ChanacomChana é uma publicação quadrimestral do GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA (GALF) que procura focalizar diferentes aspectos das vivências lésbicas bem como temas referentes à política dos movimentos sociais autônomos.

Nosso principal objetivo, com o ChanacomChana, é quebrar o muro de preconceitos que envolve e isola as mulheres lésbicas, criando uma rede de contatos, informações e apoio tanto no Brasil quanto no exterior.



ISIS

FEMINISMO E LESBIANISMO: QUAL A RELAÇÃO?

MÍRIAM

Ao contrário do que sonha nossa vã imprensa machista, nem toda feminista é lésbica, nem toda lésbica é feminista e, mais ainda, poucas entre essas mulheres vêem claramente a relação entre feminismo e lesbianismo. Na verdade, bem ao contrário do suposto, enquanto grande parte das feministas teme ser rotulada de lésbica, pois isso implicaria pelo que dizem - um descrédito de seu trabalho e a possível perda de seus suados ganhos, muitas lésbicas - mal informadas - não querem nem ouvir falar de feminismo, pois acreditam tratar-se de luta contra os homens ou para imitar os homens (estranho paradoxo!), o que não é seu caso.

Para explicar este quadro confuso, podemos dizer que ele é produto - por um lado - da noção, imposta pela sociedade machista, de que ser mulher é igual a ser heterossexual, sendo a heterossexualidade o que define, de fato, se uma mulher é mulher ou não, e - por outro lado - da visão da homossexualidade como um terceiro sexo composto por homossexuais masculinos e femininos que formariam uma espécie ou um povo diferente física e psicologicamente das outras pessoas. Diante disso, não é de estranhar que muitas lésbicas se identifiquem mais como homossexuais do que propriamente mulheres e de que muitas feministas só abordem questões referentes à vida das mulheres que vivem com homens.

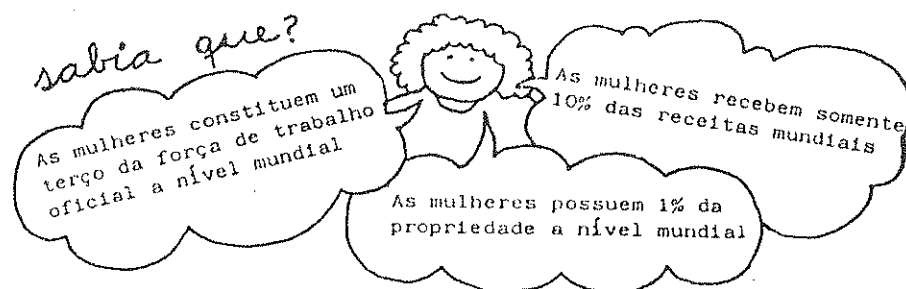
Neste sentido, inclusive, observando publicações feministas ou publicações que tratam das questões das mulheres no Brasil, podemos verificar a ratificação do conceito de que o que define uma mulher enquanto tal é seu relacionamento com um homem. Essas publicações raramente abordam a questão do lesbianismo e, quando o fazem - as mais progressistas -, partem do princípio de que devem combater a discriminação aos "homossexuais", sem muita ou nenhuma distinção entre homens e mulheres.

Em outras palavras, as mulheres lésbicas que abrem uma publicação feminista, no Brasil, dificilmente se identificam com o que está escrito, pois não há nada que fale diretamente de seu cotidiano, acabando por ver reforçada a idéia de que o feminismo não lhes diz respeito. Mesmo aquelas lésbicas que se reconhecem nas lutas mais gerais do feminismo, como a igualdade salarial e de outros direitos entre mulheres e homens, acabam vendo mantida a mesma velha esquizofrenia que a sociedade lhes impõe em vários âmbitos de suas vidas. Ou seja, elas podem se identificar e mesmo batalhar pelos direitos das mulheres, já que são mulheres, mas suas vidas pessoais, a saber, sua sexualidade, sua afetividade, etc... devem ficar no terreno do privado, numa flagrante contradição com um dos grandes "slogans" do feminismo que diz que o privado é político.

Em suma, embora nos últimos dois anos, venham surgindo tentativas de se discutir o lesbianismo em encontros feministas (como vimos relatando aqui no Chana), o mesmo, para as lésbicas, ainda funciona como apenas uma espécie de novo gueto e talvez até um gueto mais restrito pois majoritariamente frequentado por mulheres brancas, de classe média. Permanece ainda, inclusive entre as próprias feministas homossexuais, a ilusão de que suas simples presenças determinam o grau de abertura feminista em relação a sua questão, apesar de suas vivências serem sempre consideradas secundárias, na hora de se discutir qualquer coisa, ou, até mesmo, ainda constrangedoras e/ou embaraçosas. Embora ser lésbica, no feminismo brasileiro não seja mais, pelo menos no eixo Rio-São Paulo, motivo de grande escândalo ou expulsão, a politização do lesbianismo,

através de um processo de discussão que combata verdadeiramente o preconceito, ainda está por vir.

Não obstante, é importante salientar que o feminismo brasileiro passa por uma fase de desarticulação política que contrasta com a disseminação de idéias feministas pela população e o surgimento de novas entidades de defesa dos direitos das mulheres. Em outras palavras, apesar de haver um número crescente de mulheres comparecendo a encontros feministas e de grupos feministas estarem realizando trabalhos mais organizados, o nível de comunicação entre as entidades e de encaminhamento de lutas conjuntas anda muito devagar. Este contexto pode explicar, em parte, os "silêncios" do feminismo nacional em relação às questões lésbicas.



FEMINISMO E LESBIANISMO: UMA RELAÇÃO BEM ÍNTIMA

De qualquer maneira, apesar dos equívocos causados pela falta de informação e de discussão sobre vivências lésbicas, o feminismo e o lesbianismo têm uma relação muito íntima, a começar pelo fato, aparentemente óbvio, de que a condição fundamental para se estar lésbica é se ser mulher (não existe homem lésbica). Portanto, como o feminismo luta pelos direitos das mulheres e as lésbicas são mulheres, em primeiro lugar, seus objetivos mais gerais também são de nosso interesse. Se não, vejamos:

1) O feminismo trabalha não só para que as mulheres tenham mais acesso à instrução, em todos os níveis e campos de estudo, quanto para que esta não veicule, através de livros escolares, por exemplo, imagens negativas da mulher. O feminismo luta para extinguir a educação diferenciada, ou seja, a educação que ensina às mulheres, entre outras coisas, a serem submissas e "inferiores" aos homens e aos homens a serem dominadores e "superiores" às mulheres. A proposta feminista é de que a educação, compreendendo alfabetização, instrução e escolaridade, busque incentivar capacidades individuais, independentemente de sexo, raça, etc. No Brasil, o nível de analfabetismo - como era de se esperar - é maior entre mulheres, e mesmo os níveis de instrução, que vêm tendendo à igualdade, nos últimos anos¹, não implicam necessariamente maiores oportunidades de emprego. Na verdade, observa-se uma segregação ocupacional entre os sexos, com as mulheres atuando, em sua maior parte, em atividades consideradas "femininas", como magistério, enfermagem, artes, etc, que têm menor prestígio social e péssima remuneração. Para as mulheres lésbicas que, em geral, dependem inteiramente de seus próprios esforços para sobreviver, um maior acesso à instrução, em todos os níveis, e o fim da segregação das mulheres em campos de trabalho mal remunerados é de grande importância, portanto, uma luta lésbica;

2) O feminismo luta pela equiparação salarial entre mulheres e homens que desempenham o mesmo tipo de atividades. As mulheres brasileiras ganham, em média, 40% a 70% a menos do que os homens pelo mesmo tipo de trabalho, dependendo da região do país, sendo que, paradoxalmente,

quanto maior o nível de escolaridade da mulher, maior o grau de discriminação que sofre'. Em empregos que exigem mais qualificação profissional, as mulheres ganham menos da metade do que qualquer homem pelo simples fato de serem mulheres, não importando se lésbicas ou heterossexuais. Portanto, a luta por salário igual por trabalho igual também é uma luta lésbica;

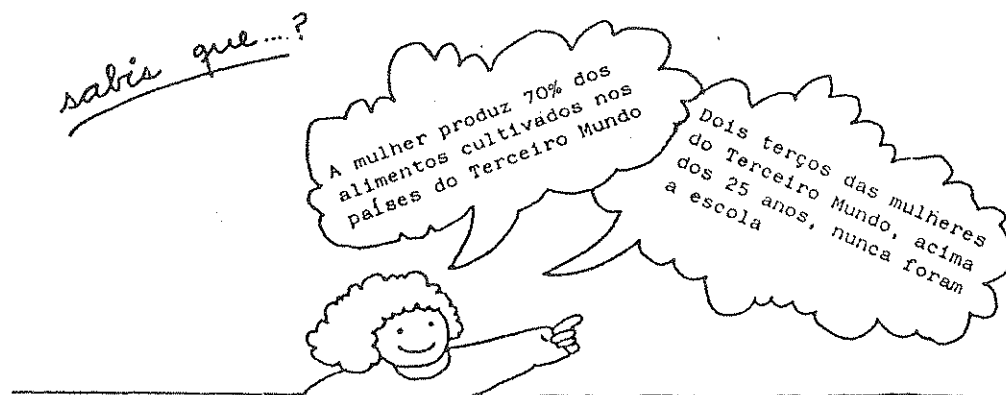
3) O feminismo luta para combater a violência contra as mulheres que se dá através de estupros, espancamentos, assassinatos, etc... Para tanto, busca conscientizá-las, por meio de livros, debates, programas de rádio e TV, de que a violência que as(nos) atinge não é natural, mas sim produto de uma educação equivocada, onde a mulher é vista como propriedade do homem e não como ser humano independente e integral. Neste sentido, o feminismo vem criando também, em vários estados brasileiros, delegacias da mulher e grupos feministas que trabalham especificamente no atendimento a mulheres agredidas, procurando, de fato, punir os violadores.

As mulheres lésbicas não estão imunes a violência masculina, nem em casa, nem nas ruas. Estupradores, espancadores e assassinos não vêem diferença entre lésbicas e heterossexuais e, quando vêem, no caso das lésbicas, acabam se achando com mais direitos ainda de perpetrar seus abusos. Considerando que existem mulheres lésbicas em todos os tipos de trabalho, de todas as idades, raças, classes sociais e, até mesmo, lésbicas casadas, é fácil perceber que muitas sofrem diferentes agressões por parte de pais, irmãos, tios, chefes e quaisquer homens da rua. Casos de lésbicas estupradas e/ou agredidas física e psicologicamente, dentro e fora de casa, não são incomuns. Portanto, a luta para acabar com a violência contra as mulheres também é uma luta lésbica;

4) O feminismo trabalha para que o governo faça cumprir a lei que obriga empresas, com mais de 30 trabalhadoras, a instalarem creches em suas dependências bem como luta pela criação de mais creches em lugares de trabalho e moradia. Para todas as mães que trabalham fora, sejam elas lésbicas ou heterossexuais, a questão da segurança de suas crianças é fundamental. Portanto, considerando que existe um número significativo - embora invisível - de mães lésbicas, a luta por creches também é de nosso interesse;

5) O feminismo trabalha na criação de centros de saúde, para mulheres, onde os tratamentos prescritos levam em conta nosso corpo, nossa sexualidade e nossos sentimentos como partes de um todo e não como coisas desarticuladas, ao estilo da medicina tradicional.

Mulheres lésbicas, em geral, enfrentam, não só o sexismo* da medicina masculina tradicional, que atinge todas as mulheres, como também a visão, ainda prevalecente em particular nas áreas de saúde, de que o lesbianismo é uma doença em si mesmo. Partindo do pressuposto de que a heterossexualidade é uma condição própria da mulher e não apenas



uma possibilidade dentro da sexualidade humana, "profissionais" de saúde, em ginecologia especialmente, tratam todas as mulheres como se todas se relacionassem com homens, prescrevendo contraceptivos para aquelas lésbicas que vão ao consultório, mas têm vergonha de dizer que transam com mulheres, ou o psiquiatra para aquelas que não se envergonham de falar sobre suas "preferências". No caso, o motivo da consulta, às vezes um simples corrimento, acaba levando a momentos bem desagradáveis onde, realmente, o que menos conta é a saúde da paciente.

Nos centros de saúde feministas, que infelizmente ainda são muito poucos, há pelo menos a possibilidade de você não sair com uma receita que nada tem a ver com o seu problema real. Em alguns deles (ver entrevista na pág.25), inclusive, já é perguntado, de antemão, se você se relaciona com mulheres ou homens para que possa ser encaminhado qualquer tipo de tratamento. Portanto, a criação de centros de saúde feministas também é de interesse das mulheres lésbicas.

Em suma, seriam necessárias várias páginas para demonstrar o quanto a luta feminista tem a ver com a vida das lésbicas. Somente um dos 5 tópicos que abordei acima, rapidamente, bastaria para compor vários textos nesta perspectiva. De fato, mesmo algumas bandeiras feministas como a do aborto, do planejamento familiar, do espancamento de mulheres nos casamentos, etc., que não estão diretamente ligadas às vivências lésbicas, sempre têm alguma interferência em nossas vidas visto que a mudança da situação das mulheres, em nossa sociedade, não se dá em separado para lésbicas e heterossexuais, mas sim de maneira conjunta. Neste sentido, todos os avanços obtidos por lésbicas ou heterossexuais na melhoria de suas condições de vida interferem-se mutuamente, embora, à primeira vista, possa parecer que não.



FEMINISMO E LESBIANISMO: A NOSSA ESPECIFICIDADE

À essas alturas do texto, a leitora deve estar concordando comigo (assim espero!) que feminismo e lesbianismo têm uma relação bem próxima, mas deve também estar se perguntando onde a solução para nossos problemas mais imediatos entra nisso tudo, principalmente se considerarmos que eles não são ou são raramente abordados pelo feminismo nacional. Como fazer, por exemplo, com os problemas que enfrentamos, por sermos lésbicas, com nossas famílias, na escola, no emprego, em diversas situações sociais? Como fazer para romper o isolamento e a marginalidade que nos são impostas, por sermos lésbicas, e que nos leva a uma má visão de nós mesmas, uma péssima auto-estima, interferindo em nossas vidas como um todo? Como fazer para criar espaços mais abertos que os bares e boates onde possamos encontrar umas às outras e discutir o que nos interessa como, por exemplo, as relações com nossas namoradas, amigas, nossa sexualidade, etc... Será válido lutarmos apenas pelas bandeiras mais gerais do feminismo que, embora também nos interessem, não dão conta de nossas especificidades?

Responder a todas essas perguntas não é tarefa fácil, mas um bom começo pode ser lembrar que uma das coisas mais interessantes do feminismo é o fato de ele não ter patente, não ser propriedade exclusiva de ninguém, de nenhum grupo específico de mulheres. O feminismo é de quem o está construindo todos os dias e, por isso, existem tantos "feminismos" quanto mulheres feministas, ou seja, existem diferentes concepções de feminismo de acordo com as experiências de vida de suas autoras. É claro que alguns pontos básicos ou lutas gerais, como as já citadas, são comuns a todos os grupos feministas, mas cada um deles tem sua própria visão de como tentar encaminhar os problemas que nos atingem.

Assim as mulheres lésbicas vêm também construindo a sua própria concepção de feminismo através da análise da situação das mulheres, em suas respectivas sociedades, e do lugar que ocupam as lésbicas neste contexto. Com base nos inúmeros textos produzidos, desde a década de 60 e, até mesmo, antes dessa época, por feministas de vários países, e com base em suas próprias experiências de vida, lésbicas de todo mundo vêm tentando e conseguindo criar suas organizações, numa perspectiva de lutar por seus direitos e encaminhar suas questões aqui e agora. Alguns grupos, inclusive, deixaram de auto-intitular-se feministas, passando a utilizar a palavra lésbica como uma denominação equivalente a feminista e não mais simplesmente como mulher que transa com mulher. Assim sendo, muitos grupos lésbicos têm toda uma perspectiva feminista, partindo de uma visão lésbica, sem que se auto-denominem enquanto feministas. Em alguns países, como os Estados Unidos, a produção teórica lésbica apresenta não só uma análise da opressão das mulheres lésbicas, mas também uma análise da realidade em geral, propondo novos valores, novos comportamentos, etc...

No Brasil, como em outros países da América Latina, a movimentação lésbica está apenas dando seus primeiros passos, mas já existe, em várias cabeças, a certeza de que é contraditório e contraproducente lutar somente pelas bandeiras gerais do feminismo em detrimento de nossas questões específicas. Existe a consciência de que a difusão das idéias feministas é importante para nós porque quanto mais espaços e direitos conquistarmos, enquanto sexo, mais mobilidade social teremos, em todos os aspectos, enquanto mulheres lésbicas. Daí a importância de apoiarmos a luta feminista. Entretanto, nossas questões específicas, as questões de nosso dia-a-dia, têm que ser igualmente encaminhadas não só em encontros feministas como também incorporadas às discussões do feminismo e da sociedade em geral.



mulheres lésbicas, em todo mundo,
vêm tentando e conseguindo criar
suas próprias organizações

Por exemplo, a suposição de que a maioria das mulheres "é" heterossexual está provavelmente mais baseada em preconceitos do que em dados concretos. Somos obrigadas a constatar que a maioria das mulheres vive com homens, mesmo porque se não não estaríamos no patriarcado (estrutura social fundada na dominação do homem sobre a mulher), porém isso é diferente de afirmarmos que a maioria das mulheres "é" heterossexual. Em primeiro lugar, se a maioria fosse "naturalmente" heterossexual, não haveria necessidade de tantas repressões para manter essa "naturalidade". Segundo, levando em conta a própria realidade, tornada invisível pelo sistema, os seres humanos não estão divididos estritamente em homossexuais e heterossexuais. Existem solteiras, celibatárias, bissexuais, lésbicas, etc... que formam um contingente significativo de mulheres. Existem lésbicas casadas que mantêm o casamento porque não têm condições econômicas de viver fora dele. Existem mulheres casadas que se relacionam, temporária ou constantemente, com outras mulheres, sem abrir mão do casamento e existem mulheres, de todas as idades, que mantêm relações (homo)sexuais em diferentes períodos de suas vidas. Isso, é claro, sem contar aquelas que simplesmente reprimem seus desejos por outras mulheres por causa da repressão social. Enfim, a afirmação de que a maioria das mulheres "é" heterossexual é, no mínimo, duvidosa e deveria ser incorporada às análises feministas para que seu questionamento tivesse, entre outras coisas, maior repercussão na sociedade.

A criação de grupos lésbicos passa, portanto, não só pela necessidade de termos instrumentos de pressão para garantir nossos direitos humanos mais elementares como também para que possamos construir o nosso próprio feminismo, ou seja, a nossa própria visão, enquanto mulheres lésbicas, da realidade. Passa também pela necessidade de tentarmos procurar soluções, a médio prazo, para problemas que nos afligem (ver pág. 4) e de buscarmos relações, entre nós mesmas, que se pautem por alguns princípios feministas tais como: solidariedade, equilíbrio de poderes, divisão igualitária de deveres e prazeres, entre outros. E finalmente, passa pela necessidade de podermos nos afirmar, como seres humanos, a partir de nossas capacidades individuais, sem discriminações por sermos lésbicas, e em benefício de nós mesmas e de todas as mulheres.



um "close" do patriarcado em ação.

LESBIANISMO E HOMOSSEXUALIDADE: MAS NÓS NÃO TEMOS MAIS A*VER COM OS HOMENS HOMOSSEXUAIS?

Algumas lésbicas acreditam que nossas questões têm mais a ver com as dos homens homossexuais do que com as das mulheres, provavelmente baseadas na velha estória dos "homossexuais" como um povo distinto das outras pessoas. Sem dúvida, esta é uma visão bastante equivocada, como procurei estabelecer durante o decorrer deste texto, que pode nos levar a uma falsa identidade política e, conseqüentemente, a diversos erros de ação. Não se trata, é claro, de afirmar que não temos nada em comum com os homens homossexuais e de que não podemos desenvolver nenhum trabalho conjunto, mas sim de delimitar as semelhanças e diferenças entre os dois grupos discriminados e em que base podem ser realizadas atividades conjuntas.

Para analisar a repressão e a opressão que atingem os homens homossexuais, precisamos nos remeter a visão de homem que tem nossa sociedade, ou melhor, o que ela espera do comportamento das pessoas do sexo masculino. O mesmo deve ser feito em relação às lésbicas: é preciso analisar como a sociedade "educa" as mulheres, qual o papel que lhes é reservado, para entender a opressão que recai sobre nós.

Temos, em comum com os homens homossexuais, o fato de que o sistema patriarcal discrimina as pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, porém essa discriminação não se dá da mesma maneira para lésbicas e gays, pelo simples fato de que mulheres e homens não são iguais em nossa sociedade. Assim os homens homossexuais, embora discriminados por suas vivências gays, não sofrem preconceitos por serem homens ao contrário das lésbicas que já são discriminadas a priori por serem mulheres. Exemplificando, os homens homossexuais, assim como os heterossexuais, recebem uma educação, desde o berço, que valoriza tudo que é considerado "masculino" e são criados com uma série de privilégios que as mulheres, lésbicas ou heterossexuais, não têm. Os homens homossexuais, como os heterossexuais, vão ter acesso a um melhor nível de instrução e escolaridade, não vão ser guetarizados (isolados) em nenhum tipo específico de profissão e vão receber melhores salários do que mulheres, lésbicas ou heterossexuais, pelo simples fato de serem homens. Os homens homossexuais, como os heterossexuais, não sofrem uma violência específica por serem homens, como acontece com as lésbicas por serem mulheres e nem arcam com toda responsabilidade pela criação das crianças que, em geral, não têm, como no caso das mães lésbicas.

Em resumo, a sociedade permite muito mais autonomia e independência econômica aos homens homossexuais, por serem homens, do que às lésbicas, por serem mulheres. É muito mais fácil para um homem do que para uma mulher, lésbica ou heterossexual, alugar um apartamento, andar sozinho à noite, sem ser estuproado, e, até mesmo, se enrustir perante a família e a quem mais interessar. A família não controla tanto um rapaz quanto uma garota; há menos horários para chegar em casa, menos desculpas a serem dadas, etc... Inclusive, a independência masculina é incentivada enquanto a independência feminina é coibida, mesmo quando a mulher trabalha fora. A mulher ainda é vista, por muitos, como aquela criaturazinha destinada a fazer companhia à mãe, quando permanece solteira.

É claro que esses exemplos todos são generalizantes e não levam em conta travestis, bichas loucas, homens muito efeminados e aqueles poucos "assumidos" que também têm problemas com família, emprego, etc..., pois estes não representam a grande maioria dos homens homossexuais. De fato, esta grande maioria é completamente invisível, ou seja, não se distingue, em nada, dos homens heterossexuais, não sofrendo, por tanto, nenhuma repressão "direta" por sua sexualidade. As lésbicas, mesmo as mais enrustidas, já encaram, de antemão, uma série de limitações

simplesmente por serem mulheres.

A delimitação dessas diferenças é importante para que a gente não caia na ilusão de que a "libertação homossexual" pode resolver todos os nossos problemas. A história já nos deu exemplos de que a liberdade que as lésbicas podem ou não possuir, em uma determinada cultura, depende de como esta vê as mulheres, de uma maneira geral, o mesmo podendo ser dito em relação aos homens homossexuais. Assim, na Grécia e Roma Antigas, a homossexualidade masculina, dentro de certos modelos, não só não era reprimida como até encarada de maneira bem positiva enquanto o lesbianismo era considerado infame e imoral,³ pois a condição das mulheres, naquela época, assemelhava-se a dos escravos. Por outro lado, na Europa do século passado, como já tive oportunidade de dizer aqui no Chana (ver Chana 10), as relações entre mulheres, provavelmente porque estas estivessem completamente dependentes dos homens e fossem tidas como assexuadas⁴, eram vistas como aceitáveis e até desejáveis enquanto que muitos homens homossexuais, acusados de sodomia, acabavam executados em praça pública.

Finalizando, cada cultura, cada época, vai tratar lésbicas e gays de acordo com seu conceito de homem e mulher e do que entende por sexualidade masculina e feminina. Nossa sociedade tende a misturar lésbicas e gays no mesmo saco de gatos porque a ela interessa manter a idéia de que existe um 3º sexo, já que isso facilita a divisão de pessoas em normais e anormais. De fato, só existem dois sexos, só existem mulheres e homens, e a libertação das lésbicas passa inevitavelmente pela libertação de todas as mulheres enquanto que o fim da discriminação aos homens homossexuais não vai necessariamente por esta mesma via.

Isto não quer dizer, repetindo, que não possamos trabalhar com os homens homossexuais em campanhas e protestos contra a discriminação que temos em comum. Existem homens homossexuais sensíveis às questões das mulheres e com eles é possível estabelecer alianças assim como com outros setores progressistas da sociedade. Construir nossa identidade, a partir do conhecimento das diferenças que temos em relação a outros grupos discriminados, não significa fechar as portas na cara de ninguém. Muito pelo contrário, significa apenas saber direitinho quando, como e para quem abrir a porta de nossa solidariedade.



Fotografia: Vera Siqueira
em "O Coração do Homem" (1980)

NOTAS

1. Rosemberg, Fúlvia, A Educação Formal da Mulher; Mulher, Sociedade e Estado, Trabalho, Saúde, Educação; Revista da Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados).
2. Haga, Atsuko, A participação atual da Mulher no Mercado de Trabalho; Mulher, Sociedade e Estado, Trabalho, Saúde, Educação; Revista da Fundação SEADE.
3. Veyne, Paul, A Homossexualidade em Roma, pág. 44, Sexualidades Ocidentais.
4. Faderman, Lillian, The Asexual Woman, Surpassing the Love of Men.

* sexismo: atitude de discriminação em relação ao sexo feminino

INDICAÇÕES DE LEITURA SOBRE FEMINISMO:

- a) O Que é feminismo, Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, Coleção Primeiros Passos
- b) O feminismo, uma abordagem histórica, Andrée Michel, Tradução Angela Loureiro de Souza, Zahar Editores
- c) O feminismo é um humanismo, Rachel Gutiérrez, Antares/Nobel Editores

POESIA

O NARIZ OS PÔMULOS O QUEIXO A FRONTE
AS PÁLPEBRAS A TEZ O PASSO AS COXAS
AS CURVAS AS PANTURRILHAS OS QUADRIS
A VULVA O VENTRE AS COSTAS O PEITO
OS SEIOS AS OMOPLATAS AS NÁDEGAS OS
COTOVELOAS AS PERNAS OS DEDOS DOS PÉS
OS PÉS OS CALCANHARES OS RINS A NUCA
A GARGANTA A CABEÇA OS TORNOZELOS A
VIRILHA A LÍNGUA O OCCIPÍCIO A ESPI-
NHA OS FLANCOS O UMBIGO O P Ú B I S
O CORPO LESBIANO.

MONIQUE WITTIG

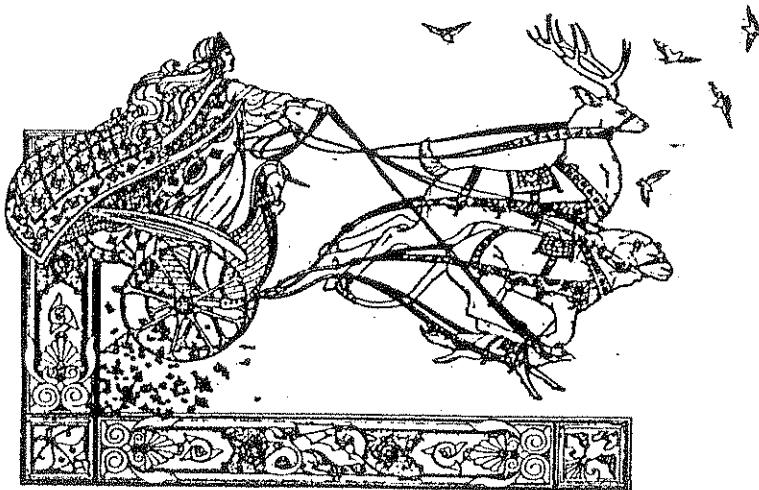
*

Sinto nesse vento o cheiro do seu respirar
Percebo seu corpo pegado ao meu
Seu peso me fazendo carinho
Seu riso largo e gostoso
Sua dança embalada na alegria do encontro

Cláudia

Sinto-me mulher a seu lado como nunca
Essa saudade da nossa comunhão
Esse medo de te perder
(por não saber buscá-la)
De ver transformado o seu sentir
Fuga de situações de apego...
Caminhar temeroso.
Tento acompanhar seu caminhar exigente...
Os passos acontecem em função do já
construído
No crescer juntas, num andar gostoso
De carinho, de saudade, de cuidado
Para não haver partida...

Cláudia



A mesma boca que denuncia
me acaricia
A mesma mão que me adormece
ênfatiza

E luta
E combate pelo oprimido

O corpo que me deixa louca
é também bandeira de luta
de confronto

A mesma voz rouca que me ama
agride o injusto, o opressor

Essa mulher que combate
que usa armas
Enternece
Acarinha
Conforta

E eu a amo...

SEUS SEIOS

Toco-os
Flutuo no cometa
Minha mão plumas
de pavão
Minha boca riacho
de prazer
Seu seio flor selvagem.

Mônica

EVOÉ III

No templo de teu corpo
eu entro
invadindo seus santuários
guardados, lacrados
Te aprisiono em meus braços
te aperto os peitos
com jeito
Dentes e língua, famélicos
desvairados
tocam-te o sexo
pulsante, dissoluto
Na fonte matriz
sugo-te a seiva
com ânsia e loucura
E tu, sinuosa, cobra-mulher,
me pões mais desvairada
gemendo assim

RITA COLAÇO



dicas de leitura

* LANÇAMENTOS

Ficção

As Brumas de Avalon - Marion Zimmer Bradley; tradução Walten sir Dutra, Marco Aurelio P. Cesarino - Rio de Janeiro: Imago, 1985. Obra em 4 volumes onde a lenda do rei Arthur é contada sob o ponto de vista das mulheres, que, aqui, têm o papel central.

Sociologia

* O Averso da Moda - Trabalho a domicílio na Indústria da Confeccção - Alice Rangel de Paiva Abreu - Ed. Hucitec, 302 pp. Col. Problemas Contemporâneos - Série Memória Feminina. Dez/86.

História

* História e Sexualidade no Brasil - Ronaldo Vainfas (org.) - Ed. Graal, 212 pp. Biblioteca de História, vol. 17. Dez/86.

A Mulher no Tempo das Catedrais - Régine Permond; tradução Miguel Rodrigues - Lisboa, Ed. Gradiva, 1984.

Psicologia

Os Mistérios da Mulher Antiga e Contemporânea - Mary Esther Harding; tradução Maria Elci Sbaccacherche Barbosa, Vilma Hissako Tanaka - São Paulo - Ed. Paulinas, 311 pp. Col. Amor e Psique - 1985.

Uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos.

Biografias

* Simone de Beauvoir - Claude Francis e Fernande Gautier - trad. Oswaldo Barreto e Silva - Ed. Guanabara, 545 pp. Dez/86.

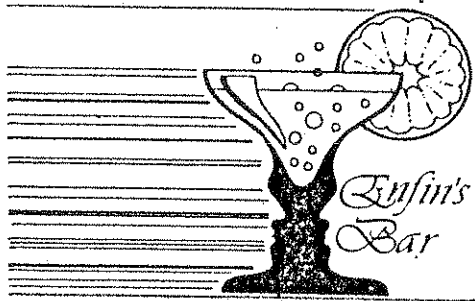
Antropologia

* Sexo: A Alienação do Desejo - Luiz Nazário - Ed. Brasiliense. 1987.

O autor afastando-se da crítica cinematográfica adentra o universo antropológico do desejo. Através de pequenos ensaios, constrói uma crônica da sexualidade onde o sexo e o desejo são fatores de preservação e de transformação da ideologia e do poder.



SÍMBOLO LÉSBICO



ENTENDIDOS(AS)

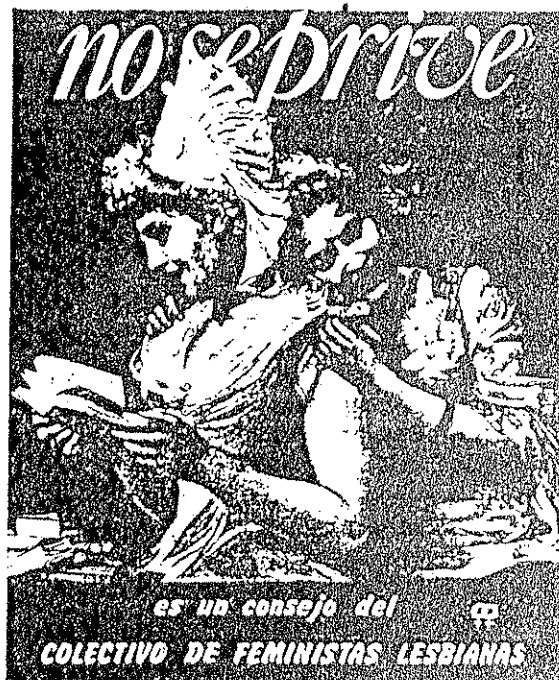
DESCONTRACÃO,
AMBIENTE
ACONCHEGANTE,
MÚSICA AO VIVO

DE QUINTA A DOMINGO

ENFIN'S BAR

PERTINHO DA AUGUSTA

Rua Peixoto Gomide 147 esquina c/ Frei Caneca



es un consejo del
COLECTIVO DE FEMINISTAS LESBIANAS

DICAS DE LEITURA SOBRE LESBIANISMO
E HOMOSSEXUALIDADE

Lesbianismo:

A QUEDA PARA O ALTO, HERZER
Editora Vozes

VIVA SAPATA, Rita Mae Brown
Editora Record

A COR PÚRPURA, Alice Walker
Editora Marco Zero

MARTINA, Martina Navratilova
Editora Guanabara

TERESA E ISABEL(UMA PAIXÃO)
Violette Leduc
Editora Brasiliense

Homossexualidade:

Teoria e Prática da Homossexualida-
de

John Hart e Diane Richardson
Zahar Editores

O QUE É HOMOSSEXUALIDADE
Peter Fry e Edward McRae
Editora Brasiliense

Jacarés e Lobisomens
Leila Mícolis e Herbert Daniel
Editora Achiamé

UMA FLOR PARA OS MALDITOS, HOMOSSE-
XUALIDADE NA LITERATURA

Mara Faury
Papyrus Livraria Editora

DEVASSOS NO PARAÍSO
João Silvério Trevisan
Editora Max Limonad

AGORA TEM GENTE
LENDO CHANACOMCHA
NA EM VÁRIAS PAR-
TES DO BRASIL...
JUNTE-SE A NÓS!!

FAÇA SUA ASSINATURA DO BOLETIM
CHANACOMCHANA ENVIANDO UM CHEQUE
OU VALE POSTAL, EM NOME DO GALF,
PARA A CAIXA POSTAL 62.618, CEP
01214*, SÃO PAULO.

ASSINATURA POR 4 N^{os}....CZ\$100,00
N^{os} ANTERIORES(7, 8, 9, 10 e 11)

.....CZ\$100,00
ASSINATURA PARA O EXTERIOR..US\$28

NOME.....
ENDEREÇO.....
CEP....CIDADE.....ESTADO.....
PROFISSÃO.....IDADE.....

PROMOÇÃO: FAÇA UMA ASSINATURA D O
CHANACOMCHANA N^o 12 E RECEBA GRA-
TUITAMENTE UM EXEMPLAR ANTERIOR
DE NOSSO BOLETIM. NÃO PERCA ESSA!

* Os vales postais devem ser en-
viados, em nome do GALF, para a
agência Duque de Caxias, São Paulo

** CONTRIBUIÇÕES AO GALF PODEM
SER ENVIADAS DIRETAMENTE PARA A
CONTA CORRENTE N^o 38.411-0, AGEN-
CIA 0237, Pça da República, ITAÚ, SP

NÃO LEIA! LINGUAGEM E REPRESSÃO

Célia

Quando estávamos elaborando a pauta deste boletim, eu havia me proposto a escrever um artigo sobre a tecnocracia, ou corretamente sobre a ditadura dos "técnicos-sabe-tudo". Estava - e estou muito irritada com esse tipo de gente que usa o saber como meio de deter o poder, e não para torná-lo acessível e democrático. Irritada com essas pessoas que olham para belíssima área verde ilhada pelo cinza, na Av. Paulista, e só conseguem pensar no valor do metro quadrado que ela tem no mercado imobiliário. Ou ainda com os técnicos, os especialistas que afirmam ser impossível ocorrer um acidente na Usina Nuclear de Angra dos Reis, isto porque ela possui inúmeros e eficientes dispositivos de segurança, também conhecidos como rebinocas da parafuseta, deu pra entender?

Pois bem! Comecei a elaborar o tal artigo e ao ler um livro que me auxiliaria a fazê-lo, deparei-me com um caso contado pelo autor que me levou a querer fazer algo diferente do que havia pensado. Abaixo eu o transcrevo:

"Lembro-me de um cavalheiro, educado num mundo de hábitos alimentares marcados pelos tabus religiosos, e que aprendera a detestar miolo. Foi jantar em uma casa em que foi servida couve-flor empanada. Deliciosa. Após o jantar dirigiu um elogio à anfitriã:
- Divina a couve-flor...
- Couve-flor? Miolo empanado..."

E sem que houvesse uma única alteração nos componentes físico-químicos da situação, a linguagem que envolvia o corpo se encrespou, e a palidez se transformou no embaraço da saída apressada da mesa para vomitar... Vomitar o quê? Miolo? Absolutamente. Vô mito de palavras, rótulos, etiquetas. Assim são as coisas: a linguagem tem a possibilidade de fazer curto-circuitos em sistemas orgânicos intactos, produzindo úlceras, impotência ou frigidez. Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas".

(Rubem Alves in Conversas com Quem Gosta de Ensinar Ed. Cortez).

A situação narrada, e, em especial, a frase final sobre as palavras carregarem consigo as proibições, as exigências e expectativas, ficaram a martelar em minha mente e, não pude deixar de transpô-las para algo ainda mais próximo de mim. Refiro-me à minha sexualidade e à maneira pela qual a expresso - ou a oculto - através da linguagem, mais especificamente através das palavras.

A nós, mulheres, sempre foi negado o direito de uma participação efetiva na sociedade. Nos é permitido gerar filhos quando há necessidade deles como mão-de-obra futura; nos é permitido trabalhar fora quando precisam de mais mão-de-obra e especialmente barata; nos é permitido cuidar de nossos filhos desde que os eduquemos para serem iguais a todos os outros. Na realidade não nos permitem nada.

"Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
inventa a contra-mola que resiste

Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade, decepado
entre os dentes segura a primavera"

("Primavera Nos Dentes" - Secos e Molhados)

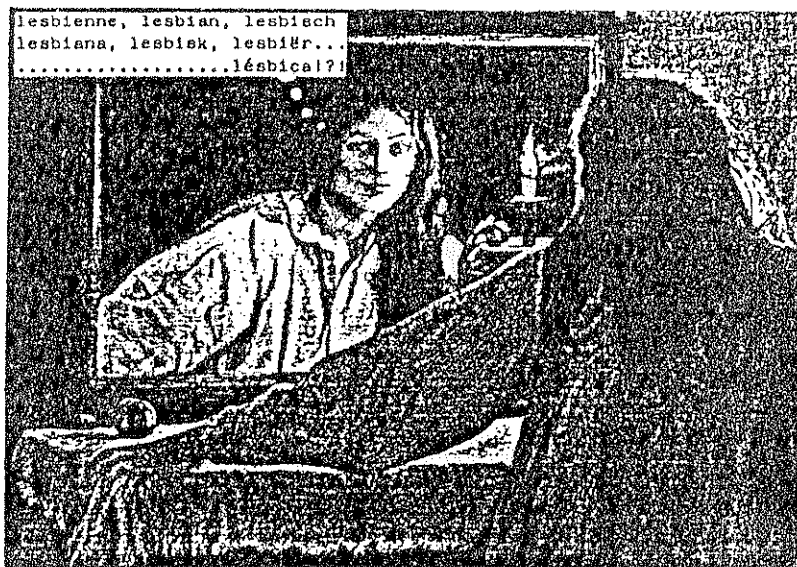
Há quem diga que nós mulheres falamos demais. Pois eu digo que falamos pouco, muito pouco. Permanecemos caladas quando se trata de falar de nossa sexualidade, por exemplo. Saímos (?) de uma fase onde a repressão era tal, que tínhamos vergonha de dizer que estávamos menstruadas ou mesmo de comprar absorventes das mãos de um homem. Atualmente está na moda falar de sexo, está em todas as revistas, nos jornais, na tv. Mas quantas realmente abordam a sexualidade com a amplitude necessária? Temos uma Marta Suplicy, uma Rose Marie Muraro e poucas mais. Porém o "mass-mídia", os meios de comunicação de massa, preferem dar uma "visão reduzida". Limitam a sexualidade à genitália para que assim cada qual faça do sexo uma válvula de escape da tensão ocasionada pelo seu ritmo de vida. E para muitos o sexo se tornou uma coisa mecânica, perfeitamente de acordo com a loucura da sociedade industrial ("produzir-consumir, produzir-consumir").

Entretanto, a descoberta da sexualidade individual não é estimulada. Afinal fazê-lo é dar a cada um (a) algo que ele (a) está perdendo - se é que um dia realmente a teve -, a consciência de sua individualidade, e a individualidade em si.

Certo! Contudo eu queria continuar essa nossa conversa de outra forma. Desejo realmente falar de minhas experiências e/ou próximas a mim no que se refere à linguagem como auxiliar e/ou consequência da repressão à sexualidade:

Lembro-me de como me pareceu estranho ouvir pela primeira vez alguém se auto-definir como "entendida". Aquela palavra me soou estranhíssima já que sempre, utilizei o termo lésbica para definir-me (e não rotular-me; é diferente), e fiquei tentando imaginar de onde surgira aquele outro termo. Eu sei que a palavra lésbica vem de Lesbos, uma ilha grega onde uma poetisa de nome Sapho - que amava, inclusive sensualmente, mulheres e a elas dedicava seus poemas - passa a residir e reúne ao seu redor outras mulheres como ela, de sexualidade semelhante. Sendo assim, definir-me como lésbica sempre me pareceu, até, muito romântico. Todavia, até hoje, infelizmente desconheço a origem da palavra "entendida".

Porém, com o passar dos anos, fui notando que tanto eu como minhas amigas, algumas vezes pronunciávamos a palavra lésbica, em outros idiomas assim como escrevíamos frases tais como: "o amor lésbico é maravilhoso", ou algo assim, também em outro idioma. Isto até que uma amiga minha me deu o "toque": "- Acho que a gente faz isso, pois não temos coragem de escrever em português, porque se escrevêssemos ficaria mais claro".



Aquilo, de certa maneira, foi um choque: será que eu que, inclusive, era de um grupo político lésbico-feminista estava com vergonha de minha sexualidade? Será que estava tentando fugir da coisa, evitando encará-la realmente? Algo assim como as pessoas que temem pronunciar a palavra câncer, achando que só de pronun-ciá-la, a doença se agravaria?

Antes que alguém se exalte, quero esclarecer que não estou comparando homossexualidade à doença, mas apenas querendo entender melhor esse problema da linguagem como reforço da proibição, OK?

Alguém já disse que "o corpo é o produto da educação". Em se tratando de Brasil, essa educação sempre foi sinônimo de ocultação, de repressão. Por isso, até hoje há um número enorme de mulheres que têm vergonha do próprio corpo, de falar sobre ele, de conhecê-lo, de conhecer sua sexualidade, etc. As mulheres do "Sexualidade e Saúde" devem saber disso melhor do que eu. Aliás aprendi bastante com elas, quando as entrevistamos. Soube, por exemplo, que as mulheres sentem grande necessidade de falar sobre si mesmas, de sua sexualidade, e têm um enorme prazer quando conseguem fazê-lo abertamente.

Nós do Galf, recebemos cartas de mulheres de todo o país, e em muitas delas, notamos uma resistência muito grande em falarem de sua sexualidade e, quando falam, parecem estar confessando um crime ou algo assim. E nem sempre é por falta de informação, mas, principalmente, por má informação.

Palavras carregando proibições...

Indubitavelmente, nós temos uma linguagem própria criada para uma comunicação mais fácil e mais íntima, favorecida pela que- tarização, ou seja pelo espaço restrito que somos obrigadas a fre- quentar. Tudo bem quando essa linguagem serve para facilitar nos- sa comunicação e convívio. Entretanto, isso é péssimo quando essa linguagem é limitadora, cheia de proibições, culpas, negativas. Péssimo quando nos impede de nos expressar de forma mais ampla e verdadeira. Além disso, o ser humano, a mulher, é um ser composto de necessidades físicas, emocionais e racionais próprias, indivi- duais, e não pode estar limitada a apenas uma dessas partes, mas sim, harmonizá-las.

Libertar-se das redes e grades da linguagem repressora e descobrir uma linguagem própria - por que não? -, no sentido de mais

há um número enorme de mulheres que tem vergonha do próprio corpo...



profunda e verdadeira, pode ser bastante interessante. Vamos tentar?

FALA

(João Ricardo - Luli)

Eu não sei dizer
Nada por dizer
Então eu escuto

Se voce disser
Tudo o que quiser
Então eu escuto

FALA
FALA

Se eu não entender
Não vou responder
Então eu escuto
Eu só vou falar
na hora de falar
Então eu escuto

FALA
FALA

Marília Pera em "Brincando em cima do quilo"



Só para quem entende...

A **BUGHOUSE** promove, quem curte é você..

5.ªs 20:00 hs KARAOKÊ e Boa Noite com e b e sem H	6.ªs 21:00 hs. Curtição e Show às 2:00 hs.	Sábado 21:00 hs Som da Pesada e muito embalo	Domingos 10:00 hs. Matine c/ Show brincadeiras e muito agito
————— TODAS NOITES M. P. B. AO VIVO!! —————			

BUGHOUSE DISCOTHEQUE

————— Onde Você é a pessoa mais importante —————

RUA AUGUSTA, 753 - S P. - FONE 257-3131

NAO SE PERCA DE MIM, VEM AÍ..
"NEW BUGHOUSE"

balanço das eleições

ROSELY

O RESULTADO DE 15 DE NOVEMBRO PARA OS HOMENS E MULHERES HOMOSSEXUAIS

Desde o final de 1985, venho me dedicando a escrever artigos sobre "Homossexualidade e Leis", enfatizando dois pontos: a realização das eleições para a Assembléia Nacional Constituinte e a nossa proposta de só votar em candidatas (os) que levem, em seu programa, a reivindicação do Movimento Homossexual Brasileiro de inserção, na nova Constituição, de um item que criminalize toda e qualquer discriminação devido à orientação sexual.

Na revista Chanacomchana Nº 9, fiz um balanço das sete Constituições que o Brasil já teve e procurei apontar a importância da nossa interferência na concretização de uma nova constituição, neste importante momento histórico que desponta. Na ocasião, pedi para as nossas leitoras sugestões de propostas a serem levadas pelas (os) candidatas (os) à Assembléia Nacional Constituinte. No número seguinte, abordei a questão da homossexualidade no código penal e especifiquei mais claramente a proposta do Movimento Homossexual Brasileiro para a nova Constituição. Na revista Nº 11, nós, do coletivo Chanacomchana, entrevistamos três candidatas, Cassandra Rios, candidata pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) a deputada estadual, Irede Cardoso e Dulce Cardoso, candidatas a deputadas federais pelo Partido dos Trabalhadores (PT), visando conhecer e divulgar as suas posições em relação a situação das mulheres lésbicas, das mulheres e dos negros, de uma maneira geral, e do meio ambiente, entre outros temas que acreditamos fundamentais para a construção de uma sociedade democrática.

Agora, creio que chegou a hora de fazermos um balanço dos resultados das eleições de 15 de novembro. Das três candidatas, por nós entrevistadas, nenhuma conseguiu se eleger. Cassandra Rios obteve 1.687 votos, Dulce Cardoso conseguiu 2.830 votos e Irede Cardoso 13.728 votos. A candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) a deputada estadual, Rosalina Santa Cruz, que defendia em seu programa a liberdade de opção sexual, também não se elegeu, alcançando 5.089 votos.

FORÇA IREDE! A LUTA PRECISA CONTINUAR...

Irede Cardoso, atual vereadora de São Paulo, que já há algum tempo vinha assumindo posições firmes e constantes de apoio às nossas reivindicações, ficou em 13º lugar na classificação geral dos candidatos mais votados pelo seu partido (PT) à Câmara dos deputados federais (só entraram oito pelo PT). Isto apesar de todo o seu currículo: jornalista, escritora, militante feminista, produtora do programa TV Mulher, da rede Globo (1981 a 1982) e de um filme sobre



A LUTA CONTINUA...

a situação da Mulher no Brasil, para a Organização das Nações Unidas em 1984, participou também do programa da TV Record "A Mulher dá o Recado", nos anos de 1985-86. Atualmente exerce, desde 1983, o cargo de vereadora. Durante o seu mandato, Irede e sua assessoria sempre procuraram atender as reivindicações dos grupos que integram os movimentos sociais, seja oferecendo a ajuda material de que a Câmara Municipal dispõe e/ou respaldando as reivindicações dos grupos. Mas, mesmo assim, Irede não conseguiu se eleger, fato este que me surpreendeu e decepcionou bastante porque tinha con fiança em sua eleição. Trabalhei para isto. Além dos meus artigos nesta revista, onde procurei divulgar a sua candidatura (o mesmo fiz num artigo para o jornal feminista Mulherio), juntas, eu e Irede, elaboramos um texto específico sobre a situação de discriminação em relação aos homens e às mulheres homossexuais. Este texto foi amplamente distribuído, principalmente para o público gay/lésbico. Realizamos, nós do Galf, um debate na Câmara Municipal, com alguns candidatas (as) à Assembléia Nacional Constituinte e a Assembléia Legislativa. Apesar de todo o esforço, a decepção. Fica para a próxima!

Irede, gostaria que você não desistisse da luta e, o que é mais importante, continue enquanto vereadora a manter o seu apoio e o seu respaldo, insubstituível, às reivindicações dos movimentos sociais; oferecendo-lhes, sempre que necessário, a ajuda material de que a Câmara dispõe, pois, comumente, os grupos resistem e sobrevivem em condições muito precárias. Assim, com um trabalho a médio prazo, conseguiremos fortalecer os movimentos sociais e eleger candidatas (os) com a sua postura política.

HERBERT DANIEL, O CANDIDATO GAY:

No Rio de Janeiro, ocorreu um fato histórico importante: a existência de um candidato a deputado estadual, pela coligação Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Verde (PV), que se colocou publicamente como homossexual. Herbert Daniel fez uma campanha centrada (entre outros pontos) explicitamente na questão dos direitos dos homens e das mulheres homossexuais. Não tenho conhecimento da existência, dentro da nossa história eleitoral, de algum (a) candidato (a), anterior a Herbert Daniel, assumidamente gay, e com prometido com esta questão. O grupo gay carioca, Triângulo Rosa, apoiou a sua candidatura. Herbert Daniel obteve em torno de 5.585 votos.

FICA PARA A PRÓXIMA!

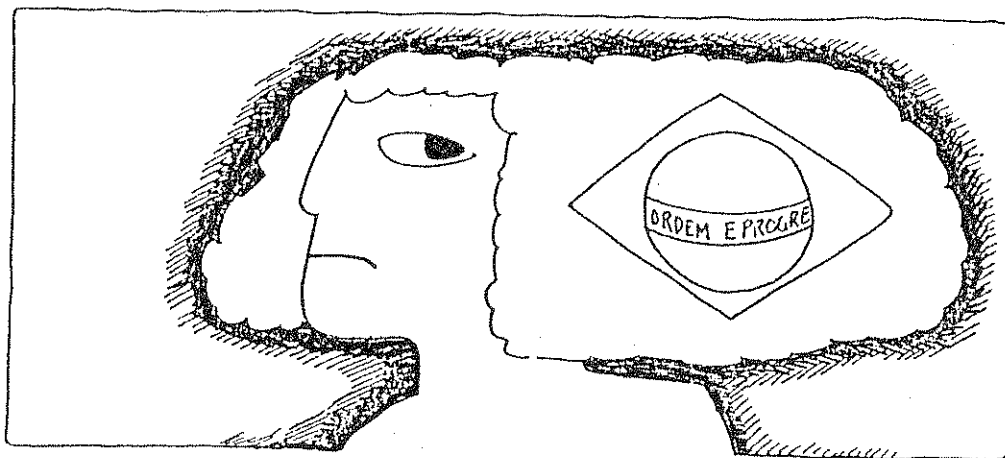
Tanto o fator dinheiro como o tempo disponível na televisão foram aspectos que influíram bastante na derrota dos (as) candidatos (as) que pertenciam a partidos pobres e pequenos. Estes candidatos (as) estavam em condições financeiras bastante precárias para sustentarem suas campanhas, e não dispuseram de tempo para exporem suas propostas na televisão. Além destes aspectos, o resultado das eleições demonstrou que os grupos de homens e de mulheres homossexuais precisam se fortalecer, estruturando-se internamente de uma maneira mais firme, para divulgarem, da forma mais ampla possível; as suas propostas, visando obter uma base, no mínimo razoável, de sustentação social.

Acredito que se trabalharmos neste direção, a médio prazo, nós teremos condições de eleger candidatas (os), provenientes ou não do movimento homossexual, que tenham em seus programas, de uma forma destacada, a questão dos direitos das mulheres e dos homens homossexuais. É preciso que este ponto fique claro para que avancemos: as eleições, neste momento, espelharam o fato de que não estamos ainda suficientemente organizados para elegermos, a nível político mais geral, um representante das nossas reivindicações. A partir desta constatação, precisamos unir forças, ter mais organização interna, fortalecer os grupos e propagar as nossas propostas para o maior número possível de pessoas, criando uma estrutura que permita a eleição das (os) nossas (os) candidatas (os).

Os movimentos populares, de uma maneira geral, foram bastante prejudicados com a estrutura elitista e partidária destas eleições. Muitos integrantes destes movimentos, eu me incluo neste caso, defendiam a idéia da realização de duas eleições: uma para senadores e deputados federais e outra para os constituintes, desvinculando a necessidade dos candidatos a Constituinte pertencerem a partidos políticos. Assim, alguém poderia se eleger, como representante de um grupo ou do movimento de mulheres, de negros, ou de ecologistas, sem precisar obrigatoriamente integrar nenhum Partido Político. Dentro desta proposta, após a formulação da Nova Constituição, os que tinham sido eleitos (as) para esta função voltariam aos seus afazeres anteriores.

Sem consultarem o povo (o que seria perfeitamente possível através de plebiscito), os políticos do PMDB e do PFL se uniram e conseguiram passar uma emenda que garantiu, ao Congresso Nacional, eleito em 15 de novembro (deputados federais e senadores), executar, além das suas atribuições normais, a função de formular a Nova Constituição.

A coincidência da data das eleições para o congresso constituinte com as eleições para governadores e deputados estaduais contribuiu muito para o elevado número de votos nulos e brancos nas eleições ao Congresso Nacional e a Assembléia Legislativa (deputados estaduais). Aqui em São Paulo, a discussão ficou praticamente só em torno dos candidatos ao governo e creio que isto foi um fato geral nos outros Estados. Assim o que era mais relevante nas propostas dos candidatos (as) a Constituinte passou quase que despercebido.



RESULTADO DAS ELEIÇÕES NACIONAIS PARA O CONGRESSO CONSTITUINTE E PARA AS ASSEMBLÉIAS LEGISLATIVAS:

Estavam em jogo, nas eleições de 15 de novembro, 536 das 559 cadeiras do Congresso Constituinte. Além dos 536 deputados e senadores eleitos este ano, integrarão o congresso constituinte os 23 senadores eleitos em 1982 que têm mandato até 1990. O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) foi o grande vencedor destas eleições, elegendo em todo o Brasil 303 Constituintes (259 deputados federais e 44 senadores), conseguindo uma bancada majoritária no congresso e perfazendo um total de 54% das cadeiras. O Partido da Frente Liberal (PFL), com 131 representantes, será a 2ª maior bancada do congresso (115 deputados e 16 senadores). Somados os votos do PMDB e do PFL, a Aliança Democrática, que dá sustentação ao governo do Presidente José Sarney, contabilizará um total de 434 cadeiras no Congresso Constituinte (77%). O Partido Democrático Social (PDS) será o 3º maior partido no Congresso, com 41 representantes, seguido do Partido Democrático Trabalhista (PDT), com 26; do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com 20 e do Partido dos Trabalhadores (PT), com 19. Comparada a composição do Congresso eleito em 82 com a do atual, verifica-se o crescimento do PMDB (241 para 303 representantes), do PT (6 para 19 representantes), do PTB (de 14 para 20 representantes), e do Partido Liberal (PL) (de 4 para 8 representantes).

SÃO PAULO:

Em São Paulo, para o Senado, foram eleitos os dois candidatos do PMDB: Mário Covas (25,19% do total de votos) e Fernando Henrique Cardoso (20,14% do total). Os votos em branco foram de 19,26% e os nulos de 3,89%, totalizando 23,15% dos votantes, porcentagem quase idêntica a obtida pelo senador Mário Covas e maior do que a obtida por Fernando Henrique Cardoso.

Para o Congresso Constituinte, o PMDB elegeu 28 deputados; as coligações "União Popular"- Partido Democrático Social (PDS), Partido Democrata-Cristão (PDC) e Partido da Frente Liberal (PFL)- e "União Liberal Trabalhista e Social (ULTS)"- Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Cristão (PSC) e Partido Liberal (PL)- elegeram onze deputados cada; o Partido dos Trabalhadores (PT) elegeu oito e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), dois. Na Assembleia Legislativa (lugar de trabalho dos deputados estaduais), o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) ocupará 37 cadeiras, a "União Popular", vinte, a ULTS, quatorze, o PT, dez e o PDT, três.

O número de cadeiras obtidas por um partido, tanto na Câmara dos Deputados (federais) como na Assembleia Legislativa depende da totalidade de votos que o partido recebe, incluindo além dos votos dos candidatos eleitos, os votos dos perdedores e os votos dados para a legenda do partido. Assim, os candidatos derrotados ajudam a eleger os vitoriosos e um partido, com um bom puxador de votos, permite que os candidatos classificados em posição inferior se beneficiem do capital de sufrágios desse puxador. Se um candidato, por exemplo, do PT, a Câmara dos Deputados, precisa de 20 a 25 mil votos em média para se eleger, este número pode diminuir quando há um bom puxador de votos. No PT, este papel foi exercido por Luis Inácio da Silva, o deputado federal mais votado, ultrapassando o peemedebista Ulisses Guimarães. Lula obteve 651.763 votos (4,4% do total).

A nível estadual, Afanázio Jazadi foi o deputado que obteve o maior número de votos: 558.138 (3,61% do total de votos dados na eleição). Afanázio venceu com propostas bastante conservadoras, como a defesa da pena de morte, por exemplo. Ele se coloca radicalmente contra a luta pelos direitos dos homens e das mulheres homossexuais, classificando-nos como doentes. A sua eleição esmagadora espelha um pouco (ou muito) das convicções políticas e principalmente morais do cidadão paulistano. Ao mesmo tempo temos, Lula, como o candidato a deputado federal mais votado. Lula é presidente de um partido que defende os direitos das "minorias", incluindo aí gays e lésbicas. É bem provável que muitos eleitores tenham votado simultaneamente em Afanázio e em Lula, possivelmente tentando unir o socialismo proposto por um, em termos de distribuição de renda e de participação política, com a moralidade proposta pelo outro.



POR UMA SEXUALIDADE LIVRE

Em São Paulo, a única mulher eleita, que se coloca abertamente como feminista, foi a candidata pelo PMDB a deputada estadual, Ruth Escobar. Mas Ruth, pelo menos até o momento, não está comprometida com os direitos gays/lésbicos. Na "Paulicéia Desvairada", dos 84 deputados estaduais eleitos, apenas 4 são mulheres (uma média de 5%): Ruth Escobar (PMDB), Luiza Erundina (PT), Telma de Souza (PT) e Clara Ant (PT). Dos 60 deputados federais eleitos, apenas 3 são mulheres (aqui também repete-se a média de 5%): Bete Mendes (PMDB), Tutu Quadros (da coligação PTB-PL-PSC) e Irna Passoni (PT).

O movimento ecologista Paulista elegeu um candidato para o congresso constituinte: Fábio Feldmann (PMDB) obteve 46.183 votos. Em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, em 4/1/86, Fábio Feldmann disse não considerar o homossexualismo uma doença e se colocou contra a discriminação legal e médica em relação aos homens e às mulheres homossexuais.

RIO DE JANEIRO:

No RJ, foram eleitos (as) dois senadores do PMDB: Nelson Carneiro, com 22,27% do total dos votos dados, e Afonso Arinos de Melo, com 14,08% do total dos votos. Para a Câmara dos Deputados, a coligação PMDB-PC do B (Partido Comunista do Brasil), elegeu 14 deputados; o PDT, treze; o PFL, sete; a coligação PL-PSC, cinco, o PTB, três, o PT, dois, o PDS, um e o PDC (Partido Democrata-Cristão), um; totalizando 46 parlamentares. Houve 5,63% de votos nulos e 19,30 de votos em branco, resultado em 24,93% dos votantes. Dos 46 parlamentares eleitos, só uma é mulher, Ana Maria Rattes, do PMDB.

Para a Assembléia Legislativa, a coligação PMDB-PC do B elegeu 20 deputados estaduais (19 do PMDB e 1 do PC do B); o PDT, dezenove, o PFL, dez; o PTB, cinco; o PL, quatro; o PT, três; o PSB (Partido Socialista Brasileiro), dois; o PTR (Partido Trabalhista Renovador), dois; o PDC, dois; o PTN (Partido Trabalhista Nacional), um; o PMN (Partido da Mobilização Nacional), um; a Frente Comunitária, dois e o PDS um. Houve 5,90% de votos nulos e 11,18% de votos em branco, totalizando 25,08% dos votantes.

Jandira Feghali, do PC do B, foi a candidata a deputada estadual mais votada. Não tenho os dados quanto ao total de mulheres eleitas para a Assembléia Legislativa do RJ.

Os números de São Paulo e do Rio de Janeiro revelam a quase total predominância masculina na Política do país. O movimento de mulheres, iniciado em 1975 no Brasil, ainda está um tanto desarticulado. Quando esta situação mudar, acredito que conseguiremos eleger um maior número de mulheres e, o que é mais importante, mulheres que tenham em seus programas, como questão prioritária, a defesa dos nossos direitos enquanto mulheres brancas, negras, lésbicas, mães, velhas, deficientes, etc...

No RJ, a coligação PT/PV (Partido Verde) conseguiu eleger um candidato, para o Congresso Constituinte, que prioriza a questão ecológica: Carlos Minc. Já Liza Vieira, principal liderança ecológica do PT na Assembléia Legislativa, não conseguiu se eleger para o Congresso Constituinte, apesar dos 19.583 votos recebidos (como já mencionei, é a totalidade dos votos dados ao Partido que determina a vitória em uma eleição e não o nº conseguido por um candidato isolado).

O RESULTADO PARA OS MOVIMENTOS POPULARES:

As eleições para o Congresso Constituinte e para as Assembléias Legislativas, no que se refere aos candidatos (as) com propostas ecológicas e outras ligadas à questão dos direitos das mulheres, em geral, e dos homens e mulheres homossexuais, em particular, foi quase que um fracasso. O resultado das eleições espelha a fragilidade destes movimentos sociais, fragilidade esta acentuada por problemas financeiros e de tempo insuficiente na televisão, que mui-

tos candidatos tiveram. Aliado a isto, a falta de discussão séria das propostas de todos os candidatos a Constituinte e a Assembléia Legislativa favoreceu as idéias já predominantes na sociedade e os candidatos que dispunham de dinheiro para divulgar suas propostas e/ou para venderem sua imagem: O pouco do debate que aconteceu restringiu-se às propostas dos candidatos a governador, como já mencionei. Como consequência, o número de votos nulos e em branco, na votação para senador, deputado federal e estadual, foi muito maior do que o existente na votação para os governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro. É bem provável que este fato tenha se generalizado em todos os estados do Brasil. O número enorme de votos nulos e brancos questiona a legitimidade de grande parte dos candidatos eleitos, assim como a legitimidade do processo eleitoral adotado, acavando várias eleições em uma data só, sem divisão democrática e igualitária do tempo de cada partido na televisão. Mário Covas, o candidato que recebeu o maior número de votos de toda a nossa história eleitoral, 7.785.667 (25,19% do total), conseguiu somente 2,4% a mais que os votos nulos e brancos dados nas eleições para senador, em São Paulo.

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR:

Nas eleições para governador, um mesmo fenômeno se repetiu: a vitória esmagadora do PMDB, em todos os estados da federação, com exceção de Sergipe. No RJ, a candidatura de Fernando Gabeira, pela coligação PT-PV, quebrou a monotonia da política tradicional. Destacando a questão do meio-ambiente, não priorizada pelos partidos e políticos, de uma maneira geral, Gabeira organizou, em outubro de 86, o evento "Abraço a Lagoa" que, de forma surpreendente, reuniu 50 mil pessoas em volta da Lagoa Rodrigo de Freitas (RJ). Este foi provavelmente o maior acontecimento ecológico da nossa história. No dia 5 de novembro, a coligação PT-PV organizou outro evento, o "Fala Mulher", reunindo as candidatas do partido e as mulheres que apoiaram Gabeira, sendo mil da Baixada, segundo notícias do jornal Folha de São Paulo, da época.

A questão ecológica, dos direitos das mulheres, dos negros, das mulheres e dos homens homossexuais, são temas que direta e/ou indiretamente sempre estiveram presentes no discurso do escritor Fernando Gabeira. O inusitado em sua atuação, além dos temas destacados, foram as formas escolhidas para mobilizar e sensibilizar a população em relação a estes assuntos, como demonstram os dois eventos acima mencionados.

Hoje, o recém-criado Partido Verde, tem 25 mil militantes, no RJ. Quem sabe este partido produza uma alegria nova no cenário mofo da política tradicional. Fernando Gabeira, da coligação PT-PV, conseguiu 329.603 (7,72% do total dos votos). O vencedor, Wellington Moreira Franco (PMDB) foi eleito governador com 3.049.776 (44,8% do total dos votos dados). Houve 3,59% de votos nulos e 6,29% de brancos, resultando em 10,88% dos votantes, porcentagem maior do que Gabeira recebeu. Mas enquanto estreante na política eleitoral, eu acredito que ele superou as expectativas, tanto a ní-



vel da repercussão que as suas propostas e atuações políticas obtinham quanto no que se refere aos votos conquistados, resultado da receptividade conquistada na campanha.

Em São Paulo, Orestes Quércia (PMDB) foi eleito com 5.578.795 votos (36,1% do total). Eduardo Matarazzo Suplicy (PT) conseguiu 1.508.589 (9,76%). Os votos brancos foram de 8,3% e os nulos de 3,16%, totalizando 11,46% dos votantes, número maior do que no RJ e superior a votação conseguida por Suplicy.

E OS CANDIDATOS ARTISTAS, COMO FORAM?

Muitos candidatos (as), artistas de televisão, que se elegeram em 1982, como é o caso de Moacir de Oliveira Franco e Agnaldo Timóteo, não conseguiram se reeleger desta vez. Outros como Vanusa, Luis Airão, Francisco Egydio, Pedro de Lara, Raul Gil, Jacinto Figueira Júnior e Décio Ribeiro, também não obtiveram sucesso nas suas estréias na política eleitoral. A maioria deles obteve uma média de 2.000 a 4.000 votos. Parece que somente o fato de se ser artista de televisão não é mais currículo suficiente para alguém ganhar a confiança do público, pelo menos no que se refere a sua possível atuação política. Já alguns candidatos-jornalistas, como Antonio Britto (PMDB-RJ), Roberto D'Ávila (PDT-RJ) e Hélio Costa (PMDB-MG), tiveram sorte bem melhor. Cada um conseguiu ser um dos deputados federais mais votados em seus estados. Antonio Britto, repórter da TV Globo, ex-porta-voz do Palácio do Planalto, foi o mais votado no RJ, com 305 mil votos; Hélio Costa, ex-repórter da TV Globo, foi o 4º deputado federal do PMDB mais votado em MG e Roberto D'Ávila, do programa Conexão Internacional, foi o 2º mais votado pelo PDT do RJ, com 68.300 votos.

NA MANOBRA DO GOVERNO O POVO É O GRANDE DERROTADO:

A esmagadora vitória do PMDB que, junto com o Partido da Frente Liberal totaliza 77% das cadeiras do Congresso Constituinte, deixa entrever um perfil bastante conservador para esta nossa 8ª Constituição. A meu ver, é quase impossível que a reivindicação do Movimento Homossexual, um item que criminalize toda e qualquer discriminação devido à orientação sexual, seja aprovada nesta Assembléia Nacional Constituinte. Podemos tentar conversar com as (os) candidatas (os) eleitas (os) pelo PT (o partido, como já mencionei, tem no seu programa a defesa dos direitos das "minorias") e alguns candidatos (as) do PMDB, como a deputada estadual Ruth Escobar e o deputado federal Fábio Feldmann. A questão é saber (e ver para crer) se algum deles assume levar, com convicção, a nossa proposta, nas sessões da Assembléia Nacional Constituinte.

A vitória inconstestável do PMDB em todos os estados do Brasil, nas eleições para as legislaturas federais e estaduais, foi a resposta que grande parte da população brasileira deu a execução do Plano Cruzado I, medida econômica que visava estabelecer a hegemonia da Aliança, que sustenta o presidente José Sarney (PMDB-PFL), no Congresso Constituinte (77% das cadeiras), e do PMDB nos governos e Assembléias legislativas estaduais. Assim a nova Constituição refletirá os interesses do governo federal.

O grande derrotado nesta eleições foi o povo brasileiro, porque traído e manipulado. Poucos dias após as eleições, recebeu, novamente por decreto, um novo pacote chamado Cruzado II, que acaba com tabelamento dos preços e institucionaliza o ágio (este agora virou preço). Sepultado o plano Cruzado I, fica claro que ele, se viu apenas para conferir, a Sarney e à sua camarilha, a hegemonia no Congresso, nos governos e assembleias estaduais. Para a população brasileira, resta o consolo de poder dizer não ao governo federal não votando mais em candidatos (as) da Aliança partidária (PMDB-PFL) que o sustenta, ou antes, através da participação em greves, passeatas e/ou se organizando em grupos, porque como diz um ditado popular: "Andorinha sozinha não faz verão". O mesmo eu digo para as mulheres lésbicas: sem uma organização coletiva, as nossas propostas dificilmente terão um alcance social sequer razoável.

EM MOVIMENTO

MÍRIAM

GALF SE ASSOCIA À ILGA

Em sua última reunião, em Copenhague, Dinamarca (julho de 86), a ILGA (Organização Gay e Lésbica Internacional) aprovou proposta, apresentada pelo MHOL-PERU (Movimento Homossexual e Lésbico do Peru), no sentido de incorporar mais grupos latinoamericanos à sua estrutura através de um organismo coordenador chamado Projeto Gêmeos. Este consiste no financiamento, por parte de um grupo lésbico ou homossexual europeu, da cota anual de US\$75 dólares (aproximadamente Cz\$600,00) referente a associação a ILGA que o grupo latinoamericano deveria pagar bem como da troca de informações e materiais entre os "gêmeos" e possíveis ações conjuntas.

Em setembro, o MHOL-PERU, que atua também como centro de informação da ILGA para América Latina, enviou comunicado ao GALF sobre o Projeto Gêmeos e ficha de inscrição para que pudéssemos nos incorporar ao mesmo.

Agora, em janeiro de 87, recebemos uma carta avisando-nos de que fomos associadas à ILGA, com o patrocínio do grupo sueco RFSL-Malmö com quem entraremos em contato brevemente. Juntamente com o GALF, foram "geminados" mais 4 grupos homossexuais latino-americanos, a saber: Comunidade Homossexual Argentina; grupo Pólen, do México; Grupo Escorpio, do Uruguai e MHOL, da Costa Rica. Seus gêmeos europeus são, respectivamente, : DNF-48, da Noruega; RFSL-Lund, da Suécia e FHO, da Noruega. Por ora, nossa maior curiosidade é saber o que significam todas essas estranhas siglas. Fica para a próxima edição !

MHOL-PERU, APARTADO 11-0289, LIMA-11 PERU; ILGA, Information Secretariat C o RFSL, Box 350 S-10124, Stockholm, Sweden

FEMINISMO

Em março, a coordenação do VIII Encontro Nacional Feminista

(que registramos no Chana 11) estará colocando, à disposição das pessoas interessadas, seu relatório sobre aquele evento realizado, em Petrópolis, RJ, em agosto do ano passado.

O relatório é gratuito e, para obtê-lo, você deve escrever para a Caixa Postal 33114, Rio de Janeiro, RJ, cep 22442.

*

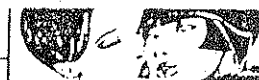
O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) possui um centro de informações sobre temas relacionados à mulher, à disposição de todas as pessoas interessadas. Se você mora no Rio ou vai para lá de viagem e está a fim de se informar sobre a Mulher, vá até o Ibase, na rua Vicente de Souza, 29, Botafogo, Rio de Janeiro, cep 22251, e depois escreva para nós dizendo o que achou.

EMENDA LA ROUCHE DERROTADA

Grupos gays e lésbicos, com a ajuda de políticos, da Associação Médica Californiana e de organizações de direitos humanos, derrotaram, nas eleições de novembro daquele estado norte-americano, a proposta do político de extrema direita, Lyndon LaRouche, de colocar em quarentena pessoas vítimas de AIDS. A medida foi derrotada, por cerca de dois terços dos eleitores do estado, graças a uma campanha tão bem organizada que contou até com o apoio da Conferência Católica da Califórnia (sic). Aliás, na luta pelos direitos das pessoas homossexuais, naquele estado, mais de 30 projetos de lei discriminatórios já foram ou derrotados ou retirados, abrindo caminho para novos avanços contra o preconceito.

No ON LAROCHE, Santa Monica, Blvd. Suite 109-174, Box N, Los Angeles, CA, 90046

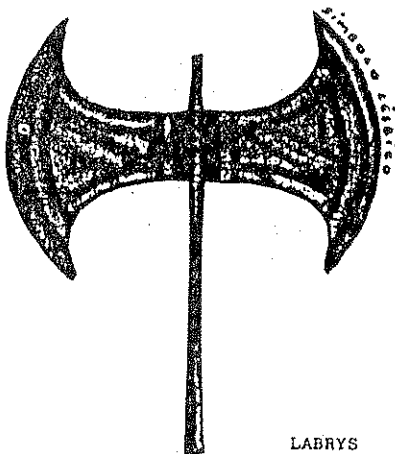
lesbianismo



GRUPO ATOBÁ ESCLARECE SOBRE AIDS

O grupo Atobá- Movimento de Emancipação Homossexual, do Rio de Janeiro, vem promovendo debates sobre a questão da AIDS, à convite do Ministério da Saúde, e propõe, como medida de esclarecimento sobre a doença que:

1. sejam feitos cartazes elucidativos para distribuição em escolas, universidades, postos de saúde, hospitais, cinemas, etc...;
 2. sejam feitos panfletos tipo cartilha;
 3. sejam feitos filmes, para exibição em TVs, cinemas, escolas, universidades, com livre acesso para associações de moradores, sindicatos e quaisquer pessoas ou entidades interessadas;
 4. a elaboração de todo e qualquer material sobre os grupos de risco (homossexuais e hemofílicos) conte com a participação dos mesmos;
 5. seja feita uma pesquisa sobre a realidade homossexual, com a participação de entidades representativas dos gays e ampla divulgação dos resultados;
 6. todo e qualquer material sobre a AIDS tenha como base:
 - a) que as relações sexuais são naturais, normais e comuns a todos nós;
 - b) que as relações homossexuais são normais;
 - c) que a discriminação aos homens homossexuais é infundada.
 7. o Estado apoie instituições e profissionais que trabalham com usuários de drogas injetáveis quer na assistência, quer no esclarecimento.
- ATOBA, Rua Professor Carvalho de Melo, 471, Magalhães Bastos, RJ, 21730.



TIRE A MÁSCARA!! ASSOCIE-SE AO GALF

Agora, com apenas Cz\$40,00 por mês, você pode associar-se ao GALF e colaborar com o nosso trabalho. Associando-se você passa a:

- 1) integrar a nossa lista de correspondentes (com endereços de mulheres de todo o Brasil) que é publicada no ChanacomChana a cada edição;
- 2) obter informações sobre pontos de encontro (bares, boates, hotéis) e sobre entidades lésbicas, feministas e homossexuais do Brasil e do exterior;
- 3) receber o histórico do GALF e indicações de livros sobre feminismo, lesbianismo e homossexualidade. (Também xerocamos livros nacionais e importados a pedidos);
- 4) receber informes sobre as atividades públicas que o GALF pretende realizar e a contar com o nosso apoio psicológico e afetivo quando precisar.

* Envie cheque ou vale postal para o GALF (só a sigla), CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01214, SÃO PAULO.

sexualidade e saúde



Em dezembro do ano passado, fomos entrevistar Maria José e Melody, do Sexualidade e Saúde, na sede do grupo, em Pinheiros. Fizemos uma bateria de perguntas que, depois de "enxugadas" (sic), resultaram no texto que vocês lerão em seguida. O trabalho do Sexualidade e Saúde faz parte de um movimento internacional de mulheres no sentido de recuperar uma arte que sempre foi nossa e que séculos de repressão conseguiram quase apagar: a arte de curar, com plantas, ervas e com carinho, em um sentimento de amor e respeito por nossos corpos e nossa integridade.

Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF): Há quanto tempo o grupo existe? Como surgiu a idéia de formá-lo?

Sexualidade e Saúde (SS): O coletivo existe desde 1980, só que ele tinha outro nome: "Sexualidade e Política". O grupo "Sexualidade e Política" saiu de um racha da Associação das Mulheres porque resolvemos fazer um grupo para discutir a questão da sexualidade. Achávamos que o nome era bem revolucionário, bem provocador, naquela época. Fizemos um caderno que se chamou "Prazer Revolucionário".

GALF: A Associação das Mulheres rachou em que ano?

SS: Fim de 81, por questões políticas. Foi antes das eleições de 82. Ocorreu um racha ligado com a questão partidária. Depois disto, ficamos durante muito tempo fazendo trabalho com as mulheres da periferia, dentro dos movimentos de mulheres. Fomos para alguns estados, algumas cidades do interior de SP, discutindo, informando as pessoas sobre sexualidade. Em 1983, eu fui para a Suíça com o Dispensaire (Dispensário), que é o laboratório das mulheres, em Genebra. Fiquei lá 7 meses, e quando voltei, eu tinha a idéia de fazer uma coisa assim aqui, no Brasil, onde já existia as casas de mulheres. Na casa da mulher do centro, eu (Maria José) e a Melody trabalhavam durante um período. Já havia a casa da mulher do Grajaú, que fazia um serviço um pouco diferente. Aí, nós do Sexualidade e Política, nos reunimos de novo e escrevemos um projeto de verba para um ambulatório e mandamos para várias instituições. Em 84, nós recebemos resposta. Em Novembro, nós abrimos o ambulatório. A história é mais ou menos essa. Mudamos de "Sexualidade e Política" para Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde porque achávamos que com o nome "Sexualidade e Política" não íamos receber financiamento, principalmente em relação ao pessoal da igreja protestante. Foi uma coisa estratégica. Hoje o "Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde" tem 16 pessoas e dessas 16, 9 trabalham no ambulatório. O resto forma o grupo grande que dá sustentação, discute as questões da mulher, as questões políticas...

GALF: Como funciona o atendimento médico do ambulatório?

SS: Nós não fazemos só o atendimento médico. Este ano foi dedicado a nossa formação. Somos 9: tem 3 pessoas com experiência na área de saúde. Estamos formando 6 pessoas através de estudos e seminários. todo o tempo é dedicado a formação e consultas.

GALF: Que tipo de consulta ? Ginecológica?

SS: É, consulta ginecológica. Ela é feita individualmente. Cada mulher marca a consulta pelo telefone. A duração da consulta é de uma hora. Em 1987, estamos pensando em fazer consultas coletivas, tipo medir o diafragma, colher o preventivo do câncer e fazer o reconhecimento do corpo. Tudo isto coletivamente. Mas 1986 foi um período de formação das mulheres daqui do ambulatório. Nosso coletivo trabalha na área de saúde. Somos 3: eu (Maria José), que sou médica; a Melody, que é paramédica, a Simone que é médica e as outras 6, de outras áreas. Tem 3 sociólogas, uma jornalista, uma farmacêutica e uma que não tem profissão, a Jucinete, que é integrante da casa da mulher do Grajaú. Estas 6 mulheres nunca mexeram com medicina e agora passaram a mexer. Basicamente, a formação não é como a formação de um agente de saúde do Estado porque eles tem nível mínimo. Eles não conseguem fazer nem um terço do que

as mulheres formadas aqui, fazem. Eles não conseguem fazer um toque, não sabem mexer em laboratório. Eles foram formados para fazer coisas pequenas: ajudar a mãe a tratar uma desidratação, tirar uma pressão, coisas bastante simples. Aqui a formação permite, por exemplo, que uma mulher faça uma consulta sozinha, dê diagnóstico, cure algumas infecções, saiba olhar uma lâmina, no microscópio, saiba medir o diafragma e passar uma pílula anti-concepcional. Então é uma coisa bem maior.

GALF: Quanto tempo demora para a formação de uma pessoa?

SS: Acho que é no mínimo um ano.

GALF: O que vocês passaram de informação para elas poderem atender? Que tipo de ensinamento foi dado?

SS: Ensinamento teórico de coisas básicas na ginecologia e a prática de como fazer o auto-exame, o toque manual, a análise no laboratório, dos exames de secreção vaginal e urina. Também ensinamos a fazer o exame Papanicolau, o exame de seios, o tratamento de todas as infecções vaginais e outras doenças.

GALF: Maria José, você é médica ginecologista?

SS: Não. Segundo as leis brasileiras eu não posso me intitular ginecologista. Eu trabalho com saúde e sexualidade, mas quando se é médica, você tem o direito de fazer qualquer coisa dentro da medicina, por exemplo, eu posso tratar uma pessoa doente do coração, mas não posso me intitular cardiologista, entende? Eu trabalho com saúde da mulher, o que é uma coisa mais ampla: envolve a questão da sexualidade, da educação, da ginecologia, tudo.

GALF: Melody, você é paramédica. O que é isto?

SS: Pois é, minha profissão não existe no Brasil. É entre enfermeira e médica. É uma profissão que tem nos EUA. Comecei o que estou fazendo aqui, há muito tempo atrás, no movimento feminista, lá nos EUA.

GALF: Você, enquanto para médica, pode dar atendimento, mas não pode assinar uma receita, é isso?

SS: É, exatamente. E aqui, no ambulatório, estamos formando paramédicas.

GALF: As consultas são gratuitas?

SS: Não. É uma contribuição.

GALF: Que tipo de contribuição? Existe um mínimo?

SS: É de acordo com a renda familiar da pessoa. As consultas vão aumentar em 1987 porque é um absurdo o que nós cobramos. É praticamente de graça. Tem consulta de Cz\$ 30,00 a Cz\$ 200,00. Tanto os contraceptivos como as consultas são de acordo com a renda familiar. Se vem uma mulher que não pode pagar nada, ela é atendida. São poucas as que não podem pagar nada, pois a consulta é muito barata.



GALF: Quanto da renda familiar?

SS: Em 1986, a tabela era a seguinte. Quem ganhasse de:

0	a	Cz\$	1.600,00	pagava	Cz\$	30,00
1.601,00	"	"	2.400,00	"	"	50,00
2.401,00	"	"	3.200,00	"	"	70,00
3.201,00	"	"	4.000,00	"	"	90,00
4.001,00	"	"	4.800,00	"	"	110,00
4.801,00	"	"	5.600,00	"	"	130,00
5.601,00	"	"	6.400,00	"	"	150,00
6.401,00	"	"	7.200,00	"	"	170,00
7.201,00			Acima	"	"	200,00

O que recebemos com as consultas não cobriu nem 7% das nossas despesas.

GALF: Então, quais as instituições que as ajudam?

SS: Esse ano de 86, nós tivemos dinheiro da ICCO (Comissão Inter-Eclesiástica de Coordenação para projetos de desenvolvimento), que é uma instituição, com sede na Holanda, que financia projetos para o terceiro mundo e da Terre des Hommes (Terra dos Homens), instituição suíça para a infância e o desenvolvimento solidário, que também financia projetos para o 3º mundo. Uma é católica e a outra, protestante. Cada uma deu 30.000 dólares para um ano de trabalho.

GALF: E vocês dão alguma cotização? Vocês ganham algum salário?

SS: Ganhamos para trabalhar. Aqui é um lugar de prestação de serviços. Atualmente (1986), tiramos Cz\$ 4.000,00 cada uma. Não há hierarquia, todo mundo ganha o mesmo salário.

GALF: O atendimento médico funciona em que horário?

SS: Esse ano foi o ano dedicado a formação, então variou bastante. A 2ª feira é dedicada às mulheres que retornam e também a discussão de casos. A 3ª feira é dedicada às primeiras consultas e, neste dia, algumas de nós se reúnem com a psicóloga que pertence ao coletivo grande, não ao ambulatório. Ela vem resolver nossos pepinos afetivos, nossas brigas, tenta resolver. A 4ª feira é dedicada às primeiras consultas e há uma reunião de auto-gestão, onde decidimos tudo conjuntamente. A 5ª feira é dia de retorno e de visitas e 6ª feira é o dia dos nossos seminários, onde procuramos hegemonizar um pouco as informações. Assim todas nós preparamos seminários. Para casos de estupro, teste de gravidez e de atraso menstrual, nós temos horários abertos permanentemente.

GALF: Maria José, o trabalho do ambulatório fica mais centralizado em você?

SS: Num primeiro momento ficou, mas agora, aprende-se estudando. Aquele responsabilidade de passar informação não depende só de mim, porque as outras mulheres estão lendo e estudando também. Nós trabalhamos muito com métodos alternativos, a homeopatia, por exemplo.

GALF: Em média, quantas mulheres vocês atendem?

SS: A média neste ano foi de 60/80 mulheres por mês. Para o ano que vem estamos prevendo 300 consultas por mês.

GALF: Vocês possuem uma clientela permanente ou há uma rotatividade?

SS: Estamos criando uma clientela permanente. A pessoa vem para a primeira consulta e normalmente tem que retornar para ver se a infecção sarou ou para saber o resultado do exame porque, na primeira consulta, nós vamos conhecer o corpo dela, e ela vai conhecer o seu próprio corpo e então, por exemplo, a indicação de métodos contraceptivos ou qualquer outro acompanhamento é só a partir da segunda consulta. Quanto a questão do aborto, gostaríamos de dizer o seguinte: Nós não fazemos aborto, não porque sejamos contra, muito pelo contrário. Achamos que toda mulher tem o direito de escolher o que ela quiser.

GALF: Vocês recebem dinheiro de instituições, uma católica, outra protestante. Como fica essa questão do anticoncepcional?

SS: As instituições não interferem em absolutamente nada, nem na li nha do trabalho, nem na contracepção e nem na sexualidade. A única coisa que eles querem é aumento da produtividade. Para estas ins- tituições, uma consulta de 60 minutos é demais! Eles dizem: - "ima- gine se uma mulher da periferia quer e precisa de 60 minutos para uma consulta". Eles acham que um país do 3º mundo, com um serviço "tão fino deste", é muito para a cabeça deles. Mandamos relatório todo mês: quantos diafragmas, quantas pílulas utilizamos...

GALF: Vocês fizeram um esquema de propaganda sobre o trabalho que realizam?

SS: Não fizemos propaganda.

GALF: E como as mulheres souberam do trabalho de vocês?

SS: Foi muito boca a boca. Também fomos na televisão e a Gazeta de Pinheiros fez uma reportagem, mas não foi a nível de propaganda, não tínhamos essa intenção.

GALF: Como é o atendimento em relação aos casos de estupro?

SS: Os casos de estupro são bem complicados. Apareceram 3 até a- gora: um bem grave, que a mulher ficou catatônica, não falava nada, não andava, ficou num estado de paralização total por vários dias... mas conseguimos transar bem toda a situação com ela. Além deste caso, houve mais dois outros. No Brasil, as mulheres, ainda não tem o hábito de denunciar os casos de estupro.

GALF: Quais as necessidades e as expectativas das mulheres quando procuram o serviço de vocês?

SS: Tem mulheres que nos procuram para fazer contracepção, para fa- lar de si mesmas, das suas dificuldades sexuais, da sua infelici- dade afetiva. Outras vêm para tratar de uma infecção, da alimen- tação... A maioria das mulheres vêm de más experiências com outros médicos. Há por exemplo, o caso de mulheres que tem um fibroma (tu- mor benigno no útero) pequeno e o médico quer tirar o útero. Nós desmentimos muito esse tipo de coisa.

GALF: Como vocês tratam essa questão do fibroma?

SS: Nós temos toda uma concepção de saúde, totalmente diferente de quase tudo que existe por aí, com exceção das medicinas alter- nativas, como a homeopatia, naturopatia... Uma mulher que tenha um mioma (tumor benigno no útero), nós o vemos como fazendo parte de uma coisa maior do que simplesmente o útero em si. Essa dificul- dade dos médicos alopatas (medicina oficial, tradicional, que uti- liza produtos químicos) de não verem a mulher enquanto uma integra- lidade leva a alopatria, por exemplo, a querer tirar o útero de uma mulher que tem mioma, fibroma, quisto de ovário... Para eles, ti- rar o útero não é nada: - "Se a senhora não pode ficar mais grávi-



Clicio - Vera Imagem/Agência F.

Uma luz, um espécúlo e um espelho é tudo de que uma mulher necessita para fazer um auto- exame ginecológico. Conhecer nosso corpo, descobrir que o colo do útero é rosado e lindo, detectar fluxos vaginais, etc... O auto-exame se difunde cada vez mais entre as mulheres de todo o mundo.

da, então acabou, tira isso de uma vez". Tem toda uma história de fazer a retirada do útero como uma forma de prevenir o câncer. O maior absurdo, né? Então tentamos fazer todo um processo de discussão com a mulher, fazer um conhecimento do corpo dela. Que ela conheça o seu próprio corpo. Saiba o mecanismo do fibroma. Nós não levamos em conta somente o fato da mulher ter um fibroma localizado, mas há também toda a questão alimentar, a intoxicação alimentar, a questão emocional, a questão da vida dela. Tentamos discutir, com ela, toda uma modificação da sua alimentação. Sabemos que existem doenças tipo miomas e fibromas que são diretamente ligados à alimentação. Junto com outras coisas, a alimentação tem um papel importantíssimo nessas doenças. Às vezes, nós damos plantas medicinais para substituir os hormônios. Se ela tem sangramento tratamos com argila, que é aquele barro que dá resultados excelentes. Também fazemos um processo de desintoxicação do fígado para eliminar as suas toxinas mais rapidamente. O nosso processo é uma coisa global. Discutimos com ela a sua afetividade, quando começou o mioma, se este fato tem ligação com alguma coisa da vida sexual dela, da vida afetiva e tentamos evitar o máximo possível a realização da operação nesta mulher. Tem mulheres que não tem sintomas e ficam sabendo que possuem mioma porque foram fazer um exame de rotina e aí o cara vira para ela e diz: - "Bom a senhora vem daqui a 15 dias tirar o útero, certo?". Uma mulher de 22 anos chegou aqui dizendo: - "O médico quer tirar meu útero, ele falou para eu ter um filho, imediatamente, para depois tirar o útero". Um absurdo! Não há nenhum nível de segurança nesse país para as mulheres. Nestas situações, recomendamos a todas as mulheres que procurem sempre ouvir uma segunda opinião. Em alguns casos mais graves, nós as encaminhamos para outro (a) médico (a). Temos o nosso limite de experiência, de conhecimento.

GALF: De uma maneira geral, a maioria procura vocês para quê?

SS: Exame de rotina, para saber se está tudo bem. A grande maioria busca informações sobre contracepção; outras, sobre o grupo de reflexão.

GALF: Vocês vão dar continuidade ao processo de formação das mulheres do ambulatório?

SS: O objetivo é dar continuidade, agora depende da verba que tivermos. Inclusive, temos o objetivo de formar mulheres de outros estados. Esta formação será de pouco tempo, tipo de 3 a 6 meses. Aí teremos outros critérios como, por exemplo, se a mulher vai voltar a fazer um serviço deste tipo no lugar onde ela mora.

GALF: A verba anual será renovada?

SS: Está muito difícil.

GALF: Caso vocês não consigam verba, terão condição de dar continuidade ao trabalho?

SS: Até junho de 87, nós temos dinheiro. Teríamos condições de continuar o trabalho caso cobrássemos, de todas, a quantia de Cz\$ 300,00 por consulta, e olhe lá. Fora a consulta, nós temos um preço só para o exame de urina e secreção vaginal. O papa-nicolau é baratíssimo. Este ano (86), fizemos um convênio com um laboratório e assim podemos cobrar Cz\$ 45,00.

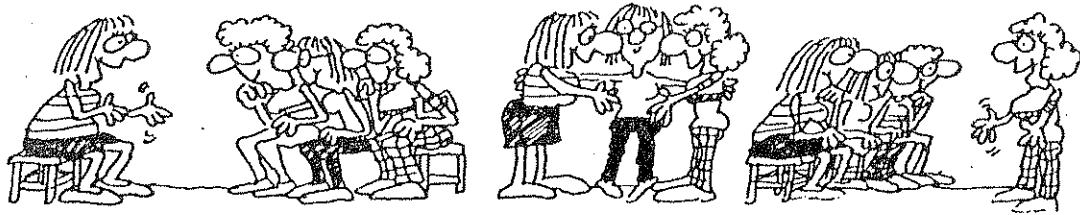
GALF: Como é que vocês pretendem se auto-gerir e manter um trabalho eficiente, sem possuírem recursos financeiros?

SS: Se fossemos pagar o serviço que fazemos, nem esse dinheiro que recebemos daria porque nós vamos ao correio, ao mercado, ao banco, fazemos datilografia, atendemos o telefone, fazemos todos os projetos e a maioria da contabilidade. Eu acho muito complicado que um tipo de serviço como esse, chegue um dia a se auto-gerir com recursos próprios, sem financiamento externo.

GALF: Quais são os aspectos positivos e negativos que vocês teriam para dizer em relação ao atendimento médico?

SS: Há pessoas que não entendem o serviço. São poucas, mas existem uma ou duas que não voltaram. A maioria das pessoas saem daqui

super contentes com o tratamento. Eu acho que a maioria dos aspectos são positivos. Primeiro a mulher, que vem aqui, tem um espaço para falar. Em nenhum outro lugar ela tem este espaço. A consulta particular nesse país não garante absolutamente nada. Eu fui outro dia fazer ultra-som, o técnico que me atendeu, colocou-me em cima da mesa. O médico que veio fazer o ultra-som nem me perguntou o que eu tinha e ele sabia que eu também sou médica. Então a primeira coisa que é importante, é o espaço. Aqui, a mulher chega e pode falar, pode discutir sexualidade, se ela veio aqui para isso. Nós não fazemos exame no primeiro dia, só conversamos. Outra coisa é o tipo de exame que é feito, com todo o carinho. Ela coloca o espéculo nela mesma, ela vê o colo do útero, ela vê a vagina, ela aprende a fazer o exame do seio, ela aprende a ter um certo domínio do seu próprio corpo e sai daqui sabendo o que ela tem, o nome da doença, entendendo o porquê do remédio, para que será usado, tudo lhe é explicado.



GALF: E as mulheres dos outros grupos feministas vêm aqui?

SS: As mulheres, nossas conhecidas vêm bastante.

GALF: O trabalho de vocês se encerra com o atendimento médico?

SS: Não. Temos grupos de reflexão. Este ano, os grupos foram sobre "Sexualidade" e "Menopausa". No ano que vem, haverá os seguintes grupos: Sexualidade, menopausa, adolescência, contracepção e alimentação. Nós também fazemos um trabalho de formação de mulheres de outros grupos, dando assessoria para o Estado e para grupos como, por exemplo, o da casa da mulher do Grajaú, casa da mulher de São Bernardo e os da Prefeitura. Há todo um trabalho que é feito fora daqui. Grupos de auto-exame que são feitos sempre por nós, em todos os encontros de mulheres. Quer dizer, fizemos todo um trabalho de multiplicação. Fazemos também trabalho político. Nós temos uma participação no movimento de mulheres à nível de saúde, participando de conferências de mulheres e de encontros feministas. Temos participado, a nível do estado, fazendo grupos de auto-exame do seio e do colo do útero, de discussão nos postos de saúde, de medir diafragma, de tratamentos alternativos e grupos de reflexão e formação de pessoal. Este ano, nós fizemos muito este tipo de trabalho para o ministério da saúde.

GALF: Em contrapartida, o Estado e a Prefeitura oferecem-lhes ajuda financeira?

SS: Estamos entrando em contato, agora, com a prefeitura. Quanto ao Estado, recebemos uma ajuda muito pequena. Teve uma época que eles nos deram 20 diafragmas em troca de uma assessoria. Nós somos muito requisitadas, a nível do Estado, para fazer palestras e oficinas.

GALF: Há alguma coordenadora nos grupos de reflexão?

SS: Coordenadora não é bem o nome, mas tem sempre uma de nós que vem aqui. Há um grupo sobre menopausa. As pessoas discutem, dentro desse grupo, o que elas necessitam. A questão da sexualidade faz parte de todos os grupos de reflexão. Não temos uma concepção de trabalho onde nós seríamos as pessoas que ditam as coisas. Eu trabalho há 6 anos com educação sexual e tem a Cecília que também trabalha há muito tempo com isto. Temos a preocupação de passar a nossa experiência nos grupos de reflexão, participando, contando as nossas histórias, dividindo...

GALF: Como vocês conseguem funcionar em auto-gestão?

SS: Não é uma coisa fácil. Tem hora que dá vontade de desistir, porque, por exemplo, se a mulher que abre o consultório chega atrasada, você vai entrar e não vai ter lâmina, não vai ter papel nas camas, não vai ter luvas, não vai ter nada, certo?

GALF: Que materiais vocês usam para os grupos de reflexão?

SS: Nós usamos massa de modelar, cartilhas, expressão corporal, massagem e a própria fala. O grupo de menopausa usou argila para fazer figuras.

GALF: Fatos marcantes positivos e negativos dos grupos de reflexão?

SS: Eu não participei de nenhum grupo de reflexão. As outras mulheres que participaram falaram que o grupo de menopausa tinha data para acabar e elas não quiseram acabá-lo. Quando deveria ir até às 20:00 horas, elas ficam até às 21:00 ou 21:30 horas. Muitas choravam, se emocionavam, falavam que nunca tiveram nenhum espaço para falar disso. Acho que sempre que se abre um espaço para as mulheres é assim incrível como a fala flui fácil... porque não há nenhum espaço. A mulher não tem voz. Eu acho que é a mesma coisa em todos os grupos de reflexão. Elas acham que é uma coisa de identidade. O que eu observo, dentro desses 6 anos de trabalho de grupo, é a formação de uma identidade nova. A mulher começa a perceber que ela não é sozinha, que ela não é doente, que ela pode falar sem se sentir culpada, que ela não é a única. Então passa pela questão da identidade dela se descobrir no processo social. Perceber que o processo social influenciou em toda a repressão. Eu acho que os grupos de reflexão passam muito pela questão da identidade feminina; muito mais, pela questão da psicologização da coisa, por exemplo, a questão do orgasmo: - "Ah eu não tenho orgasmo, eu sou doente, eu sou a única". Tem muito essa questão do homem dizer que ela não é normal e ela escuta outras mulheres que tem o mesmo problema. Depois ela consegue buscar uma identidade com as outras mulheres, uma identidade de mulher mesmo. Nem sempre os grupos resolvem, mas eu já tive muitos casos, nos meus grupos, onde muitas mulheres conseguiram ter relações sexuais melhores. Depois deles, elas procuraram outro tipo de atividade sexual, procuraram trabalho, começaram a falar em casa, se abrir, a querer fazer outras coisas, a sair para o mundo de fora, não só ficando no mundo doméstico.

GALF: Esse tipo de conversa mais íntima, vocês conseguem entre vocês, do Coletivo?

SS: Na 3ª feira, vem a psicóloga para discutir alguns dos casos que tratamos e discutimos também nossos problemas. Já fizemos 3 psicodramas, falamos como estávamos nos sentindo aqui dentro. Temos o espaço para isto.

GALF: Vocês encaminham as pessoas para os grupos de reflexão?

SS: Olha, tem algumas que vem procurar diretamente. Agora, para a maioria, nós sugerimos; porque eu acho que a consulta tem limites. Por menos que a gente psicologize a questão da sexualidade e do afeto, eu acho que tem níveis que não dá para se discutir na consulta. Então o grupo de reflexão é o lugar melhor para elas discutirem.

GALF: Em geral, as mulheres que fazem parte do grupo de reflexão são as mesmas que passaram pelo atendimento médico?

SS: Não necessariamente. Tem mulheres que não passaram pelo atendimento médico.

GALF: Qual o público que as procura em relação à classe social, cor, orientação sexual e idade?

SS: 44% das usuárias estão inseridas na faixa mais baixa de pagamento, superando nossas expectativas de que apenas 30% delas iriam se situar nessa faixa. Em relação à cor não temos levantamento, mas acho que é bem misturado. A faixa etária é super variável: não vem muita adolescente de 14, 15 e 16 anos; também as mulheres mais velhas aparecem muito pouco. Acho que a faixa etária das mulheres é de 20 à 50 anos.



GALF: A maioria é heterossexual?

SS: É a grande maioria, mais de 90%, inclusive temos uma pergunta sobre este ponto no questionário.

GALF: Há alguma diferença em termos de classe social ou de orientação sexual entre o público que frequenta o atendimento médico e o público que integra os grupos de reflexão?

SS: Em geral é o mesmo. Vêm mulheres lésbicas que se colocam claramente como lésbicas. No questionário temos uma pergunta se a mulher tem relações com homem ou com outra mulher. Precisamos saber isto porque, se a mulher tem alguma coisa, é diferente o tratamento que vai ser dado à ela e ao seu companheiro ou à sua companheira.

GALF: Por que vocês acham que este público é predominante?

SS: As mulheres, da classe média alta, dificilmente viriam aqui. Elas querem um local mais sofisticado, numa casa mais sofisticada. Acho que dificilmente aceitariam passar por uma pessoa não médica. Também o local que estamos, influencia muito, e há vários casos engraçados de mulheres que trazem as empregadas, mas elas não vêm.

GALF: Por que vocês acham que as mulheres heterossexuais são predominantes?

SS: Acho que a maioria das mulheres são heterossexuais, pelo menos socialmente...

GALF: Já surgiu algum caso de uma mulher lésbica não se colocar abertamente e vocês perceberem este fato?

SS: Nas minhas consultas nunca aconteceu. As mulheres que vêm aqui e são lésbicas, nós sabemos.

GALF: São feministas? Algumas já conhecidas?

SS: Não sei se a maioria, mas algumas conhecidas, são do movimento feminista.

GALF: O que é preciso fazer para integrar o grupo "Sexualidade e Saúde"?

SS: Para participar do coletivo grande é só vir na 4ª feira. A participação no ambulatório é mais complicada, depende de verbas para financiar uma outra pessoa, depende de como a gente se estrutura nas consultas, se precisa ou não de outra pessoa. Depende de tudo isso...

GALF: Em termos gerais, vocês acham que os objetivos, inicialmente propostos, foram alcançados?

SS: Em termos da formação de pessoas para o ambulatório, pensamos que até dezembro (86) todas as mulheres saberiam tudo e poderiam a-

tender sozinhas. Essa era nossa grande meta, mas não foi atingida. Tivemos que fazer toda uma bibliografia, preparar textos... Temos livros médicos, mas tivemos que mudar a linguagem, fazer material novo... Ficou aquém das expectativas, porque tínhamos nos planejado de uma maneira meio ingênua. Não é fácil fazer uma pessoa, estudante de jornalismo, de repente, em um ano, entender da área de saúde e atender as mulheres no ambulatório. Nós nos superestimamos.

GALF: E quanto aos grupos de reflexão, vocês acham que estão atingindo os objetivos propostos?

SS: Não teve nem a quantidade e nem a diversidade que desejávamos.

GALF: Você falou que algumas mulheres lésbicas procuram o atendimento médico. Em cima de que necessidades?

SS: Exame anual: para fazer o toque, o Papanicolau, para saber se há alguma infecção vaginal.

GALF: Alguma mulher lésbica já participou dos grupos de reflexão?

SS: Não sei dizer porque não participei de nenhum grupo este ano.

GALF: Tem alguma mulher lésbica que participa do atendimento, no ambulatório?

SS: Tem... Não sei se se pode dizer...tem bissexuais.

GALF: Só? Lésbica não tem?

SS: Não. Pelo menos acho que não.

GALF: E o tema do lesbianismo foi abordado nos grupos de reflexão?

SS: Não sei, não participei dos grupos. Tenho o informe do que acontece, mas não tenho certeza, não posso falar...

GALF: Que aspectos relacionados com a saúde e a sexualidade, vocês acham que as mulheres lésbicas deveriam levar em conta? Que doenças uma mulher pode transmitir para outra?

SS: Várias: pode transmitir gonorréia, tricomonas, gardenerella, cândida e clamídia. Se passa pelo dedo e por chana com chana. A gonorréia passa também através do sexo oral; as outras não sabemos se são transmissíveis por esta via. Em todos estes casos, temos que tratar também a companheira: fazemos o exame e se houver infecção, tratamos. O Tricomonas é um parasita, um bichinho que parece uma coruja. Ele mexe, quando você coloca a secreção vaginal no microscópio, ele fica andando loucamente. Pode passar através da relação sexual e também numa piscina. O sintoma é um corrimento, muito mal cheiroso, meio esverdeado. Pode dar coceira e arder o canal urinário. Tem um cheiro muito forte, um cheiro meio acre, bem desagradável. É bem fácil de curar. Agora há um medicamento que é dose única. Você toma e cura. A Cândida também pode passar de uma mulher para outra. É um fungos que vive na vagina. Dependendo de certas condições como uso de anti biótico, pílula anti-concepcional, alimentação deficiente, stress, ansiedade, todo esse tipo de coisa que baixa a resistência, ela se desenvolve e passa a dar sintomas: uma coceira intensíssima, deixa a xoxota toda vermelha, tem um corrimento branco, tipo nata de leite. A Gardenerella é uma bactéria que normalmente vive na vagina e, quando ela se junta com outras bactérias, ela dá um tipo de corrimento cinzento, com cheiro de peixe podre. 90% das mulheres que passam aqui têm este tipo de infecção. As mulheres podem ter esta bactéria, mas não apresentar nenhum sintoma. Se ela percebe o sintoma, nós tratamos. Podemos encontrar no microscópio essa gardenerella. Se ela não interferir em nada, porque às vezes ela faz parte da flora, nós não tratamos, a não ser que a mulher tenha o DIU. A Gonorréia também é uma infecção grave, altamente contagiosa, dá mais sintomas em homem. Na mulher dá dor no canal urinário, um corrimento purulento, e é muito grave porque pode subir rapidamente para as trompas, ocasionando esterilidade. Tem a Clamídia, que é super moderna, essa a gente pega na relação sexual. Quanto a AIDS não tivemos nenhuma experiência, até agora.

GALF: E a questão da prevenção, vocês possuem algum panfleto sobre higiene pessoal?

SS: Em relação à higiene, se a mulher tem gardenerella, tratamos dela e da sua companheira. Deve se ter um certo cuidado durante o tratamento porque reinfecta.

Não se deve usar a calcinha da outra mulher que está doente, porque pode pegar um tricomona na calcinha úmida. A tricomonas é uma coisa que contamina rapidíssimo; deve-se evitar o contato sexual durante o período de tratamento.

Para combater a cândida deve-se usar calcinha de algodão, puramente de algodão; usar saia, dormir sem calcinha, não enxugar com papel higiênico colorido; beber bastante água, diminuir o açúcar e o chocolate. A mulher deve aumentar a sua resistência com boa alimentação. Isto tudo faz parte da prevenção, não só em relação ao local da doença, mas também em relação ao corpo.

GALF: A Tricomonas passa através do contato genital? Passa, assim, através do dedo?²

SS: Sim, passa. Mas a verdade é que a questão da saúde, faz parte da sexualidade. O assunto Saúde e Sexualidade é ainda muito desconhecido em relação às mulheres lésbicas. Eu já senti que nós, mulheres, que não somos lésbicas, não estamos muito preparados no que se refere a saúde e a sexualidade das mulheres lésbicas. Não seria verdadeiro dizer, para vocês, que nós já temos certa estrutura para tratar das mulheres lésbicas. Acho que falta ainda. Nos EUA, eu trabalhei, num coletivo, onde havia uma noite que era só para as mulheres lésbicas, inclusive, a médica, nesta noite, também era lésbica. Foi uma coisa conquistada. Aqui, no Brasil, precisamos ver a demanda, que ainda não exigiu isso. Se houvesse uma demanda...

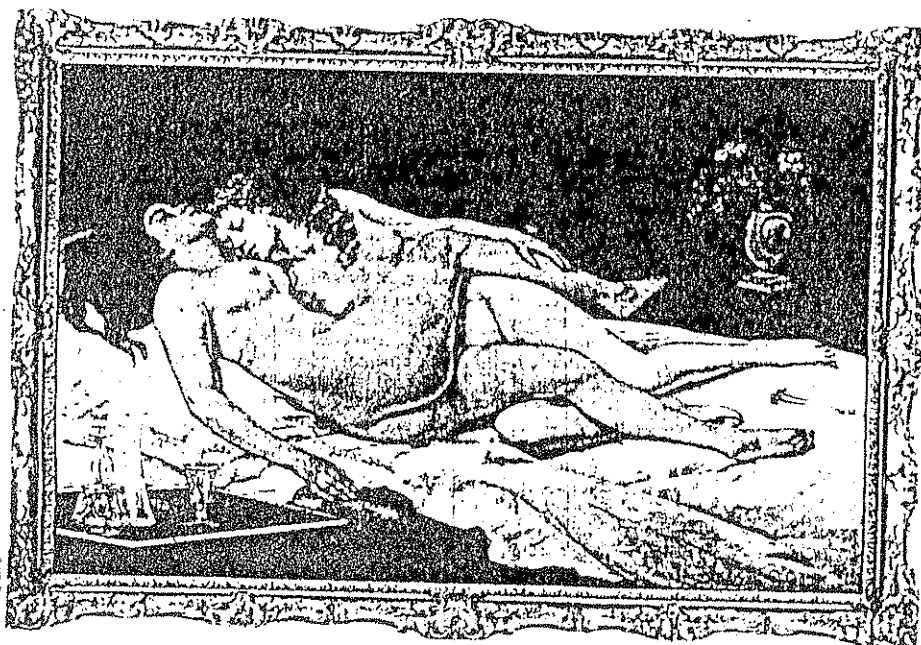
GALF: Mas é difícil...

SS: Por exemplo, em Genebra, o ambulatório não tinha um horário só para as mulheres lésbicas. Este ambulatório, que existe há 10 anos, é super conceituado e tem muitas lésbicas. Há toda uma idéia de que é o pinto que contamina, e a mulher que não tem pinto, então como é que fica? Não se tem o hábito de perguntar para uma mulher lésbica: - "como é que você transa? Coloca o dedo, não coloca?" Eu mesmo fico incomodada de perguntar isso...

GALF: Por isso perguntamos se haviam infecções que passavam através do dedo, porque há o mito de que a mulher não penetra e só faz cha na com chana.

SS: Acho que esses detalhes têm que ser ditos...

GALF: Há o mito de que a mulher lésbica não passa doença, não é?



SS: É verdade. Há uma dificuldade geral, na área de saúde, quanto ao tratamento das mulheres lésbicas. Acho que, talvez, vocês pudessem colaborar com nós, do coletivo. Estamos abertas para isto. Se vocês, do GALF, tiverem alguma idéia, quiserem vir aqui, algumas vezes, dizerem o que acham que poderia ser feito...

Acho esta idéia excelente. Acho que seria fundamental a ajuda de vocês porque somos o único serviço deste tipo, no Brasil, e vêm mulheres lésbicas aqui. Então é fundamental, se vocês toparem...

GALF: Acho que seria um pouco o inverso. Não seria o caso de vocês colocarem as suas dificuldades no tratamento das mulheres lésbicas?

SS: Podemos colocar, mas vocês poderiam dar uma pensada na nossa proposta.

GALF: Essa entrevista vai sair na revista Chana com Chana. A maioria das pessoas que a compram, são lésbicas. O endereço de vocês irá sair, então, é possível que aumente o número de mulheres lésbicas que as procurem. Ir no ginecologista, para nós, muitas vezes é um problema, por causa do enrustimento ou do receio de ter que ouvir um sermão pelo fato de sermos lésbicas. Neste sentido, para nós, vocês do coletivo "Sexualidade e Saúde" podem ser uma boa alternativa.

SS: Eu acho importantíssimo isso.

Quando você for se consultar no Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde, na Rua Baltazar Carrasco, 89 - Pinheiros - fone: 212.8681 (das 8:00 as 12:00 horas), nos escreva contando a sua experiência.

GALF: Caixa Postal 62.618, CEP 01214, São Paulo, Capital.

ROSELY, LUISA, MÍRIAM, CÉLIA

NOTAS 1. gonorréia, sífilis, etc.. são nomes de doenças sexualmente transmissíveis; tricomonas, cândida, etc... são, respectivamente, o nome de um protozoário, parasita, e de um fungo que causam infecções vaginais como a tricomoníase, etc...

2. Para as lésbicas, os riscos de contaminação são menores pois seria necessário haver um contato entre as secreções vaginais das parceiras por meio dos dedos ou da boca. No caso, portanto, uma boa higiene compreende cuidado com as unhas, que devem ser curtas, e com as mãos, sempre bem lavadas (além dos dentes!). Rina Nissim, Manual de Ginecologia Natural para Mulheres, Icaria, Barcelona



TROCA-CARTAS

PARA UM PAPO, UMA AMIZADE, UMA TRANSA, ESCRIVA PARA :

ANA MARIA

R. Professor Sílvio M. Machado, 327 UN Cachoeirinha ou Caixa Postal 093 40, São Paulo, SP, cep 1051
branca, 33 anos, 1,61, 63 Kg, solteira, Confeção Industrial
Passatempos Preferidos: Livros, músicas, cinema, praia
Quer se corresponder para amizade

DENISE SILVA

R. Venceslau Bras, nº 179, São Paulo, SP, cep 1016
negra, 1,60, 50 kg, 39 anos, solteira, Auxiliar de escritório
Passatempos preferidos: música, praia, cinema, viagens, etc...; quer se corresponder para amizade

EDILENE COSTA

Caixa Postal 10793, São Paulo, SP, cep 03097
25 anos, nível superior, executiva, (moda feminina e confecções)
Quer trocar idéias sobre assuntos referentes a nosso movimento e a nós mesmas

EDNA M.S. URBAN

Praça Ramos de Azevedo, 206, 26ª andar, DAM-SP, São Paulo, cep 01049
32 anos, ex-casada, Secretária

ELISABETH ALVES

Rua Rosimeire 71, São Paulo, SP, cep 05171
branca, 1,70, 65 kg, 26 anos, solteira, Telefonista

Passatempos preferidos: ouvir música, quer se corresponder para amizade

DETE

R. Pres. Nereu Ramos, 64, J. Sta Helena, Suzano, São Paulo, cep 08600
oriental, 1,60, 53 kg, 25 anos, Comerciante/ Passatempos preferidos: teatro, música, leitura, pintura e motos; quer se corresponder, p/a amizade ou compromisso com mulheres BF.

GLAUCE MICHELLE CAVALCANTI

Caixa Postal 5.977, Jaguaré, SP, cep 05039
branca, 26 anos, 1,55, 60 Kg, solteira, bancária

Passatempos preferidos: ler, passear e muitas outras coisas
Quer se corresponder, para amizade ou transa, com mulheres brancas ou mulatas, inteligentes, solteiras

KIKO

R. Manoel José Pereira, 210, Vila Mazza, Suzano, SP, cep 08600
oriental, 29 anos, 1,52, 55 Kg, solteira, auxiliar de escritório
Passatempos preferidos: ouvir música em tom suave, ler revistas, curtir a natureza
Quer se corresponder para amizade

LEO E FÁ

Caixa Postal 8835, Curitiba, PR, cep 80000
brancas, 26 e 28 anos, 1,58 e 1,60, 52 e 50 Kg, solteiras, professora e repositora

Passatempos preferidos: jogos, música, leitura, cinema, etc...
Querem se corresponder para amizade

LÚCIA MARQUES

Av. São Rafael, Condomínio Moradas do Campo, Rua A, Bloco 102 B, apto 303, Cohamont VIII, Salvador, BA, cep 40000
branca, 37 anos, 1,65, 52 Kg, desqui-

tada, técnica em contabilidade

Passatempos preferidos: praia, teatro.

Quer se corresponder, para amizade,

MARINA

Rua Antero Gomes Leite, 159, Belvedere, BH, MG, cep 30330
branca, 33 anos, 1,69, 70 Kg, solteira, funcionária pública

Passatempos preferidos: poesia, cinema, sociologia, ecologia, direitos humanos
Quer se corresponder, para amizade, com mulheres femininas, meigas, maduras

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres femininas, meigas, maduras

MARISA MOTTA CHAVES

Rua Andrade Neves, 137, casa 1, Centro, Niterói, RJ, cep 24210
branca, 28 anos, 1,60, 49 Kg, solteira, funcionária pública

Passatempos preferidos: conversar, ir ao teatro, cinema, praia, ler e dançar
Quer se corresponder, para amizade, com qualquer tipo de pessoa, desde que tenha alguma afinidade com suas preferências

Quer se corresponder, para amizade, com qualquer tipo de pessoa, desde que tenha alguma afinidade com suas preferências

MARA

Caixa Postal 606, Salvador, Ba, cep 40000
morena, 1,56, 50 kg, 32 anos, desquitada, funcionária pública

Passatempos preferidos: leitura, cinema, música, praia

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres de qualquer cor, instrução, idade, desde que sejam lésbicas

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres de qualquer cor, instrução, idade, desde que sejam lésbicas

MOREIRA

Av. Pe Arlindo Vieira, nº 1000/34 São Paulo, SP, cep 04297
branca, 27 anos, 1,60, 53 Kg, solteira, médica

Passatempos preferidos: jazz, música e cinema

Quer se corresponder, para amizade, transa ou compromisso, com alguém interessante

Quer se corresponder, para amizade, transa ou compromisso, com alguém interessante

PÉRPETUA

Caixa Postal 606, Salvador, BA, cep 40000
mulata, 33 anos, solteira, auxiliar de administração, 1,58, 58 Kg

Passatempos preferidos: cinema, bares, música, praia e poesias

Quer se corresponder para amizade

Quer se corresponder para amizade

Rosângela Rocha de Negreiros
Rua São Cristóvão, nº 37, Vila Santa Fé, Gravataí, RS, cep 94000
branca, 1,60, 57 Kg, 24 anos, solteira, comerciária

Passatempos preferidos: cinema, música, passeio ao ar livre

Quer se corresponder, para transa ou compromisso, com mulher feminina e livre entre 20 e 30 anos

Quer se corresponder, para transa ou compromisso, com mulher feminina e livre entre 20 e 30 anos

J. A. P.
ONG. 03 Lote 15, Taguatinga, Brasília, DF, cep 72130
mulata, 1,58, 54 kg, 34 anos, solteira, funcionária pública

Passatempos preferidos: ouvir música e escrever

Quer se corresponder para amizade

Quer se corresponder para amizade

SILENE MAIA
Caixa Postal 3053, Belo Horizonte, MG
morena clara, estudante e escritora

Passatempos preferidos: teatro, mar poesia e estar só com alguém que não me deixe sentir que estou só

Quer se corresponder, para amizade, com alguém que seja gente o sufici-

ente para ainda crer em uma amiga!

VIRGINIA C PEREIRA

R. Norma Zamela de Moura, 539, Jardim Cipava, Osasco, SP, cep 06000
branca, 20 anos, 1,56, 52 kg, solteira, estudante

Passatempos preferidos: literatura e música

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres inteligentes, assumidas e de preferência alta, entre 25 a 30 anos

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres inteligentes, assumidas e de preferência alta, entre 25 a 30 anos

Quer se corresponder, para amizade, com mulheres inteligentes, assumidas e de preferência alta, entre 25 a 30 anos

ENDEREÇOS ADICIONAIS

Néia Lúcia dos Santos Sá
Rua Orense, nº 53, Casa Verde Alta, cep 02540, SP

mulata, 1,66, 47 Kg, 21 anos, solteira, estudante

Passatempos preferidos: leitura, bate-papo

Quer se corresponder, de preferência, com mulheres de São Paulo, capital.

ESTRELA DO SUL

Rua Bento Gonçalves, nº 2860, Caxias do Sul, RS, cep 95100
branca, 1,60, 60 Kg, 42 anos, comerciante

Passatempo preferido: tudo que é bom belo

Quer se corresponder para transa ou compromisso

Quer se corresponder para transa ou compromisso

EDNA (NEGA)

RUA BRÁS CUBAS, nº 205, J. Esplanada, S.J. dos Campos, SP, cep 12.240
branca, 1,77, 58 kg, 24 anos, solteira, notificadora

Passatempos preferidos: ler, curtir som e acampar

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso

Quer se corresponder para amizade ou compromisso